# PORANDUBA AMAZONENSE

Foram tirados d'esta edição 200 exemplares em papel superior

# PORANDUBA AMAZONENSE

OU

# KOCHIYMA-UARA PORANDUB

POR

J. BARBOSA RODRIGUES

---

1872 — 1887

RIO DE JANEIRO

Typ. de G. Leuzinger & Filhos, rua d'Ouvidor 31

—

1890

BAPTISTA [1]

Quando em 12 de abril de 1882, em carta, me dizias: « Remetto-vos os vocabularios que me tinheis emprestado, os quaes estão em meu poder ha tempo immemoravel, porque... porque... uma fatalidade entendia nunca me permittir trabalhar seguido, e, trabalhando sempre, nunca pude fazer nada, nada posso fazer e nada farei, porque agora toca a arrumar a mala, bater a bota e seguir viagem do outro mundo, ou antes, deste mundo para o cemiterio, onde tudo acaba... », longe estava eu de pensar que a 21 de dezembro desse mesmo anno teria de ir descer o teu corpo á sepultura e desfolhar sobre elle as flores da amisade humedecidas pelas lagrimas da saudade.

Tambem não pensei que, como um tributo de saudosa homenagem, viesse hoje dedicar-te um trabalho imperfeito, que o não seria se ainda existissem as nossas continuas palestras sobre linguas americanas, pois teu saber e tuas luzes não consentiriam que tal acontecesse.

Disseste nos *Ensaios de sciencia*, nessa revista que foi theatro de tua estréa e laço de união de tres amigos: « Barbosa Rodrigues, com o seu distincto espirito de observação, colligiu notas preciosissimas dos fallares de indios com os quaes tratou e delles se vê que no valle do Amazonas ainda fallam-se dialectos de abaneenga menos eivado de portuguez do que o nheengatu fallado no Baixo-Amazonas e especialmente no Pará e suas immediações; que em muitas malocas, com as quaes tratou Barbosa Rodrigues, fallam-se dialectos que em tudo lembram a derivação omagua e portanto filiam-se ao abaneenga. »

Pois bem. Venho hoje apresentar-te o resultado de alguns estudos que confirmam, até certo ponto, tua opinião, e mostram que o nheengatu, posto que, corrompido pela influencia portugueza, menos viciado no Amazonas que

[1] Nasceu Baptista Caetano d'Almeida Nogueira em 5 de dezembro de 1826, em Kamandokaia, provincia de Minas Geraes; bacharelou-se em mathematicas a 19 de setembro de 1855; casou-se a 25 de março de 1856; enviuvou em 1874 e falleceu a 21 de dezembro de 1882. Foi autor de varios trabalhos linguisticos e o primeiro guaranylogo brasileiro.

no Pará, comtudo é mais puro que o tupi do Sul e que o guarany, porque o influxo extranho não conseguiu apagar, no fundo, a pronuncia primitiva do abaneenga. Isso escapou á tua perspicacia, senão teriamos hoje uma obra magistral, que talvez conseguisse rehabilitar a pobre lingua, actualmente estropiada e desprezada.

Desculpa os erros, mestre e amigo, perdôa a ousadia, Baptista *(quantum habeo hoc tibi do)*, e acceita este trabalho como uma grinalda de flores silvestres, que hoje deposito em teu jasigo, pranteando o 5.° anniversario de tua ida para a mansão dos justos.

Manáos, 21 de dezembro de 1887.

J. Barbosa Rodrigues.

# ADVERTENCIA

Com o titulo *Lendas, crenças e superstições*, publiquei em 1881 [1] um artigo, no qual apresentei algumas lendas do Amazonas que escrevi, baseando-me nas indigenas que affectam o moral do tapuyo, e que foram todas transplantadas de paiz estranho e acclimadas entre nós. Suppunha, então, que não existiriam outras verdadeiramente indigenas, porque o proprio mytho do Korupira, quer me parecer, é companheiro do *Muyrakytã*, isto é, veio da Asia.

Estudo posterior, porém, leva-me hoje a modificar essa opinião, apresentando agora não só as lendas do Korupira e do Yurupary como outras, mais propriamente contos ou apologos, que me parecem filhos da infancia da população amazonica, e que foram conservados pela tradição na propria lingua e com as proprias palavras, que, como outr'ora, hoje são referidos.

A circumstancia de sómente serem conhecidos pelos tapuyos, que apenas pela lingua geral os contão, fez com que outr'ora muitos me escapassem e que pelo mesmo motivo tenhão ficado desconhecidos, e que, d'este modo a pouco e pouco desappareçam.

O facto de quasi já se não fallar a lingua geral, e de se ter a morte encarregado de chamar a si grande parte d'aquelles velhos, que sabiam esses contos, tem feito com que poucas pessoas no Amazonas os saibam, e penso mesmo que fóra da provincia são completamente desconhecidos.

A *Poranduba Amazonense* ou *kochiyma uara porandub*, vem, pois, registrar esses pequenos *contos do tempo antigo* que se referem á natureza do immenso valle do Amazonas, fructos da observação selvicola, formando uma collecção cuja leitura é innocente e instructiva, mostrando ao mesmo tempo symbolicamente os costumes de alguns animaes da sua fauna.

---

(1) Revista Brasileira, 1881, X, pag. 24. Além das lendas da *Uyara*, *Pirá Yauara* postas em verso pelo B.el Campos Porto e publicadas n'*O Paiz*, do Rio de Janeiro, publiquei outras não conhecidas, como a do *Pahy tunarê*, que foi traduzida em inglez, por Herb. Smith e pelo *Rio News*, e em francez pelo *La Nation*, de Paris; a do *Yacy uaruá*, que sob o titulo de *Tapera da Lua* Mello Moraes Filho publicou na sua *Litteratura* e poz em bellos versos na *Revista anthropologica* e reproduziu nos seus *Mythos e poemas*, as do *Muyrakytã*, ou *pedras verdes*, que o mesmo autor pôz tambem em versos nas mesmas obras e nos *Poèmes de l'esclavage*, sendo tambem traduzidas pelo Sr. Deleau no *Messager du Brésil* e outras que se encontram nos meus trabalhos intitulados *Rio Yamundá*, *Rio Urubù*, *Rio Yatapù*, ètc., publicados em 1874 e 1875.

Ha muito que dous motivos me levaram a colher e reunir essas flôres da imaginação de um povo ainda no seu estado primitivo, e que medravam solitarias, n'um ou n'outro ponto, conservadas ainda apezar da invasão civilisadora; um para que completamente não desappareção e mostrem o estado intellectual da raça; outro para fazer ver como a antiga lingua geral se tem modificado e como é ella hoje fallada.

Dividi, por isso, este trabalho em duas partes.

Na primeira apresento o *folk lore* (1), na segunda o vocabulario em que se notam as alterações por que tem passado a lingua geral no Pará e no Amazonas, e por onde se evidencia que as differentes orthographias e pronuncias distanciaram-a tanto da maneira pela qual era antigamente fallada, que, quem conhece o *guarani* não entende o *tupi* moderno e vice-versa, posto que sejam ambos uma só lingua.

O nome *Poranduba* que enlaça os contos deste livro serve de exemplo. *Poranduba* (2), não é mais do que a contracção da preposição *poro*, fazendo as funcções do superlativo, *andu*, noticias, *aub*, phantastico, illusorio, significando *historias phantasticas*, *fabulas*, *abusões*, etc.; como *porandiba* são historias tristes, más; de *aiba*, mal, máo, entretanto que fazem derivar de *pora*, habitante, *nheeng*, falla, e *dyba* muito, com o significado de *novidades*. E' verdade que poranduba póde tambem ter esta significação, porém, então a etymologia é outra, vem da mesma preposição *poro* e do verbo *endub*, escutar, sentir, donde o verbo *porandu*, perguntar, questionar, interrogar. No mesmo caso está *moranduba* que se deriva de *moro* por *poro*, *andu* e *aub* terá a mesma significação, podendo porém ser tambem novidades derivando-se de *mbaé* ou *maá* e *andub*, entrando o *r* por euphonia. No Amazonas ha a *maranduba*, isto é, as historias que os chefes, os paes, contam á tribu e aos filhos, perpetuando os feitos de seus avós, porém então a interpretação é outra: vem de *marã*, desordem, barulho, guerra, e *andub*, noticias, historias de guerras e factos verdadeiros e não phantasticos ou mythologicos, como as que refere a *poranduba*.

Quizera aqui reunir outras lendas como as do *Jaboty* e as da *Raposa* com suas differentes aventurâs, mais ou menos variadas, segundo as localidades, mas como sejam exoticas e muito conhecidas, quer no Valle Amazonico, quer no Imperio, em geral, aqui deixo de mencional-as, não só por esse motivo como tambem porque d'ellas já se occuparam o Professor Hart (3), o

---

(1) De *Volk*, povo, e *lehre*, doctrina, dogma, lição, etc., como *fabellehre*, mythologia. Este neologismo foi adoptado para exprimir o conto popular ou mythologico.

(2) Baptista Caetano deriva de *por*, o que ha, e *endub*, sentir, formando um verbo transitorio com a significação de perguntar, interrogar.

(3) *Amazon tortoise myths.*, 1875.

Dr. Couto Magalhães (1), Herbert Smith (2) e o Sr. Edward Rand (3). Intimamente ligados aos contos do Jaboty, que é o cyclo do *Renard*, andam varias superstições, dando ao mesmo chelonio propriedades maravilhosas, que mais nos mostram a sua origem estrangeira.

Estas propriedades são prejuizos das velhas crenças romanas incutidas nos portuguezes (4) que com o *boto* (golphinho), a *uyara* (sereia ou ondina) (5), as *bruxas*, montadas em cabos de vassouras e os *lobishomens*, dos monturos, trouxeram tambem varios contos para nosso paiz, taes como: o da *Carocha*, e do *Macaco e seu rabo* (6) conto este que ouvi na minha infancia e que o Sr. Edward Rand, tomando como outros muitos, por indigena o apresentou sob o titulo «*The monkey who cut off his tail*» entre os contos do Jaboty. Como exemplo de que as lendas do Jaboty são exoticas, aqui acclimadas, pelo meio, citarei a muito conhecida no Valle Amazonico, a do *Yaboty* e o *Urubu*, e que intitulam tambem o *Yaboty* e a *festa no céo.*

Havia uma festa no céo, e sendo convidados o Jaboty e o Urubú, aquelle apostou com este como elle chegaria primeiro. O Urubú acceitou a proposta e arrumou a matolotagem para viagem dentro de um paneiro. A' noite convencionaram que a partida seria de madrugada, e foram dormir. Quando o Jaboty vio que o Urubú estava dormindo metteu-se no paneiro, por baixo da matalotagem. Pela madrugada partio o Urubú, e chegando ao céo deixou o seu paneiro e foi ver o que havia de maravilhoso. Aproveitou-se então o Jaboty da occasião, sahio do paneiro e tambem foi passeiar. Mais tarde quando já estava cançado o Urubú de esperar pelo Jaboty o encontrou.

— Então, agora é que chegaste?

— Não. Já estou aqui ha muito tempo.

Perdendo esta aposta, depois de terminada a festa, o Urubú propoz outra.

— Vamos apostar agora quem desce primeiro?

— Vamos, respondeu o Jaboty, e partiram, deixando-se o Jaboty cahir, emquanto o Urubú voava.

---

(1) *O Selvagem*, 1876.

(2) *Brazil the Amazons and the coast*, 1879.

(3) *Traditionary Stories extant among the Tapoia indians*, 1882.

(4) Os contos que Perrault publicou na sua velhice, ha quasi dous seculos, foram acclimados em Portugal e transplantados para o Brazil, onde servem para entreter a meninice. Quem não conhece o « Botas de sete leguas », o « Carrapatinho », o « Matador de gigantes », o « Tom Pouce », que não são mais do que *Le petit Poucet*, como a « Gata borralheira » é a *Cendrillon?*

(5) As lendas da *Uyara*, do *Boto* e outras publiquei na Revista Brazileira, X, pag. 24.

(6) Este conto David Corazzi publicou na sua collecção de *Premios para crianças*, sob o titulo *Frum, frum, frum que vou para Angola*, e Silvio Romero tambem publicou á pags. 143 do VI vol. da Revista Brazileira, sob o titulo *O macaco e o rabo*, quando em Coimbra, *O rabo do gato*, como nos diz Adolpho Coelho, a mesma historia, termina: « Fum, fum, fum vou para a minha escola » e pelo *Romanceiro* do *Archipelago do Madeira*, assim acaba: « Adeus que me vou embora. *Ferrum-fumfum, ferrum-fumfum* ».

Aproximando-se o Jaboty da terra, e vendo uma grande pedra sobre a qual ia cahir, bradou:

— Arreda-te pedra, senão te parto.

A pedra arredou-se e o Jaboty cahio batendo sobre a terra, achatando-se-lhe o peito e rachando-se-lhe o casco, como ainda hoje o tem. (1)

Não admira pois que o Sr. Rand (americano) fizesse indigena o conto do Macaco quando o Sr. Silvio Romero, no cap. 7.° do seu artigo *A poesia popular no Brazil,* publicado á pags. 125, do tomo 6.° da *Revista Brazileira* diz que *o conto da festa no céo é muito diverso dos de origem portugueza, cujos originaes primitivos podem ser cotejados na recente collecção de Adolpho Coelho* e o apresenta como *indiano,* com o titulo *O Kagado e a festa no céo.* (2)

Apezar d'esta affirmativa, quem ler os *Contos populares* de Adolpho Coelho, ha de, á pags. 15 sob o titulo *A Raposa e o Lobo,* encontrar n'essa mesma pagina a certidão de baptismo d'esse conto, por onde se vê que é legitimo portuguez da freguezia de *Ourilhe,* do conselho de Celorico de Bastos, provincia da Beira Alta, nas raias da Hespanha; é apenas brazileiro por estar incluido no Tit. II Art. 6.° § 4.° da nossa Constituição.

Os heróes do conto indiano de Silvio Romero são a *Garça e o Kagado,* os do conto de Adolpho Coelho a *Garça e a Raposa;* esta quando cahe vae dizendo:

« Isto vae de déo em déo.
Se d'esta escapo
Não torno ás bodas ao céo. »

e ao avistar uma lage, brada:

— « Arreda-te lage, que te parto. »

O Kagado, de Romero, vae tambem dizendo:

« Léu, léu, léu
Se eu d'esta escapar
Nunca mais bodas ao céu. »

e tambem grita:

— « Arredem-se pedras, arredem-se páos, senão vos quebrareis. »

O proprio nome de Kagado, do heróe, só é dado por portuguezes, porque no Brazil entre os indigenas só é conhecido o de Yaboty ou Jaboty.

---

(1) D'esta lenda ha uma outra variante, tambem no Amazonas, em que o heróe é um *Sapo* que chega ao céo escondido dentro da viola que o *Urubú* levara para a festa, e que termina pela mesma fórma. A tartaruga que cahe e se despedaça, se encontra tambem nos mythos do *Livro Sagrado* dos Nahuas, do Mexico.

(2) Depois de escripto este trabalho chegou-me ás mãos os *Contos populares do Brazil,* do mesmo autor, prefaciada pelo Sr. Theophilo Braga, publicados em 1885, em que o autor muda de opinião e inclue esse conto entre os de proveniencia Africana.

Entretanto, entre o conto portuguez, que vem do Esopo, o Phrygio, e do qual se aproveitou La Fontaine, e o producto semelhante da acclimação no Brazil, ha mais naturalidade n'este do que n'aquelle.

Entre a Garça e o Urubú a naturalidade é mais caracteristica no conto Amazonense, porque para ir ao céo é mais natural ir o Urubú, que tem vôo prolongado e se eleva ás nuvens, do que a Garça que vôa horisontalmente, sempre proximo da terra, e, entre a Raposa e o Jaboty, este exprime com verdade o conto apresentando o seu *plastron* achatado e o casco dividido como se fosse despedaçado, em quanto que a raposa nada tem de caracteristico que mostre uma grande quéda.

D'este conto nasceu ainda a variante *La tortue et les deux canards*, como o do Jaboty que apostou carreira com o Veado, tão referido no Amazonas, e publicado por Couto de Magalhães, não é mais do que uma outra da fabula *Le lièvre et la tortue.*

Além da astucia do Jaboty, que urde as lendas, tem elle virtudes entre os naturaes mesmo depois de morto; assim dizem, por exemplo, que creando-se em casa um Jaboty, sobrevêm atrazos, revezes, e que-se o casco superior do Jaboty, depois de assadas e comidas as carnes, fôr lançado em algum rio, com a parte interna para cima, produzirá logo grande temporal, o que não é mais do que crendice luzitana, bem recebida pelo espirito inculto do indio; o casco superior do Jaboty empregado como texto de panella, não deixa ferver a agua por mais fogo que se lhe faça; uma torcida ensopada em sangue de Jaboty e posta em qualquer candeia, produz uma luz que tem a propriedade de fazer ouvir o que não se ouve normalmente; matando-se um Jaboty e comendo-se-lhe immediatamente o coração, fica-se sem ter sêde durante longo tempo, etc.; e assim muitas outras que será enfadonho referir, todas mais ou menos d'este jaez, e que Cortez, nos seus *Segredos da Natureza*, cita entre as superstições portuguezas.

Reuni, pois, n'um ramalhete, que caracterisa o genio tapuyo, não só as suas lendas cosmogonicas e mythologicas, como as astronomicas e zoologicas, incluindo tambem algumas botanicas.

Enlaçam o ramalhete as cantigas com que as mães embalavam seus filhos e depois as crianças repetiam, n'aquella toada cheia de tristeza e melancolia, que sempre acompanha o indio, mesmo no meio dos seus prazeres orgiacos, e tambem as que cantavam para animar as suas danças e os seus trabalhos.

A essas cantigas reuní as do periodo de transição, assim como a do *Çairé*, posto que religiosa, para que se não perdessem as lettras e a musica, visto como já hoje é rarissimo encontrar quem a saiba, por ter cahido em desuso.

Quer os contos, quer as cantigas são por assim dizer stenographadas como

dos labios dos contadores sahiram, com a ortographia vulgarmente usada e com as differentes pronuncias do Valle Amazonico, para melhor comprehensão do assumpto.

Foi sob a tolda das igarités, nas aguas dos rios do sertão, quando pelo *kiriri* da noute me alumiava o clarão da lua equatorial; foi recostado á *makyra*, no teyupar do indio, banhado pela briza que ciciava pelas palmas dos yauarys refrescando a calida athmosphera; foi ao lado do *mukem* em que a piranha se debatia para servir-me de alimento, depois de um dia de fadigas; foi no repouso do *múuaçu*, n'uma noute de *pirakera;* foi emfim, no convivio com indios e tapuyos, moakaras, tuchauas e pagés, já no deserto, já nos poracés, e nos *ayuris* da manyiua, que ouvi das velhas e dos velhos, outr'ora e hoje, essa serie de contos e cantigas que aqui reuno, conservando a ingenua simplicidade do estylo, vago, sem artificio ou atavios, que encanta e deleita.

O que ouvi do Çacy foi na região alpestre de Minas Geraes, e nos serões dos ranchos, à beira das estradas dos campos e das serras, entre boiadeiros e tropeiros; no pouso da noute quando junto á trempe do fogo em que se derretiam os torresmos para o feijão do almoço do dia seguinte, aquecia as mãos *encarangadas* pela geada; nos serões das fazendas, tambem defronte do fogareiro, onde ardia o sabugo de milho, que aquecia as fiandeiras em quanto pelas fendas das portas e janellas zunia o vento frio da garôa; nas casas de farinha, nos engenhos, no descanço da escravatura, nas roças e emfim foi das *mães pretas,* que tanta influencia exercem no nosso espirito infantil, que tambem muita cousa colhí.

É pois este trabalho o fructo de horas vagas, não desperdiçadas, cujo resultado a ethnographia aproveita, pelo que termino dizendo com Garret: « Tomára que estas paginas se fizessem ler de toda a classe de leitores; não « me importa que os sabios façam pouco cabedal d'ellas, comtanto que agradem « á mocidade, que as mulheres se não enfadem absolutamente de as ler, e os « rapazes lhes não tomem medo e tedio como a um livro profissional. Eis « aqui o que eu desejo... »

***

Quando se descobrio o Brazil, uma grande nação, dividida em hordas, com differentes nomes, estendia-se por todo o littoral; outras vinham das Antilhas, entravam pelo Orenoco, sahiam no Amazonas, passavam pelas fraldas dos Andes, corriam pela Bolivia e chegavam ao Paraguay, depois de ter-se encontrado com outras nações differentes, que occupavam o centro, para onde refluiam repellidas pelas da costa de quem eram inimigas, cuja linguagem não entendiam e que eram conhecidas vulgarmente por *Tapuyas.*

Aquella fallava uma só lingua, o Abanheenga ou nheengatú, a *lingua do indio, a lingua bôa,* á qual os primeiros colonos deram o nome de *geral,* e as

tapuyas, que compunham as hordas centraes, fallavam diversos dialectos; não sendo entendidos pelos da costa, era essa linguagem conhecida por *Nheengaib* ou *falla má*.

Uma d'essas tribus, como a que habitava a ilha de Marajó, perdeu o primitivo nome e por essa circumstancia ficou conhecida na historia pelo nome de tribu dos *Nheengaibas*. Com o nome de *Kariua* ou *Karaiba* chegou uma d'essas nações ás Antilhas; com o de *Galibi* ás Guyanas e tomou no Amazonas o de *Omagua;* outra pela costa conservou até á Bahia o nome generico de *Tupinambá*, que depois se abreviou em *Tupi*, e no sul conservou o nome de *Guarani* (1). Além da immigração, em tempo anti-Colombiano, em 1541 houve para a Bolivia uma de guaranis causada pela perseguição dos portuguezes, quando quizeram vingar a morte de Aleixo Garcia.

N'essa occasião mais de 4,000 almas sahiram do Paraguay, cujos descendentes ainda Alcide d'Orbigny encontrou, com o nome de Chiriguanos.

Depois de 1549 começaram as Missões no Brazil, vindo para ellas n'esse anno o Padre Manoel da Nobrega como Superior, e d'ahi data a aprendizagem da lingua vernacula, que mais tarde começou a ser escripta pelos Missionarios portuguezes, hespanhóes e francezes, quasi que ao mesmo tempo. Appareceram as grammaticas, os vocabularios e os compendios de doutrina, que serviam para os novos Missionarios estudarem a lingua e melhor poderem se fazer entendidos pelos selvagens.

Uns no Norte, outros no Sul, uns portuguezes, outros hespanhóes, todos trataram de escrever a lingua que ouviam, conforme lhes soava aos ouvidos, com orthographia propria, e acommodando-a á lingua do paiz d'onde eram filhos. Mais tarde outros estrangeiros, tratando das cousas do Brazil, escreveram os nomes indigenas dando ás lettras os mesmos valores e sons que tinham nas linguas d'aquelles que escreviam a brazilica, d'onde começou a originar-se a sua corrupção.

No seu *Homem americano*, bem disse Alcide d'Orbigny: « Chaque his-« torien, selon la manière dont il avait entendu le nom, selon l'orthographie « qu'il lui donnait, en creait de nouveaux, que les compilateurs reproduisaient « en les copiant sans critique, les uns les autres, en dénaturant eux-mêmes ces « noms, et en ouvrant ainsi une nouvelle source d'erreurs. »

A má comprehensão das lettras dos manuscriptos, isso ainda hoje, e a composição typographica em grande parte, concorreram e concorrem para a sua alteração.

O não poder-se fazer bem comprehender, e quasi nunca dizendo o indio, quando se lhe pergunta, a traducção de uma palavra, senão por uma phraze, e não em absoluto, levou a que phrazes fossem introduzidas na lingua,

(1) Occupava uma superficie de 1140 leguas de comprimento de N. a S. e de 560 de largura L. a O., isto é, entre a Lat. de 23° ao N. e 34° ao S.

como significado, o que muito tambem concorre para a sua degeneração. Não havendo, pois, uma orthographia geral adoptada, isso fez com que mais se adulterasse a primitiva linguagem.

Assim a lingua escripta pelos portuguezes, tornou-se differente da escripta pelos hespanhóes, formando como que uma terceira quando influenciada, ao mesmo tempo, por hespanhóes e portuguezes e ainda uma quarta sob a influencia franceza. Assim formaram-se não dialectos, mas corruptelas, influenciadas tambem pelo meio, que tomaram os nomes de *Tupi*, *Tupi austral*, *Guarani* e *Omagua*, que hoje, para muitos, são dialectos e mesmo linguas differentes.

Appareceram assim as Grammaticas, Vocabularios e Cathecismos ([1]) como os dos Padres José Anchieta (1595), Ivo d'Evreux (1614), Antonio d'Araujo (1618), Ruiz Montoya (1640), Betendorf (1678), Luiz Figueira (1687), Mamiani (1699), e outros, não fallando dos escriptos de João de Lery, Thevet, Marcgraff, Barrère, e ainda outros ([2]).

Mais tarde a affluencia de Missionarios Jesuitas, Carmelitas, Mercenarios, Capuchos da Piedade, Franciscanos, etc., para o Norte, todos de differentes nacionalidades, com as pronuncias proprias do torrão em que nasceram, ensinando a lingua geral ás tribus Nheengaibas, umas com pronuncias nazaes outras gutturaes, acabou de corromper a lingua que paulatinamente ia-se afastando do tronco commum, a que se formava no Sul, onde, era fallada pelos descendentes de uma só tribu, catechisados por Padres quasi de uma só nacionalidade : a hespanhola e italiana. Uma divizão logo se estabeleceu, devida á influencia da pronuncia hespanhola e da portugueza, vindo a da pronuncia das tribus Nheengaibas e a dos Padres portuguezes acabar a separação, fazendo com que o Guarani não entendesse o Tupi, e vice-versa.

Comparando-se mesmo o Tupi de Anchieta ([3]) com o escripto, quasi cem annos depois, por Figueira ([4]) nota-se grande differença que attribuo a tres causas: pronuncia propria, falla do indio e berço diverso.

---

([1]) O primeiro que pregou em lingua geral e escreveu um Cathecismo foi o Padre João d'Aspilcueta Navarro, companheiro de Nobrega, que morreu na Bahia em 1555, porém o primeiro trabalho publicado em *Tupi* foi um *Pater Noster* publicado por Thevet em 1577 na *Cosmographie Universelle*.

([2]) Os Missionarios Jesuitas que mais clamaram contra a escravidão indigena, para afastar o commercio do trato com os gentios, foram os que mais vulgarisaram a lingua geral, que eram obrigados a aprender, pelo que lhes foi depois prohibido, pela Provisão Real de 19 de Outubro de 1727, de continuarem a propagação d'essa lingua e se lhes obrigou a ensinarem sómente o portuguez.

([3]) O Rev.do P.e José d'Anchieta nasceu em Teneriffe, uma das Canarias, a 7 de Abril de 1534; entrou para o Collegio dos Jesuitas em 1551, chegou no Brazil a 13 de Julho de 1553, foi para S. Vicente em 1554, ordenou-se na Bahia em 1556; passou para o Espirito-Santo em 1578 e morreu em Riritiga a 9 de Julho de 1597.

([4]) O P.e Luiz Figueira nasceu em Almodavar, no Alemtejo, em 1575; entrou para o Collegio de Evora a 1592; veio como Missionario para o Brazil em 1602; partio para o Maranhão a fundar as missões a 5 de Janeiro de 1607; escreveu a sua *Arte de Grammatica* da lingua brazilica em 1615; em Maio de 1636 voltou ao Pará, seguio para Portugal em 1637 e morreu trucidado pelos Aroans de Marajó a 6 de Julho de 1638. Tendo naufragado na bahia do Sol, defronte de Collares, andou em uma jangada por espaço de 7 dias, vindo a ser martyrisado na ponta meridional da ilha no dia 29 de Julho.

O thaumaturgo da America era hespanhol, de origem biscainha; o martyr dos Aroans, portuguez, de Almodavar, bispado de Evora; o primeiro escreveu e representou os sons que ouvia iufluenciado pela orthographia portugueza, dos Guayanazes, Tamoyos (1); o segundo já com a orthographia modificada pelo influxo Camoneano e da renascença, escreveu tambem ao que ao ouvido portuguez lhe soava pela falla doce do Tupinambá. O Tupi de Anchieta ressente-se do hespanhol, como o de Figueira tem resaibo portuguez. O Tupi d'aquelle é o élo que prende o Guarani de Montoya (2) ao do fundador das Missões do Maranhão. Além do accento hespanhol ha o cunho impresso pela phonetica das differentes tribus, cujo fallar representa.

Anchieta escreveu o fallar que aprendeu dos Guayanazes, Tamoyos e Tupis; Figueira o dos Tabayaras, Potyguaras e Tupinambás propriamente ditos e Montoya o dos Guaranis, Payaguás, Charruas, etc.

Foi em Piratininga, hoje capital de S. Paulo, pelos annos de 1554 a 1545, quando Regente do Collegio que fundára e missionando os Guayanazes, que escreveu para uso de sua aula a *Grammatica da lingua mais usada na costa do Brazil,* mas que só em 25 de Setembro de 1594 teve licença para se imprimir e vio a luz da publicidade, dous annos antes de sua morte, em 1595.

Os Guayanazes estendiam-se pelo littoral da Capitania de S. Vicente, desde Angra dos Reis até Cananéa, occupando um espaço de mais de 50 legoas, sob o mando do celebre Tebyriçá, que combatia os seus inimigos visinhos Tamoyos e Karijós, só pacificados em 1563 e Payaguazes e Guaranis, que se estendiam até o Paraguay.

A pronuncia dos Guayanazes era differente da dos Chipianãs, Papanazes, Kaetés e Tupinikins, com os quaes mais tarde esteve Anchieta e entre os quaes em Reritigba entregou a pureza de sua alma á Deus.

Os Guayanazes não pronunciavam a consoante final das palavras, assim diziam: *acê,* por *acem, ayû* por *ayur,* o que ainda hoje os Guaranis o tem por costume fazer, tanto que pronunciam *ká, tú, kuá, nheen,* por *kab, tub, kuar, nheeng,* etc., assim como para o adjectivo numeral *um* tinham os Guaranis *peteê,* os Guayanazes *oyepe* e os Tupinambás *yepé.*

No Norte pronunciavam claramente as consoantes finaes e diziam *ayur, kuar,* vindo o vicio portuguez accrescentar sempre uma vogal ás palavras

(1) Dou aqui uma amostra da escripta de Anchieta, por onde se vê que quem assim escrevia deveria pronunciar o Tupy não como hoje se escreve:

« El Padre Manoel de Nobrega ẽbio al hermano Pero Correa a descobrir los Iuirazaras:
« y tãbien ania otra cosa de mucha importancia que auian de hazer que era procurar passada
« a unos castellanos de calidad que con sus mugeres nobles y delicadas aportaron aqui y endo
« ala ciudad del Pargay que es subiecta al Emperador, etc., etc. »

(2) O P.e Antonio Ruiz Montoya nasceu em Lima em 1583, entrou para o noviciado em 1606 e depois de ter missionado no Paraguay morreu em 1625.

terminadas por consoantes, o que originou a actual pronuncia, como: *ayure*, *kuara*, etc.

Por aqui se vê que as differentes tribus tinham sotaques e pronuncias diversas, sendo mais gutturaes as do Sul e mais nazaes as do Norte. Ainda hoje é mais doce a pronuncia do Tupinambarana do que a do Paraguayo, como tenho muitas vezes comparado, entre homens e mulheres com que me tenho entendido.

Do Sul para o Norte havia e ha uma *nuance*, permitta-se-me o gallicismo, que unidas as pontas Norte e Sul, sem as graduações, intermediarias, muito difficil é se vêr, em muitas palavras, a mesma de que se trata sem se fazer cabedal da corruptela.

Comparando os escriptos de Anchieta, Montoya, Figueira, Araujo, e Betendorf, e o vocabulario *Portuguez Braziliano* (1) vêm-se claramente as differenças, que só se originam das pronuncias que formam o tupi moderno, ou nheengatú. A influencia do cunho local, obrigada pelo meio em que existiam completou a separação, que mais tarde de decadencia em decadencia chegou aos tempos modernos.

O que se deu com o *quichua* (2) levado pela influencia e cunho local, que produzio o *Lamana*, o *yunca*, o *cauqui*, o *calchaqui*, o *cuzquenho*, (quichua puro) fallado pelos Peruanos antes da vinda de Manco Capac e o *quitenho*, (o mais adulterado) assim se deu com o Abanheenga.

Nos fins do seculo passado e n'este, principalmente, a adulteração tem sido grande, porque quem aprende a lingua, tapuyo ou branco, já bebe as primeiras gottas em fontes viciadas.

Vicio originado n'aquelle pelos cruzamentos, pelas diversas pronuncias, e n'este pelas diversas orthographias e pela pronuncia dos tapuyos viciados.

No Paraguay é onde se conservou, mais ou menos, pura a lingua geral, por não ter havido emigração estrangeira, nos primeiros tempos, ser quasi que a lingua official, não haver cruzamento com outras tribus e conservar-se fallada pelos descendentes dos primitivos Guaranis, que conservam a mesma inflexão de voz e a mesma pronuncia, o que não aconteceu na costa e no Amazonas, onde houve a influencia dos francezes, hollandezes, inglezes, além da dos portuguezes, com o sotaque e pronuncia peculiar a cada provincia do reino, lidando com indios, como os tapuyos, cuja pronuncia n'uns é guttural, n'outros nazal e em quasi todos mixta pelos crusamentos.

Por esse motivo no valle Amazonico, a influencia foi maior. Ahi foi

(1) Sob o titulo *Vocabulario dos indios Cayuás*, o publicou em 1856 a Revista do Instituto Historico, no volume XIX, a pags. 448 a 476.

(2) Os Peruanos (Incas) pronunciam *quicua*, *kikua* soando o *kua*, como na palavra portugueza *paschoa*, como o tenho ouvido d'elles, emquanto que os civilisados, pela pronuncia hespanhola, dizem *kitchua*.

grande o numero de missionarios, todos com sotaques differentes, que ensinaram a lingua a tribus nheengaibas, plantando sementes degeneradas em terrenos de naturesa differente, o que deu em resultado uma corruptela geral, não só em pronuncia, como em significados. Estes estenderam-se até aos reinos vegetal e animal, onde os mesmos nomes, em sitios differentes, indicam plantas e animaes diversos.

É claro que um individuo que bem se exprima e escreva o portuguez, bem falle a lingua geral; mas o que para dizer *flor* diz e escreve *fuluru, nuvu destinu*, como está escripto nas proas de dois barcos em Manáos, fallando ou escrevendo a lingua brasilica, escreverá *jurupari uca*, como se vê na taboleta de uma loja da mesma cidade, commetterá disparates, que perpetuados pela escripta para o futuro ninguem saberá lhes dar a origem. Com esta pronuncia, se exprimiram muitos missionarios portuguezes. Ainda conheci um vigario, no Amazonas, que quando commigo fallava eu quasi não o entendia, fallando elle comtudo o portuguez.

Quem como eu, tem percorrido o valle do Amazonas, e ouvido a lingua geral fallada pelos Tembés, Mauhés, Mundurukus, Parikis, Muras, Ipurinás, Makuchys, Uapichanás, Chirianás, Tarianás, Tukanos etc., julga existirem muitas linguas, tal é a differença de pronuncia.

D'ahi vem, hoje, principalmente a corruptela.

O Revd. padre Vieira o disse:

« Por muitas vezes me aconteceu estar com o ouvido applicado á bocca do barbaro, e ainda do interprete, sem poder distinguir as syllabas, nem perceber as vogaes ou consoantes de que se formavam, equivocando-se a mesma letra com duas ou tres semelhantes; umas tão delgadas e subtis; outras tão duras e escabrosas; outras tão anteriores e escuras e mais afogadas na garganta, que pronunciadas na lingua; (1) outras tão curtas e subitas; outras tão escondidas e multiplicadas, que não percebem os ouvidos mais que a confusão. »

O individuo que ouvir diversos inglezes que puramente não fallem a sua lingua difficilmente, se for escrever o que pronunciarem, escreverá certa e orthographicamente a palavra. Quem dirá, segundo autoridades, que estas palavras: *Inaff, mani, ôndorteicar inaf, mâmi, anndarteicar*, sejam *money, enough, undertaker?*

O costume que tem o brasileiro, levado pela gente baixa portugueza, que em geral foi a que veio outr'ora para o Brazil, de mudar o som das letras do alphabeto portuguez, estendeu-se ao nheengatu.

Assim o *o* foi passado para *u*; o *e* para *i*, como *arami* por *aramé*; o *y*,

---

(1) Jam lingua sibilando, jam naribus ronchissando, jam dentibus stridendo, jam guthure stripitando, etc.

Debrizhoffe, II, 163.

cuja pronuncia assemelha-se ao do *u* francez, que é simultaneamente nasal e guttural, passou a *u*, a *ê*, e a *i*; o *b*, para *u*; o *v* e o *h*, para *c*: o som de *mb*, para *m* ou *b*, etc. e o *g*, quasi foi supprimido, ou passou a *c* e a *b*.

O *y* especial do Abanheenga, que os civilisados, transformando a pronuncia, representam e fazem soar como o *j*, desappareceu no nheengatu, e invariavelmente soa como *i* e algumas vezes como dois *ii*, ou *y* francez quando entre vogaes.

Assim no valle Amazonico, onde no Imperio só se falla a lingua geral, tapuyo ou indio algum pronuncia o *j* e quando ouvem a palavra com esta pronuncia riem-se. Só d'elle se servem os civilisados.

Assim dizem *iavary*, *iauapery*, *iapú*, *iauary*, *iauara*, e quando se exprimem em portuguez dizem: *Ioão*, *ianella*.

O indio tapyia ou nheengaiba pronuncia o *j*, como *ch*, assim como o *s* ou *z*, que soa da mesma fórma.

Para dizer Joãosinho, diz: *Chuanchino*; camisa, *camicha*; janella, *chanella*, etc., d'onde vem dizerem depois de civilisados *chare*, deixar, por *yare*.

O *p*, tambem, o indio, de certas tribus, muda em *b*, assim: peixe é *beixe*, como diz o allemão, d'onde veio o dizer-se hoje *pure* por *bur*.

O portuguez de Lisboa pronuncia *môcidadê*, *quê*, o brazileiro *mucidadi*, *qui*, em geral, o guarani *amócuihé* o branco *amucuici*. Os portuguezes transformam de tal fórma a lingua geral, com a sua pronuncia que de muitas palavras hoje difficilmente, se acha a origem como difficil é saber-se que Santarem é *Chantaryn* e Cordova, é *Korthoba*, que não são mais do que palavras Arabes passadas por labios portuguezes.

A influencia phonetica não calou tanto, em parte alguma, como no Pará, onde só se ouve dizer: *Cum*, *uro*, *prua*, *canua*, etc., d'onde vem dizer-se: *tapiuca*, *amu*, *iku*, *pepu*, etc. E' até notavel a phrase com que os outros provincianos ridicularisam esse modo de fallar. «Ahi vem seu Mutta n'uma canua carregada de cucus de pupa á prua cum um cachurru amarradu n'uma curda».

Em banana, *pakob* ou *pakoba*, vê-se a mudança do *b* em *v*, *pakova*, no Amazonas, e do *o* em *u*, *pakua*, no Pará.

Essa lingua adulterada é que conservou o nome de nheengatú no valle do Amazonas.

Em geral, as palavras abanhêengas são aportuguezadas, no nheengatú, isto é, no fim das palavras, acrescentam alguma vogal, como já o disse e é costume peculiar a varias provincias de além mar.

Constantemente ouvimos dizer *amare*, *casare*, *mandare*, *ire*, *fazere*, etc., por *amar*, *casar*, *mandar*, *ir*, *fazer*, etc., e quando se expressam na lingua

geral, dizem : *apara*, *aruiare*, *kire*, *envira*, por *apar*, *rubiar*, *kyr*, *hembir*, que repetido pelo indio civilisado, com a autoridade do *branco*, se perpetua e assim se escreve. Se por um lado ha tendencia para completar a syllaba final por outro ha a de abreviar o som das syllabas longas dos nomes proprios, tanto assim que nunca dizem Chirianás, Pauichianás, Uapichanás, Turás e Yumás e sim Chirianas, Pauichanas, Uapichanas, Turas e Jumas ; Crichaná, nome da tribu que pacifiquei no rio Yauapery, já se pronuncia Crichánas, que afinal motiva se não poder mais tarde saber a sua etymologia.

Darei aqui um unico exemplo como de Anchieta vem a corruptela.

O pronome pessoal da primeira pessoa do plural, Anchieta escreveu *ndé*, que passou a ser *indé*, *nhandé*, *yandé*, *jandé*, *iandé*, *eané*, *nhané*, *iandé*, como o escrevem Figueira, Montoya, Lucock, Martius, Gonçalves Dias, Seixas, Sympson, C. de Magalhães, Faria, e Amaro Cavalcante, quando o indio bem pronuncia como bem escreveu Baptista Caetano *yandé*, com o *y* soando como *ii*.

Pouco cuidado, penso, tem havido modernamente em se observar, que o indio muitas vezes, na mesma conversa pronuncia a mesma palavra com inflexões differentes ou como tambem disse o Padre Figueira : «Os indios trocam as vezes algumas lettras por mais delicadeza» de modo que parecem palavras differentes, o que leva, quem apanha o dizer, não tendo o cuidado de distinguir a escrever differentemente do que ouvio antes.

Um exemplo d'isso ver-se-ha nas lendas que apresento, conservadas propositalmente com a pronuncia propria do individuo que m'as referio, e com a orthographia uzual e que assim conservei, porque tive em vista mostrar a adulteração da lingua.

No alto Amazonas, a lingua que chega-se para o Omagua, é mais pura, a adulteração é mais pela influencia nheengaiba, emquanto que no Pará, e é onde está mais corrupta, pela influencia portugueza como o quintenho Peruano.

Outra differença, que não é corruptela, mas que separa a lingua geral do Amazonas, é a que a lei natural obriga, segundo o meio e os costumes ; a da creação de novos termos, ou a dar novos significados a termos communs, o que fez com que no Brazil se creassem palavras, como : *derrubada*, *queimada*, *picada*, *montaria*, *furo*, *bond*, etc., cujo sentido não é aquelle que tem nas linguas d'onde foram adoptadas.

Cito um exemplo.

Nos vocabularios modernos apparece o vocabulo *kaá* (*caá* ou *kaha*), com a significação de evacuar (Egerere), quando significa matto, folhas. O indio não tem uma palavra propria para exprimir essa necessidade da vida, e quando d'ella quer tratar diz : *Cha ço kaa pe*, eu vou ao matto ; ou *cha ço ráin kaá pe*, eu vou ainda ao matto, porque se subentende o que vae fazer.

Para indicar que está com soltura de ventre e o seu estado, diz. : *Cha ço kaá kaá pe*, ou *kaá kaá kaá pe*, o que quer dizer que amiudadamente vae ao matto.

No vulgo e no interior ainda hoje não se diz senão ; *ir no matto*, que é uma reminiscencia indigena.

O influxo não parou na transformação das palavras e seus significados, estendeu-se tambem á construcção grammatical, que se affasta do guarany ou tupi antigo.

O aportuguezamento da construcção grammatical veio dos Missionarios, escrevendo a lingua, e de procurarem hoje os que a fallam construir suas phrazes e orações, segundo a indole da lingua de Camões.

Só com um exemplo d'esta transformação da lingua dou á luz a este escripto, cujo fim é pedir, por minha vez, uma uniformidade na escripta, adoptando uma só orthographia. (1)

A que sigo é a que Baptista Caetano propôz nos *Ensaios de Sciencia*, para o tupi-guarani do Sul por ser a mais natural e verdadeira modificada pela pronuncia do Norte, onde ainda se falla a lingua, e não a que elle seguio na traducção do *Abaretá* que é a de Montoya modificada.

Tendo-se separado o Nheengatu do Guarani, já pela pronuncia, já pela construcção das palavras, vi-me obrigado a modificar a orthographia de Baptista, porque a adoptal-a com todos os sons seria reconstruir o Nheengatu e tornal-o Guarani, como Montoya nos deixou.

No primeiro dos vocabularios que seguem as lendas apresento a maneira de fallar do Pará e do Amazonas, comparando com a antiga lingua geral para melhor se ver como esta se adulterou, e no segundo já os vocabulos com a orthographia correcta.

Quiz em todo o texto das lendas e contos acompanhar a sua dicção, como usualmente é fallada, pelos vocabulos do abanheenga correspondentes, apresentando logo a correcção com a orthographia, mas achei trabalho superfluo, pensando ser mais vantajoso apresentar um vocabulario, porque com o seu jogo se acharão as correcções e a fonte d'onde se originaram os vocabulos do nheengatu.

O finado meu amigo o Revd. Padre Manoel Justiniano de Seixas (2), vigario da freguezia do Andirá, conhecia que a lingua ia em decadencia, tanto que no prologo do seu vocabulario disse : «que pela corrupção tudo quanto n'ella existe escripto é quasi desconhecido pelos indios.»

Dou aqui um quadro por onde se vê que as nacionalidades, o tempo e a

(1) Já este trabalho estava escripto, quando me veio ás mãos o trabalho do Dr. Amaro Cavalcanti, intitulado « The brazilian language and its agglutination », publicado em 1883.

(2) Autor do *Vocabulario da lingua indigena geral para o uso do Seminario Episcopal do Pará.*

má comprehensão da pronuncia indigena influiram sobre a lingua a ponto de modifical-a quasi completamente.

Os vocabulos que aqui apresento, eu os ouvi dos naturaes e como alguns combinam com os de Gonçalves Dias, Seixas, Faria e Couto de Magalhães, por isso vão escriptos com a orthographia que adoptaram, E' uma achega tirada de material que tenho colhido para meu uso, obra de horas vagas, resultante de viagens e contacto com os indios.

Se por ventura, fôr bem recebido este tosco e mal alinhavado esboço, animar-me-hei a continuar, afim de fazer alguma cousa que melhor preste. No caso contrario, *faciant meliora potentes*.

| | 83 | 1876 | 1877 | 1883 |
|---|---|---|---|---|
| | H TIUS | C. MAGALHÃES | SYMPSON | AMARO CAVALCANTÌ |
| | MÃO | BRAZILEIRO | BRAZILEIRO | BRAZILEIRO |
| *Avô*...... | | | | |
| *Filho*...... | a | Tamũia | Tamunha | — |
| *Filha*...... | | Taiíra | — | — |
| *Irmão mai* | | — | Rahyra | Tayra |
| *Irmão mai* | | Kiuira | — | — |
| *Irmã mais* | | — | — | — |
| *Chefe*...... | | Rendera | Quenêra | Rendéra |
| *Cousa chei* | | Tuixaua | Tuxaua | — |
| *Liquido*... | | — | — | — |
| *Licôr*...... | | — | — | — |
| *Ardor*...... | | — | — | — |
| *Aldeia exti* | | — | — | — |
| *Caboclo*..... | | — | — | Tapéra |
| *Cabana*.... | a | Tapyeia | — | — |
| *Muito*...... | | Tapeia | — | — |
| *Pó*.......... | iva | — | — | — |
| *Velho*.. .... | | — | — | — |
| *Deus*........ | é | Tuiũe | — | — |
| *Sobrancelha* | | Tupãn | Tupa | Tupan |
| | | — | — | — |
| | | Oiepé | Yepé | Iepé ou oiypé |
| | | Mukũi | Mucuen | Mokoi, mokuen |
| | yr | Moçapire | Muçapeire | Mosapue, mosapeire |
| | | Erundi | Herundy | Irundy |
| | | — | Uaxiny | Pô. |

(1) Houve
(2) É indub ender, que transformaram em *çoõ*, *cendy*, etc.
este um dos pont mudou o *q* em *g*, e o portuguez transformou em *tapera*. É no Amazonas. Es ificou a lingua mãe, que n'esse ponto foi melhor conservada *u*, o hespanhol m agem, pronuncia *hakù* ou (açú ou uaçú) *huakú* aspirando o debaixo, *uruà*, c *ara*, cão, *uarìua*, macaco d'esse nome, *uatà*, andar, *uirpe*,
(3) Houve pectuou-se, pelas missões.
(4) Trocou
(5) Não hav alquer typographia.

PRIMEIRA PARTE

# LENDAS MYTHOLOGICAS

# O KORUPIRA

Entre os differentes mythos brazileiros é incontestavelmente o mais antigo o do Korupira, (1) companheiro inseparavel das crenças populares de todos os logares por onde se estendeu o abanheenga, ou lingua geral, pelo que parece ser verdadeiramente indigena, senão antes, legado pela população primitiva que habitou o Brazil, em épocas anti-Colombianas e que descendia dos invasores Asiaticos.

Dos Nahuas passou aos Karaibas e d'estes aos Tupis e Guaranis. Parece ser uma das divindades secundarias sujeitas a *Tlaloc.* Como as que presidiam os ventos, as chuvas, a abundancia, o milho, as montanhas, havia tambem a que presidia e protegia as florestas.

Por Venezuela, pelas Guyanas, pelo Perú e pelo Paraguay estende-se o o dominio do Korupira; vae do Karaiba até o Guarani.

Anchieta (1560), Fernão Cardin (1584), Laet (1640) e Acuña (1641) fallaram e acreditaram mesmo em sua existencia. A civilisação invadindo os centros em que a rusticidade se aninha e devassando os sertões, tem modificado ou feito desapparecer não só as lendas e contos primitivos, como a lingua, envolvidos na onda do esquecimento.

Entre elles vae tambem desapparecendo a do Korupira, adulterado aqui, confundido alli, e por toda a parte mais ou menos modificada segundo o cunho especial do meio em que existe e os emprestimós que a civilisação lhe tem feito,

O Korupira, o *numen mentium,* de Marcgravius, que, segundo Simão de Vasconcellos, é o *espirito dos pensamentos,* quer o padre João Daniel, que por

---

(1) Com algum desenvolvimento tratou d'este mytho o professor Carlos Frederico Hart, no n.° 1 da *Aurora Brazileira,* de 22 de Outubro de 1873, dando tres lendas que ouvio e estabelecendo as analogias que achou entre elle e o *Lyeshy,* dos Russos, o *Troll,* dos Normandos, o *Manobozho,* de *Schoolcraft.* O professor Hart nasceu em 1840, em Fredericktown, no Canadá; graduou-se em 1860, na Universidade de Howard; em 1865 veio para o Brazil como membro da *Thayer Expedition;* em 1870 voltou novamente como chefe da *Morgan Expedition;* em 30 de Abril de 1875 foi nomeado chefe da *Commissão Geologica Brazileira;* falleceu em 18 de Março de 1878.

espaço de 17 annos foi missionario no Amazonas, entre os annos de 1780 e 1797, que seja um espirito habitante das florestas, que não pratica só o mal, porém muitas vezes tambem o bem. Para mim não é tambem o *espirito comico* (neckischer waldgeist) do venerando Dr. Martius.

A crença mais geral, comtudo, confirmada pelas differentes lendas é que, o Korupira é o *senhor*, a *mãi*, (cy), o *genio protector* das florestas e da caça, que castiga os que as destroem, premiando muitas vezes aquelles que o obedecem, ou de quem se compadece.

A crença do genio das florestas vae tambem ao centro da Africa, onde acreditam « que ha um demonio que anda mettido pelo matto sempre á espreita para fazer das *suas*. Para afugentar o *porco sujo*, como chamam, teem os africanos como infallivel a simples presença de um *diabo fingido*, que se veste de palhas e cobre o rosto com uma mascara. » [1] *Ossaim* [2] o amigo da folhagem ou genio protector das florestas, da costa da Mina, sempre armado do seu *abêbê*, facão de latão, seria para mim o Korupira com seu machado de casco de yaboty, se tivesse os pés ás avessas.

O Korupira, como genio mysterioso e cheio de poder, apresenta-se sempre sob varias formas e sob varias disposições de espirito.

Assim, ora phantastico, imperioso, exquisito, ora máo, grosseiro, atrevido, muitas vezes delicado e amigo, chegando mesmo a se apresentar bonanchão e compassivo, ou ainda fraco, tolo e facil de se deixar enganar. Apesar de tudo tem a virtude de ser agradecido ao bem que se lhe faz, impondo comtudo condições que, quando não cumpridas, são fataes.

O estrondo que se repercute ao longe, pelas florestas, das arvores velhas que cahem; o barulho que fazem alguns pica-páos, cavando o alimento pelos troncos, ruido que echôa surdamente pelas mattas, querem que seja tambem o Korupira a causa d'elle.

Dizem os credulos, quando isso ouvem, que é o Korupira com o seu machado, feito de casco de Jaboty (Tapajós), que anda batendo pelas çapopemas das arvores, para ver se estão seguras e podem resistir ás tempestades.

No alto Amazonas dizem que bate com o calcanhar e, no baixo, em Obidos, que com o penis, que é de tamanho extraordinario.

É o Korupira quem nos mostra ou esconde a caça; quem nos revela os segredo das florestas, as virtudes medicinaes das plantas, e nos dá os productos d'estas, etc., conforme o seu bom ou máo humor, ficando furioso sempre que sente o *pichê* do couro queimado d'alguma caça.

Segundo as localidades assim são as formas sob as quaes se mostra, to-

---

[1] *Jornal da Infancia*, I, 1883, pag. 109.

[2] Nos *Zungús* ou casas de dar fortuna, no Rio de Janeiro, ainda nas saturnaes que fazem os africanos, invocam e representam esse mytho.

mando a feminina quando se apresenta aos homens, e querem mesmo alguns que haja Korupiras de ambos os sexos ([1]) ou que seja casado com alguma tapuya velha, feia e má que o auxilia nos seus malificios e da qual dizem que tem tambem filhos, o Benjamim dos quaes é o *Çacy* ou *Korupira pitanga* ou *mitanga*.

Em Nogueira e Teffé dizem que a Korupira tem lindos cabellos, uma só sobrancelha no meio da testa e que as mamas são sob os braços.

Se não fosse a disposição dos pés do Korupira, eu diria tambem que era o genio dos poetas Silesianos, transformado pelo meio e pelo tempo.

A affinidade entre o Korupira ([2]) e Rubenzahl, o genio dos Montes Sudetos ([3]) na Allemanha, é grande. Este domina e vive nas florestas, distribuindo o ouro de suas montanhas rochosas, aquelle os productos vegetaes e protegendo a caça.

A união intima que ha entre o povo que fallou o abanêenga e o Korupira, o acreditar-se n'elle entre as tribus selvagens; a propriedade que tem este de conservar sempre; sob qualquer aspecto que se apresente, os pés voltados para traz para illudir o seu andar, separa a lenda brazileira da allemã e africana.

Filia-se comtudo ao berço semitico. Com effeito na Asia, segundo as autoridades de Plinio ([4]), Pomponio Mela ([5]), Solomo ([6]) e outros, como o Dominicano Frei Gregorio Garcia ([7]) havia a crença nos « Hombres con los pies bueltos a revés », assim como nos que tinham « orejas tão grandes, que para dormir la uma les servia de colchon, i la otra de manta de cobrirse. » A que o mesmo frade pregador cita de « hombres con la pata tan grande, que les servia de defeza para el sol, i agua » ; tambem eu ouvi no Tapajós, ligado ao Korupira, assim como Herbert Smith ([8]) tambem a ouvio em Santarem, sendo comtudo isso, corrente na Asia, d'onde a Allemanha importou nos tempos primitivos.

O Vidhr, o deus das florestas é um *tivar*, ou divindade dos Aryanos ([9]), filhos de Odhin, chamado tambem o *Silente*.

---

([1]) Como tenho ouvido, ouviram tambem F. Gomes de Amorim e Henrique Bates.

([2]) Um artigo do *Panorama*, sobre indios do Brazil, que a *Revista do Instituto Historico* transcreveu, diz que o demonio é denominado *Cururupirá*, que é uma corruptela cuja interpretação nada tem de commum com o espirito das florestas, pois quer dizer: *Peixe-sapo*.

([3]) Musaeus. *Contes populaires de l'Allemagne*.

([4]) Lib. 7, Cap. 2.

([5]) Lib. 3, Cap. 6 e 7.

([6]) Polyhist., Cap. 55.

([7]) *Origem de los indios de il nuevo mundo*, Madrid, 1729. Libr. II, Cap. IV, pag. 57, por Fr. Gregorio (antes Jeronymo) Garcia, natural de Coçar, em Toledo, que por espaço de 9 annos viveu no Perú e publicou a sua primeira edição em 1606-7 em Valença, in-12.

([8]) *Brazil the Amazons and the coast*, pag. 560.

([9]) R. Brown. In *Journ. of the Victoria Institute*, XIV, pag. 321.

A crença oriental no solo Americano acclimou-se, modificando-se com o correr dos seculos, como sóe modificar-se tudo quanto não tem uma litteratura e se conserva pela tradicção.

Em Venezuela o *Máguare;* na Columbia o *Selvage*, no Perú o *Chudiachaque*, dos Incas, e na Bolivia o *Kauá*, dos Cocamas é o mesmo genio do Amazonas, que se apresenta sob as mesmas formas, excepto em alguns logares da *Montaña* peruana onde é uma especie de satyro, cabelludo até a cintura, quasi negro e raptor de mulheres que leva para suas orgias.

Em Venezuela tambem elle gosta de perseguir e seduzir o sexo fraco, pelo que, penso, que n'essas republicas, o Korupira é solteirão.

O *Pokái* dos Makuchys, que habitam as florestas da serra de Roraimá, é o mesmo mytho. Para elles é um pequeno caboclo cabelludo, de nariz comprido, com os pés voltados para traz, coxo de uma perna, e servindo-se do calcanhar do pé d'esta para bater as çapopemas.

O *Iuorokô*, dos Parikys, do rio Yatapú, tambem é o mesmo mytho.

No Amazonas, geralmente, é um tapuyo pequeno, de 4 palmos, (Santarem) calvo ou de cabeça pellada (piroka), com o corpo todo coberto de longos pellos, (Rio Negro); com um olho só (Rio Tapajós); de pernas sem articulações (Rio Negro); mussiço e sem anus (Pará); de dentes azues ou verdes e orelhas grandes, (Solimões); e sempre com os pés voltados para traz e dotado de uma força prodigiosa.

É o *Mutaycé*, do Pedra Acuña.

Ouvi tambem no Rio Negro dizer: « Korupira uatá ramé o moieké mamé o putare i retemá uaá o mopuku o moçupare potare ramé mira », isto é: que quando o Korupira quer perder a gente encolhe ou espicha as pernas.

Esta versão já é producto europeu, participa do conto do *Botas de sete leguas*.

O tapuyo, posto que creado na sociedade dos portuguezes, outr'ora só fallava a lingua geral, que alguns d'estes tambem fallavam, e foi d'ahi que chegou até nós muitos dos contos populares portuguezes referidos hoje ainda na lingua geral, mas acclimados ás scenas Amazonenses.

Habita o Korupira o centro das florestas, quasi sempre pelos castanhaes e faz as suas moradas no ôco dos páos. Convida a gente para viver no matto, arremeda todos os quadrupedes e aves, e d'isso se aproveita para enganar e attrahir o caçador, que suppondo perseguir um animal, o acompanha. Ás vezes chama os homens encantando-os com o seguinte canto:

Cha uatá, uatá
Ce rapé rupi
Cha uatá, uatá,
Ce rakakuera
Yure uatá, uatá, [1]

[1] Vou andando pelo meu caminho, atraz de mim venha andando, andando.

Logo que o Korupira o distrahe e o leva para longe, cessa de cantar e deixa-o perdido. Não gosta que se mate animal algum que ande em bandos.

Quando algum individuo, dizem no Rio Nego, depois de tres dias de nada comer, o que é vulgar, matta algum porco do matto, provoca as iras do Korupira que dá longos uivos que aterrorisam os matteiros.

Algumas tribus do alto Rio Negro não matam o yakamin nem a anta para não offenderem o Korupira. Se por acaso alguem mata, as mulheres se reunem em torno do animal e choram para abrandar as suas iras.

O coração e o figado são as iguarias que mais aprecia. Segundo uns, com essas visceras faz farinha, segundo outros, oleo com que se unta. É inimigo de crianças.

Dizem que se póde chamar o Korupira, mas para isso é preciso ser-se pagé. Quando este quer se entender com aquelle, veste-se com estopa da casca da castanheira, e canta :

Tim tupetim sauètipê
Tupetim sauêtipê
Aituçaui aituçaui [1]

Ás vezes os filhos do Korupira, ouvindo esse canto, illudem a mãi e vem ter com o pagé, repetindo-lhe a cantiga ; porém, se a mãe dá por falta d'elles os vem buscar. Elles transformam-se então em páos ou pedras, e por isso é que aquelles e estas dão fogo, quando friccionados ou batidos.

Esse Korupira, Gonçalves Dias diz [2], é o espirito máo, que habita as florestas.

O mesmo tambem o denomina *Caapora* e aceita a opinião de Vasconcellos, fazendo-o genio dos pensamentos.

Nenhuma lenda confirma essa opinião.

O cantor dos Timbiras assim descreve o Kaapora :

« O *Caapora* (vulgarmente caipora) veste as feições de um indio, anão de estatura, com armas proporcionadas ao seu tamanho, habita o tronco das arvores carcominadas para attrahir os meninos que apanha desgarrados nas florestas. Outras vezes divaga sobre um *tapyr*, ou governa uma vara de infinitos *kaititus* cavalgando o maior d'elles.

Os vagalumes são os seus batedores, e tão forte é o seu condão, que o indio que por desgraça o avistasse, era mal succedido em todos os seus passos. »

---

[1] Estes versos, cuja traducção não sei, penso que pertencem á giria dos Barés.
[2] Diccionario da lingua tupy. Lipsia, 1858, pag. 25.

Magalhães ([1]) seguio tambem a mesma opinião de Simão de Vasconcellos ([2]) tanto que Aimbire quando dirige-se ao pagé que o aconselha:

« Procurar outra terra mais remota »

Brada:

« Tudo deixar?... Fugir? Mas tu deliras!...
Fugir? Que *Curupira* malfasejo,
Inspirou-te tão baixos pensamentos?... »

O autor do *Diccionario Braziliano*, o sabio Frei Velloso, a quem a botanica brazileira tanto deve, admitte, não sem razão, que Korupira é o demonio do matto, como se vê no dito diccionario publicado em 1795.

Dizem que quando o individuo vê-se perdido no matto, encantado pelo Korupira, para quebrar o encanto que faz esquecer completamente o caminho, deve fazer tres pequenas cruzes de páo e collocal-as no chão triangularmente, (Rio Negro); ou fazer outras tantas rodinhas de cipó que collocará tambem no chão (Rio Yuruá e Solimões) e que o Korupira dá-se ao trabalho de desfazer ou então fazer ainda pequenas cruzes de *kauré* ([3]) que atira pelas costas (Rio Tapajóz). O Korupira tambem persegue os caçadores em casa com os seus assovios (Rio Negro) e para o fazer calar-se basta bater-se em um pilão.

Quando o Korupira atravessa o Gurupy e entra no Maranhão, não muda de nome, mas ahi, de preferencia mora no grelo dos Tucunzeiros e procura as margens do rio para pedir fumo aos canoeiros, e virar-lhes as canoas quando não se lhe dá, fazendo as mesmas correrias pelos mattos, onde têm as mesmas formas com que se apresenta no Amazonas.

Atravessando pelo Rio-Grande do Norte e pela Parahyba, toma então o nome de *Kaapora;* torna-se inimigo dos cães de caça e affecta a forma de qualquer animal afim de attrahil-os para o centro dos mattos, onde ou os açoita com cipós ou os mata. Outras vezes obriga os cães a correr atraz delle, para fazer com que os caçadores os sigam; desapparecendo de repente, deixa os cães tontos e os caçadores perdidos. N'estas provincias quasi sempre anda a cavallo n'um veado, ou n'um coelho. Indo o caçador munido de fumo e encontrando o Kaapora, se este pedir-lhe e for satisfeito pode contar que será d'ahi em diante feliz na caça.

No Ceará conserva o nome de Kaapora, porém ahi muda de aspecto, perde o pello do corpo que transforma-se em cabelleira, de cabellos hirtos; apresenta dentes afiados como os de guaribas ([4]) e os olhos como brasas; sempre que

([1]) *Confederação dos Tamoyos.* Canto IV, pag. 120. Rio de Janeiro, 1864.
([2]) *Chronica da Companhia de Jesus.* Livro II, n.º 16, pag. 72. Rio de Janeiro, 1864.
([3]) Leguminosa de casca aromatica, empregada em banhos.
([4]) Juvenal Galleno, nas *Noutes de farinhada*, traz a lenda « O senhor das caças »

sahe das mattas da serra monta n'um *taititú*, com uma chibata de yapekanga [1] (Smilax Brasiliensis Spreng) na mão.

Avistando o caminhante começa logo a cantar:

Currupá papaco!
Currupá papaco!

Creio que essa cantiga é de importação portugueza, porque os degredados que depois de 1564 começaram a vir para o Brazil, principalmente Açorianos, que ainda no começo deste seculo vieram para o Amazonas, cantavam:

Algum dia já cantei
Hoje em dia não canto mais.
Pacos pacos papacos
Rupa pacos
Pacos pacos papacos
Rupa pacos.

Cantiga que os sertanejos ensinam ás *kurikas* e *papagaios*, e que estes levaram para o Sul onde quasi todos os *papagaios* isso cantam. Em Inhamuns, sertão do Ceará, e outros lugares da mesma provincia as sertanejas terminam a cantiga ensinando os papagaios a dizer:

Curupá papaco,
Curupá papaco,
No me pegue no tabaco!... [2]

Isso se refere ao fumo que no Norte só se conhece por tabaco, que o Kaapora pede, porém os maliciosos levam o significado da palavra para outro lado.

N'essa provincia não perdôa ao caçador, que, sem o seu consentimento, invade-lhe os dominios, licença essa que é facil de se obter mediante um pouco de fumo. Favorece-lhe a caça, mas recommenda que não a fira e sim a mate, para não lhe dar o trabalho de andar procurando plantas medicinaes com que cure os ferimentos.

Na provincia de Pernambuco reapparece o Korupira, como synonimo de Kaapora, e em alguns lugares tem um só pé, esse mesmo redondo. Anda a cavallo n'um veado e por chicote traz um galho de yapekanga. Tem comsigo sempre um cão chamada *Papa-mel*. É então um caboclo pequeno coberto de cabellos, que dizem ser a personificação da *alma de caboclo pagão*.

Como em toda a parte é protector da caça, cuja destruição evita, mas n'essa provincia nem sempre torna infeliz aquelles que o encontram. Para captar-lhe a sympathia basta um presente de fumo.

---

(1) Corruptella de *yupecany*, de *yu*, espinho.

(2) No Maranhão terminam assim: « Nariz cheio de tabaco. »

Com isso tem por protector o mesmo Korupira, que surra os cães dos caçadores sovinos e os deixa depois amarrados para morrerem á fome.

Entre muitos factos passados n'essa provincia com caçadores protegidos pelo Korupira, citarei este: um homem costumava levar mingáo todas as noutes a um Korupira, porém este, encontrando uma vez o mingáo com pimentas, que a mulher do caçador tinha posto, deu uma surra no homem e nunca mais o protegeo.

Em outros lugares, tambem de Pernambuco, o Korupira, por uma excepção, é representado por um pequeno gentio de cocar e fraldão de pennas, armado sempre de arco e flechas.

Como melhor não descreveria o que é esse mytho em Pernambuco, e quaes os seus costumes e a sua indole, aqui reproduzo uma poesia popular, com que, do Recife, me obsequiou o meu amigo Dr. Regueira da Costa:

O KORUPIRA

De dia não busca a estrada
O guerreiro Korupira,
Porque dorme a somno solto
Á sombra da sukupira.

Mas de noite, quando a lua
Prateia as aguas da fonte,
E a fresca brisa sussurra,
Eil-o que surge do monte.

Montado n'uma queixada,
Rompe do bosque a espessura;
Da onça não teme as garras,
Tendo tres palmos de altura!

Da yandaya a verde pluma
Na fronte reluz, ondeia;
O arco, as pequenas flexas,
Garboso nas mãos meneia.

Assim anda, pula e corre
De noite pelas estradas;
E após si em tropel marcha
Uma vara de queixadas.

O grunhído, o som dos passos
O estalar dos rijos dentes,
Quebranta a mudez da selva,
Acorda os pobres viventes.

Pula aterrado o macaco,
Verga a folha das palmeiras;
Sai a cotia da toca,
Foge do matto ás carreiras.

Quando encontra o Korupira
No caminho um viajante,
Pára de pressa, e atrevido
Oppõe-se a que marche avante.

Irado, solta do peito
Agudo silvo estridente;
E logo em volta se ajunta
A sua guerreira gente.

Os olhos tornão-se brazas;
Põem-se em ordem de batalha;
O queixada amola os dentes
Que cortam como navalha.

Ai! do pobre caminhante,
Se o temor o tem tomado;
Perde a falla, fica escravo,
Sendo em porco transformado!

Mas, se investe os inimigos,
E de nada se apavora,
De repente o Korupira
Pelo valor se enamora!

Da peleja cede o campo,
E reparte o seo thesouro;
Ricas pedras de brilhantes,
Rubins, esmeralda e ouro.

Em Sergipe, o Kaapora anda sempre pelas estradas pedindo fumo aos viajantes para o seu cachimbo, e quando se lho não dá mata-os a poder de cocegas. Em ar de brincadeira, faz rir o viajante até este cahir morto.

Na Bahia, transforma-se completamente e não só muda de nome como de sexo.

A *Kaiçara* (1) é uma pequena cabocla quasi negra, que não dispensa o porco para sua cavalgadura. É tambem a protectora do caçador, quando este

---

(1) Corruptela de *kaaçara*, senhora das mattas, e não *kaiçara* que significa *curral*, de *kaa-iça*, estacas de matto.

lhe mostra fumo e torna-se o seu *cabrion* quando não lhe dá. Não só os cães, como o proprio caçador, quasi sempre são attrahidos para o centro das mattas, onde são surrados com cipó de *yapekanga*, cujos espinhos dilaceram as carnes das victimas.

Posto que actualmente desapparecesse o nome do *Korupira*, e fosse substituido pelo de *Kaiçara*, comtudo elle ahi existio, como nos prova o veneravel Padre Anchieta, quando nos diz, em Maio de 1550, que « chamam *Corupira*, que ataca muitas vezes os indios no matto, batem-lhes com açoutes, machucam-n'os e matam-n'os. Por isso os indios costumam deixar em um determinado caminho, que vae ter ao mediterraneo por asperas brenhas, em todo o vertice da montanha elevada, quando por ahi passam, pennas de passaros, abanadores, flores e cousas semelhantes, como uma especie de oblação, pedindo com instancias aos *Corupiras* que não lhes façam mal. » [1]

Cortando a locomotiva das vias ferreas os centros do Rio de Janeiro e Minas Geraes, e levando nos seus silvos o progresso e a civilisação, afugentou o Kaapora, que outr'ora habitava as suas florestas, e fez com que elle se refugiasse nas furnas das mattas das montanhas do norte d'esta ultima provincia, nos sertões ainda incultos, onde as vezes apparece ainda com o nome de Korupira.

Talvez que pela geada que cahe nas serras d'essa provincia, lhe crescessem novamente os pellos de que se cobre o corpo, para resguardal-o do frio quando no *queixada* (Dicotyles labiatus), atravessa os campos, em procura do fumo dos caçadores, ou os enganando e os fazendo correr atraz de veados imaginarios.

Sempre pregando peças aos caçadores, matando-lhes os cães, atravessa as provincias centraes, para chegar aos campos do Rio Grande do Sul, onde abandona a cavalgadura para andar só a pé, mas então com duplos pés para não se poder saber saber quando caminha para a frente ou para traz.

Sempre é o fumo para o cachimbo que lhe adoça as iras, e com elle se compra a felicidade na caça ou a licença para poder correr as florestas que têm sempre o Korupira por protector.

Em Matto Grosso dão-lhe tambem o nome de Korupira, porém, alguns o confundem com o Lobis-homem. Dizem que é um negrinho que anda tocando uma vara de porcos, montado n'um d'elles.

No Paraguay o K*aapora* tambem impera sob a forma de um tapuyo velho, e vae mesmo á Bolivia estender seu dominio sobre as mattas e seus habitantes. Por toda a parte leva a mulher *Tatácy* (Amazonas), *Tatámanha* (Pará), ou *Kaapora*, e seus filhos, mas raras vezes se apresentam juntos. Quasi sempre a mulher fica em casa, o que não acontece ao filho predilecto que exerce seu dominio pelas estradas, pelos caminhos, pelas ruas e pelas roças.

---

[1] *Chartas ineditas*. Ann. Bibl. Nac. Vol. I, pag. 304.

Como criança não mata, mas as suas judiarias são as vezes maleficas, e annunciam sempre infelicidades e desventuras. Como o pae, tambem muda de nome; no Sul é *Çacy tapererê*, no centro *Kaipora* (1), e no Norte *Maty-taperê*.

O civilisado, que muitas vezes não entende a pronuncia do sertanejo, que é o mais perseguido por elle nas suas viagens, tem-lhe alterado o nome; já o fez *Çacy-pererê*, *Saperê*, *Sererê* (2) *Sarerê*, *Siriri*, *Matim-taperê*, e até já lhe deu um nome portuguez, o de *Matinta-Pereira*, que mais tarde, talvez, terá o sobrenome *da Silva* ou *da Matta*.

Para conseguir seus fins, e fazer suas proezas, sem ser visto, quasi sempre vive o *Çacy* ou *Maty* methamorphoseado em passaro, que se denuncía pelo canto, cujas notas melancolicas, ora graves ora agudas, illudem o caminhante que não póde assim descobrir-lhe o pouso, porque, quando procura vel-o pelas notas graves, que parecem indicar-lhe estar o *Çacy* perto, ouve as agudas, que o fazem já longe. E assim illudido pelo canto se perde, leva descamínho nunca vendo o animal.

Quando no Norte, os tapuyos, ouvem o canto do *Maty-taperê*, e no Sul, os roceiros ou os Kaipiras, o do *Kaapora* ou do *Çacy-taperê;* que o civilisado toma por *Alma de caboclo*, os velhos o esconjuram; as crianças unidas conchegam-se ao collo das mães; estas, arrepiadas, olham para os paes, que tremem, mas não negam o fumo, que espalham pelas cercas dos quintaes e pelas portas para que o *Çacy* se cale, e se retire, levando com que matar o vicio de cachimbar.

Quando se não apresenta aos viandantes sob a forma de passaro, reveste-se da forma humana, e só (no Sul) ou acompanhado de sua mãe, (Pará e Maranhão) percorre as ruas, entra pelos roçados, vae ás casas de farinha; penetra nas senzalas; aterrorisa os passageiros; rouba a mandioca; furta farinha e quebra os bejús no forno, proezas em que é dextro no Rio de Janeiro.

No Amazonas e Pará é um kurumi (3) de uma perna só, de cabellos vermelhos, os quaes a civilisação transformou em barrete vermelho (Pará) sempre acompanhado de uma velha tapuya ou preta (4) (tatámanha) vestida de andrajos que pela calada da noute, e mesmo de dia assovia dizendo: *Maty-taperê !*

É um tapuyosinho triste, como o são todos, e que não evacúa nem urina.

Vulgarmente só se apresenta sobre a forma de um passaro, que se não vê,

(1) Corruptella de *Kaapora*, o morador do matto, o mateiro, e não *Kaipora*, que significa: *o que queima*, *o incendiario*.

(2) Sob o título *Tradicções populares de Minas e S. Paulo* deu o *Correio Paulistano* alguns contos do *Sacy-sererê*, que foram reproduzidos pelo *Correio da Tarde* no seu n.º 222 de 29 de Setembro de 1859 e transcriptos pela *Marmota*, do finado Paula Brito, nos numeros 4 e 11 de Outubro do mesmo anno.

(3) Criança, menino em geral, porém hoje só é applicado quando se refere ao filho do indio ou tapuyo.

(4) Alguns substituem a velha por um tuyué (velho), tambem andrajoso, com a cabeça amarrada com lenço ou trapos, o que tem alguma analogia com o do Paraguay.

mas cujo canto se ouve e o seu esvoaçar se sente. Toma esta forma quando quer se ver livre dos rigores da mãe Tatámanha.

Querem alguns que o Maty-taperê seja a velha e não o pequeno, porém o que é mais correcto no valle Amazonico é que esse passaro phantastico seja a metamorphose do filho do Korupira.

O Sr. José Verissimo, do Pará, tratando ligeiramente do *Maty-taperê*, cita como o canto do passaro o seguinte, que diz ser resto de algum mytho:

*Matinta Pereira*
*Papa terra já morreu*
*Quem te governa sou eu.*

Observo aqui que *Papa terra*, é no Pará um passarinho preto de crista comprida, do qual não ouvi lenda alguma.

No Maranhão, o Maty-taperê anda tambem acompanhado pela velha, a que dão o nome de Kaapora.

Ahi a Kaapora dos sertões tem azas e vive pelos roçados, e pelas estradas e caminhos.

O povo das cidades já a toma para motivos de seus folguedos. Nas festas populares de S. João apparece sempre a *Kaapora* com o *Bumba meu boi*, attrahindo o povo que gosta e ri-se dos seus esgares e suas momices. N'essa festa se vê fundido o elemento portuguez com o indigena e africano.

Figuram a Kaapora com uma armação de páo, vestida, representando uma mulher de braços abertos, de azas, e coberta com um lençol e andrajos, sob o qual se esconde um homem, que lhe dá os movimentos e imita os tregeitos e os costumes da verdadeira Kaapora.

O povo gosta d'essa figura, segue-a, procura chegar-se a ella; de repente foge, approxima-se outra vez, recúa, sempre rindo-se das suas pantominas e gritando em côro:

« Assim Ceriema,
Bate as azas, vae-te embora. »

Ou então:

« Assim, Kaapora,
Larga a perna, vae-te embora. »

Em Sergipe é um moleque muito preto, com carapuça de latão, que tambem para obter fumo para seu cachimbo faz as maiores estrepolias. Já esse mytho ahi está fundido com os contos portuguezes do cyclo de Gargantua, e apparece no conto do *Manoel da Bengala*, referido em Coimbra, sob o titulo *A Bengala de quatro quintaes*.

No Ceará a Kaapora dá motivos tambem a uma festa quasi igual á do Maranhão, que se effectua tres dias antes e tres dias depois do dia de Reis. É a festa mais concorrida do sertão. A Kaapora faz parte do prestito do *Bumba*

*meu boi;* é companheira do *Privilegio* ou *José do Abysmo*, da *Burra*, da *Ema* e dos *Vaqueiros* que fazem pelas estradas os maiores tregeitos, folgando e dançando, sempre dirigidos pelo homem da burra e tocados pelas vaias e pelas gargalhadas dos patuscos que os seguem; os gritos de:

« Chô, Ema! Sacode as pennas! »

ouvem-se por toda a parte, no meio dos assovios e das risadas, quando ella experta os vaqueiros, sacudindo as palhas de carnauba com que se cobre.

A Kaapora já ahi, em alguns lugares, não representa a mãe e sim o proprio *Çacy*, como em Sergipe. É um menino com uma *urupema* na cabeça coberto por uma saia ou lençol, de sob o qual sahem duas varas formando braços.

Na Parahyba do Norte a Kaapora não tem braços, por isso representam-a sob a forma de um homem com uma urupema na cabeça, coberto por um lençol preso á cintura, ficando os braços por dentro.

Em Ilhéos (Bahia), o Maty ou Çacy, tem o nome de Kaapora, e dizem que onde se apresenta é sob a forma de uma cabocla moça, clara e bonita.

Não sei porque em Ilhéos toma o Çacy essa fórma. Não será a mãe do Kaapora, porque em todo o sertão da Bahia, o Kaapora é representado como bem a descreve nos seus *Cantos do Equador* o distincto amigo e poeta Mello Moraes Filho?

Aqui reproduzo a sua lenda:

## O CAIPORA

É caboclinho feio,
Alta noite na matta a assoviar
Quando alguem o encontra nas estradas
Saltando encruzilhadas,
Se põe a esconjurar!

É alma de um tapuyo
Fazendo diabruras no sertão...
Cavalgando o queixada mais bravio,
Transpõe valles e rios
Com um cachimbo na mão!

Assombro das manadas,
Enreda a onça em mattos de cipó;
De montanha em montanha vae pulando,
Vae quasi que voando,
Suspenso n'um pé só!

Ao pobre viandante
Assombra e ataca em meio caminho;
E pede fumo e fogo, e sem demora
Lhe mostra o Caipora
Seu negro cachimbinho.

Servido no que pede,
Á contas justas, safa-se a correr...
Do contrario, se fica descontente,
De cocegas a gente
Faz rir até morrer!

É caboclinho feio,
Alta noite na matta a assoviar
No Norte, diz o povo convencido:
— Não indo prevenido
Não é bom viajar!

A Kaapora, mãe do Çacy, como no Maranhão, entra como episodio nas festas populares da Bahia. No dia de Reis, sahe á rua, acompanhada pela molecagem, que a acompanha a gritar, cantando:

« Assim, Kaipora,
Feliz dô-dô! »

É a mesma do Maranhão, porém sem azas, e coberta de esteiras e lençóes. A musica que acompanha sempre essas festas é composta de marakás, tambores e canzás ou caracachás.

No Rio de Janeiro, onde a onda negra mais estragos fez, onde pelos sertões o cancro da escravidão mais tem corroido, o Çacy-tapererê, que por uma syncope passou a ser *saperê* e que os negros fizeram *sererê* e *siriri* tomou a côr negra e usou o barrete vermelho, que os africanos recebiam nos armazens do Vallongo, do Cajú e nos das costas da Marambaia. Assim o Çacy passou a ser molequinho coxo, ferido nos joelhos, porém mais vivo e mais activo do que o caboclo.

Verdadeiramente *moleque* ou garoto, como é em geral o crioulo.

Na estrada real de S.ta Cruz, na fazenda do Capão do Bispo, morgado dos Furtados de Mendonça, muitas vezes ouvi ahi dizer-se que o *Caapira*, ainda reminiscencia corrupta do Korupira, tinha por companheiro o Çacy-pererê, passaro de um pé só, que alta noite vagabundêa pelas estradas, cantando:

« Çacy-pererê minha perna me dóe. »

O Sr. Felix Ferreira (¹), disse, e Eduardo Perié repetiu, no seu livro *A litteratura brazileira nos tempos coloniaes*, que na fazenda de S.ta Cruz é crença geral que o Kaapora tem por companheiro o Çacy, que canta:

« *Sacy Pereira* minha perna me dóe. »

O Çacy quando ahi sahe do matto não é para fazer propriamente maleficios, e se algum acontece, é resultado das suas molecagens. Só quando toma a fórma de passaro, torna-se agoureiro ou faz infeliz aquelle que persegue, porque, então, querem que seja a alma de um caboclo transformada em passaro; por isso o chamam tambem, como vimos, *Alma de caboclo*.

Como passaro, canta do mesmo modo que o Maty, e tem todos os seus costumes.

Assim, quando pelas fazendas e sitios nos serões, se faz farinha, o Çacy, apenas vê a forneira só, vem-lhe pedir farinha ou joga-lhe cinzas nos olhos para furtar-lhe a *crueira* (²), pelas estradas procura as encruzilhadas e trepa nas porteiras e nos copins (³) para transviar os viajantes, e espantar as tropas.

Quando passam as porcadas, monta n'um porco para *estramalhal-as*, desesperando assim os tropeiros, que tem de campear os lotes, arrecadar as cargas jogadas pelo campo e arreiar de novo as bestas.

No centro e no norte de Minas Geraes, onde o elemento indigena não se deixou assoberbar pelo africano, o Çacy apparece outra vez como um caboclinho de pés *bifurcados* fazendo as diabruras que faz o molequinho na matta do Rio, sempre de cachimbo no canto da bocca, pitando o fumo filado aos pobres viajantes, e furtando a comida dos escravos pelas senzalas.

Nos terrenos auriferos mora em geral nas *betas* (⁴), nas *catas* (⁵) abandonadas ou nas *grunhas* (⁶) das montanhas, longe dos ribeirões, que não atravessa, por não gostar d'agua corrente; sahe para correr os pastos e ahi cavalgar os animaes, levando em correrias toda a noute fazendo com que os pobres tropeiros de manhã os encontrem desbarrigados.

Nas noutes brumosas, quando os valles e os *gupiaras* (⁷) se cobrem com aquella nevoa branca e floculosa, que, vista das serras, parece um mar de algodão

(¹) *Bellas Artes. Estudos e apreciações.* Rio de Janeiro, 1885.

(²) É o *korrer* ou *kuirera*, do abanheenga *kuiré*, farinha grossa. É o farello que não passa na peneira, ou o que se regeita depois de torrar.

(³) Têm esse nome os grandes ninhos de termytes, que se levantam pelas estradas e pelos campos de Minas Geraes.

(⁴) Excavações profundas feitas nas rochas d'onde extrahiam o ouro, como em S. João d'El-Rei e Morro Velho.

(⁵) Excavações profundas em terrenos de alluvião d'onde extrahem o ouro já pulverisado, como em S. Gonçalo do Sapucahy, Ouro-fino e outros lugares do Sul de Minas.

(⁶) Concavidades nas serras, ás vezes espaçosas.

(⁷) É o espaço de terreno entre os montes e taboleiros onde o campo, em geral, cresce muito, devido á humidade. Deriva-se de *nhú*, campo, *upi* ou *upir*, erguer, levantar, e *ara*, nascer, campo que cresce alto, ou mesmo de *nhú*, campo, e *piguar*, verdadeiro.

batido, é quando elle gosta de perseguir os animaes trançando-lhes as crinas e os escondendo para que os campeiros não os encontrem e curtam o frio da gelada madrugada campeando em vão a *madrinha* de sua tropa.

Que se transforma em homem e veste-se de rodaque para andar pelas casas de jogo, ou seduzir o sexo fraco, o affirmam muitos.

Que tem medo de esconjuros, de rosarios e orações, sempre as velhas me disseram, e quando ellas avistam alguma moça magra, pallida e triste, logo dizem: « é obra de Çacy », porque affirmam, que as moças se apaixonam por elle, com elle se amancebam, sendo a morte sempre a consequencia d'esse amor criminoso; d'ahi vem a chula que ao som da azinhavrada viola, enfeitada de fitas, canta o Kaipira nos requebros do kateretê:

Menina, minha menina,
Quem te fez tão triste assim,
De certo foi o Çacy
Que flor te fez do seu jardim.

Os amores do Çacy
Trazem a morte a seu bem;
Reza a Nossa Senhora
Que te livre do mal; amen.

Outr'ora pelas festas de Reis, houve tambem no Rio de Janeiro o *Bumba meu boi*; mas nunca vi nelle tomar parte o Çacy.

Em S. Paulo (Itú, Campinas, etc.) perdendo o nome de *Çacy*, toma o de *Negrinho pastorejo*, e para deixar de fazer diabruras não se lhe dá fumo, mas sim velas, que, pelos campos, estradas e quintaes accendem quando d'elle querem obter protecção. É preciso dizer-se que ahi, em vez de ser um *porte-malheur*, é antes milagroso. É crença que as velas que a elle se accendem não se gastam, porque com o seu barrete vermelho as apaga para leval-as para seu uso.

Quando entra pela provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul [1], é com o nome modificado em *Negrinho do pastoreio*, é então um Gavroche, que ninguem teme como á Kaapora, que tambem, ás vezes persegue os gauchos no macegal das *descambadas* das *coxilhas*, montado nos *baguaes* sem *aperos*.

Como paizes creadores, nas vastas campinas, exerce o seo poderio, e como entre o gado de pancas, d'ahi lhe veio o nome de « Negrinho do pastoreio », que significa o que vive nos pastos, e não o que apascenta ou leva os animaes ao pasto, como em S. Paulo o faz pelas *tikúeras*.

Como vimos, o *Maty-taperê* é o mesmo *Çacy-saperê* do Sul.

*Maty* é uma corruptella de *Çacy*, como *saperê* o é de *taperê*, que já é uma abreviatura de *tapererê*, que no Sul fazem *sapererê*.

[1] O Sr. Apollinario Porto Alegre escreveu a lenda do Çacy do Rio Grande do Sul, sob o titulo *Negrinho do Pastoreio*, que não tive ainda occasião de ler.

*Çacy* significa a *mãe das almas*, como bem interpretou Baptista Caetano (hang-h-açã), e que concorda perfeitamente com as crenças amazonicas, onde tudo em todos os reinos da natureza tem uma mãe, (cy).

*Taperê*, deriva-se de *tapeperê*, de *tape pe*, no caminho, *hê*, ou *cê*, sahir, que por euphonia muda o *c* em *r*.

*Çacy-taperê*, quer dizer a *mãe das almas que sahe nos caminhos* ou *nas estradas*.

É o *numem viarum*, de Marcgrave, o *Macacheira* (¹) o espirito dos caminhos do Padre Simão de Vasconcellos.

A corrente sempre crescente que vae levando de adulteração em adulteração o abanêenga, nhêengatu ou lingua geral, transformando pelo elemento estrangeiro todos os vocabulos a ponto de tornar alguns hoje desconhecidos, occasionou uma corruptella que dá lugar a fazer-se um só mytho de tres distinctos.

A interpretação, que dou por mais de um motivo, me parece ser a verdadeira: *Primo*, *Çacy* ou *maty*, sómente pelas estradas, caminhos e ruas exerce seu poderio em todas as provincias; *Secundo*, a sua metamorphose, como o tenho verificado, em todas as provincias é sempre n'um passaro o *Cuculus cayanus* L., ou *Alma de caboclo*, congenere e irmão do C. *cornutus*, segundo a lenda, o *Uirápayé* ou *Tinkuan* do Amazonas ou *Alma de gato* do Sul; *Tertio*, emfim, os costumes, as fórmas, as côres do *Çacy* são as mesmas do *Maty*.

O viver do *Çacy*, occulto entre a folhagem secca, quasi da côr de suas pennas, assim como o seu canto, cujas notas nos illudem e que quasi sempre se ouve pela calada da noite, e raras vezes de dia, produz nas pessoas nervosas, credulas e supersticiosas o mesmo effeito que o da *Suinara* (Strix furcata) e da *Coruja* (Strix clamator).

Conheço-o desde criança e o tenho visto pelas provincias por onde tenho viajado.

Quando criança, com a imaginação cheia dos contos, com que no berço me embalaram, quantas vezes não o tomei por *encantado*, depois de errar pelos campos ou pelas mattas, ouvindo o seu cantar sem nunca poder vel-o, illudido pelas suas notas, que ora me levavam para direita, ora para esquerda, para frente e para traz!

Mas depois quantas vezes tambem, ao erguer a sua crista, soltando de bico levantado as notas que me levariam para longe, não o atirei á meus pés, atravessado pelo chumbo da arma, para o escalpello do taxidermista tirar-lhe o encanto!

Não foi sómente o canto, que parece dizer mesmo: *Çacy-tapererê*, que levou o indio a identifical-o com o *Çacy* anthropomorpho; foi tambem o habito de pousar sobre uma perna, pelo que dizem que o passaro é unipede.

(¹) Baptista Caetano assim interpretou: *mo-cañy ser*, o que gosta de fazer a gente perder-se ou andar erradia.

Não é só no Brazil que esse zygodatilo é tomado como ave de máo agouro e como encarnação de um espirito máo.

No Paraguay e nas Goyanas é conhecido por feiticeiro e nuncio de infelicidades; em Cayenna tem o nome de *Koukou-piayé*.

Castelnau diz:

« Cet oiseau, est regardé, par toutes les tribus indiennes qui s'étendent du « Paraguay á la Guyane, comme étant de mauvais augure, et, dans toutes « leurs langues il se trouve designé par les noms divers qu'elles appliquent au « mauvais esprit. » (1)

Ouvi muitas vezes, no Rio de Janeiro, Minas Geraes e em outras provincias, dizer que á noite, quando o passaro sacode as pennas, sahem fachos luminosos e phosphorescentes, ficando no meio d'elles o seu vulto negro, como se fôra cercado por um resplandor de fogo.

Essa crença estende-se ao Amazonas e muitos affirmam ter presenciado o facto.

Existirá, com effeito essa phosphorescencia, ou será como o cheiro de enxofre que deixa, quando esconjurado, no dizer das velhas mineiras?

O *Maty-taperê*, não é, pois, mais de que o *Çacy*, esse estradeiro que tanto occupa o imaginação do tropeiro e boiadeiro, nos serões do fogo dos ranchos das estradas do sertão, e do tapuyo na rede do teyupar, levando este muitas vezes á loucura (Santarem).

A crença do *Çacy* ou *Kaapora* vulgarisou-se tanto como *porte-malheur*, que o vocabulo introduzio-se na linguagem brazileira, com tanta aceitação, que não ha quem não tenha empregado nas diversas circumstancias da vida.

Como melhor não o faria, aqui transcrevo o que disse o Sr. Conselheiro Beaurepaire Rohan (2) acerca d'esse mytho e de sua influencia.

A *Kaapora* aqui refere-se ao *Çacy* e á sua mãe.

« *Caipora*, s. m. e fem. (Geral). Nome de um ente phantastico, que, « segundo a crendice peculiar a cada região do Brazil, é representado ora « como uma mulher unipede que anda aos saltos, ora como uma criança de « cabeça enorme, ora como um caboclinho encantado. Esses entes habitam as « florestas ermas d'onde sahem á noute a percorrer as estradas. Infeliz d'aquelle « que se encontra cara a cara como a Caipora. N'esse dia tudo lhe sahe « mal, e outro tanto lhe acontecerá nos dias seguintes, emquanto estiver sob « a impressão do terror que lhe causou o fatal encontro. Por extensão dá-se « o nome de Caipora á pessoa cuja presença póde influir de um modo nocivo « em negocios alheios, e tambem é caipora o individuo malfadado, aquelle « que, apezar de sua moralidade, de suas boas intenções e do desejo de

(1) *Histoire du voyage*. II, pag. 482.

(2) *Gazeta Litteraria*, Rio de Janeiro, 13 de Junho de 1884. N.° 14, pag. 281.

« melhorar de posição, se vê constantemente contrariado em suas aspirações :
« Sou muito caipora.»

Da *Kaapora* veio o *Caiporismo*, que B. Rohan, assim tambem define :

« Má sorte, máo fado, infelicidade, estado d'aquelle que é constantemente
« contrariado em suas aspirações: E' tal o meu caiporismo que n'aquella
« emergencia, em que me era tão necessaria a protecção de meus amigos
« achavam-se todos ausentes.»

O Sr. Emilio Allain, afastou-se de toda a crendice brazileira quando fallando do *Kaápora* (1) diz : « est un *géant* velu monté sur un énorme porc « sauvage, et conduisant une troupe d'animaux de la même espèce, qu'il excite « de temps en temps par ses cris. » Nunca ninguem lhe deu as proporções de gigante, antes dizem que é um *anão*.

Pelo que expuz, vê-se que tres mythos differentes, *Korupira*, *Tatacy* e *Çacy* ou *Maty*, têm sido confundidos sob a denominação de Kaapora, nome generico que quadra a toda essa familia mythologica.

Todos habitam o matto, porém a missão de um, o *Korupira*, é proteger as mattas, as roças e a caça ; a do *Çacy* fazer maleficios pelas estradas, e ainda a da *Tatacy* guardar os filhos, que em alguns logares querem que sejam muitos, levando-os ás suas correrias.

A comparação das muitas lendas que tenho ouvido de todas as provincias e estados limitrophes, levou a convencer-me que existem os tres mythos confundidos em um só.

Agora, ainda algumas linhas para concluir.

Muito propositalmente não dei até aqui a interpretação da palavra KORUPIRA, porque quiz familiarisar o benevolo leitor com o typo, para que conhecesse o seu aspecto, os seus costumes e o seu genio, nas differentes provincias, para então abordar a questão etymologica.

Tres traducções se podem dar, porém uma não se harmonisa com a indole dos indios, admittindo-se que a palavra não esteja corrupta.

*Kurupyra*, *kurupira* ou *korupira*, póde ser : o *pelle aspera*, o *sarnento*, o *tinhoso*, o *leproso* ou póde ser *o que vem á roça*, ou *o que jaz no matto*.

Se derivarmos de *kuru* ou *kurub*, sarna, lepra, aspero, e *pyr*, pelle, será o sarnento, se derivarmos de *ko*, roça, *u*, vir e *pira* particula que passiva o verbo, será *o que vem á roça*, entrando o *r* por euphonia, e se derivarmos de *kaa*, mato, *u*, jazer, e *pira*, será o que *jaz* ou *vive no matto*.

A primeira interpretação vae de encontro á tradicção e ás lendas ; por estas poderá ser o *pellado*, o *coxo*, o *pelludo*, o *dentuço*, o *pé torto*, porém nunca o affectado de molestias de pelle.

(1) *Rio de Janeiro, quelques données sur la capitale et sur l'administration du Brésil.* Paris, 1865, pag. 141.

A segunda maneira de traduzir a palavra, penso ser a verdadeira, não só porque vae de accordo com a tradicção, que muitas aventuras conta do mytho pelas roças, como concorda com a maneira de escrever do primeiro mestre da lingua, o Venerando Padre Anchieta, que perpetuou o nome com *o* e não com *u*. O ter-se mudado aquella vogal para esta é facto commum entre nós, tanto que mais facilmente ouvimos pronunciar *curação* do que *coração*.

Posto que a terceira maneira de explicar o sentido da palavra pareça ser a verdadeira, porque mostra o logar em que reside e exerce o seu poderío o genio indiano, comtudo a mudança de *kurupira* para *karupira* repugna a indole da lingua e á nossa phonetica, por não ser commum. Tanto assim é que os indios e os civilisados ainda conservam a palavra *karypira* com que designam outro mytho, sem ter soffrido a mudança do *a* para *o*.

Como depois veremos, o *karipira* é um gavião que *vive n'agua e nas arvores*, sempre á beira rio, pescando, e d'ahi vem o ser a palavra composta de *kaa*, arvore, matto, *y* ou *ig*, agua *e pira*.

# I

## CURUPIRA CAMUNUÇARA IRUMO

### O Corupira e o Caçador

(RIO BRANCO)

Yepé camunuçara u caíma caa pe, arupi u puitá, arupi
Um caçador se perdeu mato no, por lá ficou, lá

u quire, u cêca yepé muirá uaçu uirpe aap u quire.
por dormiu, chegando a uma arvore grande debaixo ahi dormiu.

U cendó u çacema.
Ouviu gritar.

Aé Curupira u tucá muirá sapupema, achihy u çacema
Elle Corupira bateu arvore nas raizes chatas, depois gritou,

iúuire u çacema, u tucá muirá rapupema; iqui iunto aé ana icó.
outra vez gritou, bateu arvore raiz chata; aqui perto elle já está.

Ariri aé cendó iqui iunto, ne aé uana [1] apecatu.
Depois elle ouviu aqui perto, não elle já longe.

Aap u cêca i pêre Curupira, aap u apêca irumo, aap
Ahi chegou elle ter com o Corupira, ahi assentou-se junto, ahi

purunguetá [2] irumo.
conversaram juntos.

— Ah ! ce remiareru, maá taá recó ?
Ah ! meu neto, como que estás ?

— Ah ! ce ramunha, ne mahy catu iunto [3], ineta ahá
Ah ! meu avô, não como bom sómente, você então

mahy taá re çaçaua ?
como que tu passas ?

— Ne mahy, catu iunto.
Não como, assim assim.

---

(1) É a antiga particula *uman* ou *umoan*.

(2) Do verbo *porahú*, cantar, que deram a significação de conversar.

(3) *Catu iunto*, assim assim.

— Ah! ce ramunha! cha caíma cha icó ce roca chichy.
Ah! meu avô! eu perdido eu estou minha casa da.

— Heen! cerá ce miarerú? Ne apecatu ne roca.
Sim! é possivel meu neto? Não (é) longe tua casa.

— Mairamé taá re ure ne roca chihy?
Quando que tu vieste tua casa da?

— Cuicé, ce ramunha.
Hontem, meu avô.

Ariri aitá purunguetá.
Depois elles conversaram.

— Ah, ce remiareru! Ce mbaú cha icó!...
Ah, meu neto! Eu fome eu estou!...

— Iché iuire.
Eu tambem

Achihy, copocó ariri, unhehê iuire:
D'ali d'ahi a pouco, fallou tambem:

— Ah, ce remiareru! Ce iumacê.
Ah, meu neto! Eu estou com fome.

— Iché iuire ce iumacê. Uihy intirain cha imbeú.
Eu tambem eu estou com fome. Hoje não ainda eu comi.

— Ah, ce remiarerú! Cha mahu putare.
Ah, meu neto! Eu comer quero.

— Iché iuire.
Eu tambem.

— Ah, ce remiareru! re meen che arama ne pó cha ú
Ah, meu neto! tu dás mim para tua mão eu comer

arama?
para?

— Aé cúi (1), ce ramunha.
Ahi está meu avô.

U munuca macaco pô, aé uana (2) u meen ichupé, u rure
Cortou (do) macaco a mão, então deu lhe, trouxe

uaá caá chihy nhaan ara caáruca camunuçaua chihy.
mato do aquelle dia tarde caçada da.

U pecêca aé uana u ú.
Pegou elle já comeu.

(1) No Pará dizem: *aicué*, no Solimões *aecoé*

(2) É uma corruptella de *año*, *añu* ou *anhu* e *ana*, só já, isto é: então·

— Ah, ce remiareru! cê ne pô. Cha ú putare
Ah! meu neto gostosa tua mão. Eu comer quero

çuachara.
outra banda.

— Aé cui, ce ramunha.
Ahi está, meu avô.

U pecêca u ú uana.
Pegou comeu já.

— Ah, ce remiareru! cê catu ne pô. Re meen ne pê
Ah, meu neto! gostosa bem tua mão. Tu dás teu pé

cha ú arama.
eu comer para.

— Aé cúi, ce ramunha.
Ahi está, meu avô.

Munuca macaca pê u meen ichupé.
Cortou (do) macaco o pé deu a elle

— Cu çucui, ce ramunha.
Aqui está, meu avô.

Aé uana Curupira pecêca u ú.
Então o Corupira pegou comeu.

— Ah! ce remiareru! Cê ne pê.
Ah! meu neto gostoso teu pé.

— Heen, cerá, ce ramunha?
Ein! é possivel, meu avô?

Achihy u rure iuire i peá.
Depois pediu tambem o seu coração.

— Ah! ce remiareru! Cha u putare ne peá.
Ah! meu neto! Eu quero teu coração.

— Heen! cerá, ce ramunha? Aé cui!
Ein! é possivel, meu avô? Ahi está!

Aé uana i uúca macaca peá u meen ichupé.
Elle já elle tirou (do) macaco o coração, e deu-lhe.

Aé uana Curupira u pecêca macaca peá uana u ú.
Então Corupira pegou (do) macaco o coração já comeu.

Achihy aé i ururé çamunha.
Depois elle delle pediu ao avô.

— Cuíre ichê rain cha ú putare ne peá.
Agora eu ainda eu comer quero teu coração.

Curumu (1) u iururé amu maan ichihy, eana iururé
Como este tambem pediu outra cousa delle, já pediu

Curupira peá.
(do) Corupira o coração.

— Heen, cerá, che miareru? Aé cui ce peá, arami re
Ein! é possivel, meu neto? Ahi está meu coração, então tu

meen ché arama ne quiçé.
dás me para a tua faca.

— Cu çucui ce quicé.
Aqui está minha faca.

Aé uana u pecêca quicé, aé uana i u cutuca, uare u manú.
Então pegou a faca, elle já se feriu, cahiu e morreu.

Aé uana u pêtá aap, aè u çu ana.
Então ficou ahi elle foi-se embora.

— I á murucatu, u manú.
Elle é bem feito, morreu.

Aé uana u çú ana. Ariri çaçaua yepé acayu ariri,
Então foi-se embora. Depois passado um anno depois,

u manduare.
lembrou-se.

Cuíre cha çu rain cha maan Curupira u manú uaá, iuúca
Agora eu vou ainda eu ver o Corupira que morreu que, eu tirar

arama yaquira çanha ce puçanga arama, cuíre iuúca uana
para verdes dentes minha mezinha para, agora tiro já

cha iuúca i caun-era ce ruhiua ranti arama. Aé uana uçú
eu tiro seu osso minha frecha bico para. Logo foi-se

ana. U cêca aap aé uana u acema muritinga i caun-era,
embora. Chegou ahi elle já achou branco delle os ossos,

u çu u iuúca u raçu iê.
foi tirar levou machado.

— Cuíre, u nhehê, iê cha iuùca çanha.
Agora, fallou, machado eu tiro dente.

Aé uana u peteca iè çanha. Aé u paca apêca.
Então bateu machado com dentes. Elle acordou e assentou-se.

I u caima catu apegaua.
Elle assustou-se bem o homem.

(1) Por *coromô*.

— Ah! ce remiareru! Ce ycy cha icó, cha putare y.
Ah! meu neto! Eu sêde eu estou, eu quero agua.

— Heen, cerá?
Ein! deveras?

Aé uana u caruca *chapeua* u pupé.
Então urinou chapeu no.

— Cu çucui, ce ramunha y re u arama.
Aqui está, meu avô, agua tu beberes para.

— Ah! cuêre catu cha paca, ne uana cha icó, ya [1] pu-
Ah! agora bem eu acordei, ti já eu estava nós con-

runguetá, ya icó upé mairamé cha quêre ne chii.
versando, nós estavamos quando eu dormi ti de.

— Mahy taá ce remiareru?
Como que meu neto?

— Ne mahy, ce ramunha.
Não como, meu avô.

— Cuire yá çu ana ce irumo. Maataá re putare, ce
Agora nós vamos já migo com. O que tu queres, meu

meriareru?
neto?

— Taucuó [2].
Não sei.

— Cha meem indé arama u hyiua re iucá arama ne
Eu dou ti para frechar tu matares para tua

remiara.
caça.

---

(1) Uma particularidade, para a qual os philologos devem prestar attenção, é a que tem a lingua geral quanto aos pronomes da primeira pessoa do plural, particularidade essa que a liga a todas as linguas americanas e a affasta de todas as linguas aryanas e semiticas, segundo diz o missionario N. O. nos seus *Etudes philologiques sur quelques langues sauvages*, tratando da lingua algonquina. O *nós* portuguez apresenta uma amphilologia que não se encontra na lingua geral.

Dous vocabulos *yá* e *oró* têm os indios para exprimirem o *nós*; o primeiro inclusivo, emprega-se quando se trata de mim e vós, e o segundo exclusivo, quando se inclue a terceira excluindo a da segunda. Exemplo: *yá iko*, nós estamos (eu e vós), *oró ikó*, nós estamos (eu e elle ou elles).

Os algonquinos servem-se tambem de *ki* no primeiro caso e de *ni* no segundo, como os iroquezes de *onkenonhaa* e *onkionhaa*.

Os *kiriris*, da costa do Brazil, tinham o inclusivo *cua* e o exclusivo *kide*. Este *oró*, com a adulteração da lingua, hoje já é pouco empregado, emquanto que o foi por todos os escriptores antigos e mesmo pelo coronel Faria, autor do *Compendio da lingua brazilica*.

(2) *Inti*, não, *cha*, eu, *cuáo*, sei. Ás vezes diriva-se de *aitá*, elles, *intí*, não e *kuau* sabem e traduz-se por: quem sabe.

— Eré cuté ce ramunha.
Dizes bem, meu avô.

— Arami, yá çu ana.
Então, nós vamos já.

— Yá çu.
Vamos.

Uçu ana caá queté, aap, aé uana a meen uhiua ichupé.
Foram-se mato pelo, ahi, então deu a frecha a elle.

— Cuire, ce meriareru, re ricu uhiua re iucá arama ne
Agora, meu neto, tu tens frecha tu matares para tua

rembiara. Re çú putare aéuana?
caça. Tu ir queres já?

— Cha çu putare.
Eu ir quero.

— Re cuó cerá mamé ne ruca? [1]
Tu sabes deveras onde tua casa?

— Timaan.
Não.

— Arami cha çu ne irumo, cha raçu indé ne ruca
Então eu vou tigo com, eu vou tigo tua casa

queté.
para.

— Eré, ce ramunha. Arami yá çu ana.
Pois bem, meu avô. Então vamos já.

Ucêca aitá oca roaqui.
Chegaram elles casa perto da.

— Cuire, che meriareru, cha çu ana ne chihy, indé
Agora, meu neto, eu vou já ti de, tu

curi mairamé re putare ramé indé re cuó mamé cha icó.
logo quando tu quizeres tu sabes onde eu estou.

Mairamé re putare ramé içu ce pêre. Eré, cha çu rain. Cuaá
Quando tu quizeres quando vae migo ter com. Bem, eu vou ainda. D'esta

uhiua indé nhu re cuó, cuaá uhiua i cêuara tenhen re cêca
frecha tu só sabes, esta frecha della geito não chegues

oca pêpe i tenhen re umbeó auá cupé, ne remirecó çupé.
casa em d'ella não contes ninguem á, tua mulher a.

---

(1) Em vez de *roca*.

Indé nhu re cuó re uicá ne rembiara irumo. Cuaá ihiua boia
Tu só sabes matar tua caça com. Esta frecha cobra

çurucucu re iucá rami re embiara, inti uirapara irumo yaué
surucucú tu matares quando tua caça, não arco com assim

iunto yá yapê. Chambeú indé arama re cuó uarama curumúto
só jogar. Eu conto ti a tu saberes para afim de que

u yuêre ne chihy. Eré, cha çu rain.
não volte ti de. Bem, eu vou ainda.

— Eré, ce ramunha. Aé cúi curi mairamé cha çu cha uatá
Pois bem, meu avô. D'aqui em diante eu vou passear

ne cuire.
ti agora.

— Eré, ce meriarerú, iché aap tenhé cha icó.
Pois bem, meu neto, eu ahi sempre eu estou.

Ariri u puitá marupiara camunuçara. U iucá retê, amu
Depois d'isso ficou venturoso caçador. Matava muito, outros

itá inti u iucá. Upáin itá intio u cuó mahy u iucá membiara.
não matavam. Todos não sabiam como matava a caça.

Aitá unhehi :
Elles fallavam :

— Maa taá coité! (¹) U iucá uirá, uicá çoó, maa taá
O que então! Mata passaro, mata animaes, porque.

coité yandé inti yá iucá?
então nós não matamos?

— Taucuó! yandé yá çu caá quité, yá camunu inti
Não sei! nós vamos mato para, caçarmos não

yá iucá, aé u çu curutem iure inti rain yá çáru re cêca.
matamos, elle vae depressa volta não ainda (²) esperamos chega.

Amu etá unhehi:
Outros fallaram :

— Maa taá coité ipó? Arami yá çu yá maiana mahy
O que então póde ser? Então vamos nós espiar como

u iucá ce miara.
mata a caça.

— Yá çu yá mundó mucoin curumi maiana aé uana.
Vamos nós mandarmos dous meninos espiar elle já.

---

(¹) No Solimões dizem *cuté*.

(²) Nem se quer.

— Yá çu.
Vamos.

Aé uana aitá u çu u maiana. Aetá u çu ana sacapira
Logo elles foram espiar. Elles foram já atraz

aé u çu ramé caá pepe. Aitá u maiana iumime aitá
d'elles foi quando mato no. Elles espiaram escondidos elles

u çu ana, aetá u maan u uhiua inúca muirá racanga upé
foram elles viram d'elle frecha tirar arvore galho no

iuaté, aé uana u çu aetá u maiana mamé u iucá uhiua.
de cima, logo foram elles espiar onde matava frecha.

— Cuire yá maiana mamé u icó çó ihiua. Cuire çupi
Agora nós espiamos onde estava a frecha. Agora verdade

yá maan aé uana.
nós vimos ella já.

Aitá maiana cecé. Aé uana u ucemo uirá u euêo,
Elles espiaram elle. Então chamou passaro voando,

u yapi uhiua sacacuera, ariri u maan uana aé u çu maan
jogou frecha em seguida, depois viram logo elle ir ver

u acema uirá u iui pe u manu ana, u uhiua ço aqui.
achar passaro chão no morto já, frecha perto da.

— Iaué cerá? U iucá che miara, auire u acuau ana.
Assim é possivel? Matar caça, agora sabemos.

Aitá u iuire.
Elles voltaram.

— Oirandé yá iure yá maan yá çaan u arama ço
Amanhã viremos nós ver experimentar para d'elle

ihiua mahy u iucá che miara.
frecha como mata caça.

Coema aetá u çu aap. Aitá u acema uhiua. Aé uana
Demanhã elles foram lá. Elles acharam a frecha. Logo

aitá u iuúca ihiua, aé uana aetá u çaam uirá recé, aitá
elles tiraram a frecha, logo elles experimentaram passaro no, elles

u acema uirá euêo, aitá u iapy, u euêo uhiua u iuire cecé
acharam passaro voando, elles atiraram, voou a frecha voltou para elle

u iumu cecé, u are catu, aé uana u manu nhaan curumi.
frechou n'elle, cahiu bem, logo morreu aquelle menino.

Amu curumi u iuire u umbeú: «ce rumuara u manõ.»
Outro menino voltou e contou: «meu companheiro morreu.»

— Maa chihy taá u manõ?
Como elle que morreu?

— Boia u çuú.
Cobra mordeu.

— Yá çu yá maan.
Vamos nós vêr.

Aitá u çu i piama, aitá u rure teaun-éra.
Elles foram elle buscar, elles trouxeram o cadaver.

Uhuia iara u çú u maan i uhiua u çu arama camunu,
(da) Frecha o dono foi vêr sua frecha ir para caçar,

u cêca aap inti ana u acema i ihiua.
chegou lá não já achou sua frecha.

— Maa queté taá ce rihiua u caíma? Uiuire aé uana
Onde para que minha frecha perdeu-se? Voltou ella já

ipó iara pêre. Cuire çupi, inti ana cha ricó ce rihiua,
talvez o dono a ter com. Agora sim, não já eu tenho minha frecha,

tenupá ana u caíma. Ipó aitá u acêma, areré u iuire ana.
deixei já perder-se. Talvez elles achassem, depois d'isso voltou.

Ipó ihiua Curupira pêre u iuire.
Talvez a frecha o Corupira ter com voltasse.

Ne copocó ariri uana aé cuáo aitá u acema ce rihiua, aitá
Não tardou depois logo elle soube elles acharam a frecha, elles

u çaan, ariri boia u çuú aitá, ariré u manõ, ariri u iuire
experimentaram, depois cobra mordeu elles, depois morreu, depois voltou o

Curupira pêre.
Corupira ter com.

— Yá murucatu! Taá mundó u ihiua u iuaquê? U maeté
Nós bem feito! Quem mandou frecha bolir? Pensaram

ihiua te iunto mairamé u icó yepé boia. Iaué mu caíma ce
frecha a tôa quando era uma cobra. Assim fez perder-se minha

rihiua, cuire inti ana u iuire ichihy arama.
frecha, agora nunca mais volta mim para.

Ariri curumi u çu ana amu retama queté, u iauao
Depois d'isso o menino foi-se embora outra terra para, fugiram

amu etá i anama, u terêca paua qui chihy aetá cequiê recê.
os outros parentes, mudaram-se todos d'ahi elles terem medo por.

---

## TRADUCÇÃO LITTERAL DA LENDA ANTECEDENTE

### O Corupira e o Caçador

Um caçador perdeu-se no matto e lá ficou. Chegando debaixo de uma grande arvore, dormio [1].

Ouvio gritar. O Corupira bateu nas sapopemas [2] das arvores e gritou; tornou a gritar cada vez mais perto. Depois ouvio gritar ainda mais perto, já junto a si. Chegou o Corupira junto d'elle, assentou-se e começou a conversar.

— Como estás, meu neto? — Sempre bom, meu avô e como você passa? — Sempre bem tambem. — Ah! meu avô! Eu perdi-me de casa. — É possivel, meu neto? Tua casa não é longe. Quando vieste de casa? — Hontem, meu avô.

Continuaram a conversar.

— Ah! meu neto! Eu estou com fome. — Eu tambem tenho fome. Nada comi ainda hoje. — Meu neto, eu quero comer. — Eu tambem. — Meu neto, tu me dás a tua mão para eu comer! — Aqui está, meu avô.

Cortou a mão de um macaco, que tinha trazido da caça da tarde d'aquelle dia, e lh'a deu. Pegou n'ella e comeu.

— Meu neto, a tua mão é gostosa, eu quero comer a outra. — Aqui está, meu avô.

Pegou e comeu logo.

— Ah! meu neto! É bem gostosa a tua mão. Tu me dás tambem teu pé para eu comer? — Aqui está, meu avô.

Cortou o pé do macaco e lh'o deu.

Ahi está, meu avô.

Logo o Corupira pegou n'elle e comeu.

— Ah! meu neto! É gostoso o teu pé! É possivel isso, meu avô?

Depois pedio-lhe tambem o coração.

— Ah! meu neto! Eu quero tambem o teu coração. —Deveras, meu avô? Aqui está.

Tirou logo o coração do macaco e lhe deu.

O Corupira pegou e comeu logo o coração do macaco. Depois elle pedio o coração do avô.

---

(1) Por esta traducção, quasi ao pé da letra, o leitor verá mais ou menos o modo de fallar dos nossos tapuyos e como elles torneam a sua phrase, quando civilisados, e se exprimem em portuguez.

(2) É um dos nomes indigenas introduzidos na lingua brazileira significando as grandes *raizes chatas* que sahem dos troncos das arvores.

— Agora eu tambem quero o teu coração.

Antes que o Corupira lhe pedisse outra cousa, pedio-lhe o coração.

— É possivel, meu neto? Então dá-me a tua faca.

— Aqui está a minha faca.

Tomou immediatamente a faca, ferio-se, cahiu e morreu. Ahi ficou e elle foi-se embora.

— É bem feito que morresse.

Foi-se logo embora. Passado um anno lembrou se.

— Vou agora vêr o Corupira que morreu, para lhe tirar os dentes verdes para remedio; já deve estar podre, vou lhe tirar os ossos para bico de frechas. Foi-se logo embora. Chegando ahi achou os ossos já brancos, e foi tiral-os com o machado que levou.

— Agora, com o machado, eu tiro os dentes.

Bateu logo com o machado nos dentes. Elle ressuscitou e assentou-se. O homem assustou-se bem.

— Ah! meu neto! Estou com sêde, quero agua. — Deveras?

Urinou logo no chapéo.

— Aqui está agua para você, meu avô. — Acordei agora bom, mas não sei em que ponto estavamos quando dormi. O que era, meu neto?

— Não sei. — Agora vamos, meu neto. O que queres tu, meu neto? — Não sei. — Eu te dou uma frecha para tu matares caça. — Dizes bem, meu avô. — Então vamos. — Vamos. Foram para o matto e ahi elle deu a frecha.

— Agora já tens uma frecha para caçar; queres ir te embora? — Quero ir. — Sabes, por ventura, onde é a tua casa? — Não. — Então eu vou comtigo para tua casa.

— Bem, meu avô, então vamos.

Chegaram perto de casa.

— Agora, meu neto, eu vou me embora e te deixo. Quando tu quizeres, já sabes onde eu estou. Quando quizeres vai ter comigo. Sabes? adeus! D'esta frecha só tu sabes o geito, não a leves para casa, não contes a ninguem, nem á tua mulher. Só tu sabes caçar com ella. Esta frecha é uma cobra surucucú; para matar a caça não precisa arco, basta jogal-a. Eu conto para tu saberes que ella te deixará. Bem, adeus!

— Adeus, meu avô! Agora quando eu fôr passear irei ter comtigo. — Bem, meu neto, eu estou sempre ahi.

Depois ficou um caçador feliz; matava muito, emquanto que os outros não. Ninguem sabia como elle caçava. Diziam:

— Como é isso? Elle mata passaro, mata caça; [1] como nós então não

(1) Caça por quadrupedes.

matamos? — Não sei. — Nós vamos para o matto, caçamos e não matamos; elle vai e depressa chega, quando menos se espera.

Outros diziam:

— O que será então? Vamos então vigiar como elle mata a caça.— Vamos mandar dous meninos vigiar. — Vamos.

Foram logo vigiar. Quando elle foi para o matto foram atraz. Foram escondidos vigiar, viram tirar a sua frecha do galho da arvore e logo foram vigiar como elle matava com a frecha.

— Já vimos onde estava a frecha, com certeza já vimos.

Vigiaram-no. Achou logo um passaro voando. Viram depois atirar atraz a frecha e ir ver o passaro que estava morto no chão com a frecha ao pé.

— E' assim! Já sabemos agora como elle mata caça.

Voltaram:

— Amanhã viremos para experimentar a sua frecha e ver como elle mata caça.

De manhã foram lá. Acharam a frecha; tiraram-a; experimentaram logo n'um passaro que estava voando; atiraram; a frecha voou e voltou frechando um d'elles, que chegou a cahir, morrendo logo o menino. O outro voltou e contou: « Morreu meu companheiro. »

— De que morreu? — Mordido pela cobra. — Vamos ver.

Foram — o buscar e trouxeram o cadaver.

O dono da frecha foi buscal-a para ir á caça, mas chegando não a achou mais.

— Por onde perdeu-se minha frecha? Voltou talvez a ter com o seu dono. Agora sim, não tenho mais minha frecha! que se perca! Talvez elles a achassem; por isso já ella voltou. Talvez a frecha voltasse e fosse ter com o Corupira.

Não tardou em saber que acharam a sua frecha; que a experimentaram; que o menino foi mordido pela cobra, que morreu e que por isso ella foi ter com o Corupira.

— Foi bem feito! quem mandou bulir n'ella? Pensavam que era uma frecha atoa, quando era uma cobra. Assim fizeram perder-se a minha frecha, que não volta mais para mim.

Por isso o menino foi-se embora para outra terra, e fugio com os outros parentes, que por terem medo se mudaram d'esse logar.

## II

## CURUPIRA CAAMUNUÇARA IRUMO

### O Corupira e o Caçador

(RIO SOLIMÕES)

Yepé apegaua, paá, u çu u camumu. U caima caâ pe,
Um homem, contam, foi caçar. Perdeu-se matto no

petuna irumo u iumundé muirá uaçu uirpe. Petuna pucu
noite de metteu-se arvore grande debaixo. Noite alta

ramé a cenôe, paá, Curupira u aê:
quando ouvio, contam, o Corupira dizer:

— Mira, piché, piché!...
Gente murrinha, murrinha! (Aqui cheira a gente.)

Apegaua u çoachara:
O homem respondeu:

— Iché ricó, paê.
Eu sou, pae.

Aramé ana, paá, Curupira u iquê i pêre, u aé in (1)
Depois já, contam, o Corupira entrou elle ter com, disse,

paâ, chupé:
contam, lhe:

— Ah! ce raira, re meen cha ú putare ne pó.
Ah! meu filho, tu dás eu comer quero tua mão.

Aé uana, paâ, apegaua u munuca macaca pô.
Logo, dizem, o homem cortou (do) macaco mão.

Curupira u ú. U aé in (1) iuêre:
O Curupira comeu-a. Disse tambem:

— Re munuca amu çuachara ne pó cha ú putare iuêre.
Tu cortas outra banda tua mão eu comer quero tambem.

U ú paua riré i pó u nheen iuêre ichupé:
Comer acabou depois d'elle mão disse tambem a elle:

---

(1) No baixo Rio Negro, no preterito perfeito do indicativo, dizem: *Cha in; re in, aé in.*

— I rure cha ú ne peá.
Traz eu comer teu coração.

Ariri apegaua u meen macaca u peâ. Curupira u ú.
Depois o homem deu (do) macaco o coração. O Corupira comer.

Aramé uana apegaua u iin Curupira çupé:
Quando já o homem disse Corupira ao:

— Ce ramonha! re meen iuêre cha ú arama ne peá?...
Meu avô tu has tambem eu comer para teu coração?

— Irure cuté ne quicé.
Traz então tua faca.

Aé uana apegaua o meen ichupé arama quicé. U munéo
Elle já homem deu elle para a faca. Metteu

i peá pupé, uare u manu uana.
seu coração no cahiu morreu já.

U çaçao ariri muere yacy apegaua o manduare Corupira
Passados depois alguns mezes o homem lembrou-se Corupira

recé nheen paâ.
do disse, contam.

— Cha çu rain cha iuûca Curupira ranha, ce raira puira
Vou ainda eu tirar Corupira os dentes minha filha contas

arama.
para.

Aé uana, paá, o pecêca iir (1) U cêca Curupira recé,
Elle logo, contam, pegou machado. Chegou Corupira no

o maan, paá, çui quire iunto çanha. Aé uana apegaua
olhou, dizem, azul quasi dente. Elle já homem

o petêca iir irumo çanha recé. Aramé uana, paá, Corupira
bateu machado com dentes nos. Então logo, contam, Corupira

u poca.
accordou.

— Ah! ce raira! Cuêre cha cuao re çaiçu reté iché.
Ah! meu filho! Agora eu sei tu queres bem muito a mim.

Aé in, paá: « Eré ».
Disse, contam: « E' verdade ».

— Mahy re çaiçu iché cuêre cha meen iné arama yepé
Como tu queres bem a mim agora eu dou você para um

(1) Pronuncia-se no Solimões: — *iir*.

muirapara, yepé ihua. Ma re putare ramé re iururé cuaá
arco uma frecha. O que tu quizeres tu peças esta

ihua çupé.
frecha á.

Re iumu ti iunto iaiteua queté aé curi u pececa
Frechas não (sem) destino cerrado para ella logo apanha

chemiara. Tenhê curi re iumu cuáo uirá etá cetá uaá,
minha caça. Não has de frechar estes passaros bastante que, de bando,

curumu teé curi aitá uiucá iné.
pode acontecer elles matem você.

Ariri, paá, apegaua u çu ana. Ara yaué putare
Depois d'isso, contam, o homem foi-se embora. Sempre queria

u ramé u çu u camunu. Maarupiara ara yaué. Yepé y,
quando ia caça. Venturoso diariamente. Uma vez,

paá, ceçarai u iumu Aracuan (1) recé. Aé ana aitá u are
dizem, esqueceu-se, frechou Aracuan no. Logo elles cahiram

i arapè, u muçaçaca paua çoôcuera. Aramè u manu ana.
elle sobre, despedaçaram toda carne. Então, morreu jà.

Aramè, paâ, Curupira u ceca i pére. Aê ana, paá
Então, contam, o Corupira chegou elle ter com. Logo, contam

Curupira o pecêca iraiti u muacó tatá opé, u muiare paua
o Corupira apanhou cêra aquentou fogo no e unio toda

çoôcuera. Curupira, paá, o nheen ichupé :
carne. O Corupira, contam, disse lhe :

— Cuere tenhê re ú maan çacu uaá.
— Agora não tu comas cousa quente que.

Apegaua, paá, ara yaué u camunu. Yepé ara, paá,
O homem, dizem, diariamente assim caçava. Um dia, dizem,

ceçarai, aé ana, che miricó u meen ichupé tacacá (2) çacu uaá.
esqueceu-se elle já, a mulher deu lhe papa quente que.

Aape nhunto ana, paá, o iutecó.
Ahi sómente já dizem, derreteu-se.

---

(1) É passaro que anda em bandos.

(2) Gomma feita de polvilho (tapioca) de mandioca, que se come como papas ou mingáo.

## TRADUCÇÃO LITTERAL DA LENDA ANTECEDENTE

Contam que um homem foi caçar. Perdeu-se no matto e já noute metteu-se debaixo de uma grande arvore. Já tarde ouvio o Corupira dizer: — Aqui cheira a gente. O homem respondeu: — Sou eu, pae. Dizem que depois o Corupira entrou, foi ter com elle e disse-lhe: — Ah! meu filho! Dá-me a tua mão que eu quero comer.

Dizem que o homem cortou a mão do macaco, que o Corupira comeu, e tornou a dizer: — Corta tambem a outra banda da tua mão que eu quero comer.

Depois que acabou de comer a mão, disse-lhe tambem: — Dá-me o teu coração para eu comer.

O homem deu depois o coração do macaco. O Corupira comeu. O homem então disse logo ao Corupira:

— Pae! Dá-me tambem o teu coração para eu comer.

— Me dá, então, a tua faca.

O homem deu-lhe logo a faca. Metteu-a no coração, cahio logo e logo morreu.

Depois de passados alguns mezes, lembrou-se o homem do Corupira, e dizem que dissera:

— Vou ainda tirar os dentes do Corupira para contas de minha filha.

Dizem que pegou logo no machado e chegando ao Corupira, olhou, e dizem que estavam os dentes quasi azues.

O homem bateu logo como machado nos dentes. O Corupira então acordou.

— Ah! meu filho! agora eu sei que tu me queres bem.

Dizem que elle dissera: « E' verdade ».

Como tu me queres bem, agora eu vou te dar um arco e uma frecha. Quanto tu quizeres pedirás a essa frecha Frecha para o cerrado sem destino, que ella ha pegar a preza, mas tu não frecharás passaros de bando, porque póde acontecer que elles te matem.

Depois, o homem foi-se embora. Sempre que queria ia caçar, e diariamente era feliz.

Dizem que uma vez esqueceu-se e frechou o Aracuan (1), e que logo os companheiros cahiram sobre elle e despedaçaram-lhe as carnes. Morreu.

Depois, então o Corupira foi ter com elle, que aquentou cêra no fogo e com ella unio as carnes.

Dizem que o Corupira dissera-lhe: — « Agora não comas cousas quentes. » O homem caçava todos os dias. Um dia esquecendo-se, dando-lhe a mulher tacacá (2) quente, tomou e derreteu-se logo.

(1) É um grallipede que anda sempre aos bandos, a *Penelope Aracuan* Spix, que não se deve confundir com a *ortalida canicolles* de Natterer, que tem o mesmo nome.

(2) Gomma feita de polvilho de mandioca, que se toma como mingáo.

# III

## CURUPIRA PANEMA IRUMO

**O Curupira infeliz com (e o)**

RIO NEGRO

Yepé apegaua menaçara u ricó che miricó taira. Aé, paá,
Um homem casado tinha mulher e filhos. Elle, dizem,

u çu camunu nemaan u iucá, u çú paraná ne nemaan u iucá,
ia caçar nada matava; ia rio ao nada matava,

arecé chemiricó peaíua cecê.
por isso a mulher zangava-se com elle.

Yepé ara u çu caá quetê camunu u caíma caa pe, arupi
Um dia foi matto para caçar e perdeu-se matto no, por lá

u quire. Petuna pucu u cêca i pêre Curupira
dormio. Noite comprida (alta noute) chegou elle ter com o Corupira

u cema u quire icú. U cenoe aé.
achou dormir estava. Chamou-o.

— Oh! ce cunhambyra! [1]
— Oh! meu sobrinho!

Aé u poca.
Elle acordou.

— Oh! ce ramunha! maa tahé?
— Oh! meu avô! O que é?

— Mahy taá re quire ricó?
— Como que tu dormindo estás?

Aé uana aitá u purunguetá.
Logo elles conversaram.

— Ah! ce cunhambyra! Maa recé taá çaua ne acanga
— Ah! meu sobrinho! Porque razão que cabellos tua cabeça

inti ricu?
não tem?

---

(1) No Amazonas dizem « Cunhamuera ».

— Cha puçanu recé arama.
— Eu curar por para.

— Heen! cerá? Mahy taá re puçanu?
— Ein! deveras? Como que tu curas?

— Inti iuaça, ce ramunha, cha piruca care cuchiyma,
— Não custa, meu avô, eu pellar mandei antigamente,

ariri cha munhaçuca quêînha irumo, arecé çaua ce
depois d'isso eu lavei pimenta com, depois cabellos minha

acanga.
cabeça.

— Heen, cerá? Arami cha putare yaué re munhan iche
— Ein! deveras? Então eu quero assim tu faças mim

arama, çaua arama ce acanga.
a, cabello para minha cabeça.

— Heen, cerá, ce ramunha? Arami yá çu yá munhan
— Ein, deveras, meu avô? Então vamos nós fazer

yá nhahy. (1)
nós assim.

— Erê, ce cunhambyra. Arami re pirura ce acanga
— Assim seja meu sobrinho. Então pella minha cabeça

re puçanu arama.
tu curares para.

Ae uana, paá, nhaan apegaua u piruca (2) Curupira
Elle fogo, contam, aquelle homem pellou do Corupira

acanga; ariri munhaçuca quêînha irumo.
cabeça, depois lavou pimenta com.

Aé uana, paá, Curupira i acanga aiua, quêînha raceçaua
Elle fogo, dizem, Corupira elle enlouqueceu, pimenta ardume

irumo. Aé uana u nhana caa rupi, u çu ana. Nhaan
com. Elle já correu matto pelo, e foi-se embora. Aquelle

apegaua u iuêre, u çu ana çoca quetê u cequiê çaua.
homem voltou, foi-se logo casa para medroso.

---

(1) Por *yaué*.

(2) No sul do Imperio dão o nome de *piruka*, ás cabelleiras postiças. *Piroka* ou *piruca* (pelladas) são as cabeças que precisam de cabelleiras postiças. A *piruka* terá essa origem ou virá da *perruque*, franceza? Moraes no seu Diccionario dá como originada de *periwig*, inglez. No Rio dão o nome de *piroka* ao membro das crianças do sexo masculino.

U ceca che miricó pêre. Chemiricó u maan cecé, aé uana
Chegou a mulher ter com. A mulher vendo o, elle já

aé in ichupe.
disse lhe.

— Maa re iure u piama, panema uassu?
— O que tu vieste buscar, desgraçado?

— Cha iure cha maan ce raira mahy aitá icó.
— Eu venho vêr meus filhos como elles estão.

— Maá arama re putare ne raira etá? Maa çu cui re
— Para que tu queres teus filhos? Onde está tu

rure ne remiara ne raira etá ú arama? Cuçucui aitá
trouxeste tua caça tens filhos comer para? Aqui estão elles

u iachió ara pucuçaua yumacê recê.
chorando dia todo fome de.

— Arami cha yuêre, cha çu ana caá queté.
— Então eu volto, eu vou-me embora matto para.

Cupocó, ariri uana u çu ana caá queté.
Demorou, depois já foi-se embora matto para.

— Cha çu ana caá queté inti rain cha caíma cha iucuao
— Eu vou já matto para não ainda me perder eu appareço

qui queté.
cá por.

Aé uana, paá, u çu ana caá rupi, uatá caá rupi
Elle já, contam, foi-se embora matto pelo, andou matto pelo

cupocó ariri ana ne yá cuáo muêre ara icó caá rupi.
demorou depois já não sabemos quantos dias estava matto no.

Achihy ariri ana u iuanti Curupira irumo, nhaan u piruca
Disso depois já encontrou o Corupira com, aquelle pellou

uaá i acanga, Uceca çoaqui u aé in:
que delle cabeça. Chegou perto e disse:

— Oh! ce cunhambyra!
— Oh! meu sobrinho!

— Oh! ce ramunha!
— Oh! meu avô!

— Maa taa re caçau? Indé ipó re piruca uaá ce
— Como que tu passas? Você talvez tu pellaste que minha

acanga?
cabeça?

— Inti iché, amu, tenhen ae u manu ana aicuó mime
— Não eu, outro, não elle morreu já ahi está lá

i caun-era cuéra.
seus ossos que foi.

— Heen, cerá, ce cunhambyra? Arami u çu ce irumo
— Ein, deveras, meu sobrinho? Então vem migo com

re mu cameen.
tu mostrar.

— Yá çu.
— Vamos.

Aé uana aitá u çu; u ceca aape i caun-era aitá
Elle logo elles foram; chegaram lá delle ossos elles

u acema. Aé uana Curupira u pecêca, u matêre, mucorohy.
acharam. Logo o Corupira pegou, ajuntou, e esmigalhou.

— Cuire cha iupêca uana. Aé uana u aé in ichupé:
— Agora eu vinguei-me já. Elle logo disse lhe:

— Ce cunhambyra, yá çu ce irumo ce çoca queté.
— Meu sobrinho, vamos migo com minha casa para.

Aé uana, paá, aitá u çu ana, u cêca çoca opé. Aé
Logo, contam, elles foram, chegaram casa na. Elle

Curupira u iqui tenondé aé u puitá, u poama ocarpe.
Corupira entrou adiante, elle ficou de pé fóra.

Curupira u aé in ichupé:
O Corupira disse lhe:

— Ce cunhambyra! Re u iqui, tenhen recéquiê.
— Meu sobrinho! Entra, não tenhas medo.

Aé uena apegaua u maan oca pequeté, u maan boia etá
Elle logo homem olhou casa para dentro, vio cobras

mucema iunto icó yápocó.
fazendo sahir só ter linguas (pondo as linguas de fóra).

Nhaan apegaua u cequié inti u apeca putare.
Aquelle homem de medo não assentar-se quiz.

— Re u apeca, ce cunhambyra.
— Assenta-te, meu sobrinho.

Curupira u aé in boia çupé:
O Corupira disse cobras as:

— Tenhen pe çuú, ce cunhambΛra.
— Não vocês mordam meu sobrinho.

Aé uana u iqui.
Elle logo entrou.

— Re apêca.
— Assenta-te.

Aé uana u apêca cequiéçaua irumo.
Elle logo assentou-se medo com.

— Cuire, ce cunhambyra, maá taá re putare?
— Agora, meu sobrinho, o que que tu queres?

— Taucuó. Cha u iuire putare ce roca queté, cha
— Não sei. eu voltar quero minha casa para, eu

putare, ce ramunha u meen iche arama cha iucá arama
quero meu avô dês me para eu matar á

ce remiara cha raçu arama ce raira etá u arama, arecé
minha caça eu levar para meus filhos para, por isso

chemiricó maramunhan ce irumo inti rami cha raçu, arecé
minha mulher briga migo com não quando eu levar, por isso

chemiricó pealua ce recé.
minha mulher zanga-se mim por.

— Heen, cerá! Cuire cha meen indé arama maá re
— Ein, deveras! Agora eu dou você para o que tu

putare uaá. Arami yá çu ana.
queres que. Então vamos já.

Aé uana aitá u çu ana, u pececa tupaçama u meen
Elle logo elles foram, pegou corda deu

cunhambyra çupé.
sobrinho ao.

— Cuçucui cuaá tupaçama re raçu indé arama, cuaá
— Aqui está esta corda tu levares vocês para, esta

irumo re iucá arama ne remiara.
com tu matares a tua caça.

Aitá u çu caá rupi, aitá u acema uirá aitá. Aé
Elles foram matto pelo, elles acharam passaros, Elle

Curupira u raçu mocoin ço ihiua irumo, u iumu uirá
Corupira levou duas frechas comsigo, frechou passaro

u meen cunhambyra çupé. Ariri aitá u acema taiaçu etá.
deu sobrinho ao. Depois elles acharam porcos.

— Cuire, cunhambyra, re putare taiaçu?
— Agora, sobrinho, tu queres porco?

— Cha putare, ce ramunha.
— Eu quero, meu avô.

— Arami cha çu cha pececa indé arama.
— Então eu vou pegar ti para.

Aé ana, paá, Curupira, u çu u pececa taiaçu reeira.
Elle logo, dizem, o Corupira, foi pegou porco bando.

U pececa, paá, u matere, u pucuara iapoan u mu quitanga (1)
Pegou dizem, ajuntou, amarrou bola deu nó

urure u meen ichupé.
trouxe deu a elle.

— Cu çucui, ce cunhambyra, re raçu arama ne roca
— Aqui está, meu sobrinho, levares para tua casa

queté ne remiricó pere. Re maan catu iunto re iuraua rami.
para tua mulher mais. Toma cuidado bom só desmanchar quando.

Re ceca ne roca opé re munhan caiçara (2) catu, upaua aramé
Chegando tua casa á faz curral bom, acabar quando

rami iuraua uarama caiçara coara opé re iucá uarama aitá.
então desmanchar para curral dentro matares para elles

Re maan curi, nhaaru, moçoù indé. Re cenôi ne remiricó amu
Olha, bravos, mordem te. Chama tua mulher e os

etá ne anama, u icò uaá ne roaqui, iucá arama taiaçu.
outros parentes, estão que ti perto, matar para porco.

Aé uana nhaan apegaua u çu ana, u ceca çoca apé che-
Elle logo aquelle homem foi-se embora, chegou casa em mu-

miricó pere; che miricó maan cecé.
lher ter com; mulher olhou nelle.

— Maá taá cuá ure piama?
= O que que este vem buscar?

— Timaan, che miricó. Cuçucui uana, che remiara.
= Nada, minha mulher. Aqui está já, minha mulher.

— Aé uana nhaan apegua aé in: « cuire yá çù yá munhan
Elle logo aquelle homem disse: « agora vamos fazer

caiçara, yá munuca muirá ce irumo.
curral nós cortar páo migo com.

---

(1) Por *quytan* ou *kytã*.

(2) O curral para gado chamam *kaiçara*, que se estendeu tambem aos cercados que faziam para prender os gentios na época dos resgates, ou quando os *apenavam*. Empregava-se este verbo tambem com a significação de agarrar indios para o serviço real.

— Maá arama taá re putare caiçara?
O que para que tu queres curral?

— Cu çucui cha rure taiaçu reeia yá iucá arama caiçara
Aqui está eu trouxe porco bando matarmos para curral

opé, inti arama iauáo.
no, não para fugirem.

— Çupi será indé?
Certo disso você?

— Çupi, ra cuté! Inti cha ganane indé. Arami cha u muçarai
Certo, então! Não. eu engano você. Então eu brincando

indé?
você?

— Cha maan putare.
Eu vêr quero.

— Re maan curi té ne acaima, cuirimbaua curi indé.
Olha não te percas, valente (na occasião) você.

Aé uana aitá munhan caiçara, aitá mumbaua aé uana aé in:
Elle logo elles fizeram curral, elles acabaram elle logo disse:

— Cuire yá çu yá iucá yané remiú yá mocaen uarama.
Agora vamos matar nossa comida, moquearmos para.

Aé uana u çu, u cenôi i anama aitá. Aé uana aitá ure
Elle logo foi, chamou seus parentes. Elle logo elles vieram

miraçanga irumo upáin aitá.
cacete com todos elles.

— Cuire yá çu yá iucá. Pe maan curi uçuú penhen.
Agora vamos matar. Olhem mordem vocês.

— Aé uana: ma çucui taiaçu? Ne maan. Mamé taá icó?
Então onde está porco? Nada. Onde que está?

Aé uana u raçu caiçara piterpe, aé una u iuraua, u cequei
Elle logo levou curral meio no, logo desmanchou, puchou

tupaçama racapêra.
corda ponta da.

Aé una, paá, taiaçu yá huaité catú, nhaaru aé
Logo, dizem, porco sujo verdadeiramente (mettia medo) bem bravos elle

uana aitá iupire, amu u pore ocara queté u cequeiéçaua. Aé
já elles subiram, outro pulou fóra para de medo. Elle

uana, aé apegaua u çacema:
logo elle homem gritou:

— Re catu che anama etá ti pecequeié, te iucá te i arama.
Venham meus parentes não se intimidem, matem vocês para.

Ae uana u çu iucá inti aitá umbaua, u petá rain.
Elle já foi matar não elles acabaram, ficaram, ainda.

— Pe maan uana, maan cha umbeó pe arama, cuire pe ruiare ana.
Vocês vejam já, vejam eu contava vocês para, agora vocês acreditam já.

— Ae uana, u çu ana aitá, aitá u raçu ana aitá re miara.
Elle logo, foram elles, elles levaram elles caça.

Achihy paá, çuré u puitá i mena irumo. Ae uana yaué aitá u puitá catu uana, inti ana maramunhan irumo, catu ana u ricó aé.
Depois disso contam, alegre ficou seu marido com. Elle já assim elles ficaram bem já, não já brigava com, bôa já estava elle.

---

## TRADUCÇÃO LITTERAL DA LENDA ANTECEDENTE

Contam que um homem casado, com filhos, quando ia caçar e pescar nada matava e por isso a mulher se zangava com elle. Um dia foi ao matto caçar e perdeu-se. Alta noite, foi ter com elle o Corupira e o achou dormindo. Chamou-o:

— Oh! meu sobrinho!

Accordou.

— Oh! meu avô!... o que é?

— Então estás dormindo?

Começaram a conversar.

— Ah! meu sobrinho... porque tens cabellos na cabeça?

— Por me ter curado.

— Ein! Devéras? Como te curaste?

— Não custa, meu avô. Mandei outr'ora pellar minha cabeça; depois lavei-a com pimentas; depois me vieram os cabellos.

— Ein! Devéras? Então eu quero que me faças a mesma couza para ter cabellos na minha cabeça.

— Devéras, meu avô? Então vamos fazer o mesmo.

— Então pélla minha cabeça para tu curares.

Contam que logo o homem pellou a cabeça do Corupira e depois lavou-a

com pimentas. Immediatamente o Corupira enlouqueceu com o ardor das pimentas e correu logo pelo matto, indo-se embora.

O homem voltou, e, medroso, foi logo para casa. Veio a mulher ter com elle. Vendo-o, a mulher logo lhe disse:

— O que vieste buscar, desgraçado?

— Venho ver como estão meus filhos.

— Para que tu queres teus filhos? Onde está o que trouxeste da caça para teus filhos comerem? Elles aqui estão chorando de fome todo o dia.

— Então volto e vou-me embora para o matto.

Demorou-se um pouco e depois foi-se embora para o matto.

— Já vou para o matto, e, se não me perder, eu appareço por cá.

Contam que foi-se logo embora pelo matto. Ahi demorou-se e não sabemos quantos dias esteve n'elle. Depois d'isso, encontrou aquelle Corupira cuja cabeça pellara. Chegando perto, disse:

— Oh! meu sobrinho!

— Oh! meu avô.

— Como passas? Seria você quem pellou minha cabeça?

— Não. Foi outro que já morreu, e lá estão os ossos que foram d'elle.

— Devèras, meu sobrinho? Então vem commigo e mostra-m'os.

— Vamos.

Foram logo. Chegaram e lá acharam os ossos. O Corupira ajuntou-os, pegou n'elles e os esmigalhou.

— Agora já me vinguei, disse elle. Meu sobrinho, vem commigo para minha casa.

Contam que foram logo e chegaram á casa. O Corupira entrou primeiro, e elle ficou, fóra, de pé. O Corupira lhe disse:

— Meu sobrinho, entre; não tenha medo,

O homem olhou para dentro de casa e viu sómente cobras pondo as linguas de fóra. O homem, de medo, não quiz assentar-se.

— Sente-se, meu sobrinho.

O Corupira disse ás cobras:

— Vocês não mordam meu sobrinho.

Então elle entrou.

— Senta-te.

Elle sentou-se, com medo.

— Agora, meu sobrinho, o que tu queres?

— Não sei. Quero voltar para minha casa; quero que meu avô me dê com que caçar, para levar para meus filhos, porque é por isso que minha mulher briga commigo, quando eu nada levo, e é por isso que ella se zanga.

— Ein! Devéras? Vou dar a você o que tu quizeres. Vamos já.

Foram-se logo. Pegou n'uma corda e deu ao sobrinho.

— Aqui está uma corda para tu levares, para com ella matares a tua caça.

Foram-se pelo matto e acharam passaros. Comsigo levou o Corupira duas frechas. Frechou um passaro e deu-o ao sobrinho. Depois acharam porcos.

— Sobrinho, queres agora porcos?

— Quero, meu avô.

— Então vou pegal-os.

Dizem que o Corupira foi logo e pegou um bando de porcos. Pegou, ajuntou, embolou, deu um nó, trouxe e deu a elle.

— Aqui está, meu sobrinho, para levares para tua casa para tua mulher. Toma bem cuidado quando desmanchares. Chegando a tua casa, faze um bom curral. Quando acabares, então, desmancha dentro d'elle para matal-os. Olha que são bravos e mordem-te. Chama tua mulher e outros parentes que estão por perto de ti para matarem os porcos.

O homem foi-se logo embora. Chegou á casa; a mulher veio ter com elle e encarou-o.

— O que vens buscar?

— Nada, minha mulher. Já está aqui, minha mulher.

Logo o homem disse:

— Vamos agora fazer um curral. Vem comigo cortar páos.

— Para que tu queres curral?

— Eu trouxe um bando de porcos que aqui está, para matarmos no curral, para não fugirem.

— Você está certo disso?

— Certo?... Então? Não te engano. Então estou brincando comtigo?

— Eu quero vêr.

— Olha; não te percas; sê valente.

Fizeram logo o curral e quando o acabaram, elle disse:

— Agora vamos matar e moquear nossa comida.

Foi logo chamar seus parentes. Vieram logo todos armados de cacetes.

— Agora vamos matar, mas olhem que mordem vocês.

— Então, onde estão os porcos? Nada... onde estão?

Levou-os logo para o meio do curral, desmanchou e puchou pela ponta da corda. Dizem que logo appareceram porcos que mettia medo, e bravos. Uns subiram, outros pularam para fóra de medo. O homem então gritou:

— Venham, meus parentes. Não tenham medo. Matem para vocês.

Foram matar e não acabaram porque ficaram muitos.

— Vejam agora vocês. Vejam o que eu contava. Vocês já acreditam!

Foram e levaram a caça.

Contam que depois disso, ella ficou boa e satisfeita com seu marido; ficaram logo bem e já não brigavam.

# IV

## CURUPIRA CURUMI ETÁ IRUMO [1]

### O Corupira e os meninos

(RIO BRANCO)

Mucoin curumí u caima caá açú pitêra rupi. Pituna
Dous meninos se perderam matto grande meio pelo noute

ramé, paá, aitá u quere aitá maquira pupé muirá açu recé.
quando, contam, elles dormiram d'elles rede na páo grande no

Curupira che mericó irumo u munhan aitá uirpe tatá. Aape
O Corupira a mulher com fizeram d'elles debaixo fogo Lá

aitá çáru cuema. Cuema aramé, paá, u nhenhê aitá çupé
elles esperaram a manhã. Amanheceu quando, dizem fallaram elles

arama: «pe uié ce remiareru!»
para: «vocês desçam meus netos!»

U cêca ramé Curupira roca pupé, Curupira, paá u nhehê
Chegaram quando Corupira casa na, o Curupira, contam, fallou

chemericó çupé:
mulher á:

— Chá raçu tuiué pêre uaá caá queté cha iucá arama
— Eu levo velho mais aquelle matto para eu mattar para,

re puitá cuaá cuaira irumo, re memui arama, cerenondé cha
tu ficas este menor com, tu cosinhares para antes eu

u ceca ramé cha ú arama.
chegar quando eu comer para.

---

[1] Em ambas as versões acima, encontro o influxo de um conto europeo na mythologia indigena. É o conto de *João e Maria* aclimado, adaptado á natureza local reproduzido pela imaginação do indio, influenciado pelos *Meninos perdidos*, de Coimbra e pela *Bicha de sete cabeças* de Ourilhe. É um producto da fusão de duas raças, quando o paganismo ainda sobrepujava as doutrinas dos missionarios. No sul, mais depresssa submettido o indianismo, e substituido pelo elemento africano, vê-se ahi mais as crendices d'este fundidas nos contos portuguezes do que no Norte. O africano trouxe o seu fethchismo que amoldou-se á natureza do paiz e ao jugo estrangeiro. D'ahi o *Zumbi*, o *Chibamba*, e o *Tutu*, confundidos com os lobishomens, e com as bruxas, atterrorisando as crianças para fazel-as dormir, emquanto que no Amazonas eram os *Murukututus*, os *Akutiburus*, os *Yakurutus* e *Dukukus* que lhes emprestavam o somno.

Ariri, paa, uaimi u nhehê curumi miry çupé:
Depois, dizem, a velha fallou menino pequeno ao:

— Re iupire cha u ú arama inayá. (1)
— Tu sobes eu comer para inajá.

Curumi, paá, u ganane uaimi u ai-in ichupé:
O menino, contam, enganou a velha e disse-lhe:

= Re inu ne putiá pupé pururé aramé u puitá curi
= Tu ponhas teu peito no a enxada então fica logo

icaua (2) inayá, cha mumure arama pururé aarpe ne putiá pupé.
gordo inajá, eu pôr para enxada em cima teu peito do

Ariri, paá, curumi mumure inayá u iucá catu uaimi.
Depois, dizem, o menino poz inajá matou bem a velha.

Ariri u memui *panera* pupé, uaimi renondé.
Depois poz panella na, velho antes.

Curupira u cêca, ramé u çu u ú panera pora, aramé, paá,
Corupira chegasse, quando veio comer panella dentro então, dizem

u cuáo u ú u icó che mericó cuêra.
soube comendo estava a mulher que foi.

Curumi, paá, u mucuhy ceçá uaruá, (3) paá,
O menino, dizem esmigalhou olho espelho dizem

u cêcare upáin maan caa rupi. Ariri Curumi u iauao.
buscou todas cousas matto pelo. Depois disso o menino fugio.

Curupira, paá, u çaceçacema u cenõe arama maaqueté
O Curupira, dizem, entrou a gritar escutar da onde

curumi uçu. Ceçá uaruá, paá, u çuachara: Uh! Uh!
o menino estava. O do olho espelho, dizem, respondeu: Uh! Uh!

Uçu ramé u maan u acema i piçamuera miry, nhaan
Foi quando vez achou d'elle pedacinho, aquelle

irumo u cêca cecare curumi, u maan, paá, u icó curuatá (4)
com chegou procurar o menino, vio dizem, estava spatha

pupé uaté upé. Paá, u çu cecé u yumu yumu curumi çuhy,
dentro alto no. Dizem foi n'elle frechou frechou menino n'elle

---

(1) Tem esse nome a palmeira *Maximiliana regia* Mart. que dá os fructos agglomerados em grandes cachos, cujo peso é de dezenas de kilogrammas. É uma das mais bellas e altas.

(2) O fructo do inajazeiro, em geral, pouco tem que comer porque é secco e fibroso, porém, ás vezes quando medram poucos ficam *succulentos* que os indios traduzindo o *i kaua*, dizem que são *gordos*, por que esse termo exprime *gordura*.

(3) Dão tambem aos vidros dos oculos o nome de *ceçá uaruá*.

(4) A *spatha* das palmeiras, é conhecida por esse nome, no Amazonas, emquanto que no sul por *capemba*, de *caa* folha, *peua* chata.

aitá u çu upáin curuatá recé. Ariri u paua çoihiua u çu u ure
ellas foram todas spatha na. Depois acabaram as frechas foi voltou

u munhan amu pêçaçu. U çu pucuçaua curumi u iauao macaca
a fazer outras novas. Foi emquanto o menino fugio o macaco

irumo.
com.

U cêca paraná reme épe u pucuare muirá recé i *buxo*
Chegou rio margem na amarrou arvore na sua tripa

racapira. Ariri u pure çuá indaua queté.
a ponta. Depois saltou outra banda para.

Ué in curumi çupé: «re iure ce *buxo* ara rupi.»
Disse menino ao: «tu venhas minha tripa por cima.»

Ariri curumi u çu, u cêca çaua indaua, macaca paá,
Depois o menino foi, chegou outra banda, o macaco dizem

u raçu aé i manha roca queté.
levou elle sua mão casa para.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Dous meninos se perderam no meio de uma grande floresta; contam que á noite a rêde em que elles dormiram foi em uma grande arvore. O Corupira e a mulher fizeram fogo debaixo d'elles, e ahi esperaram a manhã. Quando amanheceu, contam que elles lhes disseram.

— Vossês desçam, meus netos.

Quando chegaram á casa do Curupira, este disse á mulher :

— Eu levo o mais velho para aquelle matto para matal-o, e tu ficas com este menino para cosinhares, antes da minha chegada, para eu o comer.

Dizem que depois a velha disse ao menino pequeno :

— Sóbe para eu comer inajá.

O menino enganou a velha e lhe disse:

— Põe no teu peito a enxada, porque fica logo succulento o inajá, para eu atirar em cima da enxada, no teu peito.

Depois o menino atirou o inajá e matou a velha. Pôl-a na panella antes que o velho Corupira chegasse. Quando veio comer na panella, foi então que soube que estava comendo a mulher.

Contam que o menino esmigalhou um vidro de espelho e espalhou tudo pelo matto. Depois disso, o menino fugiu.

O Corupira entrou a gritar e a escutar onde estava a mulher.

O vidro de espelho respondeu.

Quando foi ver, achou um pedacinho d'elle, e com elle foi procurar o menino; dizem que viu que estava dentro da spatha no alto.

Dizem que elle frechou muitas vezes o menino, porém ellas foram todas na spatha. Acabaram-se as frechas. Voltou a fazer outras novas.

Emquanto foi, o menino fugiu com um macaco. Chegou á margem do rio, amarrou em uma arvore a ponta da tripa e depois saltou para outra banda, e disse ao menino:

— Venha por cima da minha tripa.

Foi o menino. E chegando á outra banda, dizem que o macaco o levou para casa de sua mãi.

# V

## VARIANTE DA LENDA ANTECEDENTE

### (RIO NEGRO)

Yepé cunhan, paá, u ricó, paá, mocoin membira.
Uma mulher, contam, tinha, dizem, dous filhos.

Aitá u çu pececa pira matapy irumo, aitá paua (1) ú
Elles foram pegar peixe covo com, elles todos comerem

arama. Yepé coema iuire aitá u çu u iuôca pirá, aap
para. Uma manhã outravez elles foram tirar peixe ahi

aitá u iuanti Curupira irumo.
elles encontraram Carupira com.

Corupira *ai in* aitá çupé:
O Corupira disse elles á:

— Ce putare pirá, taira etá, yá çu ce irumo aé cui
— Vocês querem peixe, meninos, vamos migo com elle está

mime ipaua miry cha pecêra u arama penhen çupé.
ali lago pequeno eu pegar para vocés para.

Aé uana, paá, nhaan mocoin taira étá u çu Curupira
Logo, contam, aquelles dous filhos foram Corupira

irumo, ara naêma iunto u caima aitá chii aé Curupira.
com, derepente só perderam-se elles d'elle Corupira.

Petuna irumo iuire u iucuáo aitá pêre. Aé uana Curupira
Noute com outravez appareceu elles ter com. Logo Corupira

aé in:
disse:

— Ce putare, cerá, yá çu ce irumo petuna uana,
— Vocês querem, vamos migo com noute já,

orandé cha mucameen penhen arama pé roca pe çu
amanhã eu mostro vocês para caminho casa vocês irem

arama.
para.

---

(2) Por *opáin*.

Aé uana, paa, Curupira, u cêca aitá irumo taira etá
Logo, dizem, Corupira chegou, elles com filhos

çoca opé u meen che mericó çupé, uaimi puchi uera.
casa na deu mulher á, velha feia muito.

Amo ara opé cuema aramé, Curupira u nhehê:
Outro dia no amanheceu quando, Corupira fallou:

— Uaimi cha çu cha caamunu re iucá quaa curumi
— Velha eu vou caçar tu matas d'estes menino

itá chii uara, re memui cha ú uarama cha iuêre ramé.
d'elles um, tu cosinhes eu comer para eu voltar quando.

Ariré u çu caá queté. Uaimi u aé:
Depois foi matto para. A velha disse:

— Ce remiareru etá yá çu yá pohu inayá yá ú
— Meus netos vamos apanhar inajá comermos

uarama.
para.

Yepé etá chicuara tuiué pêre u cenó Curupira u nhenhê
Um d'elles o velho mais ouvio Corupira fallar

cemericó çupé: re iucá yepé quaá etá chiiuara, Ariré tuiué
mulher á: tu matas um d'estes d'elles, depois, o velho

pére uaá inti u ricó ara u nhenhê arama i mú çupé.
mais, que não teve tempo fallar para seu irmão ao.

Ariré aitá u çú ana, Uaimi u raçu tacyra ([1]) i pó
Depois elles foram já, a velha levou ferro de cova sua mão

pupé u pecuin arama, paá, maniaca.
na cavar para, dizem, mandioca.

Cuaêra ([2]) pêre uaá u iupire ramé inayáiua arecé uaimi
Pequeno mais que trepou quando inajázeiro no a velha

u cutuca tacyra irumo u iucá.
espetou ferro de cova com o matou.

I mú tuiué pêre u maán ramé u aé: « cuire cha iucá
Seu irmão velho mais vio quando disse: « agora eu mato

quá uaimi. »
esta velha. »

— Ce aría cuire cha çu cha pohu nhaan inayá, iné re
— Minha avó agora eu vou tirar aquelle inajá, tu te

([1]) *Itá*, pedra, *cyra*, enxada, enchó, instrumento de cavar, ferro de cova.

([2]) Por *kuaira*.

ienu inayá uirpe re mucamehê ichê arama nhaan inayá
deites inajá debaixo tu mostrares me para aquelle inajá

turuçu pêre uaá nhahê ([1]) ce manha munhan.
maior que assim minha mãe fazia.

Aririé uaimi uienu uirpe. Curumi u mumbure inhé
Depois a velha deitou-se em baixo. O menino poz em cima

inayá uaimi u manu catu.
inajá a velha morreu bem, (logo.)

Aririé curumi uier u munumunuca uaimi u mumure i
Depois o menino desceu esquartejou a velha poz sua

camé amo maá etá inti arama Curupira u cuáo.
mama e outras cousas não para Corupira conhecer.

Curupira, paá, u ricó yepé parauá, curumi u cêca
O Corupira, dizem, tinha um papagaio, o menino chegou

ramé, paá, parauá u porandu ichupé:
quando, dizem, o papagaio perguntou lhe:

— Ne re iucá uana uaimi?
— Tu matastes já a velha?

— Cha iucá uana.
— Eu matei.

— Re muné taboca ([2]) cuara pupé uaimi yuru yuquicé,
— Mette taboca buraco no velha bocca caldo (cuspo)

re mucurui paua ceçá uaruá u ícó uaá oca pupé, iché iuîre
esmigalha todo olho espelho está que casa na, eu tambem

cha yáuau ne irumo.
eu fugir tigo com.

Curumi u munhan upáin maan parauá u nhehê uaá.
O menino fez tudo quanto papagaio fallou que.

Arire u memui paua, aramé curumi u purandu parauá çupé:
Depois cosinhou tudo, quando o menino perguntou papagaio ao:

— Maá taá cha munhan cuire?
— Como que eu fazer agora? (O que devo fazer agora?)

— Parauá, paá, u nhehê ichupé:
— O papagaio, dizem, fallou-lhe:

---

([1]) Por *yaué*.

([2]) Dão este nome a uma especie de *Arundo*, que em portuguez não tem traducção porque foi acceito na linguagem brazileira.

— Icó ana, aicoé iunto ana Curupira u cêca che iuire
— Vae já, ahi está só já o Corupira chegar eu tambem

cha çu ana.
eu vou embora.

Curumi u çu renondé u inó çoihua raca perpe urary,
O menino foi antes pôr frecha ponta na veneno,

ariri u çu u ienu croatá pupé inayá açu arecé.
depois foi deitar-se spatha na inajá grande do.

Aramé iunto ana [1] u cêca Curupira u cenõe :
Então só já chegou Curupira chamou:

— Uaimi ! Uaimi !
— Velha ! Velha !

Itumuna curumi iutema uaá iui iurpe u çuahara Curupira
O cuspo menino enterrou que terra em baixo respondeu Corupira

çupé :
ao :

— Uh ! Uh !...
— Uh ! Uh !...

Uaimi u çuachara iunto, timaá ure aramé.
A velha respondia só, não vinha mais.

Curupira u çu ana u maú, ariri u maú paua putare
Corupira foi já comer, depois comeu acabar queria

ramé u acema uaimi camê aramé uana, paá, Curupira
quando achou velha mama, então já, dizem, Corupira

u iachiú.
chorou.

Aramé uana u maan timaan i parauá.
Então já vio não seu papagaio.

U cecare ramé parauá u acema ceça uaruá peçaum-era
Procurava quando papagaio achou olho espelho pedaço

miri irumo uana, paá, u maan curumi iuaté opé u nhenu
pequeno com já, dizem, vio o menino alto no deitado

icó inayá croatá pupé. Aé uana u çu u munuca ié
estava inajá spatha na. Então foi cortar machado

---

[1] Logo depois.

irumo inayá íua aramé curumi u yumu Curupira u iucá catú.
com inajazeiro quando o menino frechou Corupira matou bem.

Aramé uana curumi uiér u çu i manha ruca queté.
Então já o menino desceu foi sua mãe casa para.

Arecé paá, paá, aitá u nhehê Curupira, paá u iucá
Depois disso dizem elles fallam Corupira, dizem matam

taina u iupêca arama curumi u iucá recé chemericó.
crianças vingar-se para o menino matar por causa a mulher.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Contam que uma mulher tinha dous filhos. Para comer foram todos com um covo pegar peixe. Uma manhã indo elles tirar o peixe encontraram-se com o Curupira. O Curupira lhes disse:

— Vossês querem peixe, meninos?... venham commigo alli no laguinho que eu pégo para vossês.

Contam que os meninos foram logo com o Corupira, mas que de repente perderam-se d'elle. Já noite, elle appareceu outra vez e foi ter com elles. O Corupira foi dizendo:

— Vossês querem, venham commigo, já é noite; amanhã eu mostro o caminho para vossês irem para casa.

Dizem que logo o Corupira chegou com elles em casa e deu os filhos á mulher, que era uma velha muito feia. No dia seguinte, quando amanheceu, o Corupira disse:

— Eu vou caçar, velha, mata um d'estes meninos, cosinha-o para eu comel-o quando voltar.

Depois foi para o matto.

A velha disse:

— Meus netos, vamos apanhar inajá para comer?

Um d'elles, o mais velho, ouviu o Corupira dizer á mulher: — mata um d'estes meninos —, mas não teve tempo de dizer ao seu irmão. Foram logo depois, levando a velha um ferro de cova na mão, dizem que para cavar mandioca. O mais pequeno trepou ao inajazeiro e a velha o espetou com o ferro de cova, matando-o. O seu irmão mais velho quando isto viu, disse:

— Agora mesmo eu mato esta velha. Minha avó, agora eu vou tirar aquelle inajá; deita-te embaixo de inajazeiro para me mostrares os inajás maiores, porque assim é que fazia minha mãi.

A velha deitou-se depois em baixo. O menino atirou em cima da velha

o inajá ([1]) a qual morreu logo. O menino, depois, desceu, esquartejou a velha, poz as maminhas, e não outras cousas, para o Corupira conhecer. Dizem que o Corupira tinha um papagaio, que perguntou ao menino quando chegou:

— Tu já matastes a velha?

— Já matei.

— Mette no buraco de uma taboca o cuspo da velha; esmigalha todo o vidro do espelho que está em casa, para eu fugir tambem comtigo. O menino fez tudo quanto o papagaio disse. Depois cosinhou tudo e perguntou ao papagaio:

— Que devo fazer agora?

Dizem que o papagaio lhe dissera:

— Vai já; o Corupira está a chegar e eu tambem vou-me embora. Antes, porém, o menino foi pôr veneno na ponta da flexa e depois foi deitar-se na spatha do inajá grande. Immediatamente chegou o Curupira chamando:

— Velha! Velha!

O cuspo que o menino enterrára, respondeu ao Curupira:

— Uh! Uh!

A velha respondia, porém não vinha. O Curupira foi então comer e quando ia acabar de comer, achou a maminha da velha e dizem que então o Curupira chorára. Não viu então o seu papagaio Quando procurava o papagaio, achou um pedacinho do vidro do espelho e n'elle viu o menino que estava deitado na spatha do inajá. Então foi com o machado cortar o inajazeiro. O menino frechou o Corupira e o matou. O menino então desceu e foi para casa de sua mãi. Dizem que foi depois d'isso que o Corupira mata crianças para vingar-se do menino que matou sua mulher.

---

(1) Isto é, o cacho que, pelo seu tamanho e numero de fructos, mata qualquer sobre quem caia.

# VI

## CURUPIRA YEPÉ CUNHAN IRUMO

**o Corupira uma mulher e**

(RIO AMAZONAS)

Yepé apegaua o ricu, paá, chemericó, o ricu tayra
Um homem tinha, dizem, mulher, tinha filhos

miri cuaira (1) eráin.
pequeno tenro, ainda.

Cuá apegaua yepé ara o ço u camonó i o iuanti
Este homem um dia foi caçar elle encontrou-se

Curupira irumo. Curupira, paá, o iucá aé. Ariri, paá,
Corupira com. O Corupira, contam, matou elle. Depois, dizem,

o pirare nhaan apegaua petêra rupi; ariri, paá, o iuúca
abrio aquelle homem meio pelo; depois, contam, tirou

i pêá pêá; ariri, paá, iuêre iuúca i *cerora camichá*
seu figado; depois, dizem, ainda tirou sua calça e camisa

o mundéua cecé; ariri, paá, i o muácuaema aé uana o ço
vestio em si; depois, dizem, elle disfarçou-se logo foi

nhaan apegaua cuêra remericó pêre, o cenoi:
aquelle homem que foi mulher tu com, e chamou:

— Uaimi! Uaimi!... Mamé taá re icó? (2)
— Velha! Velha! Onde que tu estás?

— Cu çucui cha icó.
— Aqui está eu estou.

Aé ana, paá, o uiqui oca cuara queté. Ariri, paá,
Elle já, dizem, entrou casa dentro para. Depois, dizem,

o maité i mena arama, mahy cuité, paá inti o maan cecé.
pensou seu marido mesmo, como então, dizem não olhou n'elle.

---

(1) Abreviatura de *Ikó*, estava, *ayra*, tenro, pequeno.

(2) Abreviam a phrase dizendo *Matarecó*.

— Cu çucui cha rure çoó-cuêra ceen uaá, iure rememue
— Aqui está eu trouxe carne gostosa que, vai cosinhar

cha arama.
mim para.

Aé ana, paá, u meen ichupé i pêá pêá o iuúca uaá
Ella já, dizem, deu lhe o figado tirou que

i mena cuêra. Aé ana o mechire, ramé uana o çu
d'ella marido que foi. Ella logo assou, quando já foi

o iuúca iú, aé ana o apêca membira aitá irumo, iuêre
tirou farinha, elle logo assentou-se filho elles com, tambem

o apêca Curupira, tupé arpe, aé ana o nheen :
assentou-se Corupira, esteira em cima, elle já disse:

— Yá ço yá umbaú.
— Vamos nós comer.

Aé ana aintá o maú yepé uaçu. Ariri Curupira o nheen :
Logo elles comeram juntos. Depois o Corupira disse ;

— Cuêre cha ço putare cha quîre. Irure tayra i cha
— Agora eu ir quero eu dormir. Traz filho mim

arama u quîre ce irumo. Aé ana, paá, Curupira o inó
para dormir migo com. Elle, logo, dizem, o Corupira deitou-se

quiçaua opé. Aé ana, paá, nhaan cunhan o rure tayra
rede na. Logo, dizem, aquella mulher trouxe filho

o meen ichupé. O quîre o ço o maan cecé, o maan catu
deu a elle. Dormio foi olhar n'elle, olhou bem

iarpe. Aé ana, paá, u nhenhê: « Cuá inti ce mena, cuá
em cima. Ella logo, dizem, fallou : « Este não meu marido, este

inti ce mena, cuá Curupira. »
não meu marido, este Corupira. »

Aé ana, paá, i o mocaturu i maan etá panacu upé;
Ella logo, contam, ella arrumou d'ella cousas panacu no ;

aé ana o ço o iuúca i membira i chii o ço o iuoca inuá
ella logo foi tirar seu filho d'elle foi tirar pilão

umbure tayra recoiara i potiá ape, aé ana o pecêca i
botou filho em logar d'elle peito no, ella já pegou seu

panacu, i maan etá irumo uaá umbure i cupepe, u pecêca
panacu, suas cousas com que poz suas costas na, pegou

tayra u çupire i poti ape *didima* [1] apé, aé ana o ço
filho carregou seu peito no tipoia na, ella logo foi

ana. Ariri çacacuera iunto o paca nhaan Curupira, aé
embora. Depois, em seguida logo acordou aquelle Corupira, elle

ana, paá, o puama o cema ocara queté onheen.
já, dizem, levantou-se sahio fóra para e disse:

— Ah! o ganane i ché nhaan cunhan.
— Ah! enganou me aquella mulher.

Aé ana o cecare o çacema:
Elle logo procurou gritando:

— Uaimi! Uaimi! Mamé taá re icó?
— Velha! Velha! Onde que tu estás?

Aé ana, paá, o maan Curupira ure çacacuera.
Ella logo, contam, vio o Corupira vir no encalço.

Aé ana, o iáuau i chii. Aé ana, paá, u nhana
Ella logo, fugio d'elle. Elle logo, dizem, correu

nhaan [2] cunhan o iupire *mambui iua* [3] recé, çacanga queté
aquella mulher subio *mambuizeira* na, galho pelo

iuaté aap o puitá u queriri [4] o iapeçaca Curupira ure,
alto lá ficou calada escutando o Corupira vir,

o cêca uirpe u cenõe:
chegar em baixo chamar:

— Uaimi! Uaimi! Mamé taá re icó?
— Velha! Velha! Onde que tu estás?

Yepé muirá racanga arpe Uacuráu nhengare: «Mambui!
N'um arvore galho em cima Uacurão cantou: «Mamdui!

Manbui!» [5] Curupira u cendó icó o máeté nheengare
Mandui!» O Corupira ouvindo estava pensou cantando

icó, inti o cuau, Curupira inti o maan cunhan recé, aé
estava, não soube, o Corupira não vio mulher a, elle

iana o iuuire.
já voltou.

---

(1) Vocabulo do dialecto *Uapichaná*, que corresponde á *tipoia* tupi.

(2) Pronunciam tambem *iáan*.

(3) É o nome dado aos *Louros*, arvores dos generos *Nectandra* e *Aydendrum* da familia das Lauraceas.

(4) Tambem pronunciam *quirirento*.

(5) Este noctivago parece no canto dizer esta palavra, que tambem, como já vimos, é o nome de uma arvore.

Cunhan o maan Curupira o iuuire, aé ana o êiyr,
A mulher olhando o Corupira voltar, ella logo desceu,

o nhana uiqui caá pupé.
correu e entrou matto no.

Aé ana, paá, Curupira o nheen : « Nhaan cunhan
Elle logo, dizem, o Corupira disse : « Aquella mulher

u ganane iché. » Aé ana o iuuire o nhana çacacuera
enganou me. » Então voltou correu atraz

o cenoe aé :
chamou ella :

— Uaimi ! Uaimi ! Mamé taá re icó ?
— Velha ! Velha ! Onde que tu estás ?

Aé ana, paá, cunhan o nhana iuêre muirá açu
Ella logo, dizem, a mulher correu outra vez arvore grande

rupetá queté, nhaan muirá o ricó i cuara uaçu, nhaan i
tronco para, aquella arvore tinha seu buraco grande, d'aquelle

cuara chii o pure cururu Cunauaru. [1]
buraco d'elle saltou sapo Cunauaru.

— Ah ! Cunauaru ! Cha putare re peceru iché Cu-
— Ah ! Cunauaru ! Eu quero tu livres me Co-

rupira chii.
rupira do.

Aé ana, paá, Cunauaru o munhan tupaçama i pira
Elle logo, dizem, Cunauaru fez corda seu corpo

icica chii uara [2] i rupi uana nhaan cunhan o iupire muirá
resina do ella por já aquella mulher subio arvore

cuara queté.
buraco para.

Curupira u cêca u cenõe :
O Corupira chegou chamou :

— Uaimi ! Uaimi ! Mamé taá re icó ?
— Velha ! Velha ! Onde que tu estás ?

(1) O sapo Cunauaru faz, no ôco dos páos, o ninho com resina de breu branco, que acama com o peito, formando um grande cylindro furado no centro; ahi dorme e ahi depõe os ovos no tempo da enchente. É crença que a resina é feita pelo sapo, que é boa, quando queimada, para dôres de cabeça, assim como, que o sapo trazido para casa dá felicidade a quem o criar. *Cunauaru icica*, é corruptella de *kundá*, enrolada, enroscada, *u karô* elle guarda, *icica*, resina.

(2) Esta dicção não tem traducção e denota frequencia, existencia, continuação de alguma acção.

Cunauaru o nheen :
O Cunauaru disse :

— Cu çucui aé.
— Aqui está ella.

Aé ana, paá, nhaan cunhan iururé cururu çupé inti
Ella logo, contam, aquella mulher pedio sapo ao não

richare o iupire Curupira.
deixar subir o Corupira.

— Tenhen re cequeié, cha iucá putare aé.
— Não te amedrontes, eu matar quero elle.

Aé ana, paá, Cunauaru, o quetica i icêca (1) muirá
Elle logo, dizem, o Cunauaru, esfregou sua resina arvore

rupetá recé. Aé ana Curupira oiare nhaan muirá recé
tronco no. Elle já o Corupira encostou-se áquella arvore na

i o mutá icêca (2) iaua rupi, aé ana, paá, aap o manu.
elle grudou resina pello pelo, Então, dizem, ahi morreu.

Aé ana, nhaan cunhan o êiyr membira irumo, aé
Ella logo, aquella mulher desceu filho com, ella

ana i uiuire çoca queté.
correu casa para.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

### O CORUPIRA E UMA MULHER

Dizem que um homem tinha de sua mulher filhos pequeninos. Indo um dia este homem caçar, encontrou o Corupira. Contam que o Corupira matou-o, depois o abriu pelo meio e tirou-lhe o figado. Dizem que ainda depois tirou-lhe a calça e a camisa e vestiu-as, e, disfarçado foi ter com a mulher do morto e a chamou:

— Velha! Velha!... onde estás?

— Estou aqui.

Entrou em casa. Como não olhasse para elle, pensou ser seu marido.

— Aqui está... Eu trouxe carne gostosa. Vai cosinhar para mim.

---

(1) Por *icika*. Chamo á attenção do leitor para a irregularidade da pronuncia não só dos differentes logares, como mesmo na do mesmo conto, como, por exemplo, na palavra *Korupira*, que ora está escripta *Curupira*, ora *Corupira*. Escrevo conforme vulgarmente escrevem, por que para mim adoptei e proponho a orthographia com *K*.

(2) Este facto nos lembra um caso semelhante do conto do *Macaco e o moleque de cêra*.

Dizem que elle tirou e deu-lhe o figado que foi do marido. Ella assou-o logo, e, quando foi tirar a farinha, assentou-se com os filhos; assentando-se tambem o Corupira na esteira, disse:

— Vamos comer.

Juntos comeram. O Curupira disse:

— Agora eu quero dormir. Traze o filho para dormir commigo.

O Corupira deitou se logo na rêde. A mulher trouxe o filho e lhe deu. Quando dormiu olhou para elle, e reparou bem. Dizem que ella dissera:

— Este não é meu marido... Este não é meu marido... Este é o Corupira.

Arrumou logo as suas cousas n'uma cesta de trazer ás costas; tirou o filho e botou um pilão sobre o peito em lugar do filho. Pegou na cesta com as suas cousas, poz ás costas, carregou o filho n'uma tipoia ao peito e foi-se embora. Logo depois acordou o Corupira. Levantou-se, sahiu para fóra e disse:

— Ah!... Aquella mulher enganou-me.

Procurou-a logo, gritando:

— Velha! Velha! Onde estás?

Ella viu o Corupira ir-lhe no encalço, e fugiu delle. Dizem que a mulher correu, subiu para um galho alto do mambuizeiro e lá ficou calada, ouvindo vir o Corupira chegar em baixo e chamal a:

— Velha! Velha! Onde estás?

Um Uacuráo que estava n'um galho da arvore cantou: Mambuy! Mambuy!

O Corupira não sabendo, pensou que elle estava cantando. O Corupira não viu a mulher e voltou. A mulher vendo o Corupira voltar, desceu logo, correu e entrou no matto. Dizem que o Corupira, dissera:

— Aquella mulher me enganou.

Voltou então e correu atraz chamando-a:

— Velha! Velha! Onde estás?

Dizem que a mulher correu outra vez para um grande tronco de arvore que tinha um grande buraco, e delle saltou o sapo Cunauaru.

— Ah! Cunauaru, eu quero que me livres do Corupira.

Dizem que o cunauaru fez da resina de seu corpo uma corda e por ella subiu a mulher para o buraco da arvore. O Corupira chegou e chamou:

— Velha! Velha! Onde estás?

O Cunauaru disse

— Aqui está ella.

Dizem que a mulher pediu ao sapo para não deixar subir o Corupira.

— Não tenhas medo. Eu quero matal-o.

Dizem que o Cunauaru esfregou logo a sua resina no tronco da arvore. Logo que o Corupira encostou se á arvore ficou grudado pelo pello e dizem que ahi morreu.

Então a mulher desceu com o filho e correu para casa.

# VII

## CURUPIRA REMIARA [1] IRUMO

**O Corupira e o seu alimento e**

VERSÃO DO RIO NEGRO

Curupira u mexire i miara igarapé remeipe u yaçuca
O Corupira assava seu alimento do riacho beira na se banhava

pucuçaua ramé yepé cunhan mucu u cyca ce mexire roaqui,
quando uma rapariga chegou do assado ao pé,

u yuúca u ú achii, u tiryca. Curupira ure cenáua cuere
tirou comeu d'elle e retirou-se. O Corupira veio lugar

opé inti u maan i mixire u çacema, i remixira u çuachara
ao não vendo seu assado gritou, d'elle o assado respondeu

cunhambucu marica opé. U nhana çacacuera Curupira chii.
rapariga barriga na. Correo atraz o Corupira d'ella.

Cunhan bucu u cyca muirá Cunauaru eta uirpe, u çacema
A rapariga chegou da arvore Cunauarus debaixo gritou

cunauaru etá rece:
Cunauarus as:

— Cunauaru i yure piamo iché, Curupira ce iucá putare,
— Cunauaru vem buscar me, o Corupira me matar quer,

re mu uié iché ne uaturá. .
abaixa me teu cesto.

I cequy i ueté quité ae icó ramé ana Cunauaru etá piterpe
Puxou cima para estava quando Cunauarus no meio

Curupira u cyca u yururé achii:
O Corupira chegou pediu a elles:

— Cunauaru i yure piamo iché.
— Cunauaru vem buscar me.

---

[1] N'esta palavra vê-se bem o effeito da corruptella da pronuncia do som de *mb*; uns pronunciam *embiara* outros *emiara* em vez de *mbiara*. Todas as palavras que tem este som foram mudadas para *b* e para *m*, deixando-se de pronunciar com o som de ambas, e só aquelles velhos, que ainda aprenderam a lingua em fonte pura accentúam claramente o *mb* e o *nd*.

Cunauaru aitá u nheengare Curupira i cueré arama.
Os Cunauarus coaxaram o Corupira aborrecer para.

Curupira cueré ana u iuire i tama quité.
O Corupira aborrecido voltou sua terra para.

Cunauaru etá u mu yié cunhambucu u munu i roca
Os Cunauarus fizeram descer a rapariga mandaram d'ella casa

queté, u in-in:
para, e disseram:

— Iqué catu ne roca u icó.
— Aqui bem tua casa está.

Ariri Curupira i peayua u nheen:
Depois d'isso o Corupira zangou-se e disse:

— Cuá riri tiué (1) cha ú tariyra, (2) cha çu cha cecare
— Desde já não mais eu como tariyra, vou procurar

tatu (3) cuire çupi cha uacema uana cuá curi ce remixire
tatu agora sim eu achei o que meu assado

rama.
para. (O que assarei para mim.)

Aé u munhan tatá paraná remey pe. « Cuire cha çu
Elle fez fogo rio beira na. « Agora vou

cha yuoca tuyuco, che remexire tatá pe u ico, indé re yeréo
tirar barro meu assado fogo no está, tu te voltes

ce remexire. »
meu assado. »

Yepé curumiuaçu ure u iumupirá igarapé rupi u acemo
Um rapagão veiu frechando peixe riacho pelo achou

Curupira remexire u nheengare u icó tatá pe. Curumiuaçu
do Corupira o assado cantando estava fogo no. O rapagão

u maan tatu rucuera tatápe u muçaca iacêquera u ú. Curupira
vendo tatu carne do fogo no sacou pedaço e comeu. O Corupira

u nhiin:
fallou:

— Yereo ce mexire!
— Vira meu assado!

---

(1) *Tiué* por *inti yaué*.

(2) *Tariyra*, ou *trahira* é um peixe (Erythrinus Tareira Cuv.) que vive nos igarapés em lugares lodosos ou de pedras; tem os dentes muito afiados e mordem muito.

(3) *Tatú*. *Dasypus* sp. var.

U quiriri uana. U cenó u quiriri i mexire ure u maan,
Calou-se Ouviu calado d'elle o assado veio ver,

u munu yereo tiué u yereo. Uçacema:
mandou virar não mais virou. Gritou:

— Che re... mi... xi... re!... Che re... mi... xi... re!!...
— Meu as... sa... do!... Meu as... sa... do!!...

U çuachara curumiuaçu marica opé.
Respondeu rapagão barriga na.

Curumiuaçu nhana irara (1) roca opé.
O rapagão correo a irara casa na.

— Irara re iumime iché, Curupira u ú putare iché.
— Irara tu escondes-me, o Corupira comer quer a mim.

Curupira u cyca irara roca opè.
O Corupira chegou a irara casa na.

— Irara maá paá ce remexire?
— Irara, onde que meu assado?

— Maá taá coité ne remiara?
— O que então teu alimento?

— Ce remiara mira etá.
— Meu alimento gente.

— Yure re ú ira ce irumo cuá catu pire.
— Vem tu comer mel comigo que é melhor.

— Inti cha putare.
— Não quero.

— Curupira tenhen re poen-poen iché.
— O Corupira não apalpes me.

— Maa taá cuité cuaá ne marica opé uaá.
— O que então este tua barriga no que.

— Cha nheen uana, indé, ira catu pire mira chii.
— Eu disse já, a ti, mel melhor gente de que.

— Yrara cha iuire quichihy ce retama queté. Ti (2)
— Yrara eu volto d'aqui minha terra para. Não

cha u pecuáu ira irumo.
acostumado mel com.

---

(1) Yrara, de *yra* e *ara*, dona do mel, d'onde o nome de *Papa mel*. (Galictis barbara.)

(2) *Ti* por *inti*.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

### O CORUPIRA E O SEU ALIMENTO [1]

O Corupira assava seu alimento, e na beira de um riacho se banhava, quando chegou perto do assado uma rapariga, que tirou, comeu d'elle e retirou-se. O Corupira veio ao lugar e não vendo o assado, gritou. O assado respondeu na barriga da rapariga. Correu atraz d'ella o Corupira. A rapariga chegou debaixo da arvore do Cunauaru e gritou para os Cunauarus:

— Canauaru, venha me buscar... O Corupira quer me matar... Abaixa-me teu cesto.

Quando os Cunauarús a estavam puxando para cima, chegou o Corupira e pediu-lhes :

— Cunauarú, vem me buscar.

Os Cunauarús coaxaram para aborrecer o Corupira. Este aborrecido voltou para sua terra. Os cunauarús fizeram descer a rapariga e o mandaram para casa, dizendo:

— Aqui perto está a tua casa.

Dizem que o Corupira zangado, depois d'isso, dissera:

— D'aqui em diante não como mais *tariyra.* Vou procurar tatu. Achei o que hei de assar para mim.

Fez fogo na beira do rio.

— Agora vou tirar barro... Meu assado está no fogo. Vira-te, meu assado.

Um rapagão veio frechando peixe pelo riacho e achou o assado do Corupira que estava cantando no fogo. O rapagão vendo a carne do tatu que estava no fogo, tirou um pedaço e comeu. O Corupira disse:

— Vira-te, meu assado.

Calou-se.

Vendo o assado calado foi ver, mandou virar-se e este não se virou. Gritou:

— Meu as... sa... do!... Meu as... sa... do!...

Da barriga do rapagão o assado respondeu.

O rapagão correu para casa da *yrara.*

---

[1] Tem por fim este conto mostrar que o Corupira não come peixe nem mel.

— *Yrara,* tu me escondes? O Corupira quer me comer.

O Corupira chegou á casa da *yrara.*

— *Yrara,* onde está o meu assado?

— Qual é teu alimento?

— Meu alimento é gente.

— Vem comer mel commigo que é melhor.

— Não quero.

— Corupira, não me apalpes.

— Que é isto que tens na barriga.

— Já te disse. Mel é melhor do que gente.

— Yrara, eu volto d'aqui para minha terra, porque não estou acostumado com o mel.

# VIII

## CURUPIRA PORIAIÇUA IRUMO

**O Corupira pobre e o**

(RIO NEGRO)

Yepé apegaua chemericó irumo iunto poriaiçua, paá, ne
Um homem mulher com muito pobre, contam,

mahy atá u çaçaua inti mahy u cuau, u çu, paá, u caamunu
como elles passavam não como sabiam ia dizem, caçar

ara rami nemaan u acema iucá arama, arecé u çu, paá, pituna
dia quando nada achava matar para depois ia, dizem noute

rami u caamunu arami nhum u iucá embiara çoó.
quando caçar então só matava preza quadrupede

Yepé pituna u caamunu çaua u cendó têapô caá pe, inti
Uma noite caçada ouvio barulho matto no, não

cuau maan aé u yápêçaca, aéuana, paá, ui in : «maan icó aé ?»
sabendo o que elle escutou elle logo dizem disse : «o que é elle ?»

Ara re ne ema u i cuau, paá, yépé Curupira. U maan cecé
De repente elle appareceu, dizem, um Corupira. Olhou para

i aua uaçu, u maan i pé u iuere tacacuera queté, muiráçanga
elle cabello grande olhou d'elle pé voltado atraz para, cacete

i pópe.
d'elle mão na.

— Auá taá indé re uatá pituna rami?
— Quem que tu andares noute quando?

Maá taá re munhan iqui rupi pituna uaçu rupi? pêá-uaçu
O que que tu fazes aqui por noute grande de? Corajoso

indé; re uatá arama ce caá opé!
tu andares para meu matto no!

Aé uana, paá, Curupira u purundu ichupé u poama
Logo, dizem Corupira perguntou lhe levantando

muiraçanga ichupé.
cacete elle para.

— Iche cha uatá, cha icó, cha cecare ce remiara, iché
— Eu ando, eu estou procurando minha caça, eu

apegaua cha poriaiçua, che mericó irumo, arecé cha caamunu ;
homem eu pobre, mulher com, porisso eu caço ;

ara rami inti cha u acema cha iucá arama, arecé cha caamunu
dia quando não eu acho eu matar para porisso eu caço

petuna rami cha ú arama che mericó irumo.
noute quando eu comer para mulher com.

— Che ruaiara (1) cha petumu cuau indé, maan re putare
— Meu cunhado eu ajudar posso a ti o que tu quizeres

cha meen upáim, maan re putare uaá.
eu dou tudo, o que tu quizeres que.

Aicui, cerá re ricu petêma ? (2)
Ahi está, é possivel tu tens fumo?

Ai uana u iuúca petêma i matiry chii munuca peçaunêra
Logo tirou fumo seu sacco de malhas do cortou pedaço

u mun ichupé.
deu lhe.

Iruçanga petuna, aé uana Curupira u munhan tatá uaçu
Fria noute, elle logo Corupira fez fogueira

çoé recé u apêca çatá reme epe, u purucare i petêuaua
frio de assentou-se fogo beira na, encheu seu cachimbo

petêma irumo, u-pecêca tatá-puinha u mbure i petêuaua u
fumo com, pegou braza botou seu cachimbo e

mundêca, aé uana u *petêma* nhaan petêma apigaua u meen
accendeu, elle logo fumou aquelle fumo homem deu

uaá ichupé, ariri u purunguetá i irumo.
que a elle, depois conversou elle com.

— Che ruai re rure rami iché arama petêma, petuna,
— Meu cunhado se tu trouxeres mim para fumo, noute

yayaué chá mucaturu indé arama maan çoó reputare. Arami
todas eu guardo ti para que caça tu quizeres. Então

cha aé (3) indé arama, indé nhun (4) re cuau, tenhen re umbeú
eu digo ti para, tu só tu sabes, não contes

(1) Cunhado e companheiro.

(2) Por *petyma*.

(3) No Rio Branco dizem : *cha in*.

(4) » » » » : *iun*.

ne remericó çupé, inti cha putare u cuau, curumuto çounheru
tua mulher á, não eu quero saiba, poderá ciume

ne recé arama.
tu de para.

I u purunguetá nhaan ([1]) petuna remerera pupé, coêma
Elle conversou aquella noute resto da, manhã

putare ramé uana achi ana aé imbiú.
queria quando já ella já elle se despediu.

Ai uana ú çu ana u iuire, yá, çu ana.
Elle já foi embora elle voltou foi embora.

Petuna yayaué che mericó u quire pocuçaua u çu caá
Noute todas mulher dormia profundamente foi matto

queté caámunu u raçu petêma Curupira çupé. U cêca aap
para caçar levava fumo Corupira ao. Chegava lá

u acema u apêca çatá remeêpe, u acema u ana çoó u meen
achava assentado fogo beira na achava já caça dava

ichupé cheruai.
para o cunhado.

— Cu çucui çoó indé arama.
— Aqui está caça ti para.

= Hen ! Hen !
= Em ! Em !...

— U meen ichupé petêma.
— Dava para elle fumo.

Aé chemericó u nhehê i peá pe : «Mahy taá cuá ce
D'elle mulher disse seu coração no : «Como que este meu

mena mamé u acema chemiara petuna ramé ? Mahy taá ipó ?
marido onde acha caça noute quando ? Como que póde ser ?

Mahy taá cuité ? ([2]) Mamé taá u acema chemiara cuêre ? cha
Como que então ? Onde que acha caça agora ? Eu

maiana cecé.» Petuna ramé u çu, ramé caá queté aé i umun
vigio elle.» Noute quando foi quando matto para ella fingiu

quêre, aé maiana u çu, rami aé çu aé çacacuera.
dormir, ella vigiando estava, quando elle foi elle em seguida.

---

([1]) No Rio Branco dizem : *ia an.*

([2]) D'este *mahy taá kuité*, veio a phraze, vulgarissima, empregada, no Amazonas, na conversação : *como então ?* que alguns dizem *comantão ?* Exprime *porque ? como assim ? de que modo ?*

Mamé u çaru aé çaindaua upé i uanti Curupira
Onde esperava elle lugar no elle encontrou Corupira

irumo, aé uana u i-in ichupé:
com, elle já disse lhe:

— Che ruai, cuêre çupi u paua maan yá ricó, uaa
— Meu cunhado agora sim acaba o que nós tinhamos o que

yá munhan, uaá iumime çaua ain etá inti re umbiú ne remericó
nós fizemos, que escondido por mais não tu contasses tua mulher

çupé, ain etá re iumime, mahy cuité ne remericó cuêre
á por mais tu escondesses, como então tua mulher agora

u cuau uana, cuité nupana maa arama taá yaué ne remericó u
soube já, então deixa que pelo que assim tua mulher

munhan cuêre, aé yaué ten u mumbaua arama i ara. Re
fez agora ella assim mesmo acabe para seu dia. Tu

maité cerá, apecatu icó? Re maité cerá che ruai oca apé
pensas longe está? Tu pensas, meu cunhado casa na

ne remericó icó. Michucui icó aé. Indé timaan re ricó aé u çu
tua mulher está? Lá está ella. Tu nada tens ella vae

u putará.
soffrer.

Aé uana u pure, Curupira, aé uana u pure cunhan aarpe,
Elle já saltou, Corupira. elle já saltou mulher em cima

aé uana u iucá uana, nhaan apegaua remericó cuera.
elle já matou já, aquelle homem mulher que foi.

Aé uana nhaan apegaua i acanga iua, chemericó u caima
Elle já aquelle homem elle enlouqueceu mulher perdido

recé arama. Aé uana u nhana u caima.
ella por. Elle já correu e fugio.

---

## VIII

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

---

### O CORUPIRA E O POBRE

Conta-se que não se sabia como passavam um homem e uma mulher muito pobres. Quando o homem ia de dia caçar, nada achava para matar quando ia de noite só encontrava quadrupedes. Na caçada de uma noite ouviu barulho no matto e, não sabendo o que era, escutou.

Dizem que dissera:

— Que é isto?

De repente, appareceu um Corupira. Olhando-o, viu que tinha cabellos grandes, os pés voltados para traz e um cacete na mão.

— Quem és tu para andar de noite? Que fazes por aqui tão alta noite? E's corajoso para andar no meu matto.

Dizem que o Corupira perguntou levantando para elle o cacete.

— Eu ando e estou procurando caça para mim. Sou um homem pobre e com mulher; por isso caço. Quando não acho o que matar de dia, caço de noite para comer com minha mulher.

— Meu companheiro, posso te ajudar. Tudo que quizeres, te darei. Tens ahi fumo?

Tirou logo fumo de seu sacco de malhas, cortou um pedaço e deu-lhe.

Como estivesse fria a noite, fez uma fogueira, assentou-se junto della, encheu o seu cachimbo de fumo, poz-lhe uma braza, acendeu-o e fumou logo o fumo que o homem lhe déra. Depois conversou com elle.

— Meu cunhado, se trouxeres fumo para mim todas as noites, eu te guardarei a caça que quizeres. Eu te digo isto para que só tu saibas. Não contes a tua mulher. Não quero que ella saiba, porque poderá ter ciumes de ti.

Conversou durante o resto da noite, e quando queria amanhecer, despediu-se. Voltou e foi-se embora.

Todas as noites, quando profundamente a mulher dormia, ia para o matto caçar e levava fumo para o Corupira. Quando lá chegava, o achava assentado junto ao fogo e já achava caça para si.

— Aqui está caça para vossê.

En! En!

Dava-lhe fumo.

A mulher disse comsigo:

— Onde é que este meu marido acha caça quando sae á noite? Como póde ser isso? Como, então? Onde achará elle caça agora? Eu o vigiarei.

Quando anoiteceu, quando elle foi para o matto, ella fingiu dormir, mas estava vigiando. Quando elle foi, ella foi atraz. No logar onde o esperava, encontrou o Corupira que lhe disse logo:

— Meu cunhado, agora acaba-se o que tinhamos concordado e escondido para que não contasses á tua mulher. E, por mais que escondesses, tua mulher já o soube. Deixa que, pelo que tua mulher fez, ella agora mesmo acabe seus dias. Pensas que ella está longe? Tu pensas, meu cunhado, que ella está em casa? Lá está ella. Tu nada tens com o que ella vai soffrer.

O Corupira saltou, pulou em cima da mulher, matou-a, ficando aquelle homem viuvo.

O homem enlouqueceu perdido pela mulher.

Correu e fugiu.

# IX

## CURUPIRA CAÍMA ETA IRUMO

### O corupira e os perdidos

(TEFFÉ)

Mocaen (1) taina yepé paya o mumbure caa peterpe, teára
Dous filhos um pai botou matto no meio gulosos

reté, intiana u cêca aintá remiú i o poi arama aintá.
verdadeiros e não já chegar elles comida elles dar de comer para elles.

Ariré aintá o puitá caa pe o caima. Açuhy aintá o iupire
Depois d'isso elles ficaram matto no perdidos Depois elles subiram

muirá uaçu recé. Açuhy o maan Curupira ra'á. Uyé o ço
páo grande no. Depois viram do Corupira o fogo. Desceram foram

arama tatá recé. Aé ana o acema Curupira a mocaen
para fogo onde. E' já acharam Corupira moqueando

çoô cuera.
carne.

Aintá iumacy icó. Aé ana o iururé Curupira chii,
Elles fome estavam. E já pediram Corupira do

i mocaen chiuara (2).
seu moqueado pedaço.

— Ce ramonha, re meen cha ú ne remiara?
— Meu avô, tu dás me comer tua caça?

— Eré.
— Sim.

O monuca ana ce timan roôcuera. O meen, aintá o ú.
Cortou da perna carne. Deu elles comeram.

— Maa rupi ce rapé ce ramonha?
— Por onde meu caminho meu avô?

Aé ana Curupira o çuachara.
E' já Corupira respondeu.

---

(1) Por *mocoin*.

(2) *Chiuara*, do que existia.

— Qui rupi re çu, qui rupi re çu, re çaçaua muirá uaçu
— Aqui por tu vás, aqui por tu vás, passa pao grande

uerampi. Ariré re yereo, re yereo re iuire ce rapiá uira
baixo por. Depois vira, vira e volta meus escrotos baixo

queté!
para!

Aé ana taina etá o çu yá timana u cecare ça pé.
E já meninos foram rodear chegaram no caminho.

Ne o acema.
Não acharam.

Aé ana acema iuére Curupira roca opé. Aintá o porandu
Elle já sahiram outra vez Corupira na casa Elles perguntaram

iuére chupé.
outra vez a elle.

— Ce ramonha! Maa queté ce rapé?
— Meu avô! Onde que meu caminho?

— Ne yá o acema.
— Não nós achamos.

Curupira o çuachara.
Corupira respondeu.

— Yaué tenhen!
— Assim mesmo!

Ariré u ço ana anitá. O monhana curuçá [1] mirim
Depois d'isso foram-se embora elles. Fizeram cruzinhas

etá Curupira rapé opé.
do Corupira caminho no.

Curupira o çáru, inti áintá o iucuáo.
Corupira esperou, não elles appareceram.

Aé ana o ço aintá racacuera o çacema o ço o icó.
Elle já foi d'elles atraz gritando foi estava.

— Ce roô cuera! ce roô cuera!... Çoô cuera o çuachara
— Minha carne! minha carne!... A carne respondia

ichupé — Oho! O Caima etá i marica opé.
a elle — Oho! do perdido barriga na.

O cêca paraná re meêpe ucê y u cêna rama Curipira
Chegaram do rio na beira beberam agua, vomitar para do Corupira

roô cuera.
a carne.

---

[1] *Cruz*. Palavra portugueza tupinizada pelos missionarios.

Curupira o çacema ure o icó. Çoô cuera o çuachara
O Corupira gritando veio andando. Carne respondeu

ichupé, iui arpe uana.
a elle da terra em cima já.

Taina etá o iaçáu uana coandaua quité, coema queté
Os meninos atravessaram já para outro lado para, manhã pela

ana. Aé ana Curupira u nheen: — Pe cuáu catu pe yauáu.
já. Então o Corupira disse : — Vocês souberam bem fugir.

Ceno mo cha ú páu tenhen (1).
Se assim não fosse eu comia todos vocês.

Açuhy taina etá o ço ana o cecare aintá rapé. Aé
Depois os meninos foram-se embora procura d'elles caminho. Elle

ana o acema acuti o quetyca o icó i maniaca o nheengare
já acharam cutia ralando estava sua mandioca e cantando

o icó.
estava.

« Acuti pitá canhen (2). »

O Caima etá u cêca u purandu ichupé.
Os perdidos chegaram e perguntaram a ella.

— Maá taá re munhan ce aría?
— O que tu está fazendo minha avó?

— Cha quetyca ce maniaca, che meriareru etá.
— Estou ralando minha mandioca, meus netos.

— Mamé taá ne cupichaua, ce aría?
— Onde que tua roça, minha avó?

— Inti ipecatu. Iqué nhunto, o çuachara. Querupi pe
— Não é longe. Aqui perto, respondeu. Por aqui vocês

çó çatamyica re ço, re cema curi ne manha roca opé.
vão direito vão, sahirão tua mãe casa em.

Aintá o çó ana. O çoanti macaca irumo o ú icó iuá
Elles foram logo. Encontraram macaco com comendo estavam fructa

aintá manha caapoêra opé. Auaitá (3) o porandu içuhy.
d'elles da mãe capoeira na Elles perguntaram a ella.

---

(1) Como no sul o Corupira no Amazonas não atravessa rios.

(2) Palavras de dialecto que desconheço.

(3) Por *aetá*.

— Mamé taá ce manha roca, macaca? Macaca o çuachara.
— Onde que minha mãe casa, macaco? Macaca respondeu.

— Inti ramé pé iucá iché cha umbeú penhen arama,
— Não se vocês matam me eu conto vocês para

mamé pé manha roca.
onde caminho mãe da casa.

Taina etá o çuachara:
Os meninos responderam:

— Inti maan yá iucá indé, re mucámeen yané rapé.—
— Não matamos te tu mostras nosso caminho.—

— Çatamiyca recó iquí nhunto ana ne rapé.
— Direito vae aqui perto já teu caminho.

Auaitá o ço, u cema uana i manha roca opé. I manha
Elles foram, acharam sua mãe casa em. D'elles

inti uana u çáru aintá.
a mãe não já esperava os.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

### O CORUPIRA E OS PERDIDOS

Um pai botou no meio do matto dous filhos por serem verdadeiros gulosos e não chegar para elles a comida e para não lhes dar de comer. Depois disto ficaram perdidos no matto. Depois subiram para um páo grande, viram o fogo do Corupira. Desceram e foram para onde estava o fogo. Acharam o Corupira moqueando carne. Estavam com fome, e pediram um pedaço do moqueado do Corupira.

— Meu avô, tu me dás tua caça para comer?

— Sim.

Cortou carne da perna e deu para que elles comessem.

— Por onde é meu caminho, meu avô?

O Corupira respondeu:

— Tu vás por aqui... tu vás por aqui... passa por baixo de um páo grande; depois vira, vira e volta por baixo de meus testiculos.

Os meninos foram fazer a volta, chegaram ao caminho e não o acharam. Sahiram outra vez; encontraram o Corupira em casa. Perguntaram-lhe de novo:

— Meu avô, onde é o caminho. Nós não o achamos.

O Corupira respondeu :

— É esse mesmo.

Depois disso, elles foram-se embora, fizeram umas cruzesinhas pelo caminho. O Corupira esperou, mas elles não appareceram. Foi então atraz delles gritando :

— Minha carne! Minha carne!

A carne respondeu lhe da barriga dos perdidos:

— Ohô!

Chegaram elles á beira do rio e beberam agua para vomitarem a carne do Corupira. O Corupira andava gritando e a carne respondeu-lhe já na terra. Já pela manhã os meninos atravessaram para o outro lado. Então o Corupira disse :

— Vossês souberam fugir bem, e, se assim não fosse, eu comeria vocês.

Depois os meninos foram-se embora, á procura do caminho. Acharam uma cutia, que estava ralando mandioca e cantando :

« Acuti pitá canhen. »

Chegaram os perdidos e perguntaram-lhe :

— Que estás fazendo, minha avó?

— Estou ralando mandioca, meus netos.

— Onde é tua roça, minha avó?

— Não é longe. É aqui perto, respondeu. Vossês vão por aqui direito e sahirão em casa de sua mãi.

Foram-se logo embora. Encontraram um macaco que comia fructas na capoeira da mãi delles. Perguntaram-lhe :

— Macaco, onde é a casa de minha mãi?

O macaco respondeu :

— Se vossês não me matam, eu direi onde é o caminho da casa de sua mãi.

Os meninos responderam.

— Não te matamos. Mostra-nos o nosso caminho.

— Vão direito; aqui perto é o caminho.

Foram e acharam a mãi em casa.

A mãi já não os esperava.

# X

## CURUPIRA CUNHAN IRUMO

### O Corupira e a mulher

(VERSÃO DE SILVES)

Yepé cunhan u çu caamunu aap u caima. Uatá caá
Uma mulher foi caçar e ahi perdeu-se. Andando matto

rupi pituna ramé u acema Curupira. Curupira u puranu (1)
pelo noute quando encontrou o Corupira. O Corupira perguntou

cunhan çupé:
mulher á:

— Mamé taa re có?
— Para onde tu vaes?

— Cha çu caamunu, cha caima caa pe, intiana cha cuau
— Eu vim caçar, e me perdi matto no, não sei

ce rapé.
meu caminho.

— Yá çu ce irumo ce roca queté.
— Vamos comigo minha casa para.

Curupira u raçu cunhan roca quepé.
O Corupira levou a mulher casa d'elle.

Aap u icu irumo çoca opé.
Ahi esteve com elle casa na.

Aap Curupira u çu caamunu nhaan cunhan çupé.
N'isto o Corupira foi caçar aquella mulher para.

Curupira iin:
O Corupira disse:

— Cha çu ráin cha caamunu re raçu arama ne *manha*
— Eu vou antes caçar tu levares para tua mãe

çupé.
a.

---

(1) Por *porandu*.

Curupira u çu caamunu nhaan cunhan çupé. Munhan
O Corupira foi caçar aquella mulher para. Fez

yamachi miri u purucar arama i pupé nhaan çoórocuera.
jamachisinho encher para elle com aquella (caça) carne.

Uiramé (1) u ceca caá chii u rure çoó cetá u purucar arama
Quando chegou matto do muita caça muita encher para

yamachi pupé. Curupira u rure tapiira, çuaçu, paca, acuti,
yamachy no. O Corupira trouxe anta, veado, paca, cutia,

taiaçu, u purucare yamachy pupé.
porco, encher yamachy no.

Curupira u nhein: « yá açu ana ne manha pire ».
O Corupira disse: « vamos embora tua mãe ter com ».

Curupira u raçu ana cunhan i manha.
O Corupira levou a mulher á sua mãe.

U ceca ramé çoca queté Curupira u nhiin:
Chegou quando casa em o Corupira disse:

— I cu ana ne manha pire, cha çu ana ne chii;
— Vai já tua mãe ter com eu vou me embora ti de;

timaan maa re ú i có ce pire ce roca opé.
não que tu comeres vem migo ter com minha casa em.

Curupira u çu ana.
O Corupira foi-se embora.

U ceca ramé çoca opé u pirare yamachy u cema çoó rocuera
Chegou quando casa na abriu o yamachy sahiu carne

nhaan yamachy-mirim u purucare çoca çoó rocuera chii.
d'aquelle yamachysinho encheu a casa carne d'elle.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

### O CORUPIRA E A MULHER

Uma mulher foi caçar e perdeu-se. Andando pelo matto, á noite, encontrou o Corupira. Este perguntou-lhe:

— Para onde vais?

— Eu vim caçar e perdi-me no matto. Não sei o meu caminho.

— Vem commigo para minha casa.

---

(1) Por *aramé*.

O Corupira levou-a para casa; esteve com elle. Então o Corupira foi caçar para ella. O Corupira disse:

— Vou ainda caçar, para tu levares para tua mãe. O Corupira foi caçar para aquella mulher, e fez um *jamachy* pequeno para enchel-o de caça. Quando chegou do matto trouxe muita caça para encher o *jamachy*.

O Corupira trouxe anta, veado, paca, cutia, porco para encher o *jamachy*.

O Corupira disse:

— Vamos-nos embora ter com tua mãi.

E levou a mulher a sua mãe.

Quando chegou á casa, o Corupira disse:

— Vai já ter com tua mãe. Eu me separo de ti. Quando não tiveres que comer, vem ter commigo em minha casa.

O Corupira foi-se embora.

Chegando á casa, abriu o *jamachy* e sahiu d'ahi caça que encheu toda a casa.

# XI

## UIRA-PAYÉ NHEENGAREÇARA [1]

### Do Passaro feiticeiro a cantiga

(RIO SOLIMÕES)

Uirá payé, [2] paá, mocoin [3] tayra tuichaua aitá cuchi yma
O passaro feiticeiro contam, dous filhos chefes elles outr'ora

maarupiara, arecé cuité aitá tutyra u mutara ima. U cenõe,
felizes, por isso então d'elles o tio odiava. Chamou,

paá, aitá, u ayuri u itêca muirá u munhan arama cupichaua,
dizem, elles, convidou derrubar arvores fazer para roça,

u mucáo i cunhambira etá. Aé uana, paá, u iucá. Aé uana
embebedou seus sobrinhos. Então, dizem, matou. Então

aitá uiuire i aría pêre, aitá anga iunto ana. Aitá u purundú
elles voltaram sua avó ter com, elles alma somente já. Elles perguntaram

imu çupé:
irmão ao:

— Mahy taá ne querpe?
— Como que tu sonhastes?

— Ce querpe racói, cha yá çuca carayuru [4] irumo.
— Eu sonhei d'este modo, nós lavavamos carujuru com.

— Yaué tenhen racói iché ce mu.
— Assim tambem d'este modo eu meu irmão.

---

(1) Conhecido tambem por *Tinkuan* ou *Sinkuan*. É o *Cocculus cornutus* L., o *Alma de gato*, ou *Alma de caboclo*, do Sul. Esta especie em alguns lugares se confunde com o *C. cayanus*, ou *Maty-taperê*, mas o indio o distingue, como se vê d'esta lenda. A semelhança que existe entre as duas especies origina a confusão. É tido este passaro por agoureiro, pelo que quando ouvem cantar prognosticam logo alguma desgraça. Pela lenda ver-se-ha qual o canto que é fatidico.

(2) Um é o *Uirá-payé*, outro o *Maty-taperê*, o *Guirá piayé* de Cayenna.

(3) É o nome da *Bignonia chica* ou *Lundia Chica*, um cipó de cujas folhas se extrahe um pó vermelho, que dá uma tinta com que se pintam os indios, e serve para colorir seus tecidos, curar algumas molestias e preparar algumas feiticarias. Ha varias especies, cuja tinta é mais ou menos vermelha.

(4) Termino aqui as lendas do Corupira por duas, que se bem que não seja elle n'ellas o herôe, comtudo este está preso aquelle pela filiação. Referem-se ao ornithomorphismo de seu filho, ao Çacy çapererê ou Maty taperê, e mostram como se originou entre o vulgo o nome que tambem tem de *Alma de caboclo*. Mostram tambem a razão pela qual é tido como agoureiro o canto do Çacy (Cocculus) e explica o motivo da côr vermelha dos olhos e da plumagem.

Aintá aría cuité u moacó aitá remiú. U neeng cuité
D'elles a avó então aquentava d'elles comida. Fallaram então

aitá :
elles:

— Ah! ce aría, inti uana yá icó mira arama, yaué
— Ah! minha avó, não já nós estamos gente em, sim

anga iunto ana. Eré ce aría, cha çu ana ne chii, re cenoe
alma só já. Bem minha avó, eu vou já ti de, tu ouvires

ramé cha neengare, cha munhan ramé :
quando eu cantar, eu fizer quando :

« *Tincuan! Tincuan!...* » re iauáo oca queté, cha neengare
« Tincuan! Tincuan!... » tu fujas casa para, eu cantar

ramé cuité « *Titi... ti.. ti..* » aramé re icuáo.
quando então « Titi. ti. ti. » então tu reconhecerás.

Nhaan piranga uaá ceçá recó çôui cuêra.
Aquelle vermelho que olhos nos sangue que foi.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Contam que os passaros feiticeiros, outr'ora, eram dous filhos de um chefe' muito felizes, pelo que um tio os odiava. Chamou-os e convidou-os para derrubarem matto, para fazerem uma roça e depois embebedou os sobrinhos. Dizem, que depois os matou. Um irmão perguntou ao outro :

— O que foi que tu sonhaste?

— Eu sonhei que nós nos lavavamos com carayuru.

— O mesmo sonhei eu.

Quando a avó d'elles aquentava a comida, disseram :

— Ah! minha avó, nós não somos mais gente, e sim só o espirito. Assim seja, minha avó, nós te deixamos e quando ouvires cantar « Tincuan! Tincuan!... » foge para casa e quando cantar « Ti... ti... ti!... » então reconhecerás.

Aquella côr vermelha dos olhos foi sangue.

# XII

## TINKUAN

(RIO NEGRO)

Amô ara opé yepé tuichaua u ricó taira ayara u raçu
Outro tempo no um chefe tinha filho encantado levou

ré, i piqueti u icó arama pirayua marica opé. Cuaá
elle, pelle riscada estava para piraiba barriga na. Esta

pirayua u ú mira etá u çaçau uaá ipaua rupi. Tapiya etá
piraiba comia a gente passava que lago pelo. Os Tapuyos

umbure topoinhê ara yepé taina, tuyué piráyua u mucuna
punham todos os dias uma criança, velho piraiba engulir

arama u chiare arama nhaã etá u çu aá u pinaitica ipaua
para deixar para aquelles passarem que pescar lago

opé. Tuichaua etá topoinhê ara u maan mira etá u ca-
no. Os chefes todos os dias viam a gente per-

nhema u icó ipaua opé. Aetá u nheeng ana, paá:
dendo-se estava lago no. Elles disseram dizem:

— Yá çu ana u munuca uambé yá munhan arama
— Vamos já cortar uambé nós fazermos para

tupaçama yá pinaitica arama piráyua u ricó aá rayra i
corda nós pescarmos para piraiba está que filho sua

marica opé.
barriga na.

— Yá çu.
— Vamos.

Achii aétá u çu caa pe u iuúca uambé munhan arama
Depois d'isso foram matto no buscar uambé fazer para

pináchama u ciqui arama piráyua, aitá pináputaua yepé
linha de pescar puchar para piraiba, elles isca uma

taina i puranga reté aitá u yapi ipaua piterpe. Piráyua
criança bonita bem elles atiraram lago meio no. Piraiba

u ú pecêca piná aitá u ciqui piráyua quirimbaua u muçaca
pegou anzol elles pucharam piraiba valente arrebentou

aitá pináchama yauáu aitá chii. Achii yepé payé u cenôe
d'elles linha fugio d'elles. Depois um pagé chamou

tuichaua étá u nheeng çupé arama :
os chefes disse aos para :

— Ce remiareru etá, penhen tepé pecica piráyua aé
— Meus netos, vocês não peguem piraiba ella

intimaan i catu, aé mayiua, aé mira anga tuichaua raira.
não boa, ellà cousa má, ella gente alma chefe filho.

Penhen cuire pe coin pe munhan pináchama pe remi-
Vocês agora vocês vão vocês fazer linha de pescar vocês mu-

recó áua chii, pe pecica arama aé.
lheres cabellos d'ellas, vocês pegarem para ella.

Cunhan etá curuten catu aitá u munuca i áua
As mulheres immediatamente ellas cortaram d'ellas cabellos

aitá (1) munhan arama pináchama ipó açu catu, achii aitá
fazer para linha grossa bem, depois ellas

umbure yepé taina pináputaua arama, aitá u cequi pirayua
puzeram uma criança isca para, ellas pucharam piraiba

uaymi.
velha.

Payé u nheeng aitá çupé arama: « Penhen pé iucá
Os pagés disseram elles já para: « Vocês matem

aé, achii pe pirare i marica, i marica opé u acema curi
ella, depois vocês abram ella barriga, sua barriga na acharão

yepé uirá, nhaan uirá tuichaua raira anga. Tenhen pe chare
um passaro, aquelle passaro chefe filho alma. Não vocês deixem

u yauáu, u uéué ramé u nheengare Tincuan yá manu pau
fugir, voar quando cantar Tincuan nós morreremos

curi. »
todos. »

Aitá u acema uirá piráyua marica opé, achii u yauáu
Elles acharam passaro piraiba barriga na, depois fugio

---

(1) O facto de cortarem as mulheres os cabellos para com elles fazerem uma corda que se não rebenta, lembra a lenda do Pahytunaré, que já publiquei, na qual se vê que com elles as mulheres tambem fizeram uma rede que teve o poder de prender o filho de Pahytuna. Parece-me, comtudo, que esse pensamento não é puramente indigena e sim resultado da influencia estrangeira, porque, se bem me recordo, já vi em um conto de origem européa o facto de se fazerem redes de cabellos de mulheres para se tornarem incapazes de se romper. Isso, porém, não faz desmerecer o pensamento indigena porque póde ser original, se não é o resultado de uma crença transmittida por passados immigrantes.

aitá pó chii. Uirá u iupire i uate quiti (¹) achii u nhen-
d'elles mão da. O passaro subio cima para depois can-

gare : — Tincuan !... Tincuan !...
tou : — Tincuan !... Tincuan !...

Achii iuaca u puytá pituna uçu, iui u mocataca, ipaua
Depois o céo ficou escuridão, a terra tremeu, o lago

u ticanga, mira itá u manu pau, uirá - payé u puytá anhu
seccou, a gente morreu toda, o passaro feiticeiro ficou só

ara u nhengare : Tincuan !... Tincuan !...
mundo cantando : Tincuan !... Tincuan !...

Uirá - payé yá maan uaá oeii aé cochiyma uara
O passaro feiticeiro nós vemos que hoje elle outr'ora

tuichaua raira uaá aé u ricó aá i piráyua marica ope.
chefe filho que estava que d'ella piraiba barriga na.

Aitá u nheeng u nheengare ramé intimaan i catu ma-
Elles fallam cantam quando não boa no-

randua.
ticia.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Um chefe teve n'outro tempo um filho que levou encantado, com a pelle riscada, na barriga de uma piraiba. Esta piraiba comia a gente que passava pelo lago. Os tapuyos diariamente punham uma criança ao velho piraiba para elle engolir e deixar passar aquelles que iam pescar no lago.

Os chefes viam que diariamente a gente desapparecia no lago e disseram segundo dizem :

— Vamos já cortar uambé para fazer uma corda para pescar a piraiba que tem um filho na barriga.

— Vamos.

Foram, depois d'isso, ao matto buscar uambé para fazer uma linha de pescar para puchar a piraiba, e a isca d'elles foi uma criança bem bonita que atiraram no meio do lago. A piraiba pegou no anzol que pucharam, porém, a piraiba era valente e arrebentou a linha e fugio. Depois um feiticeiro chamou os chefes e lhes disse :

(1) *Quiti* por *quetê*, *piquiti* por *pequyty*, como *itá* e *aitá* por *etá* e *aetá*. N'esta lenda vê-se bem a transformação do *e* para *i* no Rio Negro, assim como a do *o* para *u*.

— Meus netos, vocês não peguem a piraiba porque ella não é boa, é cousa má, é a alma do filho do chefe. Vocês agora façam uma linha de pescar com os cabellos de vossas mulheres para então a pegarem.

As mulheres immediatamente cortaram os cabellos e fizeram uma linha de pescar bem grossa e depois puzeram para isca uma criança e pucharam a velha piraiba. Os pagés disseram-lhes:

— Vocês a matem, abram-lhe a barriga e n'ella acharão um passaro que é a alma do filho do chefe. Vocês não o deixem fugir ou voar porque quando elle cantar: Tincuan! nós todos morreremos. Acharam o passaro na barriga, mas fugio da mão d'elles. O passaro subio e cantou: « Tincuan! Tincuan!...

O céo ficou completamente escuro, a terra tremeu, o lago seccou e a gente toda morreu, e só ficou no mundo o passaro cantando: « Tincuan! Tincuan!...

O passaro feiticeiro que nós vemos hoje foi outr'ora o filho do chefe que estava na barriga da piraiba.

Contam que elle canta quando as noticias não são boas.

# OS YURUPARIS

Na mythologia brasilica, e especialmente na Amazonense, depois de *Cy* [1], a creadora, a *mãe* de tudo quanto cobre a terra, aquella que, além da protecção que dispensa, é a que dá a abundancia, figura o Yurupari, dos tapuyos, o espirito, por todos conhecido como espirito máo, e que os civilisados identificaram com o espirito maligno, ou o das trevas, da crença biblica, não havendo n'isso razão de ser, porque o papel de um é muito differente do do outro. O Yurupari não tenta como o demonio, para roubar a Deus as almas de seus filhos; nada tem com ellas, e não possue reino proprio onde as reuna para purgarem o mal que na terra fizeram. O papel infernal que fazem o Yurupari representar é unicamente emprestado pelos missionarios e pelos civilisados.

O indio teme a influencia do Yurupari, como teme a do Korupira; evita o soffrimento na terra e as contrariedades da vida, porque suppõe ser isso obra de um espirito invisivel.

Tanto o Yurupari, como os outros espiritos, não recebem offerendas, pelo menos n'estes ultimos tempos, e creio que nunca os tiveram, porque, se as tivessem tido, ainda hoje as teriam das tribus selvagens onde os costumes estão perpetuados.

Os missionarios, com vistas interesseiras, espalham essa noticia sómente para rebaixar o caracter indigena, dizendo que eram os indios tão máos que só ao diabo tributavam culto. [2]

A crença n'esse mytho é acceita pela gentilidade de todo o imperio, porém sob duas denominações geraes: no Norte é *Yurupari*, no Sul *Anhanga*. Como o Korupira, filia-se ás tribus que fallavam o Abañeenga e é essencial-

---

(1) *Cy* nos lembra a deusa dos Phrygios, a Cybelle, Κυβέλη, que os gregos adoravam como filha do céo, considerando-a como a geradora de todas as cousas, pelo que tinha, como entre os nossos indigenas, o nome de *Mãe*. Como deusa da terra, teve cultos tambem em Roma, onde passa por ter sido ella a inventora do tambor e da charamella ou flauta campestre. Se no Amazonas *Cy* não tem Corybantes, e nenhum culto externo, este existe no coração sem demonstrações. Ha muita analogia entre o mytho americano, antes brazilico, e a deusa grega.

(2) O Sñr. Conego F. Bernardino, sem analyse critica, ligando o que ouviu no pouco tempo que se demorou no Amazonas com o que leu, nas suas *Curiosidades do Amazonas*, superficialmente tratando do Yurupari, diz que Yurupari significa *diabo*, outras vezes *espirito dos bosques* e tambem *espirito malefico*.

mente brazileiro. As tribus Ñeengaibas não o conhecem como espirito do mal. Os Botucudos o denominam, segundo o principe de Neuwied, *Janchon*. Com os attributos do demonio largamente d'elle tratam os Padres Ivo d'Evreux e Claudio de Abbeville (1613) assim como o Padre Simão de Vasconcellos, que o identifica com o Anhanga. D'elle nos falla, tambem, o missionario João Daniel (1791) que estudou com proveito a gentilidade do Amazonas, dizendonos que o Yurupari *não tem os mesmos attributos do demonio*. Ivo d'Evreux dá até outros espiritos malignos inferiores, sujeitos a elle, como: animaes, (soó Geropary); passaros (Uyrá Geropary) que os servem, ora de homens, (Aua Geropary) ora de mulheres, (Kugnan Geropary). Um que elle vio, e affirma ser o proprio demonio, segundo a descripção, é o innocente noctivago reconhecido por *Uakurão*, um Caprimulgus!

Como espirito do mal, ou demonio, quando não o é, o dão todos os escriptores que trataram das cousas do Sul. Assim o *Aignan* de João de Lery (1556), o *Agnan* de Thevet (1558) (1), o *Ingange* de Hans Stadt (1592), o *anhangá* dos Padres Anchieta e Nobrega (1560), o do Padre Fernão Cardin (1580) e o *Anaanh* de Barrère (1743) é o mesmo *juruparim* do primeiro litterato brazileiro, o pernambucano Bento Teixeira Pinto (1618), ou *irupari* do hollandez Gaspar Barleus (1647), ou *jurupari* dos missionarios francezes do Maranhão, e portuguezes do Amazonas. Como bem o disse Laet (1648) e Marcgraff: « jurupari et anhanga significant simpliciter diabolum. »

Teixeira Pinto, nos seus *Dialogos das grandezas do Brazil*, entre Alviano e Brandonio, diz, quando trata dos ritos do gentio: « não ter elle nenhum e si algum modo de adoração fazem, posto que não se lhe conheça é ao *diabo* ao qual dão o nome de *juruparim*. »

Barleus descrevendo a viagem de Elias Herckman, pelos sertões de Copaóba, tratando de uma montanha, assim se exprime: « nomen monti erat polysyllabum et terribile *Irupari bakau*, que significa: Hic respexit *diabolus*. »

Entretanto, se tem querido que o *ananga* Amazonense seja por isso o mesmo Yurupari, quando não é aquelle mais do que um nuncio de desgraça, uma alma perdida, penada, que não foi para o céo, que vagueia no espaço sem que para isso Yurupary concorresse ou d'ella se apossasse, ou então é um duende que não é máo e antes protector e conservador (no Pará); sómente algum mal commette quando se vae de encontro ao que elle quer, isto é, que se poupe, na caça, o animal que mama ou amamenta e o passaro que choca ou cria (2). O Yurupari não tem encarnação alguma e o Anhanga tem. A in-

(1) « Ainsi ces pauures Ameriques voyent souuent un mauvais esprit tantost en une forme, tantost en une autre, lequel ils nomment en leur langue *Agnan* et les persecute bien souuent iour et nuit, non seulement l'âme, mais aussi le corp. » Thevet. *Les sing. de la France antarctique*. Edit. Gaffarel. Paris 1878, pag. 168.

(2) Tambem se considerava de máo agouro, diz o Sr. Visconde de Porto Seguro, na sua *Historia do Brazil*, que o marido ou companheiro da mulher pejada matasse alimaria prenhe; e Gabriel Soares, que pelo mesmo motivo, respeitavam então os ovos dos passaros.

carnação d'este quando apparece ao homem é sempre sob a fórma de um veado, de côr vermelha, de chifres cobertos de pellos, de olhar de fogo, de cruz na testa, conhecido por *Çuaçu ananga*, que não é mais do que o *çuaçu kaatinga*, do Sul, ou *Cervus simplicicornis*, de Illeger, conhecido hoje por *Catingueiro* e que Azara denomina *Guazú Birá*.

A imaginação do tapuyo, sempre propensa ao maravilhoso e á superstição, creou propriedades para esse animal, todas sobrenaturaes.

Dizem que quando apparece annuncia a morte [1]; que quando passa pelo matto, as arvores se estorcem, e as feras se tornam mansas; e que o ruido das rajadas do vento pelas mattas, é produzido pelo *añanga* que corre. Apezar disso o indio não o poupa quando o avista, e a frecha certeira vara-lhe os flancos, atirando-o aos seus pés, para ficar abandonado, visto como não come a carne, por fazer mal, *Pochi uaçu çoákuera çuaçu ananga*, a carne do veado ananga é muito má, dizem.

No Rio Tapajós e em outros lugares ouvi uma lenda, em 1872, que tambem o Dr. Couto de Magalhães ouvio e publicou em portuguez, que adiante reproduzo, como a ouvi, para justificar o que tenho dito.

O ananga, pois, fóra da encarnação zoologica, que se refere a outro mytho, não é mais do que o phantasma da crendice do branco e isso nos dizem-nos seus vocabularios o P.e Seixas, Gonçalves Dias, Martius e Couto de Magalhães, que confirmam o que aqui digo, por estudo proprio.

No Paraguay mesmo, nos diz Montoya no seu *Tesoro*, ananga é um phantasma, entretanto que na *Conquista Espiritual* (Abaretá) o trata por *diabo*, porque assim era preciso.

O eximio cantor do *Caramurú*, o mineiro Santa Rita Durão, na estrophe XI do canto II do seu poema tambem o tem por *phantasma*, tanto que assim o diz:

« Gupeva então, que aos mais se adiantava,
« Vendo das armas o medonho vulto,
« Incerto do que vê, suspenso estava,
« Nem mais se lembra do inimigo insulto;
« Alguns do *anhangá* imaginava,
« Que dentro o grão *fantasma* vinha occulto:
« E á vista do espetaculo estupendo
« Cahio por terra o misero tremendo. »

O *anhangá* do sul dirivar-se-ha de *ayua* ou *ayba*, mal, e *anga*, alma, resultando d'ahi ser o *espirito do mal*, o demonio, mas, o *ananga*, do Amazonas, que muito claramente pronunciam *anánga*, e *ianga* vem de *anâ*, parente, e

---

[1] Entre os Guaranis ha a mesma abusão; diz Montoya na sua *Abaretá*, ou *Conquista Espiritual*, que « em sahindo um veado por d'onde a gente se acha, é aviso de morte. »

*anga*, alma, o *espirito dos parentes*, o *phantasma*, a *alma do outro mundo*, a *alma penada*, a *assombração*, etc., e *ianga* que se deriva de *i*, d'elle, *anga*, alma, a alma d'elle.

O *anhanga* do sul, animal, pois, sendo o mesmo Yurupari do norte, não é o mesmo ananga amazonico.

A crença no *anhanga*, com a sua cruz na cabeça leva-me ao tempo do *culto dos demonios*, na phrase dos Bollandistas; ao reinado do Imperador Marcos Ulpio Trajano. O caçador que vê no *anhanga* a alma do seu parente, faz-me lembrar o rico caçador idolatra, o miliciano Placido, que na era 116 do catholicismo, perseguindo um bando de veados, foi seduzido pela belleza de um, que o distanciou de seus companheiros, para, depois de o levar para muito longe, apparecer com a galhada illuminada pela luz de uma cruz brilhante que ornou-lhe à fronte e levou assim Placido ao christianismo, baptisando-se com o nome de Eustaquio. Esse baptismo, comtudo, foi a causa do seu martyrio, pelo que foi canonizado.

A Santo Eustaquio appareceu o proprio Christo e pela boca do ruminante fallou ; aos indios apparecem as almas, que lhes fallam tambem ; em Roma era a Divindade, e nas florestas do Amazonas não são as almas, é o demonio!

Evitado, como é, o Yurupari não o é tanto como *maiaiua* ou *mae-ayb*, outro mytho que se confunde com elle.

O indio que se embrenha pelas florestas, atraz da caça sem temer o rigor do Korupira; que chama para as suas dansas o Yurupari (o invasor, pae das tribus) e o festeja e que frecha o *anhanga*, foge da *mbae-ayb* que é a sombra do corpo, e não a alma, que ficou do morto sobre a terra, vagando pelo espaço. O selvagem affronta as iras dos elementos ; não recua ante a morte, mas teme as sombras dos corpos, do pae, do irmão, dos parentes que ficaram na terra depois que o seu corpo se sumio, como melhor o explicarei tratando dos contos indigenas.

O Yurupari não tem, como outros mythos, uma encarnação, vive só no pensamento.

O proprio P.ᵉ Ivo nos diz que interrogando um velho ácerca de Deus, o interrogado dissera que este era puro espirito, porque a ser homem devera ter pae e accrescentou : « Yurupari é o creado de Deus e *nós não o vemos....* »

Claudio d'Abbeville perguntando, tambem, aos *principaes e velhos mais sabedores do que se tem passado, responderam e affirmaram não ter noticia de ter apparecido* o Yurupari.

D'aqui se conclue que nunca o Yurupari teve uma fórma corporea, que apresentam os *diabos que estão sob seu dominio*, com ainda diz o P.ᵉ Ivo. Estes demonios não são mais do que espertalhões pagés que os missionarios, não sei se realmente, tomam, como ainda hoje, por demonios encarnados em homens.

Sua apparição é sempre durante o somno e reina no pensamento do indio nas suas veladas, pelo que é o Yurupari o espirito dos pensamentos máos, resultantes dos máos sonhos ou pesadellos. Um notavel escriptor, tratando do *Anhangá*, do sul, o identifica com o Yurupari quando diz: « é uma entidade inteiramente espiritual, sem idolos que o representassem e que o tornassem visivel, affligia os guerreiros, atacava-os *com terrores e sonhos amedrontadores*, etc.

Gonçalves Dias, mesmo, o identificava n'estes versos:

« Esta noute — era a lua já morta »
« Anhangá me vedava sonhar »

e mais adiante:

« E anhangá te prohibe sonhar »

O Dr. J. M. Macedo, nas suas *Lições da Historia do Brazil*, dá o Yurupari como *espirito da noute.*

Yurupari no Norte, Anhanga no Sul, nada tem, pois, de commum com aquelle que deu a Adão o fructo da arvore do bem e do mal; Yurupary não é o diabo, e se o querem que seja, deve-se ao fanatismo dos pregadores da fé, que felizmente não tiveram poder para collocar no Yurupari, chifres, cauda e pés de cabra, como no Yurupari christão. A mim, um padre, Fr. Illuminato Coppi, convencido (?) quiz me convencer que quem vestia uma mascara do Yurupari, que estava em meu poder, era um verdadeiro diabo sahido do inferno biblico que apparecia como Mephistopheles ao Dr. Fausto.

Ha um facto que não deve passar desapercebido e que muito filia as crenças indigenas, ás do paganismo da Asia, e ás crenças Nahuaas, tambem d'aquella origem, é o que faz sempre os mythos selvagens serem gerados em mulheres virgens. Nas Indias Orientaes, na China, no Thibet, dous ou tres mil annos antes de Christo, já os Deuses e Semi-Deuses eram dados como filhos de *mães virgens*. Assim *Yurupari*, *Izi* ou *Boskan* a *Boia açu*, a *Many* e outros tiveram por mães, sempre, mulheres virgens e puras, como foi a Santissima mãe d'Aquelle que nos ensinou o caminho do céo.

Não será isso a influencia ou vestigios deixados pela immigração asiatica, que importou o Muyrakytã, cuja *mãe* tambem era virgem? Penso que sim, porque o proprio mytho do Yurupari Yaui, outro mytho muito differente, tem muita affinidade com um dos espiritos ou *nitus* da Theogonia indica. O *Taulay* é para os filhos do archipelago indico, um espirito máo que só em sonhos apparece, mas que póde ser visto sob a fórma humana sendo invocado. Então apparece e falla pela boca de um padre, no meio de um ruido infernal de tambores, gaitas e outros instrumentros. A apparição do Yurupari em sonhos; o facto d'este ser visivel não será o mesmo Izy, do Dabukury, que tambem apparece fallando por meio do pagé, e apresentando-se ao som do instrumental exturgidor dos Uaupés? Ainda mais. A crença n'esta tribu de

descender das Amazonas, que possuiam o Muyrakytã, indubitavelmente asiatico, não nos mostra que a lenda e a crença dos Yurupari Yaui veio trazida por immigração?

A sub-tribu dos Tarianás, toda composta de nobres ou moakaras, que religiosamente ainda trazem suspensa ao pescoço a pedra que os distingue, igual em fórmas ao Muyrakytã, parece ser aquella, que guarda fielmente a tradicção da tribu denominada das Amazonas e que habitam as proximidades do Yamundá, nome este tambem da theogonia asiatica. Tudo isso me leva a crer que o segundo yurupari nos veio por immigração prehistorica e não é autocthone. Os Yuruparis, pois, quer tapuyo, quer yaui, do qual me occupo largamente no meu trabalho sobre o Muyrakytã, estavam identificados com Satan, porque nem uma só lenda havia, que me conste, que destruisse essa crença, havendo comtudo aqui e ali vestigios de que elle presidia antes os máos sonhos. Silvio Romero, na sua *Poesia popular do Brazil*, disse que « *as lendas do Yuruparí perderam-se e nosso povo as ignora* »; agora, porém, desenterro algumas que nos vem provar que nunca Yurupari entrou no corpo de ninguem, a não ser no cerebro dos escriptores que deprimem os indios, por conveniencia propria. Não só nas lendas que ouvi, como nos diversos factos que contaram que se attribue ao Demonio em diversos logares, em nenhum apparece este; em todos é sempre um facto physiologico, o pesadello, o somnambulismo que move a acção, attribuida ao genio do mal, pela imaginação do indio a catechisado, ante as caldeiras e as fogueiras do inferno. A primeira lenda que apresento mostra a origem do mytho das tribus karaibas, por onde se vê que foi elle um immigrante invasor, que legislou e foi pae de uma raça, que ainda hoje os indios respeitam e obedecem ás suas leis. Como o invocam nas suas festas, os missionarios o identificaram com o demonio. As outras lendas que se seguem, as do Yurupari dos tapuyos, são effeitos do espirito em trevas; é a influencia da imaginação do indio presa pelo somno.

Assim, n'uma se vè que depois da partida dos que vinham convidar as moças para um divertimento, dormiram para acordar cedo, e impressionadas talvez por irem a sós com rapazes, tiveram o sonho máo, provado ainda, com o que é commum, pelo vôo que deram transportadas pela ave; n'outro apresenta-se um sonho vulgar e que como esse a nossa sociedade moderna tem presenciado muitos; como o tão conhecido, citado nas suas *Meditações* por Brillat Savarin, e no mesmo caso estão as outras. A lenda do Anhangá não é mais do que o effeito da superstição. Esses factos que se davam com os indios, os padres aproveitavam para os convencer que na realidade era o demonio que os perseguia. O respeito ao branco, o kariua, e a autoridade do sacerdote, levou o indio a se capacitar que havia demonios que lhe appareciam, porém sempre em sonhos.

Crentes os primeiros catechisados com o leite materno transmittiram ás

gerações a superstição, o medo e o abastardamento do caracter. D'ahi veio o demonio incubo. Alguns indios mais civilisados, comtudo, sempre tiveram esses factos por *patranha dos padres, pahy maranduba.*

Confirma o que tenho dito o seguinte, que prova que o Yurupari é o *pesadello*, mas que o civilisado crente que existe o demonio, attribue-lhe o máo sonho.

Descançava eu das fadigas do dia, nas costas do Amatary, na barraca (1) de uma familia tapuya, quando alta noute ouvi de uma das rêdes das mulheres que dormiam no giráo, (2) partir gemidos, e immediatamente da rêde que me ficava ao lado, em que dormia o chefe da casa, este bater tres palmas fortes.

— Que é isso? perguntei eu. — Yurupari u ká merika. (O demonio está amassando). Como cessassem os gemidos, accrescentou logo:—Yurupari u chare uana! (O demonio já largou.) Com effeito, com o ruido das palmas a mulher acordou e disse que tinha tido um máo sonho. O tapuyo para acordar o parente ou companheiro que sonha, nunca se chega a elle, porque teme que os gemidos, ou o seu fallar seja um ardil de Yurupari para o attrahir, e aproveitando-se da inconsciencia do que dorme possa fazer algum mal, e, por isso de longe bate palmas ou simula dar tres beijos fortes. Assim o medo que se tem do Yurupari, evita alguma desgraça e torna o indio mais sagaz do que o demonio, porque engana-o, não cahindo nos laços que pelo somno alheio elle arma.

Tanto Yurupari personifica o pesadello, que já os civilisados lhe deram tambem o nome de *Diabinho da mão furada* e como não o podessem representar, tomaram por emprestimo ás fórmas do outro mytho o *Çacy*, porém lhe furaram as mãos.

Como explica, pois, a crendice popular o pesadello? Fazendo ser motivado pelo diabinho da mão furada, cujo nome, de Yurupari, foi esquecido. Como *çacy*, é um molequinho ou caboclinho de carapuça vermelha, que em vez de ter os pés ás avessas ou ser côxo, tem um furo nas mãos. Faz á noute as suas correrias, e quando encontra alguem dormindo de costas, salta logo sobre o estomago e começa o seu brinquedo favorito, de fazer passar pelo furo das mãos, de uma para outra, uma bolinha que comsigo sempre traz, e, emquanto se diverte com isso o coitado está preso por um horrivel pesadello.

Dizem que si o individuo que dorme podér tomar a carapuça e escondel-a sob o travesseiro tudo conseguirá d'elle porque tudo dará para obtel-a.

Tendo no Sul, onde esta crença está mais inveterada, se perdido o nome de Yurupari, em alguns logares dão a esse mytho o mesmo nome de Çacy fazendo-se até significar *diabo;* outros tambem o identificam com o *Anhangá*·

(1) Nome que dão hoje ás casas de palha.

(2) Estrado alto nas casas, que fórma uma especie de andar, geralmente feito de espiques de palmeiras inteiros ou raehados.

Se bem o populaco brazileiro dê ao Yurupari o nome de *Diabinho da mão furada*, comtudo não passa de uma acclimação, porque a tradicção é portugueza e introduzida no nosso povo. Tanto é assim que Antonio Prestes, no seculo XVI, nos seus *Autos*, d'elle trata dizendo: « O homem das calças vermelhas « *o pesadello da mão furada* » e Filinto Elysio, nas suas *Fabulas*, tambem falla dos *Fradinhos da mão furada*, aos quaes dá o nome de *Trasgos*.

Pelos costumes do Amazonas, vê-se que os Yuruparis não são aquelles diabos, antes pagés, que o fanatismo christão do Padre Ivo d'Evreux transformou em verdadeiros anjos decahidos, nem aquelles lançados pelo Creador no abysmo, descriptos por Dante e de que se occupou Milton na sua epopéa. O demonio, o incubo, ou ephialte dos gregos, o Lucifer, o Moloch, o Artaroth, o Belzebuth não é o Yurupari do indio, como este mesmo bem o diz. Nunca o indio dá um nome que não tenha relação com o que elle denomina. Se quizessem fazel-o, opposto a Tupan, lhe dariam outro nome e nunca Yurupari. É, antes o irmão da *Esperança* e da *Morte*, neto de *Erebo* e da *Noute*, dos Gregos, que como bem disse o meu finado amigo Dr. Baptista Caetano, significa, *o que nos vem á cama*, (y–ur–upá–ri) isto é, *o sonho, o pesadello, o somnambulismo*, que parece uma influencia ou poder satanico, durante o somno do que toma para victima. As consequencias muitas vezes funestas dos sonhos e dos pesadellos, dando tambem máos pensamentos crearam o mytho, no povo Sul Americano, que não poude, comtudo, encarnal-o. Os pesadellos, os máos pensamentos, as más acções que elles originam por meio do somnambulismo, n'um espirito fraco, levaram o indio, guiado pelo christão, a attribuir isso ás influencias do demonio e d'ahi veio talvez o *Curupira*, de Vasconcellos, confundido com o Yurupari.

Para o tapuyo civilisado, o Yurupari é synonimo de Satan (1) porque esse só conhece o dragão apocalyptico; mas para o indio não doutrinado, não; porque para mim, que tenho lidado com indios, e selvagens, de muitas tribus, e ardilosamente procurado investigar suas crenças, o indio não conhece o demonio, senão depois que os missionarios destapam, para que elles vejam, as caldeiras chammejantes, onde as almas ardem revolvidas pelos tridentes satanicos. Depois de missionados, por toda a parte elles avistam o demonio, porque isso lhes ensinam os propagadores da fé, como meio de melhor dominar-lhes as consciencias e trazel-os á obediencia passiva pelo medo e pelo terror.

(1) Com a significação de demonio, dada pelos missionarios póde-se assim interpretar *Y-yrû-poary*, o companheiro côxo, o que segue coxeando, o *diabo côxo*. O Dr. Couto de Magalhães, diz que « *Yurupari* é o espirito que entre os selvagens corresponde mais ou menos ao nosso demonio judaico sem ser tão perverso como este »; e o Sr. Bento Aranha que, sob o pseudonimo de *Ajuricaba*, escreveu a lenda do *Sino de Parentins*, publicada na *Esperança*, periodico que se publicou em Manáos, nos mostra bem a influencia do padre sobre o tapuyo quando diz no n.º 6 de 12 de Março de 1876: « Para tirar-nos das tentações dos perigos, a que nos expõe *Yurupari* existe o pagé que na terra é o emissario de *Tupan* »: O Sr. Coudreau traduzio Yurupari por *issu de la bouche du fleuve : Yuru-pará-i*, não é o que o viajante francez disse, porque *i* nunca significou *sahido*, y ou *ig* é que quer dizer *fluir*, *manar* porém, o indio não pronuncia *Yuruparig*.

# I

## YURUPARI.

### O yurupari.

Versão Dacé ou dos Tukanos
(RIO DOS UAUPÉS OU UKAIRY)

Yepé ara opé pahy etá i u matêre arama aitá u ú
Um dia em os anciões (payés) elles ajuntaram-se para elles tomarem

arama ipadu (1) aramiiunto yepé cunhan mucu u cêca aitá
para ipadu immediatamente uma donzella chegou elles

pêre, aitá u aé in ichupé:
ter com, elles disseram a ella:

— Maá taá re iure re maan?
— O que que tu vens fazer?

— Maá mu taá? Che iuire cha u ú putare ipadu pe
— O que hade ser? Eu tambem eu tomar quero ipadu vocês

irumo.
com.

Aé uana, paá, pahy etá u cema, u ço ana, aitá
Então, contam, os anciões sahiram, foram se embora, elles

u chare, cunhan mucu u petá oca opé mamé aitá ico
deixaram, a donzella ficar casa na onde elles estavam

uaá.
que.

Ariri nhaan cunhan mucu upetá i poroanté iunto, intimaan
Depois aquella donzella ficou ella prenhe á tôa, nada

chii apegaua u iricuao (2).
d'elle homem apparecer.

(1) E' o *Erythroxylon coca*, cujas folhas torradas e pulverisadas, com cinza de grelos de embauba, ou farinha d'agua, se conservam na bocca, para previnir a fome, anesthesiando os musculos do estomago.

(2) Sem ter contacto carnal com homem.

Copocó ariri, paá, pahy etá u peiú aé (1) ne, paá,
Pouco depois, contam, os anciões sopraram ella não, dizem,

u ricó taira, ariri aitá peiú iuire ne u ricó taira.
teve filho, depois elles sopraram tambem não teve filho.

Yepé ara opé, paá, u iaçaua u çu icó paraná çuindaua
Um dia em, dizem, atravessando indo estava o rio outro lado

queté, aap iunto paraná piterpe tariyra u çuú i *marica*, aeana,
para, ahi só rio meio no *trahira* (2) mordeu d'ella barriga, então,

paá, taira u cema.
dizem que, o filho sahiu.

Aé ana, paá, pahy etá u pecêca nhaan taira aitá u raçó
Elle já dizem, os anciões pegaram aquelle filho elles levaram

caá queté, inti ana i manha u maan ne ucuáu, maá queté
matto para, não já sua mãe ver ou saber, onde para

pahy etá mumbure, i chii aap uana caá pe, paá, i u
os anciões botaram, elle lá já matto no, dizem, elle

munhan.
cresceu.

Turuçu ariri ana u iucuáo amo ramé umbure tatá
Grande depois já elle apparecia ás vezes botando fogo

i pira, i pó etá rupi, umbure tatá, i acanga, umbure tatá,
do corpo, suas mãos pelas, botando fogo, sua cabeça, botando fogo,

teapó icó caá pe, i u quendaua çoá.
bulha estava matto no, d'elle coberta cara.

Aé ana, paá, pahy etá ué in:
Elle já, dizem, os anciões disseram:

— Cunhan etá tenhen pe maan cecé.
— Mulheres não vocês olhem para elle.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Reuniram-se um dia os anciões para tomar ipadu e logo depois foi ter com elles uma rapariga.

— O que vens tu fazer?

— O que hade ser? Quero tambem tomar ipadu com vocês.

---

(1) Os pagés fazem os curativos lançando fumaça de cigarro sobre os doentes.

(2) E' um peixe, do genero *Erythrinus*, de dentes muito afiados e que morde muito.

Contam que os anciões sahiram e foram se embora, deixando ficar a rapariga na casa em que elles estavam.

Depois d'isso a rapariga ficou gravida, sem ter tido relação com homem algum.

Pouco depois, os anciões por duas vezes, com grandes intervallos, a assopraram porém ella não deu á luz.

Atravessando ella um dia, para o outro lado do rio, uma trahira mordeu-lhe a barriga e dizem que então nasceu o filho.

Contam que, então, os anciões agarraram o filho e levaram-o para o matto, para a mãe não ver nem saber onde elles o tinham posto.

Dizem que ahi no matto cresceu.

Depois de grande apparecia, ás vezes, pondo fogo pela cabeça, pelas mãos e pelo corpo, fazendo barulho com a cara coberta.

Então os anciões disseram:

— Mulheres, vocês não olhem para elle.

# II

## IZY OU YURUPARI.

### Lenda Yaui (1) ou Tarianá (2)

### (RIO DOS UAUPÉS)

Tuyué etá umbeú yané iupirungaua opé u iucuáu Ucaiary
Os velhos contam nosso principio no appareceram Ucaiary

paraná opé u iucuáu cunhan etá reyia aetá irumuara tuyué etá,
rio no appareceram mulheres porção companheiros velhos,

tuyué reté uana, aetá tiana (3) u munhan cuáu taina.
velhos muito já, elles não já fazer podiam crianças.

Aap aetá u puitá, umuacê ti recê aetá u ricó recé
Ahi ellas ficaram, sentidas não por ellas, terem por

membyra, aetá u maan recé u páu arauira chii ti auá u puitá
filhos, ellas verem por acabavam mundo do não que ficava

aeté recuiara arauira opé. Yepé ara u iucuáo yepé payé
d'ellas em lugar mundo no. Um dia appareceu um feiticeiro

aetá irumo uaá ure, u nheen:
ellas com que veio, e disse:

— Tenhen, peraceara pe icó?
— Mais, vocês tristes vocês estão?

— Çupi, yané raceara yá icó ti (4) recé ya ricó apegaua
— Sim, nós tristes estamos não por termos homens

u munhan arama taina yané arama, tuyué u ú ana *cangerecu*
fazer para criança nós para, os velhos beberam cangerucu

inti ana maá arama.
não prestam para nada.

---

(1) Tigre, no dialecto tariano.

(2) Esta lenda está contada resumidamente, por que n'ella entram muitos outros factos, que denotam uma verdadeira imigração, ter havido lutas, e factos que as inscripções nas rochas perpetuam, como referem os indios. Esses factos, porém, guardam um profundo segredo.

(3) Por *inti ana*.

(4) Por *inti*.

— Tenhen pe raceara pe ricó rain curi periyaçaua.<br>
— Não vocês tristes vocês terão ainda geração.

— Mayé? Mayé?!... [1]<br>
— Como? Como?!

Aetá cuire çuri.<br>
Ellas agora (ficaram) alegres.

— Pe cuáu u mayé, pe coin ranhé [2] pe yaçuca.<br>
— Vocês saber como, vão ainda tomar banho

Aetá u nhana, aetá nheengare paraná queté u yaçuca.<br>
Ellas correram, cantando rio para tomar banho.

U cema ramé *y'* chii payé u nheen:<br>
Sahiram quando agua da o feiticeiro disse:

— Cuire pe ricó pe membyra boia ussu u puruan<br>
— Agora vocês terão filhos a cobra grande emprenhou

páu uana penhen.<br>
todas já vocês.

U çaçau riré yacy etá u iucuáu tain etá nhaan ara<br>
Passadas depois as luas appareceram crianças as aquelle dia

opé tenhen. Cunhan mucu pire uaá u ricó i membyra<br>
no mesmo. A moça mais que teve seu filho

puranga pire uaá. Cuá taina u yumunhan. I purunga pire<br>
bonito mais que. Esta criança cresceu. Ella bonita mais

u yumunhan, riri curumi uaçu etá u mendare putare irumo<br>
crescendo, depois os rapazes casar queriam com

aé ti u putare. Yepé ara uatá caa rupi u acemo Uaku<br>
ella não quiz. Um dia andando matto pelo achou Uaku

iuá macaca etá u ú icó.<br>
fructa macacos comendo estavam.

— Puranga catu cuaá iuá etá mira ú arama!<br>
— Bonitas bem estas fructas a gente comer para!

— Re putare? Uacu u purunu ichupé.<br>
— Tu queres? O uaku perguntou-lhe.

— Cha putare.<br>
— Quero.

---

(1) Por *maá yauê.*

(2) Em vez de *rain.*

Macaca etá u iapy ichupé. Aé u çaan yepé iuá.
Os macacos jogaram para ella. Ella provou uma fructa.

— I catu.
— Ella boa.

U çanhana ceyia u ú recé ana u çururu yuru yuquicé
Ajuntou porção comeu muitas escorreu bocca caldo

i putiá rupi u cecare taina rapé.
seu peito pelo chegou criança caminho.

U çaçau nhaan yacy etá ti ana yacy i marica u yumunan
Passadas aquellas luas não lua d'ella a barriga fazendo-se

u çu icó. Curumi uaçu etá u purunu:
grande estava. Os rapazes perguntaram:

— Auá u puruan indé? Aetá u purunu u iucá putare
— Quem emprenhou-te? Elles perguntaram matar quererem

recé i membyra paia.
por de seu filho o pai.

— Indé ti reputare yané cuire yá iucá indé ti camé
— Tu não quizeste nos agora nós matamos ti não quando

re mumbeú auá u mupuruan uaá indé.
tu contares quem emprenhou que te.

Cunhan mucu u çuachara:
A moça respondeu:

— Iché ti cha cuáu mayé cuaá u yumunhan arama ce
— Eu não sei como que fazer para minha

marica opé, maá nhu cha ú Uacu iuá.
barriga na, porque somente comi Uaku fructa.

— Anhen! Maá mu taá yá munhan cuire.
— Deveras! O que que nós fazemos agora.

U çaçáu riri yacy etá i mimbyruare, u ricó ana i
Passadas depois luas ella pario, teve seu

membyra.
filho.

Petuna ramé u çu u quire i mimbyra u canhema.
Noute quando foi dormir e seu filho desappareceu.

U iachió reté, u cecare upain rupi inti u acemo; u cyca
Chorou muito, procurou toda parte por não o achou; chegando

Uacu rupitá pe u cenó taina u iachió, u cecare ti u acemo.
do Uaku tronco no ouviu criança chorar, procurou não achou.

Aap i petuna aap u quire Uacu rupitá pé. Upaca coema
Ahi de noute ahi dormiu Uaku toco no. Acordou de manhã

ramé u maan i camê recé uticanga i yuquicé yma, taina
quando olhou seu peito pelo secco d'elle o liquido sem, a criança

u ú u quire ramé petuna pucuçaua.
mamou dormindo quando noute inteira.

Ara yaué yaué u cenó taina u iachió, petuna u cyca,
Dia cada um ouvia a criança chorar, a noute chegar,

coema ramé ara yaué yaué i camê uticanga, taina
de manhã quando dia cada um d'ella o peito secco, a criança

u ú u pau. Nhaan yaué ara yaué yaué. Yepé acayu riri
mamava acaba. Aquillo do mesmo dia dia cada. Um anno depois

ti yaué taina u iachió, i camê u ticanga.
não assim a criança chorou, seu peito seccou.

Nhaan riré u cenu taina u yumuçarai, u pucá pucá, (1)
D'aquillo depois ouviu a criança brincar, rir-se,

u nhana nhana, inti u maan auá u yumuçarai uaá.
correr, não vendo quem brincava que.

Ara u caçau u çu icó. Yepé ara u iucuáo i membyra
Dias passando indo estava. Um dia appareceu seu filho

apegaua uana, u cemo tatá i pó chii, i áua chii.
homem já, sahindo fogo mão d'elle, cabellos d'elle.

— Ce manha cu çu cui (2) ana iché yá çu oca queté.
— Minha mãe aqui estou já eu vamos casa para.

O pain mira etá çuri, u nhana i queté, tuyué etá,
Todo o povo alegrou-se, correu elle pára, os velhos

ure arama u maan cecé.
vieram para vêl-o.

Payé u maan ramé cecé u peiú aé u meen cêra Izy;
Os pagés viram quando o sopraram o dando o nome Izy;

« indé ne inpirungaua iuá. » I iuiya etá u nheen :
« tu teu principio fructa. » O povo (3) disse :

— Cuaá curi yané ruichaua arama. Yá putare aé ruichaua
— Este será nosso chefe para. Nósso queremos elle chefe

arama.
para.

---

(1) Para exprimir a continuidade de uma acção os indios repetem o vocabulo, assim de *pucá*, rir-se a *nhana*, correr fazem *pucá-pucá*, *nhana-nhana*, que quer dizer rir-se muito, correr muito.

(2) Por *iké che icó*.

(3) Por *multidão*.

Aé u nheen :
Elle disse:

— Inti cha cuáu pe ruichaua arama, ti rain cha ricó
— Não ser posso vocês chefe para, não ainda tenho

itá i *nanacy* cha icó arama pe ruichaua arama, u icó uaá
a pedra *nanacy* eu ser para vocês chefe para, está que

yacy iuitêra teanha pupé uaá u icó.
lua serra gancho no que está.

Coaracy u meen, paá, ichupé yepé matiry i pura i popé
O sol deu, dizem, lhe um saquinho cheio n'elle

opain nhe maán maracaimbara, i pepôra etá uauiara etá.
tòdas aquellas cousas de feitiços, do fundo encantadas.

Coaracy unheen ichupé:
O sol disse-lhe:

— Cu çu cui. Opain maan re munhan putare uaá re
— Aqui está. Todas as cousas tu fazer quizeres que tu

u acemo curi iqué ocapepe. Mamé cha u cyca indé curi re cyca,
acharás aqui dentro. Onde eu chegar tu chegarás,

u ponhê curi ne cenu.
todos te ouvirão.

Aetá umbeù cunhan etá u çu putare yacy iuitêra opé
Elles contam que as mulheres ir queriam lua serra na

itá piamo, itá tuichaua. Apegaua etá u putare iuire. Pahy etá
pedra buscar, pedra do chefe. Os homens queriam tambem. Os velhos

u nheen :
disseram:

— Cunhan etá ti u pecyca cuáu nhaan itá.
— As mulheres não pegar podem aquella pedra.

Aetá opain u iupiru u matamonhan.
Elles todos principiaram a brigar.

Izy u iuúca aramé i matiry chii *panera* miri umbure
Izy tirou então seu saquinho do panellinha poz

tatá pe i popé cicantan u mupupure.
fogo no n'elle breu a ferver.

Panera u iupiru ramé u pupure tatátinga achii u cemo
Panella começou quando a ferver fumaça d'elle sahiram

Andirá etá. Achii u cemo Uacuráo etá; Murucututus etá,
Morcegos. Depois sahiram Uacuráos; Murucututus,

Yacurutu etá, uirá etá pituna pura. Achii u cemo amu uirá etá
Yacurutus, passaros noute da. Depois sahiram outros passaros

Muiuy etá. Achii u cemo uiráuaçu miri etá, u cemo ramé
Andorinhas. Depois sahiram gaviõesinhos, sahiu quando

Uirá uaçu moacara Izy u pecyca aé u nheen: « Uirauaçu
gavião real Izy pegou elle disse: « Gavião

iraçu iché teanha iuitêra opé ariri re rure curi iuire iché
leva me gancho serra na depois tu trarás tambem me

arama curi cha chare indé.
para soltar te.

Uiráuaçu u raçu Izy yacy iuitêra popé. Ucyca ramé iuitêra
O gavião levou Izy lua serra na. Chegando á serra

iarpe u acemo Yacy u apeca iarpe. Yacy u nheen:
em cima achou a lua assentada em cima. A lua disse:

— A'han ne itá, re pecyca ne moacaraçaua i irumo
— Toma tua pedra, pega a tua nobreza ella com

curi re icó ne iuiya etá ruichaua rama. Re munuan ne
serás teu povo chefe de. Reune tua

mira etá, re moiucuacu aetá cha çó cha moé indé, re munu
gente, faz jejuar ella eu vou ensinar te, tu governar

re cuáu arama, re munu ne mira etá. Nhaan ti uaá u cenu
saberes para, governa tua gente. Aquelle não que ouvir

ne nheenga re iucá. Coire coin uana.
tua falla mata. Agora vae embora.

Izy u çu ana. U cyca ramé u iuire u munu i chii
Izy foi-se embora. Chegando de volta mandou de si

Uiráuaçu.
o gavião real. (1)

Aetá, paá, u cyca ramé u cenó tuyué etá payé irumo
Elles, dizem, chegou chegou chamou os velhos os payés e

u mombeú pau maá Yacy u nheen uaá u iururéo ti arama
contou tudo que a lua disse que pediu não para

---

(1) O gavião real em que montado foi á serra da lua buscar a pedra symbolo da sua nobreza e do seu poderio, não nos lembra o *Voc*, o gavião, mensageiro symbolico de Huracan, o *Coração do céo*, a divindade suprema, que creou todos os Deuses, da theologia Nahua?

auá umbeú, u canhemo aetá chii. Cunhan etá u cuáu putare
que contassem, desappareceu d'elles pediu. As mulheres saber querer

recé maan Izy u nheen uaá aetá u ganane tuyué etá.
por as cousas Izy disse que a elles enganaram os velhos.

Petuna ramé cunhan mucu etá poranga pyre uaá u çu
Anoutecendo as raparigas bonitas mais que foram

tuyué etá pyre quiçaua opé aap aetá u murimuri tuyué etá
os velhos ter com rede na ahi ellas agradaram os velhos

umbeú arama.
contar para.

Tuyué etá i maraare u quire, u paca ramé coema eté
Os velhos cançados dormiram, acordaram quando de manhã

ti yaué u maan auá.
não assim viram quem.

— Iché ce quire aiua.
— Eu dormi mal, (sonhei).

— Iché iuire.
— Eu tambem.

— Iché iuire.
— Eu tambem.

Tuyué etá nhaá ié (1) u iupiru u purunguetá.
Velhos aquelles assim principiaram a conversar.

Cunhan etá u cuáo riri u pain maan Izy u nheen uaá
As mulheres sabendo depois todas as cousas Izy disse que

aetá u çu u munhan aetá ruichaua aetá çupé. Apegaua etá
foram fazer ellas chefes para. Os homens

u putare iuire. Tuyué umbeú uaá yepe Izy u çape, i tanimuca
quizeram tambem. Os velhos contaram que um Izy queimou, d'elles cinza

i uitú u muçain, uaá achii u cemo iauaiera etá, tocandyra etá,
o vento espalhou, que d'ellas sahiram lacraias, formigas (2),

amu maan çacy uaá etá, uirari, auá remetema çacy
outro cousas doem que, (venenosas) uirari, aquellas plantas doem

uaá etá, amu u yereu cururu rama; amu u yereu boia
que, outro virou sapo em; outro virou cobra

arama.
em.

(1) Por *yaué*.
(2) As Tokandyras (Cryptocerus atratus) são formigas assás venenosas.

Izy u incuáu iuire u munu aetá u iucuacu, u nupá
Izy appareceu outra vez mandou elles jejuarem, açoitou

apegaua etá, cunhan etá, u nhana yepé cunhan racacuera
os homens, as mulheres, correu uma mulher atraz

u mumbeú uaá maan, u iururéu uaá ti arama uaá u muçain
contou que as cousas, pediu que não para que espalhassem

i nheenga, i irumo u purumunhan, ariri u iucá.
sua falla, ella com forn..... depois matou.

Ariri u munhan i payauaru-açu, (1) u munuan herundy
Depois disso fez sua festa, reuniu quatro

tuyué u puitá uaá, u moatuca cunhan etá ti arama u çu u
velhos ficaram que, prohibiu as mulheres não para irem

maan, inti u cenó yapicá irumo.
ver, não ouvir ouvidos com.

U meeng i nheeng peçaçu u nheen ichupé:
Deu suas ordens novas e disse-lhes:

— U pain cunhan etá u cuáo putare uaá ce acuautuçaçaua
— Todos as mulheres saber quizerem que meu segredo

u manu cuire; muire apegaua etá u umbeú uaá u manu curi;
morrerão; todo os homens contarem que morrerão;

pe umbeú curumi uaçu etá çupé, tenhen pe umbeú taina etá
vocês contem rapazes aos, não vocês contem crianças

çupé.
as.

U nheen pau riri u iachió. Cunhan etá maan munhangara
Fallar acabou depois chorou. As mulheres curiosas

pire uaá u cuáo u putare u çu u yapeçaca.
mais que saber querendo foram escutar.

U nheen pau riré u manu páu aetá, u yeréu itá
Fallar acabou depois morreram todas ellas, viraram pedra

rama. Izy u iachió i manha u çu recé u iapeçaca u manu.
em. Izy chorou sua mãe ir por escutar e morreu.

Izy ariri u puruçai u moité i muruichauaçaua i
Izy depois d'isso dansou festejar sua chefatura sua

moacaraçaua peçaçu u çu ariri iauaca queté, amoramé
nobreza nova foi depois d'isso céo para, algumas vezes

uatá caá rupi.
passeia matto pelo.

---

(1) Payauaruaçu é um grande beijú, com que preparam o *cachiry*, bebida inebriante que usam nas suas festas, por isso aqui está Payauaru significando *festa*.

Acayu etá u çaçau.
Os annos se passaram.

Yepé ara opé curumi etá yepé icó muirá uirpe.
Um dia uns rapazes uma estava arvore em baixo.

Uacu aap iunto yepé payé u cyca ue in:
Uacu ahi mesmo um payé chegou e disse:

— Curumi etá penhen iucuacu, inti ramé penhen iucuacu
— Rapazes vocês jejuem, não quando vocês jejuarem

cha ú penhen.
eu como vocês.

Ariri, paá, curumi etá inti iucuacu putare, aeana yepé
Depois, contam, os rapazes não jejuar quizeram, então um

ara opé Paye u i ucuáo, aéana u pecêca aitá u mucuna
dia em Payé appareceu, então pegou n'elles engoliu

upáu.
todos.

Aé ana, paá, curumi etá paia i pêaiua payé recé
Elle já, dizem, meninos os pais d'elles zangaram-se payé com

aé uana, aitá munhan care aitá cachiry, aitá u ú
elle já, elles fazer mandaram elles cachiry, elles beberam

arama, aé uana, paá, aitá cenõe care ure arama u ú
para, elle já, dizem, elles chamar mandaram vir para beber

aitá irumo. Ariri, paá, payé u cêca, aitá u ú uaá ara
elles com. Depois, contam, payé chegou, elles beberam aquelle dia

opé, aé ana u puracare cachiry irumo, aé ana, u caú
em, elle já encheu-se cachiry com, elle já, embebedou-se

catu u cuan ara. Aé uana, paá, pahy etá u maan
nem bem sabia dia. Então, contam, os anciões vendo

u caúêra, aé ana etá ué inheen:
bebado, elle já elles disseram:

— Yá çu yá munhan tatá, yá çupé arama yá ipêca
— Vamos fazer fogo, nós queimarmos para nos vingar

arama.
para.

Aé ana, paá, aitá umbure payé tatá pe; payé u cai,
Então, contam, elles puzeram o payé fogo no; o payé ardeu,

tanimuca arama uana u puitá.
cinza em já ficou.

Petuna ramé payé tanimuca u cê inhê *Uatanhon* (1) arama,
Noute quando payé cinza nasceu d'elle Uatanhon para,

coema aitá u çu u maan tanimuca u cênhê uana.
de manhã elles foram ver cinza nascida d'elle já.

— Mahi taá coté payé tanimbuca cuera u cenhê uana
— Como que então payé a cinza que foi nasceu d'elle já

Uatanhon arama?
Uatanhon para?

Nhaan Uatanhon i pocu i u manhan çaua u iare iuaca
Aquelle Uatanhon alongou-se d'elle cresceram folhas encostavam céo

opé, nhaan Uatanhon rupitá petêra rupi payé ri anga u iupire
no, aquelle Uatanhon tronco meio pelo payé a alma subiu

*Acuti puru* (2) arama.
Acuti puru em.

Aé uana, paá, pahy etá u cuau payé anga u iupire.
Elle já, dizem, os anciões subiu payé a alma subiu.

Uatanhon rupi, aé uana aitá u munoca Uatanhon u are
Uatanhon pelo, então já elles cortaram Uatanhon, cahiu

iuirpe aé uana, paá, aitá ué in:
em baixo, então, contam elles disseram:

— Cuêre inti uana payé anga u i ure.
— Agora não já payé a alma d'elle vem.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Contam os velhos que no nosso principio appareceu no rio Ukaiary uma grande porção de mulheres, acompanhadas de velhos já impotentes, pelo que não podiam ter filhos.

Ficaram sentidas por não terem mais filhos e por verem que assim se acabaria o mundo, não ficando ninguem em seu logar.

Appareceu-lhes um dia o feiticeiro que viera com ellas e assim lhes perguntou:

— Vocês estão tristes?

— Sim, estamos tristes porque vemos que os homens estão impotentes e apezar de terem bebido o kangeruku não prestam.

---

(1) Nome que dão á palmeira *pachiuba*, dos tapuyos, (Iriartea, sp.)

(2) *Acuti*, cutia, *puru*, emprestada.

— Não fiquem tristes porque terão ainda descendentes.

— Como? Como?

Ficaram alegres.

— Vocês vão saber, tomem primeiro um banho.

Correram cantando para o rio e foram-se banhar.

Quando sahiram d'agua o feiticeiro lhes disse:

— Agora vocês terão filhos, porque já a cobra grande as emprenhou.

Depois de passadas as luas appareceram, no mesmo dia, todas as crianças. A mais moça foi que teve a filha mais bonita. Esta criança cresceu. Quando cresceu tornou-se ainda mais bonita e todos os rapazes queriam casar-se com ella. Andando um dia pelo matto encontrou com uns macacos comendo fructas de Uaku.

— São bem bonitas estas fructas para se comer.

— Queres? Perguntou-lhe o Uaku.

— Quero.

Os macacos atiraram-lhe fructas, e ella provou uma.

— É bôa!...

Ajuntou uma porção, comeu muitas a escorrer o caldo até chegar ao caminho das crianças.

Passaram-se luas sem que apparecessem os menstruos emquanto a barriga lhe crescia. Os rapazes perguntaram:

— Quem te emprenhou?

Elles perguntavam porque queriam matar o pai de seu filho.

— Tu não nos quizeste, pois agora te matamos se não nos contares quem foi que te emprenhou.

A moça respondeu:

— Não sei o que foi que fez a minha barriga crescer, eu só comi as fructas de Uaku.

— Deveras? O que fazer agora?

Depois de passar algumas luas teve o filho.

A' noute quando foi dormir, desappareceu o filho. Chorou muito, procurou-o por toda a parte, porém não o achou; chegando junto ao tronco do Uaku ouvio uma criança chorar, porém não a achou. Ahi no tôco do Uaku á noute dormiu. Accordando de manhã achou os seios seccos, a criança havia mamado toda a noite.

Todos os dias ouvia a criança chorar até chegar a noite, e de manhã tinha os peitos seccos porque a criança mamava. Assim todos os dias.

Um anno depois a criança não chorou mais e os peitos seccaram. Depois d'aquillo ouvia a criança brincar, rir, correr, não vendo quem brincava.

Os dias foram-se passando.

Um dia appareceu-lhe o filho já homem, e sahindo-lhe fogo das mãos e da cabeça.

— Minha mãe, já aqui estou, vamos para casa.

Todo o povo alegrou-se, correu para elle e os anciões vieram vel-o.

Quando os feiticeiros o viram o assopraram e deram-lhe o nome de Izi; « tu te originastes da fructa ». O povo fallou:

— Este será o nosso chefe.

Nós o queremos para chefe.

Elle disse:

— Não posso ser vosso chefe, ainda não tenho a pedra *nanacy* para ser chefe, é a que está na serra do gancho da lua.

Dizem que o sol lhe dera um saquinho cheio de cousas encantadas que servem para feitiço.

O sol lhe disse:

— Aqui está, meu filho, tudo quanto quizeres fazer aqui dentro acharás. Onde eu chegar tu chegarás e todos te ouvirão. (1)

Contam que as mulheres queriam ir á serra buscar a pedra de chefe. Os homens tambem o queriam. Os feiticeiros então fallaram:

— As mulheres não podem pegar n'essa pedra.

Começaram todos a brigar.

Izi tirou então do saquinho umas panellinhas, poz n'ellas fogo e breu a ferver.

Quando começou a ferver, da fumaça, sahiram morcegos. Depois sahiram Uakuráos, Murukututus, Yakurutus e outras aves nocturnas.

Depois sahiram outras aves, como andorinhas. Depois sahiram gaviões e quando sahia o Gavião real, Izi o agarrou e disse:

— Gavião, leva-me á serra do gancho da lua e me tornarás a trazer para eu te soltar.

O Gavião o levou á serra.

Chegando em cima da serra, achou a lua ahi assentada.

A lua fallou:

— Toma à tua pedra, recebe a tua nobreza, que com ella serás chefe do teu povo. Reune a tua gente e faz jejuar, que eu vou te ensinar como has de governar a tua gente.................................................................
Aquelle que te não obedecer mata.

Agora vai-te embora.

Izi foi-se embora.

---

(1) Note-se a analogia que existe com a lenda Peruana do Inca *Roka*. Peralta, autor da *Lima fundada*, em nota, nos diz que uma india chamada Mama-Huaco, teve um filho de rara belleza, que o creou secretamente em uma gruta, d'onde sahiu já homem, coberto de um vestuario de ouro resplandecente. Depois levou-o para o alto de uma montanha e o adorou, proclamando-o filho do sol. Os indios quando o viram o admiraram e o tomaram para seu chefe.

Chegando, de volta, mandou embora o gavião.

Dizem que quando chegou chamou os anciões e os feiticeiros, contou-lhes tudo quanto a lua lhe dissera e pediu que não contassem e desappareceu d'elles.

As mulheres querendo saber o que Izi disséra, procuraram enganar os velhos.

Quando anoiteceu, as moças mais seductoras, foram ter á rede dos velhos e os *agradaram* para que contassem.

Os velhos *cançados* dormiram e quando accordaram não viram ninguem.

— Eu sonhei.

— Eu tambem.

— Eu tambem.

Começaram os velhos a conversar.

As mulheres tendo sabido tudo quanto Izi disse, foram-se fazer chefes.

Os homens tambem quizeram.

Dos velhos que contaram, um Izi queimou, lançou as cinzas ao vento e d'ellas sahiram lacraias, outros animaes e plantas venenosas; outro virou em sapo, outro em cobra.

Izi reappareceu, mandou jejuar, açoitou os homens e as mulheres, correu atraz da que revelou o segredo, e para que não o divulgasse mais, a matou depois de ter tido copula com ella.

Depois d'isso fez a sua grande festa, reunio quatro velhos, e prohibiu as mulheres de vel-a e ouvil-a.

Deu ordens novas e disse-lhes:

— Todas as mulheres que quizerem saber os meus segredos morrerão; todos os homens que contarem morrerão; vocês podem contar aos rapazes, porém não ás crianças.

Depois de fallar chorou.

As mulheres mais curiosas querendo saber foram escutar.

Quando acabou de fallar todas ellas morreram e transformaram-se em pedras.

Izi chorou por ir sua mãe tambem escutar e morrer.

Izi, depois d'isso, dansou para festejar a sua chefatura e a sua nova nobreza, indo depois para o céo, passeiando no matto algumas vezes.

Os annos se passaram.

Estavam um dia os rapazes debaixo do Uaku quando chegou um payé camarada de Izi, que disse:

— Rapazes, vocês jejuem, e se o não fizerem eu como vocês.

Contam que os rapazes não quizeram jejuar e que um dia lhes appareceu o pagé e pegou n'elles e engolio todos.

Dizem então que os pais dos meninos zangaram-se com o payé, que man-

daram fazer um grande cachiry para beber, e mandaram vir o payé para beber com elles.

Contam que depois que chegou, elles beberam todo o dia, encheram-o bem de cachiry e o embebedaram a ponto de não saber se era dia. Contam que os velhos vendo-o bebado disseram:

— Vamos fazer fogo para o queimar para nos vingar.

Então o puzeram no fogo, o payé ardeu e ficou reduzido a cinzas.

Á noite das cinzas nasceu o Uatanhon, e pela manhã quando foram ver acharam as cinzas nascidas.

— Como das cinzas do payé nasceu o Uatanhon?

Aquelle Uatanhon cresceu e as folhas tocavam o céo, e pelo amago do Uatanhon subio a alma do payé sob a fórma de um Akuti-puru.

Então, dizem que sabendo os velhos que tinha subido pelo Uatanhon a alma do payé, o cortaram e cahiu em baixo, dizendo elles:

— Agora já a alma d'ello não vem.

## III

### CUNHAN ETÁ MALOCA [1]

**das mulheres A maloca**

(RIO BRANCO)

Uanauá pupé Ucaiary queté u acemo paa, cuchiyma
Anauá no Rio Branco no sahe dizem antigamente

u ricó cunhanmucu etá inti rain ucuáu apegaua
havia donzellas não ainda conhecidas homens (honestas)

recé uara aitá, paá, u manhana muyrakytans etá, aitá maá
dos dizem, guardavam os talismans as cousas

etá irumo. Yepé i, paá, u iauau yepé cunhan mucu etá
(os attributos) com. Uma vez, dizem, fugiu uma donzellas

chii uara u çu paá, u cecare i mena.
das foi, dizem, procurar marido.

U cêca caa pe, petuna uana, aap uana u quire.
Chegou matto no, noute já, ahi já dormiu.

Cuema ramé u yachió paá icó, u cenun apegaua etá
De manhã chorando dizem estava, ouvio homens

nheenga.
fallarem.

Yepé aitá chiuara, paá, u nheeng u icó: — I ché curi
Um d'elles dizem, dizendo estava: — Eu heide

inti cha menara arami ima curi cha u acemo cunhan mucu
não me casar talvez se eu encontrar donzella

puranga, arami, curi cha menare.
bonita, então heide me casar.

Ariré, paá, aitá ure u acemo, paá, nhaan cunhan,
Depois d'isso, dizem, elles foram encontrar, dizem, aquella mulher,

---

[1] Esta lenda, um dos episodios da de Yurupari, e as duas antecedentes fazem parte, como documento, da minha obra intitulada o *Muyrakytã*.

aramé, paá, nhaan apegaua u maan cecé u acemo, paá, i
então, dizem, aquelle homem vendo-a achou, dizem, ella

puranga, cunhan iuire, paá, u acemo apegaua poranga.
bonita, a mulher tambem, dizem, achou o homem bonito.

Apegaua u nheen ichupé:
O homem disse-lhe:

— Re menare putare cerá ce irumo?
— Tu casar queres comigo?

Aé cunhan u nheen:
Ella mulher disse:

— Cha putare.
— Quero.

Aramé ana apegaua u raçu aé cetama queté. Nhaan
Então já o homem levou d'elle terra para. Aquelle

apegaua Yacamin tapuya, paá, aé.
homem Yacamin nação, dizem, elle.

Ariré i paia etá u menare nhaan cunhan irumo, aitá
Depois os pais casaram aquella mulher com, d'elles

u menare riré aitá u çu u iaçuca igarapé pupé, aap uana,
casados depois foram tomar banho riacho no, ahi já,

paá, aitá u ucemo yacamin caa, aitá, u queteca, paá, etá pira
dizem, acharam do jacamin a folha, esfregaram, dizem, os corpos

pupé i irumo, paá, aitá u iaçuca. Aé ana, paá, mocoin
nos ella com, dizem, banharam-se. Então, dizem, dous

yaué aitá u puitá yacamin rama. (1)
assim (ambos) tornaram se jacamin em.

Ariré, paá u çaau u ricó ana, çupiá, ariré, paá, i
Depois disso, dizem, sentio tinha já ovos, depois, dizem d'ella

marica u iamunhan reté, inti ana, paá, uatá cuáu.
barriga cresceu muito, não já, dizem, andar podia.

Aé cunhan, paá, u nheen:
A mulher, dizem, dissera:

— Cuaá inti ce rupiá, cuaá ipó ce membyra.
— Isto não meus ovos, isto talvez seja meus filhos.

Muire yacé riré u mucema mocoin taina, yepé cunhan,
Alguns mezes depois pario duas crianças, uma mulher,

(1) Ha uma planta (Yakamy kaa) que cresce á margem dos riachos, com a qual, dizem os tapuyos, que os jacamins esfregam-se com ella quando se lavam, porém aqui, symbolicamente, diz-se que ficou pertencendo á tribu do marido.

yepé apegaua. U iumunhan u çu icó nhaan taina etá. Apegaua miri,
um homem. Foram crescendo aquellas crianças. O homemzinho,

paá, quirimauara u iucé, paá, u iumu, i manha, paá, nheen
dizem, forçoso gostava, dizem, de frechar, d'elle a mãe, dizem, disse

ichupé arama:
elle para:

— Ce membyra, tenhen curi amoara opé re iumu
— Meu filho, não tempo algum em tu frecharás

yacamin.
jacamin.

I manha, paá, inti u maan amoara opé aitá u quire, yepé
A mãe, dizem, não vira nunca elles dormindo, uma

petuna opé, paá, u maan aitá u quire u icó. U maan ramé,
noute um, dizem, vio elles dormindo estavam. Ella vio quando,

paá, i ácanhema u maan i membyra etá.
dizem, ella assustou-se vendo seus filhos.

Cunhan meri, paá u ricó ceiucy çuá arapé, apegaua miri
A menina, dizem, tinha 7 estrellas testa em cima, o menino

u ricó amu yacy tatá etá boia yaué u iumamana i pira recé.
tinha outras estrellas cobra como enroscadas seu corpo no.

I manha iacanhema u puitá, u çu cenu i mena u maan
D'elles a mãe assustada ficou, foi chamar seu marido ver

arama nhaan taina etá.
para aquellas crianças.

Ure aitá paia iacanhema iuira u puitá. U nheen, paá:
Veio d'elles o pai, assustado tambem ficou. Disse, contam:

— I ché uirá uaa taá ce remericó u ricó arama taina!
— Eu sou passaro como que minha mulher tem filho!

Ariré, paá, u çu payé etá pire aitá nheen arama
Depois, dizem, foi feiticeiros ter com elles disse para

i chupé: maiçaua taá cuá i ché uirá maa taá ce remericó
elle: que quer dizer isto eu sou passaro como que minha mulher

u ricó arama taina?
tem filhos?

Payé etá, paá, u nheen ichupé:
Os payés dizem, disseram-lhe:

— Ne raira etá tenhen nhaan. Re icó ramé ne remericó
— Teus filhos tambem aquelles. Tu estavas quando tua mulher

irumo aé u maan u icó yacy tatá etá recé, arecé, yacy tatá
com ella olhando estava as estrellas para, por isso, as estrellas

etá u cemo aitá recé.
sahiram elles em.

I paia u çu pucuçaua u purunguetá payé irumo i manha
O pai foi no tempo que conversar payés com d'elles a mão

iuire u çu uatá, nhaan pucuçaua nhaan apegaua meri
tambem foi passeiar, n'aquelle tempo aquelle menino

u pecica çuiua, uirapara irumo u çu u camunu.
pegou as frechas, o arco com foi caçar.

U ucemo, paá, yacami etá, u iucá o pain paá aitá.
Achou, dizem, yacamins matou todos elles.

U iucá upain ariré nhaan etá ure a muitá, u iucá
Mortos todos depois aquelles vieram outros, matou

iuire aitá. Ariré u çu oca queté. Ariré u ceca i manha.
tambem. Depois d'isso foi casa para. Depois chegou d'elle a mãe.

Aé u nheen i manha çupé:
Elle disse sua mãe á:

— Mãe! Cha iucá upain ana yacamin etá.
— Mãe! Eu matei todos já jacamins.

Yá çu yá maan.
Vamos ver.

— Yá çu.
— Vamos.

Aitá uceca ramé aap i manha u maan aé curumi
Elles chegaram quando ahi sua mãe via elle menino

u iucá uana i paia, payé etá irumo catu.
tinha morto delle o pae, os payés como bem.

I manha, paá, u nheen ichupé:
D'elle a mãe, dizem, disse-lhe:

— Cemyra, iné ré iucá uana ne paia, payé etá irumo
— Meu filho, tu mataste teu pai, os payés como

catu, cuire inti ana uá u meen yané remiù. I né re
bem, agora não ninguem dá nosso sustento. A nós tu

moaiua catu yaué.
estragaste bem assim.

Aé ana, paá, curumi meri u çuachara:
Então, dizem, o menino respondeu:

— Tenhen çaceara ne pyá, manha, aé rama iché máa
— Não fique triste teu coração, mãe, isso para estou eu o que

u atare uaá iché curi cha meen.
lhe faltar que eu heide dar.

Ariré, paá, aitá u çu ana çamunha retama queté.
Depois, dizem, elles foram avô terra para.

Pé rupi, paá, nheen membyra çupé:
Caminho em, dizem, disse filho ao:

— Cembyra, maá etá curi yá ceca ne ramunha retama
— Meu filho, como chegaremos teu avô terra

pupé? Cha iure ramé cuchiyma achii inti rain cha icó
na? Eu vim quando antigamente de lá não ainda eu tinha

cembyra, ti rami cha cuau apegaua receuara, cuire curi
filho, não ainda conhecida homem de agora hade

ne ramunha u puitare iuire u mundéu iché cunhan etá maloca
teu avô querer tornar metter-me mulheres casa

queté nhaán oca petuna uaçu a pupé inti arama cha cuau
na, aquella casa tenebrosa na não para eu conhecer

apegaua etá recéuara.
homens os.

— Tenupá ce manha che piá curi, cha ceca ramé
— Deixe estar minha mãe heide ver, eu chegar quando

aap cha umbáu nhaan maan etá irumo.
ahi eu acabo estas as cousas com.

Aitá u ceca ramé çamunha retama pupé, nhaan curumi miri
Elles chegaram quando do avô terra na, aquelle meninosinho

u pecêca yepé itá uaçu u iapi nhaan oca pupé i peua
pegou uma pedra grande jogou aquella casa na ella achatada

catu puitá, cunhan etá icó aap u nhana upain achii, nhaan
bem ficou, as mulheres estavam ahi fugiram todas d'ahi, aquella

itá uare i puciçaua irumo u mutêpê catu iui.
pedra cahiu seu peso com afundou bem a terra.

Çamunha u maan ramé nhaan u cequeié catu paá, nhaan
O avô vio quando aquillo teve medo bem dizem, aquelle

curumi çuhi, u pain tuichaua etá, upain nhaan mira etá iuire,
menino d' , todos os chefes, toda aquella gente tambem,

paá, u cequeié içuhi.
dizem, tiveram medo d'elle.

Aramé, paa, yepé tuichaua u nheen :
Então, dizem, um chefe disse :

— Iché curi cha çaiçu reté penhen upain ara, popé
— Eu heide gostar muito de vocês toda vida em,

anhu cha putare ne chii, remungaturu maá remuaíua uaá
só eu quero de vocês, concertar o que estragastes que

maa yaué cuchiyma u icó.
como d'antes (antigamente) estava.

Aramé, paá, nhaa curumi miri u nheen tuichaua çupé :
Então, dizem, aquelle meninosinho disse chefe ao :

— Iché iuire, cha iucé cha maan upain maan cendaua
— Eu tambem gosto ver todas cousas seu lugar

rupi.
em,

Curumi miri u pecêca nhaan itá uaçu u çu u chiare
O meninosinho pegou aquella pedra grande foi deixar

cendaua cuera popé.
lugar que foi para.

Aéana, paá, aetá u puitá catu aetá anama retama pupé.
Então, dizem, elles ficaram bem dos parentes terra na.

Ariré, paa, nhaan cembyra meri inti recé u ricó
Depois disso, dizem, aquelle filhosinho não por ter

i mena i maacé.
marido adoeceu.

Aramé ana, paá, curumi miri u nheen i manha çupé :
Então, dizem o meninosinho disse d'elle mãe á :

— Remeeen iché arama ce rendira cha raçu arama
— Dá mim para minha irmã eu levar para

u ipuçanu i ché nhu cha cuau mamé u ricó i puçanga.
curar eu só sei onde está d'ella o remedio.

Aramé, paá, i quiuira u raçu aé iuaca queté, inti recé
Então, dizem, o irmão levou ella o céo para não por

u putare cemira u menare. Aé cuire yá maan yacy tatá yá
querer a irmã casasse. Ella agora nós vemos estrellas nós

cenu aan Ceucy.
chamamos 7 estrellas.

Ariré, paa, i manha u maan aitá u icopocó u çu
Depois d'isso, dizem, d'ella a mãe vendo elles demorarem-se foi

aetá racacuera u cecare arama aetá, uçaçau ramé yepé garapé
d'elles no encalço procurar para elles, passava quando um riacho

ara rupi boia uaçu u mucuna aé.
por cima a cobra grande engoliu a.

Embyra apegaua ucêca ramé inti u acemo i manha u çu
O filho macho chegou quando não achando d'elle a mãe foi

iuire u cecare i manha. U çu upain tetama rupi maa rupi u çu
tambem procurar sua mãe. Foi todas as terras por por onde foi

uaá u chare u çu icó taira etá, ariré, paa, u acema ana
que deixando foi tendo filhos, depois d'isso, dizem, achou

i manha. U acemo riré i manha u raçu iuaca quité i irumo.
sua mãe. Achar depois sua mãe levou-a o céo para sigo com.

Aé cuire nhaan yacy tatá yá cenu uaá Pinon, ou boya uaçu.
Elle agora aquella estrella nos chamamos que Pinon, cobra grande

Cuaá cha umbeú uaá yané iupirungaua, yané ramunha etá
Isto eu conto que nosso principio, nossos avós

arauira iupirungaua opé.
mundo principio no.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Dizem que havia outr'ora, no Rio Uanauá, moças virgens que guardavam os talismans e os attributos de Jurupari.

Dizem que uma vez fugiu uma das moças e foi procurar marido.

Chegando ao matto e anoitecendo ahi dormiu. De madrugada estava chorando quando ouviu homens fallarem.

Um d'elles estava dizendo :

— Eu não me hei de casar ; se encontrar uma moça bonita então me casarei.

Depois d'isso encontraram a moça e o homem, vendo-a, achou-a formosa e ella tambem o achou bonito.

O homem lhe disse :

— Queres te casar commigo ?

A moça disse :

— Quero.

O homem então levou-a para sua terra.

Aquelle homem era da nação Yakamim.

Os pais o casaram e depois de casados foram elles banhar-se ao riacho e ahi acharam a herva Yakamim com a qual esfregaram o corpo e se lavaram.

Dizem que então ambos transformaram-se em yakamins.

Depois d'isso sentiu que tinha ovos e a barriga cresceu a não poder mais andar.

Dizem que a mulher dissera :

— Isto não são ovos, isto talvez sejam filhos.

Alguns mezes depois deu á luz duas crianças, uma mulher e um homem.

Foram crescendo as crianças.

O menino era forçoso e dizem que gostava de frechar pelo que a mãe lhe disse :

— Meu filho, em tempo algum tu frecharás Yakamins.

A mãe d'elles nunca os vira quando dormiam ; uma noute, porém, foi vel-os dormir.

Olhando para seus filhos assustou-se.

A menina, dizem, que tinha sete estrellas na testa e o menino uma cobra de estrellas enrolada no corpo.

A mãe ficou assustada e chamou o marido para ver as crianças.

Veiu o pai d'ellas e assustou-se tambem. Fallou.

— Eu sou ave, como é que tenho crianças ?

Depois d'isso, dizem, foi ter com os payés e disse-lhes :

— Que quer dizer isto, eu sou ave e minha mulher tem crianças ?

Os payés disseram-lhe :

— Tambem são teus filhos. Quando estiveste com tua mulher ella estava olhando para as estrellas e por isso sahiram as estrellas n'elles.

Emquanto o pai conversava eom os payés e a mãe foi tambem passeiar, o menino pegou nas frechas e no arco e foi caçar.

Encontrou Yakamins e matou todos.

Depois de ter morto todos, vieram outros que tambem matou. Depois foi para casa.

Depois chegou a mãe.

Elle disse á mãe :

— Minha mãe ! Eu matei todos os Yakamins. Vamos ver ?

— Vamos.

Quando elles chegaram ella viu que o menino tinha morto o pai e todos os payés.

A mãe disse-lhe :

— Meu filho, tu mataste teu pai e bem assim os payés ; agora ninguem nos dá o sustento. Tu nos estragaste muito.

Então, dizem que o menino respondera :

— Não entristeça o seu coração, mãe, para isso estou eu, o que faltar eu lhe darei.

Depois d'isso foram para a terra dos avós.

Em caminho disse ao filho :

— Meu filho, como chegaremos á terra de teu avô ? Quando outr'ora de lá sahi não tinha filhos, estava virgem, agora teu avô ha de querer metter-me na casa tenebrosa para que eu não conheça homens.

— Deixe estar, minha mãe, eu verei, quando eu chegar lá eu acabo com essas cousas.

Quando elles chegaram na terra do avô, o menino pegou n'uma grande pedra e lançou sobre a casa e a achatou ; as mulheres todas que lá estavam fugiram. A pedra que cahiu pelo seu proprio peso afundou-se pela terra.

O avô quando vio aquillo teve medo do menino e toda aquella gente tambem teve medo d'elle.

Dizem que, então, o chefe fallara :

— Eu toda vida estimarei muito a vocês, mas só quero que concertem o que estragaram e ponham tudo como anteriormente estava.

Disse então o menino ao chefe.

— Eu tambem gosto de ver todas as cousas em seu logar.

O menino pegou na pedra e deixou-a no seu logar.

Ficaram então bem na terra dos parentes.

Depois d'isso, a menina por não ter marido adoeceu.

O menino então disse a sua mãe :

— Dê para mim minha irmã para eu leval-a e cural-a, porque só eu sei onde está o remedio.

D'este modo o irmão levou-a para o céu, por não querer que ella se curasse e é ella que agora vemos e chamamos as Sete estrellas (Pleyades).

Vendo depois d'isso, a mãe, que elles se demoravam foi-lhes no encalço a procural-os e quando passava por um riacho a cobra grande a enguliu.

Quando chegou o filho macho não achando a mãe foi tambem á sua procura.

Foi por todas as terras e por onde foi passando deixou filhos até encontrar sua mãe.

Depois de achar a mãe levou-a para o céu.

Ella é hoje aquella estrella que nós chamamos Pinon ou Cobra grande.

O que eu conto foi no nosso principio, na origem de nossos avós.

# III

## YURUPARI CUNHAN MUCU ETÁ IRUMO

**O Yurupari moças e as**

(RIO MADEIRA)

Cuchi ima, paá, curumi uaçu etá u cêca yepé tuiué<br>
Outr'ora, contam, uns mancebos chegaram d'um velho

roca opé u nhehê, paá, etá cunhan mucu etá çupé.<br>
casa na e fallaram, contam, elles moças ás.

— Pe i u mucaturu orandé curi yá çu yá temiare, pe<br>
— Vocês se arrumem amanhã iremos apanhar peixe, vocês

munhan meyú pêça...yé... [1] ramé curi yá çu.<br>
façam beijús meia-noute (depois de) quando iremos.

Aap iunto ipó u icó Yurupari u cenó aitá u purangueta.<br>
Ahi perto talvez estivesse o Yurupari ouvindo elles conversarem.

Aé ana, paá, curumi açu etá renondé u cêca Yurupari.<br>
Então, dizem, dos moços antes chegou o Yurupari.

Aé ana ué in aé cunhan mucu etá cupé :<br>
Então disse elle moças ás :

— Pe i u mocaturu, apecatu mamé yá çu uaá.<br>
— Vocês se arrumem, longe onde vamos que.

Aé ana u çu ana Yurupari irumo.<br>
Elles já foram o Yurupari com.

Aitá racacuera u cêca curumi açu etá u purundu :<br>
D'ellas em seguida chegaram os mancebos perguntando :

— Mamé taá icó cuá cunhan mucu etá yá çu arama ?<br>
— Onde que estão estas moças irmos para ?

---

(1) Os tapuyos têm o costume de demorar a pronuncia de uma palavra quando querem dar uma idéa de demora, distancia, tempo, etc. Assim quando dizem *apec,atu* quer dizer longe, mas se dizem *apeca...tu...* querem dizer muito longe. Aqui na lenda os moços disseram *peça...yé...*, isto é, muito depois da meia-noite.

I u canhema aitá paia, aitá manha, upáin mira etá.
D'ellas assustou-se d'ellas o pai, d'ellas a mãe, toda gente.

Aé ana coema cunhan mucu etá u maan Yurupari recé,
Então de manhã as moças olhando Yurupari no,

puchi uera i marica tepê.
feio sua barriga funda.

— Aé ana Yurupari u nhehê cunhan mucu etá çupé :
— Então Yurupari fallou moças ás :

— Cuire iché pe mena.
— Agora eu vocês marido.

Aé ana, paá, cunhan mucu etá u iachió.
Então dizem, as moças choraram.

Iui cuara açu Yurupari opé çoca. Mahi cuité aramé
Gruta do Yurupari a casa. Como então n'esse tempo

upáin uirá etá, çoó etá u purunguetá mira irumo, u ure
todos os passaros e animaes conversavam gente com, veio

Caran u çaçau aitá ara rupi yepé cunhan mucu ué in :
Carão passando d'ellas cima por uma moça disse :

— Ce ramonha, Caran, re raçu iché ce manha roca opé ?
— Meu avô, Carão, tu levas me minha mãe casa na ?

Caran u nhehê :
Carão fallou :

— Eré ! Cha raçu indé ne manha roca opé, ariri cha
— Sim ! Eu levo tu tua mãe casa em, depois eu

iuire cha iure i piama ne amu.
outra vez eu volto buscar tua parente.

Yurupari u çu, paá, uatá, intimaan çoca opé.
O Yurupari foi, dizem, passeiar, não casa em.

Ure ramé u cecare cunhan mucu etá inti ana u acema.
Veio quando chegou as moças não já achou.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Contam que outr'ora uns moços chegaram á casa de um velho e disseram ás moças :

— Vocês se arrumem, porque iremos amanhã apanhar peixe. Vocês façam beijús e, quando fôr depois de meia-noute, iremos.

Talvez estivesse perto o Yurupari ouvindo a conversa.

Dizem que o Yurupari chegou antes dos moços e disse ás moças :

— Vocês se arrumem, porque é longe para onde vamos.

Foram ellas com o Yurupari. Logo depois chegaram os moços perguntando :

— Onde estão estas moças para irmos?

O pai, a mãe e todos se assustaram.

Olhando para o Yurupari, já de manhã, as moças viram que elle era feio e tinha a barriga funda. O Yurapary disse ás moças :

— Eu agora sou o marido de vocês.

As moças choraram. A casa do Yurupari era uma gruta. Como n'esse tempo todos os passaros conversavam com a gente, passando por cima d'ellas um Carão, uma das moças disse :

— Meu avô Carão, tu me levas para casa de minha mãe?

O Carão fallou :

— Sim, eu te levo para casa de tua mãe. Depois, voltarei outra vez a buscar tua parenta.

Dizem que o Yurupari estava passeiando e não estava em casa. De volta jà não achou as moças.

## VARIANTE DO RIO KANUMÃ

(CONTADA POR UMA INDIA MUNDURUKU)

Contam que um velho que tinha tres filhas, combinara com o tio d'ellas para leval-as a apanhar Mirity. (1) Conforme tinham ajustado appareceu de madrugada o Yurupari sob a figura do tio, que elle havia morto em caminho. Sahiram as moças com o supposto tio. Depois de muito caminharem, perguntou uma d'ellas se ainda estava longe o miritisal. O Yurupari respondeu que não. Á medida que caminhavam, de vez em quando uma d'ellas perguntava se ainda estava longe o miritisal e elle respondia que não. Ao alvorecer, já quando estavam perto da gruta, em que morava o Yurupari, uma d'ellas olhando para os pés d'este exclamou : — Kuaá Yurupari! Este é o Yurupari!

Chegando á casa disse-lhes o Yurupari que ali é que era o miritisal. Sahiu depois, deixando um pagagaio de sentinella ás moças, para que não fugissem.

Chegando a noute convidou a mais velha para levar-lhe fogo á rede. Ahi começou como morcego a chupal-a. De madrugada tornou a sahir para o matto.

---

(1) E' a palmeira *Mauritia flexuosa* de Martius. Do mezocarpo de seus fructo fazem os indios uma beberagem e os comem cozidos.

Logo, que elle sahiu foram as duas irmãs ver a que dormira com o Yurupari e encontraram sómente a sua ossada. Á noute chegou o Yurupari e mandou a segunda levar-lhe fogo á rede e quando esta se approximou agarrou-a e chupou a como á primeira. Pela madrugada foi novamente para o matto. Quando este sahiu a mais nova foi á rede e viu a outra ossada. Chorando deitou-se na rede junto dos ossos de suas irmães. Logo depois viu passar voando sobre a gruta o Karão e gritou :

— Ah ! Karão ! Karão ! Se tu fosses gente me levarias a minha mãe !

D'ahi a pouco appareceu-lhe o Karão sob a fórma de um moço, que lhe disse que tomasse os ossos, um pouco de sal e de cinzas e fosse furtar a *milonga* (1) do Yurupari.

Logo que ella arranjou tudo partiram.

Apenas sahiram começou o papagaio a gritar :

— Ce yara, Karan o raçô ana ne yapuruchitá. — (Meu senhor, lá vai o Carão levando o teu caramujo.)

Ouvindo isso correu atrás d'elles o Yurupari gritando :

— U rure Karan ce muyrakytan. (Carão traz o meu talisman.) (2)

Ao approximar-se o Yurupari o Carão disse á moça que tomasse um dos ossos das irmãs. Immediatamente levantou-se uma grande fumaceira que impediu o Yurupari approximar-se. Aproveitaram-se d'isso e caminharam. Já tinham andado muito quando novamente ouviram o grito :

— U rure Karan ce muyrakytan.

O Carão mandou então queimar sal e cinza, o que fez com que se levantasse um grande espinhal.

Emquanto o Yurupari se desembaraçava dos espinhos elles avançaram. Já perto da casa da mãe ouviram ainda :

— U rure Karan ce muyrakytan !

Mandou então o Carão que queimasse juntos os ossos, o sal e as cinzas, o que fez com que apparecesse um grande rio que o Yurupari não poude atravessar e assim poderam chegar á casa da mãe, que ficou contente por ver as filhas, quando as julgava todas perdidas. (3)

---

(1) É termo africano imiscuido na lingua geral e significa *remedio*, *feitiço*, *talisman*.

(2) O Yurupari guardava dentro de um caramujo o muyrakytá, seu talisman. O caramujo é a comida do Carão.

(3) N'este conto confunde-se o Korupira com o Yurupari. Aquelle é que não atravessa rios e tem os pés voltados.

# IV

## YURUPARI CURUMI IRUMO

**O Yurupari o menino e**

(RIO SOLIMÕES)

Yepé cunhan, paá, u quire taira irumo i quiçaua pupé.
Uma mulher, contam, dormia o filho com d'ella rede na

Yurupari, paá, u çu u iuúca cunhan iuá çuhy i membira
Yurupari, dizem, foi tirar mulher braço do seu filho

u imu quiçaua uirpe. Ariri, paá, u nhehê taira manha çupé.
pôz rede de baixo. Depois, dizem, fallou o filho mãe á

— Manha! Manha! U chipiá Yurupari yané uirpe unhenu
— Mãe! Mãe! Espia Yurupari nós debaixo deitado

u icó!...
está!...

Ariri, paá, cunhan u pececa muiraçanga u nupá i membira.
Depois, dizem, a mulher pegou cacete bateu seu filho.

Aramé, paá, Yurupari u pure u nhehê.
Então, dizem, Yurupari saltou fallando.

— Cha ganane! Cha ganane!...
— Eu enganei! Eu enganei!...

— Unhana, u çu ana.
— Correu, e foi-se embora.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Contam que dormia na sua rede uma mulher com seu filho.

O Yurupari tirou dos braços d'ella o filho e pol-o debaixo da rede.

Dizem que o filho depois disse á mãe:

— Mãe! Mãe! Espia o Yurupari que está deitado debaixo de nós?

Dizem que depois a mulher pegou em um cacete e bateu o filho.

O Yurupari então saltou dizendo:

—Enganei! enganei!...

Correu e foi-se embora.

# V

## YURUPARI CAMUNDUÇARA [1] IRUMO [2]

**O Yurupari o caçador e**

(RIO TAPAJO'S)

Yepé apegaua u çu camundu u acema çuaçu cunhan i<br>
Um homem foi caçar achou veada seu

membira irumo. U iumu çuaçu membira, u pecica çuaçu merim.<br>
filho com. Frechou da veada o filho, pegou veadinho.

Manha u iauau. U mu iachiú çuaçu mirim, çuaçu manha u cenó<br>
A mãe fugio. Fez chorar veadinho, a veada mãe ouvio

ramé u ure i membira recé. Aé cuité u iumu iuirę çuaçu<br>
quando veio seu filho pelo. Elle então frechou tambem do vea-

mirim manha. U manu. Ariré u maan cecé i manha cuera<br>
dinho a mãe. Morreu. Depois olhando n'ella sua mãe que foi

u iumunhan uaá çuaçu rama. Yurupari u iumumeu çuaçu<br>
feito aquella veada em. O Yurupari transformou veada

rama u ganane arama i membira u quire ramé.<br>
em enganar para seu filho dormia quando.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Um homem foi caçar e encontrou uma veada com filho. Frechou o filho, e pegou no veadinho. A mãe fugiu. Fez chorar o veadinho e a mãe quando ouvio veio. Frechou, então, tambem a mãe do veadinho. Morreu. Olhando para ella vio que a veada era sua propria mãe.

O Yurupari transformou a mãe em veada para enganar o filho emquanto dormia.

---

(1) Camunduçara por *Kaamanuçara*.

(2) Esta lenda ás vezes contam como tendo sido obra do *Anhanga*, e assim a referiram ao Dr. Couto de Magalhães; mas n'isso ha confusão.

# VI

## ANHANGA

### O anhanga

(DOS INDIOS MANÁOS)

Mocoin tapiiua Manáos u çu, paá etá u maan i cupichaua,
Duas indias Manáos foram, dizem, ver sua roça,

u cêca aramé aitá cupichá pe u maan, paá, çuaçu u maiua
chegaram quando dellas roça na viram, dizem, o veado estragou

i cupichaua. Aramé, paá, yepé aitá chiuara u neeng:
d'ellas roça. Então, dizem, uma d'ellas fallára:

— Cuá Yurupari, cuá çuaçu u ú ana ce maniiua.
— Este Yurupari, este veado comeu minha mandioca.

— Yaué tenhen iché, inti indé inhu.
— Assim que o diga minha, não tua só.

Aramé amu u çu ana u maan i cupichaua amu, paá,
Então outra foi ver sua roça outra, dizem,

u pitá (1) u iacaua çuaçu.
ficou descompondo veado.

Aramé, paá, çuaçu u pure i peaiua u çuachara:
Então, dizem, o veado saltou elle zangado respondeu:

— *Mané, mané, macaré!...* (2)
— Quero, quero, te comer.

Aramé, paá cunhan iupire muirá recé u çacema amu
Então, dizem, a mulher subiu arvore pela gritou outra

cunhan recé. Aramé amu ure u maan, aramé cuaá çuaçu
mulher pela. Então outra veiu olhar, então aquelle veado

u iauau i peaiua çaua irumo.
fugiu ella zangado com.

---

(1) Por *puitá*.

(2) Dialecto dos Manáos.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Dizem que duas indias Manáos foram ver suas roças e quando chegaram viram a roça estragada pelo veado.

Dizem que uma d'ellas dissera:

— Este veado comeu a minha mandioca.

— Não foi só a tua, a minha que o diga.

Então a outra foi ver sua roça e ficou descompondo o veado.

Dizem que o veado então saltou zangado e respondeu:

— Quero, quero te comer.

A mulher subiu por uma arvore e gritou para outra. A outra veiu ver, fugindo então zangado o veado.

# VII

## MEREREUA [1] YURUPARI

### O tinhoso Yurupari

(MANA'OS)

Merereua Yurupari caapora u uçu çapé rupi igarupape,
O tinhoso Yurupari do matto foi caminho pelo do porto,

u yuoca i pira chii u chare muirá arpe u pure ype u yaçuca,
tirou a pelle d'elle pôz páo emcima saltou n'agua banhar-se

u arama iapumi pucuçaua yepé camunuçara u cyca u mundéo
para, mergulhou emquanto um caçador chegou metteu-se

i pira. U cema ramé ipy chii u maan iui quité u chipiaca
d'elle pelle. Sahiu quando fundo do olhou terra para viu

amu u yu moan mondéo i pira cuera irumo. U nheen:
outro vestido sua pelle com. Disse:

— Tenhen rain re ú iché. Ti re cuáo nhaá icó ne
— Não ainda tu comas me. Não tu sabes o que está com

irumo... Re racemo curi pépe mocoin yauty re raçu curi ce
tigo... Tu achares caminho no dous jabutys tu levarás minhas

raira etá cupé, re meen aitá yaué yaué. Cuire cha umbeú
filhas á, dá d'ellas a cada uma. Agora eu digo

indé maan opé re icó cuire, indé Yurupari merereua. Nhaan
te que no tu estás agora, tu Yurupari tinhoso. Aquella

ne pira aé curi ne re raçô muire re maan, nhaan pira opé
tua pelle ella te levará quanto tu veres, aquella pelle na

Yurupary mira u ú çara, çuaçu re ú acemo uaá pépe aé curi
Yurupari gente comedora, veado tu achares que caminho no

ne pira pure remium. Re ú poi ne pira pure aé curi ne
tua pelle o mantimento. Dá de comer tua pelle ella te

ú çara amo ara opé.
comerá algum dia.

U' pói riré u puitá ce cuaiara rama.
De dar de comer depois ficou em logar para.

---

[1] De *me* permanecer, durar e *pereb* ou *pereua*, ou *mereua*, sarna, tinha, chaga, ferida, etc. o *Sarnento*, o *tinhoso*.

## TRADUCÇÃO DA MÈSMA LENDA

O tinhoso Yurupari do matto foi pelo caminho do porto, tirou a sua pelle, pôz em cima de um páo, e saltou n'agua para banhar-se. Emquanto mergulhou chegou um caçador e metteu-se na pelle.

Quando sahiu do fundo, olhou para terra, e vendo outro vestido com a sua pelle, disse:

—Não me comas ainda. Tu não sabes o que está comtigo... Se achares no caminho dous jabotys, levarás á minhas filhas, e darás um a cada uma. Eu te digo agora em que tu estás mudado, tu és o Yurupari tinhoso. Aquella pelle levará tudo quanto ver, n'aquella pelle está o Yurupari comedor de gente, o veado que encontrares no caminho será o mantimento da tua pelle. Dá de comer á tua pelle porque ella algum dia te comerá tambem.

De alimento servio elle depois á pelle.

## SEGUNDA PARTE

# CONTOS ZOOLOGICOS

Em todas as épocas da humanidade, os animaes deram origem a contos, a apologos e a fabulas. A relação que existe entre os seus costumes, originou crenças que filiam ethnicamente differentes povos de differentes partes do globo. A principio simples narrativas, depois contos e mais tarde mythos ou fabulas, em que a poesia transfere para seres irracionaes a intelligencia humana para melhor calar no espirito a moralidade. O indio, entretanto, nos seus contos não faz mais do que retratar os seus personagens, para melhor se conhecerem seus habitos, ou apresentar factos historicos transformados em mythos pelo correr dos seculos. Elle inventou uns que, se são ficticios, no enredo, são verdadeiros no fundo, e perpetua outros, historicos, que se vestem com as mesmas roupagens. Seriam lindas fabulas, se algum Esopo ou Phedro, introduzisse n'ellas a moralidade. Essa não existe, porque são contos de passatempo, sem fim moral, cousa que se desconhece no seio das tribus no estado natural ou primitivo. N'esses contos, poucos têm cunho mythologico. Em nenhum d'elles, a não ser a faculdade da imaginação tendendo ao maravilhoso, se notam idéas que fundamentem crenças polytheistas; o que elles visam é antes um fim instructivo. Com effeito, o conto zoologico indigena, ou trata de factos historicos de eras primitivas perpetuados pela poranduba, de geração em geração, ou de diversas particularidades do habito, da côr, da fórma, do canto de animaes, com observações que, muitas, não estão ao alcance dos que os não conhecem.

Pelos contos e pelas cantigas, se conhecem, n'um dizer natural, factos verdadeiros, quanto á historia e quanto aos costumes dos animaes que, romantizados uns, e phantasiados outros, nos mostram o caracter do indio e sua faculdade imaginativa.

Por elles se vê, quanto acima do bruto estavam os nossos selvagens, quando se descobriram suas terras, e quão injustas foram as perseguições que soffreram, quando a pretexto de barbaria, eram arrastados ao captiveiro e á morte.

A poesia natural do bardo selvagem transparece em seus contos como um protesto áquelles que lhes negam intelligencia. Esta é tal, que o proprio branco, o kariua, o civilisador, d'ella se aproveita.

O estado intellectual, a que tinha attingido, a raça brazilica, por toda a parte se apresentava vantajosamente, não só nas artes manufactureiras, como na agricultura, e na industria. Os seus vestuarios, tecidos de algodão e pennas; os seus adereços; os seus utensilios domesticos e guerreiros; a sua ceramica; a cultura do milho, do algodão, da mandioca, do carajuru; os preparados d'estes vegetaes; os instrumentos de pesca e de caça; as armadilhas,

e, finalmente, os seus contos, por toda a parte se apresentavam pedindo auxilio para progresso e não a perseguição, que tudo tem feito desapparecer. Centenares de contos e anecdotas que passam por filhos de uma concepção civilisada, foram introduzidos pela gentilidade, mas com a passagem de um para outro estado, a civilisação procurando aperfeiçoar, tirou a poesia natural e desvirtuou o alvo primitivo.

Da singeleza e ingenuidade d'esses contos, um espirito culto e perscrutador póde extrahir a historia e a moralidade, mas n'este ultimo caso havera sempre emprestimo á intenção do selvicola.

Esses contos, não são, como as lendas tapuyas, cheias de superstições, que a civilisação introduziu; foram gerados pela reminiscencia e na imaginação do selvagem e transmittidos a seus descendentes, que orgulhosos as referem prezenteiros, como dando lições ao *kariua* ignorante. Medroso e arrepiado, muitas vezes nos conta as historias dos *brancos*, mas não aquellas que com o leite selvagem beberam na rede infantil. O selvagem não conhece o medo. O sobrenatural mesmo não o intimida; quando muito o espanta, e, se alguns temem a *sombra do morto*, sabem comtudo affrontar com altivez a morte.

Não é o morrer que receiam; é suppôr que algum dia poder-se-hão encontrar com a *sombra do corpo* do finado. Accreditam que a alma vae para o firmamento, o céo; mas pensam que depois que o corpo baixa á terra, a sua sombra vagueia pelo espaço, e não desapparece da face da terra. D'ahi nasceu o *poroyan*, dos Macuchis, ou *mbae ayua*, dos tupis, a cousa má [1], que não é a *alma penada* (anhanga) da crendice popular; nem uma divindade ou espirito malfasejo, e sim a *sombra* destacada de um morto que fica perdida sobre a terra.

Foram os selvagens que me explicaram o que o tapuyo teme, mas não sabe o que seja.

O selvagem affronta as iras dos elementos e dos civilisados, mas teme a sombra do parente que ficou sobre a terra, cujo corpo n'ella se escondeu e cuja alma subiu ao céo.

E' por isso que o conto que o tapuyo nos transmittiu, recebido de seus avós, não é supersticioso, nada tem que faça medo, como as historias que aprendeu longe da maloca, no seio da sociedade.

A lenda phantastica, com o enredo que apavora, ou mesmo que diverte, o selvagem não a tem, é sempre o conto zoologico ou botanico, dando imaginação e astucia ao animal e virtudes ás plantas. O conto astronomico é sempre baseado em acontecimentos historicos ou sobrenaturaes e no desprendi-

[1] Corresponde ao *taguaib*, dos escriptores hespanhóes, o *taúbaib*, dos portuguezes, é a *visão má* do Sul.

mento da alma; refere-se á transformação d'esta, á sua innocencia e á sua morada. A terra é immunda para encerrar a essencia do corpo, por isso o firmamento serve de asylo ao espirito dos que morrem. Á terra abandonam a podridão; a sombra (*mbae ayua*), vagueia no espaço; a alma (*anga*), sobe ás alturas, nas azas do *yapakani* ou voando como os anjos da Escriptura.

Esta crença dos selvagens do Amazonas se identifica, quasi com o que disse Ovidio em seus versos:

Bis duo sunt homini. Manes, caro, spiritus, umbra.
Quatuor ista, loci bis duo suscipiunt.
Terra tegit carnem. Tumulum circumvolat umbra,
Orcus habet Manes, spiritus astra petit.

O tumulo encerra o corpo ou a carne; a sombra vôa em torno do sepulchro; os Manes descem aos infernos e o espirito sobe e vae até aos astros.

Esses contos, alguns das quaes perduram, quer no Amazonas, quer no Pará, na memoria dos velhos, que os repetem palavra por palavra, aqui um, alli outro, mais além ainda outro, e que, com difficuldade se apanham, sempre repetidos pela mesma fórma, são reminiscencias que a tradicção conserva, como o autor ignoto as contou, mas que a immigração estranha separando os da mesma raça, alliando-se a ella e introduzindo novos costumes, as tem feito desapparecer, auxiliada poderosamente pela morte, que vae arrebatando a velhice, que os conserva em memoria, principalmente na das mulheres.

Aqui reuno, pois, uma collecção d'esses contos em sua linguagem natural, contos que nos mostram o elemento intellectual do indio brazileiro.

Em muitos se notam analogias com os contos orientaes, sobre tudo com aquelles que formam o enredo do Livro Sagrado ou Popol Vuh, da America Central. Os contos brazileiros parecem-me élos partidos da grande cadeia que fórma o genesis americano e que se acham dispersos, modificando-se pelo embate de costumes diversos em épocas differentes, comtudo póde-se dizer o que disse Chateaubriand: « Il y avait dans tout cela assez de religion, de mensonge et de poésie pour s'instruire, s'égarer et se consoler ».

# I

## ANÚ NHEENGAREÇARA [1]

### A cantiga do Anú.

### (RIO SOLIMÕES)

Yepé uirá, paá, Anú curoca [1] u ricó çuaiara Tamaquaré
Um passaro, dizem, o Anu curoca, tinha o cunhado Tamaquaré

uatá uaá igapó rupi. Chii miú tucura. Cochi ima, paá, u
andava que alagadiços pelos. D'elle comida gafanhoto. Outr'ora, contam,

pecêca putare tucura, tucura u pure u çu y pe quetê.
pegar querendo gafanhoto, o gafanhoto saltou foi agoa fundo para.

Aé u ana u cenõe çuaiara.
Então chamou o cunhado.

— Uáu! Uáu! Uáu!... [2]
— Uáu! Uáu! Uáu!...

= Maá taá?
= O que é?

— Ah! Che ruaia, cha iumu yurará iqué catu, u raçu ce
— Ah! Meu cunhado, eu frechei tartaruga aqui bem, levou minha

rihiua, cuêre yapumi.
frecha, agora mergulha.

Aé uana Tamaquaré yapumi u acema tucura y pepe
Então o Tamaquaré mergulhou achou o gafanhoto agoa fundo

pêceca u ú [3] ariri u uêre.
pegou comeu depois boiou.

— Ah! Che ruaia, ne maan cha u acema ne rihyua.
— Ah! meu cunhado, não eu achei tua frecha.

---

[1] É o *sigodactilo Crotophaga major*, conhecido no sul tambem por *Anu da serra*, *anu gallego*, *anu curoca*, em Cayenna por *bouilleur de canari*, e nas Guyannas, por *Passaro diabo* ou *diabo das savanas*. O nome que em Cayenna lhe dão, origina-se do barulho que fazem quando o bando se reune, roncando de uma maneira que imita uma panella d'agua fervendo. *Curóca*, de *Curó*, maluco, caduco, donde vem, no sul, dar-se esse epitheto aos individuos de muita edade como *velho curóca*.

[2] Onomatopéa do canto. Dizem os tapuyos, quando ouvem este canto, que é o Anu que chama o parente para apanhar a frecha.

[3] Nome que dava o Anu ao Tamaquaré.

= Aramé tenupá ana u raçú, aé uana enti mahy cha ricó,
= Então deixe levar, ella já não como eu haver,

caima uana.
perdeu-se.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ACIMA

Contam que um passaro, o anu coroca, tinha um cunhado, o Tamaquaré, que andava pelos alagadiços, comendo gafanhotos. Outr'ora querendo pegar um gafanhoto, este saltou n'agua e foi para o fundo. Elle então chamou pelo cunhado.

— Uáu! Uáu! Uáu!... (1)

= O que é?

— Ah! meu cunhado! Frechei aqui, uma tartaruga e ella levou minha frecha; agora mergulha.

Então o Tamaquaré mergulhou, achou o gafanhoto no fundo, pegou-o, comeu-o e depois boiou. (2)

— Ah! meu cunhado! Não achei a tua frecha.

= Então deixe-a levar; não é possivel havel-a; está perdida.

---

(1) Quer o Anu, quer o Tamaquaré, ambos alimentam-se de gafanhotos, e outros insectos.

(2) Este conto nos mostra, tambem, que ambos os animaes se alimentam de gafanhotos.

# II

## ARAUIRA PAUÇAUA TAMAQUARÉ IRUMO (¹)

**O mundo fim. o Tamaquaré e**

(RIO NEGRO)

— Ah! Tamaquaré (¹) arauira u caima putare.
— Ah! Tamaquaré o mundo perder-se quer.

— Mahy taá u caima?
— Como que perde se?

— U' pecêca tatá iacai, paá.
— Pega fogo queima-se, dizem.

— Cha poe taá paraná me.
= Eu pulo que rio no.

— Paraná taá cury u pupure.
— Rio que ferverá.

— Cha u iqui iui i cuara opé.
— Eu entro terra sem buraco no.

— Iui, paá, curi u pececa tatá.
= A Terra, dizem pegará fogo.

= Cha iupire muira recé.
— Eu subo arvore na.

— Muirá u cai.
— A arvore queima.

= Ah! Cuêre cupi maá queté taá cha yauau?
= Ah! agora sim para onde eu fujo?

= Inti maá queté.
— Não onde para.

— Ah! cuêre çupi, cha manú! Chá mamú! Cha manú
— Ah! agora sim, eu morro! Eu morro! Eu morro!...

— Chamanu!...
— Eu morro...!

---

(¹) Parece-me ser o *Enyalus laticeps*, Guid.

NOTA. — Este conto nos mostra que o Tamakuaré anda indifferentemente não só pelas arvores como n'agua e em terra.

---

Deixo de dar aqui a traducção desta lenda, que facilmente se entende. O fim della é apresentar a vida desse reptil que, com a mesma facilidade que nada e mergulha, anda em terra e pelas arvores. O seu corpo entra na composição de alguns filtros amorosos dos indigenas, que o esfregam tambem no rosto para amaciar a pelle.

# III

## YURUTAHY NHEENGAREÇARA [1]

**Jurutahy a cantiga.**

(RIO AMAZONAS)

Yurutahy [1] paá, u maan u icó yepé cunhan u çaçau
O Yurutahy, contam que vendo estava uma mulher passar

muirá açu ara rupi. Ariré, paá, yurutahy u purunu muirá
páo grande cima por. Depois, dizem, o Yurutahy perguntou páo

çupé:
ao:

— Mahy coité, taá re manhan cunhan retamá pytera opé?
— De que modo que tu vistes da mulher a perna meio na?

= Cha maan ne yuru turuçu çaua yaué catu.
— Eu vi da tu bocca tamanho assim bem.

— Uá! Uá! Uá! Uá!... [2]
— Uá! Uá! Uá! Uá!....

(VERSÃO DO RIO BRANCO E YATAPU)

Yepé petuna yacy rendé opé u ricu yepé muirá
Uma noute lua accesa em (de luar) havia um páo

pepé uare, u çaçaua Yurutahy u porandu muirá çupé:
caminho no cahido, passando Yurutahy perguntou páo ao:

— Hoho, cheruaia! Auá u çaçaua ne arpe rupi?
— Oh! meu cunhado! Quem passou ti cima por?

Muirá çuachara:
Páo respondeu:

---

(1) *Yurutahy*, *yuru*, bocca, *tahy* por *çâi*, destendida, escancarada, o *bocca larga*, ou *Urutaú*, *Uirá taub* de outros, o passaro phantasma, é o *Urutáo*, de Minas Geraes, a *Mãe da lua*, de outras provincias, o *Whip poor Will* (mette o chicote no pobre Guilherme) das Guyanas, ou o *Caprimulgus vociferans*. Este fissirostro, os indigenas o tem como protector da virtude das mulheres, pelo que com as suas pennas varrem o chão sob a rede das donzellas, no inicio da puberdade, ou forram a mesma rede com a pelle, na crença de que para ellas os homens serão indifferentes. Empregam tambem as pennas queimadas ou cozidas em fumigação ou banhos contra dores de cabeça.

(2) Risada estridula, como que de mofa, que pela calada da noute dá esse passaro.

= Auá taá che ruaia? Yepé cunhan turuçu ne yuru yaué
= Quem que meu cunhado? Uma mulher grande tua bocca assim

catu.
bem.

Yurutahy cê catu ichupé aé uana u pucá:
Yurutahy gostou para elle então riu-se:

— Uá! Uá! Uá! Uá!...
— Uá! Uá! Uá! Uá!...

## TRADUCÇÃO DA VERSÃO DO AMAZONAS

Contam que o Yurutahy estava vendo uma mulher passar por cima de um grosso páo. Depois o Yurutahy perguntou ao páo: — De que fórma era o que vistes entre as pernas da mulher? = Eu vi a fórma e o tamanho da tua bocca.

— Uá! uá!... Uá! uá!...

## TRADUCÇÃO DA VERSÃO DO RIO BRANCO

N'uma noite de luar, havia um páo cahido no caminho e passando um Yurutahy perguntou ao páo: — Oh! meu cunhado! Quem passou por cima de ti? = Quem foi? Uma mulher com uma bocca grande como a tua.

O Yurutuhy gostou e riu-se para elle.

— Uá! uá!... uá!... uá!...

# IV

## MAUARY TOPOCÉ IRUMO

**O Mauary o somno e**

(RIO BRANCO)

Mauary [1] paá, u iucá putare topocê, i u çaru muirá
O Mauary, contam, matar queria o somno, o esperou arvore

racanga opé.
galho no.

— Ara! cha iucá cuá topocê, cuire cha manhana cha
— Ora! eu mato este somno, agora eu vigio eu

iucá arama.
matar para.

U çaru, ne maan copucu u maan yepé mirá ure.
Esperou, não demorou vio um vulto vir.

— Ai ipó topocê ure icó.
— Elle talvez somno vindo está.

Aé uana, paá, mirá ure icó, iqui iunto ana, ure topocê,
Então, dizem, o vulto vindo estava, aqui perto já vinha o somno,

aap iunto ana u çapomi, ara meîma u çacema u éuéu:
ahi perto já cochilou, de repente gritou e voôu:

— Cuá! Cuá! Cuá!...
— Cuá! Cuá! Cuá!...

Aé uana u çu ana Mauary.
Então foi-se embora o Mauary.

— Ara! che piá, maan ne uana cha cuau cha çapomi,
— Ora! meu coração, veja não já eu soube eu cochilei,

cuire, cha çaru iuire.
agora, eu espero outra vez.

---

[1] É a *Ardea Maguari*, Gmel ou *Ciconia Maguary* Tenm; um longirostro que não tem pouso certo para dormir. Durante o dia e a noute pousa pelos galhos das arvores das margens dos rios e apenas começa a cochilar levanta o vôo, gritando como espantado. Só consegue dormir alguns instantes quando descança o bico nas costas. Não pode facilmente dormir porque quando o vae fazendo a cabeça cahe arrastada pelo peso do seu grande bico, e dispertando vôa assustado. *Cuá! Cuá! Cuá!* é uma onomatopéa do canto.

U çaru.
Esperou.

Aé uana u maan iuire petuna uaçu iunto ure icó.
Então vio outra vez a escuridão perto vindo estava.

— Aé icó uana ure, cuire cha iumú aé ce tim irumo.
— Elle está já vindo, agora eu frecho elle meu bico com.

Ure icó cuain iunto ana, u çapomi, ara neêma pirarė ceça, iaçaima, aé uana u cacema u éuéu çu ana.
Vindo estava aqui perto já cochilou, de repente abriu os olhos, [1] assustou-se, então gritou, voôu e foi se embora.

— Cuá! Cuá! Cuá!...
— Cuá! Cuá! Cuá!...

Aé uana u petá uarama yaué petuna yauyaue paá, cochiima yané iuperungaua.
Então ficou para assim noute todas, contam, antigamente nosso principio.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Contam que o Maguary, querendo matar o somno, o esperou n'um galho de páo.

— Eu vou matar este somno; agora vou vigiar para matal-o. Esperou. Não demorou-se muito tempo. Viu vir um vulto.

— Parece ser o somno que vem. Dizem que quando o vulto estava já perto, e que quando o somno estava bem perto, cochilou, e de repente voôu gritando: Cuá! cuá! cuá!... E foi-se embora o Maguary.

— Ora, veja, meu coração, não soube quando cochilei, mas agora eu o espero outra vez.

Esperou. Então viu, ainda outra vez, perto uma escuridão que se approximava.

— Elle ahi vem, agora eu o frecho com o meu bico.

Já estava chegando perto quando cochilou; de repente abriu os olhos, assustou-se e foi-se embora voando a gritar:

— Cuá!... cuá!... cuá!...

Assim acontece todas as noites, desde a mais remota antiguidade.

---

[1] Em geral não empregam o signal do plural quando pelo sentido se conclue que o nome está n'esse numero.

# V

## YAUARITÉ TAPIYRA CAAUARA IRUMO [1]

**A onça, a anta e**

(RIO BRANCO)

— Hoho ! Che ruaia ?
— Oh ! meu cunhado ?

— Maá taé, che ruaiara yauarité ?
— O que é, meu cunhado onça ?

— Petuna arami cha uatá yu cutuca ce pê, re puru che
— Noite quando eu ando espeto meu pé, tu emprestas mim

arama ne pê-piuêra cha natá uarama ?
para eu casco eu andar para ?

— Cu çu cui, re raçó, coema putare-rami erure iche
— Aqui está, leva, amanhecer quizer quando traz mim

arama iuire, ara rami cha uatá uaracy raçuçaua u çapê cê pê
para tambem, dia quando eu ando sol calor queima meu pé.

Arecé, paá, teapó, uatá petuna ramé yauarité, tapiyra cauara
Depois d'isso, dizem, barulho anda quando onça, a anta

uatá petuna ramé inti teapó uatá, u puru recé yauarité i pê-
anda noite quando não barulho anda, emprestado a onça seu

pirêra.
casco.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

— Oh ! meu cunhado !

— O que é, meu cunhado onça ?

— Quando eu ando de noite os espinhos espetam meus pés ; empresta-me teus cascos para eu andar ?

---

(1) *Taé* por *taá*.

(2) *Felix* sp. var. e *Tapirus americanus*.

— Aqui estão, leva, mas quando quizer amanhecer, traze m'os outra vez, porque o calor do sol queima meus pés.

Por isso dizem que a onça quando anda de noite faz bulha e a anta não, porque está descalça.

*Nota.* A anta quando anda á noite, pelo matto não faz bulha, emquanto que de dia o faz, o contrario acontece á onça, por isso dizem os indios, que andam descalças quando se não presente a sua marcha, dando origem ao conto acima.

# VI

## ARARA ARAPAÇU IRUMO [1]

**A arara o picapáo e**

(RIO NEGRO)

Yepé caaruca, paá, u çaçaua yepé arara arapaçu roaqui
Uma tarde, contam, passava uma arara picapáo perto

rupi, aé ana arapaçu u cenoi aé:
por, então o picapáo chamou ella:

— Maá quité re çó, arara?
— Onde para tu vás, arara?

— Cha çu cha icó cha quire çaua queté, apecatu reté cha
— Eu indo eu estou meu dormitorio para, longe muito meu

quire çaua recé, arama cha çu ana, cha icó, caaruca uana.
dormitorio para para eu indo já, eu estou, tarde já.

— Iche iuire cha çu aqueté iqui ráin cha icó, arami re
— Eu tambem eu vou para lá aqui ainda eu estou, então tu

çaru rain, yá çu arama yepé-uaçu aqueté iuire che quireçaua.
esperas ainda, vamos para juntos para tambem meu dormitorio.

— Arami ya çu.
— Então vamos.

— Re çaru ráin.
— Espera ainda.

Ariré, aé uana, paá, aitá purunguetá nopocó arama.
Depois, então, dizem, elles conversaram demorar para.

Petuna irumo uana u maaǹ arapaçu u nhehê arara çupè:
Noite com já vio o picapáo fallar arara a:

— Eré, cha çu ráin cha quire.
— Bem, eu vou ainda dormir.

---

[1] *Ara* sp. var., *Picus* sp. var. Do facto muito commum de se ver no Amazonas uma arara solitaria e retardada passar gritando, fizeram o conto.

— Aé uana, u pure muirá cuára queté, u çu u quire,
— Elle já, saltou páo buraco para, foi dormir,

çu aité quité. Aé uana, arapaçu, u ganane aé, aé uana arara
foi o caminho para. Então, o picapáo, enganou ella, então a arara

u éuéu, çu ana i peaiua arapaçu recé, çacema u çu.
voou, foi-se embora elle zangado picapáo com, gritando foi.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Dizem que, uma tarde, passando uma arara por perto de um picapáo, este perguntou:

— Para onde vás, arara?

— Vou para meu dormitorio, que é muito longe; já vou indo porque é tarde.

— Eu tambem vou para lá, e ainda aqui estou; vamos juntos; lá tambem é o meu dormitorio.

— Então vamos.

— Espera ainda.

Depois então conversaram para demorar.

Quando o picapáo viu que já era noite, disse á arara:

— Adeos! Eu vou dormir agora.

Então pulou para o buraco do páo, e foi para o ninho dormir. O picapáo a enganára. A arara, então, zangada com elle, voou e gritando foi-se embora (1).

(1) Querem tambem, os tapuyos, que quando assim passa, a arara retardada, seja por ter ficado roubando a comida das companheiras, pelo que logo quc a avistam dizem:

— Michucui u çu mundá uaçu!... (Lá vae indo a ladra).

# VII

## MYTU (1) NHEENGAREÇARA

### A cantiga do mutum

(DOS INDIOS MANÁOS)

*Uaê putuna pude uaiaá sapude!*

Esta phrase do dialecto dos Manáos é traduzida assim pelos tapuyos:

— Mytu erure ce igara cha çu arama cha ú tuyuca.
— Mutum traz minha canôa eu ir para eu comer barro.

Outros querem, que melhor do que essa phrase, exprima o canto, a seguinte que se baseia na observação:

— Cheruai, erure ce igara cha çu putare cha maan ce matapy.
— Meu cunhado, traze minha canôa eu ir quero eu ver meu matapy.

(1) Grallipede do genero *Crax*, contendo varias especias.

# IX

## CENEMUE (1) AY IRUMO
**O Cameleão a preguiça e**

(RIO NEGRO)

| Aitá, | paá, | u murumunhá, | Cenemue (1) | u yururé | i |
|---|---|---|---|---|---|
| Elles, | contam, | brigavam, | o Cameleão | pediu | seu |

| Tupana | çupé | u mehê | arama | amana | puhy | u mururu | arama |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Deus | á | dar | para | chuva | fina | molhar | para |

| Ay | raua, | Ay | coité | u yururé | i | Tupana | çupé | u mehê |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Preguiça | pello, | a Preguiça | então | pediu | seu | Deus | á | dar |

| arama | amana | uaçu | pirantan | u mu | apu | arama | Cenemue |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| para | chuva | grossa | forte | fazer | roncar | para | Cameleão |

| *marica* (2). |
|---|
| a barriga. |

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Dizem que disputavam ; o Cameleão pediu a seu Deus que désse uma chuva fina que molhasse o pello da Preguiça, pelo que a Preguiça pediu tambem ao seu Deus que désse uma chuva grossa e forte que fizesse roncar a barriga do Cameleão.

---

(1) É a *Iguana*, verde, que anda pelas arvores das margens dos rios e pela Embaubeiras (Cecropia) em que geralmente estão as preguiças, tardigrados do genero *Bradypus*.

(2) Só a chuva miuda consegue molhar todo o pello das preguiças. O cameleão quando a chuva é forte incha a barriga.

D'esse conto originou-se então, o ditado de — chuva de preguiça, — que é a chuva — resinga de mulher — do Rio, que corresponde á garôa de Minas-Geraes. Os indios dão tambem o nome de — chuva de cigarra, — *Cataró* dos Macuchys, á chuva de aguaceiros que no rigor do verão ás vezes apparece, porque depois d'ella é que sahem da terra as crysalidas das cigarras.

# X

## MAUARY [1] UANAMBY IRUMO
**O maguary o beija-flor e**

(RIO NEGRO)

Uanamby, paá, u çu Mauary pêre.
O Beija-flor, contam que, foi o Maguary ter com.

— Ah! Che ruai Mauary! Yá çu yá iuçaan?
— Ah! Meu cunhado Maguary! Vamos nós apostar?

= Yá çu. Ne querembaua, cerá, re uéuéo?
= Vamos. Tu tens força, tu voares?

— Cha icó querembaua.
— Tenho força.

= Yá maan curi. Mairamé taá?
= Nós veremos. Quando que?

— A morandé coema eté.
— Amanhã de manhã cedo.

— Eré.
— Pois seja.

— Cha çaru indé.
— Eu espero-te.

Aé uana u cêca Uanamby coema eté Mauary pêre.
Logo chegou o Beija-flor de manhã cedo o Maguary ter com.

— Oh! Che ruai! Mahy taá?
— Oh! Meu cunhado! Como que?

= Ne mahy.
= Não como.

— Yá çu ana.
— Vamos já.

---

[1] Este longirostro tem um voar manso, vagaroso e pesado, d'onde o nome de *mbguary*, abañeenga, emquanto que o de *uanamby* ou beija-flor é rapido como a bala. Este conto prova os ditados portuguezes que *de vagar se vai ao longe*, *e que quem corre*, *depressa cança*.

Aé uana, paá, Mauary u porundu Uanamby çupé:
Logo, dizem, o Maguary perguntou Beija-flor ao:

— Auá taá u çu tenondé? = Icu ana, iché cha çu.
— Quem vai primeiro? = Vae já, eu vou

çacacuera.
em seguida.

Aé uana Uanamby uéuéo, paá, çu ana caima catu.
Então o Beija-flor voou, dizem, foi-se embora perdeu-se bem.

Çacacuera Mauary u çu. Uanamby u cêca paraná
Em seguida o Maguary foi. O Beija-flor chegou rio

uaçu piterpe i maraáre uana. Uare paraná me, u uéué,
grande meio no elle cançou logo. Cahiu rio no, boiou,

iunto ana aap Mauary u uacema:
perto já ahi o Maguary o achou:

— Ah! Che ruai? Mahy taá?
— Ah! Meu cunhado? Como que?

= Ne mahy. Ce maraare uana.
= Como não. Cancei.

— Re maan uana?
— Vistes já?

= Ah! Che ruai! Tenupá cha pecêca ne yacumá? (1)
= Ah! Meu cunhado! Deixa eu pegar teu leme?

— Eré! Aramé re iupire ce reteman aarpe.
— Pois sim! Então subas minhas pernas em cima.

Aé uana Uanamby u iupire Mauary reteman iarpe.
Logo o Beija-flor subiu Maguary pernas em cima.

— Arami yá çu ana, che ruai.
— Então vamos já, meu cunhado.

Aé uana u çu ana, paá, aitá coracy ua pêca irumo
Logo foram-se, dizem, elles o sol posto com

aitá u cêca çuindau ceme êpe. (2)
chegaram outra banda beira na.

---

(1) O maguary quando vôa estende horizontalmente as pernas e com ellas á guisa de leme dirige o vôo.

(2) A largura do rio, que para atravessal-o precisou um dia, tem por fim mostrar quanto póde voar o maguary sem cançar.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Contam que o Beija-flor foi ter com o Maguary.

— Oh ! meu cunhado ! Vamos nós apostar.

= Vamos. É possivel que tenhas força de voar ?

— Tenho força.

= Nós veremos. Quando ?

= Depois d'amanhã de manhã.

= Pois sim. Eu espero por ti.

Pela manhã chegou então o Beija-flor e foi ter com o Maguary.

— Oh ! meu cunhado ! O que diz ?

= Não ha novidade.

— Vamos já.

Dizem que, então o Maguary perguntou ao Beija-flor :

= Quem vae primeiro ? Vae já, que eu vou depois.

O Beija-flor, então, voou, foi se e desappareceu. Depois foi o Maguary. O Beija-flor ao chegar ao meio do rio cançou logo, cahiu e boiou. Logo em seguida chegou o Maguary.

— Oh ! meu cunhado, o que diz ?

= Não ha novidade. Eu cancei.

— Já viste ?

= Oh ! meu cunhado ! Deixa-me pegar no teu leme.

— Pois sim. Então sobe para as minhas pernas.

Então o Beija-flor subio para as pernas.

= Então vamos, meu cunhado.

Dizem que foram se embora e com o sol posto chegaram á outra margem do rio.

# XI

## YURARÁ (1) UIRÁUAÇU IRUMO

**A tartaruga o gavião e**

(RIO NEGRO)

Cuchi yma, paá, yepé yurará u iucá uirauaçú.
Antigamente, contam, que uma tartaruga matou o gavião.

U chiare chemericó yepé taira meri.
Deixou mulher e um filho pequeno.

Taira u çu u caamunu cenemue iauaué (2) u acema
O filho ia caçar cameleão sempre achava

uirá pepó. U ceca oca opé u purundu i *manha* çupé.
passaro pennas. Chegando casa em perguntou d'elle mãe á.

— Auá pepó cha u acema caá pe cha çu iauaué cha
— Quem pennas eu acho matto no eu vou sempre

caamunu ?
caçar ?

= Cembira, ne paia u manu uaá.
= Meu filho, de teu pai morreu que.

U quiriri, iunto u mucaturu peá pe. I u munhan
Calou-se, sómente guardou coração no. Elle crescendo

u çu, icó u pêtá curumi uaçu.
foi, estava a ficar moço.

Yepé ara u çu u caamunu i uanti yurara-y etá irumo.
Um dia foi caçar elle encontrou tartaruguinhas com.

Ariri yurará-y etá u neeng ichupé :
Depois tartaruguinhas disseram lhe :

— Yá çu u iaçoca (3) yandé irumu ?
— Vamos banhar nosco com ?

---

(1) *Yurará* é o nome generico que dão aos chelonios aquaticos, como no Perú dão o de *Charapa* e *Charapilla*, e para designar especies tem nomes especiaes, como o de *tracayá*, *pitiú*, *akambeua*, *akanguçu arapuka*, *etc*.

(2) Por *yaué yaué*.

(3) No Pará dizem *iaçuca*.

Aé uana ué in :
Logo disse :

— Yá çu.
— Vamos.

Aé uana, paá, aitá u iaçoca, u iaçoca upé, u pecêca
Então, dizem, que elles se banharam, banhar no, pegar

putare aitá i poampé irumo.
queria ellas suas unhas com.

Aetá ué in ichupé :
Ellas disseram a elle :

— Arecé ce aría iucá ne paia.
— Por isso minha avó matou teu pai.

= Cuêre çupi cha cuau ana auá u iucá ce paia.
= Agora devéras eu sei quem matou meu pai.

I u munhan, turuçu ana aé uana u nhenhê :
Elle cresceu, grande já elle já disse :

« Cha çu cha çaan ce querembaua çaua. »
« Eu vou experimentar minhas forças. »

Aé uana, paá, u çu u çaan querembaua çaua mirity (¹)
Logo, dizem, foi experimentar a força merity

ruan recé. U cêca, mundeụa i poampé u muçaca arama,
grêlo no. Chegou, metteu suas unhas arrancar para,

u çaan, u cêquci, ne u muçaca. U nhenhê :
experimentou, puchou, não arrancou. Fallou :

« Ne ̉rain ce querimbaua. » Ariri amó ei u çu iuêre
« Não ainda minha força. » Depois outra vez foi tambem

u çaan querembaua çaua, aé uana u mucaça, u nhenhê:
experimentar força, então arrancou, disse :

« Cuêre querimbaua uana. Cuêre çupi cha çu cha i u pêca
« Agora força já. Agora devéras eu vou vingal o

ce paia ambyre; cuêre cha çarụ, mairamé i aría yurará
meu pai defunto; agora eu espero, quando d'ellas avó tartaruga

u cêma. »
sahir.»

Yepé ara, paá, yurará aría u muçain tupé arpe
Um dia, dizem, tartaruga avó espalhou esteira em cima

---

(¹) É uma bella palmeira a *Mauritia flexuosa*, Mart., cujo grelo dá fibras muito fortes empregadas em tecidos e redes.

Paricá (1) ; ariri, u ricu amana, uitu irumo, aé uana ué in
Paricá ; depois, houve chuva, vento com, ella já disse

che meriauru etá çupé :
netas ás :

— Pe coin pumatêre, pe mongui arama amana chii.
— Vocês vão ajuntar, vocês recolher para chuva da.

Yurará etá inti aitá u çu pire cuan i pocê, arecé
Tartaruguinhas não ellas foram carregar elle pesado, por isso

aé uana aitá cenõe :
então ellas chamaram :

— Ce aría iure u petumu yandé.
— Minha avó vem ajudar-nos.

Aetá aría u cema ure arama u petumu che meriareru,
D'ellas avó sahiu foi para ajudar as netas,

uirá uaçu u maiana u maan u cema, aé uana u pure i
o gavião vigiando vio sahir, então saltou d'ella

arpe, çupire uirá uaçu Pequiá (2) racanga queté.
em cima, carregou o gavião Pequiá galho para.

Aé uana yurará uaimi ué in uirá uaçu :
Então tartaruga velha disse gavião :

— Cuêre cha çu cha manu re cenõe care ne anama
— Agora eu vou morrer chamar manda teus paren-

etá ure arama u maan cha manu.
tes venham para ver eu morrer.

Aé uana uirá uaçu etá anama ure upáin, muêre uirá etá
Então do gavião os parentes vieram todos, todos os passaros

u cêca, aé uana aetá u petumu u iucá yurará uaimi.
chegaram, então elles ajudaram a matar a tartaruga velha.

Muêre uirá etá u iucá uaá u pêtá nheen imparauá
Todos os passaros mataram que ficaram só misturado,

amó pêtá piranga ; nhaan u cutuca uaá i pirêra recé
outros ficaram vermelhos ; aquelles bicaram que seu casco no

u petá i tiu irumo pichuna ; amó u cutuca uaá i
ficaram seu bico com preto ; outro beliscou que seu

---

(1) Fructo da *Piptadenia colubrinna*, cujas sementes soccadas e amassadas dão o pó inebriante de que se servem os gentios em suas festas (Muras) ou como remedios (Mauhés).

(2) É o *Cariocar brasilienses* cujo fructo dá excellente oleo, que assemelha-se muito á gordura da tartaruga na côr e consistencia.

| peá piara | u pêtá | çuquire, | iaué | paua | yurará | iucaçara etá, |
|---|---|---|---|---|---|---|
| figado | ficou | verde, | assim | acabaram | tartarugas | assassinos, |

| yaué | paua | ana, | aitá, | u pêtá | cuchiyma, | ara | etá. |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| assim | acabaram | já, | ellas, | ficaram | antigamente, | tempo | muito. |

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Contam que, nos tempos primitivos, uma tartaruga matára um gavião, que deixou mulher e um filho pequeno. Sempre que o filho ia caçar cameleões, achava pennas de passaros. Chegando em casa perguntou á sua mãe :

— De quem são as pennas que eu acho sempre no matto, quando vou caçar ?

— Meu filho, são de teu pai, que morreu.

Calou-se elle e concentrou-se. Cresceu e estava quasi moço.

Um dia foi caçar e encontrou umas tartaruguinhas. Estas disserão-lhe :

— Vamo-nos banhar ?

Elle disse :

— Vamos.

Dizem que se banharam e no banho, elle queria pegal-as com as unhas. Ellas então disseram-lhe :

— Por isso minha avó matou teu pai.

— Agora sei quem, verdadeiramente, matou meu pai.

Cresceu e, quando já grande, disse :

— Vou experimentar minhas forças.

Dizem que experimentou-as no grelo do merity. Chegou e metteu as unhas para o arrancar. Experimentou, puxou e não o arrancou. Disse :

— Não tenho ainda forças.

Foi outra vez experimental-as. Então arrancou o grelo e disse :

— Agora já tenho força. Agora vou deveras vingar meu defunto pai. Esperarei a sahida da avó das tartarugas.

Dizem que um dia aquella espalhou paricá em cima de uma esteira. Houve depois chuva com vento, e ella disse ás netas :

— Vocês vão ajuntar para recolher da chuva o paricá.

As tartaruguinhas não foram, por ser aquelle pesado, e por isso chamaram :

— Minha avó, venha ajudar-nos.

A avó sahiu e foi ajudar as netas.

O gavião estava vigiando, e, vendo-a sahir, saltou-lhe em cima e a carregou para um galho de pikiá.

Então a velha tartaruga disse ao gavião :

— Como vou morrer agora, manda chamar teus parentes para que venham me ver morrer.

Vieram, então, todos os parentes do gavião. Chegaram todos os passaros e ajudaram a matar a velha tartaruga. Os passaros que a mataram, ficaram sarapintados. Outros ficaram vermelhos. Aquelles que beliscaram o casco ficaram com o bico preto ; outros que beliscaram o figado ficaram verdes.

Assim acabaram as tartarugas assassinas ; assim se acabaram.

Desde então os passaros ficaram pintados.

# XII

## MICURA [1] CENEMUE IRUMO

**A Mucura o cameleão e**

(RIO NEGRO)

— Ah! Ce ruaiara, micura!
— Ah! Meu cunhado, mucura!

= Maá taá, ce ruaiara, cenemue?
= O qué meu cunhado cameleão?

— Ya çu yá u poçamunu?
— Vamos nos curar?

= Yá çu. Maáramé taá?
= Vamos. Quando que?

— Cyiucy peçaçu rami u cema.
— As Pleiades nova quando sahir.

= Yá çu, ce ruaiara. Maá taá curi?
= Vamos, meu cunhado. Com que hade ser?

— Queinha irumo, yá mutái yané reçá cyiucy u cema
— Pimenta com, queimamos nossos olhos do Pleiades sahirem

arami; coîma putari rami.
quando amanhecer quizer quando.

= Yaué cerá?
— E' assim?

— Yá cecare muirá iuaté yá iupire arama cecé, yá munhan
— Busquemos arvore alta subirmos para n'ella, façamos

tatá yandí uirpe yá are arama i ape, achii nhanhana arama
fogo nosso em baixo, cahirmos para n'elle, depois corremos para

paraná me yá iaçoca arama.
rio dentro lavamos para.

= Mairamé taá?
= Quando que?

---

[1] *Micura* ou *Mucura*, é o *Didelphis Azarac*, marsupio pedimano conhecido no Rio de Janeiro por *Gambá* e em outras Provincias por *Sarigué*, *Sarué*, no Estado Oriental por *Micuré* e pelos Incas do Peru por *Intuto*.

= Cyiucy u cema arami, amorandé.
— As Pleiades sahiram quando, depois d'amanhã.

— Eré, che ruaiara. Cha iure ne pire caaruca rami.
— Bem, meu cunhado. Eu venho tigo ter com de tarde quando.

= Cha çaru indé, tenhen negane iché, chá poó quêinha
= Eu espero-te, não enganes me eu apanho pimenta

yandí puçanga arama, yané reçá *rupiara* [1] arama.
nosso remedio para nossos olhos felizes para.

Aé uana ure, u cêca i pêre.
Ella já trouxe, chegou elle ter com.

— Oh! Che ruaia?!
— Oh! meu cunhado?!

= Oh! Che ruaia? Cuçucui cha icó uana, cuêre yá çu,
= Oh! meu cunhado. Aqui está, eu estou já, agora vamos

yá munhan maan re nhehê.
fazer o que te disse.

— Yá çu.
— Vamos.

Aé uana u çu u quire muirá uirpe.
Ella logo foi dormir arvore de baixo.

= Aua taá tenondé?
= Quem que primeiro?

— Indé, che ruaia; re manhan cyiucy u cema rami re raçu
— Tu, meu cunhado, tu vigias as Pleiades sahem quando leva

ne puçanga. Cuêre cha munhan tatá ne renondé.
teu remedio. Agora eu faço fogo ti primeiro.

Aé uana, paá; u iupire coema putare rami u çu mime
Elle logo, dizem, subiu amanhecer queria quando foi lá

muirá racapêre opé. Aé uana u maan cyiucy ure icó. Aé
arvore ponta na. Elle já vio as Pleiades vindo estarem. Elle

uana u çacema.
logo gritou:

— Oh! Che ruaia! Munhan tatá, cyiucy etá u cema icó.
— Oh! meu cunhado! Faz fogo, as Pleiades sahindo estão.

— Cha munhan uana.
— Eu fiz já.

---

(1) Abreviatura de *Marupiara*, o que é forte ou feliz em qualquer cousa, como na pesca, na caça, no jogo, etc.

Aé uana u mutai ceçá.
Ella logo queimou os olhos.

— Aicui, cha çu.
— Ahi está, eu vou.

Aé uana ure uare tatá pé, u ireua, achi munhana paraná
Ella logo veio cahir fogo no, virou, de lá correu rio

me u iaçoca, u cema:
no lavou-se e sahiu:

— Oh! Che ruaia! Cuêre indé rain.
— Oh! meu cunhado! Agora tu ainda.

= Eré! Che ruaia.
— Bem! meu cunhado.

= Cuêre iché rain, cha puitá, cha çaru indé, coin ana re
= Agora cu ainda, eu fico, eu espero-te, vá já te

u puçanu.
curar.

= Eré! Che ruaia, cha çu ráin.
— Bem! meu cunhado eu vou ainda.

Aé uana Micura u iupire iuaté, u cêca aape u mutai
Então a Mucura subiu alto, chegou lá queimou

ceçá.
os olhos.

— Ah! Che ruaia. Aicui, cha çu.
— Ah! meu cunhado. Ahi está, eu vou.

Aé uana, paá, ure uaté chii, u are tatá pe. Çuaiara
Ella logo, dizem, veio alto do, cahiu fogo no. O cunhado

u maan icó eccé. Aé uana, paá, i uçauereca, çuaiara u maan
vendo estava n'ella. Ella já dizem, ella chamuscando, e o cunhado olhando

nhum.
só.

— Mahy taá cuité? Cuá che ruaiara u manu tatá pe ucái.
— Como que então? Este meu cunhado morre fogo no queimado.

Aé uana, paá, u pecêca çoaia rupi, u cequii u iapi paraná
Elle já, dizem, pegou rabo pelo, puchou atirou rio

me, u piruca çoaia u pîtá, i pirêra çoaiaia pópe.
no, pellado rabo ficou, d'elle pello rabo mão na.

| Aé | uana, | paá, | u pêtá | uarama | yaué | micura | ruaia, | paá, |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Então, | | dizem, | ficou | para | assim | mucura | o rabo, | dizem, |

| cuchiima, | yandé | iuperungaua. |
|---|---|---|
| antigamente, | nosso | principio. (1) |

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

— Oh! meu cunhado mucura!

— Que é, meu cunhado cameleão?

— Vamos nos curar?

— Vamos.

— Quando ha de ser?

— Quando sahir nova cyiucy (Pleiades).

— Vamos, meu cunhado. Com que ha de ser?

— Com pimenta. Quando sahir cyiucy, queimaremos nossos olhos, logo que fôr amanhecendo.

— É assim?

— Busquemos uma arvore alta para nella subirmos; façamos nosso fogo em baixo, para cahirmos nelle, e depois correremos para o rio, para ahi nos lavarmos.

— Quando será?

— Depois de amanhã, quando cyiucy sahir.

— Bem, meu cunhado. De tarde eu virei ter comtigo.

— Eu te espero; não me enganes; apanharei as pimentas para remedio, para que tenhamos bom olhar.

Trazendo-as immediatamente, foi ter com elle.

— Oh! meu cunhado!

— Oh! meu cunhado! Já aqui estou. Agora vamos fazer o que te disse.

— Vamos.

Ella foi dormir em baixo da arvore.

— Quem ha de ser o primeiro?

---

(1) Este facto tem muita analogia com a lenda Nahua dos irmãos Hunahpu (*) e Xbalanque, filhos naturaes da *mulher sangue* ou Xquiq, na luta dos legitimos herdeiros de Xibalba. Para ser agradaveis a avó foram derrubar um matto, que no dia seguinte se levantou. Feita nova derrubada esconderam-se para ver quem fazia as arvores se levantarem e viram chegar varios animaes que ordenaram que ellas voltassem ao seu estado primitivo. N'essa occasião passando um rato agarraram-no e iam matal-o pondo ao fogo, quando este revelou-lhes o segredo que depois os fez respeitaveis. Já a cauda estava queimada e d'ahi em diante ficou sempre o rato com a cauda pelada.

(*) Ainda uma analogia com o rio *Anapú*, ou Uanapu em Marajós, no Pará. Será uma simples coincidencia de nome ou é antes um nome deixado pelos ascendentes dos indios de Marajós, oriundos da raça caraiba, que descendente dos Nahuas, ahi perpetuaram o nome de um dos seus principes mais celebres?

— Tu, meu cunhado. Tu levarás teu remedio e vigiarás cyiucy quando sahir. Eu ficarei fazendo fogo para vossê.

Dizem que subiu logo e, quando ia amanhecendo, foi para a ponta da arvore. Logo que viu cyiucy sahindo, gritou:

— Oh! meu cunhado? Faze fogo. Cyiucy vem sahindo.

— Já fiz.

Immediatamente queimou os olhos.

— Olha, que já vou.

Elle cahiu logo no fogo, virou-se, d'ahi correu para o rio, lavou-se e sahiu.

— Oh! meu cunhado. Agora vai vossê.

— Bem, meu cunhado.

— Eu fico e te espero. Vai te curar.

— Bem, meu cunhado; já vou.

Então a mucura subiu, chegou no alto e queimou os olhos.

— Oh! meu cunhado; já vou

Dizem que ella atirou-se e cahiu no fogo. O cunhado estava vendo-a a chamuscar-se e sempre olhando-a.

— Que é isso? Este meu cuuhado morre queimado!

Elle, então, pegou-a pelo rabo, puxou-a, atirando-a ao rio. O rabo ficou pellado e elle com a pelle do rabo na mão.

Dizem que por isso assim ficou o rabo da mucura desde muito tempo.

# XIII

## URUBU TAIRA ETÁ MENA IRUMO
**O Urubu as filhas cazadas e**

(RIO NEGRO)

Yepé tuyué Urubu u ricu, paá, herundi taira; mocoin
Um velho Urubu tinha, contam, quatro filhos, dous

mendare Teyu irumo, amo mendare Murucututu irumo, amo
cazados o lagarto com, outro cazada a Coruja com, outros

mocoin mendare Ipêca irumo amo mendare Pecaçú miri irumo.
dous cazados o Pato com, outra cazada o pombinho com.

Ariri, paá, çaichu ui-in i membyra çupé:
Depois, dizem, a sogra disse suas filhas aos:

Ah! Cembira re munhan care yandé cupichaua.
Ah! minhas filhas fazer mandar nossa roça.

— Eré, ce manha.
— Sim, minha mãe.

Aé uana ui-in i mena etá çupí.
Ellas já disseram seus maridos aos:

— Ce mena, re munhan ce manha cupichaua.
— Meu marido, tu faz minha mãe roça.

— Yaué cerá? Eré.
— É assim? Pois bem.

Aé uana, paá, Teyu, Murucututu irumo aetá mocoin
Logo, dizem, o Lagarto, a Coruja com elles dous

coema piranga irumo u çu ana aetá copire, yandara arami
alvorada com foram elles roçar, meio dia quando

aetá ure umbaú. Çaichu u çaiçu aetá, paá. Amo etá Ipêca,
elles vieram comer. A sogra amava os dizem. Os outros, o pato

Pecaçu miri irumo aetá uçu moraúquê queté uaté uaracy
e o pombinho com elles foram trabalho para alto sol

irumo, arecé, paá, çaichu mutara ima aetá. Ne copocó aetá
com, depois, dizem, a sogra odiava as. Não tardou elles

ure uana morauquê chii, çaichu u maan aetá ure ui in:
voltaram trabalho do, a sogra vendo-os vir disse:

— Aé cui, ana nhaan ateima etá ure.
— Ahi estão, já aquelles preguiçosos vieram.

Aé, paá, moçapire ara iunto aetá copire, amu coema
Elles, dizem, trez dias só roçaram, outro manhã

aéuana, paá, aetá iuperu u itêca; aí uana, paá, ui-in:
logo, dizem, elles principiaram derrubar; logo, dizem, disse:

— Che mericó orandé yá çu yá iuperu yá u itêca Yandé
— Minha mulher, amanhã vamos principiar a derrubar nosso

copire çaua.
roçado.

Aé uana, paá, çaichu u cendó:
Então, dizem, a sogra ouvio:

= Puité ipó, aetá inti u munhan, cuá etá cembyra eta
— Mentira, talvez, elles nada fizeram, estes filhos

mocoin moraquêçara, cua etá aetá u ganane icó iché.
dous trabalhadores, estes elles enganando estão me.

— Tenupá, ce raichu, mutara ima iché, cuá ce
— Deixe estar, minha sogra, tenha raiva de mim, e desta minha

camarara irumo, iché cha cuau u maan cha munhan,
camarada e, eu saberei ver eu hei de fazer,

cha iupêca curi. (1)
vingar-me.

Nhaan etá u çu iunto u quêre, ne aítá u cupire, ne aetá
Aquelles foram só dormir, não elles roçaram, não elles

u purauquê, nhaan etá u ganane, çaichu, u çaiçu u maité
trabalharam, aquelles enganavam, a sogra amava pensando

aetá u poraùquê.
elles trabalhavam.

Murucututu muirá arpe u quêre, teyu iui coara opé
A coruja arvore em cima dormia, o lagarto cova na

u quêre.
dormia.

---

(1) O desprezo com que eram tratados, e o facto de derrubarem a roça nos lembra a affinidade que tem com a lenda dos Nahuas, onde apparece a sogra da *mulher de sangue* e a derrubada para plantações que fizeram os netos d'aquella para lhe serem agradaveis.

Aé uana, paá, ipêca u i-in camarara çũpé:
Então, dizem, o pato disse camarada ao:

— Ce mu! Yá çu, yá maan nhaan aetá morauquê?
— Meu irmão! Vamos ver o d'elles trabalho?

Aé uana, paá, etá uçu u maan u acema aetá mocoin
Então, dizem, foram ver acharam elles dous

u quêre, Murucututu muirá arpe, teyu ui cuara opé. (1)
dormindo, a coruja arvore em cima, o lagarto cova na.

— Yaué cerá! Ce mu re maan cuá etá morauquêçara,
— Assim! Meu irmão veja estes trabalhadores,

arecé ce manha u çaiçu aetá. Yandé inti u çaiçu, inti recì,
por isso minha mãe ama-os. Nos não ama, não por isso,

paá, into yá, porauquê. Cuêre ya maan uana.
dizem, não trabalhamos. Agora vimos já.

— Ah! Ce remericó, yá maan cuá etá morauquè.
— Ah! Minha mulher, vimos d'estes o trabalho.

= Turuçu cerá aetá copire çaua?
— Grande d'elles a roça?

— Mamé taá? Timaan, ne maan, inti aetá copire, ne yepé
— Onde que? Nada, cousa alguma, não roçaram, nem um

muirá aetá u munuca.
páo elles cortaram.

— Mahy taá coité? (2)
— Como que então?

— Mahy mutaá? Yá u acema aetá u quire.
— Como ha de ser? Nós achamos elles dormindo.

= Heen cèrá! Areci raá ce manha u çaiçu aetá.
— Heen! Por isso que minha mãe ama-os.

Aé uana, paá, u çu umbeú i manha çupé.
Então, dizem, foi contar d'ella mãe á.

— Manha! Inti, paá, cũá etá u ricó morauquê, ne yepé
— Mãe! Não, dizem, estes tem trabalhado, nem um

muirá aetá munuca. Aetá u acema aetá u quêre icó.
páo elles cortaram. Elles acharam elles dormindo estavam.

---

(1) Mostra aqui os costumes d'esses animaes.

(2) Na conversação dizem: *matacoté.*

Aétá u chare pocuçaua copichaua u chirica, aetá u çù caamunu,
Elles deixaram muito a roça seccar, elles foram caçar,

iumu pirá, uirá, poó, iuá çaichu çupé. Ariri ui-in:
frechar peixe, passaro, apanhar fructa sogra para. Depois d'isso, disse:

— Cunhan amorandé ya çu arama yá capy yandé copichaua
— Mulher depois d'amanhã vamos para queimar nossa roça

i catu re nhehê ne manhã çupê ne paia çupé.
é bom dizeres tua mãe á teu pae á.

— Eré!
— Bem!

Aé uana u çu i manha pire u cêca aape.
Então foi d'ella mãe ter con, chegou ahi.

— Ce manha! Cuá i nembyra ui-in re çu arama yané
— Minha mãe! Este seu filho disse tu ires para nosco

irumo yá çapy yandi copichaua, ce paia iuire u çu arama,
com queimar nossa roça, meu pae tambem ir para

yané irumo petumu arama yandi.
nosco com ajudar para nos.

— Eré, cembyra. Mahy ramé taá cembyra?
— Bem, minha filha. Quando que minha filha?

= Amorandé.
= Depois d'amanhã?

= Tuyué?
— Velho?

= Maá taá? Ne raira ure u nhehê yandé arama ya çu
— O que? Tua filha veio dizer nos para irmos

arama ya petuma, paá, aetá yá çapy aitá copichaua.
para ajudar, dizem, d'elles queimarmos roça.

— Heen, cerá! Uaimi! Yá çu.
— Ein! Velha! Vamos!

Aé uana, paá u cêca nhaan ara, aé uana auá u çu
Quando, dizem, chegou aquelle dia, elles já foram

copichaua queté. Aéuana, paá, uaimi u cêca copichaua remeêpe,
roça para. Então, dizem que a velha chegou roça beira do,

aéuana, paá, u çacema:
ella logo, dizem, gritou:

— Ah! Tupana! Copichaua ramunha!...
— Ah! Deus! Roça avô.

— Ce paia iure re petumu çapy ce copichaua, ce
— Meu pai vem tu ajudar queimar minha roça, minha

manha iuire.
mãe tambem.

— Cunhan, re in ne manha çupé u çu arama copichaua
— Mulher diz tua mãe á ir para roça

piterpe, mamé icó nhaan muirá uaçu, yandé yá çu yá çapy
meio no, onde está aquelle páo grande nós vamos queimar

cemeêua rupi.
beira pela.

— Ce manha? Indé re çu paipai irumo pe çapy mime
— Minha mãe? Tu vás papae com queimar ali

piterpe mamé icó nhaan muirá uaçu.
meio no onde está aquelle páo grande.

— Eré, cembyra.
— Pois sim, minha filha.

Aé uana, paá, uaimi, u çu tuyué irumo, aeté mocoin, i
Elle logo, dizem, a velha foi o velho com, elles dous, sua

membyra i mena irumo aetá u çu cemeêua rupi amu etá
filha seu marido com foram beira pela outros

u çu amu çuachara rupi.
foram outro lado por.

Ariri, paá, aetá maan tatá iatimana, u çu icó tatá.
Depois, dizem, elles viram fogo circulando, andando estava fogo.

Aé uana paá, uaimi u çacema u maan rami tatá u poama
Então dizem que, a velha gritou vio quando fogo labareda

u cica:
chegar:

— Ah! Cembyra, maa arama taá, re çapy yandé?
— Ah! minha filha, para que que, tu queima nos?

Cuêre çupi yá cai tuyué! Ah! Cembyra! Maá arama
Agora deveras nos queimamos, velho! Ah! minha filha! Para que

taá re çapi yandé? Inti racó cha mutara ima, inti racó cha
que tu queimas nos? Não tenho raiva, nada tenho dito

in ne recé, nemaan cha umbeú maan ne recé uara? Tenupá
ti de, de você eu contei o que ti de? Deixa

inti cha caima.
não me perder.

Aé uana, paá, i iupire muirá uaçu rceé, tatá yauaité catu,
Então, dizem, ella subio páo grande no, fogo bravo bem,

tatá ure icó, ne rain, paá, tatá u cêca cecé çacuçaua
o fogo vindo estava, não ainda, dizem, o fogo chegava n'ella o calor

u cêca. Aé uana, paá, aetá uare; aéuana etá u cai ae uana,
chegava. Então, dizem, elles cahiram, então queimaram-a, então

u caima etá.
perderam-se.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Contam que um velho urubu tinha quatro filhos casados: um com o Lagarto, outro com a Coruja, outro com o Pato e ainda outro com a Pombinha. Dizem que a sogra dissera a suas filhas:

— Ah! minhas filhas, mandem fazer nossa roça.

— Sim, minha mãi.

Ellas disseram logo aos maridos.

— Meu marido, faze roça para minha mãi.

— É só isso?... Pois bem.

O Lagarto e a Coruja immediatamente, juntos, foram, pela alvorada, roçar; e ao meio dia vieram comer. A sogra queria-os bem.

Os outros, o Pato e a Pombinha, foram para o trabalho já depois de estar o sol alto. A sogra os odiava. Não tardou muito que voltassem logo do trabalho, e a sogra, vendo-os chegar, disse:

— Ahi estão. Já vieram aquelles preguiçosos.

Levaram a roçar sómente tres dias, e, na manhã do outro, principiaram a derrubar. Um delles disse:

— Minha mulher, amanhã vamos principiar a derrubar nosso roçado.

A sogra o ouvio.

— Isso é mentira. Elles nada fizeram. Os outros dous filhos são trabalhadores; estes estão me enganando.

— Deixe estar, minha sogra, tenha raiva de mim e deste meu camarada; eu saberei ver e hei de fazer por me vingar.

Os outros foram unicamente dormir, não roçaram, não trabalhavam, enganavam a sogra que os amava, pensando que elles fossem trabalhadores. A coruja dormia em cima da arvore e o lagarto no buraco.

O pato dissera ao companheiro:

— Meu irmão, vamos ver o trabalho delles?

Foram e acharam, então, os dous dormindo, a coruja em cima da arvore e o lagarto no buraco.

— É assim?... Meu irmão, vê estes trabalhadores; é por isso que minha mãi os estima. Não nos estima, porque não trabalhamos. Agora vimos tudo.

— Ah! minha mulher, já vimos o trabalho destes.

— É grande a roça delles?

— Onde é ella? Nada, cousa nenhuma. Não roçaram nem cortaram nem um páo.

— E então!

— Como ha de ser. Achamol-os dormindo.

— Ein! Ein! Por isso é que minha mãi os estima.

Dizem que ella foi contar isso á mãi.

— Mãi, dizem que os outros não têm trabalhado, não cortaram nem um páo. Viram que estavam dormindo.

Deixaram então estes o roçado seccar, foram caçar, frechar peixe e apanhar passaros e fructas para a sogra. Depois disto, disse um delles:

— Mulher, depois de amanhã, vamos queimar nossa roça. É bom que digas a tua mãi e a teu pai.

— Bem.

Então foi ella ter com a mãi:

— Minha mãi, este seu filho disse para ires comnosco queimar nossa roça. Meu pai tambem deve ir para ajudar-nos.

— Bem, minha filha. Mas quando ha de ser?

— Depois de amanhã.

— Velho!

— Que é.

— Tua filha veio dizer-nos para irmos ajudal-a a queimar a roça della.

— Ein, velha; vamos.

Quando chegou o dia, foram para a roça. Quando a velha chegou á beira da roça, gritou logo:

— Ah! Deus, que grande roça!

— Meu pai, vem ajudar-me a queimar a roça; minha mãi tambem.

— Mulher, dize á tua mãi para ir para o meio da roça, onde está aquelle páo grande, e nós vamos queimar pela beira.

— Minha mãi, vai com papai queimar alli para o meio onde está aquelle páo grande.

— Pois sim, minha filha.

A velha foi com o velho, e os dous, a filha e o marido foram pela beira. Os outros foram por outro lado. Depois, viram que o fogo ia circulando. A velha gritou, quando viu as labaredas chegarem:

— Ah! minha filha, para que nos queimas. Agora, velho, vamos ficar queimados. Ah! minha filha, para que nos queimas. Não tenho raiva, nada tenho dito de ti; de ti o que contei? Não me queiras perder.

Subiu, então, para o páo grande. O fogo era forte, vinha caminhando, não a tocava mas o calor chegava até ella.

Cahiram ambos queimados e desappareceram.

# XIV

## UACAUAN

### O Uacauan

(RIO SOLIMÕES)

Yepé apegaua, paá, u çu u caamunu u canhemo caa pe,
Um homem, dizem, foi caçar perdeu-se matto no,

ariri, paa, petuna reté ana u iqué, paa, muirá cuara uaçu
depois, dizem, noite alta já entrou, dizem, pr'o buraco grande

pupé u quêre arama aap. Coeme quetê ana ure boia uaçu,
dentro dormir para ahi. Manhã pela já veio cobra grande.

paá, u nhehê ichupé :
dizem, disse-lhe :

— Re terica! Re terica!
— Arreda-te! Arreda te!

Apegaua, paá, u nhehê boia uaçu çupé:
O homem, dizem, disse cobra grande á:

— Ce ramunha inti ana maá quetê cha çu cuáu.
— Meu avô não já onde para eu ir posso.

Arami boia uaçu u unhehê ichupé:
Então cobra grande disse-lhe:

— Cuêre re cetuna ce catinga.
— Agora cheira minha catinga.

Aramé boia uaçu u penu (1), u purandu, paá:
Então cobra grande p..., e perguntou, dizem:

— Çacuena cerá?
— Cheira?

— Çacuena! Çacuena, ce ramunha!...
— Cheira! Cheira, meu avô!...

Nemaçaua çuhi u cucui catu, paá, i aua.
Fedor do cahiu bem, dizem, seus cabellos.

---

(1) *Penu*, deixar sahir, quer dizer *flatus ventris*.

Aramé, paá, apegaua u cenoe Uacauan [1] u nheengare.
Então, dizem, que o homem ouviu o Uacauan cantar.

Apegaua, paá, unhehê :
O homem, dizem, dissera :

— Ah! ce ramunha, ce ramunha!
— Ah! meu avô, meu avô!

Boia, paá, u nhehê :
A cobra, contam, que disse :

— Ne ramunha, cerá nhaan?
— É teu avô, aquelle?

— Aé raá, paá, ce remunha.
— Elle que, dizem, é meu avô.

— Aramé icó ana, tenhen cuire nhenhê ichupé cha icó
— Então vae já, não agora digas lhe eu estou

ique.
aqui.

Aramé, paá, apegaua u çu ana, u çu Uacauan pêre.
Então, dizem, o homem foi-se embora, foi o Uacauan ter com.

Unhehê, paá, Uacauan cupé.
Disse, contam, Uacauan ao.

— Ce ramunha aé cue mime tariyra uaçu.
— Meu avô está lá taraira grande.

Aramé, paá, Uacauan u çu irumo. Aétá re munuca muirá
Então, dizem, o Uacauan foi com. Elles cortaram páo

uaçu, aramé, paá, u mucaen boia uaçu.
grande, então, dizem, assaram a cobra grande.

Ariri, paá, u raçu ana apegaua cetama maa queté.
Depois d'isso, dizem, levou o homem terra onde para.

---

[1] Este passaro, o *Macagua* de Azara, é o inimigo das cobras, com as quaes dizem que se alimenta. O seu canto para o tapuyo vaticina sempre um acontecimento; já no tempo de Lery o tinham por agoureiro. No meu relatorio intitulado *Rio Yamundá*, a pag. 67, disse o seguinte: « É uma pequena ave de rapina, o *Falco cachinans* L. que geralmente se alimenta de cobras, que mata quando as encontra, lutando com ellas. Dizem que quando ferido, busca então a folha da planta que tem o seu nome (Mikania guaco) que é o antidoto para o veneno. O seu nome é tirado das syllabas que parece pronunciar quando canta.

Entre os indios é tido por agoureiro, circumstancia que influe sobre alguns tapuyos nervosos, a ponto de adquirirem uma molestia que é bem conhecida com o nome de *Uacauan*, no municipio de Faro; sobretudo no Lago Grande ou do Algodoal, onde commummente apparece. »

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Contam que um homem foi caçar e perdeu-se no matto. Já alta noite, entrou para dormir n'um grande buraco de um páo. Pela madrugada, veiu a cobra grande e disse-lhe:

— Arreda-te... arreda-te.

O homem disse á cobra grande:

— Não tenho para onde possa ir, meu avô.

A cobra grande disse-lhe:

— Cheira agora minha catinga.

A cobra deu um p... e perguntou:

— Cheira?

— Cheira... cheira, meu avô.

Com o máo cheiro, cahiram-lhe os cabellos. O homem, ouvindo cantar o Uacauan, disse:

— Ah! meu avô! meu avô!

A cobra grande, contam, disse:

— Aquelle é que é teu avô?

— Dizem que é elle meu avô.

— Então vai-te embora; mas não lhe digas que estou aqui.

O homem foi-se embora a ter com o Uacauan. Dizem que a este dissera:

— Meu avô, está alli uma tarayra grande.

O Uacauan seguiu-o. Cortaram um páo e assaram a cobra grande.

Depois d'isso, levou o homem para sua terra.

# XV

## MICURA ARIRAMBÁ IRUMO (1)

**A micura a ariramba e**

(AMAZONAS)

Micura u ricó, paá, taira mena Arirambá. Arirambá u çu
A Mucura tinha, contam, genro Ariramba. O Ariramba foi

paraná me u iumu pirá, u cêca ipaua opé aap u mamé ricó muirá
rio no frechar peixe, chegando lago no lá onde havia páo

u eauêca paraná arpe aap, u çárô pirá u iumu arama. Ari-
abaixado rio emcima lá, esperou o peixe frechar para. O Ari-

rambá u çu rami curuten uara u iuêre, ne rain çaichu çarô
riramba ia quando depressa voltava, não ainda a sogra esperava.

u cêca uana. Yepé ara opé i paia u cenoe taira:
chegava. Um dia em d'elle pai chamou a filha:

— Ce raira, mahy taá ne mena u iucá pirá?
— Minha filha, como que teu marido mata peixe?

— Mahy mu taá ce paia? U iupire muirá u eauêca
— Como fazer que meu pai? Elle sobe páo abaixado

paraná arpe u muoapu maracá.
rio no e toca o maracá. (2)

— Yaué cerá? Iché yaué iuire cha iucá pirá.
— É assim? Eu assim tambem eu mato peixe.

Ariri, paá, ué in che mericó çupé:
Depois, dizem, disse mulher á:

— Uaimi! Yá çu yá iumu pirá?
— Velha! Vamos frechar peixe?

---

(1) *Mucura* é o Marsupio conhecido no Sul por *Sarigué* ou *Gambá*, como já vimos, o Didelphis Azarae e *Ariramba* é um syndactylo, conhecido por *Martim Pescador*, do genero *Alcedo*.

N'este conto nos dá o indio o motivo do *piché* ou catinga da gambá.

(2) Allude ao canto que na realidade assemelha-se muito ao som de um chocalho

— Yá çu, tuyué.
— Vamos, velho.

Aé uana, paá, aetá u çu, u cêca ipaua opé. Micura
Então, dizem, elles foram, esperar lago no. O Mucura

tuyué u iupire muirá ape.
velho subiu páo no.

Aé uana, paá, u iupire muirá ape u moapu maracá u çarô
Então, dizem, subiu páo no tocou ochocalho e esperou

pirá.
o peixe.

Ne copocó u iucuao pirá, Tucunaré ramunha ichupé.
Não tardou appareceu peixe, o Tucunaré avô lhe.

Aé uana, paá, u pure cecé pirá, u çóuante (¹) u mucuna
Então, dizem, saltou n'elle peixe, encontrou engoliu

aé micura tuyué.
elle mucura velho.

— Uhn! Ce mena! Pirá ramunha mucuna uana.
— Uhn! Meu marido! O peixe avô engoliu já.

Aé uana, paá, uaimi u nhana oca queté.
Então, dizem, a velha correu casa para.

Aé uana, paá, çacema:
Então, dizem, gritou:

— Ce membyra! Pirá ramunha u mucuna uana ne paia.
— Minha filha! O peixe avô engoliu já teu pai.

Aé uana, paá, ué in i mena çupé:
Então, contam, disse seu marido ao:

— Có re maan ce paia pirá mucuna uana.
— Vai ver meu pai peixe engoliu já.

Aé uana, paá, u nhana, u çu, u cêca aap.
Então, dizem, correu, foi, chegou lá.

— Mamé taá?
— Onde que?

— Iquê.
— Aqui.

— Aé uana, paá, iupire, ne copocó u iucuáo pirá ramunha.
— Então, dizem, subiu, não tardou appareceu o peixe avô.

---

(¹) Isto é: esperou o bote saltando ao mesmo tempo.

Aé uana u iumu, u iucá u cequei iui queté.
Elle já frechou, matou puchou terra para.

Aé uana ué in che mericó çupé:
Então disse mulher á:

— Irure quicé,
— Traz a faca.

U pecêca quicé umboé pirá marica, u acema, paá, çateua
Pegou a faca partiu peixe a barriga, achou, dizem, o sogro

micura pirá marica opé, u manu u putare uana.
mucura peixe barriga na, morrer querendo já.

Aé uana, paá, aetá u raçu oca queté. Aé uana, paá,
Então, dizem, elles levaram casa para. Elle já, dizem,

u puitá arama, i yaué çaua puchi, i nema nhaan pirá marica
ficou para, assim rabo feio, elle fedorento aquelle peixe barriga

racóçaua chii.
calor do.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Dizem que a Mucura tinha uma filha casada com o Ariramba, que ia ao rio e ao lago frechar peixe. No rio havia um páo abaixado, de cima do qual esperava o peixe para frechar. Quando a ariramba ia, volta depressa, quando menos a sogra esperava. Um dia, o pai chamou a filha.

— Minha filha, como é que teu marido mata peixe?

— Como ha de ser, meu pai? Sobe no páo que está abaixado sobre o rio.

— E assim? Assim eu tambem mato peixe.

Depois d'isso, disse á mulher:

— Velha, vamos frechar peixe?

— Vamos, velho

Dizem que foram. Esperaram no lago; o velho mucura subiu no páo e esperou pelo peixe.

Sem demora appareceu-lhe o avô do peixe tucumaré. Então saltou sobre o peixe, que esperou o bote e enguliu o velho mucura.

— Uhn! meu marido; o peixe avô já enguliu meu marido.

A velha correu para casa, gritando:

— Minha filha, o peixe avô já enguliu teu pai.

Esta disse a seu marido:

— Vai ver meu pai que o peixe já enguliu.

Dizem que elle correu e lá chegou.

— Onde?

— Aqui.

Então subiu, e sem demora appareceu o avô do peixe. Frechou-o e puchou-o para terra. Disse á mulher;

— Traze a faca.

Pegou na faca e cortou o peixe pela barriga. Achou n'esta o sogro mucura, já quasi a morrer. Levaram-n'o para casa.

Dizem que, por isso, ficou com o rabo feio e fedorento· O seu máo cheiro é devido ao calor da barriga do peixe.

# XVI

## YACAMY I PINIMA ÇAUA IRUMO
**O Yacamim as côres e**

(RIO BRANCO)

— Ah! Che membyra puchi reté uana indé. Maá arama
— Ah! meu filho feio muito já tu. Porque

cuité?
então?

— Taucó. (1)
— Não sei.

— Che membyra mena cuêre cha çu cha cecare indé
— Meu genro agora eu vou procurar ti

puranga çaua arama.
belleza para.

Aé uana u çu.
Ella já foi.

— Ce manha u çu i piama che puranga çaua arama,
— minha mãi foi buscar minha belleza para,

*tinta* u mundá uanamby chii.
tinta furtar beija-flor do.

Aé uana u rure.
Logo trouxe.

— Cuçucui che membyra re açuca arama aé irumo.
— Aqui está meu filho te lavares para elle com.

— Cha çu cha açuca aé irumo.
— Eu vou me lavar ella com.

---

(1) *Taukó*, *taukuáo*, *takó* e até *çóko*, dizem quando se lhes faz qualquer pergunta a que não querem responder, e em dizendo *çóko* não se lhes arranca mais uma palavra. E' uma contracção de *inti cha kuáo*, ou *aitá inti kuáo*.

— Aé uana u çu. Ariri aetá amu uirá u mundá chii. Ariri
— Elle já foi. Depois elles outros passaros furtaram d'elle. Depois

ure aé aichu.
veiu d'elle sogra.

— Mamé taá icó ne puranga çaua cha meen uaá indé
— Onde que está tua belleza eu dei que ti

arama?
para?

— Aetá mundá uana ce chii.
— Elles furtaram já mim de.

— Maá arama re chiare u mundá ne chii? Có aé uana
— Que para tu deixastes furtar ti de? Vai já

re cecare na teyma reté.
procurar preguiçoso grande.

Aé uana u iapi i cupé pe tanimbuca, murutinga u puitá,
Ella já atirou suas costas nas cinza, alvo ficou,

aé uana u çu ana u cecare, u acema ceru cuêra *tinta* cuêra
elle logo foi-se embora procurar, achou vasilha que foi tinta que foi

remerera u quetêca i potiá pe. Aé uana u puitá arama
resto esfregou d'elle peito no. Elle logo ficou para

çumbica.
rôxo.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

— Ah! meu filho, tu és muito feio! Porque será?

— Não sei.

— Meu genro, agora eu vou procurar-te belleza. Foi.

— Minha mãi foi buscar belleza para mim; foi furtar as tintas do beija-flor. Ella as trouxe immediatamente.

— Aqui estão, meu filho, para com ellas te lavares.

— Vou me lavar já.

Foi. Depois d'isso, os outros passaros furtaram lhe as tintas. Foi elle ter com a sogra.

— Onde está a belleza que eu te dei?

— Elles m'a furtaram.

— Para que deixaste furtar. Vai procural-a, preguiçoso.

Então ella atirou-lhe cinza ás costas, que ficaram brancas. Foi procurar e achou a vasilha com resto de tinta, que esfregou no peito, que ficou rôxo.

# XVII

## CUNAUARU [1]

### O Cunauaru

(RIO BRANCO)

Aé ricó, paá, cuchi ima mocoim apegaua: yepé cuité
Havia, contam, outr'ora dous homens: um então

mendaçara amu cuité i umuarichi i mu chemericó irumo.
casado outro então elle enfaceirava-se seu irmão mulher com.

Payé, paá, nhaan i mu, u pecêca arara ruaia u mondé
Feiticeiro, dizem, aquelle seu irmão, pegou arara cauda metteu

muirá cuara opé, unhehê chemericó çupé:
arvore buraco no, disse mulher á:

— Re nhehê ce mu cupé u iuôca arama arara taira
— Diz meu irmão á tirar para arara filhos

nerimbaua arama.
crial-os para.

Aé uana cuité u iupire maéaiua i [2] u pecêca muirá cuara
Logo então subiu a visão o pegou arvore buraco

opé aé uana, paá, çacema:
no elle já, dizem, gritou:

— *Ce mu! Ce mu! Ce mu! Ce mu! Eré catu ce mu!*
— Meu irmão! Meu irmão! Meu irmão! Meu irmão! Anda meu irmão!

*Eré catu cemu!* [3]
Anda meu irmão!...

Aé uana puitá cururu arama.
Elle logo ficou sapo em.

---

[1] Este bactracio para se aninhar ajunta a resina do Breu-branco (Procium heptaphyllum) e com ella faz uns cylindros, que dentro são infundibuliformes, nos quaes deposita os ovos. Pelo furo que fica no centro, sobe a agua e n'ella elles se conservam. Acreditam que esses ninhos são feitos de resina propria do sapo, pelo que é conhecido por *Cunaurau icica* ou resina de Cunauarú. Empregam contra dôres de cabeça, em fumigações.

[2] A cousa má, a sombra ou a imagem do corpo humano, que fica sobre a terra depois d'elle sepultado.

[3] Esta phrase arremeda o coaxar do animal.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Havia outr'ora dous homens, um casado e outro que se enfaceirava com a mulher do irmão. Dizem que era payé o irmão, que pegou no rabo de uma arara e metteu no buraco do páo. Disse depois à mulher:

— Dize a meu irmão para tirar o filho da arara para que tu o cries.

Logo, então, elle subiu e a cousa má o pegou no buraco do páo. Começou a gritar:

— Meu irmão! meu irmão! meu irmão! meu irmão! anda depressa, meu irmão; anda depressa, meu irmão.

Depois d'isso virou sapo.

# XVIII

## CARAN [1]

### O Carão

(RIO NEGRO)

Cha yachió çacê recê ce peápe. Ce caaruca, ce coema,
Eu choro doer meu coração no. Minhas tardes, minhas manhãs,

ce petuna çaceara. Coema iauiaué cha yachió inti recé u cucui
minhas noites triste. Manhã todas eu choro não por cahirem

ce pepó, ce pira chii, upáin uirá etá u ricó puranga;
minhas pennas, meu corpo de, todos os passaros são bonitos,

acayu iauiaué u cucui i pepó etá. Arecé cha maan arami
os annos todos cahem suas pennas. Por isso eu vejo quando

ce anama etá, raua i puranga recé, arecé cha yachió
meus parentes, as caudas d'elles bonitas com, por isso eu choro

Ceiucy u cema rami : [2]
as Pleiades sahem quando :

— *Caran! Caran! Caran! Caran!* [3]
— Carão! Carão! Carão! Carão!...

---

VERSÃO DO SOLIMÕES

Caran yachió [4] Pecay u muná recé chemericó, arecé yachió
O Carão chora o Pecay furtou d'elle a mulher, por isso chora

ara rupi petuna. Caran u pecêca che mericó, Caran çuri catu
dia e noite. O Carão toma a mulher, Carão alegre bem

Pecay yachió icó.
Pecay chorando está.

---

(1) É a *Ardêa scolopagia* L. ou *Ibis nudifrons* Spix, ave que não muda as pennas, pelo que morre com as primitivas. E' todo pardo, com o bico preto e pennas cinzentas. Tem um viver triste e noite e dia faz ouvir o seu cantar. E' o *Courlan* da Guyana Franceza.

(2) Onomatopeia do canto.

(3) As Pleiades apparecem em Maio e n'esse mez começa o Carão a cantar.

(4) E' um palmipede do igapó, do genero *Podiceps* que começa a cantar em Janeiro, quando cessa de o fazer o Carão.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Eu choro de tarde e de manhã por me doer o coração. São tristes as minhas noites e as minhas manhãs. Todas as manhãs eu choro, porque não cahem as azas de meu corpo. Todos os passaros são bonitos, porque todos os annos cahem as suas azas. E' por isso que choro, quando vejo todos os meus parentes com pennas bonitas, e quando sahem as sete estrellas.

— Carão!... Carão!... Carão!... Carão!...

### VERSÃO DO SOLIMÕES

O Carão chora dia e noite, porque o Pecay furtou-lhe a mulher. Quando o Carão toma a mulher fica alegre e o Pecay chorando.

# XIX

## TAMURUPARÁ YAPY IRUMO

**O Tâmurupará o yapiim e**

(PARÁ E AMAZONAS)

Cochiima, paá, cetá reté yapy etá quirimáo, paá, aetá u
Antigamento, dizem, muitos os yapiins valentes, dizem, que elles

iumuçarai, paá, amu, etá recé mahyté catu Tucano recé.
caçoavam, dizem que, outros dos principalmente Tucano do.

U icó iunto Tamurupará Tucano, paá, uéin Tamurupará
Estava só Tamurupará o Tucano, dizem, disse Tamurupará

çupé:
ao:

— Yapy etá u muçarai reté amu etá recé, mahité catu
— Os japiins caçoam muito outros dos, principalmente

ce recé, indé iuire aetá u çaan mahy re nheengare.
mim de, você tambem elles arremedam como cantas.

— Cha cenoe ramé, Tucano, aetá u çaan mahy cha
— Eu ouvir quando, Tucano, elles arremedarem como eu

nheengare cha uicá curi aintá.
canto eu matarei os.

Aé uana Tamurupará u cenoe Yapy etá u çaan aé.
Elle já Tamurupará ouviu japiins arremedal-o.

Aé uana, paá, u iucá Yapiins etá ramunha. Ariri
Então, contam, que matou dos japiins o avô. Depois

u nheê yapy raíra cupé: — Pe maan cuá tin, cuá pé ramunha
fallou japiins filhos aos: — Olhem este bico, este vocês avô

rui, pé paia cha iucá ana iuire. Aé cué iuire çui cuá ce
sangue, vocês pai eu matei tambem. Eis aqui tambem sangue este meu

tin recé (1).
bico no.

(1) O Tamurupará (Monassa nigrifrons) é todo preto com o bico vermelho, côr de sangue. Os Japiins (Cassicus hemorhous) arremedam todos os passaros, menos este. Quando os Japiins, em bando atravessam o espaço, ouvindo o Tamurupará cantar abatem o vôo e cahem todos, com medo d'elle, como mais de uma vez vi.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Contam que outr'ora os japyins eram muito valentes; que caçoavam de todos os passaros, principalmente do tucano; poupavam sómente o tamurupará. Dizem que o tucano dissera ao tamurupará:

— Os japyins caçuam muito dos outros, principalmente de mim. Ellos arremedam tambem teu canto.

— Quando eu os ouvir, tucano, arremedar meu canto, matal-os-hei.

O tamurupará ouvio depois os japyins arremedal-o. Matou o avô d'elles. Depois disse aos filhos:

— Olhem para este meu bico. Isto é sangue do avô de vocês e do pai de vocês que eu tambem matei.

# XX

## YAPY CAUA IRUMO

**Os Yapiins a vespa e**

(RIO YURUÁ)

Cochiima, paá, uirá etá ruanhana yapy etá, (1) u çu ramé
Antigamente, contão, os passaros inimigos Yapiins, iam quando

uatá, u cecare ramé che miú amu etá ure ũ mupuca supiá,
passeiar, buscar quando comida os outros vinham quebrar os ovos,

u iucá taira etá. Ariri cuité Yapy u çu u purunguetá caua
matar os filhos. Depois então Yapiim foi conversar a vespa

irumo u iururé ichupé u icó arama taira etá maaiangaua arama
com pedir lhe ser para filhos madrinha para.

Caua cuité ué hê ichupé:
A vespa então disse-lhe:

— Re munhan ne ruca u ruaqui cha manhana arama ce
— Faça tua casa perto eu vigiar para meu

raíra angaua.
afilhado.

Ariré cuité Yapy u munhan çuca çatuaçaua roaqui (2).
Depois então Yapiim fez a casa comadre perto.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Dizem que antigamente os passaros eram inimigos dos japyins e, quando estes iam passeiar, ou quando iam buscar alimento, os outros vinham quebrar-lhes os ovos e matar-lhes os filhos. Então os japyins foram corversar com a vespa e pediram-lhe para ser madrinha dos filhos. A vespa disse-lhes:

— Vocês façam as casas perto da minha, para eu velar por meus afilhados.

Depois d'isso, sempre os japyins fazem os ninhos perto das casas da comadre.

---

(1) Eram inimigos porque elles arremedavam os outros passaros.

(2) E' facto notado por todos. Sempre onde os Yapiins fazem seus ninhos, se aninham tambem os maribondos e vivem em commum, pelo que, dizem os indios que são compadres.

# XXI

## YURUPICHUNA [1]

### O boca preta

Yurupichuna u quêre ramé Yauary [2] raua recé u
Os boca preta dormem quando Yauary folhas nas

i u mutêre. Petuna ramé uitu aiua, amana uaçu aintá
elles amontoados. Noite quando o vento é máu chuva grande delles

raira meri etá u yuchió, u çacema irucanga irumo. Yaué tenhen
filhinhos choram, gritam frio com. Assim mesmo

aintá manha. Aetá paia uéhê:
d'elles a mãi. D'elles pai disse:

— Orandé curi yá munhan yandé ruca [3].
— Amanhã nós faremos nossa casa.

Amu çuachara:
Outro respondeu:

— Orandé tenhen curi.
— Amanhã mesmo.

Cuema ramé aintá u nhehé:
Amanhece quando elles dizem:

— Yá çu ana yá munhan yané ruca?
— Vamos já fazer nossa casa?

Amu çuachara:
Outro responde:

— Cha çu maú miri ráin.
— Eu vou comer um pouco ainda.

Amu etá u çuachara:
Outros respondem:

— Iché iuire.
— Eu tambem.

---

[1] É o macaquinho de bando *Callithrix sciurea*:

[2] Palmeira que cresce em sociedade nas margens dos rios o *Astrocaryum yauary* mart.

[3] Nota-se aqui bem a mudança do *o* para *u*; *ruca* em vez de *roca*.

Amu etá u nhehê:
Outros dizem:

— Iché iuire.
— Eu tambem.

U çu paua, inti ana u manduai u munhan aitá ruca.
Vão todos, não já se lembram fazer d'elles casa.

Mahy ramé iuêre amana u quêre aetá manduare iuire:
Quando volta a chuva dormindo elles lembram-se outra vez:

— Yá munhan yané ruca.
— Façamos nossa casa.

Ne amu ara opé aetá munhan curi aetá ruca. Yaué u
Algum dia em elles farão d'elles casa. Assim

munhan amu, apegaua etá [1].
fazem os outros, homens.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Os boca preta dormem amontoados nas folhas dos yauarys. Nas noites de trovoada e grandes chuvas, os filhinhos choram e gritam de frio. O mesmo acontece ás mãis. Os pais então dizem:

— Amanhã faremos a nossa casa.

Outro responde:

— Amanhã mesmo.

Quando amanhece, dizem:

— Vamos fazer as nossas casas?

Outro responde:

— Vou comer um bocadinho ainda.

Outros respondem:

— Eu tambem.

Outros dizem:

— Eu tambem.

Vão-se todos e não lembram-se mais de fazer a casa. Quando volta a chuva, e que estão dormindo, então se lembram e dizem:

— Havemos de fazer a nossa casa.

Algum dia farão casas. Assim fazem tambem os homens.

---

(1) D'ahi nasceu o ditado indigena: « *Assim dizem os macaquinhos* » quando se promette fazer algum emprehendimento irrealisavel, o que realisa o ditado: Só se lembram de Santa Barbara, quando ronca trovoada.

TERCEIRA PARTE

# CONTOS ASTRONOMICOS E BOTANICOS

Na origem de todos os povos, sempre a mythologia appareceu mais ou menos romantica, mais ou menos natural. Se os animaes davam origem a lendas, os astros com muito mais razão levavam a imaginação para o maravilhoso, pelo mysterio das suas marchas, das suas apparições, das suas posiçõesdo seu brilho e da sua scintillação.

O seu numero não influenciava menos ao espirito, e d'ahi nasceu a creação de um novo mundo, cheio de heróes, e tambem a influencia de alguns astros sobre as cousas terrestres. Os astros em todas as mythologias quasi sempre repre, sentam redivivos terrestres, cujos feitos a tradicção perpetúa pelas lendas. Sempre foi grande a influencia astronomica sobre a humanidade. Os povos da Asia, da Africa e da Europa, mesmo depois do paganismo ou sem serem Sabeistas, conservaram a sua influencia, que é universal. D'ella não se exime a America; e os selvagens que a povoaram e ainda vivem pelas suas florestas estão sujeitos á lei que governou os Tartaros, os Sirios, os Egypcios, os Gregos e os Romanos. Se os protogonistas da mythologia Americana não têm factos tão heroicos como os da mythologia grega e mesmo da romana, aquella apresenta, comtudo, nos seus, uma naturalidade não menos poetica e cujo fundo parece nascido de uma communhão ethnica.

D'essa communhão, penso, não fugiu o selvagem brazileiro; á mesma mesa assentaram-se os nossos antepassados. Para elles não ha um só astro que não symbolise um facto, que não represente alguma idéa relativa ao que se vê na terra. Tomando elles o firmamento pelo asylo das almas dos mortos, pela região onde pairam os seus avoengos, para elles cada astro representa uma entidade, quasi sempre de origem terreal. Se alguns são creações da imaginação, outros tiveram por berço a terra, d'onde sahiram para no espaço receberem a recompensa das suas boas acções ou o castigo de seus feitos máos.

As tribus conhecem a marcha dos astros, a sua altura, a época e a hora da sua apparição e desapparição no firmamento, e por elles marcam as estações; para cada um d'elles tem um nome, uma historia que explica ou mostra

a sua constante disposição entre uns e outros, ou entre as constellações. Esses contos perdem se, porque nunca se lhes deu importancia, porque sempre são referidos na lingua propria, que em geral só entendem alguns sertañejos illetrados ou analphabetos, e porque mesmo, o selvagem ou indio faz mysterio da sua crença, para que ella não seja objecto de zombaria por parte do civilisado. As tribus desapparecem e com ellas tambem sua mythologia. Entretanto, por fragmentos que tenho ouvido, quantos contos não ha que rivalisam com as lendas dos povos barbaros do velho continente?

As filhas de Atlas e Pleione, as Pleiades que perseguidas por Orion, foram salvas pelos Deuses e levadas para o céo; o proprio Orion, o Caçador gigante, o companheiro de Diana, transportado para o céo com o seu cão; o piloto de Menelão, Canopus, e mesmo Sirius, o percursor das molestias, o autor dos *dias caniculares*, etc., que representam mythos, gregos e egypcios, não são menos curiosos e interessantes que os creados pela intelligencia do selvagem brazileiro.

De maxima importancia são, pois, essas lendas, que parecem nada significar, mas que caracterisam o estado intellectual da raça que decahiu e mostram muitas vezes o seu caracter. Foi levado por esse lado, que ha annos procuro reunir material do qual, como simples amostra, apresento aqui alguns contos da sua cosmogonia.

Aquelles que têm estudado a vida dos povos Toltecas e a sua desmembração, se cuidadosamente compararem as suas crenças e as suas lendas, com as dos povos da região Amazonica, hão de notar a grande analogia, senão afinidade, que se encontra entre ellas. Se os contos se não identificam em todas as suas partes, porque o tempo e o meio modificaram, comtudo acharão muitos factos que são os mesmos, e estes estão perpetuados pela poranduba.

# I

## ŞORIMÁO U YPIRUNGAUA

### A origem do Solimões

(RIO SOLIMÕES)

Yacy, cochiyma, coaracê remericó petaçaua, u mendare
A lua antigamente ao sol mulher promettida (noiva) casar-se

putare uana aitá. Cemun (1) aitá u cêca iamendare u iumuaiua
queriam elles. Se acontecesse elles chegassem casar-se destruiria-se

queropi arauira. Coaracê ramé reçupaua irumo, mahy aé
cá por o mundo. Do sol então o amor com, como elle

tatá, caiçupaua irumo u çapê maan upáin arauira. Yacy
fogo, o amor com queimaria cousas todas do mundo. A lua

maa cuité ceçá inquicé irumo u mururu upáin arauira.
então lagrimas com inundaria todo o mundo.

Nhaan arecé intimaan aitá u menare cuáo, maa arecé
Por isso não elles se casar puderam, porque

oman yacy u muê tatá oman tatá u cupire upáin y.
então a lua apagaria o fogo ou o fogo carregaria (evaporaria) toda agua.

Aracé aitá u tirica yacy yepé çuachara queté, coaracê amu
Então elles arredaram-se a lua um lado para o sol outro

roachara queté. Aramé aitá u tirica ramé uana. Yacy
lado para. Então elles arredaram-se então já. A lua

u iachiú ara poçucaua petuna pocuçaua, aé, paá, ceçá iuquicé
chorou dia todo noute toda, ellas, dizem, lagrimas

u nhaan iui ara rupi ocêca catu paraná uassu opé. Paraná assu
correram terra por cima chegaram bem mar no. O mar

u nharu reté, arecé inti u iumunane cuáo yacy reçá iuquicé
embraveceu deveras, por isso não misturar se pode da lua as lagrimas

irumo, maarecé paraná uassu acayu petêra rupi u nhana igapira
com, porque o mar anno meio pelo corre cima

quité, ariré u nhana acayu pauçape tumaçaua quité.
para, depois corre anno fim baixo para.

---

(1) Por *cemo* ou *cembo*, do verbo *cem* ou *cema*, sahir.

Aé raá, paá, u mehê iupurungaua cuá yané paraná
Elles que, contam, deram principio este nosso rio

Sorimáo, aé, yacy reçá iuquicé.
Amazonas, elle da lua lagrimas.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Ha muitos annos a lua era noiva do sol, que com ella queria se casar, mas, se isso acontecesse, se chegassem a se casar, destruir-se-hia o mundo. O amor ardente do sol queimaria o mundo e a lua com as suas lagrimas inundaria toda a terra; por isso não poderam se casar. A lua apagaria o fogo; o fogo evaporaria a agua. Separaram-se, então, a lua para um lado e o sol para outro. Separaram-se. A lua chorou todo o dia e toda a noute, foi então que as lagrimas correram por cima da terra até ao mar. O mar embraveceu e por isso não poude a lua misturar as lagrimas com as aguas do mar, que meio anno corre para cima, meio anno para baixo. Foram as lagrimas da lua que deram origem ao nosso rio Amazonas. [1]

[1] Esta lenda allude ao cataclysma que originou o valle do Amazonas e o levantamento dos Andes.

# II

## O DILUVIO (¹)

(Lenda dos Pamarys, Abederys e Katauichys)

(RIO PURU'S)

Yaué iuire, paá, cochiima u caima ramé arauira.
Assim tambem, contam, outr'ora perdeu-se quando o mundo.

Yepé yacy aitá u cenõe teapó iauté queté iui uirpe,
Uma lua elles ouviram ruido cima por da terra debaixo,

aitá marauna, coaracy, paá, piranga u puitá, çuaquire, itauá,
d'elles agouro o sol, dizem, vermelho ficou, azul, amarello,

yaué iuire, paá, yacy. Cuaá çoó etá u iumunana mira etá
assim tambem, dizem, a lua. Estas caças misturaram-se a gente

irumo, intiana, paá, ucequeié mira etá chii, yauarité upáin
com, não, dizem, temiam a gente da, as onças toda

çoó. Yepé yacy riré teapó reté uana. Aé uana, paá, aitá
caça. Um mez depois ruido grande já. Então, contam, elles

u maan pituna uçu u ricó iui chii iuaca recé, uitu aiua,
viram a noute grande (trevas) havia terra da céo ao, trovoada,

amana irumo u imucuhy catu, paá, ara iui, aitá u caima
chuva, com esmigalhar bem, dizem, o dia a terra, elles perdidos

uana icó, amu mira etá u manu, intiana u maan maá
já estavam, outra gente morreu, não se viam porque

---

(¹) Foi encontrada na America do Sul a tradicção do diluvio, não só no Perú e no Chile, segundo nos referem Herera e Ovalle, como no Brazil, segundo Simão de Vasconcellos, que nos apresenta *Tamandúaré* ou *Tamandaré* como o Noé, brasileiro, que parece ser o mesmo *Coxcox*, dos Aztecas. Entre os Katauichys, Pamarys e Abederys, do Rio Purús, encontrei tambem a tradicção, porém menos biblica. Os salvos das aguas foram *Uaçu* e *Sofara*, que por instincto natural se refugiaram no cimo de uma grande arvore, como Tamandaré, por conselho dos pagés, se refugiou no grelo de uma palmeira. Durante o diluvio os grelos da arvore se adoçaram e serviram de alimento aos dous. Os indios citados, annualmente, em Julho, fazem, pelas praias, grandes festas, nas quaes os tuichauas referem sempre a tradicção de seus antepassados a fim de perpetual-a. Entre as tradicções, figura a do diluvio, que aqui apresento. Os Pamarys ainda hoje moram em casas ambulantes ou balsas, sobre as aguas do rio e dos lagos, com receio de um novo diluvio.

recé i puchi reté, paá. Aé uana paraná açu u iumunhan
(estava) feio bem, dizem. Então o mar cresceu

uçu, paá, uana ipepe iui. Muirá açu etá racanga
muito, dizem, já afundou a terra. Das arvores grandes os galhos

inti maan uçu ipipe, aape mira etá iupire, iumacé irumo
não foram ao fundo, lá a gente subio, fome com

aintá u manu, iruçanga irumo; amana petuna pucuçaua.
morreram, frio com; chuva noute toda.

Aé uana u puitá *Uaçu* chemericó irumo, *Sofará* iuire u puita
Então ficou Uaçu mulher com, Sofara tambem ficou

che mericó irumo. Aitá ramé u cecare teon-uera etá
mulher com. Elles quando desceram cadaveres

caun-uera ni yepé u acema.
ossos nem um acharam.

Ariri, paá, aintá u ipanmanguetá:
Depois d'isso, dizem, elles imaginaram:

« I catu ipó yá munhan yané ruca paraná arpe, maá recé
« E' bom talvez fazermos nossa casa do rio em cima, para que

u y munhan ramé iuire paraná yá iupire arama paraná
agua crescer quando tambem do rio subirmos para rio

irumo. » Ariré, cuité, çantan uana aintá u máan iui,
com. » Depois d'isso então, dura já elles vendo a terra,

intiana aintá u manduare anhu ana ten. Pamari etá u munhan
não elles lembraram-se só já d'ella. os Pamarys fazem

ráin aintá ruca paraná arpe.
ainda d'elles casa rio em cima.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Tambem contam que, antigamente, foi assim que o mundo se acabou
Uma vez ouviram ruido por cima e por baixo da terra. Dizem que o sol e a lua, como agouro, ficaram vermelhos, azues e amarellos. A caça misturou-se com a gente, sem ter medo, isto é, as onças e todos os animaes ferozes. Um mez depois ouviram um estrondo maior. Viram então, contam, que as trevas iam da terra ao céo, com trovoada e grande chuva

esmigalhando o dia e a terra. Perderam-se uns, outros morreram sem ver porque, contam, que estava tudo muito feio. As aguas então cresceram muito e dizem que submergiu a terra, ficando só de fóra os galhos das grandes arvores. Para ahi o povo subiu e morreu de fome e de frio, chovendo todo o tempo da escuridão.

Escaparam então Uaçu e sua mulher tambem. Quando desceram não acharam nem um só cadaver ou ossos. Então tiveram depois muitos filhos. Contam que depois elles imaginaram:

— Será bom, talvez, fazer nossas casas em cima do rio para quando as aguas crescerem nós com o rio subirmos.

Vendo depois a terra endurecida não se lembraram mais d'isso. Ainda hoje os Pamarys fazem casas em cima do rio.

# III

## PARANÁ UAÇU ARAUIRA [1]

### O mar do mundo

(Diluvio)

(RIO PADAUIRY)

Ereré iuityra popé u ricó opoin [2] maan turuçu ; caua etá
Ereré serra na ha todas as cousas grandes vespas

turuçu ruçu, uainamby turuçu, mocuim turuçu, yatibuca turuçu,
muito grandes, beija flores grandes, mucuins grandes, carrapatos grandes,

u ricó y iuityra arpe aap u ricó putyra u meyua arupi,
ha agua da serra em cima lá, ha flores borda pela

çaquena muire aap uaá. Yá u maité cochiima ti u
cheiram quanto ahi que. Cuidamos antigamente não

cêca aap paraná uaçu arauira u canhema ramé.
chegou ahi a agua grande o mundo perdeu-se quando.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Na serra do Ereré todas as cousas são grandes ; as vespas, os beija-flores, os mucuins, os carrapatos são grandes ; ha agua em cima da serra e pela borda flores ; tudo quanto ha ahi cheira. Pensamos que antigamente não chegaram ahi as aguas do diluvio, quando se acabou o mundo.

(1) É crença entre os indios do Rio Padauiry, que na serra da Ereré, que ahi existe, não attingiram as aguas do diluvio, porque ha no alto uma fonte, em cujas bordas a vegetação, toda alpestre, é differente e composta de plantas aromaticas, como em geral o são as dos campos.

(2) Por opâin.

# IV

## O ECLYPSE [1]

### (Lenda dos Katauichys)

### (RIO PURÚS)

Cuchiima, paá, tuyué etá umbeú ara u puitá petuna
Outr'ora, contam, os velhos contavam que o dia ficára

arama, yandara putare ramé. U caima coaracy, mira etá i icó
em meio dia queria quando. Sumiu-se o sol, a gente estava

cupichaua quité, aintá murauquê recé, amu etá u çu camundu
roça para seus trabalhos nos, outros tinham ido caçar,

intiana aintá u cáua, u iuêre aitá ruca quité aintá u çacema
nada elles sabiam, voltaram casa para elles gritos

rupi, ana u ure teapó rupi, paá; aitá u cenõe maáaiua tucá
pelos já vieram ruido pelo, dizem; elles ouviram a visão bater

muirá etá recé, petuna uaçu u icó aintá cuchiima. Ariri, paá,
arvores pelas, escuridão estavam a muito tempo. Depois disso, contam,

caáruca quité uana u inpirare ara, nhaan opé tenhen i petuna;
a tarde para já abriu-se o dia, este ao mesmo tempo anoiteceu

aé uana u iupirare coaracy petuna ariré. Inti cuité aintá
logo que abriu-se o sol escureceu depois. Não então elles

u cuáo upau coaracy, u uçu ipó amu mira etá pêre, yá, ne
souberam se acabou-se o sol ou foi talvez outro povo ter com, nós não

a cuáo.
soubemos.

---

[1] Esta lenda é uma prova de que nos tempos idos houve um eclypse total do sol, visivel no Amazonas e que durou desde o meio dia até á tarde.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Dizem que os velhos contavam que outr'ora o dia ficara noute quando se aproximava o meio-dia; que o sol se sumira quando a gente estava nos seus trabalhos de caça. Guiados pelo berreiro que ouviam, voltaram para casa. Contam que na completa escuridão em que estavam ha muito tempo, ouviram uma visão bater pelas arvores.

Já de tarde, dizem, reappareceu o sol, mas para se recolher logo nas trevas da noite.

Não souberam elles se o sol tinha-se acabado ou se fôra ter com outra gente; não souberam.

# V

## CYIUCÉ

### As Pleiades ou Sete Estrellas

(Lenda tapuya)

(RIO NEGRO)

Dáina [1] u yupire iuaca qüeté boiuçu racacuera. Dáina
Dáina subio céo para da cobra grande em seguida. Daina

u cica iuaca opé u acema arara rupiá i cuara opé u mucuna,
chegando céo no achou de arara ovos d'ella buraco no e engolio,

aap i yucé. U cenu Cyiucé [2] rera, u çu i queté.
ahi elle teve sede. Chamou sete estrellas nome, foi ellas para.

---

(1) Nome de um mytho que desappareceu, que penso é uma corruptella de *Nday*, o máo. Segundo a lenda era um cunhado da *Mboiaçu*. Desapparecendo-lhe a amada, depois de a ter em vão procurado na terra, voltou-se para o céo e vio a cunhada subindo para elle. Na esperança, então, de possuil-a armou o arco e disparou uma sararaca, que prendendo o bico no firmamento despegou-se da flecha que cahio, desenrolando o fio. Por este fio elle subiu.

(2) É uma corruptela de *cyiyucé*, de *cy*, mãe, *i*, dos, *y*, agua, e *ucei* por *hucei*, desejo, apetite, etc., a *mãe* dos que têm sede. É uma das palavras difficeis de se pronunciar pela união dos trez *y—i—y* todos com sons diversos, pelo que ouvimos dizer: *cyacy*, *ceyuicy*, *ceiucy*, *ceeiacy*, etc., que dá lugar a diversas interpretações como *mãe das doenças*, *mãe da lua*, etc. É o nome das *Pleiades*, ou *Sete Estrellas*, do vulgo, que os castelhanos denominam *Sete cabrilhas*, e os francezes *Poussinière*, por verem n'essa constellação uma gallinha com sua ninhada.

O povo rustico italiano e inglez pensa como estes.

Esta constellação é conhecida por todos os indios do Imperio, sendo mesmo adorada pelos Terenos, Quiniquinãos e Laianos de Matto Grosso. Os *Pamarys*, do Rio Purus, a denominam *Capianinã*, como os Makuchis *Tamekan*. Diversas crendices ha no Valle Amazonico, entre os indigenas, sobre esta constellação.

Dizem que nos primeiros dias, em que as Sete estrellas, ao anoitecer, estão ainda baixas no horizonte, os passaros dormem em poleiros baixos e que a medída que sobem elles tambem sobem nos poleiros; que quando apparecem trazem sempre muita friagem e chuva; que as cobras deixam de ser venenosas quando a constelação desapparece; que deve-se cortar as ubás para flechas antes do seu apparecimento por causa ds *cyiucé rembiara*, ou caça das Sete Estrellas, que é o guzano ou bicho que commummente dá nos pedunculos d'essa graminea, etc. Gonçalves Dias escreve *Cejuçu* e os Guaranis a denominam *Eichu* ou *Eichuyaba*, nome tambem de uma abelha preta. Na Guyana franceza os indios tambem a denominam *Eïhu*. Os Nahuas davam a essa constellação o nome de *Motz*, e foi n'ella que se converteram os 400 companheiros de Hunahpu mortos por Zipacna. É uma constellação a que todos os povos ligam diversas lendas e que outr'ora servia para orientar os marinheiros da antiga navegação do Mediterraneo, pelo que tinha o nome de *Estrella dos Navegantes*. Ahi é visivel de Maio a Novembro. As Pleiades são tambem um mytho grego. As sete estrellas são as sete filhas de Atlas e Pleione. Alcyone, é a mais brilhante e de terceira grandeza; Electra, de quarta; Merope, Maya e Taygita, de quinta; Seleno, Asterope de sexta e oitava. Segundo uns as sete irmãs suicidaram-se pela morte das Hyades suas irmãs; segundo outros péla morte de seu pai. Para alguns autores eram os companheiros de Artemis (Diana) que perseguidos por Orion foram salvos transformando-se em estrellas.

Como diz a lenda, as Pleiades desaparecem no mez de Maio e reaparecem em junho; a apparição coincide com os primeiros repiquetes da descida das aguas, com a epoca da muda dos passaros e da vegetação nova, d'onde vem dizer a lenda que tudo *mbo pyçaçu*, se tornará novo.

— Iqué i pucúri cha ú y.
— Aqui talvez eu beba agua.

U nheen irumo:
Fallou com:

— Mamé taá pe ú y?
— Onde que você bebe agua?

Cy uicy u çuachara:
As Sete Estrellas responderam:

= Yure ce irumo ce roca opé, iqué re ú y.
— Vem migo com minha casa em, aqui tu bebes agua.

U mucameen y cuara mamé u ricó uaá y.
Mostrou poço onde tinha que agua.

— Cuire re ú ana y re maan maa rupi cha yure, re
— Agora tu bebeste agua, tu has de ver por eu venho, tu

cuáu curi cuaá riri maa rupi ce rapé. Yepé yacy cha canhema
saberás d'isso depois onde por meu caminho. Um mez eu desappareço

maa rupi cha iucuáo amo ara opé; ara rangaua rama
onde por eu appareço outra vez na; do tempo medida para

uaá u çuachara uaá iché aé i u mupeçaçu.
aquillo ficar fronteiro que te elle se torna novo.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Dáina subio para o céo em seguida á Cobra Grande. Dáina chegando ao céo achou n'um buraco ovos de arara e enguliu-os. Teve logo sede. Chamou as Sete Estrellas pelo seu nome e foi para ellas.

— Aqui talvez eu beba agua.

Fallou-lhes:

— Onde é que você bebe agua?

Cyiucy respondeu:

— Vem commigo para minha casa e ahi tu bebes agua.

Mostrou o poço em que tinha a agua.

— Agora que já bebeste agua, tu has de ver por onde eu venho, saberás depois d'isso por onde é meu caminho. Por um mez eu desappareço e n'outro mez reappareço para medida do tempo. Aquillo que me fica em frente se renova. (1)

(1) Esta phrase prova os conhecimentos astronomicos dos indios, que por esta constellação marcam não só as horas da noite como as estações. A sua apparição no firmamento coincide com a primavera, épocha em que a natureza se reveste de galas. Figuradamente o poço ahi marca o tempo em que se occulta.

# VI

## TAMECAN

### As Pleiades

(Lenda dos Makuchys)

(RIO BRANCO)

Yepé apegaua chemericó irumo u ricó taíra etá po mocoin.
Um homem mulher com (casado) tinha filhos sete.

Ara iaué aitá u iachió i manha çupé, aitá i paia çupé.
Diariamente elles choravam sua mãe á elles seu pae á.

— Papá, cha ambaú putare. Mamá, cha ambaú putare!
— Papae eu comer quero. Mamãe, eu comer quero!

— Ah! Cembyra eté, cha meen pe remiú, inti ucêca
— Ah! Meus filhos, eu dou a vocês comer, não chega

penhen arama?
vocês para?

— Aé uana, paá, aitá u iachió. Aé uana manha u iacaua
— Então, dizem, elles choraram. Então a mãe ralhou

aitá irumo: « Penhen pêara!... »
elles com: « Vocês (são) gulosos!... »

— Eré, ce manha, inti re mehê putare yandé remiu?
— Bem, minha mãe, não tu dar queres nos comida?

Aé uana, paá, aitá manha u cequei mucaen tapiira-
Então, contam, d'elles a mãe puxou da grelha anta

caauara çaiua u iapi aitá çupé.
o queixo e atirou elles a.

— Cu çucui pe uarama.
— Aqui está vocês para.

= Cuá, ce manha, inti u cêca yandé arama.
= Isto, minha mãe, não chega nós para.

Aé uana u pecêca aitá mu u meen aitá remiú imu meri
Então pegou d'elles os irmãos deu lhes comer irmãos

etá çupé peçauêra.
pequenos aos pedaços.

— Cu çu cui mu miritá [1] yané remiú inti u cêca
— Aqui está irmãosinhos nosso comer não chega

yandé arama.
nós para.

Aé uana, paá, aitá u pecêca aitá umbaú.
Então, dizem, pegaram e comeram.

Imu tyuué çaua recé, ué hê:
O irmão mais velho d'elles, disse:

— Eré, ce mu miri etá, yá çu ana iuaca queté, yacy-
— Bem, meus irmãosinhos, vamos o céo para, as

tatá arama.
estrellas para.

Aé uana, paá, u pecêca i mu miri etá mocoin iiuá
Logo, dizem, pegou nos irmãosinhos, dos dous braços

uerpe mocoim ruachara. Aé uana aitá u poracé aitá nhengara:
em baixo dos dous lados. Então dansaram e cantaram:

« *Ouai Ueré pequelé! Ueré pequelé! Ueré....* » [2] Aé uana
« Tio Ueré, vamos! Ueré vamos! Ueré. » Então

aitá u çu poracé, aitá u iupire u çu icó, aé uana aitá manha
foram dansando, subiram foram, logo delles a mãe

u cema u munhan aitá recé aitá u çu icó.
sahiu olhou elles para iam indo.

— Ah! Cembyra etá! Maaqueté pe çu? Cuçucui pe
— Ah! Meus filhos! Para onde vocês vão? Aqui está vocês

remiú.
comerem.

— Tenupá uana ce manha. Tenupá pe pêta, yandé
— Deixa já minha mãe. Deixa você ficar, nós

yá çu ana, yá icó iuaca quete, yandé tutyra pêre yacy-tatá
vamos nós estamos céo para, nosso tio ter com as estrellas

arama.
para.

---

[1] *Mery* e *etá*.

[2] Dialecto makuchy. *Uerê* e o nome de uma outra estrella.

Aé uana aitá poracé u çu icó Urubu yaué aitá iatimana
Logo dansando foram indo Urubu com o rodeando

u çu ana tocaima uana, caima iunto uana iuaca queté.
foram sumindo-se já perderam-se perto já no céo.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Um homem casado tinha sete filhos, os quaes diariamente choravam junto ao pae e á mãe.

— Papae, eu quero comer! Mamãe eu quero comer!

— Ah! meus filhos, eu dou de comer a vocês e nunca chega.

Dizem que choramingaram, pelo que a mãe ralhou com elles:

— Vocês são gulosos!...

— Então, minha mãe, não quer nos dar de comer?

Dizem que a mãe puchou do moquem o queixo de uma anta e atirou-lhes:

— Aqui está para vocês comerem.

— Isto, minha mãe, não chega para nós.

Então o filho mais velho pegou nos irmãos menores e deu a comer a cada um d'elles um pedaço.

— Aqui está, meus irmãos, o comer ainda não chega para nós.

Dizem que elles pegaram e comeram.

O irmão mais velho, d'elles, disse:

— Bem, meus irmãosinhos, nós vamos já para o céo para ser estrellas. Pegou, então, nos irmãos pequenos debaixo dos dous braços e dansaram cantando. E dansando foram subindo e foram-se indo embora.

A mãe, sahindo, olhou para elles e os vio indo-se embora.

— Ah meus filhos! Para onde vão vocês? Aqui está para vocês comerem!

— E' inutil, minha mãe! Deixe ficar, nós já vamos indo para o céo ter com nosso tio para sermos estrellas.

Então, dansando, foram indo dando voltas, como faz o Urubu, e foram sumindo, sumindo, até chegar ao céo.

# VII

## EPÉPIM [1]

### Orion ou os tres magos [2]

(Lenda dos Makuchys)

(RIO BRANCO)

Moçapêre apegaua, paa, imu etá, mocoin chemericó<br>
Tres homens, dizem, que, irmãos dous mulher

ima, yepé menaçara u ricó chemericó, mocoim apecatu icó<br>
sem, um casado tinha . mulher, dous longe estavam

yepé menaçara apecatu aitá chii.<br>
um casado longe d'elles.

Nhaan mocoin yepé puchiuera, paá, nhaan imu puranga<br>
D'aquelles dous um era feio, dizem, aquelle irmão bonito

u maan cecé, arecé u cecare mahy u iucá arama. Yepé ara<br>
olhava n'elle, por isso procurava como o mataria. Um dia

muçanti muirá, caimé catu ariri nhehé imu çupé :<br>
aguçou páo, amolado bem depois disse irmão ao :

— Ce imu yá çu yá puhu urucu yá iumupinima arama,<br>
— Meu irmão vamos apanhar urucu pintarmos para,

yandé pira?<br>
nosso corpo?

— Yá çu.<br>
— Vamos.

---

(1) É o *Arapary* ou ararapary dos tapuyos.

(2) Orion, filho de Hyrieos, na mithologia grega, era um caçador gigante cuja altura era tal, que quando andava em terra, a cabeça tocava as nuvens, e quando atravessava o oceano, ficava fóra das aguas. Indo a Chios, no mar Egeo apaixonou-se por Aero, filha de Enopion, e caçando todos os animaes levou as pelles de presente ao pai de sua amada para abrandal-o, porém este negou formalmente a filha em casamento. Embriagado, quiz um dia raptal-a, porém Baccho arrancou-lhe os olhos. Recuperou depois a vista em Lemnos e voltou a Chios para vingar-se. Não a encontrando foi para Creta, onde vivia caçando com Diana e ahi morreu, querem uns que por engano flexado por Diana, querem outros que mordido por um scorpião. Depois de sua morte transformou-se na esplendida estrella vermelha que apparece na constellação que tem o seu nome.

— Aé uana, paá, aitá u cêca urucu rupêtá pe, aé uana
— Então, contam, chegaram do urucu pé no, logo

ue hê imu çupé :
disse irmão ao :

— Ce imu re iupire re puhu yandé arama.
— Meu irmão sóbe tu apanhares nós para.

Aé uana, páa, nhaan imu puchiuera u iupire, uaté uana
Então, dizem, que aquelle irmão feio subiu, em cima já

icó u pirare ce timan muirá racanga recé ; aé uana imu
estava abriu as pernas páo galho no ; então o irmão

u cutuca aé iuira chii ; aé uana u iucá, u are iuipe,
espetou o baixo de ; logo matou, cahiu chão no.

Ariri imu u munuca ce teman, u chare aape teon-uera,
Depois o irmão cortou as pernas, deixou ahi o cadaver,

u ireua, çu ana.
virou-se e foi-se embora.

Aé uana, paá, i uquei ure uatá aitá pêre.
Logo, dizem, sua cunhada veiu passeiar elles ter com.

Aé uana u cêca.
Logo chegou.

Mahy taá recó, cheruaia ?
Como estás, meu cunhado ?

— Mahy mu taá ? catu iunto.
— Como fazer que ? bom só.

— May çu cui taá amu ce cheruaia ?
— Como está que outro meu cunhado ?

— Aé u çu icó ocara queté u uatá.
— Elle indo está fóra para passeiar.

— Heen, cerá !...
— Hein, é possivel !...

Aé, paá, i uquei u cema o cara queté u çu uatá caá
Ella, contam, a cunhada sahiu fóra para foi passeiar matto

rupi oca çupé rupi u iatimana, u cema i ruaiara pira
no casa detraz da rodeiando, achou de seu cunhado o corpo

ce teman i u munuca yepé ruachara. Arami catu amu i
as pernas suas cortadas a um lado. Depois bem outro seu

ruaiara u cêca iuire.
cunhado chegou tambem.

— Maá arama taá ce teman u munuca? Intimaan arama,
— Que para que minhas pernas cortadas? Nada para,

cuire catu inhum pirá u çuú arama.
agora boas só peixe comer para.

Aé uana, paá, imu pecêca ce teman umbure paranáme,
Então, dizem, que o irmão pegou nas pernas botou rio no,

aé uana u iereua pirá arama suruby.
logo viraram-se peixe para surubim.

Ce tecuera u petá uirpe iui aape, i anga u çu iuaca
O corpo que foi ficou em cima terra ahi, sua alma foi céo

queté. Aé uana u çu ana, ucêca iuaca opé u iereua yacy-tatá
para. Logo foi-se, chegou céo no virou-se estrellas

arama. I pira u petá piterpe, e teman çuachara arama, amu
em. Seu corpo ficou no meio, as pernas os lados para, uma

amu ruachara. Aé uana u petá arama uana Epepim. Imu
de cada lado. Então ficou em já Epepim. O irmão

iucaçara u iereua yacy tatá *Caiuanon* (1), amu imu menaçara
assassino virou-se estrella Caiuanon, o outro irmão casado

amu yacy tatá arama *Itenhen* (2). Aitá mocoin u petá umu
outro estrella em Itenhem. Os dous ficaram irmão

u iuça uaá ruachara, arama aitá u maan arama cecé u páin ara.
matou que defronte, para elles olharem para n'elle toda vida,

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Contam que havia tres homens irmãos, dous solteiros e um casado, que tinha mulher; os dous moravam longe do casado. D'aquelles dous, um era feio, e dizem que o irmão bonito deitava-lhe os olhos; por isso procurava meios de matal-o. Um dia aguçou um páo, apontou-o bem, e depois disse ao irmão:

— Meu mano, vamos apanhar urucu para pintar nosso corpo?

— Vamos.

Então, contam, chegaram elles ao pé do urucu e elle disse logo ao irmão:

— Meu mano, sóbe tu para apanhar para nós.

---

(1) Nome Makuchy do planeta *Venus*.

(2) Idem, idem, idem *Sirius*,

Dizem que, então, o irmão feio subiu e em cima abriu as pernas n'um galho; então o irmão de baixo o espetou. Morreu logo e cahiu no chão.

O irmão cortou as pernas, deixou o cadaver, virou-se e foi-se embora. Dizem, que logo depois veio a cunhada, de passeio, ter com elles.

— Como estás, meu cunhado?

= Como hei de estar? bem.

— Como está o outro meu cunhado?

= Está fóra passeiando.

— Ah! póde ser.

Contam que a cunhada sahiu para passeiar no matto e, dando volta por detraz da casa, achou o corpo de seu cunhado com as pernas cortadas e separadas. Depois a seu turno chegou tambem o cunhado.

— Para que me servem as pernas cortadas? Para nada. Agora só estão boas para os peixes comer.

Então, dizem, que o irmão pegou nas pernas e as pôz no rio, virando-se logo ellas em surubim. O corpo ficou ahi por terra, mas a alma foi-se embora para o céo. Chegando no céo virou-se em estrellas. O corpo ficou no centro e as pernas dos lados, uma de cada lado. Tornou-se logo o Epépim.

O irmão assassino transformou-se na estrella *Caiuanon* (Venus), e o irmão casado n'outra estella a *Itenhá* (Sirius). Ficaram os dous fronteiros ao irmão que mataram, para perpetuamente (por castigo) olharem para elle.

---

*Nota*. Estas tres lendas são filhas da imaginação do indio ainda no seu estado primitivo. Correm entre os Makuchys, dos rios Branco e Mahu, que não tiveram contacto com civilisados, e na sua giria as referem, ou pela lingua geral depois que deixam as malocas. Foram me contadas pelo meu indio, o velho Pedro que uma só palavra não sabia do portuguez.

# VIII

## PECHIOÇO (1)

### Canopus (2)

(Lenda dos Makuchys)

(RIO BRANCO

Yepé apegaua cera Pichioço u mendare yepé cururu
Um homem de nome Pechioço casou-se um sapo

cunhan irumo cera Ueré. Yepé ara i mena ipêaiua chemericó
mulher com chamado Ueré. Um dia o marido zangou-se a mulher

irumo u çacema recé arama:
com gritar em por:

— Cuá! Cuá! Cuá!...
— Cuá! Cuá! Cuá!...

U icó iré uana ichii. Aé uana, paá, u munuca yepé
Estava aborrecido já d'ella. Então, contam cortou um

çuachara i peman, iuêra irumo, i u pinima uana yanepaua
dos lados d'ella perna, côxa com, pintou genipapo

irumo, u pecêca u iapi paranáme. Aé uana u çu ana pirá
com, pegou atirou rio no. Logo foi-se peixe

arama Suruby, (3) ceté u çu iuaca queté imu Epépim pêre.
em Surubym, corpo foi céo para o irmão Epepim ter com.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Um homem chamado Pechioço casou-se com uma mulher sapo chamada Ueré. Um dia o marido zangado com a mulher por estar sempre gritando: Cuá! Cuá! Cuá!... aborreceu-se logo d'ella. Então, contam, que cortou de um lado a perna com a côxa, que estava pintada com genipapo e pegando n'ella atirou-a ao rio. Logo transformou-se em peixe surubim, subindo o corpo para o céo a se encontrar com seu irmão Epépim.

---

(1) É o *Mokaentaua*, a aldeia do Muquen, dos tapuyos, que os Makuchys assim denominam.

(2) É um lindo peixe de pelle prateada, manchada de preto azulado, que chega a ter grande comprimento. É o *Pimelodus tigrinus*.

(3) Canopus era o piloto de Meneláo, mas tambem uma cidade do antigo Egypto, proximo á Alexandria, onde havia um templo consagrado a Hercules, que era um sanctuario seguro para aquelles que o procuravam.

# IX

## BOIA AÇU (1)

### A cobra grande, ou Serpentario

(RIO SOLIMÕES)

Ai cué, paá, cochi ima (2) yepé cunhan mucu maá aiua (3)
Havia, contam, antigamente uma moça o demonio

u mupuruan aé. Ariri, paá, i mimbirare boia uaçu. Aé uana
emprenhou. Depois, dizem, que ella pario a cobra grande. Então

u iú munhan nhaan boia uaçu. Ne, paá, puchiara i manha.
foi crescendo aquella cobra grande. Não, dizem, deixava sua mãe.

Maaqueté i manha u çu uçu irumo. Aintá u mundá putare yepé
Para onde a mãi ia ia com. Elles furtar queriam

i manha, ne maan u iuúca cuáo i chii. Ariri cuité i manha
sua mãe, não tirar podiam d'ella. Depois então a mãe

u mundu u iupira cuman iba arecé. Aramé cuité i manha
mandou trepar sorveira na. D'este modo então a mãe

u iuau i chii. Aé uana, paá, u achiu u uiruré, paá, i aría
fugio d'ella. Logo, dizem, chorou pedio, dizem, a avó

achii:
d'ella:

— Ce aría re mehê iché ce manha.
— Minha avó tu dás-me minhã mãe.

---

(1) Sob este titulo *(Cobra grande)* ha varios contos, mas que se referem a um ophidio phantastico que vive pelos lagos e rios. A crença quer que seja real a existencia d'esse ophidio, cujos olhos dardejam luz como pharóes. Affirmam alguns que já a viram: um me disse que em 1835 diariamente apparecia por baixo do forte de Belém, outro que a vio no rio Purús. O que admira é que ambos eram pessoas circumspectas.

A cobra grande, o dragão, não é mais do que um mytho modificado pelas gerações, legado por aquelles filhos das serpentes e do sol, que vieram para a America em época muito anterior á Colombiana. O *Gucumatz* do Mexico e de Guatemala, conhecido no Perú por *Amaru*, symbolisa o mesmo mytho.

(2) Em Santarem, onde melhor se fallou o abañeenga, ainda hoje dizem *erimbaê*, em vez de *cochiymá*

(3) A sombra, a *cousa que faz mal*, a visão, o demo, etc.
(Vide a introducção d'esta parte.)

I aría cuité u çuachara:
Sua avó então respondeu:

— Timaan cha cuáo mamé u icó.
— Não eu sei onde está.

Ariri, paá, ué hê:
Depois disso, dizem, dissera:

— Cha çu ana ee aría. Timaan re mehê putare iché
— Vou me embora, minha avó. Não dar queres me

ce manha, Re cenó curi cha chacema aramé re çuachara
minha mãe, ouvires eu gritar quando tu responderás

curi iché.
me.

Aé uana u uéueo iuaca queté, pituna pucu ramé uana u
Então voou o céo para, e alta noute quando já

çacema. Uaimi u quire icó timaan u cenó. Muçapire çaua
gritou. A velha dormindo estava não ouvio. Terceira vez

opé upan putare ramé i nheenga uaimi u paca.
na acabar queria quando a voz a velha acordou.

Arecé cuité mira etá timaan u iupiruca, cuá maá
Por isso então, a gente não se descasca, aquellas cousas

etá teyu, boia, amu, muirá etá upáin maá etá u çuachara uaá
lagartos, cobras, outras, madeiras todas cousas responderam que

aintá cuité u iupiruca. Aé uana aii cuáo iuaca opé.
então se descascam. Então hoje apparece céo no.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Havia antigamente, contam, uma moça que o demonio emprenhara e que depois deu á luz o dragão. Foi crescendo então aquelle dragão sem nunca deixar a mãe. Para onde a mãe ia elle ia. Queriam tiral-a da mãe e não o pod'am.

Por isso, mandou que elle subisse a uma sorveira e então fugiu d'elle. Contam que chorou e pediu á avó.

— Minha avó, me dá minha mãe.

A avó respondeu:

= Eu não sei onde ella está.

Contam que depois dissera:

= Eu já vou, minha avó. Não queres me dar minha mãe, ouve então quando eu gritar e me responde.

Voou logo para o céo.

Já quando ia alta a noite elle gritou e a velha estando a dormir não ouviu. Quando pela terceira vez estava para extinguir-se a voz, a velha acordou.

É por isso que a gente não perde a pelle e só isso acontece com aquillo que respondeu, como lagartos, cobras e arvores.

Hoje elle apparece no céo.

# X

## PAUICHI CAMAIUÁ [1]

### O caçador de mutum ou o cruzeiro

(Lenda Makuchy)

RIO BRANCO

Mocoin mu etá aintá ruca opé icó etá, mucoin cuema
Dous irmãos d'elles casa na estavam, (os) dous manhã

irumo aitá u cendó mytu neengare.
de elles ouviram o mutum cantar.

— Yá çu ce mu yá iumu mytu u neengare icó?
— Vamos meu irmão frechar o mutum cantando está?

= Yá çu, cha çáru indé.
= Vamos eu espero te.

Aé uana aitá u çu u iumu mytu, u cêca aap aitá u acema
Logo elles foram frechar o mutum, chegando lá elles acharam

mytu neengare. Aramé uana u maan aé uana u muantá iuire
o mutum cantando. Então logo (que) o viram logo entezaram tambem

uirapara.
o arco.

Ariri u maan iuire mytu recé mira uana aé u apêca icó
Depois tornando a olhar o mutum para gente já elle assentado estava

muirá aap. Aé uana purunguetá mytu.
arvore emcima. Logo conversou o mutum.

— Inti re iumu iche, ce remiareru. Re çu putare che irumo
— Não tu freches a mim, meu neto. Tu ir queres commigo

iuaca queté?
céo para?

---

(1) No dialecto Makuchy, *Pauichi* é *mutum*, passaro do genero *Crax* e *Camaiuá*, significa *caçadores*. Esta lenda não é conhecida pelos Tapuyos, que denominam tambem a constellação do Cruzeiro de *Piracaçara*, pescador, cujo nome é originado de outra lenda.

— Cha çu.
— Vou.

— Indé taá reçu putare ce irumo?
— Você então ir queres comigo?

— Cha çu.
— Vou.

— Arami yá çu ana.
— Então vamos já.

— Yá çu ana.
— Vamos já.

— Cha çu ana tenondé.
— Eu vou já adiante.

Aé uana u çu iuaca queté yacytatá arama.
Logo foram céo para estrella para.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Estavam dous irmãos em sua casa quando, de manhã, ouviram um mutum cantar.

— Vamos, meu irmão, frechar o mutum que está cantando?

— Vamos, eu espero por ti.

Fóram frechar. Quando lá chegaram, acharam e viram o mutum cantando. Entezaram logo o arco, mas, olhando novamente viram que era gente que estava assentada no páo.

O mutum fallou immediatamente.

— Não me freches, meu neto. Queres ir commigo para o céo?

— Vou.

— Você quer então ir commigo?

— Vou.

— Então vamos já.

— Vamos.

— Eu vou adiante.

Foram logo para o céo transformados em estrellas.

# XI

## BOIA UAÇU

### O serpentario

(VERSÃO DO RIO NEGRO)

Yepé ara, paá, yepé cunhan u çu yepé apegaua
Um dia, contam, uma (que) mulher foi um homem

mendaçara roca apé u iurure u icó arama aap.
casado casa na pediu estar para ahi.

— Nhaan apegaua u purandu, paá, ichupé:
Aquelle homem perguntou, dizem, a ella:

— Maá taá re cuau re munhan?
O que tu sabes fazer?

— Iché cha cuau cha pumana.
— Eu sei fiar.

— Aramé re pumana.
— Então fia.

U meen, paá, ichupé amaniú. Ariré paá, u icó
Deu, dizem, lhe algodão. Depois disso, contam, que ficou

riré aetá roca popé. Yaué, paá, aetá u chiare anhum
depois delles casa na. Assim, dizem, elles deixaram só-

êra ne maan aetá u meen u ú arama.
sinha nada elles davam comer para.

Aramé, paá, uçu çapucaia roaiti pupé u iúuca çapucaia
Então dizem foi gallinha ninho no tirar gallinha

rupia, u tucucure arama, u chiare, paá, çapucaia pirêra poranga
ovos, chupar para deixava, dizem, as cascas bonitas

catu mahi intimaan u puca. Ariri, paá, nhaan apegaua
bem como não quebradas. Depois disso, dizem, aquelle homem

u ure caá chii mocoin mytu rupiá, u munuca u munéo mira
veio matto do dous mutum ovos, quebrou metteu gente

aua i pupé. Ariri, paá, nhaan cunhan uçu u tucucure.
cabello delles dentro. Depois disso, aquella mulher foi chupar.

Aramé iumunhan cunhan *marica* intĩ ana uatá cuáo.
Então cresceu mulher barriga não já andar sabia.

Ariri, paá, apegaua ure caá çuhy ué hê ichupé arama:
Depois disso, dizem, o homem veio matto do disse ella a:

— Yá çu yá pohô cuman, ai cué cha u acema caá pe.
— Vamos, nós apanhar sorva ahi está eu achei matto no.

Aramé, paá i marica çuhy u çuachara:
Então, dizem, sua barriga da respondeu:

— Cha çu ne irumo, manha.
— Eu vou comtigo, mãe.

Aramé, páa, aetá u nhenhê:
Então, dizem, elles disseram:

— Mahi tahá cuaá?
— Como que isto?

Unheeng iuire, paá:
Fallou outra vez, dizem:

— Cha çu ne irumo, manha.
— Eu vou comtigo, mãe.

Aramé, paá, nhaan apegaua u çu pêre aé i *marica* uaçu irumo.
Então, contam, aquelle homem foi ter com ella sua barriga grande com.

U cêca aetá caa pe, cuman roaqui uana apegaua paá u nheeng:
Chegaram elles matto no, sorva ao pé logo o homem dizem, fallou:

— Yá munuca cerá, u yá iupire? [1]
— Nós cortamos ou nós subimos?

Cunhan i marica pura u çuachara;
Mulher da barriga o que estava dentro respondeu:

— Iché cha iupire.
— Eu mesmo subo.

Aramé uana nhaan apegaua u iúuca yepé cuman turuçu pire uaá u iúuca i pura u puracare i pupé i tumuna. [2]
Então logo aquelle homem tirou uma sorva maior que tirou della o que estava dentro encheu ella dentro delle saliva.

---

(1) A sorva, é a *Couma utilis*, uma das mais bellas arvores do Amazonas, cujos fructos são saborosos. Os indios têm por costume cortal-as para deixar nellas o fructo amadurecer para depois o apanharem.

(2) Este facto da saliva se prende ás crenças dos Nahuas; foi com a saliva que concebeu Xquiq. A mesma cobra se liga ao culto que havia entre elles. No Amazonas não houve culto, mas ha a crença que a tradicção perpetua.

Cunhan u apêca u icó u acema, paá, i çuhy boia, u iupire
A mulher assentada estava sahio, dizem, della cobra, subio

cuman iuá rupi, i marica opé u icó rain, paá, i pitêra rupi
sorveira pela, sua barriga na estava ainda, dizem, sua metade pela

i acanga icó ana cuman racapêre pupé. Nhaan opé iunto
sua cabeça estava já sorva ponta na. Aquella ao mesmo tempo

paá, u iumupuaçu u icó. Aramé, paá, apegaua ue hé ichupé:
dizem, engrossando estava. Então, dizem, o homem disse-lhe:

— U cema paua ramé cuêra ré mundéo, çuaia racapera
— Sahir acabar quando agora tu mettas o rabo ponta

cuman pirêra pupé.
sorva casca na.

Aé uana, paá, cunhan u mumbure.
Logo, dizem, que a mulher metteu.

Aramé ana aetá u iauau apegaua mumbure i cope pe u
Então já elles fugiram, o homem poz suas costas nas

ruçu ana oca queté.
levou logo casa para.

Aramé ana, paá, boia u çacema:
Então já, dizem, a cobra gritou:

— Ce manha! Ce manha!
— Minha mãe! Minha mãe!

Yuru inquicé u çuachara i manha ricuiara çuachara.
Bocca caldo (saliva) respondeu sua mãe em vez respondeu:

— Uh! Uh!...
= Uh! Uh!...

Aetá u cêca oca opé.
Elles chegaram casa em.

Aramé ana nhaan apegaua u mundéo nhaan cunhan
Immediatamente aquelle homem metteu aquella mulher

igaçaua pupé, u mundéo iui iuripe.
pote no, e poz terra em cima.

Ariri u çu i manha racacuera u cêca paá, u cenoe...
Depois disso foi sua mãe no encalço chegou dizem, chamou...

cenoe i manha. I manha intimaan u çuachara, aramé, paá,
chamou sua mãe. Della mãe não respondeu, então, dizem,

u pure paraná pupé.
saltou rio no.

U cecare, paá, paraná tepyçaua intimaan u acema paraná
Procurou, dizem, rio o fundo não achou rio

tepy [1] çaua, aramé, paá, u iupire, u çu ana iuaca queté.
fundo então, dizem, subio, foi logo céo para.

Boia uçu apegaua u çacema u nheen:
A cobra grande o homem chamou e disse:

— Ce ramonha indé re yumime uana ce manha cuire cha
— Meu avô tu escondeste minha mãe agora me

ço ana iuaca queté, inti cha u acemo cerenaua y pe cha
vou embora céo para, não achei logar rio no eu

çacema ramé curi pe çuachara curi ce nheenga. Cha incuáo [2]
chamar quando você responderá á minha voz tu apparecer

ramé curi pe cupire pe copichaua aé uana curi coracy ara
quando você capine de você a roça então será do verão

yupirungaua.
o principio.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Contam que uma mulher foi um dia á casa de um homem casado e pedio para ahi ficar. Perguntou-lhe o homem:

— Que sabes tu fazer?

— Sei fiar.

— Então, fia.

Dizem que deu-lhe algodão. Depois a mulher ficou em casa delle. Deixavam-n'a só e nada lhe davam para comer. Então, ella ia ao ninho das gallinhas e tirava os ovos para chupar, e deixava as cascas inteiras, como se não fossem quebradas. Depois disso o homem voltou do matto com dous ovos de mutum; quebrou um e metteu dentro delle um cabello humano. Em seguida, a mulher foi chupal-os. Cresceu-lhe tanto a barriga que ella já não podia andar. Voltando do matto, o homem disse-lhe:

— Vamos apanhar sorva que encontrei aqui perto.

Dizem que da barriga responderam-lhe:

— Eu vou comtigo, minha mãe.

Disseram elles então:

(1) Isto é, não achou profundidade bastante para viver sob as aguas.

(2) O Serpentario apparece, no Amazonas, em Setembro e annuncia o verão.

— Que é isto ?

Fallou outra vez a barriga.

— Eu vou comtigo, minha mãe.

O homem foi com el'a, apezar da barriga grande. Apenas chegaram junto á sorveira, o homem disse:

— Cortamos ou subimos?

O que estava dentro da barriga da mulher respondeu:

— Eu mesmo subo.

Então o homem tirou a maior sorva; tirou della o conteudo e encheu-a de saliva. Da mulher que estava sentada sahio uma cobra que subio para a sorveira. Ainda estava na barriga a metade, já a cabeça estava na ponta da arvore, engrossando ao mesmo tempo. Então, disse o homem:

— Agora, quando acabar de sahir, mette a ponta do rabo na casca da sorva.

A mulher metteu-o logo. Então fugiram, levando o homem a mulher ás costas para casa. Logo depois, a cobra gritou:

— Minha mãe! Minha mãe!

A saliva respondeu em vez da mãe:

= Uh! Uh!...

Chegaram á casa. Immediatamente o homem metteu a mulher n'um pote e poz terra em cima. A cobra foi no encalço da mãe, chegou e chamou-a... chamou-a. A mãe não respondendo, saltou a filha ao rio. Procurou o fundo e não o achou. Subio e foi para o céo.

A cobra grande chamou o homem e disse:

— Meu avô, escondeste minha mãe. Agora vou-me embora para o céo; não achei logar no rio e quando eu te chamar, me responderás. Quando eu apparecer, capina tua roça, porque será então o principio do verão.

# XII

## ARAUIRA IUPURUNGAUA

### Do mundo o principio

Lenda dos Mundurukus.

(RIO TAPAJÓS)

Cuá arauira, paá, iupurungaua petuna uçu opé u icó.<br>
Este mundo, dizem, a principio , escuridão na estava.

Petuna uaçu chii uucema mocoin mira rera Cáru [1] Çacaiby,<br>
Escuridão da sahiram duas gente de nome Cáru Çacaiby,

amó taira rera Rairu.<br>
outro filho de nome Rairu.

Rairu cuité itá cuara panera yaué mo apatocá aé, cuité<br>
Rairu então pedra buraco panella assim fez atrapalhar elle, então

u iacáu itá irumo. I paia cuité u mundó taira Rairu u çupire<br>
ralhou pedra com. Seu pae então fez filho Rairú carregar

nhaan itá.<br>
aquella pedra.

---

[1] É notavel a analogia que ha entre o *Káru*, Mundurucu, e o *Karù*, kichua, que significa *homem de longe*, *viajante*, *estrangeiro*, e o *Karu* dos Yurukarés (*yurak*, branco, e *kari*, homens) que habitam os Andes orientaes. Foi este quem fez os homens serem mortaes. Torna-se ainda mais notavel pela luz que derrama sobre a questão de immigrações para o Brazil. Levado pelo *Muyrakytã*, affirmei que em tempos anti-Colombianos, houve emigrações de asiaticos ou de seus descendentes para o Amazonas, comprovadas tambem por factos archeologicos e affinidades em usos e costumes; agora as lendas nos vêm mostrar analogias e a palavra *Karu*, como outras. não só nos levam para os Nahuas, como para os seus ascendentes da Asia, os Turcomanos, Pela lenda, *Karu* representa um poder superior, a sabedoria suprema; pois bem, entre os Nahuas *Káru* tambem significa *sabedoria*, *poder*, que corresponde ao *Káru* turcomano, que exprime *poder*, *sabedoria*, *excellencia*, *fortaleza*. Os turcomanos habitam o Turkestan e n'elle está a pedreira de Jade que deu os muyrakytans do Amazonas, comprovado pela côr e densidade da rocha. Fica a pedreira no districto de Yuthian. Esta lenda eu a ouvi em 1872, no Rio Tapajós, e a publiquei em 1875, em portuguez a pag. 140 do meu Relatorio intitulado *Rio Tapajós;* tambem foi publicada, modificada, pelo Dr. Silva Coutinho, no nº 8 pag. 58 do *Vulgarisador* de 22 de Setembro de 1877; pelo Dr. Tocantins, no Vol. 40, de 1877, á pag. 84 da 2.ª parte da Revista do Instituto Historico Geographico do Brazil, e pelo Dr. Bittencourt Sampaio, sob o titulo a *Arvore do amanajú*, em um volume de poesias de diversos autores, que me chegou ás mãos sem frontispicio, pelo que ignoro a epoca da impressão e o titulo do folheto. Não sei si já era transcripção. Mello Moraes Filho publicou-a em 1884, a pag. 7 dos *Mythos e poemas* sob o titulo a *Lenda do algodão*, que mais tarde sahiu em francez a pag. 71 dos *Poëmes de l'esclavage*.

Rairu u iacáu uaá, Rairu u munhan i paia nheenga, u çupire
Rairu reprehendido que, Rairu cumpriu seu pai ordem, carregou

nhaan itá i acanga opé, itá u iumunhan iarpe, pocy retá uana
aquella pedra sua cabeça na, a pedra cresceu d'elle em cima, pezava muito já

íchupé ué ué i paia çupé:
n'elle disse seu pae á:

— Che paia pocy reté ana cuá itá.
— Meu pae peza muito já esta pedra.

Aramé pêre u iamunhan itá inti ana Rairu uatá cuáo.
Então mais cresceu pedra não já Rairu andar podia.

Aramé pêre u iumunhan nhaan itá. U iumunhan reté ana itá
Então mais crescia aquella pedra. Cresceu muito já pedra

*panera* cuara yaué, aé uana u puitá iuaca arama. Aé uana coité
panella furou assim logo ficou céo para. Logo então

u iucuáo coracy iuaca opé. Rairu u nepeá u maan ï paia recé
appareceu sol céo no. Rairu ajoelhou-se vendo seu pae do

iuaca monhangara.
céo creador.

Cáru taira ruanhana maá recé taira u cuáo pêre i chii.
Cáru filho inimigo porque filho sabia mais elle que.

Cáru yepé ara u iumu tucumá raua u mundó taira u iupire
Cáru um dia frechou tucuma folha mandou filho subir

tucumá íua rupi u iuúca arama çoihiua u iuca arama i taira.
tucumáseiro no tirar para d'elle frecha matar para seu filho.

Taira u cêca tucumá íua, arecé i tucumá yu u iereu upáin
O filho chegou tucumazeiro, depois do tacumá os espinhos voltaram-se todos

iuí queté, poranga iunto, u iupire u iuúca i paia roihiua tucumá
terra para, bonito mesmo, subiu tirou seu pai a frecha tucumá

ráua achii.
folha da.

Amó coema opé u mundó taira copireçaua opé tenondé,
Outro dia em fez o filho roçado no adiante,

paá, u ityca paua nhaan muirá etá u iucá arama taira. Aé ana
dizem, cortar todos aquellas arvores matar para o filho. Então

u moapy nhaan muirá etá taira aarpe, u cucui paua muirá etá
derrubou aquellas arvores filho em cima do, cahiram todas as arvores

taira aarpe. Nemaan u manu, catu iunto u puitá. Cáru u terêca
filho em cima. Não morreu, bom mesmo, ficou. Cáru arredou-se

achii u maité taira u manu. Amó coema opé u iuire Cáru catu
d'elle cuidando que o filho morreu. Outro dia no voltou Cáru bom

iunto u cema taira.
mais que achou o filho.

Cáru u çapé ramé cupichaua u mandó taira cupichaua
Cáru queimou quando a roça mandou o filho roça

piterpe, u manu arama cupichaua o cái ramé. Cáru u cequecema
para o meio morrer para a roça queimasse quando. Cáru rodeou

tatá irumo taira.
fogo com o filho.

Rairu coité u maan ramé tatá uaçu u cequecema aé u iqué
Rairu então vio quando a fogueira rodeava elle, entrou

iuí rupi, o cai pau ramé i cupichaua u iucuáo timaan tatá
terra pela, queimar acabou quando sua roça appareceu nada o fogo

u munhan ichupé. I peáaiua reté ana Caru u maan recé taira
fez n'elle. Elle zangado muito já Cáru ver por o filho

inti recé u manu cuáu.
não por • morrer poder.

Yepé ara opé Caru aé iuira u çu caá queté.
Um dia em Caru elle voltou foi matto para.

U cêca ramé caá pe u munhan, paá, tatu rangaua caa
Chegou quando matto no fez, dizem, tatu figura folhas

chii, u uitema nhaan tatu rangaua u chiare çuaia ocara queté;
de, enterrou aquella tatu figura deixando o rabo fora para;

u quetica icica çoaia recé.
e esfregou resina rabo no.

U cenõe taira ue hê ichupé.
Chamou o filho disse lhe

— Yá çu yá camundú?
— Vamos caçar?

= Yá çu.
= Vamos.

U ieré ieréu (1) caá rupi, u cenó taira:
Virou virando matto pelo, chamou o filho:

= Cu çucui tatu, iure re cequéi.
— Aqui está um tatu vem tu puchar.

---

(1) *Yeré-yeréu*, andar muito em roda, andar em todos os sentidos, volvendo-se, d'onde a phraze vulgar *andar-virando*, girando, andar n'um corrupio.

Nhaan tatu rangaua u pocoin u çu, u icó iuí cuara rupi.
Aquella tatu figura cavando ia, estava terra buraco no.

Rairu cuité u chiare yepé nhaan tatu roaia timaan u çaca cuáu
Rairu então deixava aquelle tatu rabo não tirar poude

i pó maá recé nhaan icica u pecêca i pó. aé uana, paá, tatu
sua mão porque aquella resina pegava sua mão, logo, dizem, tatu

rangaua u raçu aé iuí cuara rupi, ae uana u canhema.
a figura levou o cova dentro, então sumiu-se.

Amó ara opé u çaçáu i paia nhaan cuara rupi, u maan
Outro dia no passou seu pae aquelle buraco por, vio

ramé taira, paá, u cema i cuara chii. I paia u pecêca muirá
quando filho, dizem que sahindo seu buraco do. D'elle o pae pegou páo

nupá nhaan taira.
bateu aquelle filho.

Taira ue hê i chupé.
O filho disse a elle.

— Timaan re nupá iché maá recé iuí cuara opé cha
— Não tu batas me porque cova na eu

u acema mira reia catu iunto, aintá ure u porauqué yandé
achei gente bando boa mesmo, ellas vem trabalhar nós

arama.
para.

I paia u chiare aé tiana u nupá.
D'elle o pai deixou o não bateu.

Ariri cuité u mo apoan yepé maá miri, u iapy iuí recé,
Depois disso então arredondou uma cousinha atirou chão no,

aé uana u iumunhan amaiu arama.
logo cresceu o algodão para.

Aé uana u iumunhan amamu iua i potêra, achii amaniú
Então cresceu (do) algodeiro as flores, depois algodão

arama uaá. Caru u poú nhaan amaniú i u munhan tupaçama.
para que. Cáru apanhou aquelle algodão d'elle fez corda.

Nhaan tupaçama irumo u pucuare Rairu u mumbure nhaan
Aquella corda com amarrou Rairu póz aquelle

tatu cuara rupi.
tatu buraco pelo.

Tupaçana rupi u iupire, paá, iuí cuara chii mira etá
Corda pela subiu, dizem, cova da povo

puchiuera, ariré u iupire iuire poranga chinga uaá, ariré cuité
feio, depois subiu tambem bonito meio que, depois disso então

u iupire mira etá i poranga uaá, aé uana cuité u çaca paá,
subiu o povo (era) bonito que, logo então arrebentou dizem

tupaçama, mira poranga uaá re merêra u are iuí cuara opé.
a corda, a gente bonita que o restante cahiu cova na.

Rairu u cema amu mira poranga etá irumo.
Rairu sahiu outras gentes bonitas com.

Cáru, paá, u maan ramé nhaan mira reía u munhan care
Cáru, dizem, vio quando aquella gente porção mandou fazer

maá çuquire uaá, i piranga uaá, pichuna uaá, i tauá uaá,
cousa azul que, vermelha que, preta que, amarella que,

u moçangaua arama nhaan mira chemericó irumo u puitá arama
assignalar para aquella gente casada com ficar para

nhaan mira etá u iumnnhan Mundurucu rama, Apiacá, rama,
aquelle povo crescendo Mundurucu para, Apiacá, para,

Maué rama, Arara rama, yaué páu amó etá.
Maué para, Arara para, assim todos os outros.

U mupinima pucuçaua aitá, u icopocó nhaan mira etá
Fez pintar muito elles, tardando aquelle povo

amó etá ce pocé uana, u quêre iunto amó u icó. Iatéima u aitá,
outros com somno já, dormindo mesmo outros estavam. Aos preguiçosos,

Cáru ué hê aitá çupé:
Cáru fallou lhes:

— Pé iatéima reté cuere pe puitá uirá mirim rama, andirá
— Vocês preguiçosos agora vocês ficam passarinhos para, morcegos

rama, tayaçu rama, panapaná rama.
para, porcos para, borboletas para.

Amó etá cuité inti uaá iatéima poranga u aitá, ué hê etá
Outros então não que preguiçosos bonitos, disse-

cupé:
lhes:

— Pé iuperungaua curi amo ara opé, quirimáo curi pe
— Vocês principiarão outra éra uma, valentes de vocês

raira etá amo ara opé.
os filhos outra éra em.

Ariri Caru Sacaiby u canhema iuí coara rupí.
Depois disso Caru Sacaiby sumiu-se cova pela.

Aé uana aintá u cenó nhaan iuí cuara *Caru-Cupy*.
Então elles chamaram aquella cova *Caru-Cupy*.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

No principio este mundo estava na escuridão.

Da escuridão sahiram dous homens um chamado Caruçacahiby e outro que era seu filho chamado Rairu.

Rairu tropeçou em uma pedra furada como uma panella e ralhou com a pedra.

Caru, seu pae, mandou o filho Rairu carregar a pedra com que tinha ralhado.

Rairu cumprio a ordem do pae, carregou na cabeça a pedra que em cima d'elle começou a crescer. Pezando já muito, elle disse ao pae:

— Esta pedra já peza muito.

Mais crescia então a pedra e já Rairu não podia andar.

A pedra continuou a crescer. Cresceu tanto a pedra em forma de panella que formou o céu.

Appareceu então depois o sól no céo.

Rairu ajoelhou-se vendo seu pae ser o creador do céo.

Caru era inimigo do filho porque sabia mais do que elle.

Um dia Caru flechou a folha de um tucuman e mandou o filho subir no tucumanzeiro para tirar a flecha para ver se o matava.

O filho chegou ao tucumanzeiro, os espinhos viraram-se todos para baixo a ficar bonito: e subio e tirou da folha a flecha do pae.

N'outro dia mandou o filho adiante para o roçado e contam que cortou todas as arvores para matar o filho.

Derrubou então as arvores em cima do filho, cahiram todos os páos em cima, mas elle não morreu e ficou incolume.

Caru arredou-se d'ahi, pensando que o filho tinha morrido.

No outro dia voltou Caru e achou o filho perfeitamente bom.

Quando Caru ia queimar a roça mandou o filho para o meio, para que morresse queimado.

Caru cercou o filho de fogo.

Quando Rairu, depois, vio a fogueira cercal-o entrou pela terra e quando a roça acabou de se queimar appareceu sem nada lhe ter feito o fogo.

Caru zangou-se muito vendo que o filho não morria.

No outro dia Caru voltou e foi para o matto.

Chegou. Quando no matto fez de folhas seccas uma figura de tatu e enterrou deixando o rabo de fóra no qual esfregou resina. Chamou o filho e lhe disse:

— Vamos caçar?

— Vamos.

Andou virando pelo matto e chamou o filho.

— Aqui está um tatu, vem puchar.

A figura d'aquelle tatu ia cavando: já estava um buraco no chão.

Rairu depois deixou o rabo do tatu, mas não poude tirar a mão, porque a resina a pegava.

Contam, então, que a figura do tatu o levou pelo buraco pela terra dentro e sumio-se.

Passava seu pae outro dia por aquelle buraco quando vio seu filho sahir d'elle.

O pae pegou n'um páo e bateu no filho.

O filho lhe disse:

— Não me batas, porque no buraco da terra eu achei muita gente, mais que boa, e elles vem trabalhar para nós.

O pae deixou-o e não o bateu mais.

Arredondou uma cousinha e atirou no chão que então cresceu transformada em algodão. O algodoeiro cresceu logo, floresceu, dando depois algodão.

Caru apanhou o algodão e fez uma corda, amarrou Rairu e o meteu no buraco do tatu.

Contam que pela corda, e do buraco subio muita gente feia, depois tambem subio muita gente bonita, dizem que, então a corda arrebentou e o resto da gente bonita cahio no buraco.

Rairu subiu com a gente bonita.

Contam que Caru quando vio aquelle bando de gente mandou fazer uma cousa verde, uma vermelha, uma preta, uma amarella para assignalar aquella gente com as suas mulheres, para quando aquella gente crescesse ser Mundurucus, Muras, Araras, Pamanás, Uinamarys, Manatenerys, Catauchys e assim todos.

Demorando muito a pintar toda aquella gente ficaram uns com somno e outros mais do que dormindo.

Aos preguiçosos Caru disse:

— Vocês são muito preguiçosos, agora vocês serão passarinhos, morcegos, porcos e borboletas.

Aos outros que não eram preguiçosos e que eram bonitos lhes disse:

— Vocês serão o principio de outro tempo; n'outro tempo os filhos de ocês serão valentes.

Depois Caru sumio-se pela terra a dentro.

Então denominaram aquelle buraco Caru-Cupy.

# TIRI E KARU [1]

Lenda dos Yurukarés

(RIO MAMORÉ)

*Sararumá* ou *Aymá Sunhé*, genio malfazejo, abrasou a terra não escapando senão um homem que por prevenção metteu-se em um buraco com alimentos para alguns dias. Para ver se o incendio continuava punha para fóra do buraco uma varinha, que durante dous dias retirava queimada, porem no terceiro voltou sem ser queimada e fria. Vendo o incendio terminado sahiu do buraco e vio que a terra estava nua. Sem abrigo e sem alimentos vagava quando encontrou-se com Sararumá, que lhe disse:

— Fui eu o causador de todo este mal, mas como tenho pena de ti, toma.

Deu-lhe um punhado de sementes e ordenou-lhe que semeasse.

De repente appareceu um bosque, como por encanto, com o que era necessario para o alimento humano.

Depois, sem que se saiba como, este homem tinha comsigo uma mulher da qual teve muitos filhos e uma filha.

Na idade das paixões a filha corria tristemente as florestas, chorando o seu isolamento quando foi dar uma bella arvore, o *Ulé*, [2] da qual apaixonou-se, transformando-se esta em homem com o qual passava as noutes, desaparecendo ao raiar do dia.

Revelando tudo a sua mãe esta aconselhou-a que o amarrasse. Com effeito, seguindo os conselhos maternos Ulé ficou preso, e promettendo casar-se foi solto.

No gozo de uma felicidade perfeita estava, quando um dia indo elle á caça não voltou por ter sido morto por uma onça. Indo ella á sua procura soube, pelos irmãos, da desgraça e levada por elles foi ver o seu corpo. Encontrando os pedaços ensanguentados, todos dispersos, unio-os para ainda uma vez ver suas formas. Contemplava ella o marido quando este ressuscitou e disse:

— Parece-me que dormi muito!

Voltavam alegres quando Ulé tendo sede foi a um corrego beber agua e vendo a sua figura reflectida, notou que faltava-lhe um pedaço da cara, e para não apparecer mais á sua mulher assim desfigurado, deixou-a e della se des-

---

(1) D'Orbigny cita tambem esta lenda, que corre na Bolivia.

(2) É uma Artocarpeacea, a *Castilha elastica* de Cervantes, abundante em gomma elastica.

pediu, dizendo que voltasse só, mas que nunca virasse o rosto para traz durante o caminho, fosse qual fosse o barulho que houvesse atraz de si.

Durante a volta ouviu diversas vezes ruido atraz de si; mas, não fez caso, porem uma occasião ouvindo o barulho de uma folha que cahia, voltou-se, o que foi bastante para perder o caminho e extraviar-se pelo matto. Errava de um para outro lado sem acertar com o caminho quando foi dar á casa da *mãe das onças*. Esta recebeu-a affavelmente, porem, vendo que seus filhos quando voltassem a comeriam mandou que ella se escondesse.

Voltando os filhos sentiram que havia gente estranha em casa, ([1]) e afinal descobriram a moça. Iam comel-a porem a mãi o impediu.

Obrigaram-a então a catar-lhes as formigas que tinham no corpo e a comel-as. Apezar do medo não poude comer as formigas, pelo que a mãe lhe deu um punhado de sementes de cuyeira, para que illudindo, pozesse fora as formigas e comesse as sementes. Assim illudiu ella a tres filhos da onça, porem o quarto, que tinha quatro olhos, viu a esperteza da moça e furioso lançou-se sôbre ella, matou-a e tirou do ventre o filho que estava em termo de nascer.

A mãe tendo pelo filho a mesma pena que tivera da mãe, metteu a criança n'um pote, para cozinhar, porem depois tirou-a, mettendo n'elle outra coisa e assim illudio o filho.

A's occultas e aos cuidados da velha onça cresceu o menino e tornou-se homem. Chamava-se *Tiri*.

Um dia disse ella a Tiri que uma paca lhe tinha comido todas as aboboras. Elle foi para a *upera*, e quado appareceu o animal o flechou, mas tão mal que apenas a flecha arrancou a cauda, por isso d'essa data em diante esse roedor ficou sem esse apendice.

A paca assim ferida voltou se e lhe disse:

— Tu vives em boa harmonia com os assassinos de tua mãe, e porque me queres matar quando eu não te fiz mal?

Tiri pediu á paca que lhe explicasse o que queria ella dizer, porque para elle aquellas palavras eram mysteriosas.

A paca levando-o para sua *toca*, disse-lhe que as onças tinham morto seu pae e sua mãe e que tendo já descoberto que elle vivia queriam escravisal-o.

Furioso Tiri depois de ouvir as revelações da paca, foi esperar as onças e quando ellas voltavam da caça matou tres, varadas por suas flechas. A quarta que tinha quatro olhos vendo as flechadas escapou, apenas ferida e subindo para uma arvore exclamou:

— Arvores, palmeiras favoreçam-me!... Sol, lua e estrellas salvem-me!

A lua attendendo ao seu pedido occultou-o e desde então, as onças são nocturnas e estão representadas na lua.

---

([1]) Aqui apparece uma lembrança de contos estranhos. Lembra e está subentendido o Aqui cheira a sangue real. »

Tiri tinha um poder sobrenatural.

Vendo a mãe da onça só, sem ter quem para ella trabalhasse fez um instante um grande roçado com plantações.

Aborrecendo-se de viver sosinho, e senhor da natureza, tendo um dia dado uma topada que arrancou-lhe a unha do dedo grande, metteu esta no ôco do páo causador d'esse desastre. Logo depois ouviu fallar atraz de si e viu um homem que se tinha formado da unha. Tiri deu-lhe então o nome de *Karu*.

D'ahi em diante se uniram em boa harmonia sendo Karu seu confidente. Aconteceu, porem, que sendo elles, um dia, convidados por um certo passaro para almoçar em casa d'elle, offereceu-lhes este um vaso cheio de chicha, que nunca se esvasiava por mais que bebessem, e dando Tiri com elle por terra, sahio liquido em tanta abundancia que innundou a terra e matou seu companheiro.

Depois de seccas as terras Tiri tomou os ossos de Karu e o resuscitou.

Continuaram a viver sós, porem, aborrecidos deesejaram viver em companhia de outros homens e para isso uniram á femea de alguns animaes. De cada uma nasceu um homem e uma mulher, porem como as mulheres nascessem com os olhos abaixo do peito, Tiri teve de mudal-os para o lugar que hoje occupam.

O filho de Karu morreu e por este foi enterrado.

Tiri, no fim de algum tempo disse á Karu que fosse desenterrar seu filho, mas que não o comesse. Karu cumpriu a ordem de Tiri, e cavando a cova de seu filho só encontrou ás raizes de um pé de mandioca. Karu achando-as bonitas comeu-as o que fez com que se ouvisse grande estrondo.

Tiri então disse:

— Karu desobedeceu-me e comeu o filho, e para punil-o, tanto elle como todos os homens serão mortaes, sujeitos ao trabalho e ao soffrimento.

Tempos depois Tiri sacudindo uma arvore cahiu d'ella um pato, que Tiri ordenou a Karu que o cosinhasse e comesse.

Obedecendo Karu, Tiri lhe disse:

— Este pato era teu filho e tu o comeste.

Karu desgostou-se de tal modo, que vomitou tudo quanto comera. Sahiram então da sua bocca papagaios, tucanos, e outros passaros.

Tiri e Karu foram visitar a mãe da onça, porem, vendo que estava com os beiços ensanguentados, Tiri, julgou que ella tinha se encontrado com homens e que ella os tinha devorado.

Ameaçou matal-a se não confessasse seu crime, e cortou-lhe o pello da cabeça.

Quando ia matal-a ella pediu que a perdoasse, porque revelaria tudo.

E' verdade que comi uma pessoa, porem esta estava já morta por ter sido mordida por uma cobra, que vive n'um buraco.

Indicou o lugar.

Essa cobra comia todos que appareciam n'esse lugar.

Tiri disse á mãe das onças:

Tu, de hoje em diante, só comerás o que os outros matarem, e assim acontecerá aos de tua raça. Transformou-a em urubu.

Por essa razão o urubu tem a cabeça pellada.

Tiri ordenou a um Uacauan que matasse e comesse a cobra.

Depois disso sahiram do buraco da cobra os Incas, os Mansinos, os Chiriguanos e outras nações.

Foi tal a quantidade de gente que sahiu que Tiri amedrontando-se tapou o buraco.

O buraco por onde sahiram os povos que encheram a terra, existe perto de uma grande rocha chamada *Mamoré* do qual ninguem se aproxima por causa de uma grande cobra que guarda a entrada do buraco. Fica perto da confluencia dos rios *Sacta e Soré*, nas nascentes do rio Mamoré.

Tiri disse então a essas nações:

— E preciso que se dividam e occupem toda a terra e para isso vou lançar a discordia entre vocês.

Immediatamente cahiu uma chuva de flechas, com as quaes todos se armaram.

Por muito tempo essas nações se bateram até que Tiri as pacificou, porem conservaram-se sempre separadas odiando-se umas ás outras.

Terminando sua missão ahi, Tiri decidiu-se a procurar outro lugar e para saber qual deverá ser, enviou um passaro para o Oriente, que pouco tempo depois voltou em parte depennado. Concluio que o espaço da terra era pequeno. Mandou-o para o Norte, e aconteceu a mesma cousa, porem mandando-o para o Poente no fim de algum tempo o passaro voltou coberto de lindas pennas. Para lá então dirigiu-se Tiri, para nunca mais apparecer.

# XIII

## CYIUCÉ [1] YPERUNGAUA [2]

Das Pleiades a origem

(VILLA BELLA)

Cuchiyma u ricó yepé ucaúçaiçu u iauáu cemericó çuhy.
Antigamente havia um encantado fugiu mulher da.

« Ce re nheeng putare ramé ce irumo rereçó curi çacacuera
« Me tu fallar quizeres quando comigo irás atraz

pe rupi, ce pe urubu pepora, curi re uacema arara
caminho pelo, o meu caminho urubu pegadas, tu achares arara

pepó maiahiua etá rapé. »
pennas das couzas más caminho. »

Cyiucé paia u chiare ramé ce remirecó ipuruáçá irumo.
Das Pleiades o pai deixou quando a mulher gravidez com.

Y'epé ara u çó pe rupi u cecare i mena taina etá uachió
Um dia foi caminho pelo procurar seu marido os filhos choraram

i marica opé.
della barriga na.

— Opain maá u chipiaca uaá u yururé, i manha çuhy
— Todas as cousas veem que pedem, a mãe d'elles

---

(1) Como sempre, conservo aqui a pronuncia propria do lugar em que ouvi os contos.

(2) Uma prova da influencia dos contos da immigração portugueza, na região amazonica, quando a população então era toda européa e indiana, está n'este conto que passou aos mamelucos e mais tarde d'estes a seus descendentes brancos. Emquanto estes pela lingua geral ou em portuguez repetem o *Cyuicy yperungaua* ou *a origem das sete estrellas*, os brancos das outras provincias, que não conheciam o mytho amazonense, contam as historias dos *Trois cheveux d'or du diable*, de Grimm, do *Bicho Majaléo*, dos *Tres coroados*, do *Principe das Palmas Verdes* ou *do Limão verde*, que, segundo Theophilo Braga, é a mesma *Paraboinha de ouro*, ou *El Principe Jalma*, do Chile. A passagem da mulher em casa da mãe da onça, é aquelle *aqui fede a sangue real* é um enxerto portuguez feito no conto indigena, tirado d'aquelles que acima citei, onde em todos se encontra uma passagem semelhante e a phrase igual, que fielmente o tapuyo reproduz na sua lingua. Esta mesma phrase está nos Contos Zulos do Dr. Callaway, no conto da Papa-gente *Uzembini* e no *fec, fo, fum, I small the blood of an inghishman.*

ipeayua, taina etá recé u iacaua. Nhaan recé inti pecema uana
zangou-se, os filhos com ralhou. Por isso não sahem já

pê ú arama maan pe putare uaá.
vocês comer para as cousas vocês querem que.

U iacáu riré intiana u nheeng taina etá. Auhuana u çu
Ralhou depois que não fallaram as crianças. Somente foi

arama mahiyua etá rapé rupi i peayua recé taina etá. Uceca
para das cousas más caminho pelo zangada com as crianças. Chegou

yauarité manha roca popé.
da onça mãe casa na.

— Maa taá re ure i piama quêrupi? Ce membyra etá
— O que tu vens buscar por aqui? Meus filhos

mira puchi reté.
gente má muito.

= Cha yure que rupi ce aryia ce mena racacuera.
= Eu venho por aqui minha avó meu marido no encalço.

U nheen iché arama cha yure arama çacacuera urubu
Disse me para eu vir para atraz urubu

pepora curi, ce rapé, arara pepó rupi mahiyua etá rapé
pegadas, meu caminho de, arara pennas pelo cousas más caminho

cha yure.
eu vim.

— Ah! ce temiareron! Aé cué ce membyra etá u ceca i
— Ah! minha neta! Ahi estão meus filhos chegando elles

peayua çe irumo. Yure quê queté cha iumime iné igaçaua
zangados comigo. Vem para aqui eu esconder- te panellão

uirpe enti arama aintá ne repiaca.
em baixo não para elles te enchergarem.

U ceca yepé membyra. « Ah! ce manha! iquê nema
Chegou um filho. « Ah! minha mãe! Aqui fede

moacara tuhy. » — Ah! ce membyra! Uaá taá i mu uceca quê
real a sangue. » — Ah! meu filho! Quem que hade chegar por

rupi? apecatu cha icó? I manha porandu ichupé. — Maá mutaá
aqui? longe eu estou. Sua mãe perguntou lhe. — O que que

re munhan curi yepé cunhan u iucuau ramé ce queté? « Ah!
tu farias uma mulher apparecer quando mim para? « Ah!

ce manha! Maa mutaá cha munhan? Tenupá u puitá ne
minha mãe! O que eu fazia? Deixava ficar tua

camarara arama.
amiga para.

Ariré u ceca a muitá maá yaué u nheen tenoné
Depois disso chegaram outros a mesma cousa disseram o primeiro

uceca uaá nheeng, yaué tenhen çacacuera u nheen. Yepé ara
chegou que disse, assim tambem após disseram. Um dia

timaan u iucá aintá u ú arama, i peayua u iucá aintá cunhan
nada mataram elles comer para, elles zangados mataram a mulher

icó i manha irumo. I manha u ururé i çupiá ceremá rama.
estava sua mãe com. D'elles a mãe pediu d'elles os ovos criar para.

U pececa çupiá etá u inu catu, u cema pó-mocoin
Tomou os ovos guardou bem, sahiram sete

taina etá yepé taina cunhan. I iumunhan ariri u nheen aitá
crianças uma menina. Ellas cresceram depois disseram

manha yaué tacuri [1] ya upêca yá manha? — Yá çu yá munhan
mãe como tacuri nós vingaremos nossa mãe? — Vamos nós fazer

*cepetú* pachiuba [2] çuhy yá iamuné nhaan tipy aqueté maá taá
espeto pachiuba de nós espetarmos naquelle fundo ali que

arama yá iucá arama, yané manha repêcaçara.
para matarmos para, nossa mãe vingadores.

Taina etá uçu yaçuca u ceca yauarité etá.
As crianças foram banhar-se e chegaram as onças.

— Maá taá pe munhan taina etá? « Timaan. » Ya yaçuca
— O que que vocês fazendo meninos? « Nada. » Nos banhando

yá icó. — Iche yure cha yaçuca putare pe irumo. « Eré cuté ».
nos estamos.— Eu vim me banhar puro vocês como. « Está bom ».

Yané mirairá rece yapor quê queté tepy yma queté, penhen
Nós criancinhas por saltamos aqui para baixio para, vocês

peturuçu recé pepor queté quaá tepy uaá queté.
grandes por saltem para aquelle fundo que para.

U por aintá yg pype aap u puitá, u manu opain yg pype
Saltaram agua funda ahi ficaram, morreram todas agua fundo

*cepetú* recé.
espeto no.

---

(1) É uma especie de formiga.
(2) Palmeira do genero *Iriartea*. Da madeira negra fazem os indios os seus arcos e as pontas das flechas, por ser muito flexivel e forte.

Taina etá u çu ana u apêca itá aarpe. Yauareté
As crianças foram se embora assentáram-se pedra em cima. A onça

u ceca taina etá pyre. « Maá taá pê munhan? »
chegou as crianças ter com. « O que vocês fazem? »

— Timaan. Yá iumuçarai yá icó. « Aramé cha iumuçarai
— Nada. Nós brincando estamos. « Então eu brincar

putare yuire ne irumo. » — Eré cuté!
quero tambem vocês com. » — Pois bem!

I u apêca itá arpe u munhan maá yá munhan yá icó.
Assenta pedra em cima faz o que nos fazendo estamos.

— Maa arama taá cuté? — « Yá munhan i miraira arama
— Que para que então? — « Nós fazermos pequeninos para

yá mian. » — Aramé cha putare i miraira arama ce miań. —
nossos grãos. » — Então eu quero pequenino para meu grão. —

« Aramê ré munhan curi qupé açu yá munhan yá icó. »
« Então tu farás igual fazendo nós estamos. »

U tucá aintá itá irumo i mian arp, aap i u manu,
Bateram todos pedra com d'elles os grãos em cima, ahi ella morreu

paua, aap i u puitá. U iuire taina etá yauarareté manha roca queté.
acabou, ahi ella ficou. Voltaram os meninos da onça mãe casa para.

Ariri uçu paraná remehê pe u çaan muruirá, u çaan
Depois foram rio beira pela arremedar todos os passaros, arremedar

care, aintá i quiyuire, nemaan i puranga aintá ichupé. U çaan
mandaram elles sua irmã, nada bonito elles para. Arremedar

aintá care *Caran*. I puranga reté uacema aintá Caran
elles mandaram o Carão. Bonito bem acharam elles do Carão

nheengara u nheen: « re chepiaca, ramé curi ceiyucy ure ramé
a cantiga e disseram: « espreita, quando as Pleiades sahindo quando

icó, eré peteca curi ne pepó; inti ara ne pepó u cucui.
estiverem tu sacudirás tuas azas nunca tuas pennas cahirão.

Re chepiaca ceiyucy u cema ramé eré nheengara curi. » Caran
Espreita as pleiades nascerem quando tu cantarás. » O Carão

u peteca i pepó u çu ana i quiuira etá u mónó, (1) aintá
sacudiu suas azas e foi se embora seus irmãos mandaram, elles

u iupire iuaca queté ceiyucy arama.
subiram céo para Pleiades para.

(1) Metamorphosearam as irmãs em passaro e elles foram para o firmamento, onde se transformaram em estrellas.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Havia antigamente um encantado que fugiu da mulher.

— Quando tu quizeres fallar-me, irás atraz de mim. Meu caminho são as pégadas dos urubus. Quando achares pennas de araras, é porque é o caminho das cousas más.

O pai das Pleiades quando deixou a mulher, esta estava gravida. Indo um dia pelo caminho procurar o marido, os filhos choraram na barriga. Zangando-se a mulher com os filhos, ralhou-os e disse:

— Tudo quanto vossês veem, pedem. Por isso não sabem já para comer o que querem.

Depois que ralhou, as creanças não fallaram mais. Sómente foi pelo caminho das cousas más zangada com elles. Chegou á casa da mãi da onça.

— Que vens tu buscar por aqui? Meus filhos são muito máos.

— Eu venho por aqui no encalço de meu marido. Elle me disse que viesse atraz das pégadas do urubu e eu vim pelo caminho das cousas más ou das pennas das araras.

— Ah! minha neta, ahi vêm meus filhos chegando e zangados commigo. Vem para aqui afim de que eu te esconda debaixo do panellão, para que elles não te vejam.

Chegou um filho:

— Ah! minha mãi, aqui cheira a sangue real.

— Quem ha de chegar aqui, meu filho. Eu estou longe.

A mãi perguntou-lhe:

— Que farias tu quando uma mulher apparecesse e viesse procurar-me?

— Que eu faria, minha mãi?... Deixava ficar para tua amiga.

Depois disso, chegaram os outros e disseram a mesma cousa, como o primeiro. Um dia, elles nada mataram para comer e zangados mataram a mulher que estava com a mãi. Esta pediu os ovos della para criar; tomou-os, guardou-os bem e delles sahiram sete meninos e uma menina. Depois de crescidos, disseram estes:

— Como vingaremos nossa mãi? Vamos fazer um espeto de pachiuba para espetar naquelle fundo que alli está, matal-os, ficando assim vingadores de nossa mãi.

Quando as crianças foram banhar-se, chegaram as onças.

— Meninos, vossês que estão fazendo?

— Nada; estamos nos banhando.

— Eu quero tambem me banhar com vossês.

— Pois bem. Nós, como criancinhas, saltamos aqui pelo baixio. Vossês, como são grandes, saltem alli para aquelle fundo.

Saltaram para a agua funda e ahi ficaram; morreram todos no espeto.

Foram-se embora as creanças e sentaram-se em uma pedra. Chegou a onça a ter com elles.

— Que é que fazem vossês?

— Nada; estamos brincando.

— Então eu quero tambem brincar.

— Pois bem. Senta-te na pedra e faz o que estamos fazendo.

— Para que?

— Para fazer pequeninos os nossos grãos.

— Então eu quero meu grão tambem pequenino.

— Farás o mesmo que estamos fazendo.

Bateram todos com os grãos na pedra. Ahi ella ficou e morreu. Voltaram os meninos para casa da mãi da onça. Depois, foram pela beira do rio, arremedando todos os passaros. Mandaram tambem a irmã arremedal-os.

Nada para elles era bonito. Mandaram arremedar o carão. Acharam bem bonita a cantiga e disseram:

— Espreita; e quando as Pleiades estiverem sahindo, tu sacudirás as azas, porque nunca as tuas pennas cahirão. Espreita; quando as Pleiades nascerem, tu cantarás.

O carão sacudiu as azas e seus irmãos o mandaram embora. Elles subiram para o céo e tornaram-se as Pleiades.

# XIV

## UIRARY (¹)

### O veneno

(RIO PURUS)

Cuchiyma, paá, tuiué (²) etá u maan aintá u çu rami
Antigamente, dizem, que os velhos viam iam quando

u camundu, aintá u maan, paá, uirá uaçu u çu ramé
caçar, elles viam, contam, o gavião ia quando

u cecare che miara u carain rain uirary iua ariri cuité
buscar a presa aranhar antes veneno (a) arvore (do) depois então

u çu u cecare che miare curuten uara u iucá. Tuiué etá cuité
iam buscar a presa depressa matava. Os velhos então

u çaan u quetica çohiua ranti recé, a çaráin uirary
experimentaram esfregar das frechas pontas nas, rasparam veneno

iua u queteca arama. Aramé cuité curuten uara u çaú çoo
a arvore esfregar para. Depois então depressa embebedavam

aetá iumu uaá. Aitá u neeng:
a caça frechavam que. Elles fallaram:

— Cuité i catu ipó i u mu pupure poaçu arama
— Então elle bom talvez elle fazer ferver grosso para

u puitá.
ficar.

Aé uana aitá u mupupure, u çaan curuten uara u caú
Logo elles fizeram ferver, experimentaram depressa embe-

aitá remiara, u mupupure catu iuire uirary iua pirêra
bedaram a preza, fizeram ferver bem outra vez veneno arvore casca

u muté icó *tururу* pirêra opé. Aé uana catu aitá arama.
fizeram passar *tururу* (³) casca na. Logo bom elles para.

---

(¹) Não *urári* que significa a ejaculação spermatica.

(²) Uns pronunciam *tuyué*, sendo o som do *y* o de *ii* outros *tuiué*.

(³) É a spatha da *Manicaria saccifera* Mart. de que, pela fórma conica e pelo seu tecido, servem-se como funil e filtro.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Contam que, antigamente, quando os velhos iam caçar viam o gavião ir arranhar as arvores do veneno para depois ir buscar sua preza, que em pouco tempo morria.

Os velhos, então, experimentaram esfregar o veneno depois de raspado nas pontas das flechas.

Então com facilidade embebedavam a caça.

Disseram:

— Será bom, talvez, ferve-lo para engrossar.

Fizeram ferver, experimentaram e facilmente embriagaram a preza. Fizeram ferver mais outra vez a casca do veneno, e o filtraram na casca do turury.

Ficou então bom para elles.

# XV

## ÇUAÇU MANYIUA (¹)

**Veado A maniveira do**

(RIO SOLIMÕES)

Yepé caamondoçara u apêca u çaru che miara yepé
Um caçador assentado esperava a caça uma

iuí cuara ruaqui, u cenoe Surucucu (²) u purunguetá che
cova perto de, ouviu a Surucucu conversar sua

mericó irumo. U neeng, paá, chemericó çupé:
mulher com. Fallava, contam, mulher á:

— Cha çuú ana mira cupichaua ra pepe.
— Eu mordi já gente roça caminho no.

Chemericó, paá, u çuachara:
A mulher, dizem, respondêra:

— Re chipiá curi aitá u acema inti çuaçu manyiua.
— Você veja elles achem não do veado a maniveira.

Aintá u acema aramé indé curi re manu.
Elles acharem quando tu morrerás.

Aé uana cuité nhaan apegaua u cecare çuaçu manyiua.
Logo então aquelle homem procurou do veado a maniveira.

Ariré coité Surucucu u çuú yepé mira.
Depois d'isso então a Surucucu mordeu um individuo.

Aé uana u chiare iarpe çuaçu manyiua.
Logo deixou em cima do veado a maniveira.

Aé uana i catu. Ariri u çu u cenoe nhaa boia cuara
Logo elle bom. Depois foi chamou aquella cobra buraco

---

(¹) Esta arvore, que, cresce pelas terras pretas e vargens, pelas informações que me deu o velho pratico Manoel Urbano da Encarnação, é um poderoso contraveneno da peçonha das cobras. Citou-me muitos factos e é o que usa nas suas excursões. Os tapuyos trazem as sementes enfiadas em collares no pescoço das crianças contra vertigens e convulsões. É uma *Euphorbiacea*, do genero *Manihot*.

(²) É o *Trigonocephalus lanceolatus*.

opé, u cenoe, paá, teapó u i eréereo u icó, chemericó, paá,
no, chamou, dizem, ruido de viravoltas estava a mulher, dizem,

neeng ichupé :
fallava a ella :

— Re chepiá raá aintá u acema uana çuaçu manyiua,
— Veja que elles acharam já do veado a maniveira,

cuêre re manu.
agora tu morres.

Ariré u manu.
Depois d'isso morreu.

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

Estava um caçador assentado ao pé de um buraco na terra esperando a caça e ouviu um surucucu conversando com a mulher.

Contam que elle dizia á mulher :

— No caminho da roça eu já mordi gente.

Dizem que a mulher respondeu :

— Olha que elles hão de achar a maniva do veado e quando acharem tu morrerás.

Então o homem procurou a maniva do veado.

Depois d'isso o surucucu mordeu uma pessoa, que immediatamente pôz em cima a maniva do veado e logo ficou bôa.

Depois foi ouvir a cobra no buraco e dizem que ouviu barulho d'ella estar retorcendo-se.

A mulher, contam, dizia-lhe :

— Olha que elles já acharam a maniva do veado. Agora tu morres.

Depois d'isso morreu.

# XVI

## MOYTYMA (1) UIPURUNGAUA

**da plantação A origem**

(RIO PURUS)

Yacurutu (2) maáaíua. Yacurutu cuchiyma mira uassu
O Yacurutu cousa má. O Yacurutu antigamente gente grande

yané tenhen tendyra. Aé cué yepé ara, cuchiyma,
(gigante) assim como a irmã. Estavam um dia, outr'ora,

Mura (3) ruichaua payé etá irumo u mocanhema Yacurutu
Muras os chefes os feiticeiros com fizeram perder-se o Yacurutu,

maá arecé, paá, Yacurutu u ú aitá raira. Payé etá u mu-
porque, dizem, o Yacurutu comia os filhos. Os feiticeiros fizeram

cema Yurará ramonha uicuí arpe. Aé ana cuité Yacurutu
sahir da tartaruga o avô praia em cima. Depois então o Yacurutu

u poiíru Yurará ramonha recé. Çantá u puitá i pê
pisou da tartaruga avô no. Duro (preso) ficou d'elle pé

Yurará ramonha recé. U iumu quirimáo u poiíru amó i
da tartaruga avô no. Fez força e pisou outro d'elle

pê irumo Yurará ramonha arpe. Aé ana, paá, Yurará
pé com da tartaruga do avô em cima. Depois, contam, a tartaruga

uatá paraná queté. U cenó cendyra :
andou rio para. Chamou a irmã :

— Irure nhaá muirá cha iumu quirimáo arama cecé.
— Traz aquelle páo eu forcejar para n'elle.

---

(1) *Moytyma* não é mais do que uma corruptella de *mbo* ou *mo*, preposição que torna os verbos transitivos, e *uyty* ou *oyty* (*yb-tyr*), arvore alta, querendo exprimir *fazer arvores*, *plantar*, *fazer apparecer a planta*, e d'ahi o substantivo *plantação*.

(2) É a coruja que scientificamente é conhecida por *Strix clamator*.

(3) Tribu de selvagens que infestava como piratas o Amazonas e o Solimões. Tinham o seu quartel general na ilha que fica no Solimões pouco acima da foz do Rio Negro, e que ainda é conhecida por ilha dos Muras. Acima d'esta ilha fica a denominada Yacurutu, que segundo a lenda era habitada pelo fabuloso gigante de que se trata aqui. Os Muras tinham uma linguagem por assovios para não serem entendidos e quando queriam participar aos seus que habitavam longe, qualquer occurrencia, enviavam uma frecha que nos enfeites levava a explicação.

Cendyra u pecêca nhaá muirá recé, çantá iuire u puitá
A irmã pegou aquelle páo no, presa tambem ficou.

Aé ana cuité Yurará ramonha u raçu paraná queté. U ca-
Depois então da tartaruga o avô levou rio para. Pe-

nhema putare ramé u nheen, paá :
recer queria quando fallou, dizem :

— Ce remiareru etá, pe iupêca curi iché. Cuçucui ce
— Meus netos, vocês vingarão me. Aqui estão meus

iuá chii u cema curi moytyma pe iupêca arama iché
braços d'elles sahirão (nascerão) plantas vocês vingarem para me

i u cuáo curi *muirápiranga* (1) pe muirapara arama,
d'elles apparecerão o páo vermelho de vocês arcos para,

*paracuyua* (2) pe hiua ruúma rama ; ce raíca chii i
o aparacuuba flecha gomo para ; meus nervos dos d'elles

u cuáo curi *envira* (3) pe muirapara chamarama ; ce cáua
apparecerão a embira de vocês do arco corda ; minha gordura

chii i u cuáo curi *nhiá* (4) pe mucyma arama pe mui-
da d'ella apparecerá a castanha vocês alisarem para de vocês

rapara hiua ruúma ; ce raua chii i u cuáo curi *curauá* (5)
do arco da flecha o gomo ; meus cabellos dos d'elle apparecerá o curauá

pe rhiua chamarama ; ce canguera etá i u cuáo curi
de vocês flecha corda ; meus ossos d'elles apparecerão

*taboca* (6) pe rhiua itapuá rama.
a taboca vocês flecha ponta para.

U monguetá pau ramé u canhema.
Aconselhar acabou quando perdeu-se (desapareceu).

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

O Yacurutu é cousa má. Antigamente foi um gigante assim como sua irmã. Estavam outr'ora os chefes Muras com os feiticeiros para fazerem perder-se o Yacurutu, porque, dizem, elle comia-lhes os filhos. Os feiticeiros fizeram

---

(1) É a *mimusops ballata*, que fornece madeira vermelha e muito forte e elastica.

(2) É a *paracuyba ou pracuuba* com que se faz o virote das flechas.

(3) É uma arvore da familia das Annonaceas, genero *Rollinia*.

(4) É a castanha do Pará, *Bertholetia excelsa*, com cujo oleo dos caroços envernisam os arcos para fortalecel-os.

(5) É a *bromelia variegata* cujas fibras são muito finas e fortes e empregadas nos amarrilhos das flechas.

(6) Graminea do genero *Bambusa* do colmo da qual fazem a ponta das flechas.

sahir o avô da tartaruga para a praia. Depois então o Yacurutu pisou o avô da tartaruga. Ficou com o pé preso. Fez força e pisou-o com o outro pé. Contam então que a tartaruga andou para o rio. Chamou a irmã.

— Traze aquelle páo para eu forcejar n'elle.

A irmã pegou no páo e ficou tambem presa.

Depois o avô da tartaruga os levou para o rio. Indo morrer, dizem, fallou :

— Meus netos, vocês me vingarão. Aqui estão meus braços. D'elles sahirão as plantas para vocês me vingarem. D'elles apparecerão o páo vermelho para os arcos, a paracuuba para gomo das flechas; dos meus nervos apparecerá a embira para cordas dos arcos; de minha gordura a castanha para alisar o gomo da flecha do arco; de meus cabellos, o curauá para cordas das flechas, e de meus ossos, as tabocas para pontas d'estas.

Quando acabou de aconselhar, desappareceu.

## UAÇÁ PIRACAÇARA IRIMAUÉ ARA [1]

### Uaçá o pescador primitivo

(VARIANTE DO RIO NEGRO)

Uaçá piracaçara irimaué ara u pinaitica i piná i iupicyca
Uaçá o pescador antigamente pescando seu anzol pegou-se

yurará manha arucanga opé, u munéu i py i iupicyca yurará
tartaruga mãe costellas na, metteu os pés pegou-se tartaruga

manha cupepe i py etá. Ariri u raçó paranã uaçu queté,
mãe costas na pés ambos. Depois foi rio grande pelo,

tomaçáua queté uatá, achii u iuire gapyra queté cenaua cùera
baixo para andou, depois subiu a cabeceira para o mesmo lugar

opé aap u purunguetá taira irumo.
no ahi conversou filho com.

Taira umbure putare aé ipy chii u pucuare tupaçama
O filho botar quiz elle fundo do amarrou a corda

cetemá cáun-era opé u cequy iuí queté, i quirimauaçaua ti
da perna ossos nos e puxou terra para, suas forças não

u cyca u muçaca arama i paia caun-era yurará manha cupé
chegaram arrancar para do pai o osso da mãe da tartaruga costas

chii. Taira u yereu uiráuaçu ramunha rama muçaca arama
das. O filho virou-se de gavião avô para, arrancar para

umbure putare i paia yurará manha cupé chii i quirimauçaua
botar quiz o pai mãe da tartaruga costas das forças

ti u cyca u muçaca arama i paia caun-era yurará manha
não chegaram arrancar para do pai o osso tartaruga mãe

cupé chii. Aramé ana i paia aitá u muçaca i chii i caunera
certos das. Então já o pae d'elles arrancou de si do osso

sahica u meeng etá çupé, u nheen aetá çupé:
o tendão deu a elles, e disse- lhes:

— Quaá opé curi pe iupica iché amo ara opé ce raira
— Isto com Vocês vingarão me algum dia em meus

---

[1] Por *arimbaé*.

etá, aeana cha canhema pe chii, cha puitá curi amo ara opé
filhos, já me perco vocês de, ficarei algum dia

ararangaua rama.
modelo para.

Uaçá rahica u yereu curauá rama, i caun-era u yereu
De uaçá os tendões viraram-se curauá para, seus ossos viraram-se

paracuyba rama, ce chii curi u cema u ponhê maan i pupé uaá
paracuyba para, mim de sahirão todas as cousas com que

curi pupé pe iupyca iché amô ara opé.
com vossês vingarão me algum dia em.

---

## TRADUCÇÃO DA LENDA ANTECEDENTE

O pescador Uaçá, antigamente, estava pescando e o anzol pegou-se na costellas da mãe da tartaruga, e mettendo os pés ficaram ambos pegados nas costas d'ella. Depois foi pelo rio grande abaixo (o Amazonas) mas subio para o mesmo lugar da cabeceira e ahi conversou com o filho [1]. O filho quiz tiral-o do fundo e amarrou uma corda no osso da perna e puxou para terra, mas suas forças não chegaram para arrancar os ossos do pae das costas da mãe da tartaruga.

O filho virou-se no avô do gavião, para arrancar os ossos do pae das costas da mãe da tartaruga, porém as forças não chegaram.

Então o pae arrancou de si um osso e um tendão e deu-lhes dizendo: « Vocês com isto me vingarão algum dia, meus filhos; separo-me de vocês, mas ficarei de modelo para sempre » [2].

---

[1] Levando a tartaruga o pescador, os peixes o foram comendo de maneira que quando chegou ao lugar onde estavam os filhos só existiam d'elle os ossos e os tendões.

[2] D'esse pescador sahiram as plantas que dão o material com que os tapuyos fabricam os arcos e as flechas com que matam os peixes, que comeram o pae de *Uaçá*.

# CANTIGAS

As cantigas que aqui apresento não são mais do que fragmentos de tantas que se perderam com o correr dos annos e que o pouco interesse que sempre se ligou a cousas semelhantes fez com que cahissem, umas no esquecimento, e outras desaparecessem completamente.

Hoje ninguem mais se lembra do *yiuá mo uauaka* (1) a não ser algum velho, raro, maior de 80 annos, como os meus velhos amigos Manoel Urbano da Encarnação e Benedicto, o pagé do Yanauaká.

São reminiscencias do tempo colonial, em que se não ouvia senão a lingua geral, hoje quasi não fallada, a não ser pelos velhos nos sertões: por feliz me considero por ter podido ouvir e colher aqui e alli, outr'ora e hoje, com grande custo, essas reliquias que se vão perdendo.

Quando outr'ora nos centros populosos, nas fabricas do Governo da Metropole, ou pelos sitios, se reuniam á noute os visinhos, então, todos tapuyos ou indios, fallando uma só lingua, a lingua patria, o *poracé* (2) se formava, o *toré* (3) estrugia, e ao correr do *kachiry,* (4) a *ñeengareçaua* (5) echoava em torno.

Quando pelo *ayuri,* (6) se formava o *putirum* (7) nos sitios, as differentes familias se reuniam, e, como era costume, passavam as mulheres o dia em torno das montarias descascando e preparando a mandioca puba (8) para o fabrico da farinha d'agua e, á noute, batendo o algodão para tecelagem. Era então que alegravam esse trabalho as cantigas em desafio.

Nos poracés, ao som do toré e depois do *tamborinho,* se ouvia a *moacema,*

---

(1) Tinham esse nome as dansas tapuyas. *Yiuá mo uauaka* significa fazer (*mó*) revirar (*uauaka*) os braços (*yiuá* ou *yibá*). D'ahi veio, por abreviatura, o nome de *chiba* usado pelos caipiras do sul, que é, como diz o Sr. Silvio Romero, « a funcção popular em que ao som da viola, do pandeiro e de improvisos ama-se, dansa-se e bebe-se. » O yibá passou a jibá e a chibá pelo costume portuguez de mudar o *v* para *b* e pela quéda natural do som de *j* para *ch*, e como, naturalmente, o portuguez tende a abreviar as syllabas finaes longas, da lingua geral passou a *chiba*, que ainda hoje é usado no interior do Rio de Janeiro, como o *kateretê* o é em Minas Geraes. Este deriva-se de *katú* bom; e *etê* verdadeiro, o que é verdadeiramente bom.

(2) A dansa.

(3) Que Gonçalves Dias corrompeu em *borê*, a corneta.

(4) Bebida enebriante feita de mandioca.

(5) A cantiga.

(6) Convite.

(7) Reunião de amigos para trabalho em commum.

(8) Amollecida n'agua.

outras dansas em que o cantor arremedava a voz, e simulava os movimentos dos animaes. Hoje tudo se perdeo. Nada mais disso se vê. A mocidade, mesmo, não conhece essas cantigas, porque o tapuyo dansa quadrilhas francezas e schottish e toca rabeca ou sanfona.

O mesmo *lundu*, que serviu de transição, não mais se vê, e a lingua, que nunca se devia esquecer, essa já se não falla, porque é vergonhoso, e cada vez mais corrompida vae desaparecendo. O proprio tapuyo desapparece a olhos vistos, e dentro em pouco a propria côr local Amazonense se perderá, com os costumes exoticos e heterogeneos, que têm invadido o territorio á custa do suor e da vida dos indigenas.

O *makuru* desappareceu, e as cantigas que embalavam as crianças, tiradas da natureza que as cercava, foram substituidas pelo Carnaval de Veneza e pela Maria Angú. A caixa de musica e o realejo mataram o canto e quebraram os instrumentos patrios.

Do

Quiá, quiá baradá
Paraty madá madá

que se ouvia dos Manáos já o mesmo echo se sumio no silencio tumular.

O que resiste ao tempo e ainda se vê é o elemento africano fundido no nacional. Pelos sitios do interior da Provincia, por occasião de alguma festa religiosa, forma-se o *jongo* ou *batuque* com o *gambá* e o *krakachá*. As posições, os movimentos da dansa e as modulações do canto menos vivo e estrepitoso do que entre os negros, são comtudo acompanhadas pela mesma musica. O tapuyo pelo seu caracter triste e molleza natural modificou a mimica erotica e o bambolear do corpo, que o negro imprime com fogo nas suas dansas e acceitou apenas a musica, porque ruidosa e monotona quadrava com seus usos e recorda o seu antigo *torokaná* [1]. O *Karimbó* é o *gambá*, tambor africano, que se toca com os dedos das mãos e o *krakachá* ou *kanzá* do Sul, colmo de taquara dentado sobre o qual se passa um pontalete, que produz o som que parece mesmo dizer *krakachá, krakachá*, são instrumentos puramente africanos mas que o indigena acceitou. O que não quiz foi a *kissanga*, o *urukungo* e a *marimba*.

A viola portugueza, acceita no Sul, no Amazonas foi rejeitada. As violas do Sul que cantam, gemem e lamentam, mas que brejeiro *cavaquinho* alegra, no *canto chorado*, acompanhando os versos em desafio, dos kateretés de Minas Geraes e S. Paulo que o viandante gosta de ouvir, não se comparam ao batuque do indio. N'aquelle a alegria, a vivacidade, o espirito, n'este a indolencia, a monotonia e a tristeza; entretanto quasi sempre os convivas quer no N. quer no S. são de raças cruzadas entre indio e africano. Differença de clima e educação.

---

[1] Palavra que aportuguezaram em *trocano*.

Aqui registro, pois, algumas amostras da poesia selvagem, antiga, com aquelle cunho infantil, que lhes inspiraram a natureza e a observação. Umas são fructos silvestres nascidos nas brenhas, outras já se resentem de alguma cultura.

As vetustas *cantigas do toré*, da *manyua* (1), do *tamborinho*, do *makuru* e outras, vão aqui representadas completas, tanto quanto puderam resistir á acção do tempo (mais de um seculo) ao esquecimento da velhice, que raramente as conserva, e ao meio em que hoje vivem, como se fossem plantas exoticas definhando aos poucos para morrer.

A natureza viva do valle do Amazonas serve de motivo a esses cantares, nos quaes n'um estribilho, em côro, todos repetem o nome do vivente, escolhido, n'uma toada que se prolonga n'um *smorzando* de notas tristes. Eram esses os canticos de alegria, dos bailaricos familiares, porque havia, tambem, os das suas tristezas, os *yerokys* que recordavam a dor curtida, as saudades do lar, e os dias da liberdade perdidos. Esses não se revelam mais ao curioso; só se ouvem por excepção ás occultas, quando o indio pensa estar só com os seus pensamentos e lembra-se das façanhas guerreiras. Bem disse Moke, na sua *Historia dos Povos Americanos*: « Sa musique n'a que des accents plaintifs ou des cris furieux, sa danse que des mouvements monotones ou des pantomines véhémentes. »

Os cantos com que outr'ora acompanhavam o morto á sepultura desappareceram, e só entre os selvagens ainda são uzados. O *Membychió* como a *Kena*, Peruana, encostado ás arvores da floresta, foi consumido pelo tempo porque o tapuyo (2) já não chora, já o não sabe fazer, porque já não tem lagrimas, nem para os que morrem e lhe são caros.

A indifferença se apossou d'elle. Cito um só facto. Em Março de 1884, descendo ao porto da casa que provisoriamente servia de Muzeu, em Manáos, achei ahi encostada uma igarité com uma familia de tapuyos. O marido sob a tolda, magro, cadaverico e gravemente enfermo; a mulher, com uma filhinha, forte e robusta. No dia seguinte a igarité tinha desapparecido. Passando dous dias depois, pela manhã por um sitio, no caminho da cidade, encontrei-me com a mulher que fresca e risonha se dirigia para o porto com uma kuiambuka. Perguntando eu pelo marido, respondeu-me com maior indifferença:

— *Aé kué!* (3)

(1) *Many*, mandioca, *yba*, arvore, donde vem *Maniva*, no Amazonas, pela substituição do *u* pelo *v* da pronuncia portugueza.

(2) O termo tapuyo, que significa o indio civilisado, o cabano, de *tapuia*, a choupana, a cabana, e não *tapyia*, o selvagem, o contrario, vae desaparecendo, substituido pelo de *caboclo*, e pelo de *bugre* que não era usado. Isso é devido á immigração cearense, que muito tem modificado os costumes amazonenses.

Admirei-me de achar entre os selvagens Crichanás, que fallam um dialecto todo differente, o termo *itapui*, com a mesma significação de choupana.

(3) Corruptella de *ikó aé*, está elle. Esta phraze mesmo em portuguez é empregada por *está ahi*.

= Está melhor?

— *Timaã! U manu uana uihy koema irumo.* Não. Morreu hoje de manhã.

Olhei para o interior da casa, e pela porta vi sobre uma meza coberto por um lençol o cadaver do marido, para o qual a tapuya me apontava.

— Não choras? Não sentes a sua morte?

Respondeu-me então com ar tristonho:

— *Yanê anga yma uana, tapuya cetê pira nhô ana.*

— Nós já não temos alma, os tapuyos só têm corpo.

É triste ver sem alma os descendentes de uma raça briosa e ver, tambem, que foi ella arrancada pela civilisação!...

É triste!

# CANTIGAS DO ÇAIRE

Tratando do canto e da dansa dos selvicolas, do Amazonas, tive occasião de descrever o Çairé, pelo que reproduzo aqui o que então disse (1) e que mereceu ser transcripto em francez, pelo illustrado Dr. Sant'Anna Nery (2).

Além da dansa e do canto festivo têm os tapuyos no dia de alguma festa religiosa, como a de S. Thomé (3), S. João (4), ou Santo Antonio (5), Santa Rita (6), um canto, antes uma saudação religiosa, introduzida n'estas festas pelos missionarios e chamada *Çairé* ou *Turyua*.

Esta é uma especie de procissão de mulheres em que carregam o instrumento que tem o mesmo nome de *çairé*. Não faz por si a festa, mas, como disse, entra como uma saudação. A procissão dirige-se á Igreja, á casa do Juiz da festa, á do Vigario, etc., e ahi as palavras da saudação não são as mesmas e sim proprias a quem se dirigem.

A palavra *çairé* deriva-se de *çai* e *erè*, « salve ! tú o dizes » ou saudação e *turyua*, significa alegria.

Por mais de uma vez assisti ao *Çairé* e n'elle tomei parte, sempre vindo elle saudar-me, no dia de alguma festa. A primeira vez quando festejavam Santo Antonio, na povoação do Ererê, a segunda em Santarem, quando festejavam S. João, a terceira no lago José-assú, em Villa Bella, em uma casa em que festejava-se a Senhora da Saude e a quarta pela festa de Santa Rita em Moura, no Rio Negro.

O instrumento denominado *çairé* é um semi-circulo de madeira de 1m,40 de diametro, contendo dentro dois outros menores, collocados um a par do outro, sobre o diametro do maior. Da união dos dois parte um raio do

---

(1) *Revista Brazileira*. Tom. IX, 1881, pag. 56.

(2) *Les aborigènes du Brésil* (Revue du Monde latin). Vol. I, pag. 89, e no *Pays des Amazones*, pag. 268.

(3) No Solimões.

(4) Em Santarem.

(5) No Ereré.

(6) No Rio Negro.

grande, que, excedendo a circumferencia, ahi fórma uma cruz. Os menores têm tambem o seu raio perpendicular ao diametro commum rematados em cruz. Estes arcos são envolvidos por algodão batido, enleiado por fitas, e enfeitados com espelhinhos, doces, fructas, etc. Da cruz do raio maior parte uma longa fita.

Este instrumento, inventado pelos missionarios para perpetuar e firmar mais a religião entre os indios, tem uma significação biblica. O *çairé* perpetua o diluvio e as tres pessoas da SS. Trindade, creio eu e assim explico: O arco significa a arca de Noé, os espelhos a luz, os biscoutos e fructas a abundancia que havia na mesma arca, o algodão e o tamborinho a espuma e o ruido das aguas, o movimento dado ao *çairé*, o balouçar da mesma arca, e e as tres cruzes, sendo a superior maior, as tres pessoas distinctas da SS. Trindade, e um só Deus verdadeiro, representado pela cruz maior e mais elevada.

O espirito religioso que presidiu á confecção do instrumento perpetua-se até hoje com fiel devoção e crença, mas já profanado pela civilisação, que introduziu n'elle a orgia, pelo que a autoridade ecclesiastica tem prohibido o seu uso. Servindo hoje para, pela oração, porem-se bem com Deus, é motivo para regalarem-se com as mulheres, no meio da embriaguez. Em geral, todo o indio bebe, porque a primeira palavra da cartilha do regatão que civiliza o gentio, é a frasqueira de cachaça que desembarca ante elle. Pela embriaguez consegue tudo.

Quando festeja-se algum santo, por alguma promessa, levantam em casa um altar, onde collocam a imagem milagrosa, aos pés da qual fica o *çairé*. Preparam junto á casa uma grande *ramada*, isto é, uma grande palhoça, onde é servido o jantar aos convidados e fazem-se as dansas. Dias antes da festa preparam grande quantidade de *tarubá* ou *mukururú*, que é a alma da festa. Si a ladainha, que sempre acompanha estas promessas, é feita na Igreja, o *çairé* sáe de casa, em procissão, e se dirige para o templo.

A ordem da procissão é a seguinte:

Abre a marcha um tapuyo, levando uma bandeira branca onde a imagem do santo festejado é pintada; logo após a *Çairé* carregado por tres tapuyas velhas, que o suspendem pelo diametro, seguindo-se atraz d'ellas uma moça segurando a ponta da fita que parte da cruz superior. Ao lado d'esta vae outra moça, levando debaixo do braço um tamborinho, cuja vaqueta é enfeitada de fitas de diversas côres. Segue atraz o mulherio vestido á *bandarra*, isto é, com trages de festa e de folia; camisa de gola de renda, saia alva, tendo a *maneira* aberta para deixar ver um crivo da camisa por onde a carne transparece, flôres nos cabellos, e muito perfume de periperioca e pataquera. Em seguida vão os tapuyos fechando o prestito.

Durante o trajecto as velhas vão inclinando o *Çairé* ora para frente, ora para traz, e a moça da fita, saltando de um para outro lado, cadenciando o

movimento e os saltos, pela entoação do canto das tres *mestras*, cujo compasso é marcado por pancadas no tamborim. O canto é sempre pela lingua geral, e repetido em côro pelo mulherio.

Este é triste e monotono e sempre a lettra é sobre o motivo religioso. Assim em procissão vão saudar o juiz da festa e leval-o para a Igreja, assim como o vigario; depois da ladainha são levados para a ramada, onde serve-se o jantar. Durante este, emquanto os convivas regalam-se, as cinco mulheres, figuras obrigadas, rodeam a mesa, cantando e saudando os convivas. Findo o jantar, levam o vigario para casa precedido do *Çairé.*

Em Santarem, depois da ladainha, como eu era hospede na terra e estava relacionado com todos os tapuyos da aldeia, vieram á minha casa saudar-me com o *Çairé.* Então não pude comprehender a saudação que me faziam, porque começava a aprender o tupy. Mais tarde assisti no lago José Assú, no Amazonas, a uma festa, onde, durante o jantar que me serviram, estiveram as velhas atraz de mim, saudando-me com o mesmo *Çairé.* Depois do jantar dirigiram-se para o altar e ahi as mestras de joelhos, e as da fita e tamborinho, dansando e tocando, terminaram a festa, cujas dansas já duravam ha tres dias, com o seguinte canto, que pude tomar:

Purgatorio pora etá
Purgatorio existem

U potare ne moeçaua
Quero tuas rezas

Ce mué katu pahy
Me ensina bom padre

Añanga çupé uara.
Almas d'aquelles.

Upau ana tekó poranga
Acabou já vida bonita

U iqui tekó peçaçu
Entrou vida nova

Yané iara tekó recé
Nosso senhor vida pela

U mumbáu tekó poranga.
Acabou-se vida bonita.

Durante a festa as dansas duram dois ou tres dias, sem interrupção, de noite e de dia, acompanhadas de grandes libações.

O padre José Daniel, no seu Thesouro, descreve o *Çairé* como festa de meninos e meninas; a ser exacto o seu dizer, esta tradição perdeu-se, pois que no Amazonas hoje esta festa é privativa das mulheres e em geral velhas.

É o *Çairé* a ultima tradição do tempo das missões dos Padres de Jesus, que tão bons fructos deram e que tanto trabalharam em prol da liberdade e dos direitos dos indios contra o jugo do portuguez, que, não contente com a escravidão d'elles, ainda sacrificaram mais de dois milhões entre 1615 e 1652.

Agora darei aqui as lettras do Çairé, que se canta no Rio Negro, e que difficilmente pude tomar, porque ciosas são as mestras da sua cantiga. Junto encontrará o leitor a musica.

Antes de sahirem á rua, algumas vezes, persignam-se e benzem-se como vi em alguns logares.

IUMUÉ KURUÇÁ<br>
Rezar a cruz. (Persignar-se) [1]

*Santa kuruçá rangaua recé, ✠ oré pycerô Tuba yandé*<br>
Santa cruz signal pelo, ✠ tu livras Pae nosso

*Iara ✠ yandé ruañana etá çuhy ✠ Tupá, Taira, Cipiritu*<br>
Senhor ✠ nossos inimigos dos ✠ Deus, Filho, Espirito

*Santu rera popé ✠. Eré.*<br>
Santo nome em ✠. Assim seja.

Algumas vezes tambem rezam o

YANDÉ YARA<br>
Padre Nosso.

(SOLIMÕES — MANÀOS)

*Yandé Iara Tupana re ikó uaá iuaka opé ne rera yá*<br>
Nosso Senhor Deus tu estás que céo no teu nome nós

*moité yá ikó. Re mehê yandé arama iuaka mamé rikó,*<br>
glorificamos nos estamos. Tu dás nós para céo onde estás,

*ne remutara yá muñã yá ikó iké iui pe. Re mehê kuá*<br>
tua vontade nós fazendo nós estamos aqui terra na. Tu dás este

*ara yandé remiû arama ne remiû chiuara. Re mehê ne*<br>
dia nossa comida para tua comida de cada dia. Tu dás teu

*pêá chii yandé angaipaua çupé, mahi yá mehê yá iiron etá*<br>
coração do nós peccadores á, como nós damos nossos perdões

---

(1) Este Signal da Cruz, approxima-se dos que dão os Padres Antonio d'Araujo, no seu *Cathecismo brazilico*, e Bettendorf, antigo missionario no Amazonas, que é o seguinte:

« *Santa Cruz rãangaba recé, oré pycyrõ iepé Tupã ore iar, oré amotarẽymbara çui Tupã, Iãyra, Espirito Santo rèra pupé. Amen Jesus.* » Pela confrontação ver-se-ha bem a differença não só da orthographia como dos vocabulos empregados. Falta o *iepé;* o *ore* (nós outros) está substituido por *yandé* (nós todos) e o *amotareymbara* por *anhana;* o *aiang*, ou *añã*, *anhã*, do abaneenga. O signal da Cruz Amazonense diz, livra-nos das *almas más*, ou do inimigo ou demonio, emquanto que os dos Padres é claro, que refere-se aos inimigos em geral, « dos que *nos querem mal.* »

*çupé inti uaá u muñã maá katu yandé arama. Timaã*
para não aquelles fazem cousa boa (bem) nós para. Não

*re chare yandé Iara, yá muñã maa pochi aitá irumo. Re*
deixas nosso Senhor, nós fazermos cousas feias para. Tu

*pycirô yané upáin maá pochi chii. Eré !*
livra nos todos cousa feia de. Assim seja !

QUANDO ANDAM TIRANDO ESMOLAS.

Yá iure Tupana *paratu* irumo yá
Nós vimos Deus prato com nós

iuôca çaiçupaua yá meen arama mira
tirarmos esmolas nós damos para o povo

etá remiú.
comer.

Nós vimos com Deus no prato tirar esmolas para dar de comer ao povo.

PELA RUA.

Yá icó catu arauira opé
Nós estamos bem mundo no

Maá meté catu iuaca opé
Que dirá bem céo no

Tupana ruaqui.
Deus ao pé.

Estamos bem no mundo que dirá no céo ao pé de Deus.

Uerá uerá catu São João
Resplandece bem S. João

Yané *juiz* renondé
Nosso juiz adiante

Santa Maria cunhan puranga
Santa Maria mulher bonita

*Anjo* putêra e ipó popé.
Anjo flor mão na.

Adiante do nosso juiz resplandece bem S. João e Santa Maria, mulher formosa com uma flor angelica na mão.

Putêra puranga mahy aé
A flor bonita como ella

anjo iuaca roquena apé.
anjo céo porta na.

A flor é bonita como a do anjo que está na porta do céo.

### AO CHEGAR Á CASA DA JUIZA.

Me dê licença Senhora Juiza
Me dê licença Senhora Juiza

Chá u ique putare ne ruca opé.
Eu entrar quero tua casa em.

### PERANTE O ALTAR.

Yá muçain muçain putêra
Nós espalhamos flores

*Oratorio* ara rupi
Oratorio cima por

Yané Iara Tupana
Nosso Senhor Deus

Uapecaua pupé
Assentado no.

Nós espalhamos flores no oratorio em que está assentado Deus Nosso Senhor.

Mamé taa yané Iara?
Onde que nosso Senhor?

Michucui i *trono* opé,
Lá está seu trono no,

*Peccador* etá çuhy.
Peccadores dos.

Onde está nosso Senhor?
Lá está no seu trono separado dos peccadores.

### NA MESA DO JANTAR.

Yá muçain muçain putêra.
Nós espalhamos flores.

São Simão renondé. [1]
São Simão adiante.

Iuaca çuhy ure
Céo do veio

Pecaçu tinga
Pomba branca

Oiupue yandé.
Dar de comer nós.

Espalhamos flores ante S. Simão. Do céo veio uma pomba branca nos dar de comer.

---

[1] É crença que S. Simão é quem põe a mesa do jantar.

AO SAHIR PARA A RUA.

Me dê licença Senhora juiza
Me dê licença Senhora juiza

Cha cema putare ne ruca çuhy
Eu sahir quero tua casa de

NA RUA.

Pecaçu tinga [1] u uié
Pomba branca desceu

U rure meapé yuru pé
Trazendo biscouto bocca na

Yané Iara Tupana renondé,
Nosso Senhor Deus adiante,

Yané Iara Tupana renondé.
Nosso Senhor Deus adiante.

Adiante de Deus Nosso Senhor desceu a Pomba branca trazendo um biscouto no bico.

Uerá uerá yandé çairé
Brilhando nosso çairé

Ocara uaçu rupi
Rua grande pela

Yané Iara renondé
Nosso Senhor adiante

Yané Iara Tupana çupé.
Nosso Senhor Deus por

Com Deus Nosso Senhor adiante, e por Deus, Nosso Senhor, vamos com nosso çairé brilhando pela rua.

Senhor São João
Cha putare maá
Eu queria

Ce rera arama
Meu nome para

Yané Iara Tupan rera
Nosso Senhor Deus nome

Senhor S. João eu queria ter o teu nome ou o de Deus Nosso Senhor.

Re pirare ne ruquena Senhor S. Pedro
Tu abres tua porta Senhor S. Pedro

Cha iumué putare ce anga çupé
Eu rezar quero minha alma pela

Abri a vossa porta Senhor S. Pedro que eu quero rezar pela minha alma.

---

(1) O Espirito Santo.

DE MADRUGADA NO FIM DA FESTA

| | |
|---|---|
| Auiana re achiú pitangué<br>Basta chorar criança<br><br>Yá çu ana re amunhaçuca (1).<br>Nós vamos te banhar. | Basta de chorar menino, que já vamos te banhar. |

Do Çairé, de Santarem só consegui a seguinte quradra:

Santa Magdalena, *arimbaé*, (2)
Santa Magdalena antigamente

U mucá meen yané Iara ruuy.
Mostrou o sangue de Nosso Senhor.

Santa Maria, arimbaé,
Santa Maria antigamente

U i nungatu yané Iara ruuy.
Guardou o sangue de Nosso Senhor.

Outra versão tambem colhi em Parentins, antiga Villa Bella da Imperatriz, que é a seguinte:

| | |
|---|---|
| S. Francisco, S. Miguel<br>Curumi açu poranga<br>Mocetão bonito<br><br>U erecó i *balança* i pópe,<br>Estão sua balança na mão,<br><br>Iané anga *pesarçara*<br>Nossa alma o que pesa<br><br>Angaturama *pesarçara*<br>Alma boa o que pesa<br><br>Carai uéué angaturama.<br>Anjo espirito bom. | S. Francisco e S. Miguel são mocetões bonitos e são elles que pesam as nossas almas. Quem pesa as boas almas são anjos e bons espiritos. |

(1) É costume ao alvorecer do dia de S. João banhar-se a população, nas aguas do rio, com hervas aromaticas, afim de remoçar e gozar saude.

(2) *Arimbaé*, que outros pronunciam *arimbáe*, é o puro *arymbaé*, abaneenga, que corresponde ao *cochiyma* do Amazonas, significando *outr'ora*, pela *creação do mundo*, porque para o tempo passado, mas não remoto, existe o vocabulo *cuera*, *aquera*, no Pará, o *cuer* abaneenga.

# CANTIGAS DO MAKURU (1)

## I

### Ae coé coé

Aé coé coé! (2)
Ahí está está!

Cha manu ramé curi
Eu morrer quando

Ce mombure caá piterpe,
Me ponham matto no meio

Ae coé coé tatu-açu (3)
Ahi está está o tatu grande

Ce utemaçara arama
Meu coveiro para;

Ae coé coé urubutinga (4)
Ahi está está o urubu branco

Ce pahy *vigario* arama,
Meu padre vigario para;

Aé coé coé yapacani (5)
Ahi está está o yapacani

Ce anga raçuçara.
Minha alma guia.

Quando eu morrer me ponham no meio do matto que ahi está o tatu grande para meu coveiro, o urubu branco para padre e o yapacani para guia de minha alma.

(Rio Solimões).

---

(1) Makuru é o berço do indio.
São duas rodellas de cipó unidas uma á outra por cordeis, cobertas de algodão, formando como que um cesto, que é suspenso a um caibro da casa por uma corda, ficando distante da terra só a altura necessaria para que a criança mettida n'ella possa tocar com os pés o chão, e assim pelo movimento das pernas por si se embalar.

(2) É uma contracção do *ikó aé*, está elle.

(3) É o *Dasypus gigas*, conhecido no Sul por *tatu canastra*. Acreditam alguns que as terras que se desmoronam pelas margens do Amazonas, é elle que as atira. Para alguns é um animal encantado.

(4) É o *Sarcoramphus papa*, o urubu rei. ou *iribu rubichab* dos Guaranis. Acreditam alguns que a flecha implumada com as suas pennas, nunca èrra o alvo.

(5) É o *Haliactus melanoleucus*, Vieille, gavião, que anda pelo verão sempre muito alto, subindo ás nuvens verticalmente e descendo da mesma fórma, pronunciando no seu canto o nome pelo qual é conhecido.
Os Guaranis o chamam *Yupacani*.
É a elle que se refere S.ta Rita Durão quando na estrophe XXXVI do seu *Caramuru* diz

Uma ave entre outras ha que se discorre,
Ou fama certa seja ou voz fingida.
Que do jardim a nós, de nós lá corre
Como fiel correio da outra vida;
Dizem que vôa, quando algum lá morre
E exprime no seu canto enternecida
O que a alma passa nas eternidades
E que nos leva e traz doces saudades.

## II

### Acutipuru (1)

Acutipuru re puru
Acutipuru tu emprestas

Ne ré pocêi cuá taira çupé
O teu somno este filho á

Inti u quire putaré
Não dormir quer

Re puru uquir arama.
Tu emprestas dormir para.

Acutipuru tu me emprestas o teu somno para este filho que não quer dormir.

(Parentins).

## III

### Murucututu (2)

Murucututu u mumure
Murucututu bota.

Mocoin rupiá
Dous ovos

Yepé ce manhã çupé
Um mamãe para

Amu ce paia çupé.
Outro papae para.

Murucututu bota dous ovos um para mamãe outro para papae.

(Manáos).

## IV

### Arapaçu

Arapaçu (3) porauquê icó u çaçaua yepé apegáua *carapina*
O picapáo trabalhando estava passou um homem carapina

u iuire:
tambem:

— Oh! Camarará?
— Oh! Camarada.

---

(1) É um roedor do genero *Sciurus*, que comprehende varias especies conhecidas no Sul por Caxinguelês. Acreditam ser um animal encantado, donde o nome de *cutia emprestada* (acuti, puru).

(2) É uma rapace nocturna, a *Strix Macurutu*, Vieill, que cantá nas immediações das casas, e que é tida por agoureira.

(3) Refere-se este conto ao *Picus ruficeps*, que faz grande barulho, com o bico, martellando os páos seccos, onde nos buracos se aninha. Arapaçu é corruptella de *guirá*, ou *uirá*, passaro, *pan*, bater, *huçog*, aquelle que fura, isto é, passaro que fura batendo.

— Oh! Camarará! Maá taá re munhan, arapaçu?
— Oh! Camarada! O que tu fazes picapáo?

= Maá mo taá? Cha monhan *carapina* cha icó.
— O faço que? Eu fazendo carapina eu sou.

(*D'aqui então cantam*):

« Arami re munhan munhan
Então tu fazes fazes (faz depressa)

Ce apecaua, arapaçu,
Meu banco, picapáo,

Cha cuáo arama
Eu saber para

Carapina indé. »
Carapina tu.

(Rio Branco).

## TRADUCÇÃO LITTERAL

Estava um picapáo trabalhando e passou um carpinteiro:

— Oh! Camarada! = Oh! camarada! O que fazes picapáo?

— O que eu faço? Faço o que sou, carpinteiro. — Então faz depressa meu banco, picapáo, para eu saber se és carpinteiro.

## V

### Antianti

Antianti [1] piracaçara,
A gaivota é pescadora,

Yeréua [2] yacumá êua,
O gereua piloto,

Ariramba [3] timiu monhangara
A ariramba cozinheira

Sorimáo remeêua rupi.
Solimões margens das.

A gaivota é a pescadora, o gereua piloto e a ariramba a cozinheira das margens do Solimões.

(Rio Branco).

(1) É uma palmipede do genero *Larus*, que habita as praias, onde em uma pequena cova deposita dous ou tres ovos, azulados e pintados de pardo. O nome *antianti* é uma onomatopeia do seu canto.

(2) Especie de gavião preto que vive pelas margens dos rios.

(3) É o *Alcedo viridis* do Amazonas; anda pelas margens onde em covas se aninha.

## VI

### Cuti, Cuti

Cuti, cuti! — Um! Um!... yauáo...
A cutia, a cutia! Um! Um! fugio...

Panapaná! — Um! Um! yauáo.
A borboleta! — Um! um! fugio...

Arapari, yurará remiú,
O arapary tartaruga comida,

Chapô-chapô pirapitinga ([1]) rimíu
Chapô-chapô, peixe de pelle branca comida.

(Rio Negro).

## VII

### Andirá

Andirá yurupari,
O morcego é o demonio

Umucu ce ratá;
Apagou meu fogo;

Cururu mirá catu,
O sapo é gente boa

U mundeca ce ratá ([2])
Accendeu meu fogo.

(Parentins).

## VIII

### Yapuruchità ([3])

Mamé taá ne rapé?
Onde é teu caminho?

Murumuru muirá rupi
Murumuru páo pelo

Ce rapé.
Meu caminho.

(Manáos).

Maá rupi ne rapé?
Por onde teu caminho

Quá taina arupi uatá.
Este menino por elle andar.

(Silves).

---

([1]) Peixe branco.

([2]) Por uma apocope dizem *ce ratá* em vez de *ce ratatá*.

([3]) É o nome que dão aos molluscos palludosos do genero *Ampullaria*.

## IX

### Yacurutu (¹)

Yacurutu re puru ne repocé.
Yacurutu tu emprestas teu somno

Taina pitanga u quire arama.
Filho pequenino dormir para.

(Todo valle do Amazonas).

## X

### Yapacany

Yapacany uirá uassú poranga
Yapacanim passaro grande (gavião) bonito

Re uapêca muirá racanga recé,
Tu pousas galho no.

Yapacanim, yapacanim, yapacanim!
Yapacanim, yapacanim, yapacanim!

(Rio Purus).

## XI

### Çururina

Çururina (²) re munguera (³) ne membyra
Sururina tu fazes dormir tua filha

Yá çu arama yá mundá maniaca
Nós irmos para roubar mandioca

(Villa Bella).

---

(¹) Nome da coruja *Strix nacurutu*, Vieill.

(²) Corruptella de *çurury*, conhecida tambem por *inambu añanga*, gallinaceo das capoeiras que, sobretudo, nas noites de luar, com seu piar triste, marca as horas.

(³) Corruptella de *mbokêr* ou *mokêr*.

## XII

### Tracayà

I pinipinima ne cupé
São pintadinhas as tuas costas,

Tracayá,
Tracajá

Boia ussu raira ra paá recó.
Cobra grande filha tu dizem, és.

(Silves).

## XIII

### Maracuyà [1] putyra

Mimica [2] uachió icó
A menina chorando está

Murucuyá putyra recé u putare. (*bis*)
Do maracujá a flor por querer

Ná! ná! ná!...

Maa recé mimica uachió?
Porque a menina chora?

U putare maracuyá putyra recé. (*bis*)
Querer do maracujá a flor por.

Ná! ná! ná!...

(Tocantins).

## XIV

— Murucututu ne ***manha*** ne renõe.
— Murucututu tua mãe te chama.

— Puité munhan çe nupan putare recé.
— Está mentindo me dar pancada quer ella.

(Villa Bella).

---

(1) *Morocuyá*, vulgarmente *maracujá*, é passiflora.
(2) Tratamento carinhoso ás crianças.

## XV

Maa recé taá pitanga uachió? (*bis*)
Porque que a criança chora?

Tucumã aquira u are i acanga opé. (*bis*)
Tucumã verde cahiu d'ella cabeça na.

(Manáos).

## XVI

Gapira uara ne paia, nunu, (*bis*)
Da cabeceira é morador teu pae, criança,

Uaracapury rapichara, nunu? (*bis*)
O uaracapury (1) como o, criança?

(Manáos).

## XVII

Yapuruchitá (2) maá ropi taá ne rapé?
Japuruchitá onde é teu caminho?

Aiqué racu muirá açu uira rupi.
Ahi está páo grande debaixo por.

(Manáos).

---

(1) *Uarakapury* é um peixinho que vive pelas cabeceiras dos igarapés.
(2) É um caracol, o *Bulimus*.

## CANTIGAS DO TORÉ

### I

**Uirà iu uirà**

Ce paia ce mombure,
Meu pai me botou,

Uirá iu uirá,
Passarinho pa-passarinho

U açahy racapé,
Uassahy grello no,

Uirá iu uirá,
Passarinho pa passarinho

Ne recé arama,
Teu respeito por,

Uirá iu uirá.
Passarinho pa-passarinho.

= Mamé uara taá indé,
Donde natural que tu,

Uirá iu uirá?
Passarinho pa-passarinho?

— Apecatu ce retama,
Longe a minha terra,

Uirá iu uirá,
Passarinho pa-passarinho,

Maracati u canhema,
O navio se perdeu,

Uirá iu uirá,
Passarinho pa-passarinho,

Ne quiaua ariru,
Teus pentes carregado,

Uirá iu uirá.
Passarinho pa-passarinhc

## II

### Pirá uauáo [1]

— Maá pirá taá indé?
— Que peixe que tu?

= Pirá uauáo.
– Espadarte

— Indé, cerá Surubi?
Tu serás Surubim

= Pirá uauáo.
Espadarte.

— Yá mui i *taparé*, [2]
Nós rasgamos d'elle a tapagem

= Pirá uauáo
Espadarte

— Coema renondé,
— Amanhecer antes de

= Pirá uauáo.
Espadarte

— Ce *tamura* [3] yeropáry.
Meu tambor o demonio

Pirá uauáo.
Espadarte.

Ne renõeçara pochi,
Tua tromba é feia

Pirá uauáo
Espadarte.

Que peixe és?
Espadarte.
Tu serás Surubim?
Espadarte.
A tapagem delle rasgamos,
Espadarte,
Antes de amanhecer,
Espadarte.
O demonio é meu tambor,
Espadarte;
Tua tromba é feia,
Espadarte.

## III

### Uacará

Cu çu cui cha icó,
Aqui está eu estou (Eu aqui estou)

Uacará,

---

[1] É o plagiostomo, conhecido tambem por *peixe serra*, *quimyuci*, os Guaranys denominavam *Piraguaguá*, o *Pristis araguagua*, ou *antiquorum* de Lath. Aqui neste vocabulo vê-se bem a addição do *g* dos Castelhanos.

[2—3] Nomes portuguezes tupinisados.

Re roca pupé,
Tua casa na,

Uacará,

Mamé taá icó,
Onde que estás;

Uacará?

Re umbeú cha cenõe,
Tu contas eu ouvir,

Uacará?

Indé cerá iqué uara,
Tu d'aqui filho

Uacará?

Cha çu ana ne suhy,
Eu vou me embora ti de,

Uacará,

Ce retama queté,
Minha terra para,

Uacará.

Mamé taá ne retama,
Onde que tua terra,

Uacará?

Sorimáo queté ce retama,
Solimão para minha terra,

Uacará.

*Tomara* cha çu ne irumo,
Tomara ir tigo com,

Uacará,

Ne retama queté,
Tua terra para,

Uacará.

Maá arama taá reçó,
Que para que vás

Uacará?

Icatu u ricó,
Muito bem estás,

Uacará

Re puru ne pepó,
Emprestas tuas azas,

Uacará?

Cha ricó ce pepó,
Eu ter minha aza,

Uacará

Cha uéuéu arama,
Eu voar para,

Uacará

Ne racacuera,
De ti atraz,

Uacará.

## IV

### Tangará (1)

Cu çu cui, cha icó,
Eu aqui estou,

Tangará
Tangará

— Tangará uirá rama,
Tangará passaro em,

Uirá Tangará.
O passaro Tangará.

Marandu yerupári (2),
Mexeriqueiro (é o) demonio,

Tangará,
Tangará,

(1) São dentirostros do genero *Tanagra*.

(2) No Solimões alguns pronuciam *yerupári* e não yurupary.

Tangará uirá manha,
Tangará (do) passaro a mãe,

Uirá Tangará,
O passaro Tangará.

— Cha çu ana curi,
Vou me embora,

Tangará,
Tangará,

*Até* curi amo ara,
Até algum dia,

Tangará.
Tangará.

## V

**Tamuru-pará** (1)

(Rio Solimões)

— Yá munhã moracé,
Vamos dansar,

Tamuru-pará?
Tamuru-pará?

Cuchiima cha icó,
Ha muito tempo que estou,

Tamuru-pará,

Ne rocara pupé,
Teu terreiro no,

Tamuru-pará.

Cha cecare indé,
Eu procuro te,

Tamuru-pará.

(1) É a *Monassa nigrifrons*.

= Maá arama putare ichi,
Para que queres me,

Tamuru-pará ?

— Tupana recé catu,
Deus pelo amor

Tamuru-pará,

Re mehen ne anga iché,
Tu dás tua alma me,

Tamuru-pará ?

= Mamé taá ne anga icó,
Onde que tua alma está,

Tamuru-pará ?

— Ne *saia cuá* popé,
Tua saia cós no,

Tamuru-pará.

= Cuire cha meen ne anga,
= Agora eu dou tua alma

Tamuru-pará,

Maá recé re yururé
Porque tu pedistes

Tamuru-pará.

— Cha manu ramé curi,
— Eu morrer quando,

Tamuru-pará,

Re umbeú ce cui catu
Tu darás minhas lembranças,

Tamuru-pará.

Ce retama rupi,
Minha terra na,

Tamuru-pará.

## VI

### Pitamba uirá birá

Cariuá yerupári
O branco é o diabo

Pitamba uirá birá [1] ou
*Tamura uirá!* [2]

Umunhan maracati,
Faz navio

Pitamba uirá birá!

Uatá uatá arama,
Passeiar para

Pitamba uirá birá!

Paraná uassu rupi
Mar no

Pitamba uirá birá!

Tapyia a puchicatu,
O tapuyo é máo bem

Pitamba uirá birá!

U munhan igara miri,
Faz canoinha

Pitamba uirá birá!

Uatá uatá arama,
Passear para

Pitamba uirá birá!

Igarapé miri rupi
Riacho no,

Pitamba uirá birá!

---

(1) Estribilho dos Barés.
(2) Estribilho da versão dos tapuyos do Rio Negro.

# VII

**Tayaçu** (1)

Taua raca perpe, (2)
Aldeia ponta na

Tayaçu,
Porco

Murumuru (3) têpe, (4)
O murumurusal (está)

Tayaçu.
Porco.

Yauarité panema,
A onça infeliz

Tayaçu
Porco

Cha çu ne irumo,
Eu vou tigo com

Tayaçu,
Porco

Ne retama queté,
Tua terra para,

Tayaçu,
Porco.

Yure, yá (5) poracé,
Vem, nós dansarmos,

Tayaçu.
Porco.

Cuá nhu petuna,
Esta só noute,

Tayaçu.

Uirandé inti uana
Amanhã não já

Tayaçu.
Porco.

---

(1) É o *Queixada* do Sul, o *Dicotyles labiatus*.
(2) No Solimões dizem *a capêrpe* e não *acapêra* como no Rio Negro.
(3) É uma palmeira espinhosa de fructos amarellos, que os porcos comem, o *Astrocaryum murumuru*. Mart.
(4) No Solimões dizem *tipe* e não *teua* ou *tyba;* quando contrahem *tyba* com a preposição *pé*.
(5) Subentende-se aqui *çu*.

## VIII

### Carypira (1)

Carypira u iêre iêre u catu
O Carypira anda a roda bem

Paraná uaçu rupi,
Mar no

Carypira, carypira.

Cha ricó cerimbaua
Eu tenho criação

Ce cuicato (2) ra çu çara.
Minhas lembranças portadora

Carypira, carypira.

## IX

### Chundarauá (3)

— Cu çu cui, cha icó,
Eu aqui estou

Chundarauá.
Chundarauá.

= Mamé uara taá indé,
Donde natural que tu,

Chundarua ?
Chundarauá ?

Re umbúe cha cenôi,
Tu contas eu saber

Chundarauá.
Chundarauá.

(1) É um gavião, de côr pedrez, que se alimenta de peixe, pelo que anda sempre pelas margens dos rios ou esvoaçando sobre elles. No Pará com o nome de *Carapira*, ha uma outra especie com os mesmos costumes, porém preto. Os indios o tomam por um passaro encantado, que foi outr'ora um pescador, por isso quando ouvem o seu canto dizem logo: « é a alma de meu avô. »

(2) Por *ikó-katu*.

(3) É um bactracio do genero *Bufo*, que coaxa sempre pela vazante dos rios.

— Enti, cerá iqué uara,
Não, d'aqui natural

Chundarauá?
Chundarauá?

= Mauhe uara puchi catu
O Mauhe natural máo bem

Chundarauá,
Chundarauá,

= Petuna, ce ganane,
A noute me enganou,

Chundarauá,
Chundarauá,

Ce rure que rupi,
Me trouxe cá por,

Chundarauá.
Chundarauá.

Maá nhu cha muacê,
O que só eu sinto,

Chundarauá,
Chundarauá,

Cha ceare ce pepura,
Eu deixar minhas pegadas,

Chundarauá,
Chundarauá,

Ne rucara rupi,
Teu terreiro no,

Chundarauá.
Chundarauá.

## X

### Tamaquaré

— Yáputi ne maquyra,
Amarra tua rede

Támaquaré,
Tamaquaré.

Cha quire putare uana,
Eu dormir quero já,

Támaquaré.
Tamaquaré.

= Ure uana coema,
Vem já amanhecendo,

Támaquaré.
Tamaquaré.

Yá çu ana yá yaçuca,
Vamos nos banhar,

Támaquaré,
Tamaquaré.

Coema piranga renondé;
Alvorada antes,

Támaquaré,
Tamaquaré.

Yá munhan muracé,
Nós fazemos dansa,

Támaquaré,
Tamaquaré.

Cuá nhu petuna,
Está só noute,

Támaquaré.
Tamaquaré.

Orandé inti uana,
Amanhã não já,

Támaquaré,
Támaquaré.

## XI

**Tatuy** (1)

— Pe cecare chibeú,
Você procura minhoca,

Tatuy?
Tatuy?

---

(1) É um crustaceo macruro do genero *Hippa*, que vive pelas areias das praias, banhadas pelas aguas.
*Tatuy* quer dizer: *tatuzinho, tatu pequenino*.

Ce rimbau remiú,
Minha criação comida,

Tatũy.
Tatuy.

— Che ruri cha icó,
Eu alegre estou,

Tatuy,
Tatuy,

Ce ara uaçu recé,
Meu dia grande pelo

Tatuy,
Tatuy,

Cha çu ana ne chii,
Eu vou já ti de

Tatuy,
Tatuy,

*Até* curi amo ara,
Até algum dia

Tatuy,
Tatuy,

Inti ramé cha manu,
Não quando eu morrer [1]

Tatuy,
Tatuy,

Cha iucuáo que rupi,
Eu appareço cá por,

Tatuy.
Tatuy

Cha cecare che rimbáu:
Eu procuro minha criação,

Tatuy
Tatuy

---

[1] Se eu não morrer.

# XII

## Yandu [1]

— Yandu açu, yandu açu!
Aranha grande, aranha grande!

Pe rure pussanga,
Você traz remedio,

Yandu?
Aranha?

É ré catu yandu ce çuú,
Vem depressa aranha me morder,

Yandu.
Aranha.

— Cu çu cui cha icó,
Aqui está eu estou,

Yandu
Aranha

Re nhengara ruachara,
Tua cantiga defronte,

Yandu.
Aranha.

— Chá ço ramé curi,
Eu fôr quando,

Yandu,
Aranha,

Re purará çaceara,
Tu soffres tristeza,

Yandu,
Aranha,

Re manduare ce recé,
Te lembrando mim de

Yandu?
Aranha?

---

[1] *Mygale avicularia*, a caranguejeira.

— Maá nhun cha moáce,
O que só eu sinto,

Yandu,
Aranha,

Cha ceiara ce pepora,
Eu deixar meu rasto,

Yandu
Aranha

Ne rocara rupi,
Teu terreiro no,

Yandu açu, yandu açu!
Aranha grande aranha grande!

## XIII

### Cáua (1)

Cáua cu ce pin
A vespa lá me picou

Ce mãe irá!
Minha mãe do mel!

---

(1) Hymenoptero dos generos *Vespa* e *Apis;* significa o que fere. As vespas a que se refere esta cantiga são todas do genero Vespa, o marimbondo do sul, á excepção da *mamangá*, ou *mamangaua* antes *mangangá* ou *bezouro* do sul, ou *Bourdon*, dos francezes, que é do genero *Bombus*. Este se aninha no ôco que fazem nos páos seccos, furando-os, como se fora um trado. Reproduzo aqui o que disse nas *Notas a Lucok*, a pag. 180, a respeito das vespas:

« Ahi encontra-se o *beijucaua*, que faz um ninho chato, em forma de beiju, suspenso aos troncos, que quando tocado cahe por terra para depois voar; o *tatu-caua*, que faz ninho em fórma de casco de tatu encostado aos troncos, deixando uma só abertura; *urubu-caua*, pequeno, preto, que faz longos ninhos brancos de uma substancia como papel, deixando uma pequena abertura na base; *aturá-caua*, faz um ninho tambem comprido e conico, porém cinzento e de uma substancia quebradiça; *tambá-caua*, cujo ninho é feito de barro nas arvores e com semelhança das partes pudendas de uma mulher; *yauára-caua*, cujo ninho tem um palmo de comprimento, de uma substancia cerosa e preta, com a conformação do penis de um cão; ao ninho dão o nome de *iauara-raconha* e outros como o *tapiú-caua;* cujo ninho é em forma de cuiambuca, a *yaurite-caua*, etc. »

Penso que esta cantiga originou a que em Minas Geraes, nos Cateretés, cantam os caipiras, então em portuguez, e que assim começa:

Marimbondo pequenino
Fez casa não acabou;
Ai!... Ai!... Ai!... aqui na perna
Marimbondo me ferrou.

Não posso passar sem frisar aqui o facto de ter esta cantiga toda affinidade com o que refere o *Popul Vuh*, o livro sagrado dos Nahuas, em relação aos reis de Xibalba.

Veja-se a comparação e os commentarios que faço na 3ª parte do meu livro o *Muyrakytã*.

— Maá cáua taá,
Qual vespa que,

Ce mãe irá?
Minha mãe do mel?

*Mamangaua* cáua,
Mamangaua a vespa,

Ce mãe irá?
Minha mãe do mel?

— Inti ra cu aé
Não foi ella

Ce mãe irá?
Minha mãe do mel?

*Tapiú* cáua,
Tapiu a vespa,

Ce mãe irá?
Minha mãe do mel?

— Inti ra cu aé,
Não foi ella,

Ce mãe irá?
Minha mãe do mel?

*Tamatiá* cáua,
Tamatia a vespa,

Ce mãe irá?
Minha mãe do mel?

— Inti ra cu aé,
Não foi ella,

Ce mãe irá?
Minha mãe do mel?

*Taconha* cáua,
Taconha a vespa,

Ce mãe irá?
Minha mãe do mel?

— Inti racu raé,
Não foi ella,

Ce Mãe irá?
Minha mãe do mel?

*Meyu* cáua,
Meyú a vespa,

Ce mãe irá?
Minha mãe do mel?

— Inti racu aé
Não foi ella

Ce mãe irá?
Minha mãe do mel?

*Tatu* cáua,
Tatu a vespa

Ce mãe irá?
Minha mãe do mel?

— Inti racu aé,
Não foi ella

Ce mãe irá?
Minha mãe do mel?

*Urubu* cáua,
Urubu a vespa,

Ce mãe irá?
Minha mãe do mel?

— Inti racu aé,
Não foi ella,

Ce mãe irá?
Minha mãe do mel?

*Aturá* cáua,
Aturá a vespa,

Ce mãe irá?
Minha mãe do mel?

— Inti racu aé,
Não foi ella,

Ce mãe irá?
Minha mãe do mel?

*Yauara* cáua,
Yauara a vespa,

Ce mãe irá?
Minha mãe do mel?

— Inti racu aé,
Não foi ella,

Ce mãe irá?
Minha mãe do mel?

# XIV

**Curiça** ([1])

Mamé uara taá indé
D'onde natural que tu,

Curica, paá, indé?
Curica, dizem, tu?

Rembeú cha cenõe,
Conta eu ouvir

Curica, paá, indé?
Curica, dizem, tu?

Inti cerá iquê uara,
Não d'aqui natural,

Curica, paá, indé?
Curica, dizem, tu?

Apecatu uara mirim,
Longe natural pouco,

Curica, paá, indé?
Curica, dizem, tu

Cu çu cui cha icó
Aqui esta eu estou

Curica, paá, indé?
Curica, dizem, tu?

Ne ne raçóçara puchicatu.
Teu raptor máo bem.

# XV

**Yacami** ([2])

Yure yá poracé,
Vem nós dansarmos,

Yacami.
Yacami.

---

([1]) Zigodactilo do genero *Psittacus*.

([2]) Ha tres especies com este nome: o *Psophia leucoptera*, Spix, preta com as costas brancas, que é o de que aqui se trata, (do Madeira); *P. ochroptera* Nat., de costas cinzentas (do Rio Negro) e o *P. viridis*, Spix, de costas verdes, conhecido por *yacamim rei* (do Solimões).

**A cantiga se refere ás côres e ao canto, que é sempre de madrugada.**

Cuá nhu pituna,
Esta só noute,

Yacami.
Yacami.

He *camichá* murutinga,
Tua camisa branca,

Yacami,
Yacami.

Ne *çaia* pichuna,
Tua saia preta,

Yacami.
Yacami.

Aé i mu ce iucá,
D'elle o irmão me mata.

Yacami.
Yacami.

Yá çu ana yá iaçuca,
Vamos já nos banhar,

Yacami.
Yacami.

Ure uana coema piranga,
Vem já amanhecendo,

Yacami
Yacami.

## CANTIGAS DO TAMBORINHO

### I

**Uacará**

Cha munhan muracé,
Eu faço dansa,

Uacará. *(bis)*
Uacará.

Cha ricó ce *patrão*,
Tenho meu patrão,

Uacará. *(bis)*
Uacará.

Che re raçõ arama,
Me levar para,

Uacará. *(bis)*
Uacará.

### II

**Cauré** [1]

— Yá munhan moracé,
Nós fazemos dansa, (Vamos dansar)

Cauré,
Cauré,

Cuaá pituna pupé,
Esta noute em

Cauré?
Cauré?

---

[1] É o *Kaburé* do Sul. Como em muitas outras palavras, houve aqui o accrescimo do *b*, dos Portuguezes. O cauré do Amazonas não é comtudo a *Strix brasiliana* Lath, e sim uma pequena rapace diurna, que ataca as maiores aves devorando-as mettida debaixo das azas. Faz longos ninhos da felpa das sementes das echites pendurado sob os troncos das grandes arvores.

Tenhen curi ce ganane,
Não me enganarás

Cauré?
Cauré?

— Yá munhan moracé,
Vamos dansar

Cauré,
Cauré.

— Maá arama taá iché ne ganane,
Que para que eu te enganar,

Cauré?
Cauré?

— Maá cha putare uaá
Que eu quero aquelle

Cauré.
Cauré.

Ayué taá re putare,
E' o mesmo que tu queres,

Cauré.
Cauré.

Ce iché timaan cha putare indé,
Eu não eu quero a ti,

Cauré.
Cauré.

— Ce curi yaué timaán,
Meu custume assim não

Cauré,
Cauré.

Mu taá cha munhan,
O que eu heide fazer

Cauré.
Cauré.

## III

### Uacuráo (1)

Uacuráo teté,
Uacuráo coitadinha,

Uacuráo. *(bis)*
Uacuráo.

Re muacu ne rupiá,
Choca teu ovo,

Uacuráo. *(bis)*
Uacuráo.

## IV

### Cururú (2)

(RIO SOLIMÕES)

Yá munhan moracé,
Vamos dansar,

Cururú, *(bis)*
Cururú.

— Cu çu cui chá icó,
Aqui está eu estou,

Cururú. *(bis)*
Cururú.

— Cuchi ima cha ne cecare,
Ha muito tempo eu te procuro,

Cururú, *(bis)*
Cururú.

Re pecêca ce cupé,
Trepa minhas costas,

Cururú, *(bis)*
Cururú.

(1) Fissirostro do genero *Caprimulgus.*

(2) Anouro do genero *bufo.*

Yá çu yá poracé,
Vamos nós dansar,

Cururú, *(bis)*
Cururù.

— Cururú cunhan puchi,
O sapo femea feio

Cururú, *(bis)*
Cururú.

— Cuire re cháre iché,
Agora tu deixas me

Cururú, *(bis)*
Cururù.

— Cariua mirim poranga,
O branquinho bonito,

Cururú, *(bis)*
Cururù.

Cu çu cui ne ruca opé,
Aqui está tua casa na,

Cururú, *(bis)*
Cururú.

— Tapiya tuyué,
O tapuyo velho,

Cururú, *(bis)*
Cururú.

Cuire re chara ana iché
Agora tu deixas me

Cururú, *(bis)*

— Ce macy cha icó,
Com fome eu estou

Cururú, *(bis)*
Cururú.

## V

**Teyú** (1)

Cha maan ramé curi
Eu ver quando
Teyú iachió
Lagarto chorar
Ay qué Caracarahy
Ahi está o caracarahy
Cerapio aramé curi. (2)
Piar quando.

## VI

**Uirachué** (3)

(RIO SOLIMÕES)

Yá munhan moracé,
Vamos dansar,
Uirachué? *(bis)*
Sabiá?

Qua petuna rupi,
Esta noute por
Uirachué.
Uirachué.

— Chá çu ana ne suhy,
Vou me embora ti de,
Uirachué.
Uirachué.

Ce retama queté,
Minha terra para,
Uirachué.
Uirachué.

(1) Saurio do genero *Ameiva*.

(2) Quando eu vir o lagarto chorar, o caracarahy ha de piar.

(3) É o *Turdus rufiventre*, ou sabiá de larangeira, do Sul.

— Maá queté taá re çu,<br>
Onde para que tu vás

Uirachué?<br>
Uirachué?

— Cha çu ana ce retama queté,<br>
— Vou me embora minha terra para,

Uirachué,<br>
Uiráchué.

— Re cechare cuité iché,<br>
Tu deixas então me,

Uirachué?<br>
Uirachué?

Timaan cerá çacé ne peá pe,<br>
Não dóe teu coração no,

Uirachué?<br>
Uirachué?

Cha putare reté uaá indé,<br>
Eu queria tanto que tu,

Uirachué.<br>
Uirachué.

## VII

### Mandu Çarará

(RIO SOLIMÕES)

— Yá munhan moracé,<br>
Vamos dansar,

Mandu çarará.<br>
Mandu çarará.

Qua petuna rupi,<br>
Esta noute por,

Mandu çarará.<br>
Mandu çarará.

— Cuchiima cha icó,<br>
Ha muito tempo aqui estou,

Mandu çarará.<br>
Mandu çarará.

Cha maan ten indé,
Eu vendo sempre ti,

Mandu çarará.
Mandu çarará.

Ayué ([1]) taá re maan,
Mesmo que tu visses,

Mandu çarará.
Mandu çarará.

Mahy taá re recó,
Como que tu estás,

Mandu çarará.
Mandu çarará.

— Cha manu ce peá ne recare,
Eu mandei meu coração te buscar

Mandu çarará.
Mandu çarará.

— Ce peá inti ne uacema,
Meu coração não te achou,

Mandu çarará.
Mandu çarará.

Çacé catu ne peá pe
Dóe bem teu coração no

Mandu çarará.
Mandu çarará.

## VIII

### Sucuriyu ([2])

Sucuriyu ce mamana,
Sucuriyu me amarrou,

Ai! Ai! Rechare iché,
Aé! Aé! Deixa-me,

Sucuriyu.
Sucuriyu.

([1]) Por *yaué.*

([2]) É a *Sucuri*, de Minas e Matto-Grosso, a *Yácu Mama* peruana, scientificamente conhecida entre os *Ophidios*, por *Boa scytale*, ou *Eunectes murinus.*

Tupana recé catu,
Deus pelo amor,

Sucuriyu.
Sucuriyu.

Tupana u maan indé,
Deus vê te,

Sucuriyu.
Sucuriyu.

Iuaca suhy,
Céo do,

Sucuriyu.
Sucuryiu.

Cha iururé Tupana çupé,
Eu peço Deus por,

Sucuriyù.
Sucuryiu.

Sucuriyu uchare iché,
Sucuriyu deixa-me,

Sucuriyu.
Sucuriyu.

## IX

**Panapaná** (1)

Cha iaçáu cha icó,
Atravessando estou,

Panapaná,
Borboleta,

Paraná u assu rupi,
Mar pelo,

Panapaná.
Borboleta.

Ayué taá re putare,
Ainda que tu queiras,

Panapaná.
Borboleta.

(1) Lepidoptero do genero *Callydrias;* é branco-amarellado, tem vida social e atravessa sempre em grandes cordões o Amazonas, no tempo da vasante.

Tí (1) cũri re pecêca,
Não pegarás,

Panapaná.
Borboleta.

Cuire cha çu ana,
Agora vou me embora,

Panapaná.
Borboleta.

Ne roca suhy,
Tua casa de,

Panapaná.
Borboleta.

Cariua mirim puranga,
Branquinho bonito,

Panapaná.
Borboleta.

Re chare ana iché,
Teu deixas já me,

Panapaná.
Borboleta.

## X

### Yacy-tatá

Aequé ure yacy-tatá
Ahi vem a estrella

Coema renondé,
Amanhecer antes,

Cha moerá ce cuiaua
Me resplandescendo meu pente

Ne *dinheiro* ne puiara.
Teu dinheiro tua troca. (2)

Coema renondé
Amanhecer antes

Yá çu ana ya yaçuca *(bis)*
Vamos já nos banhar

Coema piranga renondé.
Da aurora antes.

---

(1) Por *inti*.

(2) A troco do teu dinheiro está meu pente resplandescendo.

# XI

## Acará

Cha cendó ne re ceuara,
Eu ouvi tuas noticias,

Acará,
Acará,

Rio de Janeiro uara,
Rio de Janeiro filho,

Acará.
Acará.

Cha pecyca curi indé,
Eu pegarei te.

Acará,
Acará,

Cherimbaua arama
Minha criação para,

Acará.
Acará.

Cha cuòre me indé,
Eu soubesse quem tu,

Acará,
Acará,

Cha pecyca ne indé,
Eu pegava te tu,

Acará.
Acará.

Cunhan puranga,
Mulher bonita,

Acará
Acará

Cherimbaua arama.
Minha criação para.

Acará.
Acará.

## XII

### Curicana

(SILVES)

Curicana, curicana,
Curicana, curicana,

Cerimaua curicana miri
Que criei curicanasinha,

Paraná pichuna uara,
Rio preto filha do

Cerá iné Tapayó uara
Serás tu de Tapajós filha?

Cerá iné ne retama,
Será tua n'elle terra,

Curicana?
Curicana?

U yauáu ne putyra,
Fugiu tua flor,

Curicana?
Curicana?

Inti curi re re uacema ne putyra,
Não acharás tua flor,

Curicana.
Curicana.

Çaceara re puitá,
Triste ficastes,

Curicana?
Curicana?

Re u acema curi iché,
Tu acharás me,

Curicana.
Curicana.

Cha manu curi ne recé,
Morrerei ti por;

Curicana.
Curicana.

(Silves).

## XIII

Cha nheen indé ce raru
Eu digo a você me espere

Igarupaua rapepe,
(do) porto caminho no,

ce raru.
me espere.

Cha nheen raçó indé,
Eu digo que vou você,

ce raru
me espere

Ne quiçaua a pêpe
Tua rêde no punho

ce raru.
me espere.

(Carvoeiro).

## XIV

Mamé taa ce *juiza* (1),
Onde está minha juiza,

Mamãe?
Mamãe?

Ce cuema chá icó, *(bis)*
Amanhecendo me está,

Ure uana cuema,
Vem já clareando,

Mamãe.
Mamãe.

Ce cuema cha icó *(bis)*
Amanhecendo me está

Ce *juiza ramada* opé
Minha juiza ramada na

Mamãe.
Mamãe.

(Carvoeiro).

(1) Esta cantiga faz parte, tambem, das do *Çairé*.

## XV

Ure uana cuema
Vem amanhecendo

Tamburu pará,

Yá çu ana ya yaçuca
Vamos nos lavar

Tamburu pará,

Tayaçu yaçucaua
Porco lavatorio

Tamburu pará,

Tapyira yaçucaua
Anta lavatorio

Tamburu pará.

(Carvoeiro).

# CANTIGAS DA MANYUA

## I

**Ce amó**

Minha mana

— Paraná u quiriri,
Ce amó,
Yá munhã pirá quêra (1)
Ce amó?
= Cu çu cui, chá icó
Ce amó
Ne ruriçara arama
Ce amó?

Minha mana, o rio está em silencio, vamos fazer fachiada? Aqui estou, meu irmão, para tua alegria.

## II

**Cunhan**

— Iauti pirêra ne re cuia,
Cunhan?
— Poraquê (2) a cica ne tacira (3)
Cunhan.
Pe yure, pe yure, pe yure páin,
Cunhan!
Pe cuem, pe cuem, pe cuem páin,
Cunhan!
Cha reieire cha icó,
Cunhan!
Iuire reieire ce roaqui,
Cunhan!

— Mulher, a tua cuia é o casco do jaboty.
— O pedaço do Poraquê é teu ferro de cova?
— Venham, venham todos!
— Vão, vão, vão todos!
— Eu estou rodeiando a mulher, rodeiam todos ao pé de mim!

---

(1) *Pirá*, peixe, *quer*, *ker*, dormindo. Dão esse nome á pesca feita á luz de fachos, quasi sempre de talas do peciolo do yupaty (Raphia tædigera) pelas margens do rio, quando os peixes ahi estão dormindo. São mortos á frecha no Amazonas e com zagaias, no Pará. Em portuguez dão os nomes de *fachiação* ou de *fachiada* a esta maneira de pescar.

(2) É o *Peixe electrico*, Gymnotus electrico.

(3) Ferro de cavar ou de cova.

## III

**Muiyui** [1]

A andorinha

<table>
<tr><td>
— Cha çu ana ne çuhi,<br>Muiyui.<br>
= Cué catu [2] re puitá<br>Muiyui.<br>
— Cha raçu mo indé ce irumo,<br>Muiyui,<br>
Ce retama queté,<br>Muiyui.<br>
Ça cêara re puitá,<br>Muiyui?<br>
= Té curi amo ara opé,<br>Muiyui,<br>
Inti ramé cha manu<br>Muiyui<br>
Cha maan rain curi indé<br>Muiyui.<br>
— Tupana putare ramé,<br>Muiyui.
</td><td>
— Vou deixar-te, andorinha.<br>
= Estimo que fiques.<br>
— Eu te levava para minha terra.<br>
— Tu ficas triste?<br>
= Até algum dia, e se eu não morrer, eu ainda hei de te ver.<br>
— Quando Deus quizer. Andorinha.
</td></tr>
</table>

## IV

**Yapó** [3]

O japu

<table>
<tr><td>
Apegaua puchi catu<br>
Unhe hê iché cunhan<br>
Yá çu yá iuúca<br>
Yapó rupiá, piá, piá?
</td><td>
O homem muito feio disse á mulher: Vamos tirar ovos de japu?
</td></tr>
</table>

---

(1) É uma andorinha (hirundo), parda de pescoço branco que anda sempre pelas margens dos rios.

(2) Por *ikó-katu*.

(3) Este é o canto da heroina da seguinte historia: Contam que um homem para se ver

# V

## Coaracy uirá [1]

O passaro do sol

— Iure re petemui iché,
Coaracy uirá,
Inti cerá re iu muté
Coaracy uirá.
= Cu çu cui cha icó,
Coaracy uirá,
Ne uicé ruachara,
Coaracy uirá
Inti cha iu muti
Coaracy uirá.
= Çacêara caaruca,
Coaracy uirá.
= Cha yure mu cha caima,
Coaracy uirá
Ne retama pupí,
Coaracy uirá.
— Ça câara cha icó,
Coaracy uirá
= Cha çu ana ce retama queté,
Coaracy uirá,
Ça câara re puitá, cerá,
Coaracy uirá?

— Passaro do sol vem me ajudar, não te envergonhes.

— Aqui estou eu defronte do teu ralo e não me envergonho.

— A tarde está triste.

— Eu vim perder-me na tua terra.

— Eu estou triste.

— Já vou para minha terra, e triste ficarás, passaro do sol?

livre da mulher a convidou para tirar ovos de japu e que mandando a mulher subir em uma sumaumeira onde havia japus, logo que ella chegou em cima tirou a escada por onde ella subira. Ahi a deixou, porém os japus compadecidos, para que ella não morresse de fome e sede, lhe traziam fructos e agua que depositavam em folhas de uambé e de bromelias. Ella então cantava sempre o canto acima que ouvido pelas irmãos fez com que elles a tirassem da arvore, contra a vontade dos passaros, que ficaram furiosos. Os irmãos depois mataram o cunhado, para castigal-o.

[1] É o *Ampelix carnifex*, denti rostro de brilhante plumagem vermelha, que, dizem os tapuyos, quando levanta o vôo vae ás nuvens e só desce ao meio dia.

## VI

**Uariua** (1)

**A guariba**

Uariua, *marica* uassu,
Uariua, çuaia uassu,
Uariua ne aua piranga,
Uariua ne ru aua uassu,
Mamé taá ne re cuia?

Guariba barriga grande,
Guariba rabo grande
Guariba, pello vermelho
Guariba, cara grande
Onde é a tua cuia?

## VII

**Uauapé** (2) **uirá**

O passaro do forno

— Cerimbaua puranga,
Uauapé uirá.
= Uauapé uirá mira
Uauapé uirá.
— Mamé taá re có,
Uauapé uirá?
Re caima ce cui
Uauapé uirá?
Cerimbaua, Uauapé
Uauapé uirá.
Inti, cerá, re caima
Uauapé uirá.
= Cu çu cui cha icó
Uauapé uirá
Chá çaru tenhen indé,
Uauapé uirá.
Uauapé uirá mira.
Uauapé uirá.

— O passaro do forno é uma criação bonita.
— O passaro do forno é gente.
— Onde estavas? Tu te perdeste? Deveras te perdeste?
— Eu estou aqui sempre te esperando.

---

(1) Os castelhanos accrescentando pela pronuncia um *g* antes do *u* e mudando o segundo em *b*, fizeram guariba, que no Rio de Janeiro é conhecido por *barbado* e em Minas e S. Paulo por *bugío*, quadrumano do genero *Mycetes*, que contem varias especies. Este canto refere-se ao osso hyoide, vulgarmente conhecido por *gogó*.

(2) Dão esse nome á *Parra yaçana*, por viver entre as folhas das *Pontederias*, conhecidas por

# VIII

## **Caran** [1]

### O Carão

— Caran uirá, caran mira,
Caran,
Cherimbaua taira,
Caran,
Mamé uara taá indé,
Caran?
Re umbuí cha cenõe,
Caran,
Mamé taá ne retama,
Caran?
Re umbuí cha cenõe,
Caran.
= Mamé uara iché,
Caran?
Saracá uara iché,
Caran.
= Re raçu iché ne paia ruaqui,
Caran?
= Cha raçu mu indé ce paia ruaqui
Caran.

— Carão passaro, carão gente, criação parda, d'onde és natural? Conta-me que eu ouço, onde é tua terra? Conta-me que eu ouço.

— D'onde sou natural?

— Sou de Saracá.

— Tu me levas para perto de teu pae?

— Eu faço te levar para perto de meu pae.

---

*Aguapé*, *Dama* ou *Principe do lago*. D'essa ribeirinha vem tambem o nome indigena *Uaupe yapona*, que tem a *Victoria Amazonica*, Planch., que quer dizer *forno de Uaupé*, porque quasi sempre em suas folhas ella se aninha. No Sul essa ave tem o nome de *Piassoca*, corruptella de *aguapeiçó*, que significa: o que sobre o aguapé tem casa.

[1] Já vimos anteriormente que é uma ave paludal cujo nome é uma onomatopeia do seu canto.

# IX

**Mandu (1) Çarará (2)**

O Manoel albino ou assa

Mamé uara taá indé,
Mandu çarará?
Indé cerá iqué uara
Mandu çarará?
Inti cerá iqué uara
Mandu carará?
= Apecatu ce retama,
Mandu çarará.
— Yá cecare pírá
Mandu çarará.
Timaan u mehê
Mandu çarará.
Mamé taá ricó.
Mandu çarará. (3)

— D'onde és filho, Mandu Çarará? És d'aqui? Não, não és filho d'aqui.
— É longe a minha terra.
— Nós procuramos peixe, e não dás? Onde é que está?

# X

**Parauáy (4)**

O piriquito

— Indé cerá parauáy
Re querе arama pituna irumo.
Anti-anti uirá purá puranga
Boiauaçu u pecêca cherimbaua.

Tu és piriquito para dormires ao anoitecer?
A gaivota é passaro bonito que a cobra grande pegou para eu criar.

(1) *Mandu* é Manoel, mas tambem ha uma planta que outr'ora teve esse nome, cujas raizes se comiam e eram conhecidas por *Mandu-rapó*. Em 1656, com estas raizes, se alimentou o Jesuita P.e Pedro Pedrosa, quando missionava os tapuyas da serra de Ibiapaba, como nos diz o P.e Vieira. Com os nomes de Mandu, Manduvi e Mandu-mirim, ha um rio no Espirito Santo, umas ilhotas em S.ta Catharina, e um ribeirão na serra dos Aymorés, que naturalmente referem-se á mesma planta.

(2) É o nome de um carangueijo pequenino, que vive nas marinhas do Pará; e tambem o dos *albinos* ou *assas* que tem os cabellos avermelhados.

(3) A seguinte quadra é moderna:

Na beira do rio,
Mandu çarará,
Encheu o samburá,
Mandu çarará.

(4) Zygodactilo do genero *Psittaculus*.

# XI

## Acuti

— Acuti, acuti miry,
Çupire ce maniaca,
Acuti miry
= Rechara iché uana,
Acuti miry,
Tucumá uare uana.
Acuti miry.
— Re cecare tucumá
Acuti miry
Re chare iché uana
Acuti miry.

— Cutia, cutiasinha, carrega a minha mandioca.
— Deixa-me, que os tucumás estão cahindo.
— Procura tucumá e deixa-me.

# XII

## Saracura (1)

A Saracura

— Pe iupui pe rembaua,
Saracura.
Saracura uirá, Saracura.
= Cu çu cui cha icó,
Saracura,
Ne moiteçara arama,
Saracura.
— Saracura uirá Saracura
Mamé mo taá racema,
Saracura ?
= Che mungara puranga
Saracura.
Saracura uira Saracura.
— Pe iupui Saracura
Pe rembaua purangá
Saracura.

— Deem de comer á saracura, ao passaro saracura.
= Eu aqui estou, eu sou a saracura, para tua grandeza.
— Saracura, passaro saracura, onde te achas?
= Ao bonito eu me assemelho.
— Vocês, deem de comer á saracura que é uma bonita criação para vocês.

(1) É um macrodactylo do genero *Rallus*.
Nos dias festivos, pelos sitios, emquanto os convivas jantam, anda uma mulher em roda da meza, belliscando o melhor dos pratos, furtando aqui e alli, corrida por todos, mas comendo o melhor. Então canta, e assim alegra a meza, evitando todos que de seus pratos ella tire o melhor pedaço.

# XIII

## Çauy (¹)

— Mamé taá re có
Çauy, çauy?
= Queceuene uara,
Çauy, çauy.
Cha iure mu cha caima,
Çauy, çauy.
Ne retama pupé,
Çauy, çauy.
— Inti curi ne caima
Çauy, çauy.
Cha iuêre ne retama queté
Çauy, çauy.

— D'onde és, Çauy?
— Do Rio Branco. Eu vim para me perder na tua terra.
— Não te perderás, eu volto para tua terra.

---

(¹) São pequenos macaquinhos do Rio Branco, do genero *Miaas*.

FIM

CAIRÉ
Peçaçu tinga u — uié Peçaçu
tinga u — uié Urure meapé yuru pe Yané y-
ara Tu — pana renun — dé Yané ia — ra Tupa — na renun
dé
Yá mu — çain muçain pu — tyra vá mu-
çain muçain pu — tyra Ora — torio
ara ru — pi Ora — torio ara ru — pi.
Yané y — ara Tupana uapecaua pu — pé

# INDICE

# VOCABULARIO INDIGENA

# VOCABULARIO INDIGENA

## COMPARADO

## PARA MOSTRAR A ADULTERAÇÃO DA LINGUA

(COMPLEMENTO DO PORANDUBA AMAZONENSE)

PELO

**Dr. J. BARBOZA RODRIGUES**

PUBLICAÇÃO DA BIBLIOTHECA NACIONAL

RIO DE JANEIRO

Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Rua d'Ouvidor 31

1892

Na «Advertencia» da *Poranduba Amazonense*, (1) tratando das corruptellas que separam o nheengatú do karany e do tupi escripto, disse que do beato José de Anchieta nasceu a corruptella do *abanheenga* ou lingua geral primitiva, o que parece um arrojo meu, tendo sido elle o verdadeiro mestre da lingua; que deixou a sua *Arte* para servir de guia a estudos posteriores e por onde naturalmente o padre Ruiz de Montoya e outros se guiaram para escrever os seus trabalhos, e estudarem todos os missionarios daquelle tempo, que eram obrigados a aprender a lingua antes de se entregarem ás missões; ligeiramente, porém, me justificarei, mostrando agora a corruptella que veiu dos mestres da lingua, pondo de parte alguma influencia phonetica da prosodia indigena. Lá mostrei a differença que ha entre a linguagem dos missionarios, que passa por legitima, e a corruptella que soffreu o nheengatú pela sua influencia e pela das hordas nheengaíbas; aqui trato do auanheenga ou lingua matriz, comparado com o que nos deixaram os jesuitas, mostrando que fieis não foram elles na conservação dessa lingua, porque mais facilmente a ensinariam modificada como escreveram.

Permitta-se-me que para mostrar a prosodia auanheenga, — pelo menos a nheengatú conservada, penso que pura, entre os *Tembés* selvagens, e muitos velhos (2) do valle amazonico, principalmente dos de Santarém, Villa Franca e Solimões, que ainda não deixaram a sua lingua pela do branco, *kariuánheenga* eu procure mostrar isso por meio dos sons das lettras do alphabeto, tal qual se ouve dos que melhor fallam; para que bem se pronunciem as palavras do vocabulario que escrevi e se

---

(1) Publicada na *Vellosia*, Contr. do Mus. Bot. do Amaz., vol. I, pag. 75, e nos *Annaes da Bibliotheca Nacional*, vol. XIV. 1886-1887.

(2) Procurei sempre ouvir os maiores de sessenta annos, e com muitas velhas e velhos maíores de cem annos me entendi. Em geral esses velhos não fallam quasi o portuguez e vivem retirados pelos sitios.

possa bem ler as lendas, contos e cantigas que publiquei; e nessa explicação mostro porque differentemente penso dos que até hoje se têm occupado da lingua geral, tupy ou karani ([1]).

O que aqui expendo é o fructo da observação e do estudo proprio, que muitos talvez não admittam; porém como *veritatis simples oratio*, dou-me por satisfeito si conseguir despertar a attenção dos que melhor possam escrever, deixando os livros e ouvindo os indios, como o fiz e faço. Pelas grammaticas de Anchieta e de Figueira, o alphabeto indigena compõe-se de todas as lettras do nosso, menos o *F*, *L*, *S* e *Z;* comtudo o primeiro não se serve do *K* nem do *V*, emquanto o segundo adopta o *K*. Montoya tambem não emprega nenhuma destas lettras, assim como não usa o *I*.

Os dous primeiros servem-se do *F*, emquanto que o ultimo o dispensa, como tambem não usa o *X*, que os primeiros empregam.

O Padre Restivo tambem não usa o *F*, o *L*, mas adopta o som de J (jota), escrevendo *aju* por *ayu;* John Luccock, que viajou o Brazil em 1820, na sua *Grammar and vocabulary of the tupi language*, posto que muito compilada dos trabalhos dos Padres Anchieta e Figueira, comtudo, como inglez, admitte o *g*, *j*, *w*, e até o *z*, que por má pronuncia os hespanhóes introduziram no Karani, assim dizem *Turuzu* por *Turuçu*, como o Padre Bernal diz *Tabazu* por *Táuauçu*, *guazu*, por *uaçu*.

Apezar de dizer que: « French, Spanish, German, Dutch and English authors an every one has represented the same sound by a different combination of letters in their respective countries and their own times », ainda introduz novos sons escrevendo disparates phoneticos como *Zoze*, *e zui* por *çuhy Zaba*, por *çaua*, *Zig*, por *Cy*, uzando sempre z por *ç* ou *s*.

Devo abrir aqui um parenthesis.

Não tendo admittido accentos para as vogaes, creou uma pronuncia para as palavras, que mesmo lidas com

([1]) Os hespanhóes transformaram *karani* em *guarani*.

os sons inglezes, quasi impossivel se torna a sua comprehensão.

Se tivessemos muitos missionarios ensinando a lingua como Luccock, teriamos hoje uma lingua inteiramente diversa.

Martius, que com a sua pronuncia bavara, escreveu disparates, todavia fica muito áquem do viajante inglez.

Assim se tem estropiado a lingua primitiva.

Felizmente os que nos deixaram os melhores modelos foram portuguezes e hespanhóes, cuja pronuncia mais se approxima da do auanheenga, e pore isso ficou menos adulterada.

Se pela pronuncia portugueza e hespanhola, nos ficaram o *tupi* e o *karani*, como dialectos diversos, que diria se tivessemos tido mestres das linguas ingleza ou allemã? Teriamos uma segunda lingua, com outros dialectos.

Voltemos ao assumpto.

É corrente já hoje e vulgar dizer-se que o karani e o tupi são uma e a mesma lingua. Sendo assim a prosodia é a mesma: e como dispensaram uns, e outros não, aquellas lettras? Devido ás pronuncias proprias e ás das tribus, as quaes umas eram mais gutturaes e outras mais nazaes; mas apezar disso, para mim, o verdadeiro auanheenga, aquelle que portuguezes, hespanhóes e francezes ouviram quando a estas plagas aportaram, não foi nem o karani, nem o tupi chamado *da costa*, como de ambos nos deixaram escriptos os missionarios. Conhecemos lingua que por duas fórmas nos deixaram escripta os primeiros mestres accommodadas na syntaxe á latina, o tupi de Anchieta e Figueira e o karani de Montoya e Restivo; mas temos tambem o kiriry do padre Mamiani, os escriptos de outros missionarios, e os de Lery e Ivo d'Evreux, Hans Stade, que me serviram para esclarecer a minha opinião. Para mim as lettras do alphabeto primitivo foram, sem a influencia da phonetica estranha estas lettras que adopto:

A B D Ç E G H I K M N O
P R T U Y

não existindo os sons C F J L Q S_V X Z.

As vogaes foram: *a*, *e*, *i*, *o*, *u*, *y*. Pela audição comparada entre indios de varias tribus semi-selvagens e civilisados, tapuyos e mamelucos de differentes areas geographicas, a pronuncia dessas lettras é, como se verá aqui, ainda hoje bem conservada.

O **a** sôa sempre *a*, *á*, e *ã*, como nas palavras portuguezas *na*, *pá* e *rã*, e na lingua geral em *iuká*, matar *(jucá* d'Anchieta) e *Tupã* Deus. Em *paránã* vê-se o som dos tres *aa*. No Amazonas, porém, conforme a tribu nheengaíba a que pertence o individuo ou os que della descendem, ás vezes, pela disposição das cordas vocaes na pronuncia propria que fallaram e legaram pronunciam *â* em vez de *á* ou *ã*. O som *a*, fechado, sempre no fim das palavras é vicio de paragoge portugueza, como em *hutuka*. Este *a*, não auanheenga, no fim das palavras, é uma das lettras que, introduzidas nelle por vicio castelhano e popular, produziu a corruptella nheengatú.

O **e** tem tres sons: aberto, *é*, guttural, *ê*, e nazal, ẽ, como em *mamé*, *moyuêre* e *moka*ẽ.

O *e* tem contribuido tambem para a corruptella nheengatú, porque em todos os sons de *e* em muitos logares, como no Rio Negro, tem sido mudado para *i*, como nas palavras acima que pronunciam *mami* por *mamé*, *moyuiri* por *moyuere*, *mokain* por *mokaen*.

Por paragoge e vicio portuguez existe hoje o *e* fechado ou mudo que accrescentam ás palavras terminadas em consoante como *embirare*, *pupure*, etc., por *embirar*, *popur*, etc. Pela cognação entre o *e* e o *i* assim mudam o som da primeira vogal, como os antigos latinos diziam *Heri* por *Here*.

O **i** tem dous sons, o de *i* portuguez e o de *ĩ* ou *in* nazal, como *inti*, não, *tĩ* ou *tin*, vergonha.

O **o** tem tres sons: fechado, *o*, aberto, *ó*, e nazal, *õ* ou *on*, como: *koema*, *icó* e *nhõ*. O som desta lettra, pela influencia da orthographia phonetica dos portuguezes que nos primeiros tempos aportaram á capitania do Maranhão, contribue poderosamente para o separação do auanheenga fallado pelos karanis

do que fallam os amazonenses. Assim póde-se quasi dizer que ahi o som do *o* foi mudado para *u*.

Em vez de *amoetá* dizem *amuetá*, *tapiuka* por *typyoka*, *nhun* por *nhõ*, etc.

O contacto constante, por muitos annos, só com portuguezes de classe baixa, esses mesmos pela maior parte camponios do Alemtejo, Minho e Traz os Montes, em tempo em que o portuguez não era o mesmo de Garrett, e mesmo pela cognação do *o* para *u*, foi que produziu esse sotaque, não só na lingua geral, como no portuguez-brasileiro do Pará e Amazonas.

Procurando eu uma vez, em conversa com um portuense, saber quaes as provincias de além-mar em que existia a mudança do *o* para *u* e do *u* ou *v* para *b*, respondeu-me: « No Porto *cu b*, no Alemtejo *cu vau*, » querendo dizer que numa parte se pronunciava com *b* e noutra com *v*.

Este contacto, que modificou a phonetica indigena, deu-se tambem no Paraguay, no Perú e na Columbia. A lingua *jitana* desta ultima republica não é mais do que a mescla hespanhola com a lingua *chilecha*.

O **u** tem quatro sons: sôa como *u* fechado, quando entre consoantes, como na palavra *kunhan;* sôa como *ú* longo quando depois de vogaes como em *yuúka*.

Sôa tambem como ũ ou *un* nazal, como em *mytũ*, hoje mutum. Além destes tres sons tem um quarto aspirado, que representamos por *hu*, como em *huhuy*, sangue, *huaimy*, velha, *huyhua* flecha, etc. O *u* foi que muito concorreu, tambem, para a adulteração da lingua pelos missionarios castelhanos e portuguezes, que quasi todos nos primeiros tempos da conquista o mudaram para *b*, como veremos quando tratarmos desta lettra.

Os antigos tupis e velhos tapuyos ainda hoje dizem *Tyua*, que outros pronunciam *têua*, emquanto que os civilisados dizem *tyba*, *tuba* e *tiba*, como em *ubatyba*, *mokajatuba*, *araçatiba*, etc.

Usam *tyua* quando a palavra termina por vogal, e *deua* quando por consoante, como *ararandeua*.

Quando depois do *u* segue-se *i*, como voz nazal, e mais frequentemente *an* ou *en*, os corruptores da lingua o mudam para *v* e addicionam *lh*, como em *parauiana*, paravilhana, *anauiena*, anavilhana.

Mudam tambem o *u* em *v* nos casos em que os missionarios os mudaram para *b*, como em *Kaiuva*, por *kayuúa*, *Anhandava*, anhandaua, *araçoyava* por aracoyaua, etc.

O *u* aspirado é que os castelhanos mudaram para *gu*, donde vem a grande differença entre o karani e o nheengatú. Assim dizem *uguy*, sangue, *guaimy*, velha, *guyb*, flecha, por *huhuy*, *huaimy*, *huyhua*, e em vez de *huy* ou *çuy* dizem *guy*, etc. Adiante ainda tratarei do assumpto quando me occupar com o *g*.

O y é uma lettra indispensavel no nheengatú, quer como vogal, quer como servindo de consoante, porque tem sons especiaes, que, mediante accentos, como no *i*, facilmente poder-se-ia distinguil-os ; porém não havendo nas typographias essa lettra accentuada, temos que nos sujeitar a representa1-o, em alguns casos, simplesmente sublinhado quando em manuscripto ou griphado quando impresso. Nunca o *y* tem o som de *jota* (1), e aqui damos os seus sons, segundo o logar que occupar na palavra, ou que elle significar.

O *y* tem quatro sons, sendo um guttural muito especial.

1.° Sôa como *u* francez quando entre vogal e consoante, como em *pytá*, *tayra*, filho, que se pronuncia como em *du* francez.

2.° Sôa como *ü* ou *y grec* ou molhado francez, quando só entre vogaes, como em *payé*, feiticeiro. Para substituir o *y* com este som póde-se adoptar o *i* tremado.

3.° Tem um som entre *u* e *i* semi-guttural, quando no começo de uma palavra, sempre antes de vogal, como em *yahu*, *yakaré*, etc.

---

(1) Diz Jacolliot que na maior parte das linguas antigas e orientaes, no sanscrito, hebraico arabe e persa, não existe tambem o *i*. O som phonetico se exprime por *i*.

4.° Tem o som guttural e nazal simultaneo, que só a audição ensina, em certas palavras, principalmente quando estas denotam *agua*, *liquido* ou alguma cousa que deste se póde derivar, soando então levemente no final o *g*, pelo que Anchieta e Figueira dão-lhe o som de *ig*.

Todos estes sons desta lettra foram mudados pelos portuguezes para *j*, o que desfigurou completamente a pronuncia.

O venerando Dr. Joaquim Caetano da Silva, disse :

« De tout temps les portuguais ont changé en *j* l'*y* espagnol employé comme consonne ([1]). »

O dizer que nunca o tupi teve e nem tem o som de *jota* me leva a algumas considerações.

O primeiro que empregou essa lettra foi Anchieta, que diz « que *y* sempre, ante *a*, *o* e *u*, é consoante, sem indicar o som, como *jara*, e quando estiver entre vogaes é sempre vogal e se escreve *y* como em castelhano, isto é, com o som de *ü*, como o *ho*ye castelhano. »

Vê-se por aqui que o *j* foi convenção para a sua orthographia pelo genio da lingua portugueza, mas não porque assim o indio pronunciasse. O padre Figueira tambem o adopta.

Entretanto o padre Antonio de Araujo, missionario da Bahia, que, segundo o douto Barbosa Machado, « aprendeu a lingua brasileira, e de tal modo a soube que parecia ter nascido entre aquelles barbaros, » em 1618 disse, na « Advertencia » do seu *Cathecismo na lingua brasileira :*

« Os antigos para exprimirem este som usaram de *jota* com um ponto em cima e outro em baixo.

« Outros escreveram *ig*.

« Porém insufficientemente uns e outros, porque o *jota* tem diversa vocalidade, que nunca chega a proferir este som guttural ; » e escrevia *iepé*, *iar*, *iabió*, *iaué*, etc.

O padre Araujo tem razão, porque *yara* o indio pronuncia, como disse, soando *y* como *i*, e diz *iara* e nunca *jara*, como aconselha Anchieta.

([1]) L'*Oyapock et l'Amazone*, II, pag. 180, § 210.

Temos exemplo. Vemos sempre escripta e fallada a palavra *Airuoka* no sul, *Ayuruoka* no norte, que os antigos escreveram *Ajuruoca*.

Porque o brasileiro assim a pronuncia ?

Porque nunca tem o som de *jota*.

Porque assim procedeu Anchieta, introduzindo o som dessa lettra ? Procurando adaptar o tupi ao portuguez-castelhano.

Si *y* tem o mesmo som, porque antes de *a*, *o* e *u* faz soar como *j* e como *ü* entre vogaes, e adopta o *y* ? Por não haver em castelhano ou portuguez *ji*, e si assim fizesse soar transformaria inteiramente a palavra de modo ao indio não entendel-a.

O proprio Anchieta nos diz que o indio pronuncia *ya* e não *já* ; e nos deixa a liberdade de escrever como quizermos, dizendo tambem : « *Mas nisto vae pouco, porque se confunde saepisseme com j, jota, e cada um o pronuncia mais portuguez, mais castelhano, como quer, ut, já, ya, etc.* »

Mas quem assim pronunciava ? Só os civilisados, porque os indios não sabiam nem portuguez, nem castelhano, e quando fallavam era com a prosodia propria, sem chiante alguma. Para que escrever *igitá*, como elle o fez, si a pronuncia é *iitá* ? Anchieta nos dá o exemplo em *pirayibomo*, que, si mettesse o tal *j*, se pronunciaria *pirajibomo*, quando o *y* ahi sôa como *ii*.

Em *ijibomo*, que cita, pronuncia-se *iiibomo*.

Ler-se como aqui e escrever-se como alli, qual a vantagem ?

Por aqui se vê que Anchieta admittiu o som de *ii*, quer no começo, quer no meio da palavra.

Prova-se mais isso sabendo-se que elle escrevia *sucuryuba* e não *sucurijuba*, como se vê das suas *Cartas*, escriptas antes da publicação da sua *Arte*.

Escrevia então a propria pronuncia que ainda hoje tem no nheengatú.

A causa dessa phonolopia, que deu a adulteração que deixaram na lingua tupi, está nisto. Anchieta era de origem hespanhola e contemporaneo de Gil Vicente, e como elle, fallava

e escrevia ora portuguez, ora castelhano, pelo que forçosamente pronunciaria com sotaque castelhano.

Vê-se nos *Autos* deste *ayuntaron*, *hoy*, *haya*, *desmayo*, por onde se evidencia que o *j* castelhano de Anchieta é filho da pronuncia do reinado de D Manoel e de D. João III, que soava quasi como *ii*, como em *hoy*, *haya*, e que os portuguezes empregaram em *desmayo*, *ideya* e outras palavras, como *pay*, *reyno* e *Raymundo*, que muitos ainda escrevem *Raymundo* e não *Raimundo*, como hodiernamente se vê escripto.

Assim como passou *hoy*, *haya* e *ayuntaron* para *hoje*, *haja* e *ajuntaram*, passou *yub* para *juba* e *iucá* para *jucá*, e *yauty* para *jaboty*.

Não se póde dizer que melhor pronuncie o brasileiro com *j* do que com *i*, porque naturalmente com facilidade, belleza e expressão, dizem com esta lettra, no norte, todas as palavras que no sul tem aquella.

O som do *y* ou *ii* que passou para o de *j* em tupi, foi pois, como disse, o castelhano de *hoy*, de *haya*, do Plauto portuguez.

Os nossos classicos outr'ora, com razão, escreviam *assembleya*, *praya*, que se pronuncia *assembleia*, *praiia*, *ideiia*, e não *Assembléa*, *idéa*, como se escreve hoje, mudando a verdadeira prosodia.

Si escrevessemos como nossos avós outr'ora escreviam e pronunciavam, não diriam em algumas provincias, como em Minas, *ri-o*, *fi-o*, *pavi-o*, em lugar de *ri*-yo, *fi*-yo, *pavi*-yo. O douto Antonio de Moraes Silva, diz ; « *Receo* e *Orfeo* (na Luziada III, est. 2) não são consoantes, pois que soam *rece*yo e *Orfeo*, e a rima pede orfeyo. »

O que soa como *ii* não póde, pois, ser substituido pelo *j* nem supprimido, porque modificou a prosodia indigena, como tem modificado a portugueza.

Sobre a pronuncia desta lettra disse Theotonio J. Oliveira Bello, no prefacio da edição de 1831 do *Diccionario* de Moraes,

que « a pronuncia assim o pede, e seria absurdo escrever indistinctamente. »

Eu admitto que num escripto portuguez se aportugueze a palavra indigena que soar melhor com *j* a nossos ouvidos, quando seja de algum animal ou objecto vulgar, que o uso tenha admittido a transformação, mas nunca em palavras que é preciso que o vulgo saiba a sua pronuncia, que se deve perpetuar, para não desapparecer a lingua, coitada, já tão mutilada e mascarada, e para não alterar nomes que a geographia, a botanica e a zoologia têm necessidade de tel-os puros, pelos erros a que expõe o futuro a commetter. O que se diria se escrevessemos o francez ou outra qualquer lingua, escrevendo com a ortographia phonetica, aportuguezada, *croaion*, *croáié* em vez de *croyons*, *croyais*. Si para as linguas cultas adoptamos a sua ortographia, que foi baseada nos sons primitivos e etymologicos, porque para a lingua patria havemos de aportuguezal-a, transformando-lhe a prosodia ?

Isso mostra ainda a nossa falta de patriotismo, que infelizmente em tudo hoje se revela. Agora passarei a mostrar que *y* sempre teve os sons que apresentei e nunca o de *j*, como admitte o illustre Dr. Macedo Soares.

Lery, que escreveu o mesmo tupi que Anchieta, isto é, quasi da mesma localidade e na mesma época (1), ouviu o indio e procurou perpetuar a sua pronuncia ageitando-a á prosodia da sua lingua, pelo que conservou as palavras com a verdadeira pronuncia.

Assim escreveu : *Ioub*, *Eori*, *oiira*, *iacou*, *caraiá*, que com a pronuncia franceza lê-se puro auanheenga, *yub*, *yori*, *yaku*, *karayá*.

Onde está ahi o *j* ? Ivo d'Evreux, é verdade que no norte e um seculo depois, de 1613 a 1614, ouviu e escreveu como

(1) A *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil, entre les gens du pays nommez Toupinambaóulls & Toupenenkins en langage sauvage & français* foi publicada em 1585, e a *Arte de Grammatica* do Padre Anchieta em 1595.

Lery, por ser tambem francez, *iapyassu*, *yapiaçou*, etc., e não *japyguaçu*.

Figueira, que naturalmente aprendeu pela *Arte* de Anchieta, que conjuga como elle o verbo *ajucá*, entretanto escreve tambem *iucá*, *iucaçara*, *iucaçaba*.

Montoya, comtudo, conservou o seu *y* (*i grueso*) e com isso a verdadeira pronuncia, e si não fôram outros vicios proprios da indole da lingua castelhana, que separou o karani do tupi, seria a melhor pronuncia conservada. O padre Bettendorf escreveu *iiabé*, *iipé*, *iabiõ*, e não *jabé*, *jepé*, *jabiõ*.

Fr. Velloso escreveu tambem *iabé*, *iepé e abion*.

Sobre o modo de fallar no sul não conheço escripto algum moderno, porém do norte temos alguns, e todos os que são originaes, como os vocabularios de Gonçalves Dias, não o de Liepzig, mas o publicado na *Revista do Instituto Historico*, o de Seixas, as grammaticas do coronel Faria, a de Simpson e a de Couto de Magalhães, rejeitavam o *j* e escrevem *i*. Penso que sufficientemente me expliquei, deixando ver que o indio nunca pronunciou essa lettra, e não se póde objectar que seja pronuncia moderna, como dizem, pelas provas que anteriormente dei.

Antes de terminar as observações sobre o *y*, devo dizer que as tribus ou aquelles que fallam nazalmente, ás vezes, quando depois do *y* segue-se *ã* nazal, este absorve o *n* da vogal que o segue e faz soar como *nh*, como y*andé*, que alguns dizem *inhandé*, *nhandé*, *nhané* , porém isso não é vulgar.

A pronuncia de *y* como *u* francez tem trazido corruptella; tem sido mudada para *u*, para *i*, para *ê* e para *ui*, e o pronunciam de uma e outra fórma, assim : *tyba*, passa a *tuba* e a *tiba*, como *cipotuba*, *mukajatiba*, *matyre* a *matere*, *pyta* a *puitá*, etc.

Esta mudança de *y* para *u* traz muitos inconvenientes etymologicos.

É devido a essa mudança que traduzem *itapuka* por *pedra furada*; tomando-se o *puka* por *puk*, quando é *apyk*, assentar.

Itapyka é *pedra assentada*, como o está o que deu assumpto para o romance *A Somnambula de Itapuca*, de Leonel Alencar.

Como este muitos nomes se acham alterados.

A mudança do *y* para *ê* vê-se em muitas palavras como em *têua* por *tiua*, yacê por yacy, *pecêka* por *pecyka*, *pêre* por *pyre*, *kêre* por *kyre*, etc.

Para mostrar a inconveniencia e o mal que ha em aportuguezar as palavras indigenas, basta citar um facto que parece de alguma importancia.

Quantos litigios promovidos pela corruptella portugueza!

A palavra *OYAPOC*, nome dado pelos tupis, e conservado pelos francezes com a verdadeira pronuncia indigena, ao rio Vicente Pinçon ou Pinson, os portuguezes fizeram *japoco!*

Foi o governador Gomes Freire de Andrade, em uma memoria dirigida ao ministro Roque Monteiro Paim, em 1699, que em vez de *Oyapoc* escreveu *Ojapoco*, o que deu logar a que no tratado de Utrecht, emquanto no traslado francez se escrevia *Oyapoc*, no portuguez se escrevesse *Japoc*.

Dahi originou-se, propositalmente ou não, uma serie de corruptellas, que tem dado logar a diversas reclamações na questão de limites com a Guyana Franceza fazendo-se *Japoc* ser outro rio que não o que legitimamente nos separa daquella possessão franceza.

Appareceram os nomes de *Hyapoc*, *Warypoco*, *Ouarypoco*, *Ouyapoc*, *Wiapoco*, *Yapoco*, *Oyapok Uiapoc*, todos originados das pronuncias daquelles que os escreveram, quando não passam de *Oyapoc*, tranformado pela pronuncia franceza *(Ou)*, ingleza *(Wy, wi)* e hollandeza *(War)*, que pelo costume portuguez e hespanhol accrescentam no fim a vogal *o*.

Pelo que venho de expôr, vê-se que o que concorreu para a adulteração foi o costume portuguez de mudar o *y* para *j*, que, como anteriormente vimos, tem transformado a lingua.

Como é uma questão de interesse nacional e como até hoje não se tenha dado, que me conste, a verdadeira traducção

da palavra, aqui o faço, porque parece-me que dará alguma luz á questão.

Quando digo não existir a traducção da palavra é porque nenhuma das que se tem dado está de accordo com a indole da lingua e não exprimem a verdade.

Conheço as traducções de Mr. Le Servec, de D'Avezac e de Martius; porém as primeiras foram bem destruidas pelo venerando Dr. Joaquim Caetano da Silva, e são irrisorias, e a de Martius não é tambem exacta, posto que mais se approxime da verdade.

Mr. Le Servec interpretou, dizendo que *Oyapoc* era corruptella de *igapoçu*, assim *igapó*, inundação (!) e *oçu*, grande, significando *rio da grande enchente*, ou o Amazonas.

Mr. d'Avezac interpretou primeiro: *igá*, ou *oigá*, agua, *epocu*, comprido, isto é, *furos* (!), *terras extensas alagadas*, e depois *ĩa*, cabeça, e *poca* ou *crique*, *callebasse* (1).

Martius diz que vem de *ajab*, abrir por si, e *poc*, arrebentar, isto é, *dissilere*.

Razão não tem, comtudo, o Sr. Dr. Joaquim Caetano, quando diz que o y de *Oyapoc* não significa agua, porque então seria *Oigapoc*, porque esse *y* soa como *ig*, como em *igara*.

O som desse *y* como vimos é tão difficil de se escrever, que, pronunciado por um mesmo individuo, não só não dá-lhe a mesma pronuncia em diversas palavras que têm a mesma radical (agua), como os que o ouvem para uns sôa de um modo e para outros de outro. Póde ter a palavra a radical agua, mas não sôa o *g*, como nas palavras: *yapomi*, mergulhar, *yakan*, ribeiro, *yaponu*, maresia, etc. Neste caso está o Oyapoc.

Os francezes, sem citar a fonte das etymologias, dizem que *Oyapoc* significa *grand cours d'eau*, o que é inteiramente inexacto; mas lhes aproveita para approximar o seu poderio á

(1) *L'Oyapoc et l'Amazone*, por Joaquim Caetano da Silva. Paris 1861, II vol. §§ 2231 a 2773, pags. 264 a 285.

margem esquerda do Amazonas, pelo quė o marquez de Ferolles, em 1699, denominou a ilha de *Marayó* (Marajó dos portuguezes) de *Hyapoc.*

Si o natural tivesse querido dizer « grand cours d'eau », diria *ykauakuã uaçú* ou *Oykauakuâ.*

O rio Vicente Pinson tem com muita propriedade o nome de Oyapoc, dado pelos naturaes, porque percorre um terreno accidentado que dá logar a que « suas » *(u)* « aguas » *(y)* corram impetuosas, « arrebentando-se » (*apoc*) por toda parte, com grande estrondo, « estourando », sobre as pedras e produzindo um fragor medonho.

*Oyapoc*, ou *Japoc*, pela corruptella portugueza, deriva-se de *O*, reciproco *suus*, *sua*, *suum* e *sui sibi se*, de *y*, agua e *poc*, que é o verbo « arrebentar com ruido, estrondar, estourar, etc. » e significa, pois, as « aguas que se arrebentam, » que « correm estourando, » que « se quebram ou o rio que estronda, rio das corredeiras, ou encachoeirado. »

Justifica a minha traducção uma opinião insuspeita, a do sabio viajante francez Alcide d'Orbigny, quando á pag. 32 de sua *Voyage pittoresque dans les deux Amériques* diz: « L'Oypock encore gonflé par les pluies, roulait avec la rapidité d'un torrent... Ces sauts sont des véritables rapides ou caudales qui barrent le fleuve dans toute sa largeur.

« Cataractes sous-marines, commes celles d'Assouan en Egypte, ces sauts ont leur genre de beauté, qui ne le cède en rien à celle d'une chute perpendiculaire.

« A son premier saut l'Oyapock, dans une largeur de cinq cents toises, *offre* une — confusion de courants et de contre-courants, d'eaux tumultueuses — et calmes, de cascatelles et de lagunes, de rochers nus et d'ilots verts, au milieu des quels sautent...

« Habituellement on ne les affronte (as viagens) que dans la saison sèche, de juillet en novembre, quand les eaux de l'hivernage sont rentrées dans leur lit.

« A ces difficultés de navigation, il faut attribuer la ruine de tous les établissements tentés sur les rives de l'Oyapock. »

Lêa-se d'Orbigny e ver-se-á como no rio Vicente Pinson ou *Oyapock*, as aguas se rebentam como nenhum outro, até a foz do Amazonas, por percorrerem todos terrenos não accidentados, tanto que por essa particularidade teve esse nome, dado pelos indios, verdadeiros observadores, que tudo denominam com muita justeza.

Um escriptor, francez, citado pelo Dr. Joaquim Caetano da Silva diz:

« Entre l'embouchure ds l'Oyapoc et celle de l'Amazone on n'aperçoit qu'une côte bourbeuse, qui semble peu digne d'être disputée avec ardeur. »

La Barre tambem diz:

« La Guyane Indienne est pays fort bas et inondé vers les côtes maritimes, et depuis l'embouchure des Amazones jusqu'au cap Nord (1).

Passo agora ás consoantes.

**B.** Esta lettra é sempre naso-labial e nunca se encontra sem o som de *mb*, quer no principio, quer no meio das palavras. No fim nunca apparece o som de *b* sinão por corruptella. Os castelhanos e portuguezes foram que inventaram esse som para substituir o *u*.

Assim dizem em karani *pab* por *pau*, que fazem igaru*paba* por igaru*paua* (y-ara-pé-aua). Esse som de *mb* foi pelos civilisadores mudado tambem para *m* ou para *b*, como melhor lhes soava a palavra.

É um dos *pontos* que afasta a lingua geral de hoje, como a de outr'ora, do tupi antigo e do karani escripto.

No tupi de Anchieta e de Figueira apparece muito o *b* em logares em que não sôa quando sahe dos labios do indio

---

(1) Devo fazer observar aqui que os sons de *á*, *é*, *í*, *ó*, *ú* e *y*, quando dados pelos de tribus nheengaibas, que tinham como os *Mauhès*, a pronuncia muito nazal, mudam-se para *ã*, *ẽ*, *ĩ*, *õ*, *ũ* e *y*, e quando por aquelles cujos dialectos eram gutturaes, como os *Parikys* e outros, para *â*, *ê*, *î*, *ô*, *û* e *y*. Importa em muito esta observação, porque, principalmente, nos sons do *e*, do *i*, do *u* e do *y*, podem todos se confundir com o *y* especial naso-guttural, e e dahi más interpretações e má orthographia.

puro, do tapuyo, mameluco ou carafuz, criado no centro onde a civilisação não é grande e onde o branco poucas vezes chega.

Note-se que quando digo indio é sempre o gentio civilisado.

O Dr. Baptista Caetano disse, annotando a traducção que do karani fez o Dr. Macedo Soares, da *Declaracion de la doctrina christiana*, que: « A troca do *b* em *v* não é somente por influencia hespanhola; ella dá-se tambem no tupy do Amazonas; e, segundo a lei geral do — abrandamento das instantaneas em continuas, — é frequente a mudança da labial *b* em *v* e desta em *u*, como se vê em *yba*, arvore, etc. »

O mesmo illustrado Dr. Macedo Soares, se exprime: « Si em vez do hespanhol ou portuguez, houvesse a lingua geral soffrido o jugo, por exemplo, allemão, em vez de se mudar o *b* em *v* e depois em *u*, se havia de trocar pelo *p*, dizendo-se *ypa* por *yba*. »

Não querendo alongar-me com citações, devo dizer que em manifesto engano têm andado todos que suppoem que a lingua geral, o *auanheenga*, tinha antes dos escriptos hespanhóes e portuguezes o *b*, o *g* e o *j*. Não houve passagem do *b* para *u*: foi o *u* dos indigenas que os civilisados passaram para *b*. Esta é a verdade e dahi veiu a corruptella do sul que separou o seu modo de fallar do do norte.

O portuguez, que melhor diz *bebé* do que *ueué*, transformou esta pronuncia naquella, e dahi começou a separar-se a do norte. Qual o caboclo, por mais civilisado que seja, que diga *bébé* por *ueué*, voar? Só dil-o portuguez que falle a lingua geral, como tenho ouvido.

O *b* que apparece em *tuchaba*, *murubichaba*, *igaçaba*, *kuruba*, etc., etc., é sempre por vicio castelhano e portuguez de substituir uma por outra lettra; assim o indio só diz *tuichaua*, *muruichaua*, *yaçaua* (*y*-ig), *kurua*, etc. Ivo d'Evreux escrevia *muruuichaue*, o padre José Bernal *Mburubichaba* [1] e Lery, *tuuichau*;

[1] *Catecismo da doctrina Christiana*, Año 1800, pag. 4.

não ouviram o som de *b*. Apresento aqui um exemplo como essa orthographia foi que modificou o auanheenga a ponto de tornar ás vezes impossivel achar-se uma etymologia, ou mesmo, de levar a interpretações falsas.

Tomemos a palavra *tuchaua*, *tuichaua*, do Amazonas, e *tubichá*, *tubichaba* e até *gubichá* no karani. Sou o primeiro a dar a palma do saber ao erudito karinologo Baptista Caetano; porém, elle apezar do seu espirito de linguista atilado, querendo ir além de Montoya, como interpretou essa palavra?

Montoya diz simplesmente: « *Tubicháb*, grande en calidad y cantidad, » e Baptista, no seu vocabulario, « *Tubichab*, abs. de *ubichab*, adj., grande; em manusc. da Bibl. Nac. se acha *tybixáb*, membrudo, carnudo, corpulento, o que leva a crer em um participio de *toób* ou *toó*, abs. de *oó*, crescer; mas compare-se *tupir*, elevar, e note-se que si não fosse o *i* simples podia-se admittir a composição *tub-yçatuba yhab*. »

Si não fôra a orthographia de Montoya e a crença de que *b* passava para *u*, no norte, o Dr. Baptista assim não se exprimiria, porque *tuchaua*, *tuichaua* ou *tuuichaue*, como bem escreveu o padre Ivo d'Evreux, apezar de francez, vem de *tuhuy* ou *tuuy*, sangue, e *chaua* por *haua* ou *aua*, que exprime o *que tem*, *que guarda*, *que contém*, etc.

A verbal *haua* ou *aua*, ainda no Paraguay hoje se diz *chab*. Quando o castelhano diz *tuhuy* encontrando na palavra tupi o segundo *u* aspirado, diz *tugui*, *tubu*y; mas no caso presente, como concorrem duas aspirações ligadas a do *hu* e a do *haua*, que mudam os portuguezes e castelhanos para *c*, contrahem pela figura syncope as duas palavras e formam *tuyçaua* ou *tuichaua*, vindo o vicio castelhano transformar mais a palavra mudando o *u* em *b* e formando *tubichab* ou *tubichaba*.

Com effeito tuichaua é *o chefe*, *o individuo que exerce o seu poderio transmittido pelo sangue de seus pais*. É um *homem de sangue*, um principe de *sangue* dos reis, por assim dizer, que tem o direito de vida e de morte sobre os seus, recebido por hereditariedade, como a nobreza, que se transmitte pelo *sangue*.

O *moruichaua*, *morubîchaba* do sul, o chefe supremo, o rei, deriva-se de *mbo — r — uuichaua*, o que faz, ou donde sahem os chefes, seus filhos e subalternos, que no sul pela mudança das lettras fizeram *murubichaba*. O proprio Anchieta antes de publicar a sua *Arte* escrevia *capiyuara*, e não *capibara* ou *capivara*.

Os indios krichanãs, que não tinham tido contacto algum com civilisados, quando os pacifiquei, deram-me logo o nome de *karaiuá*, que confirma o que digo e obriga-me a outra observação. Aqui vê-se o *u* que transformaram em *b*, pronunciado pelo selvagem que não tinha ouvido a pronuncia portugueza ou castelhana, que si fôra mencionado no sul diria *karaibá* e *karaiba*.

Esse tratamento mostra que os karaibas descendem de povos invasores, que *conquistaram* o terreno e depois delle tornaram-se *senhores*.

Eu, que *invadia* o terreno krichanã, o *conquistava* e procurava dominal-o, devia ter o mesmo nome de *karaiuá*, ou *karaibá*, que dão ao *branco*, por ser este no Brasil o conquistador.

Que o nome karaiuá, *karaibá*, *kariua*, *karaib*, *karay*, etc., era commum a toda a America do Sul, não resta duvida, porque por toda a parte elle apparece como significando sempre um dominador, pelo que se prova que os *karaibas* dominaram todo o norte, e deixaram mesmo entre as tribus selvagens a sua tradição perpetuada pelo nome que estes pronunciam com *u* e os civilisados com *b*.

Nesse ponto a lingua está mais pura no Amazonas do que no sul e no Paraguay, porque conserva a pronuncia primitiva.

O costume do portuguez de algumas localidades de mudar o *v* e o *u* em *b*, e vice-versa, fez esse enxerto no tupi que o adulterou.

É conhecida a maneira de alguns portuguezes soletrarem, dizendo: *u–i*, *bi*, *u*, *u–a*, *ba*, *biuva*.

O padre Mamiani, italiano, perpetuou o *u* na lingua *kyriri*, que não é mais do que tupi fallado por tribus nheengaibas, que são as que pronunciam o som de *j* como *ch* e o *s* como *z* ou *dz*, quando admittiu o *w*, escrevendo *waruá (uaruá*, tupi, ou *guaruá*, karany).

Os missionarios escrevendo a lingua, não só fizeram essas mudanças, como crearam innumeras palavras, que não existiam, de cousas que os indios desconheciam, e assim como aportuguezaram o tupi, tupinisaram o portuguez e fizeram *curuçá*, cruz, *sapatú*, sapatos, *sorára*, soldado, *panéra*, panella, *camarára*, camarada, etc., compondo, principalmente no que diz respeito á egreja, com palavras tupis de significado diverso, outras para exprimirem o que desejavam, como, além dos dias da semana, *caraibebé (karaiueué)*, *yandy karay*, santos-oleos, *missa pituna*, missa do gallo, etc.

Prova inconcussa de que me firmo na verdade ver-se-á num termo muito conhecido hoje no Brasil. Não se póde dizer que é elle do tupi moderno do norte, porque não só é do sul, como do territorio em que predomina o karani.

Dous affluentes do Rio Paraguay nascem na serra do Marakayú, em Matto Grosso, e ambos têm o mesmo nome, e são o celebre *Aquidaban* e o *Aquidauana*.

Este é aquelle, transformado o *u* em *b*. A vogal que termina este é, como disse, uma das corruptellas para aportuguezarem as palavras, ou pelo vicio de augmentarem os portuguezes vogaes ás ultimas consoantes de uma palavra.

O indio brazileiro em Matto Grosso diz *Aquidauana*, o paraguayo *Aquidaban*.

Si esta é a pronuncia pura, porque aquelle não repete, tendo mesmo o exemplo?

É, por assim dizer, por um atavismo linguistico, que o descendente dos tupis repete a palavra como seus avós proferiam. A influencia da orthographia é tal, que, quasi affirmo, todos têm esses nomes como diversos e com etymologias differentes; e si assim não é, como dar-se a dous rios o

mesmo nome, affluindo elles á mesma arteria e muito proximos?

**Ç**. Tendo os portuguezes substituido, não por antithese, mas por não poderem dar a aspiração que o indio e os castelhanos dão, o *h* para *ç*, que lhes pareceu soar melhor e podiam pronunciar, perpetuou-se essa orthographia, substituindo até o *s* antes de *a*, *e* e *o*, que, pelo uso consagrado e uniformidade foi adoptado tambem antes de todas as vogaes para não ter de dobrar o *s* quando entre vogaes. A adopção do *ç* em vez do *s*, a não ser em casos de aspiração, tem sua razão, porque nunca o indio dá o sibilar do *s*; mas no que não tiveram razão, e serviu para corromper a lingua, foi fazerem desapparecer a aspiração, e assim em vez de *haku* dizem *çaku*, *çarib* por *harib*, *ceça* por *heça*, *ceé* por *heê*.

O *c* quando antecede *a* e o som nazal *ng* desapparece, predominando o *g*, pelo que dizem *nheengatú* em vez de *nheenkatú*. Os descendentes de tribus nheengaibas mudam ás vezes o *c* em *ch*, como em *chihy* por *çuhy*.

Um unico inconveniente noto na adopção do *c*: é quando elle é cedilhado *(ç)*, porque um esquecimento, um erro typographico, em que se omitta a cedilha, lhe dará o som de *k*, e mudará completamente o sentido da palavra ou não lhe dará nenhum, pelo que é preciso muita cautela no escrever e no rever as provas typographicas.

**CH**. Este som chiante explosivo é escripto tambem com *x*, como Anchieta e Figueira o fizeram, porém com mais propriedade quando o indio falla sôa o *ch*, o *sh*, inglez.

Este som comtudo só apparece quando por euphonia ou idiotismo da lingua substitue o *ç*, o *h* e o *y*.

Adopto além disso o *ch* para não haver ambiguidade e não se pronunciar *cç* ou *ss*, *z* ou *es*, como em *fluxo*, *syntaxe*, *exemplo* e *experiencia*.

Quanto á lettra **D** é outra que nunca tem um som puro, e sempre sôa como *nd*, no fim das palavras, e muito raras vezes no meio.

Poucas são as palavras que começam por *nd.*

G sôa sempre como em portuguez no meio ou fim dos vocabulos, porém nunca apparece no principio sinão no karani pelo vicio hespanhol.

Esta lettra concorreu poderosamente para a separação do karani do tupi.

Isolada, com o proprio som, a formar syllaba ante qualquer vogal não existe no tupi, mesmo fallado por individuos de tribu nheengaiba de prosodia guttural.

Quando ella apparece é sempre depois do *n* quando sôa *ng*, isto si a syllaba que precede ou segue é nazal, e então liga ás vogaes o seu som, como em *anga*, *nheengara*, *kanguera* etc.

Na palavra *Magangaba* vê-se bem a mudança do *u* para *g*, e para *b*, conservando-se a pronuncia *ng* inalteravel, porque o indio não pronuncia senão *mauangáua*. O hespanhol que diz *guevos* (ovos), forçosamente dirá na lingua indigena *Guaymy* por Uaymy.

Vê-se tambem do *y* especial quando sôa *ig*.

Recahindo esse som sobre a vogal que se segue fórma syllaba, e dahi vem *igara*, y*gaponga*, *iguaçú*.

Nunca esta lettra por si produz as pronuncias *ga*, *go*, *gu*, sem ser nesses casos.

O som de *g* no fim dos verbos, como *pag*, *peg*, etc., que apparece no karani, é o de *k* ou *c*; é *pak*, *pek*, tanto que fazem os gerundios soar com este som, e dizem *paka*, *peka*.

Entretanto dirão: mas como no karani vêm-se tantas palavras que começam por *gu*, *gui*, etc.? Pelo simples vicio hespanhol ou castelhano, como disse, que dando nova prosodia á lingua, deu-lhe orthographia diversa da pronuncia do indio, separando assim o fallar do indio moderno karani do tupi, quer antigo, quer moderno.

Foram os padres hespanhóes e castelhanos, que crearam esta pronuncia, e foram elles que a ensinaram, *iberisando* o auanheenga.

O padre Paulo Restivo (hespanhol), na sua *Breve noticia de la lingua guarani*, com a mesma pronuncia de Montoya, creou as syllabas *gue, gui, ge gi*, assim como deu o som de *j* (jota), a um dos do *y*, que absolutamente não tem.

Diz elle « las silabas *gue, gui* no se han de pronunciar como en Romance en las quales la *(u)* és liquida, y no se muestra en la pronunciacion, sino que se han de pronunciar, como se pronuncia el *gue*, de (languere) i el *gui*, de (Sanguine) de la lingua latina, ut: *Ambogue*, borro, *Iguipe*, debexa de el. »

« Las silabas *ge, gi*, se han de pronunciar como *gue, gui* de el Romance, ut *tãnge*, priessa, *thechagi*, dissimulo, en las quales la sylaba *ge* de *tânge* se ha de pronunciar come el *gue* de la palavra (guerra) e *elgi* de *thechagi* como el *gui* de la palavra (guinda). »

Não tem razão o padre Restivo. Vejamos:

Ambogue, *iguipe, tange*, e *thechagi*, são as palavras *I-ui-pe*, que tambem pronunciam *iuirpe* e *iuirepe*, mas nunca i-*gui*-pe; *Tan*-ge que já fazem *tângê* é uma só sylaba *tang* porque o *g* e o som do *n* (ng,); *thechague* é o *He-chan*, do qual o *n* tem pronuncia de *ng*, por isso sôa *hechang* soando o *g* levemente e nunca com o som de *gue*.

*Thechagú* é o *hechá* ou no absoluto *Techá*, que com o accrescimo do *ui* (de Anchieta), o castelhano antepoz o *g* ao *u* e fez a pronuncia de *gui*, escrevendo *gi*.

*Marangatu*, por exemplo, não é ma-ran-ga-tu e sim *ma-ran-ka-tu*, reunindo-se o som do *ng* com *k* que fazem *gatu*.

Os brasis, pela descoberta, não pronunciavam o *g*, no começo das dicções, sinão por abreviatura, porém tendo sido os primeiros, no sul, catechisados por missionarios castelhanos, estes, escrevendo e fallando a sua lingua, deram-lhe uma orthographia em que introduziram um vicio proprio de sua patria, *o de pronunciarem sempre antes de* u *um* g, principalmente quando ha aspiração. Os karanis, catechisados sob o jugo hespanhol por seculos, não abandonaram o seu fallar, e quando começaram

a ler e a escrever no tempo das missões, guiados por hespanhóes e estudando pela *Arte e grammatica* de Montoya, conservaram a orthographia da pronuncia ultramarina, e dahi vem o *guirá* por *uirá*, o *kadigué* por *kadiué* (indios kadiuéos), o *guaçu*, que já fazem *guazu*, por *uaçu*, *guakari* por *uakari*, *jaguar*, *jaguaritê*, *jaguarandy* por *yauara*, *yauaretê*, *yauarandy* e finalmente *Paraguay* por *Parauá-y*, agua ou rio dos Papagaios [1] e *Paranaguá*, por *Paranãuá*, rio de Fructas, que Baptista Caetano traduz por *enseada*.

Eis aqui um erro obrigado pela orthographia castelhana. Baptista tomou *uá*, fructo, por *aká*, ponta, levado pelo *guá*, que suppoz ser derivado de *aquá*, ponta, quando não é mais do que o *uá*, *iuá*, o *ibá* do tupi do sul, que o hespanhol pronuncia *guá*. Temos outro exemplo em *guaryba*, que em todo o valle amazonico se pronuncia *uaryua*. Accrescente-se o *g*, da pronuncia castelhana ante o *u* e mude-se o *u* em *b* pelo vicio phonetico do mesmo castelhano, teremos a palavra *guariba*, que por esta orthographia leva a dar-se interpretação diversa da que tem.

Assim Baptista Caetano traduziu por *guahur-yb*, chefe dos gritadores, quando o indio deu ao animal um nome tirado de um costume que o caracterisa, o de andar de cauda levantada, para se apegar a tudo que encontra, e o nomeou o *uaryua* de *uã*, cauda, *yua*, levantada, erguida de pé. O *gua* levou o sabio karanilogo para outro lado, e fez da guariba o chefe dos *cantores* ou *berradores*. Esse quadrumano berra, é verdade, algumas vezes no dia, mas tem sempre a cauda erguida, mesmo dormindo.

A aspiração do *u* levou o castelhano a accrescentar o *g* e o portuguez um *ç* ao *uã*, donde veio o termo *çuã*, como *çuã de porco*. Dirão que a minha traducção é falsa, porque cauda, rabo, em karani é *uguãi*, e em tupi *uãi* ou *çuãia;* mas lembrarei que *uã*, a espinha dorsal, se prolonga em vertebras que

[1] Montoya traduz *rio das Coroas*, porém coroas de *plumas*, que segundo o mesmo a traducção é *paraguá*, que significa rio de coroas de pennas, rio coroado, como dizem. Querem outros que venha, corrompida do nome, da tribu *payaguás*, que outrora habitou o rio.

formam a cauda, pelo que dizem *u-ãi*, a espinha dorsal pequena, a cauda, e se faz *uguãi* é pela addição do tal *g*.

Por euphonia supprimem o *i*, porém que sôa em *uãiapeçã (uã-i-apeçã)*, o cauda espessa. É outro macaco que os castelhanos não tiveram o poder de mudar o nome para *guajapeçá* por não ser do sul, e que tem a *cauda espessa*, tanto que servem-se della para espanadores.

Justifico o porque traduzo Paraguay rio dos Papagaios que o mesmo Dr. Baptista tambem admitte. Pela etymologia deste, um papagaio é *paraguá* ou *paracaú*, derivado de *apar*, torto, adunco e *guá* por *aquá*, ponta, bico de volta, bico adunco. O tal *g* castelhano ainda levou o nosso mestre a esse engano.

*Paraguá*, sem o accrescimo hespanhol, deriva-se de *paraú*, variegado, de côres diversas, e *auá*, pennas, que, pela concurrencia dos sons de *au* nas duas palavras, um absorve o outro, e fica simplesmente *parauá* (o papagaio) em vez de *paraúauá*, que ainda ás vezes se pronuncía.

E como melhor denominarem esse trepador sinão dizendo o *variegado de pennas?* Naturalmente os papagaios, de varias especies, têm as pennas variegadas, e ainda o ficam mais quando *contrafeitos*, isto é, quando por artificio fazem as pennas mudar de côr. De *parauá* vem o *paraguá*, corôa de pennas, porque em geral os papagaios têm uma corôa de outra côr, e são tambem os que fornecem as pennas para as corôas indigenas, *akangatar*.

Ainda para mostrar a que enganos póde levar o accrescimo do *g*, vejamos a palavra *Jaraguá*, que Anchieta nas suas *Cartas* escreve *guaraguâ*, nome de uma praia em Maceió, que o Dr. Martius traduz por *senhor de campo*, de *yara* e *gua*, quando se deriva de *yuara-uá*, que com a mudança do *y* para *j*, e o accrescimo do *g*, foi transformado em *Juaraguá*, que por euphonia fizeram *Jaraguá*. Praia do ou de *Jaraguá*, (yuarauá yuicui) praia dos peixe-bois, nome que deram os portuguezes ao *manatus*, que ainda hoje tem entre os tapuyos o nome de yuarauá.

O suffixo *ara* do verbo *ar*, *nascer*, que exprime o logar donde alguem é natural, como *Çarakáoara*, *Marayóara*, passaram a *guar* e dahi *Paraguay guara*, dando logar a que se tome por *kuara*, e em vez de se dizer os que nascem em Marayó diga-se o *buraco*, a *cova*, a *gruta* do marayó [1]. Anchieta, tambem com a mesma prosodia, viciou o fallar dos brasis. Em todas as linguas americanas, em que houve a influencia do dominio ou do ensino hespanhol, vê-se sempre o *g* como no *huano* kichua, que foi transformado em *guano*, quando entretanto em nenhuma dellas o natural pronuncia essa lettra no começo de dicções.

Vê-se no iroquez e no algonquino, da America do Norte, mas em nenhum outro dialecto da America do Sul, mesmo no *takana* da Bolivia.

Além dos vocabularios reunidos pelo Dr. Martius, possuo mais de vinte de varias tribus nheengaíbas do valle amazonico, e em nenhum delles vejo palavras que comecem pela lettra de que me occupo [2]. Justifico-me: Lery escreveu *oiira*, *oiirapât*, *oussou*, que lendo-se com a pronuncia franceza é exactamente o que pronuncia o indio *uirá*, *uirapá*, *uçu*. Ivo d'Evreux escreveu *uyrapau*, *uarupi*, que lendo-se da mesma fórma dá *uirapáu* e *uarupy*, não tendo nenhum delles, um no sul outro no norte, ouvido *guirá*, *guirapá*, *guaçu*, *guarupy*, e por que?

Por não terem na sua pronuncia antes do *u* o *g*.

Ouvimos dizer, é verdade, *garupaua*, *gapyra*, *ganty*, etc., mas ahi por abreviatura, como disse, porque houve a suppressão do *i*, sendo as palavras *igarupaua*, *igapyra*, *iganty*, que é o som do *y* nazo-guttural, fazendo *ig*.

Onde estão no karani as palavras que comecem por *ga* e *go*?

É sempre o *gu*, *gue*, *gui*. Poderá haver alguma por corruptella, como já introduziram o *z*, que não tem a lingua.

---

(1) Note-se que só se escreve *o-ara*, quando a palavra acaba na vogal *a*.

(2) Só encontra-se a pronuncia do *g* entre os botocudos de Santa Catharina, que não é mais do que a pronuncia aspirada, que foi aportuguezada. Assim dizem elles *goyo*, rio, *guyu*, indio coroado. *Goyouem*, rio Pelotas, etc., como escreve o illustrado Dr. Jacques Ourique, que não é mais do *koyo*, *kuyu*, *koyouem*.

Esta pronuncia perpetua-se tambem pela orthographia dos jornaes e escriptos paraguayos. Conheço o *Lambaré* e o *Cabichuy*, illustrado.

Baptista Caetano admittiu o *g* no fallar do indio, porque só ouviu paraguayos, e suppunha que essa lettra era indispensavel na sua linguagem, tanto que considera um metaplasma, e diz: « O *g* tem desapparecido em muitas dicções, e não só o *g* como o *u*, que costuma acompanhal-o e com elle se liquida »; e cita entre outras a palavra *uaçu* e *açu* em vez de *guaçu*, considerando esta fórma viciada quando é a purissima. O tembé ainda pronuncia *uhu* ou *uçu*. (1)

A introducção castelhana do *g*, substituindo sons aspirados e antes do *u*, transformou de tal maneira hoje a pronuncia e a escripta, que desfigura apparentemente a lingua a ponto de poder ser tomada, como já o tem sido, por outra, quando não é mais do que uma e unica.

Essa pronuncia produziu um dialecto, que se afasta do verdadeiro auanheenga, que hoje, e legitimamente, é representado pelo nheengatú. Como transforma a orthographia, a pronuncia e a escripta o tal *g!*...

Quem dirá que *ugui*, *egui*, *gui*, é o *hui*, pelos portuguezes melhor transformado em *çui?*

Como lerá o individuo que nunca tiver ouvido um paraguayo estas palavras *uguy*, *guy? Ugu-i*, *gui* ou *ugúi,?*

Si formos pela phonetica portugueza poderemos ler como em *guincho*, *guinar*, etc., mas daremos uma pronuncia que não é a verdadeira.

---

(1) Tambem diz: « *G* tem o som geral, mas ás vezes é um pouco mais guttural, mórmente quando seguido do *u*; outras vezes abranda-se tanto que muda em *v*, *w* e *u*, e chega a desapparecer »; isso é exacto quanto ao karani, mas não quanto ao tupi, porque este puro sem a prosodia castelhana, não admitte o *g*. Tanto assim é que no propriô karani se prova que elle não existe, mostrando-se que o *g*, devendo seguir o mesmo que o *q* — quando seguido de *u* apparecer *a* e *o* — ou quando seguido de *e* ou *i*, não observa a mesma regra. O *g* ante *u*, seguido de *e i*, pronuncia-se sempre *gu-e gu-i* como em *guela*, quando devêra ser *gue*, *gui* como em *guedelha*, *guizo*.

Tirado este *g*, que entra nos pronomes pessoaes e nos gerundios karanis por vicio hespanhol, como *gu* e *guabo*, que não é mais do que o *o* ou *u*, e a terminação *aua*, o tupi ou auanheenga apparece puro.

O padre Figueira introduz tambem nos gerundios o *g*, que Anchieta apezar de hespanhol, não introduziu; assim aquelle apresenta o *gui*, quando este só dá *ui*.

Entretanto sem o *g*, escripto como o indio pronuncia, ou mesmo o portuguez escreveu, daremos sempre a pronuncia verdadeira, leremos sempre *hui* ou *çui*. Muitas ambiguidades traz esse *g* enxertado no auanheenga. Póde confundir-se com *uguy* (sangue), que si se não der a pronuncia guttural do *y*, soará da mesma fórma, quando no nheengatú si não confunde por bem aspirarem a lettra que os castelhanos modificaram, dizendo *huy*.

Anchieta escreveu *ui*, tirando a aspiração que comtudo Figueira deu escrevendo *çui*.

Não se poderá dizer que no norte se aspirava *u* e no sul não, porque os castelhanos das missões ouviram o indio aspirar tanto, que acrescentaram-lhe o *g*.

Apresento aqui uma palavra para mostrar como completamente se separa o karani do nheengatú levado pela prosodia castelhana.

O que será *baguaçu?* Será *bag*, virar-se, e *uaçu* grande? Será *bae*, aquelle que, e *guaçu* grande?

Não; é simplesmente *uáuaçu*, de *uá* fructo, *uaçu* grande nome de uma palmeira, a *attalea speciosa* Mart., cujos fructos são mui grandes.

Houve aqui a mudança do *u* para *b* e o accrescimo do *g* antes do *u*. No Amazonas e Pará dizem *uauaçu*, no Matto Grosso *baguaçu*, tanto que já lhe dão uma interpretação hybrida fazendo derivar-se de *bago* e *açu*, grande, significando *bago grande*.

Penso que sufficientemente mostrei como pelo *g* castelhano foi o auanheenga transformado em karani, e como este e o *j*, deram como que um outro dialecto, entre um e outro vulgarmente conhecido por *tupi da costa*.

A lettra **H** indica sempre uma aspiração; corresponde ao espirito aspero dos gregos, e as palavras que eram assim aspiradas, os portuguezes, não podendo pronuncial-as bem, passaram para *c*, assim como os hespanhoes, quando a aspiração era

em *u*, accrescentaram sempre um *g*. Assim por *henum*, *hacen*, dizem *cenun*, *çacem* e o karany em vez de *huareá*, *guareá*.

Os hespanhoes admittiram o *h* em todos os casos em que figura o *c* portuguez, e com razão, porque é indispensavel para pureza prosodica e se poder aspirar as lettras quando pela audição não fôr possivel saber.

Neste caso está o karani mais puro do que o tupi do sul, que nos deixaram escripto.

Os portuguezes tambem mudam ás vezes a aspiração do *h* para *f*, como em *Bahuaná* que fazem *Bafuana*.

As aspirações caracterisam muito a lingua brasilica e a tornam por isso notavel; entretanto que fallada pelos civilisados ellas desapparecem, tornando-a muito differente. O habito de aspirar as palavras é tal que fallando-se com os tapuyos, quando elles dão mostra de admiração, confirmam qualquer cousa ou mesmo negam, não pronunciam uma só palavra, mas aspiram o ar fortemente como em um arquejo forte.

**K.** Adoptei esta consoante para substituir o *c* e o *q* por ser fixo, invariavel e uniforme o som, que escripto com uma ou outra consoante, não tendo o inconveniente de confundir-se a pronuncia na leitura nem trazer as ambiguidades que por exemplo, aqui se notam nas seguintes palavras, *quicé*, faca, *quicé*, a pouco, *quyre*, dormir, *quire*, agora, cuja pronnncia é *kicé*, *kuicé*, *kyre* e *koire*.

O *c* ou *k* no fim das palavras foi mudado pelos castelhanos para *g*, o que levou o meu finado amigo Baptista Caetano a dizer o contrario, « que o *g* karany foi mudado para *c* no tupy » ([1]).

O *c* tem tal cognação com o *g* que os antigos romanos escreviam com aquella lettra o que depois se escreveu com esta; assim diziam *pucnare*, *leciones*, etc., emquanto que hoje

([1]) Vê-se bem esta mudança em *tigucra*, por *tikuera*, plantação ou roça que foi, isto é: *roça de milho* de *abati* antes *auati kuera*, que por abreviatura fazem *tikuera*, como *tiruru* milho cozido.

escreve-se *pugnare*, *legiones*, etc., como tambem pronunciavam *Gneus* e escreviam *Cneus*.

Esta prognação mudou o *c* em *g*.

Clara e distinctamente os indios pronunciam o *c* ou *k*, soando no fim das palavras quasi como *g* portuguez porque entre esses sons ha grande cognação, como disse, e dahi vem que os latinos antigos escreviam tambem ora com uma ora com outra lettra, como *seculum*, *sequlum*, *acua*, *aqua*, etc.

Esse som final nas palavras levou a addicionar-se uma vogal a elle, pelo que dizem: *cyka*, *oka*, *kutuka*, *pipika*, *yakuka*, *piroka*, *tyka*, *keteka*, etc., que os karanis pronunciam *cyg*, *og*, *kutig*, *pipig*, *jakug*, *pirog*, *ityg*, *queteg*, etc.

Si houvesse tendencia do tupi do norte a mudar absolutamente o *g* para *c*, não diriam *piranga*, *mitanga*, *poranga*, *poçanga*, *tikanga*, *igaponga*, *iarukanga*, etc., e sim *piranka*, *poranka*, *mitanka*, etc.

Por ser som nazal, não, porque os kaipiras que descendem dos indios dizem bem *potranka*, etc. (1)

Ás palavras que no karani terminam em *g*, pelo som de *ng*, pelo costume das linguas neo-latinas accrescenta-se uma vogal. Sendo a raça uma só de norte a sul, porque só os karanis haviam de conservar puro o som do *g*, quando do Prata ao Amazonas as outras hordas conservaram o de *c*? Não se vê ahi a influencia da cognação dessas lettras na prosodia castelhana? Uma ou outra palavra foragiu para o norte com esse som de *g*, que ainda se ouve rarissimas vezes nos descendentes dos missionados, por aquelles que aprenderam por Figueira ou eram castelhanos.

A lettra **M** pronuncia-se sempre como em portuguez; porém sempre que se segue voz nasal sôa como *mb*, donde

(1) O *c* ou *h* foi mudado, no Sul, para *p* e para *g* donde vem *Tapera*, por *tauakuera*, *capoeira*, por *caakuera*, assim como a propria palavra *karani* foi transformada em *Guarany*, dando-se até uma interpretação inteiramente contraria. Assim traduzem por *Guerreiro*, quando a palavra diz *o que não é guerreiro*, de *kara* e *ni* ou *ny*.

Pronunciando o hespanhol em geral o som do *j* como *c* ou *h*, dizendo, por exemplo, *tinaca* por *tinaja*, inverteu tambem o *k* para *g*.

vê-se uns adoptarem só *m* e outros só *b*, como em *mbeyu*, que no Amazonas dizem *meyu* e no sul *beijú*.

O mesmo caboclo, que, quando falla em portuguez, diz: « Quer beijú? » quando se exprime na sua lingua diz: « *Re potare meyu?* »

Esse som, entretanto, vae desapparacendo no Amazonas, e só é ouvido entre velhos de logares do interior, porque os mais civilisados em geral supprimem o *b*, pronunciando simplesmente *maã* em vez de *mbaá*. Sempre que uma palavra acaba por esta lettra, aportuguezam juntando-lhe uma vogal; assim dizem *acema* por *acem*, *koema* por *koem*.

**N**. Tem o som proprio do portuguez e o de *nd* e *ng*, sempre em começo de dicção. Este som, comtudo, hoje está modificado no nheengatú, posto que perdure no karani. Assim separam e fazem de *ndé*, ou *indé*, ou *né*, como de *mendar* fazem *menara*. O segundo som, que só apparece no meio ou fim de dicção, perdura, e tão pronunciado que sempre juntam uma vogal a parecer uma syllaba, fazendo de *ang* — anga, *nheen*, *nheeng* — nheenga, *pirang* — piranga, etc.

O som *ñ* ou *nh*, que tem tambem o **n**, tem contribuido para a corruptella, pronunciando-se *ium* por *nho*, *nengara* por *nheengara*, etc.

Por antithese ás vezes mudam o som de *nh* para *nd*, como em *Anhanduhy*, *Anhandaua*, etc.

**P**. Sôa sempre como em portuguez; sómente quando pronunciado por algum indio de tribu nheengaíba, isto é, por aquelle que nunca fallou o tupi, ás vezes é mudado para *b*.

**R**. Sôa sempre brando; é trinado, quer no começo, quer no meio das dicções, como em portuguez *cura*, *pera*, etc. Exemplo: *igara*, *reçé*, *rupy*. Quando as palavras terminam por essa lettra sempre addicionam os civilisados vogal, pelo que de *menare* fazem *menara*, de *kuer kuere*.

O *r* dobrado na composição de syllabas, como nas portuguezas *bra*, *bre*, *bri*, *bro* e *bru*, etc., *fran*, *fras*, etc., não existe no nheengatú.

T pronuncia-se como em portuguez. É lettra inicial das palavras ditas em absoluto, e que se muda nas dicções em *r* ou *ç*.

———

Extendi-me nesta exposição talvez mais do que devêra por dous motivos: para mostrar como tem-se adulterado o auanheenga que deu o nheengatú, destacando-se do karani, e para provar que razão tinha quando em 1875 disse que *jaguar* era uma palavra estranha, o que motivou um bellissimo artigo do illustrado Dr. Macedo Soares, (1) que aqui acha a minha resposta, embora tardia.

Quando emprégo a palavra *auanheenga*, cumpre-me advertir, quero com isso dizer a lingua do indio, a *matriz*, *anterior á escripta* por Anchieta e Montoya, conservando a de *nheengatú* para o tupi do Amazonas, e a de *karani* para o tupi do Paraguay.

O tupi do sul é mais vulgar entre os escriptores, porque ha mais de dous seculos é perpetuado pela escripta e tem já uma litteratura, posto que pequena, emquanto que o não é o do norte, e por isso quasi todos suppoem que a lingua mais pura é a que se falla no Paraguay.

Engano manifesto. Tem conservado, é verdade, a pureza que deixaram os castelhanos, com a sua prosodia, pelo ensino e pela escripta, mais ahi do que na deixada no Amazonas tradicionalmente pelos portuguezes; comtudo conserva ella disvirtuada pelos sons de *j*, *b*, *g* e *v*, e que nunca o indio teve. Só repetiam o que sabiam pelas cartilhas; aqui o que os paes transmittiam por herança prosodica. Os vocabularios e as grammaticas do tupi, que chamam *tupi moderno*, appareceram hoje, por assim dizer, datam de 1852 para cá, depois que o Dr. Gonçalves Dias viajou o Amazonas e publicou o seu *Vocabulario*. O dizer elle *Vocabulario da lingua geral usada — hoje em dia — no Alto Amazonas* levou os litteratos, que só conhecem a lingua

(1) *Revista Brasileira.*

pelo que existe escripto, e não porque a tenham ouvido de karanis e tupis, a tomarem a lingua geral do Amazonas como um novo dialecto. É essa a opinião geral.

É verdade que parece um novo dialecto por estar muito corrupta pela prosodia do vulgo, « corrupção para a qual os padres concorreram e mesmo precipitaram-na », como disse Baptista Caetano nos *Ensaios de Sciencia;* porém é mais pura no fundo do que o karani, porque perpetúa a verdadeira pronuncia primitiva.

Hoje não é mais possivel fundir o karani e o tupi, dando-se-lhe uma só orthographia; mas fique aqui consignado, para futuros escriptores, que a pronuncia nheengatú é a verdadeira dos tupis ante-Cabralianos, não se fazendo cabedal do aportuguezamento das palavras, nem dos *gus*, *guis*, *abos*, *gabos*, introduzidos pelos grammaticos de então, levados pela sua pronuncia.

Termos ha tambem diversos entre os dous *meios*, brasileiro e paraguayo, é verdade, ou os mesmos com significados differentes; porém isso é da lei geral das linguas, devido á natureza differente que cérca os dous povos, e á sua posição geographica, que obriga a creação de nomes para designar o que um possue e outro não.

Na nossa lingua, no inglez-americano, no hespanhol da America do Sul, e mesmo entre o hespanhol das republicas do sul e as do equador, existem essas differenças.

A pronuncia de *yá*, de *iu* e *uá*, adoptada hoje como *já*, *gu* e *ba*, que consideram um erro, um vicio, não é mais do que um archaismo perpetuado, que nos mostra a prosodia pura da lingua sem a influencia estranha.

A orthographia castelhana não influiu só na prosodia, foi até á syntaxe e á etymologia.

Não quero que se reforme hoje a lingua, porém que se acceite, respeite e perpetue o fallar do Amazonas, como reliquia guardada pelos indios, o qual não póde ser destruido pelos conquistadores que abastardaram-lhes a raça, e que o nheengatú

tome no Brasil o logar que os escriptores dão ao karani, porque assim como o está é a lingua patria, e que os brasileiros escrevam com a prosodia e a orthographia nheengatú e não com a do karani, mesmo para serem entendidos pelo povo rustico, que só conhece o que a tradição oral lhes ensina.

Basta, como disse o visconde de Araguaya, que a lingua se corrompa pela má prosodia do vulgo; não favoreçamos a corrupção com a orthographia contraria.

Em apoio do que tenho expendido chamo a mim uma autoridade, o autor do *Selvagem*, o Exm. Sr. Dr. Couto de Magalhães, que diz: « Accrescente-se a isto que os missionarios hespanhoes se serviam do alphabeto com os sons que elle tem em castelhano, diversos em muitos casos dos sons portuguezes, e comprehende-se com toda facilidade como o guarany, que não é sinão o tupy do sul reduzido á lingua escripta, apresenta uma apparencia ás vezes tão diversa, que homens da força do benemerito Martius, de saudosa memoria, com tanto merito real, e que aliás fallava o tupy, o julgava no entretanto distincto do guarany. »

Couto de Magalhães diz que o Karani é o *tupi do sul* reduzido á lingua escripta; eu affirmo que estes dous são o nheengatú do norte, corrompidos pela mesma escripta, pela má pronuncia, por sotaque e vicios estrangeiros.

Para quem se occupou destas cousas, e para aquelles que quizerem escrever o tupi e não o karani, recommendo a obra o *Selvagem;* porque tirada a pronuncia do *o*, que nelle é substituido pela do *u*, do sotaque paraense do vicio portuguez, e uma ou outra corruptella, tem-se quasi o auanheenga, a lingua dos nossos avós, que se estendia do norte ao sul, que devemos respeitar e não desprezal-a pela corruptella karani dos castelhanos.

É preciso que se convençam aquelles, que conhecem a lingua geral só pelo que existe escripto, que não só a pronuncia, como a construcção grammatical que nos deixaram os mestres da lingua, não representam a verdade,

Aquella está cheia de enxertos de lettras estranhas; esta de casos, de verbos, com modos e tempos que os indios não têm; arranjados com as lettras de tal pronuncia.

Duas corruptellas, pois, existem: uma feita pelos padres quando escreveram a lingua, o que deu logar ao karani e ao tupi do sul, outra feita sobre o nheengatú, que daquelles se distanciou pelas más pronuncias dos missionarios e das tribus nheengaíbas, poderosamente auxiliadas pelos vicios de estrangeiros. Na minha « Advertencia » à *Poranduba* referi-me só ás corruptellas do nheengatú, comparado com o karani ou tupi do sul escripto, mais puros por um lado; e aqui das corruptellas do auanheenga, lingua mãe, que deram logar áquellas.

Lá comparei ligeiramente as corruptellas produzidas pelos annos e pela influencia popular sobre o tupi de Anchieta e de Filgueiras; aqui tratei das corruptellas do auanheenga, que deu com mais pureza o nheengatú, que é expurgado das corrupções prosodicas dos mestres das linguas.

Classificando, pois, o que existe da lingua geral temos: o *auanheenga*, falla do indio primitivo, pura e mãe, que não foi escripta; o *nheengatú*, falla boa primitiva e adulterada por aportuguezamento e cruzamentos; o *tupi-portuguez ou do sul*, lingua viciada pela pronuncia e pela escripta; *tupi-hespanhol* ou *guarany*, lingua transformada pela pronuncia e escripta hespanhola.

Quanto ás duas do sul, póde-se dizer que são linguas artificiaes, conservando-se a fórma hespanhola do karani mais pura do que o nheengatú, por não ter soffrido a acção de estrangeiros, ter sido fallada só por karanis dominados só por hespanhoes, emquanto que o nheengatú tem soffrido a acção e o embate dos diversos invasores do sertão contra as tribus nheengaíbas, que pela força aprenderam o auanheenga.

Quando nos approximamos dos *Omauás* ou *Omaguas* dos jesuitas castelhanos, pelo Solimões, é que se vê a lingua menos eivada de vicios, approximando-se do auanheenga e fugindo do

tupi do sul e do karani. O karani conserva pura a fórma hespanhola que outrora ouviu e aprendeu nas missões.

O nheengatú conserva a pronuncia primitiva, apenas abastardada por influxos populares, sendo apezar disso phonologicamente o mais puro.

Para mostrar que o nheengatú não se corrompeu perdendo o *b*, o *g* e o *j*, em que principalmente se afasta do tupi do sul e do karani, basta ouvirmos alguns escriptores antigos, que, apezar de escreverem em portuguez, procurando aportuguezarem as palavras indigenas, conservaram a pronuncia corrente e vulgar de seu tempo, não se importando com a orthographia empregada pelos discipulos de Anchieta e Figueira.

Bento Teixeira Pinto, no seu *Dialogo das grandezas do Brasil*, em 1590, escreveu *maracaiá*, *hyandaias*, *taiá*, *taioba*, *payé-marioba*, etc., e não *maracajá*, *jandaia*, *tajá*, *tajoba*, *pajamarioba*. *Taioba* é o nome que dão ainda a uma aroidea no Rio de Janeiro.

Pison e Margraff que visitaram o Brasil, do Rio Grande do Sul a Pernambuco, em 1637, posto que influenciados pela pronuncia castelhana do *gua* e *gui*, escreveram *Jiboya*, *iundiá*, *inaiá*, *iutay*, *iacarandá*, *paiomarioba*, assim como tambem escreveram *nhacundá* e não *jacundá*.

O ouvidor Ribeiro Sampaio em 1777 escreveu como pronunciavam: *Uapixaná*, *Acayuná*, *Cauamé*, *Uaranacuá*, *Parauá*, *Uãiapeçá* (rabo espesso), *Yapacani*, *Tuiuiu*, *Taiá*, e não *Guapixana*, *Acajuná*, *Cajamé*, *Guaranacuá*, *Paraguá*, *Guaiapeça*, *Japacani*, *Tujujú* e *Tajá*.

Em 1776, cem annos depois do padre Figueira, o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira e o governador Lobo d'Almada escreviam *Uarirá*, *Uererê*, *Uayanás*, *Padauri*, *Cauaburi*, *Maiapeua*, *Uacaiari*, *Uacaris*, *Anauaú*, *Parauiá*, *Cayá*, *Cayú*, etc., e não *Guarirá* *Guererê*, *Guayanás*, *Padaguiri*, *Caguaboris*, *Majapeba*, *Guacajari*, *Guacaris*, *Anaguaú*, *Paraguá*, *Cajá*, *Cajú*, etc.

Em 1832 Monteiro Baena, que tudo procurou escrever com *j*, aportuguezando as palavras, comtudo respeita a pronuncia de muitas, e diz: *Uautás*, *Urariá*, *uapiri*, *uarumá*, *uauassu*, etc., e não *Guautás*, *Gurariá*, *guapiri*, *guaruma*, *buguassu* ou *babaçu*.

O que frisa bem a pronuncia indigena está nesta sua phrase: « *Hiautiboia*, cobra que ennovella se, formando um disco de maneira que figura um *jaboty*. » Este o indio pronuncia *yauty*.

Dou aqui uma phrase em auanheenga puro, pela qual se póde comparar as differentes mudanças que soffreu o auanheenga, pelo influxo dos portuguezes e castelhanos, e o que soffreu má pronuncia e sotaques que deu o nheengatú:

*Uirá etá o nheengar koem pirang aramé tuichaua tuyuaé rok opé aetá iuká uaá.*

« Ao romper da aurora cantam os passaros na casa do velho chefe que mataram. »

| PORTUGUEZ | Auanheenga | | | |
|---|---|---|---|---|
| | NORTE<br>NHEENGATU' | | SUL<br>TUPI E KARANI | |
| | PARÁ | AMAZONAS | COSTA DO BRASIL | PARAGUAY |
| Os passaros | Uirá *i*tá | Uirá etá | *G*uiret*á* | *G*uyra*h*etá |
| cantam | *u* nheengar*e* | o nheengar*e* | o *porace*i | mborahei |
| manhã | k*u*ema | koem*a* | coem*a* | coe |
| vermelha (aurora) | pirang*a* | pirang*a* | pirang*a* | pirã |
| quando | ram*i* | ramé | ramé | ramó |
| chefe | tuchaua | tuichaua | tu*b*icha*b*a | tu*b*ichá |
| velho | tuiaê | tuyuaé | tui*b*aê | tuya*b*ae |
| casa | r*u*c*a* | roc*a* | oc- | og- |
| na | *u*pé | opé | ipe | ape |
| elles | a*i*tá | aetá | | |
| mataram | íuká | iuká | *j*ucaça | ayuca- |
| que | uaâ | uaá | *goera* | cuê |

OBSERVAÇÕES

As lettras griphadas no nheengatú são as corrupções populares, e as do tupi e karani são as introduzidas pelos missionarios castelhanos e portuguezes, que deram nova phonologia á lingua. A orthographia destes dous ultimos é a de Anchieta e de Montoya. No Amazonas, *porahê* ou *poracê* é — dansar cantando, e *nheengare* — cantar simplesmente No sul, dansar é *yéroquy*. *Yeroquy* são os cantos guerreiros das tribus selvagens.

Baseado pelo estudo do que ha escripto, e na observação que tenho feito entre indios e tapuyos de Santarém, Villa Franca, Ereré, Yamundá, Rio Negro e Solimões, cheguei á conclusão de que expuz nestas paginas, que me foram confirmadas pela leitura em pesquizas de manuscriptos do seculo passado do antigo archivo da camara de Barcellos, antiga capital da capitania do Rio Negro, de tabelliães, officiaes de justiça, camaristas, ouvidores, testemunhas, etc., que para esse fim compulsei, para ver como no seculo passado eram pronunciadas as palavras por lettrados e illettrados, e como as escreviam.

Apezar das missões prégadas em lingua ás vezes adulterada, ainda por esses manuscriptos se vê que o povo pronunciava a palavra sem a influencia estranha.

Pelo que tenho observado, razão têm aquelles que pensam que os jesuitas foram os creadores da lingua.

Com effeito, si não crearam os vocabulos da lingua, modificaram-lhe a syntaxe e a prosodia, estabelecendo uma construcção grammatical á latina e uma orthographia especial, que se perpetuou, mascarando a verdadeira pronuncia indigena e alterando a maneira de seu fallar.

A grammatica dos missionarios é toda artificial e não natural, permitta-se-me o dizer.

Bem disse o Dr. Martius: « Anchieta, Manoel da Vega e outros jesuitas que estabeleceram a lingua dos tupys por escripto, e que fixando as regras grammaticaes, *augmentando* e *modificando-a*, puzeram os fundamentos daquella lingua geral, etc.»

É exacto; augmentaram, modificaram e puzeram os fundamentos de uma linguagem que não é a que fallavam os tupis, e sim a que fallam os seus descendentes do sul, que aprenderam com as lições dos padres latinistas, que não admittiam lingua sem ser moldada pela latina.

Compare-se o fallar dos netos dos tupinambás, que se estabeleceram no Amazonas, com o dos avós que foram para o sul, e ver-se-ha a differença. Os padres ensinaram a lingua

áquelles que fallavam dialectos differentes, porque os que fallavam a lingua geral esses a ensinaram aos padres.

Os que fallavam o auanheenga continuaram a fallar como dantes e á sua posteridade passaram a sua linguagem; mas, aquelles nheengaíbas ou missionados qne aprenderam a lingua, esses aprenderam-na com as pronuncias castelhanas e portuguezas, e assim tambem transmittiram a seus filhos.

Dahi vem que no Amazonas, onde dominaram os tupinambás, a lingua é mais pura, e onde houve missões ella está degenerada.

Sinto estar em desaccordo nisso com o meu finado amigo o sabio karanilogo Baptista Caetano.

Disse este, nos *Ensaios de Sciencia*, censurando o Dr. Martius:

« Os padres jesuitas, e assim tambem os franciscanos e outros, sempre que no desempenho de suas funcções de missionarios iam desencovar tribus nos sertões, a primeira cousa de que cuidavam era de estudar a lingua tallada pelos selvagens, afim de poderem prégar-lhes a doutrina. »

Inteiramente o contrario se dava.

Em todos os collegios, sempre que chegavam novos missionarios, eram obrigados a aprender a lingua geral para ensinal-a ás tribus nheengaíbas, isto é, áquellas que não fallavam o tupi. Tanto assim é que, no Amazonas, todas as tribus que ainda existem com dialectos muito diversos e que foram missionadas, fallam a lingua geral. Os Mundurukus, Mauhés, Tukanos, Deçanas, Tikunas, Arauakys, Parikys, etc., todos fallam a lingua geral que aprenderam. Ainda ouvi uma ladainha e orações em lingua geral, recitadas por Parikys, que têm um dialecto muito especial [1].

Onde estão as grammaticas ou mesmo os vocabularios destes dialectos que nos deixaram?

---

[1] Era necessario que a lingua fosse uma em todas as missões, afim de que qualquer padre a entendesse. Mudados constantemente, seria necessario que os missionarios fossem polyglotas para poderem administrar as missões com dialectos differentes, e nas quaes viviam se substituindo.

O pouco que ha é feito por viajantes e naturalistas. Os padres só nos deixaram grammaticas e doutrinas em karani ou tupi. Isso se prova com a carta régia de 19 de Outubro de 1797, que prohibiu expressamente aos missionarios praticarem com os indios na referida lingua e ordenou que só se lhes devia ensinar o portuguez.

O tupi, entre as nações selvagens, fazia o papel do latim entre as civilisadas.

Em conclusão o nheengatú está completamente modificado pelas pronuncias viciadas de estrangeiros e pela orthographia pronunciativa; porém encerra o cunho principal da phonologia primitiva, emquanto que o tupi do sul e o karani, considerados como typo da lingua primitiva, estão mais corruptos porque perderam a prosodia propria.

No Paraguay até bem pouco tempo esteve inalteravel essa linguagem dos missionarios, porque interdicta era por assim dizer a immigração estrangeira; porém hoje, depois que lhe demos a liberdade, dar-se-ha o mesmo que se deu no nheengatú, que soffreu a consequencia linguistica do contacto com pessoas não cultas e de varias nacionalidades. Para o futuro o karani será muito mais viciado do que será o nheengatú. Felizmente hoje, no Amazonas, já ha um paradeiro; a lingua está no que era, porque já se não falla.

Mas, triste paradeiro!

É o marco milliario da morte, porque ella vae desapparecer com aquelles que a exercitavam!

Como um protesto, pois, contra a falta de patriotismo daquelles que desprezam a lingua patria pela estranha, ficam estas paginas, em que reivindico a pronuncia dos senhores da terra que me embalou e guardará meus despojos, com o favor de Deus (1).

J. Barbosa Rodrigues.

Manáos, 25 de Dezembro de 1887.

---

(1) Esta introducção foi publicada no volume LI da *Revista do Instituto Historico Geographico Brasileiro*, em 1888.

# VOCABULARIO INDIGENA

## COMPARADO

## PARA MOSTRAR A ADULTERAÇÃO DA LINGUA.

---

### Abreviaturas:

(*Nh.*) Nheengatu. (*L. G*) Lingua Geral. (*A.*) Auanheenga. (*K.*) Karani.

### PORTUGUEZ

### A

**Abaixar,** (*Nh.*) Auêca [1]. auica (*L. G.*) Iauêca. (*A.*) Aoeyic. (*K.*) Auioeymi.

**Abaixo,** (*Nh.*) Uêrapê. (*L. G.*) Uerpe, uirpe. (*A.*) Uiribo, uiripe. (*K.*) Guiribo. guiripe.

**Abalar,** (*Nh.*) Macataca. (*L. G.*) Mucataca. (*A.*) Mbocatã. (*K.*) Mocatã.

**Abanar,** (*Nh.*) Tapêcuá. (*L. G.*) Tapecuá. (*A.*) Tatapecuá. (*K.*) Tatapequa.

**Abelha,** (*Nh.*) Iramaia. (*L. G.*) Iramanha. (*A.*) Eiru. (*K.*) Eiru.

**Aberto,** (*Nh.*) Upirá, eperá. (*L. G.*) Upyrare. (*A.*) Upyr. (*K.*) Upir.

**A boas horas,** (*L. G.*) Iacataca.

**A' bocca da noute,** (*Nh.*) Petuna epê, caruca epué. (*L. G.*) Caruca ipue, caruca ipê, caruca rupi. (*A.*) Caaruc apé. (*K.*) Caru apé.

**Aborrecer-se,** (*Nh.*) Mucuire. (*L. G.*) Mocuirá. (*A.*) Mbouerai. (*K.*) Mboguerai.

**Aborrecido,** (*Nh.*) Cuéraana. (*L. G.*) Cuirá ana. (*A.*) Uerai ang. (*K.*) Guerai ang.

**Abortar,** (*Nh.*) Quêráre. (*L. G.*) Quyrare. (*A.*) Quyrar. (*K.*) Quir.

**Abraçar,** (*Nh.*) Mamã. (*L. G.*) Mamã. (*A.*) Mamã. (K.) Mamã.

**Abrazar,** (*Nh.*) Muçacu. (*L. G.*) Mohacu. (*A.*). Mbo hacu. (*K.*) Mbo.hacu.

**Abrir,** (*Nh.*) Pirare. (*L. G.*) Pirare. (*A.*) Pyrar. (*K.*) Pir.

**Abundancia,** (*Nh.*) Tiba, tuba. Diba, duba. (*L. G.*) Tiba, tuba, tyba, teua, duba, deua. (*A.*) Tyb. (*K.*) Tib. (Quando a palavra termina por vogal uzam *t* e quando por consoante ou vogal com som nazal *d.*)

**Acabar,** (*Nh.*) Páo, paan. (*L. G.*) Paua, paon. (*A.*) Pau. (*K.*) Pab.

**Acalentar,** (*L. G.*) Munica.

**Acautelado,** (*Nh.*) Iumáu. (*L. G.*) Iumáu. (*K.*) Néangú.

**Accender,** (*Nh.*) Mundica, mundêca. (*L. G.*) Mundica. (*A.*) Mohendy. (*K.*) Mohendi.

**Acceso,** (*Nh.*) Cené, cênê. (*L. G.*) Cendé. (*A.*) Hendy. (*K.*) Hendi.

**Achar,** (*Nh.*) Acêma. (*L. G.*) Acêma. (*A.*) Acem. (*K.*) Hacê, acê.

---

[1] Os vocabulos vão escriptos com a pronuncia do Pará e do Amazonas e com a orthographia vulgar, sómente as correspondentes em Karani vão com a de Montoya.

**Acima,** (*Nh.*) Uatêpe, iuatiqueti. (*L. G.*). Iuatê quetê, iuaté. (*A.*) *Iuaté.* (*K.*) *Iuaté.*

**Açoitar,** (*Nh.*) Nupan. (*L. G.*) Nupá. (*A.*) Nupã. (*K.*) Nûpâ'.

**Açoite,** (*Nh.*) Nupançaua. (*L. G.*) Nupáçaua. (*A.*) Nupăçaua. (*K.*) Nûpâ'çaba.

**Acolá,** (*Nh.*) Mime. (*L. G.*) Mime. (*A.*) Mĭm. (*K.*) Mĭmô.

**Acompanhar,** (*Nh.*) Muirura. (*L. G.*) Muirumuara. (*A.*) Mboyrô. (*K.*) Mob ĭrû.

**Aconselhar,** (*Nh.*) Munguetá. (*L. G.*) Monguetá. (*A.*) Monhentá. (*K.*) Môngetá.

**Acordar,** (*Nh.*) Epaca. (*L. G.*) Ipaca. (*A.*) Ipac. (*K.*) Ipab.

**Acostumar-se,** (*Nh.*) Iumucuáo. (*L. G.*) Yupocuau. (*A.*) yepocuau. (*K.*) Iepocuab.

**Acreditar,** (*Nh.*) Ruiárí, ruiáré. (*L. G.*) Ruiáre. (*A.*) Roiar. (*K.*) Robiar.

**Acrescentar,** (*Nh.*) Muapûri. (*L. G.*) Moapyre. (*A.*) Mbo apyr. (*K.*) Mbo apĭr.

**Acusar,** (*Nh.*) Mumêú. (*L. G.*) Momeú. (*A.*) Momeú. (*K.*) Mombeú.

**Acutilar,** (*L. G.*) Yapichaua.

**Adeus,** (*Nh.*) Çacerain. (*L. G.*) Ceçárain. (*A.*) Teçá ráin. (*K.*) Teça raln.

**Adiante,** (*Nh.*) Tenunê. (*L. G.*) Tenondé. (*A.*) Tenondé. (*K.*) Enondé.

**Admirar,** (*Nh.*) Muaquaêma. (*L. G.*) Iacayma. (*A.*) Aca yma. (*K.*) Aca ўma.

**Adoçar,** (*Nh.*) Muçeên. (*L. G.*) Moceên. (*A.*) Moheê. (*K.*) Moheê.

**Adoecer,** (*Nh.*) Maacê. (*L. G.*) Maacy. (*A.*) Mbae acy. (*K.*) Mbae acĭ.

**Adornar,** (*Nh.*) Mupuranga. (*L. G.*) Moporanga. (*A.*) Moporang. (*K.*) Moporang.

**Afagar,** (*L. G.*) Muren.

**Afavel,** (*L. G.*) Yuruceen.

**Afim de que não,** (*Nh.*) Curumute. (*L. G.*) Curimu. (*A.*) Curimo. (*K.*) Curime.

**Afinal,** (*Nh.*) Coite. (*L. G.*) Coyte. (*A.*) Coyte. (*K.*) Coĭte.

**Afogar-se,** (*Nh.*) Upepeca. (*L. G.*) Upêpêca. (*A.*) Ypypy. (*K.*) Ipĭpĭ.

**Agazalhar,** (*L. G.*) Mocuoca. (*A.*) Mbocuoc. (*K.*) Mbo cu oca.

**Agora,** (*Nh.*) Cuire, cuore. (*L. G.*) Cuêre. (*A.*) Coyr. (*K.*) Coĭr.

**Agora sim,** (*Nh.*) Cuore tenhen. (*L. G.*) Cuêre tenhen. (*A.*) Coyr tenhĕ (*K.*) Coĭr tenĕ.

**Agora não,** (*Nh.*) Inti cuore. (*L. G.*) Inti cuêre. (*A.*). Inti coyr. (*K.*) Inti coĭr.

**Agradar,** (*L. G.*) Murimuri.

**Agradecer,** (*Nh.*) Cuêcatu, muquecatu. (*L. G.*) Cuicatu. (*A.*) Cui catu. (*K.*) Cui catu.

**Agua,** (*Nh.*) Y-ig. (*L. G.*) Y-ig. (*A.*) Ў-ig. (*K.*) ĭ.

**Aguado,** (*Nh.*) Yureru, tiquara. (*L. G.*) Yuquecê. (*A.*) Ў kycy. (*K.*) ĭ quĭcĭ.

**Agulha,** (*Nh.*) Aui. (*L. G.*) Aui. (*A.*) Aui. (*K.*) Abi.

**Ahi,** (*Nh.*) Aape. (*L. G.*) Aap. (*A.*) Aap. (*K.*) Aê.

**Ahi está,** (*Nh.*)Aicué. (*L. G.*) Aecoé, ae cui. (*A.*) Aé icõ aé. (*K.*) Aê icó aê.

**Ainda,** (*Nh.*) Raen. (*L.G.*) Ráin. (*A.*) Răm. (*K.*) Răm, ranhé.

**Ainda agora,** (*Nh.*) Curuten-ramé. (*L.G.*) Curuten ramé. (*A.*) Cury ten-răm. (*K.*) Curitei-ramé.

**Ainda a pouco,** (*L.G.*) Quecente.

**Ainda não,** (*Nh.*) Inti-raen. (*L.G.*) Inti-ráin. (*K.*) Inti-ranhé.

**A isto,** (*Nh.*) Cua-recé. (*L.G.*) Cuaá-recé. (*K.*) Cobae-recé.

**Ajoelhar,** (*Nh.*) Nupiá. (*L.G.*) Nepyá. (*A.*) Ny pyá. (*K.*) Nў pá.

**Ajudar,** (*Nh.*) Putumu. (*L.G.*) Petumu. (*A.*) Pytymo. (*K.*) Pўtŷbô.

**Ajuntar,** (*Nh.*) Çamatê. (*L.G.*) Amatere. (*A.*) Mbotyr. (*K.*) Mbotĭr.

**Alagadiço,** (*Nh.*) Igapó. (*L.G.*) Ig apó. (*A.*) Ў-apó. (*K.*) ĭg-apó.

**Alagar-se,** (*Nh.*) Yapêpeca, jupepeca. (*L.G.*) Yupupuca, yupepêca. (*A.*) Ўupypec. (*K.*) Yupĭpe.

**Alambicar,** (*Nh.*) Mutequêre. (*L.G.*) Motêquêre. (*A.*) mbo tyquyr. (*K.*) mob-tĭquĭr.

**Alcatroar,** (*Nh.*) Mucecantan. (*L.G.*) Mocicantan. (*A.*) Mbo ycycantă (*K.*) Mbo-ĭcĭg-ată

**Alcova,** (*Nh.*) Ocape. (*L.G.*) Ocapê. (*A.*) Ocapy. (*K.*) Ogapĭ.

**Aldeia,** (*Nh.*) Táua. (*L.G.*) Taua. (*A.*) Táua. (*K.*) Taba.

**Aldeia extincta,** (*Nh.*) Táuaquéra. (*L.G.*) Táua quéra. (*A.*) Táua cuér. (*K.*) Taba quér.

**Alegre,** (*Nh.*) Çuri. (*L.G.*) Çaré. (*A.*) Çory. (*K.*) Çorĭ, orĭ.

**Alegria,** (*Nh.*) Turiua. (*L.G.*) Toriua. (*A.*) Torib. (*K.*) Torib.

**Aleijado,** (*L.G.*) Mehuan.

**Alem,** (*Nh.*) Miqueté. (*L.G.*) Mime queté. (*A.*) Mamó queté. (*K.*) mamo queté.

**Alerta,** (*L.G.*) Ceçá cenĕ. (*A.*) Teçá hendy. (*K.*) Teçá hendĭ.

**Algodão,** (*Nh.*) Amaniú. (*L.G.*) Amandiú. (*A.*) Amandyú. (*K.*) Aandĭyu.

**Alguem,** (*Nh.*) Auâ. (*L.G.*) Auá. (*A.*) Auá. (*K.*) Abá.

**Alguidar,** (*Nh.*) Nheê. (*L.G.*) Nhaé. (*A.*) Nhaé. (*K.*) Naĕ.

**Algum,** (*Nh.*) Auá. (*L.G.*) Auá. (*A.*) Auá. (*K.*) Abá.

**Algumas cousas,** (*Nh.*) Maá míoitá. (*L.G.*) Maaceitá. (*A.*) Mbaá-etá. (*K.*) Mbaé-etá.

**Algumas vezes,** (*Nh.*) Amuramé. (*L.G.*) Amoramé. (*A.*) Amo-ramé. (*K.*) Amo-ramé.

**Alguns,** (*Nh.*) Amaitá. (*L.G.*) Amoitá. (*A.*) Amo-etá. (*K.*) Amò-etá.

**Alheio,** (*Nh.*) Amuaan. (*L.G.*) Amumaan. (*A.*) Amó-mbaă. (*K.*) Amó mbaé.

**Ali,** (*Nh.*) Aape. (*L.G.*) Aap. (*A.*) Aap. (*K.*) Haep.

**Alimento,** (*Nh.*) Úarama. (*L.G.*) Úarama. (*A.*) Úaram. (*K.*) Aú haram.

**Alimpar,** (*Nh.*) Ieuci, iueci. (*L.G.*) Iyuci, yucé. (*A.*) Y hib. (*K.*) I hib.

**Alisar cabellos,** (*L.G.*) Capipe.

**Aljava,** (*Nh.*) Uyua reru. (*L.G.*) Huyua reru. (*A.*) Huyua réru. (*K.*) uĭb-iru.

**Alma,** (*Nh.*) Anga. (*L.G.*) Anga. (*A.*) Ang. (*K.*) Angai.

**Alma justa,** (*L.G.*) Angaturama.

**Alta noute,** (*L.G.*) Pituna pocu.

**Alto,** Uaté, iuati. (*L.G.*) Yuaté. (*A.*) Yuaté. (*K.*) Ibaté.

**Alvoroço,** (*Nh.*) Teapuçaua. (*L.G.*) Teapu. (*A.*) Teapu. (*K.*) Teapu.

**Alumiar,** (*Nh.*) Mucandeia. (*L.G.*) Mundica. (*A.*) Mo hendi. (*K.*) Mo-hendi.

**Amancebar-se,** (*Nh.*) Uaca. (*L.G.*) Aguaca.

**Amanhecer,** (*Nh.*) Munhan coema. (*L.G.*) Mocoema. (*A.*) Mbo coĕ. (*K.*) Mocoê, aracoê.

**Amanhã,** (*Nh.*) Orandé. (*L.G.*) Orandé. (*A.*) Uarandé. (*K.*) Uarandé.

**Amansar,** (*Nh.*) Muiupucuáo. (*L.G.*) Mopucuau. (*A.*) Mbo pocáu. (*K.*) Mbo-pocab.

**Amar,** (*Nh.*) Çaiçu. (*L.G.*) Çaiçu. (*A.*) Haihu. (*K.*) Haïhub.

**Amarello,** (*Nh.*) Tauá, juba. (*L.G.*) Tauá, yuba. (*A.*) Tauá, yub. (*K.*) Tabá, jub.

**Amargo,** (*Nh.*) Irauá. (*L.G.*) Iraua, irob. (*A.*) Rob. (*K.*) Rob.

**Amarrar,** (*Nh.*) Pucuare. (*L.G.*) Pucuare. (*A.*) Pokuar. (*K.*) Poquá.

**Amassar,** (*Nh.*) Camerica. (*L.G.*) Camerica. (*A.*) Cambiyry. (*K.*) Cambiyry.

**Ambição,** (*Nh.*) Putare açu. (*L.G.*) Putare uaçu. (*A.*) Potar uhu. (*K.*) Potar açu.

**Ameaçar,** (*Nh.*) Muicequêie. (*L.G.*) Mocequeyé. (*A.*) Mbo-cui hyié. (*K.*) Moquihĭyé.

**Amigo,** (*Nh.*) Anama. (*L.G.*) Anam. (*A.*) Ană. (*K.*) Ană.

**Amofinar,** (*Nh.*) Mupituá. (*L.G.*) Pituá. (*A.*) Pytuar. (*K.*) Pĭ tuar.

**Amolar,** (*Nh.*) Muçaimé. (*L.G.*) Moçaimé. (*A.*) Mohŷmbé. (*K.*) Moaïmbé.

**Amollecer,** (*Nh.*) Mumimbeca, mumemeca. (*L.G.*) Mumembeca. (*A.*) Mob-membec. (*K.*) Momembeg.

**Amontoar,** (*Nh.*) Matêre. (*L.G.*) Motyre. (*A.*) Motyre. (*K.*) Mbotĭr.

**Amparar,** (*Nh.*) Yare. (*L.G.*) Are. (*A.*) Ar. (*K.*) Ar.

**A' muito,** (*Nh.*) Cuxiima, aquira. (*L.G.*) Cochy yma, cuera. (*A.*) Cochi yma, coer. (*K.*) Coecenhein, cuer.

**Andar,** (*Nh.*) Uatá. (*L.G.*) Uatá. (*A.*) Uatá. (*K.*) Guatá.

**Andorinha,** (*Nh.*) Muiyui. (*L.G.*) Ubigui.

**Animoso,** (*Nh.*) Peá açu. (*L.G.*) Pêa uaçu. (*A.*) Pyá ahu. (*K.*) Pyá açu.

**Anjo,** (*Nh.*) Cariua ueueú. (*L.G.*) Caray bebé.

**Annelar,** (*L.G.*) Pichain.

**Anno,** (*L.G.*) Acayu. (*K.*) Acaju.

**Anno em anno (de),** (*L.G.*) Acayu yaué yaué.

**Annunciar,** (*Nh.*) Çacema.

**Anta,** (*Nh.*) Tapĭra. (*L.G.*) Tapyira. (*A.*) Tapiyr. (*K.*) Tapii.

**Ante hontem,** (*Nh.*) Amuquecé. (*L.G.*) Amocuicé. (*A.*) Amo cuihé. (*K.*) Amo-cuehé.

**Antes,** (*Nh.*) Renoné. (*L. G.*) Renonê, renondé. (*A.*) Tenondé. (*K.*) Enondé.

**Antigamente,** (*Nh.*) Cuxiĭma, arimaan. (*L.G.*) Cochi yma (*coê*, passado, *he*, diz, *yma*, já). (*A.*) Cochi yma, arimbaé. (*K.*) Coecenheĭn, arimbaé.

**Anus,** (*Nh.*) Chicuara. (*K.*) Che quar.
**Anzol,** (*Nh.*) Piná. (*L.G.*) Pindá. (*A.*) Pindá. (*K.*) Pindá.
**Ao lado,** (*Nh.*) Nerupan, neruachá.
**Ao longo,** (*Nh.*) Porupi. (*K.*) Porupi.
**Aonde,** (*Nh.*) Maa mu taá.
**Ao redor,** (*Nh.*) Uauaca (*L.G.*) Uauaca, (*K.*) Aboá, ĭ mamã cemama.
**Apagar,** (*Nh.*) Emuéu. (*L.G.*) Moéu. (*A.*) Mboeô. (*K.*) Mboeô.
**Apalpar,** (*Nh.*) Pupuca, pucuca. (*L.G.*) Poen-poen, popyca. (*A.*) Pcê-poê, popyc. (*K.*) Popig.
**Apanhar (peixes),** (*L.G.*) Temiare. (*A.*) Tembiar. (*K.*) Tembiar.
**Apanhar (fructos),** (*Nh.*) Epuô. (*L.G.*) Puô, puhu. (*A.*) Ypioc. (*K.*) Ipiog.
**Apedrejar,** (*Nh.*) Iapi. (*L.G.*) Yapê. (*A.*) Yapy. (*K.*) Japÿ.
**Aplacar,** (*L.G.*) Mupetuú. (*A.*) Mbo-py tuŭ.
**Apostar,** (*Nh.*) Çaan. (*L.G.*) Hahan. (*A.*) Hahă.
**Apparecer,** (*Nh.*) Iucuau. (*L.G.*) Oicuó, ouáo. (*K.*) Yeucá.
**Appressar,** (*Nh.*) Mucuruten. (*L.G.*) Mocuruten. (*A.*) Mbo kuritĕ. (*K.*) Mbo-curiteĭ
**Aquecer,** (*Nh.*) Muacú. (*L.G.*) Moacú. (*A.*) Mbaacú. (*K.*) Mboacú.
**Aquellas cousas,** (*Nh.*) Nhaanetá. (*L.G.*) Nhaánaanetá. (*A.*) Nhaêmbaêtá. (*K.*) Mbaêetá.
**Aquelle-a,** (*Nh.*) Nhaá. (*L.G.*) Nhaan. (*A.*) Nhaê. (*K.*) Baê.
**A quem?** (*L.G.*) Ana çupé? (*A.*) An çupé. (*K.*) Abá çupé.
**Aquentar,** (*Nh.*) Acu, macu. (*L.G.*) A cu, mo acú. (*A.*) Hacu, mbo hacu. (*K.*) Maacub.
**Aqui,** (*Nh.*) Iquê. (*L.G.*) Iqui. (*A.*) Iqué. (*K.*) Iqué.
**Aqui está,** (*Nh.*) Çucui. (*L.G.*) Cuçucui. (*A.*) Iqué icó. (*K.*) Iqué icó.
**Aquillo,** (*Nh.*) Nhaan. (*L.G.*) Nhaan. (*A.*) Nhaă. (*K.*) Mbae.
**Aranha,** (*Nh.*) Iandu. (*L.G.*) Iandu. (*A.*) Yandu. (*K.*) Ñandu.
**Arbitrio,** (*Nh.*) Rêmemutára.
**Arco,** (*Nh.*) Muirápára. (*L.G.*) Muyrápára. (*A.*) Muyrapar. (*K.*) Ybyrapar.
**Arder,** (*L.G.*) Cayeô. (*A.*) Caicó. (*K.*) Cai-icó.
**Ardume,** (*Nh.*) Raceçaua. (*L.G.*) Racy çaua. (*A.*) Racy çáu. (*K.*) Racĭ hab.
**Areia,** (*Nh.*) Euecuí. (*L.G.*) Euecuí. (*A.*) Iuicui. (*K.*) Ibicui.
**A respeito,** (*L.G.*) Aê recé. (*K.*) Aé recé.
**Armadilha,** (*Nh.*) Arapuca, urapúca. (*L.G.*) Arapuca. (*A.*) Arapuc. (*K.*) Arapug.
**Armar,** (*Nh.*) Muáma. (*L.G.*) Muantan. (*A.*) Moantă. (*K.*) Moâtă.
**Arrancar,** (*Nh.*) Muçaca.
**Arranhar,** (*Nh.*) Caráe. (*L.G.*) Carái. (*A.*) Carái. (*K.*) Carai.
**Arrastar,** (*Nh.*) Mucerereca. (*L.G.*) Mocyryry. (*K.*) Mocĭrĭ.
**Arrebentar,** (*Nh.*) Puca. (*L.G.*) Puca, poca. (*A.*) Poc. (*K.*) Pog.
**Arredar-se,** (*Nh.*) Terica. (*L.G.*) Têrêca. (*A.*) Tyry.
**Arredondar,** (*Nh.*) Moapoan. (*L.G.*) Moapoă. (*A.*) Moapuă.

**Arremedar,** (*Nh.*) Çáan. (*L. G.*) Háhan. (*A.*) Hãhã.

**Arribar,** (*Nh.*) Muatê. (*L. G.*) Mucêatê. (*A.*) Moyuatê. (*K.*) Mo ĭbatê.

**Arripiar,** (*Nh.*) Piire. (*L. G.*) Pyre. (*A.*) Pyr. (*K.*) Bў̆r, pў̆r.

**Arroz,** (*Nh.*) Auatii. (*L. G.*) Auatii. (*A.*) Auaty. (*K.*) Abaty.

**Arrumar,** (*L. G.*) Nungaturu. (*A.*) Mocaturu. (*K.*) Mbocatur, mbocatu.

**Arvore,** (*Nh.*) Muirá, iua. (*L. G.*) Muyrá, yua. (*A.*) Muyrá, yua. (*K.*) mbĭrá, ĭba.

**A's avessas,** (*Nh.*) Amo rupi. (*L. G.*) Amó rupi. (*A.*) Amo-rupi, (*K.*) Amó-rupi.

**Aspero,** (*Nh.*) Curucurua. (*L. G.*) Curucuruba. (*A.*) Curucurub. (*K.*) Curucurub.

» (*Nh.*) Çaimbé. (*L. G.*) Caimbé. (*A.*) Haimbé. (*K.*) Haimbé.

**Assado,** (*Nh.*) Mechira, (*L. G.*) Mechire. (*A.*) Mbichir. (*K.*) Mbichi.

**Assassinar,** (*Nh.*) Iucá. (*L. G.*) Yucá. (*A.*) Yucá. (*K.*) Yucá.

**Assassino,** (*Nh.*) Iucáçara. (*L. G.*) Yucáçara, mamanoçara. (*A.*) Yucáhar. (*K.*) Yucáhar.

**Assentar-se,** (*Nh.*) Apêca. (*L. G.*) Apyca. (*A.*) Apyc. (*K.*) Apĭg.

**Assim,** (*Nh.*) Quiaiê. (*L. G.*) Quaiê, yaué. (*A.*) Yaué, nhahy. (*K.*) Yabé, ñabé, ñay.

**Assim (deste modo),** (*Nh.*) Quaiê. (*L. G.*) Aramé. (*A.*) Aramé. (*K.*) Arami.

**Assim mesmo,** (*Nh.*) Iauéenté, iauété. (*L. G.*) yauénte, yaueté.

**Assoprar,** (*Nh.*) Epeiú. (*L. G.*) Epeiú, ypêú. (*A.*) Ypeú. (*K.*) Pў̆u.

**Assoviar,** (*Nh.*) Tumunheen. (*L. G.*) Tumuiry, timunheen. (*A.*) Tymunheen. (*K.*) Tĭbúñeê.

**Assustar-se,** (*Nh.*) Cánhema. (*L. G.*) Caíma. (*A.*) Caym. (*K.*) Acañĭ.

**A's vezes,** (*Nh.*) Amu ramé. (*L. G.*) Amó ramé. (*A.*) Amo ramé.

**Atar,** (*Nh.*) Yaputê. (*L. G.*) Putê. (*A.*) Pyty. (*K.*) Pĭtĭ.

**Atirar (com flecha),** (*Nh.*) Yapi. (*A.*) Yapi. (*K.*) Yapi.

**Atirar,** (*Nh.*) Iitêca. (*L. G.*) Itic. (*K.*) Itig.

**Atraz,** (*Nh.*) Çaquicuéra, taquicuera. (*L. G.*) Çacacuéra, Racacuera (1). (*A.*) Aquiquer.

**Aurora,** (*Nh.*) Coema piranga. (*L. G.*) Coema piranga. (*A.*) Coem pirang.

**Ausencia,** (*L. G.*) Çupé rupí.

**Ave,** (*Nh.*) Uirá. (*L. G.*) Uirá. (*A.*) Uirá. (*K.*) Quirá.

**Avistar,** (*Nh.*) Muiaca. (*L. G.*) Maan. (*A.*) Maã. (*K.*) Maê.

**Avó,** (*Nh.*) Ariá. (*L. G.*) Ariya. (*K.*) Yarĭi.

**Avô,** (*Nh.*) Ramunhan. (*L. G.*) Ramonha. (*A.*) Ramoĭ. (*K.*) Ramûy, ramôy.

**Aza,** (*Nh.*) Pepu. (*L. G.*) Pepó. (*A.*) Pepó. (*K.*) Pepó.

**Azeite,** (*Nh.*) Iandi. (*L. G.*) Yandy. (*A.*) Yandy. (*K.*) Iandi.

**Azia,** (*L. G.*) Paçái.

---

(1) O *Ç* e o *R* entram aqui por vicio euphonico.

# B

**Baba**, (*Nh.*) Yuruiquicé, yuruúquêcê. (*L. G.*) Yuruyuquycê. (*A.*) Yuru-yyquycê. (*K.*) Yuru yĩquĭcĭ.

**Bahia**, (*Nh.*) Paranáuassu. (*L. G.*) Paranáuaçu. (*A.*) Paránă uhu. (*K.*) Paranâ açu.

**Baixio**, (*Nh.*) Têpe êma. (*L. G.*) Tepê-yma. (*A.*) Typy yma. (*K.*) Tĩpĭ ĭma.

**Balançar**, (*L. G.*) Moiatimú.

**Balanço (Berço)**, (*Nh.*) Macuru. (*L. G.*) Macuru. (*A.*) Macuyry. (*K.*) Mâ cuĭrĭ.

**Balde**, (*Nh.*) Cuiambuca, cuiambuc.

**Banana**, (*Nh.*) Pacúa. (*L. G.*) Pacoba, pacóua. (*A.*) Pacóva. (*K.*) Pacobá.

**Bananal**, (*Nh.*) Pacúateua. (*L. G.*) Pacóuatyba. (*A.*) Pacouatyb. (*K.*) Pacobatĭb.

**Bananeira**, (*Nh.*) Pacuaêua. (*L. G.*) Pacóuaiba. (*A.*) Pacóyb. (*K.*) Pacoba ĭb.

**Banco**, (*Nh.*) Apêcáua. (*L. G.*) Apicaua. (*A.*) Apicáu. (*K.*) Puguá.

**Banda**, (*L. G.*) Indaua.

**Bando**, (*Nh.*) Rêêia. (*L. G.*) Reêia. (*A.*) Teyiê. (*K.*) Teĭiê.

**Banhar**, (*Nh.*) Caçuca, yuaçuca. (*L. G.*) Yaçoca. (*A.*) Yaçoc. (*K.*) Yaçug.

**Banzeiro**, (*Nh.*) Pituúuana. (*L. G.*) Pituana. (*A.*) Pituang. (*K.*) Pituang.

**Bärba**, (*Nh.*) Tenêuaua. (*L. G.*) Teneuaua. (*A.*) Tendeuaua. (*K.*) Tendibaá.

**Barata**, (*Nh.*) Arabé. (*L. G.*) Araué. (*A.*) Araué. (*K.*) Arabé.

**Barra**, (*L. G.*) Tumaçá.

**Barreira**, (*Nh.*) Eatêre.

**Barriga**, (*Nh.*) Maíca. (*L. G.*) Marica, eué. (*A.*) Ebé.

**Barro**, (*Nh.*) Tuiuca. (*L. G.*) Tuyuco. (*A.*) Tuyuc. (1) (*K.*) Tuyug.

**Barro amarello**, (*Nh.*) Tauá. (*L. G.*) Tauá. (*A.*) Tauá. (*K.*) Taguá.

**Basta**, (*Nh.*) Aioan.

**Bastante**, (*Nh.*) Etépu.

**Batata**, (*Nh.*) Iutica. (*L. G.*) Yutica. (*A.*) Yutic. (*K.*) Yetĭg.

**Bater (as azas)**, (2) (*Nh.*) Perereca. (*L. G.*) Perereca. (*A.*) Pererec. (*K.*) Perereg.

**Bater (pancadas)**, (*Nh.*) Nupan. (*L. G.*) Nupan. (*A.*) Nupan. (*K.*) Nupă.

**Bater-se**, (*Nh.*) Tucá, peteca. (*L. G.*) Tetêca. (*A.*) Tucá.

**Bebado**, (*Nh.*) Cauêra. (*L. G.*) Cahuêra. (*A.*) Cahuêra. (*K.*) Caúêra.

**Beber (vinho)**, (*Nh.*) Caú. (*L. G.*) Cahu. (*A.*) Cahu. (*K.*) Caú.

**Beber (agua)**, (*Nh.*) Eú, yu. (*L. G.*) U'. (*A.*) U'. (*K.*) U'.

**Beiços**, (*Nh.*) Temin, temem. (*L. G.*) Tembé. (*A.*) Tembé. (*K.*) Tembé.

**Beija-flor**, (*Nh.*) Uanambi. (*L. G.*) Uanumbi. (*A.*) Uanumbi. (*K.*) Guanumbi.

---

(1) Em Minas Geraes ainda dizem *tujuco* e não *tijuca*, como no Rio de Janeiro.

(2) Geralmente quando os passaros estão para morrer. Nasceu d'ahi o verbo *perecer*, estar para morrer.

**Beijar,** (*Nh.*) Pêtêra. (*L. G.*) Pytêra. (*A.*) Pitêr. (*K.*) Pĭtér.

**Beiju,** (*Nh.*) Beiyú. (*L. G.*) Mẹyú. (*A.*) Mbeyu. (*K.*) Mbeiu.

**Beirar,** (*Nh.*) Muiare.

**Belleza,** (*Nh.*) Purangaçaua. (*L. G.*) Porangaçaua. (*A.*) Poran-hau. (*K.*) Porang-hab.

**Belliscar,** (*Nh.*) Pinica. (*L. G.*) Pinica.

**Bem,** (*Nh.*) Catu. (*L. G.*) Catu.

**Bem feito,** (*Nh.*) Murucatu. (*L. G.*) Morangatu.

**Bicho,** (*Nh.*) Iapuru. (*L. G.*) Tapuru. (*A.*) Tapuru. (*K.*) Tapuru.

**Bico,** (*Nh.*) Uanti. (*L. G.*) Anti. (*A.*) Ã ti. (*K.*) A tĭ.

**Bico de flecha,** (*Nh.*) Uianti (*L. G.*) Huibanti. (*A.*) Huiuăti.

**Bisavó,** (*Nh.*) Aryia mocoinçaua. (*L. G.*) Yarĭi mocôi hab.

**Biscouto,** (*Nh.*) Minhapé. (*L. G.*) Meapé. (*A.*) Mbyapé. (*K.*) Mbuyapé.

**Boa,** (*Nh.*) Catu. (*L. G.*) Catu. (*A.*) Catu. (*K.*) Catu.

**Boa-noute,** (*Nh.*) Pituna puranga. (*L. G.*) Pituna poranga. (*A.*) Pytun-porang. (*K.*) Pĭtu-porang.

**Boa noute!** (*Nh.*) Neputuna! (*L. G.*) Yanépetuna! (*A.*) Yandé pytun! (*K.*) Yandé pĭtu!

**Boa tarde,** (*Nh.*) Caruca puranga. (*L. G.*) Caaruca poranga. (*A.*) Caarucá porang. (*K.*) Caruca porang.

**Boa tarde!** (*Nh.*) Necaruca! (*L. G.*) Yanécaaruca! (*A.*) Yandé caaruca! (*K.*) Yandé caruca!

**Bocca,** (*Nh.*) Juru. (*L. G.*) Yuru. (*A.*) Yuru. (*K.*) Yurub.

**Bocca da noute,** (*L. G.*) Petuna êpe.

**Boiar,** (*Nh.*) Uere. (*L. G.*) Uêre. (*A.*) Yêre. (*K.*) Yerê.

**Bolir,** (*L. G.*) Euaquer.

**Bolor,** (*L. G.*) Piché.

**Bom,** (*Nh.*) Catu, catupire. (*L. G.*) Catu, catupyre. (*A.*) Catu, catupyr. (*K.*) Catu, catupĭrĭ.

**Bom dia,** (*Nh.*) Cuema puranga. (*L. G.*) Coema poranga, ara porang. (*A.*) Coem porang, ara porang. (*K.*) Coem porang, ara porang.

**Bomdia!** (*Nh.*) Nécuema! (*L. G.*) Yané coema! (*A.*) Yandé Coem! (*K.*) (*K.*) Yandé coem!

**Bondade,** (*Nh.*) Angaturama. (*L. G.*) Angaturama. (*A.*) Angaturam. (*K.*) Angaturama.

**Bonito,** (*Nh.*) Puranga. (*L. G.*) Poranga. (*A.*) Porang. (*K.*) Porang.

**Borboleta,** (*Nh.*) Panâpanâ. (*L. G.*) Panápaná. (*A.*) Panăpană. (*K.*) Panâ panâ.

**Borda,** (*L. G.*) Cemeyua.

**Bordoada,** (*Nh.*) Nupă. (*L. G.*) Nupá. (*A.*) Nupă. (*K.*) Nupă.

**Borrifar,** (*Nh.*) Pipica. (*L. G.*) Pipyca. (*A.*) Pipy. (*K.*) Pipig.

**Bosta,** (*Nh.*) Tiputi. (*L. G.*) Tipoti. (*A.*) Tipoti. (*K.*) Tipoti.

**Botar**, (*Nh.*) Mumure. (*L.G.*) Mombure. (*A.*) Mombor. (*K.*) Mombor.

**Boto**, (*Nh.*) Pirájauara. (*L.G.*) Piráyauara. (*A.*) Piráyauar. (*K.*) Pirajaguar.

**Braço**, (*Nh.*) Iuá. (*L.G.*) Yibá. (*A.*) Yiuá. (*K.*) yibá, gibá.

**Branco**, (*Nh.*) Cariua. (*L.G.*) Cariua, cariuá, caráyuá. (*A.*) Carayuab. (*K.*) Carib, caray.

**Branco**, (*Nh.*) Tinga, murutinga. (*L.G.*) Tinga, morotinga. (*A.*) Ting, moroting. (*K.*) Morotî.

**Bravo**, (*Nh.*) Nhaáru. (*L.G.*) Nharô. (*A.*) Nharô. (*K.*) Nharō.

**Braza**, (*Nh.*) Tatá puênha. (*L.G.*) Tatá pyinha. (*A.*) Tatápyī. (*K.*) Tatápĭi.

**Breu**, (*Nh.*) Cicantan. (*L.G.*) Icicantan. (*A.*) Icicantan. (*K.*) Icig-antă.

**Briga**, (*Nh.*) Muruminhan. (*L.G.*) Maramunhan. (*A.*) Marâmonhang. (*K.*) Marâmonhâ.

**Brilhar**, (*Nh.*) Berá. (*L.G.*) Uerá, uerab. (*A.*) Uerâb. (*K.*) Mberab.

**Brincar**, (*Nh.*) Muçarai. (*L.G.*) Moçarai. (*A.*) Nhemboçarai. (*K.*) Nhemboçarai.

**Brinco**, (*Nh.*) Namipura. (*L.G.*) Nambipora. (*A.*) Nambipor. (*K.*) Nambipai.

**Bruto**, (*Nh.*) Anama. (*L.G.*) Anama. (*A.*) Ană.

**Bulir**, (*Nh.*) Eauquê. (*L.G.*) Eauquê.

**Buraco**, (*Nh.*) Cuara. (*L.G.*) Cuara. (*A.*) Cuar. (*K.*) Cuar.

**Buscar**, (*Nh.*) Piâma. (*L.G.*) Piamo. (*K.*) Piambon.

## C

**Cabeça**, (*Nh.*) Acanga. (*L.G.*) Acanga. (*A.*) Acang. (*K.*) Acang.

**Cabello**, (*Nh.*) Áua. (*L.G.*) Áua. (*A.*) Áu. (*K.*) Ab.

**Cabeceira (de rio)**, (*Nh.*) Gapira. (*LG.*) Igapira. (*A.*) Yapir. (*K.*) Iapir.

**Cabelludo**, (*Nh.*) Áuaçaba. (*L.G.*) Áuaçaua. (*A.*) Áuaçaua. (*K.*) Abaçaba.

**Caça**, (*Nh.*) Sohó. (*L.G.*) Çoô. (*A.*) Çoô. (*K.*) Çoó.

**Caça (presa)**, (*Nh.*) Memiara. (*L.G*) Membiara. (*A.*) Hembiar. (*K.*) Tembiar.

**Caça (morta)**, (*Nh.*) Soho manu. (*L.G.*) Çoô manu. (*A.*) Çoô manu.

**Caçador**, (*Nh.*) Camunuçara. (*L.G.*) Camonoçara. (*A.*) Caamonduçara. (*K.*) (*K.*) Cabonduar.

**Cacete**, (*Nh.*) Murussanga. (*L.G.*) Muiráçanga. (*A.*) Muyrácang. (*K.*) Ibirá acang.

**Cacho**, (*Nh.*) Sareua, Sareuá. (*L.G.*) Çaryb. (*A.*) Harybe. (*K.*) Harib.

**Caçoar**, (*L.G.*) Çáan. (*A.*) Haan.

**Cada um**, (*L.G.*) Yaué yaué. (*K.*) Jabé jabé.

**Cadaver**, (*Nh.*) Teaum-éra. (*L.G.*) Teaun-éra. (*A.*) Teaun-éra. (*K.*) Teonguera.

**Caduco**, (*Nh.*) Curoca. (*L.G.*) Curó. (*A.*) Curó. (*K.*) Curó.

**Cahir**, (*Nh.*) Are. (*L.G.*) Are, ar. (*A.*) Ar. (*K.*) Ar.

**Calar,** (*Nh.*) Quiririn. (*L. G.*) Quiriry. (*A.*) Quiriri̇̃.

**Calcanhar,** (*Nh.*) Perupêtá, epuêrupuitá. (*L. G.*) Pérupytá. (*A.*) Pyropytá. (*K.*) Pyrôpytá.

**Caldo,** (*Nh.*) Yuquecé. (*L. G.*) Yuquecé. (*A.*) Yuquycy. (*K.*) Yĭquĭcĭ..

**Calor,** (*Nh.*) Çacoçaua. (*L. G.*) Çacu. (*A.*) Hacu. (*K.*) Tacu.

**Cameliāo,** (*Nh.*) Senimbu. (*L. G.*) Cênêmú. (*A.*) Cênemby. (*K.*) Cenembў̆.

**Caminho,** (*Nh.*) Pé. (*L. G.*) Pe. (*A.*) Pé. (*K.*) Pé.

**Cançar-se,** (*Nh.*) Maraare. (*L. G.*) Maraare. (*A.*) Maraar. (*K.*) Maraá.

**Caniço,** (*Nh.*) Pindaiba. (*L. G.*) Pinda yba. (*A.*) Pinda yua. (*K.*) Pindá-ĭb.

**Canoa,** (*Nh.*) Igara. (*L. G.*) Igara. (*A.*) Igar. (*K.*) ĭgara.

**Cantar,** (*Nh.*) Nheengare. (*L. G.*) Nheengare. (*A.*) Nheengar. (*K.*) Nheengar.

**Canto de casa,** (*Nh.*) Oca pena çaua. (*L. G.*) Ocapênaçaua. (*A.*) Oc-ypў̆ çaua.

**Cantoria,** (*Nh.*) Nhengareçaua. (*L. G.*) Nhengareçaua.

**Cāo,** (*Nh.*) Iauara. (*L. G.*) Yauara. (*A.*) Yauar. (*K.*) Jaguar.

**Cara,** (*Nh.*) Rá. (*L. G.*) Çá. (*A.*) Ouá. (*K.*) Obá, tobá.

**Carne,** (*Nh.*) Çuú, çuúquera. (*L. G.*) Çoô, çoôquêra. (*A.*) Çoô cuer. (*K.*) çoó-cuer.

**Carrapato,** (*L. G.*) Yatiboca.

**Carregar,** (*Nh.*) Cupíre. (*L. G.*) Cupire. (*A.*) Hupir. (*K.*) Tupir.

**Carvoeira,** (*Nh.*) Aracari. (*L. G.*) Aracari.

**Casa,** (*Nh.*) Oca (*L. G.*) Oca. (*A.*) Oc. (*K.*) Og.

**Casado,** (*Nh.*) Menaçara. (*L. G.*) Mendaçara. (*A.*) Mendaçar. (*K.*) Mendarer.

**Casamento,** (*Nh.*) Mendara. (*L. G.*) Mendara. (*A.*) Mendar. (*K.*) Mendar.

**Casca,** (*Nh.*) Pirêra. (*L. G.*) Pirêra. (*A.*) Pirer. (*K.*) Pirer.

**Casca (d'ovo),** (*Nh.*) Çupiá pirêra. (*L. G.*) Rupiá apecué. (*A.*) Rupiá-apecué. (*K.*) Rupiá-apecué.

**Caseira,** (*L. G.*) Remericó rana. (*L. G.*) Remirecó rana. (*A.*) Rembirecó-ran. (*K.*) Rembirecó-rã.

**Castigar,** (*Nh.*) Nupan. (*L. G.*) Nupá. (*A.*) Nupã. (*K.*) Nupâ.

**Cavar,** (*Nh.*) Apecoin. (*L. G.*) Pêcoin. (*A.*) Ipycoĭ. (*K.*) Ibĭkoĭ.

**Caximbar,** (*Nh.*) Petêma. (*L. G.*) Petyma. (*A.*) Petyn. (*K.*) Petyn-ar.

**Caximbo,** (*Nh.*) Petêaua. (*L. G.*) Petyaua. (*A.*) Petyaua. (*K.*) Petyguá.

**Cedro,** (*L. G.*) Iacaiaca.

**Cego,** (*Nh.*) Ceçá-êma. (*L. G.*) Ceçá-yma. (*A.*) Ceçá-yma.

**Céo,** (*Nh.*) Uaca, iuaca. (*L. G.*) Iuaca, ieuáca. (*A.*) Iuac. (*K.*) Ibaque.

**Cêra,** (*Nh.*) Iráiti. *L. G.*) Iráiti. (*A.*) Iráiti. (*K.*) Iraiti.

**Cercar,** (*L. G.*) Cequecema. (*A.*) Hequecy. (*K.*) Ahoquecĭ.

**Cerne,** (*Nh.*) Pitêra. (*L. G.*) Pyter. (*A.*) Pyter. (*K.*) Pĭter.

**Cerrado,** (*Nh.*) Iaiteua.

**Chamar,** (*Nh.*) Cenon. (*L. G.*) Cenôe. (*A.*) Henôi. (*K.*) Henôi.

**Chamuscar,** (*Nh.*) Saurêrêca. (*L. G.*) Çaurêca. (*A.*) Hauêré. (*K.*) Haberé.

**Chão,** (*L.G.*) Iuipe. (*L.G.*) Iuipe. (*A.*) Iuipe. (*K.*) Ibipe.
**Chato,** (*Nh.*) Peba. (*L.G.*) Peua. (*A.*) peu. (*K.*) Peb.
**Chefe,** (*Nh.*) Iua. (*L.G.*) Yb.
**Chegar,** (*Nh.*) Cêca. (*L.G.*) Cêca, cyca. (*A.*) Cyc. (*K.*) Cĭg.
**Cheio,** (*Nh.*) Ipura, (*L.G.*) Ipora. (*A.*) Pôr. (*K.*) Bur.
**Cheirar,** (*Nh.*) Utuna. (*L.G.*) Cetuna. (*A.*) Hetŭ. (*K.*) Hetŭ.
**Cheiro (exhalar),** (*Nh.*) Cequena. (*L.G.*) Çacuena. (*A.*) Acuĕ. (*K.*) Eakuâ.
**Chocar,** (*Nh.*) Eauêca supiá arp. (*L.G.*) Moucu.
**Chorar,** (*Nh.*) Iachué, iachió. (*L.G.*) Yachió. (*A.*) Yaceó. (*K.*) Yaceó.
**Chover,** (*Nh.*) Aquêra. (*L.G.*) Quêre. (*A.*) Quyr. (*K.*) Quĭr.
**Chuva,** (*Nh.*) Amana. (*L.G.*) Amana. (*A.*) Amă. (*K.*) Amã.
**Cintura,** (*Nh.*) Cuá. (*L.G.*) Cuá. (*A.*) Cuá. (*K.*) Quâ.
**Cinza,** (*Nh.*) Tanimôca. (*L.G.*) Tanimbuca. (*A.*) Taninbu. (*K.*) Tanimbu.
**Ciume,** (*Nh.*) Cemue. (*L.G.*) Çoiru. (*A.*) Auirô. (*K.*) Aguirô.
**Clara (d'ovo),** (*Nh.*) Rupiá-tacacá. (*L.G.*) Rupiá tacacá. (*K.*) Rupiá aiguer.
**Coar,** (*Nh.*) Muáu.
**Cobra,** (*Nh.*) Boia (*L.G.*) Boia (*A.*) Mboi (*K.*) Mboy.
**Cobrir,** (*Nh.*) Cequenau Moan. *L.G.*) Cequendau Moan. (*A.*) Moâ.
**Cobrir (casa),** (*Nh.*) Oquendaua. (*L.G.*) Oquendaua. (*A.*) Oc hendáu. (*K.*) Og hendab.
**Coçar,** (*Nh.*) Carain. (*L.G.*) Caran. (*A.*) Carâi. (*K.*) Carâi.
**Cochilar,** (*L.G.*) Çapomí. (*K.*) Çapymi. (*A.*) Çapĩmĩ.
**Coitadinho,** (*Nh.*) Teté.
**Colera,** (*Nh.*) Ipaíua. (*L.G.*) Peaíua. (*A.*) Pyá aiu. (*K.*) Piá aib.
**Colhér,** (*Nh.*) *Cuêra.* (*L.G.*) *Cuiêra.*
**Colher,** (*Nh.*) Pohu. (*L.G.*) Pohu. (*A.*) Pohú. (*K.*) Pohú.
**Com,** (*L.G.*) Rupi, irumo. (*L.G.*) Rupi, irumo. (*A.*) Hupi, irum. (*K.*) Upi airunamo.
**Com elle,** (*Nh.*) I irumo.
**Commigo,** (*Nh.*) Ce irumo.
**Com isso,** (*Nh.*) Curi.
**Comtigo,** (*Nh.*) Ne irumo.
**Combate,** (*Nh.*) Maramunhan. (*L.G.*) Maramonhan. (*A.*) Maramonhă. (*K.*) Marâmonhâ.
**Comer,** (*Nh.*) Ú. (*L.G.*) Ú. (*A.*) Ú. (*K.*) Ú.
**Comichão,** (*Nh.*) Juçara. (*L.G.*) Yuçara.
**Comida,** (*Nh.*) Temiú. (*L.G.*) Tembiú. (*A.*) Tembiú. (*K.*) Tembiú.
**Comido,** (*Nh.*) Iupui. (*L.G.*) Yupir. (*K.*) Yupĩr.
**Como,** (*Nh.*) Mahié. (*L.G.*) Mahy. (*A.*) Mahy. (*K.*) Mahĭ.
**Como estaes?** (*Nh.*) Materecó? (*L.G.*) Mahy taa re icó? (*A.*) Mahy taa re ico? (*K.*) Maky baá re icó?

**Comprar,** (*Nh.*) Pirepana. (*L.G.*) Porepan. (*A.*) Porepă. (*K.*) Porepĭá.

**Comprido,** (*Nh.*) Pocu. (*L.G.*) Pocu. (*A.*) Pocu. (*K.*) Pocu..

**Concertar,** (*Nh.*) Mucature, mucatura. (*L.G.*) Mucature. (*A.*) Mbocatur. (*K.*) Mbocatur.

**Concha,** (*Nh.*) Itan. (*L.G.*) Itan. (*A.*). Itan. (*K.*) Itan.

**Concubina,** (*Nh.*) Auaçá. (*L.G.*) Auaçá. (*A.*) Aguaçá.

**Conduzir,** (*Nh.*) Cupíre. (*L.G.*) Cupire. (*K.*) Hupir.

**Consolar,** (*Nh.*) Moreú.

**Conta (missanga),** (*Nh.*) Puera. (*L.G.*) Poyr. (*A.*) Poyr. (*K.*) Poĭ, mboy.

**Contar (numeros),** (*Nh.*) Mumeú. (*L.G.*) Umbeú. (*A.*) Ombeú. (*K.*) Mombeú.

**Contar (referir),** (*Nh.*) Paá. (*L.G.*) Paá. (*A.*) Papá.

**Conto,** (*Nh.*) Poranduba. (*L.G.*) Poranduba. (*A.*) Porandub. (*K.*) Porandub.

**Contusão,** (*Nh.*) Pungá. (*L.G.*) Pungá. (*A.*) Pungab.

**Conversar,** (*Nh.*) Purunguetá. (*L.G.*) Poronguetá. (*A.*) Poronheengetá. (*K.*) Nômôngetá.

**Convidar,** (*Nh.*) Ayure. (*L.G*). Ayuri. (*A.*) Aiyur. (*K.*) Aéjur.

**Coração,** (*Nh.*) Peá. (*L.G.*) Piá, pyá. (*A.*) Pyá. (*K.*) Pĭá.

**Corar,** (*Nh.*) Puçanu. (*L.G.*) Pohanô.

**Corda,** (*Nh.*) Çama (*L.G.*) Çama. (*A.*) Çam. (*K.*) Çam.

**Corda de rede,** (*Nh.*) Tupaçana. (*L.G.*) Tupaçama. (*A.*) Tupaçam. (*K.*) Tupaçá.

**Corpo (de morto),** (*Nh.*) Pira. (*L.G.*) Pira. (*A.*) Pira. (*K.*) Pira.

**Corpo humano,** (*Nh.*) Teté. (*L.G.*) Teté.

**Cortar,** (*Nh.*) Mundúca. (*L.G.*) Munoca. (*A.*) Mondoc. (*K.*) Mondog.

**Cortar (arvores),** (*Nh.*) Ityca. (*L.G.*) Ity. (*A.*) Itĭg.

**Cosido,** (*Nh.*) Uié. (*L.G.*) Ica. (*A.*) Iỹ.

**Cosinhar,** (*Nh.*) Memui. (*L.G.*) Memoi. (*A.*) Mimôi. (*K.*) Mimôi.

**Costas,** (*Nh.*) Cupé. (*L.G.*) Cupé. (*A.*) Cupé. (*K.*) Cupé.

**Costellas,** (*Nh.*) Arucanga, aruacanga. (*L.G.*) Yarucanga. (*A.*) Yarucang. (*K.*) Ñharûcang.

**Costume,** (*Nh.*) Tecó. (*L.G.*) Tecó. (*A.*) Tecó. (*K.*) Tecó.

**Cousa,** (*Nh.*) Maan. (*L.G.*) Maan. (*A.*) Mbaé.

**Cousa rara,** (*Nh.*) Cepeuaçuçaua.

**Cousa velha,** (*Nh.*) Aieua. (*L.G.*) Iaiua. (*A.*) Ayu. (*K.*) Aib.

**Cova,** (*Nh.*) Iuí-cuara. (*L.G.*) Iuê-cuara. (*A.*) Iuí cuara. (*K.*) Ibí quar.

**Coveiro,** (*Nh.*) Utemaçara. (*L.G.*) Timbaçara. (*A.*) Tymbaçara. (*K.*) Tĭmbara.

**Coxa,** (*Nh.*) Iuêua. (*L.G.*) Iuêra. (*K.*) Ub, ĭb.

**Crer,** (*Nh.*) Ruiar. (*L.G.*) Ruiare. (*A.*) Rouiar. (*K.*) Robiar.

**Crescer,** (*Nh.*) Munhan, (*L.G.*) Monhan. (*A.*) Monhang. (*K.*) Moñang.

**Crespo,** (*Nh.*) Pichain. (*L. G.*) Pichain. (*A.*) Pichaĩ. (*K.*) Pichaĩ.

**Crú,** (*Nh.*) Ouême, uieima, uiema. (*L. G.*) Oiima, Oieima. (*A.* Oyima. (*K.*) Oyĭbaí.

**Cuidar,** (*Nh.*) Maité.

**Cume,** (*Nh.*) Uaté pira. (*L. G.*) Yuitè pira. (*A.*) Yuité pyr. (*K.*) Apité apĭr.

**Cumieira,** (*Nh.*) Ocacanga.

**Cunhada,** (*Nh.*) Uhei, quihi. (*L. G.*) Uquei. (*A.*) Uquy. (*K.*) Uqui.

**Cunhado,** (*Nh.*) Ruai. (*L. G.*) Ruai, ruaiara, touaiyar. (*A.*) Touaiyar. (*K.*) Tobaiĭar.

**Cupim,** (*Nh.*) Cupihi. (*L. G.*) Cupi. (*A.*) Cupĭ. (*K.*) Cupi.

**Curar,** (*Nh.*) Puçanu. (*L. G.*) Puçanu, poçanu. (*A.*) Pohanu. (*K.*) Pohang.

**Curto,** (*Nh.*) Iatuca. (*L. G*) Atuca. (*A.*) Atu. (*K.*) Atur.

**Curvo,** (*Nh.*) Apára. (*L. G.*) Apara. (*A.*) Apár. (*K.*) Apâr.

**Cuspir,** (*Nh.*) Tumina. (*L. G.*) Tumuna. (*A.*) Tumŭ. (*K.*) Tumû.

**Cuspo,** (*Nh.*) Tumuna. (*L. G.*) Tumu. (*A.*) Tumŭ. (*K.*) Tumû.

**Custar (ser difficil),** (*Nh.*) Iuaçu..

## D

**D'ali,** (*Nh.*) Michihy. (*A.*) Mime-çuhy. (*K.*) Mime çui.

**Dansa,** (*Nh.*) Puraçay, Murassai. (*L. G.*) Muracè. (*A.*) Porahê. (*K.*) Poraheĭ, Poraçui.

**Dansar,** (*Nh.*) Purassei. (*L. G.*) Puracê. (*A.*) Porahê. (*K.*) Poracei (Cantar).

**D'aqui,** (*Nh.*) Quixihy. (*L. G.*) Iqué-çuhy. (*A.*) Iqué-çuhy. (*K.*) Iqué çui.

**Dar,** (*Nh.*) Meen. (*L. G.*) Mehê. (*A.*) Meeng. (*K.*) Meeng.

**Dar de comer,** (*L. G*) Pói. (*K.*) Pói.

**De** (*Nh.*) Suhy. (*L. G.*) Çuy. (*A.*) Çuhy. (*K.*) Hui, çui.

**Debaixo,** (*Nh.*) Uêrape. (*L. G.*) Iuêrepe, uirpe. (*A.*) Uyrpe. (*K.*) Guiribo, guyrpe.

**Debalde,** (*L. G.*) Teénte, teyé. (*A.*) Teyé. (*K.*) Teyé.

**De coração,** (*Nh.*) Peá çui. (*L. G.*) Peá suhy, ou chii. (*A.*) Pyá-çuhy. (*K.*) Pĭá çui.

**De dia em dia,** (*L. G.*) Opain-ara.

**Dedo,** (*L. G.*) Poan. (*A.*) Puă. (*K.*) Puâ.

**Defender,** (*Nh.*) Upuceran. (*L. G.*) Tupucêrum. (*A.*) Tupucyrô. (*K.*) Tu pĭcĭrô.

**Defronte,** (*Nh.*) Çuachara. (*L. G.*) Çuachara. (*A.*) Uachara. (*K.*) Obachuar.

**Defunto,** (*Nh.*) Amíra. (*L. G.*) Ambire, ambura. (*A.*) Ambyre. (*K.*) Amŭrĩ.

**Deitar-se,** (*Nh.*) Iemum. (*L. G.*) Imu, emum. (*A.*) Nhenô. (*K.*) Ñenô.

**Deixar,** (*Nh.*) Chare. (*L. G.*) Inó, nhenu, ceiar. (*A.*) Heyar. (*K.*) Heĭar.

**Deixar estar** (ser inutil), (*Nh.*) Tenupá. (*L. G.*) Tenupá. (*A.*) Tenupá. (*K.*) Nepanê

**D'elle, d'ella,** (*Nh.*) Aitá. (*L.G.*) Chii, aitá, intá. (*A.*) Inhé, chy, inhé. (K.) Ichĭ, ichi, iñe.

**De longe,** (*Nh.*) Apecatuçui. (*L.G.*) Apecatu chii. (*A.*) Apecatu çuhy. (*K.*) Pe-catu çui.

**De madrugada,** (*Nh.*) Cuema piranga. (*L.G.*) Cuema piranga. (*A.*) Coem-pirang. (*K.*) Coem-pirang.

**De manhã,** (*Nh.*) Cuema-ramé, cuema-tinga. (*L.G.*) Cuema-irumo, cuemeté. (*A.*) Coem-irumo, coem-eté. (*K.*) Coem-tĭ; coem-îrumo; coem-eté, coem-ramé.

**Demorar,** (*Nh.*) Oicopocó. (*L.G.*) Mopucu. (*A.*) Mopucu. (*K.*) Mo-ucu.

**De noite,** (*Nh.*) Petuna ramé. (*L.G.*) Pituna irumo. (*A.*) Pytũ. (*K.*) Pîtu ĭrumo.

**Dentada,** (*Nh.*) Çuú. (*L.G.*) Çanha rapé. (*A.*) Taĭn rapé. (*K.*) Taiñ apé.

**Dente,** (*Nh.*) Tanha, ranha. (*L.G.*) Çanha, tanha. (*A.*) Taŷ. (*K.*) Tain.

**Dentro,** (*Nh.*) Pêpê. (*L.G.*) Pêpe, pupe. (*A.*) Pype. (*K.*) Pĭpe.

**Depois,** (*Nh.*) Ariré, ariré. (*L.G.*) Ariré, achihy, açuhy. (*A.*) Ariré, açuhy. (*K.*) Arirê, roiré, riré, ré.

**Depois d'isso,** (*L.G.*) Ariré, (*A.*) ariré. (*K.*) Arirê.

**Depressa,** (*L.G.*) Curuten. (*A.*) Curutê. (*K.*) Curiteî.

**De qualquer modo,** (*Nh.*) Mayaué, (*L.G.*) Mua yaué. (*A.*) Mbaá yaué.

**De que sorte,** (*Nh.*) Maan iauê. (*L.G.*) Maitaá, mahitaá. (*A.*) Mahy taá. (*K.*) Mahĭ baa.

**Derramar,** (*Nh.*) Eiucêna. (*L.G.*) Eiucêna. (*A.*) Yucĕ. (*K.*) Y, (agoa), cem ou cê.

**Derreter,** (*Nh.*) Muiutêco. (*L.G.*) Iitêca, Muiuticu. (*A.*) Ityc. (*K.*) Itĭg.

**Derrubar,** (*Nh.*) Muáre. (*L.G.*) Moapi. (*A.*) Mboapy. (*K.*) Mboapĭ.

**Desapparecer,** (*L.G.*) Canhema. (*A.*) Canhê. (*K.*) Cañĭ.

**Descançar,** (*Nh.*) Pêtuú, pytuir. (*L.G.*) Petuú. (*A.*) Pytuú. (*K.*) Pyĭtuê.

**Descaroçar,** (*Nh.*) Taanhuca. (*L.G.*) Tainhoca. (*A.*) Tayĭnhoc. (*K.*) Taĭinóg.

**Descarregar,** (*Nh.*) Peroca, Puruca. (*L.G.*) Poroca. (*A.*) Poroc. (*K.*) Porog.

**Descascar,** (*L.G.*) Iupiruca. (*A.*) Yopiroc. (*K.*) Yo-pirog.

**Descer,** (*Nh.*) Uiêr, uié. (*L.G.*) Uié, uêir. (*A.*) Uyr. (*K.*) Yĭr.

**Descoberto,** (*Nh.*) Upirare. (*L.G.*) Upirare. (*A.*) Upyrar. (*K.*) Upĭr.

**Descobrir,** (*Nh.*) Iapirare. (*L.G.*) Upirare. (*A.*) Upyrar. (*K.*) Upĭr.

**Desenrolar,** (*L.G.*) Uauáca.

**Desejar,** (*L.G.*) Ucê. (*A.*) Cê. (*K.*) Cer.

**Desenterrar,** (*L.G.*) Muiutema. (*A.*) Moiuitem.

**Desfiar,** (*Nh.*) Iapui, muapui. (*L.G.*) Iapuí, Mauiu, Mupuí. (*A.*) Mopuhy.

**Desgraçado,** (*L.G.*) Panema açu. (*A.*) Panemauçu.

**Deslocado, deslocar,** (*Nh.*) Upuruca. (*L.G.*) Upururuca.

**Desmanchar,** (*K.*) Rab. (*A.*) Ràu.

**D'esta maneira,** (*L.G.*) Iautêtenhen.

**D'este modo,** (*Nh.*) Quaie. (*L.G.*) Acoi. (*A.*) Acoi. (*K.*) Acoi.

**De tarde,** (*Nh.*) Carucaramé. (*L. G.*) Caruca ramé. (*A.*) Caaruca ramé. (*K.*) Caaruca ramè.

**De vagar,** (*Nh.*) Meheu rupi.

**Deus,** (*Nh.*) Tupana. (*L. G.*) Tupana. (*K.*) Tupâ.

**Dia,** (*Nh.*) Ara. (*L. G.*) Ara. (*A.*) Ar. (*K.*) Ar.

**Diabo,** (*Nh.*) Yurupary. (*L. G.*) Yurupary. (*K.*) Yurapari.

**Dia claro,** (*L. G.*) Coema eté. (*A.*) Coem etè. (*K.*) Coem etè.

**Dia em dia,** (*L. G.*) Opain ara.

**Diante,** (*Nh.*) Tenuné. (*L. G.*) Tenondé. (*A.*) Tenondè. (*K.*) Tenondè.

**Differente,** (*L. G.*) Amo-rupi.

**Disfarçar-se,** (*A.*) Moacaema.

**Diverso,** (*Nh.*) Parauá.

**Dividir,** (*L. G.*) Munhaoca. (*K.*) Mboyaog.

**Dizer,** (*Nh.*) Hê. (*L. G.*) Aé, ain. (*A.*) Aĕ. (*K.*) Aé, aê.

**Dobrar,** (*Nh.*) Mamane. (*L. G.*) Mamane, Muapuan.

**Dôce,** (*Nh.*) Ceem, (*L. G.*) Ceem. (*A.*) Heĕ. (*K.*) Heê.

**Doença,** (*Nh.*) Maacê. (*L. G.*) Maacy. (*A.*) Mba acy. (*K.*) Mbaé-acĭ.

**Doente,** (*Nh.*) Maacê. (*L. G.*) Maacy. (*A.*) Mba acy. (*K.*) Mbaè-acĭ.

**Doer,** (*Nh.*) Çacê. (*L. G.*) Acê. (*A.*) Acy. (*K.*) Acĭ.

**D'onde,** (*Nh.*) Maá-çuí. (*L. G.*) Maaçuhy. (*A.*) Maa çuhy. (*K.*) Mbaè çuí.

**Dono,** (*Nh.*) Iara. (*L. G.*) Iara. (*A.*) Yara. (*K.*) Yara.

**Donzella,** (*Nh.*) Cunhanmucu. (*L. G.*) Cunhanmucu. (*A.*) Cunhan mbucu. (*K.*) Cunhă-mbucu.

**Dormir,** (*Nh.*) Equire. (*L. G.*) Quêrê. (*A.*) Quyr. (*K.*) Quer.

**Dormitorio,** (*L. G.*) Quêre çuaua. (*A.*) Quyr hau. (*K.*) Quer-hab.

**Doudo,** (*Nh.*) Acanga aiêiua. (*L. G.*) Acanga aiua. (*A.*) Acang ayb. (*K.*) (*K.*) Acang aib.

**Durar,** (*Nh.*) Icupuku. (*A.*) Icò pocu. (*K.*) Icò pocu.

**Duro,** (*Nh.*) Antan. (*L. G.*) Antan (*A.*) Ată. (*K.*) Atâ.

## E

**E' assim,** (*Nh.*) Caueté, euaê-té. (*L. G.*) Coaté. (*A.*) Yauété. (*K.*) Yabé-té.

**E' bem feito,** (*L. G.*) Mucatu. (*A.*) Morucatu. (*K.*) Morocatu.

**E' certo,** (*L. G.*) Çupiracuté.

**Eclypse,** Coaracymanu.

**E' necessario,** (*L. G.*) Catu-rain.

**Elle (á) (para) (n'),** (*Nh.*) Içupé. (*L. G.*) Ichupé. (*A.*) Ichupè. (*K.*) Ichupé.

**Elle,** (*Nh.*) Aê, Aé. (*L. G.*) Aê, Ahê, u. (*A.*) Aê. (*K.*) Aê, ahê, gu, o.

**Elles,** (*Nh.*) Auinta. (*L. G.*) Aitá, entá, aetá, (*A.*) Aetá. (*K.*) Aetá.

**Em**, (*L.G.*) Opé, pe. (*K.*) Pè, mo, bo.
**Em baixo**, (*Nh.*) Euêpe. (*L.G.*) Euêpe. (*A.*) Iuipe. (*K.*) Iui-pe.
**Embebedar-se**, (*Nh.*) Iunucan. (*L.G.*) Cáû. (*A.*) Caù. (*K.*) Caù.
**Embrulhar**, (*L.G.*) Poqueca. (*A.*) Poquec.
**Em cima**, (*Nh.*) Aarp. (*L.G.*) Aarp. (*A.*) Arîpe. (*K.*) Ari, áripe,
**Em lugar**, (*L.G.*) Recuiara. (*A.*) Recuiar.
**Em pé**, (*L.G.*) Puama, (*A.*) Puan. (*K.*) Puâ.
**Emprestar**, (*Nh.*) Puru. (*L.G.*) Epuru. (*A.*) Puru. (*K.*) Yapuru.
**Empurrar**, (*Nh.*) Muanhana. (*A.*) Moanhă. (*K.*) Moanâ.
**Em vez**, (*Nh.*) Recuiára.
**Encarnado**, (*Nh.*) Piranga. (*L.G.*) Piranga. (*A.*) Pirang. (*K.*) Pirang.
**Encolher**, (*Nh.*) Matuca. (*L.G.*) Muatuca. (*A.*) Mboatuc. (*K.*) Mboatuc.
**Encostar**, (*Nh.*) Muare. (*L.G.*) Uiare. (*A.*) Yar.
**Enchente**, (*L.G.*) Parană iké.
**Encher**, (*Nh.*) Purucáre. (*L.G.*) Puracare, muterecemo, (*A.*) Poracar. (*K.*) Poracá.
**Encher a barriga**, (*L.G.*) Marica apór. (*K.*) Ibĭ guapor.
**Enchugar**, (*L.G.*) Motican.
**Enchuto**, (*L.G.*) Tican.
**Encontrar**, (*L.G.*) Uanti. (*A.*) Ouanti. (*K.*) Hobaitî.
**Enfadar-se**, (*L.G.*) Quere, cuere. (*A.*) Cuerè. (*K.*) Gueráy.
**Enfaceirar-se**, (*L.G.*) Moarichi. (*A.*) Moarehei. (*K.*) Mo aérehei.
**Enfeliz**, (*Nh.*) Panema. (*L.G.*) Panema.
**Enfiar**, (*L.G.*) Muchama.
**Engolir**, (*Nh.*) Mucuma. (*L.G.*) Mucuna. (*A.*) Mocô. (*K.*) Mocong.
**Engrossar**, (*Nh.*) Mupuassu. (*L.G.*) Mupuassu. (*A.*) Mo pouaçu. (*K.*) Mo-pouaçu.
**Enlouquecer**, (*L.G.*) Acangaiua. (*A.*) Acangayb. (*K.*) Acang aib.
**Empurrar**, (*Nh.*) Muanhana.
**Enrolar**, (*Nh.*) Mámane. (*L.G.*) Mamáne. (*A.*) Mamă. (*K.*) Mamâ.
**Enseada**, (*Nh.*) Sepecoma. (*L.G.*) Iauá. (*A.*) Yuauá. (*K.*) Iguaá-guá.
**Ensinar**, (*Nh.*) Mué. (*L.G.*) Embuí (*A.*) Mboé. (*K.*) Mboé.
**Então**, (*Nh.*) Aramê, aramê cuité. (*L.G.*) Maataá, aramé. (*A.*) Aramé. (*K.*) Arami.
**Enterrar**, (*Nh.*) Ipêma. (*L.G.*) Yutêma. (*A.*) Yutyma. (*K.*) Yetima, Añotym.
**Entezar**, (*Nh.*) Muantan. (*L.G.*) Amoantan. (*A.*) Amo antã. (*K.*) Amo antâ.
**Entrar**, (*Nh.*) Iequê. (*L.G.*) Uiqui, iquê. (*A.*) Iqué. (*K.*) Iqué.
**Entregar**, (*Nh.*) Emehen. (*L.G.*) Mehê, meen. (*A.*) Meeng. (*K.*) Meeng.
**Entristecer-se**, (*Nh.*) Iamuçaceara. (*L.G.*) Moçacy ara. (*A.*) Moçacyar. (*K.*) Mo çacy ara.

**Envergonhar-se,** (*L.G.*) Muti. (*A.*) Motĭ. (*K.*) Motî.

**Enxada,** (*Nh.*) Poruré. (*L.G.*) Pururé. (*A.*) Pururé. (*K.*) Pururé.

**Esbarrar,** (*L.G.*) Tucá.

**Escassez,** (*L.G.*) Sacateyma.

**Escada,** (*Nh.*) Mutá mutá. (*L.G.*) Metá metá. (*A.*) Motă motă. (*K.*) Mô, fazer, tâ, erguer-se.

**Escama,** (*Nh.*) Pirêre. (*L.G.*) Pirira. (*A.*) Pirer. (*K.*) Pirer, pirá, apecue.

**Escamar,** (*Nh.*) Pirira ima. (*L.G.*) Mocarai. (*K.*) Mocarăi, Pirer, ĭma.

**Escassez,** (*L.G.*) Çacateema. (*A.*) Hacateyma. (*K.*) Hacateў.

**Escolher,** (*Nh.*) Parauáca. (*L.G.*) Parauáca.

**Esconder,** (*Nh.*) Iumime. (*L.G.*) Iumime. (*A.*) Yomĭ. (*K.*) Yomî.

**Escorregar,** (*Nh.*) Ceririca. (*L.G.*) Cêrêrêca. (*A.*) Cyryry. (*K.*) Cĭrĭrĭ.

**Escravo,** (*Nh.*) Miaçua.

**Escremento,** (*L.G.*) Tepoti. (*A.*) Tepoti. (*K.*) Topoti.

**Escuro,** (*Nh.*) Petuna. (*L.G.*) Petuna. (*A.*) Pitun. (*K.*) Pitû.

**Escuridão,** (*Nh.*) Petunuassu. (*L.G.*) Petunauassu. (*A.*) Pitunuaçu. (*K.*) Pitû guaçu.

**Esfolar,** (*Nh.*) Ipiruca. (*L.G.*) Piroca. (*A.*) Piroc.

**Esfregar,** (*Nh.*) Quitica. (*L.G.*) Quêtêca. (*K.*) Quĭtĭ.

**Esgotar,** (*L.G.*) Momure. (*A.*) Momur.

**Esmigalhar,** (*Nh.*) Mocoi. (*L.G.*) Mucorohy, mucurui. (*A.*) Mmocuhi. (*K.*) Mbo cúi.

**Esfriar,** (*Nh.*) Muruçanga.

**Espalhar,** (*Nh.*) Mussaim. (*L.G.*) Muçaim. (*A.*) Moçaĭ. (*K.*) Çăi, moçâi.

**Espantar,** (*L.G.*) Mucanhen. (*A.*) Mocanhen.

**Espelho,** (*Nh.*) Uaruá. (*K.*) Guaruá.

**Esperimentar,** (*L.G.*) Çaan. (*A.*) Çaán. (*K.*) Raâ.

**Esperar,** (*Nh.*) Sarú, çaru. (*L.G.*) Çáru, çahárú. (*A.*) Çaárô. (*K.*) Raarô.

**Espetar,** (*L.G.*) Cutuc. (*A.*) Cutuc.

**Espinho,** (*Nh.*) Yú. (*L.G.*) Yú. (*A.*) Yú. (*K.*) Yu.

**Espinhaço,** (*Nh.*) Cupé caunera.

**Espichar,** (*L.G.*) Mupucu. (*A.*) Mopucu.

**Espremer,** (*Nh.*) Eiami. (*L.G.*) Iami. (*A.*) Ami. (*K.*) Apĭ, amĭ.

**Espuma,** (*Nh.*) Teiê. (*L.G.*) Têié. (*A.*) Tyŭy. (*K.*) Tiyui.

**Esquartejar,** (*L.G.*) Munumunuca. (*A.*) Monŏmonoca. (*K.*) Monomonoca.

**Esquecer,** (*L.G.*) Ceçarái. (*A.*) Heçarai. (*K.*) Heçarai.

**Essa,** (*L.G.*) Ui. (*A.*) Eui, opé. (*K.*) Upé, Eupé.

**Essas,** (*L.G.*) Ui. (*A.*) Eui. (*K.*) Eguĭ.

**Esse,** (*L.G.*) Ui. (*K.*) Eupé, upé.

**Esses,** (*L.G.*) Ui. (*K.*) Eguĭ.

**Esta,** (*Nh.*) Cuaá. (*L.G.*) Quaá. (*A.*) Cuaá. (*K.*) Cobae, Coaê, (na Costa.)

**Está aqui**, (*Nh.*) Cuçucui. (*L. G.*) Cuçucui. (*A.*) Icó iquí.
**Estalar**, (*Nh.*) Pururuca. (*L. G.*) Poca. (*A.*) Poroporoc, poc. (*K.*) Poroc poroc, poc.
**Estar**, (*Nh.*) Icu. (*L. G.*) Icó. (*A.*) Icó. (*K.*) Icó, ecó.
**Estar bem**, (*L. G.*) Cocatu. (*A.*) Icó catu. (*K.*) Icó catu.
**Estar firme**, (*Nh.*) Puitá. (*L. G.*) Puitá, Pytá. (*A.*) Pytá. (*K.*) Pytã.
**Estas**, (*Nh.*) Cuaá etá. (*A.*) Cuaá etá. (*K.*) Cobae etá.
**Este**, (*Nh.*) Cuaá. (*L. G.*) Quaá. (*A.*) Cuaà. (*K.*) Cobae.
**Esteio**, (*L. G.*) Çacaca.
**Esteira**, (*Nh.*) Tupé. (*L. G.*) Tupé. (*A.*) Tupé. (*K.*) Tupé.
**Estender**, (*Nh.*) Moçain. (*L. G.*) Moçain. (*A.*) Moçaĭ. (*K.*) Moçâi.
**Estes**, (*Nh.*) Cuaá etá. (*A.*) Cuaá etá. (*K.*) Cobae etá.
**Estes que**, (*Nh.*) Auá itá. (*K.*) Aba etá.
**Estomago (bocca do)**, (*Nh.*) P-aiuru. (*K.*) Pĭá yurub.
**Estourar**, (*L. G.*) Poca. (*K.*) Pog.
**Estrado**, (*L. G.*) Giráo. (*A.*) Yiráo. (*K.*) Yĭrab.
**Estrella d'alva**, (*Nh.*) Jacy-tatá. (*L. G.*) Yacê-tatá. (*A.*) Yacy tatá. (*K.*) Yacĭ tatá.
**Estrondar (raio)**, (*K.*) Mboró.
**Eu**, (*Nh.*) Ichê, (*L. G.*) Iché, chá, xe. (*K.*) Che, cha, iché.
**Eu mesmo**, (*Nh.*) Iché tenhen.
**Eu tambem**, (*Nh.*) Iché iure.
**Eu só**, (*Nh.*) Iché iumerê.
**Existir (estar)**, (*Nh.*) Pora. (*L. G.*) Por. (*A.*) Pór. (*K.*) Por.
**Extenso**, (*L. G.*) Tapipira. (*A.*) Tapipyr.

## F

**Faca**, (*Nh.*) Quicé. (*L. G.*) Quĭcé. (*A.*) Quicé. (*K.*) Quĭcé.
**Facão**, (*L. G.*) Quicé-açu.
**Facho**, (*L. G.*) Tury. (*A.*) Toryu. (*K.*) Torib.
**Faceiro-a**, (*L. G.*) Uarechy. (*A.*) Uarehy.
**Fadiga**, (*L. G.*) Çaié. (*A.*) Çaié.
**Faisca**, (*Nh.*) Tatá mery. (*A.*) Tatámerĭ.
**Falla**, (*Nh.*) Pinhenga. (*L. G.*) Nheenga. (*A.*) Nheeng. (*K.*) Neêng.
**Fallar**, (*L. G.*) Nheenga. (*K.*) Ñeênga.
**Falsidade**, (*L. G.*) Iereguaiaçaua.
**Falso**, (*L. G.*) Iere guaia. (*A.*) Iereuai.
**Faltar**, (*L. G.*) Atare.
**Farinha**, (*Nh.*) Ui, uhé. (*L. G.*) Ui. (*A.*) Uí. (*K.*) Hui, uĭ.
**Fava**, (*Nh.*) Cumandá açu. (*L. G.*) Comandá uaçu. (*A.*) Comandá uaçu. (*K.*) Comandá guaçu.

**Fazer,** (*Nh.*) Mu. (*L.G.*) Mu, mo. (*A.*) Mbo. (*K.*) Mbo, mo, pó.
**Fazer comer,** (*Nh.*) Iamaú. (*L.G.*) Embaú. (*A.*) Mbaaú. (*K.*) Mboyeu.
**Fazer ferver,** (*L.G.*) Mupupure. (*A.*) Mopupur. (*K.*) Mopupur.
**Fazer nascer,** (*Nh.*) Munhan. (*L.G.*) Munhan. (*A.*) Monhã. (*K.*) Monang.
**Febre,** (*Nh.*) Yacúa. (*L.G.*) Tacúa. (*A.*) Tacuúa. (*K.*) Tacuba.
**Fechar,** (*Nh.*) Sequinau. (*L.G.*) Quendaua. (*A.*) Oquendâu. (*K.*) Oquêndá.
**Feder,** (*Nh.*) Inema. (*L.G.*) Nema. (*A.*) Nem. (*K.*) Nebu.
**Feio,** (*Nh.*) Puché. (*L.G.*) Puchi, puxi. (*A.*) Pochi. (*K.*) Pochi.
**Fedorento,** (*Nh.*) Nema. (*L.G.*) Nema. (*A.*) Nem. (*K.*) Nêma.
**Feijão,** (*Nh.*) Cumaná. (*L.G.*) Comandá. (*K.*) Comandà.
**Feio,** (*Nh.*) Puchiuéra. (*L.G.*) Puxiuéra. (*A.*) Pochiuera. (*K.*) Puchi cuera.
**Feiticeiro,** (*L.G.*) Maracaimara. (*A.*) Mbaracaimar.
**Feitiço,** (*Nh.*). Maracaima. (*L.G.*) Maracaimá. (*A.*) Mbaracanymá.
**Feixe,** (*Nh.*) Maman. (*L.G.*) Mamana. (*A.*) Mamã. (*K.*) Mamâ.
**Fel,** (*Nh.*) Maupiara, papeara. (*L.G.*) Ipéapiara. (*A.*) Pyàpià. (*K.*) Pĭá upîá.
**Feliz,** (*Nh.*) Maarupiara. (*L.G.*) Marupiara. (*A.*) Mbaropyar. (*K.*) Mbarapĭar.
**Ferida,** (*L.G.*) Pungá. (*A.*) Pungà. (*K.*) Pungab.
**Ferir,** (*Nh.*) Mupereua. (*L.G.*) Pereua, uatuca. (*A.*) Pereua, cutuc. (*K.*) Pereb, cutug.
**Ferrar,** (*Nh.*) Pihi. (*L.G.*) Pim. (*A.*) Pĭ. (*K.*) Pĭ.
**Ferver,** (*Nh.*) Pupure. (*L.G.*) Pupure. (*A.*) Pupur. (*K.*) Pupur.
**Festeiro,** (*L.G*) Moetéçara.
**Festejar,** (*Nh.*) Mueté. (*L.G.*) Moeté. (*A.*) Mboeté. (*K.*) Mboetę́.
**Fiar,** (*Nh.*) Pumána. (*L.G.*) Pomane. (*A.*) Poman. (*K.*) Pobá.
**Fibra,** (*Nh.*) Envira. (*L.G.*) Envira. (*A.*) Ymbir. (*K.*) Hĭmbir.
**Ficar,** (*Nh.*) Eputá, epytá. (*L.G.*) Petá, puitá. (*A.*) Pytá. (*K.*) Pĭtá.
**Filho (do homem),** (*L.G.*) Tahira, (*A.*) Taira (*K.*) Tagira.
**Filho (da mulher),** (*Nh.*) Memura. (*L.G.*) Membyra. (*A.*) Membyr. (*K.*) Membĭr, (o gerado no ventre.)
**Filha (do homem),** (*Nh.*) Raina, taina. (*L.G.*) Rahyra, Raíra. (*A.*) Rayr. (*K.*) Aĭr, taĭr, (o derivado pelo sangue.)
**Filha (da mulher),** (*L.G.*) Membyra.
**Fim,** (*Nh.*) Pauaçaua. (*L.G.*) Poçaua. (*A.*) Pohàu. (*K.*) Pab, hab.
**Fino,** (*Nh.*) Puhy, puhi. (*L.G.*) Puhy. (*A.*) Pohy. (*K.*) Poĭ.
**Flauta,** (*Nh.*) Membi. (*L.G.*) Memb. (*A.*) Memby. (*K.*) Mimbĭ
**Flecha (planta),** (*Nh.*) Ubá. (*L.G.*) Ubá. (*A.*) Uyuá. (*K.*) Uib-á.
**Flecha (haste da),** (*Nh.*) Camaiua. (*L.G.*) Camaiua. (*A.*) Caa uyua. (*Caa*, planta, *uib* frecha.)
**Flôr,** (*Nh.*) Putyra. (*L.G.*) Putyra. (*A.*) Potyr. (*K.*) Potĭr.
**Florescer,** (*Nh.*) Mupatêra. (*L.G.*) Muputyra. (*A.*) Mopotyr.
**Focinho,** (*Nh.*) Ti. (*L.G.*) Tin. (*A.*) Tĭ. (*K.*) Tî.

**Fogão**, (*L. G.*) Tatá rendaua.
**Fogareiro**, (*L. G.*) Tatá puinha reru. (*A.*) Tatápynha reru.
**Fogo**, (*Nh.*) Tatá. (*L. G.*) Tatá. (*A.*) Tatá. (*K.*) Tatá.
**Fogueira**, (*L. G.*) Tatá uassu, tury. (*K*) Tatá guaçu.
**Folha**, (*L. G.*) Ob. (*K.*) Ob.
**Fome**, (*Nh.*) Iumuacê, iumacê. (*L. G.*) Iumacé. (*A.*) Úuacem. (*K.*) Úuacem (Ú, comer, uacê, chamar.)
**Fonte**, (*Nh.*) Yucuara. (*L. G.*) Ycuara. (*A.*) Y cuar. (*K.*) I-quar.
**Formiga**, (*Nh.*) Taceua. (*L. G.*) Tacy. (*A.*) Tacy. (*K.*) Tacĭ.
**Forno**, (*Nh.*) Yapôna. (*L. G.*) Yapuna, nhaepuna. (*A.*) Yapân. (*K.*) Apuâ; namȳpiâ.
**Força**, (*Nh.*) Quimauçaua, queremáu. (*L. G.*) Quirimbaua, Quirimáo. (*A.*) Quirymbáu. (*K.*) Quireymbab.
**Forçar**, (*Nh.*) Mucurênaua. (*L. G.*) Mucurembaua. (*A.*) Mo quirymbáu. (*K.*) Mo-quireymbab.
**Fóra (a rua)**, (*Nh.*) Ucara. (*L. G.*) Ocaape, ocara. (*A.*) Ocape, ocar. (*K.*) Ocape, ocar.
**Forquilha**, (*Nh.*) Muiráracamé. (*L. G.*) Acamé. (*A.*) Acamby. (*K.*) Acambĭ.
**Fortificar**, (*Nh.*) Mupirantan. (*L. G.*) Mupirantan. (*A.*) Mopyrantã. (*K.*) Mopĭrantă. (Mo, fazer, pir, pelle, antâ, dura.)
**Frade**, (*Nh.*) Pahi tucura. (*A.*) Pahy tucur. (*K.*) Pahy tucur.
**Frecha (arma)** (*Nh.*) Uiúa. (*L. G.*) Uuêa, hiua. (*A.*) Huȳua. (*K.*) Uib.
**Frechar**, (*Nh.*) Iumui. (*A.*) Uĭbô.
**Friagem**, (*L. G.*) Iruçanga. (*A.*) Roўçă. (*K.*) Roўçâ.
**Frio**, (*Nh.*) Rohin. (*L. G.*) Tuin. (*A.*) Roĭ. (*K.*) Roў.
**Fructo**, (*Nh.*) Euá. (*L. G.*) Iá, iuá. (*A.*) Iuá. (*K.*) Iá, hĭa, ibá.
**Fugir**, (*Nh.*) Yauáu, iauáu. (*L. G.*) Iauáu. (*A.*) Yauáu. (*K.*) Yabab.
**Fuligem**, (*L. G.*) Tatáticumă. (*A.*) Tatátácumá. (*K.*) Tatatĭcumă. (Pendurucalho da fumaça.)
**Fumaça**, (*Nh.*) Tatatinga. (*L. G.*) Tatatinga. (*A.*) Tatáting. (*K.*) Tatating.
**Fumar**, (*L. G.*) Pityma. (*A.*) Pity. (*K.*) Pĭti ar.
**Fundo**, (*Nh.*) Tepy, tepey. (*L. G.*) Tepê. (*A.*) Typy. (*K.*) Tĭpĭ.
**Furar**, (*Nh.*) Mucuara. (*L. G.*) Mucuara. (*A.*) Mo cuar, pue. (*K.*) Quar, Pug.
**Furo, no igapó**, (*Nh.*) Ipuca. (*L. G.*) Ypuca. (*A.*) Y póc. (*K.*) Ipó og.
**Furo**, (*L. G.*) Cuara. (*A.*) Cuar. (*K.*) Quar.
**Furtar**, (*Nh.*) Muná. (*L. G.*) Mundá. (*A.*) Mundá. (*K.*) Mundar.
**Furto**, (*Nh.*) Muná. (*L. G.*) Mundá. (*A.*) Mundá. (*K.*) Mundá.
**Fuso**, (*Nh.*) Yima. (*L. G.*) Iima. (*A.*) Yeў. (*K.*) Teў, teĭn.

## G

**Gafanhoto**, (*Nh.*) Tucura. (*L. G.*) Tucura. (*A.*) Tucur. (*K.*) Tucur.
**Gaivota**, (*Nh.*) Antianti. (*L. G.*) Antianti. (*A.*) Antianti.

**Galantear,** (*L. G.*) Maurichy. (*A.*) Moarehei.
**Galho,** (*L. G.*) Racanga. (*A.*) Racang. (*K.*) Tacang, tacâ.
**Gallinha,** (*Nh.*) Çapucai. (*L. G.*) Çapucai. (*A.*) Çapucái. (*K.*) Çapucai.
**Gallo,** (*Nh.*) Çapucai. (*L. G.*) Çapucai. (*K.*) Çapucai.
**Gamba,** (*Nh.*) Micura. (*L. G.*) Mucura. (*A.*) Mbicu. (*K.*) Mbi-cu.
**Gancho,** (*L. G.*) Tianha. (*A.*) Tiăi. (*K.*) Tiăi.
**Garça,** (*Nh.*) Acaré. (*L. G.*) Uacará. (*A.*) Acará. (*K.*) Acará.
**Gastar (inutilmente),** (*L. G.*) Uçacan. (*A.*) Çacă.
**Gato,** (*Nh.*) Pixana. (*L. G.*) Pixána. (Será o *bichana* espanhol?)
**Gavião,** (*Nh.*) Uiraassu, Tauató. (*L. G.*) Uirassu, Tauató. (*A.*) Tauató. (*K.*) Taguató.
**Gemma d'ovo,** (*Nh.*) Çupiá tauá. (*A.*) Rupiá tauá. (*K.*) Rupiá pĭti-pĭtá.
**Gengiva,** (*Nh.*) Çaiuira, taibira. *L. G.*) Tayuira.
**Genro,** (*L. G.*) Raira mena. (*A.*) Tayrmen. (*K.*) Tayraimê.
**Gente,** (*Nh.*) Mira. (*L. G.*) Mira. (*A.*) Mbira. (*K.*) Mbía, bĭra, mĭra.
**Giráo,** (*Nh.*) Giráo. (*L. G.*) Giráo. (*A.*) Yiráu. (*K.*) Yĭrab.
**Glorificar,** (*L. G.*) Moité. (*A.*) Mboité. (*K.*) Mboité.
**Golpear,** (*L. G.*) Munoca. (*A.*) Munoc.
**Gomma,** (*Nh.*) Tacacá. (*L. G.*) Tacacá.
**Gomma de mandioca,** (*Nh.*) Têpeáca. (*L. G.*) Têpêáca. (*A.*) Typyoc. (*K.*) Tĭpĭog.
**Gordo,** (*Nh.*) Iquêrau. (*L. G.*) Quêra. (*A.*) Quirà. (*K.*) Quĭrá.
**Gordura,** (*L. G.*) Quêrá. (*A.*) Quirá. (*K.*) Quirá.
**Gosma,** (*L. G.*) Tacacá.
**Gostar,** (*Nh.*) Yucê. (*L. G.*) Cê. (*A.*) Hê. (*K.*) Eá, ê.
**Glande,** (*L. G.*) Apiaua. (*A.*) Apiau. (*K.*) Apiab.
**Goloso,** (*L. G.*) Teiara.
**Gostoso,** (*L. G.*) Cê. (*A.*) Hê. (*K.*) Teá.
**Gotejar,** (*Nh.*) Mutequêre. (*L. G.*) Tequêre. (*A.*) Tyquyr. (*K.*) Tiquir.
**Governar,** (*L. G.*) Mondó.
**Grão,** (*L. G.*) Maan, miă. (*A.*) Mbyă. (*K.*) Mbyâ.
**Graveto,** (*L. G.*) Sacahy. (*A.*) Içacahy. (*K.*) Tacâî.
**Gravida,** (*Nh.*) Poroan. (*L. G.*) Puruan. (*A.*) Puruă. (*K.*) Puruâ.
**Grande (muito),** (*Nh.*) Turussu, assu. (*L. G.*) Turussu, uassu. (*A.*) Turuçu, açu. (*K.*) Turuçu, açu. (1)
**Grandeza,** (*L. G.*) Moeteçara. (*A.*) Mboetehar. (*K.*) Mboetahar.
**Gritar,** (*Nh.*) Çauma. (*L. G.*) Çacema. (*A.*) Çacem. (*K.*) Acem, çacem.
**Grosso,** (*Nh.*) Puassu. (*L. G.*) Puassu; anama. (*A.*) Mbo açu, anam. (*K.*) Açû; anam.
**Grudar,** (*Nh.*) Ycica. (*L. G.*) Ycica, moicyca. (*A.*) Icyc. (*K.*) Icig.

---

(1) Os Tembés dizem *uhu*. A grande aspiração produziu *uçu*.

**Grude,** (*Nh.*) Ycica. (*L.G.*) Ycica. (*A.*) Icyc. (*K.*) Aici, icig.
**Guardar,** (*Nh.*) Mungatu. (*L.G.*) Inungatu. (*A.*) Nhô catú. (*K.*) Recco catu.
**Guella,** (*Nh.*) Curuçáua. (*L.G.*) Curuçaua. (*A.*) Corahan. (*K.*) Corohab, (o que ronca).
**Guerra,** (*L.G.*) Maramunhan. (*A.*) Marămanhă. (*K.*) Marâmonâ.
**Guia,** (*L.G.*) Raçuçara. (*A.*) Rahahar. (*K.*) Rahahar.
**Guloso,** (*L.G.*) Pêara, têara. (*A.*) Pyar.

## H

**Ha muito tempo,** (*L.G.*) Cuera. (*A.*) Cuer.
**Harpoar,** (*Nh.*) Cutuca. (*L.G.*) Cutuca. (*A.*) Cutuc. (*K.*) Cutug.
**Haste de frecha,** (*Nh.*) Suumba. (*L.G.*) Suumba. (*A.*) Huybeym. (Uyb, frecha, *eym*, fuso.)
**Hemorrhagia,** (*Nh.*) Tuyi açu. (*A.*) Tuyui açu. (*K.*) Tugui-açu.
**Herva,** (*Nh.*) Caá. (*L.G.*) Caá. (*A.*) Caá. (*K.*) Caá.
**Historia,** (*L.G.*) Poranduba. (*A.*) Porandub. (*K.*) Porandub.
**Hoje,** (*Nh.*) Ouê, oiy. (*L.G.*) Oiyi, oiii. (*A.*) Oyei. (*K.*) Oyei.
**Hombro,** (*Nh.*) Atêêmá. (*L.G.*) Atiiuá. (*A.*) Aiyuá. (*K.*) Ati-yibá.
**Homem,** (*Nh.*) Apegaua, apegaua. (*L.G.*) Apegaua. (*A.*) Apiau. (*K.*) Apiaba. *Api,* prepucio, *ab* cortar, o que tem o prepucio cortado, o circoncisso.
**Homem baixo,** (*Nh.*) Apegaua iatuca. (*K.*) Apiaua iatuc.
**Homem furioso,** (*K.*) Apiaua ipeaiua.
**Honesta,** (*Nh.*) Maé-catu. (*L.G.*) Mae-catu. (*A.*) Mbae catu. (*K.*) Mbae-catu.
**Honra,** (*Nh.*) Ceco-catu. (*L.G.*) Tecó-catu. (*A.*) Tecó catu, (*K.*) Teco-catu.
**Hontem,** (*Nh.*) Quécê, cuécê. (*L.G.*) Cuicé. (*A.*) Cuehé. (*K.*) Cuehé.
**Hora,** (*Nh.*) Ara. (*L.G.*) Ara. (*A.*) Ara. (*K.*) Ara.
**Horisonte,** (*L.G.*) Ocaima. (*A.*) Ocayma. (*K.*) Ocanibae, (oc, casa, ima, sem.)
**Horror,** (*L.G.*) Cequeié (*A.*) Hequehÿyé. (*K.*) Quihÿyé.
**Humido,** (*Nh.*) Yruru. (*L.G.*) Yruru. (*A.*) Iruru. (*K.*) Iru-ïru.

## I

**Idade,** (*Nh.*) Acaiú. (*L.G.*) Acajú. (*A.*) Acayú. (*K.*) Acayu.
**Igreja,** (*Nh.*) Tupa, oca. (*L.G.*) Tupă, oca. (*A.*) Tepă oc. (*K.*) Tupâ og.
**Igual,** (*L.G.*) Yepeuassu. (*A.*) Yepéuaçu.
**Ilha,** (*Nh.*) Caapaan. (*L.G.*) Caapoan. (*A.*) Caá póă. (*K.*) Caa puâ.
**Imagem,** (*Nh.*) Angaua. (*L.G.*) Angáua. (*A.*) Angáu. (*K.*) Angab.
**Immediatamente,** (*L.G.*) Arami iunto. (*A.*) Arami nhŏ.
**Impurrar,** (*Nh.*) Moanhana. (*A.*) Mboanhă.

**Inchação,** (*L. G.*) Pungá. (*K.*) Pungab.

**Inchado,** (*L. G.*) Pungá.

**Incolume,** (*L. G.*) Catu iunto.

**Inda a pouco,** (*Nh.*) Quecentê. (*L. G.*) Quaira uana. (*A.*) Caru nhô. (*K*) Quir ang.

**Indagar,** (*L. G.*) Cecare. (*A.*) Cecar.

**Indireitar,** (*L. G.*) Muçatamueca.

**Inimigo,** (*Nh.*) Ruanhana. (*L. G.*) Anhana. (*A.*) Anhan. (*K.*) Aiang, anã (alma má, demonio).

**Inferno,** (*L. G.*) Yurupari-tatá. (*A.*) Yurupari tatá.

**Inimigo,** (*L. G.*) Çumará.

**Innocente,** (*L. G.*) Ucêceiie. (*A.*) Ucêceye.

**Inteiro,** (*Nh.*) Pohó. (*L. G.*) Uitepe. (*A.*) Uetep. (*K.*) Guetebo.

**Introduzir,** (*L. G.*) Mena. (*A.*) Men. (K.) Men.

**Ir,** (*Nh.*) Uço, ço. (*L. G.*) Çu, ço. (*A.*) Ho. (*K.*) Ho.

**Ir depois,** (*Nh.*) U ço cury. (*A.*) Ho cury.

**Ir depressa (remando),** (*Nh.*) Mopipica. (*A.*) Mbopipic. (*K.*) Mo pipig.

**Irmão bastardo,** (*L. G.*) Imu nungara. (*A.*) Mu-nungar.

**Irmã do homem,** (*Nh.*) Rendira. (*L. G.*) Tendira (m.ª). (*A.*) Tendyr. (*K.*) Tendir.

**Irmã da mulher,** (*Nh.*) Amu. (*L. G.*) Amu. (*A.*) Amu. (*K.*) Imu.

**Irmão do homem,** (*Nh.*) Min. (*L. G.*) Imu. (*A.*) Imu. (*K.*) Imu.

**Irmão da mulher,** (*Nh.*) Queera. (*L. G.*) Quiuira. (*A.*) Qüyuir. (*K.*) Quibir, tykera.

**Isca de fogo,** (*Nh.*) Tatá putaua. (*L. G.*) Tatá putáua. (*A.*) Tatá potaua. (*K.*) Tatá potab.

**Isca de peixe,** (*Nh.*) Piná putaua. (*L. G.*) Piná putaua. (*A.*) Piná potaua. (*K.*) Pindá potab.

**Isqueiro,** (*Nh.*) Tatá iua, tatá êna. (*A.*) Tatá yb. (*K.*) Tatá îb.

**Isto (a),** (*Nh.*) Quaá recé. (*L. G.*) Quau. (*A.*) Quau recé. (*K.*) Cobae recé.

## J

**Já (agora),** (*Nh.*) Cuêre, cuire. (*L. G.*) Cuêre, acire. (*A.*) Coyr. (*K.*) Coir.

**Já (tempo passado),** (*Nh.*) An. (*L. G.*) En, uana, ana. (*A.*) An. (*K.*) An. Uman.

**Jaboti,** (*Nh.*) Yauti. (*L. G.*) Yauty. (*A.*) Yauty. (*K.*) Yaboti.

**Jacaré,** (*Nh.*) Guandu. (*L. G.*) Yacaré. (*A.*) Yacaré. (*K.*) Yacaré.

**Jantar,** (*Nh.*) Iamaua. (*L. G.*) Yamahu. (*A.*) Mbaé ú. (*K.*) Mbaé ú.

**Janella,** (*Nh.*) Oquena méry. (*A.*) Oquen merĩ. (*K.*) Oquen merî.

**Jejuar,** (*Nh.*) Yucuacu. (*L. G.*) Yeuacu. (*A.*) Cuacú. (*K.*) Cuacub.

**Jejum,** (*Nh.*) Yucuacu. (*L. G.*) Yeuacú. (*A.*) Cuacú. (*K.*) Cuacub.

**Joelho,** (*Nh.*) Yanepenean. (*L. G.*) Cenepean. (*A.*) Hynypiă. (*K.*) Tinipiâ.
**Jogar,** (*L. G.*) Yapi. (*A.*) Yapy.
**Jantar,** (*L. G.*) Matêre. (*A.*) Mbotyr. (*K.*) Tir.
**Junto,** (*Nh.*) Tepe anu. (*L. G.*) Soaqui, roaqui. (*A.*) Houaquy. (*K.*) Hobaque.
**Junto com,** (*Nh.*) Iruno. (*L. G.*) Irumo. (*A.*) Irumo. (*K.*) Irumo.
**Juventude,** (*L. G.*) Curumiuaçu. (*A.*) Curumiaçu.

## L

**Lá,** (*Nh.*) Mime, aap. (*L. G.*) Même, cu, mó. (*A.*) Myme. (*K.*) Mamô, cu, mŏ.
**Lá mesmo,** (*L. G.*) Aap tenhen.
**Lá não,** (*L. G.*) Inti aap.
**Labareda,** (*L. G.*) Tatá ipoan. (*A.*) Tatapoă. (*K.*) Tatá puâ.
**Loço (de pescoço),** (*L. G.*) Yuçana. (*A.*) Yuçă. (*K.*) Nuçâ.
**Laço (de subir em arvores),** (*Nh.*) Pêcunha. (*L. G.*) Pecoin. (*A.*) Pycŏi. (*K.*) Picôi.
**Ladino,** (*L. G.*) Iacuau. (*A.*) Iacuau.
**Lado,** (*Nh.*) Çuachara. (*A.*) Huachar. (*K.*) Chuar.
**Ladrão,** (*Nh.*) Munuuassu. (*L. G.*) Mundáuaçu. (*A.*) Mundáhar. (*K.*) Mundahar.
**Lagarticha,** (*Nh.*) Terauyra.
**Lago,** (*Nh.*) Ypaua. (*L. G.*) Ypaua. (*A.*) Y pau. (*K.*) Ipaûa.
**Lagrimas,** (*Nh.*) Ceça iuquêu. (*L. G.*) Ceçá iuquicé. (*A.*) Heçá ÿiquicy. Heça yiquici.
**Lamaçal,** (*L. G.*) Teyuco paua. (*A.*) Teyuco páu.
**Lamber,** (*L. G.*) Cereua. (*A.*) Hereu. (*K.*) Hereb.
**Lançar fóra,** (*Nh.*) Momure. (*A.*) Momur.
**Lancear,** (*L. G.*) Puçaitica. (*A.*) Pycáitic.
**Largar,** (*L. G.*) Chiare. (*A.*) Hiar.
**Largo,** (*Nh.*) Tipipira. (*L. G.*) Têpepêra. (*A.*) Typepyr. (*K.*) Tepopir.
**Lavar,** (*Nh.*) Moiaçuca. (*L. G.*) Yuçuca. (*A.*) Yaçuc. (*K.*) Yaçug.
**Lavatorio,** (*L. G.*) Yaçucaua.
**Lavrar,** (*Nh.*) Cupâna. (*L. G.*) Yupâna. (*A.*) Yupă. (*K.*) Pam.
**Leite,** (*Nh.*) Camen. (*L. G.*) Camê. (*A.*) Camby. (*K.*) Cambi.
**Lembrança,** (*Nh.*) Quecatu. (*L. G.*) Cuicatu. (*A.*) Iqué catu. (*K.*) Iqué-catu.
**Lembrar-se,** (*Nh.*) Mandoare. (*L. G.*) Manduare. (*A.*) Manduar. (*K.*) Maenduar.
**Lenha,** (*Nh.*) Yapeá. (*L. G.*) Yapeá. (*A.*) Yapeá. (*K.*) Yepeá.
**Leme,** (*Nh.*) Yacumá. (*L. G.*) Yacumá. (*A.*) Yacumá. (*K.*) Yacumá.
**Lavantar-se,** (*Nh.*) Puâm. (*L. G.*) Puama. (*A.*) Puam. (*K.*) Puan.

**Levar,** (*Nh.*) Raçó. (*L.G.*) Raçu. (*A.*) Rahô. (*K.*) Rahá.
**Leve,** (*Nh.*) Ocê. (*L.G.*) Pocêúna, Iraçu, Oêê. (*A.*) Pohy yma. (*K.*) Pohi ÿma.
**Ligas,** (*Nh.*) Tapacura. (*L.G.*) Tapacurá. (*A.*) Tapacurá. (*K.*) Tapacurá.
**Ligeiro,** (*Nh.*) Curutên. (*L.G.*) Curutê. (*A.*) Curutĕ. (*K.*) Curitû.
**Ligeiro (Ld.j),** (*Nh.*) Ipuiáuáu.
**Lingua,** (*Nh.*) Apecon. (*L.G.*) Apecô. (*A.*) Apecô. (*K.*) Apecû.
**Lingua de terra,** (*Nh.*) Apecuma. (*L.G.*) Apecon.
**Linha,** (*Nh.*) Euimbi. (*L.G.*) Enimbó. (*A.*) Nimbó. (*K.*) Nimbó.
**Linha de pescar,** (*L.G.*) Pindá-çama. (*A.*) Pindá-çam. (*K.*) Pindá-çam.
**Liso,** (*Nh.*) Yeima. (*L.G.*) Yeima, eima. (*A.*) Heym. (*K.*) Cÿm.
**Livrar,** (*Nh.*) Piceron. (*L.G.*) Pêcêru, Pêcêron. (*A.*) Pycyrŏ. (*K.*) Piciró.
**Logo,** (*Nh.*) Curu miry. (*L.G.*) Curi miry. (*A.*) Curi miri. (*K.*) Curime.
**Logo mais,** (*Nh.*) Ariri. (*L.G.*) Ariré. (*A.*) Ariré. (*K.*) Ariré.
**Lombriga,** (*Nh.*) Chiboí. (*L.G.*) Chibuí. (*A.*) Hiboí. (*K.*) Ceboí.
**Longe,** (*Nh.*) Apecatu. (*L.G.*) Pecatu. (*A.*) Apé catu. (*K.*) Apé-catu.
**Longitude,** (*L.G.*) Apecatu çaua.
**Louvar,** (*L.G.*) Moité. (*A.*) Mboété. (*K.*) Mbeté.
**Lontra,** (*Nh.*) Yauacaca. (*L.G.*) Yauácaca. (*A.*) Yauácaca. (*K.*) Yaguacaca.
**Lua,** (*Nh.*) Yacy. (*L.G.*) Yacy. (*A.*) Yacy. (*K.*) Yaci.
**Lugar,** (*Nh.*) Tênáua. (*L.G.*) Cendaua. (*A.*) Hendau. (*K.*) Hendab.
**Luz,** (*Nh.*) Yuacá (céo). (*L.G.*) Cendê. (*A.*) Hendy. (*K.*) Hendi.

## M

**Má,** (*Nh.*) Aiba. (*L.G.*) Aiua. (*A.*) Ayu. (*K.*) Aib.
**Machado,** (*Nh.*) Yé, iê, ur. (*L.G.*) Yê, iir. (*A.*) Yí. (*K.*) Yi.
**Macho,** (*Nh.*) Apégaua, pegaua. (*L.G.*) Apegaua. (*A.*) Apiaua. (*K.*) Apiábae.
**Madeira,** (*Nh.*) Iua. (*L.G.*) Iua, yba, yua. (*A.*) Yb. (*K.*) Yba.
**Maduro,** (*L.G.*) Tenharu. (*A.*) Tenhōru. (*K.*) Tenôi-broto, *rub,* contem.
**Mãe,** (*Nh.*) Manha. (*L.G.*) Manha, cy. (*A.*) Cy. (*K.*) Ci, chi.
**Magro,** (*Nh.*) Angaiuara. (*L.G.*) Yngaiuara. (*A.*) Angaiuar. (*K.*) Angaibar.
**Maior,** (*L.G.*) Turussu. (*A.*) Turuçu. (*K.*) Turuçu.
**Maior parte,** (*Nh.*) Turussu puêre. (*L.G.*) Turussu chiuara. (*K.*) Turuçu pir.
**Mais,** (*Nh.*) Puêre. (*L.G.*) Pêre, pyre. (*A.*) Pyr. (*K.*) Pir.
**Mais que,** (*L.G.*) Yúnto. (*A.*) Nhŏ. (*K.*) Aiûme.
**Mais que,** (*L.G.*) Pyre. (*A.*) Pyr.
**Mais tarde,** (*L.G.*) Ariré. (*A.*) Ariré. (*K.*) Ariré.
**Mal,** (*L.G.*) Aiua. (*A.*) Ayb. (*K.*) Aib.
**Maldade,** (*Nh.*) Puxicaua. (*L.G.*) Puxicaua. (*A.*) Pochihau. (*K.*) Pochi hab.
**Mal succedido,** (*Nh.*) Panema. (*L.G.*) Panema. (*A.*) Panĕ. (*K.*) Panê.
**Mandar,** (*Nh.*) Monu. (*L.G.*) Mondó, mundu. (*A.*) Mondó. (*K.*) Mondó.

**Mandioca,** (*Nh.*) Maniva. (*L.G.*) Maniaca, maniua. (*A.*) Many. (*K.*) Mandioc (many de casa), maniua. (Páo de many).
**Maneta,** (*Nh.*) Yuá-yma.
**Mangar,** (*L.G.*) Muçarai.
**Manhã,** (*Nh.*) Cuema. (*L.G.*) Coêma. (*A.*) Coem. (*K.*) Coem.
**Maniveira,** (*Nh.*) Manyua. (*L.G.*) Maniyua. (*A.*) Many yua. (*K.*) Many iba.
**Manso,** (*Nh.*) Ypicuau. (*L.G.*) Ru. (*K.*) Rui.
**Mão,** (*Nh.*) Pó. (*L.G.*) Pó. (*A.*) Pó. (*K.*) Mbó, pó.
**Mão de pilão,** (*L.G.*) Induá mena. (*A.*) Induá men.
**Máo,** (*Nh.*) Puxi. (*L.G.*) Peá puchi. (*A.*) Peá pochi. (*K.*) Pochi, pohũ peá pochi.
**Máo,** (*Nh.*) Aiba. (*L.G.*) Aiua. (*A.*) Aiu. (*K.*) Aib.
**Marcar,** (*L.G.*) Muçangaua. (*A.*) Mbohangáu. (*K.*) Mboçangab.
**Margem,** (*L.G.*) Remeêua. (*K.*) Embeỹ.
**Marido,** (*Nh.*) Mena. (*L.G.*) Mena, (*A.*) Men. (*K.*) Men, o que introduz, mette.
**Maresia,** (*Nh.*) Gapenú. (*L.G.*) Gapenó. (*A.*) Yapenô. (*K.*) Yapenû.
**Marrecão,** (*L.G.*) Uanapa.
**Marreco,** (*L.G.*) Potiry. (*K.*) Potiri.
**Marrequinha,** (*L.G.*) Potiry.
**Marrequinha do igapó,** (*L.G.*) Pequy.
**Marsupio,** (*Nh.*) Mucura. (*L.G.*) Micura. (*A.*) Ubicur. (*K.*) Mbi-cu.
**Mas,** (*Nh.*) É. (*L.G.*) Nhunto. (*A.*) Nhô. (*K.*) É, aete.
**Massiço,** (*L.G.*) Anama. (*A.*) Anam. (*K.*) Anam.
**Mastigar,** (*Nh.*) Çahu. (*L.G.*) Çoho, çoho. (*A.*) Çoho. (*K.*) Çoó-çoó.
**Matrimonio,** (*Nh.*) Menareçaua. (*L. G.*) Mendare. (*A.*) Mendar. (*K.*) Mendar.
**Mato,** (*Nh.*) Caá. (*L.G.*) Caá. (*A.*) Caá. (*K.*) Caá.
**Mecher,** (*Nh.*) Puêr. (*L.G.*) Puêre. (*A.*) Pouer. (*K.*) Pobúr.
**Medo,** (*L.G.*) Cequeié. (*A.*) Hequyié. (*K.*) Quihỹyé.
**Medroso,** (*Nh.*) Cequeéceua. (*L.G.*) Tequeiéceua. (*K.*) Quihỹyé.
**Melhor,** (*Nh.*) Pire. (*L.G.*) Peure, pyre. (*A.*) Pyr. (*K.*) Pyr.
**Meio,** (*Nh.*) Pitêra. (*L.G.*) Puiter, pyter. (*A.*) Pyter. (*K.*) Pyter.
**Meio quieto,** (*L.G.*) Quiririrana. (*A.*) Quiririran. (*K.*) Quiriri-ram.
**Meio dia,** (*Nh.*) Yandara. (*L.G.*) Yandara. (*A.*) Yandeara. (*K.*) Yande-ára
**Meia noite,** (*Nh.*) Pessaiê. (*L.G.*) Pêçayé. (*A.*) Pecêyé. (*K.*) Pêcêyé.
**Mel,** (*Nh.*) Yra. (*L.G.*) Yra. (*A.*) Ir. (*K.*) Eir.
**Melhor,** (*Nh.*) Catu puêre. (*L.G.*) Catu pêre. (*A.*) Catu pyr. (*K.*) Catu pyr.
**Membrum genitale,** (*Nh.*) Çaconha. (*L.G.*) Çaconha. (*A.*) Hacõe. (*K.*) Aquâi, tacôe.

**Menina**, (*Nh.*) Cunhantan. (*L.G.*) Cunhantan-i. (*A.*) Cunhã-antã. (*K.*) Cunâ-antâ.

**Menino**, (*Nh.*) Curumin. (*L.G.*) Curumi. (*A.*) Curumi. (*K.*) Curumi.

**Menos**, (*L.G.*) Mirim.

**Mentir**, (*Nh.*) Mucuité. (*L.G.*) Puité. (*A.*) Puité. (*K.*) Pucé.

**Mentira**, (*Nh.*) Poité. (*L.G.*) Puité. (*A.*) Puité. (*K.*) Yapucé.

**Menos que**, (*L.G.*) Miry pire. (*A.*) Miry pyr. (*K.*) Mirī pyre.

**Mergulhão**, (*L.G.*) Miuá.

**Mergulhar**, (*Nh.*) Yapumim. (*L.G.*) Yapumi. (*A.*) Yapómy. (*K.*) Iapo-nû.

**Mesmo**, (*L.G.*) Yaué. (*A.*) Ayué. (*K.*) Yabé.

**Metade**, (*Nh.*) Paçauêra. (*L.G.*) Peeauêra. (*A.*) Peçácuer. (*K.*) Pecê-cuer.

**Metter**, (*Nh.*) Mena. (*L.G.*) Mena. (*A.*) Men. *K.*) Men.

**Metter-se**, (*Nh.*) Munéo. (*L.G.*) Mundéo. (*A.*) Mondéo. (*K.*) Mondeb.

**Meu**, (*Nh.*) Sê. (*L.G.*) Sê.

**Mexirico**, (*L.G.*) Marandua. (*A.*) Marandub. (*K.*) Marandub.

**Mexiriqueiro**, (*L.G.*) Marandu. (*K.*) Marandub.

**Milho**, (*Nh.*) Auati. (*L.G.*) Auati. (*A.*) Auati. (*K.*) Abati.

**Mim**, (*Nh.*) Che. (*L.G.*) Che. (*A.*) Che. (*K.*) Che.

**Mingáo**, (*Nh.*) Mingá. (*L. G.*) Mingáo. (*A*). Mingaú. (*K.*) Mingaû, mingaú.

**Minha**, (*Nh.*) Sê, cê. (*L.G.*) Sê, cê. (*K.*) Ce, che.

**Minhoca**, (*L.G.*) Ambohi.

**Miolo**, (*Nh.*) Tapetoôma, Iapetuumu. (*L.G.*) Apitoôma. (*A.*) Apitoym. (*K.*) Apituũ.

**Misturar**, (*Nh.*) Mumané. (*L.G.*) Mané. (*A.*) Mané. (*K.*) Manâ.

**Moça**, (*Nh.*) Cunhã mucu. (*L.G.*) Cunhá mucu. (*A.*) Cunhã mbucu. (*K.*) Cunâ-mbucu.

**Moço**, (*Nh.*) Curumiassu. (*L.G.*) Curumi uassu. (*K.*) Cunumbuçu.

**Moer**, (*Nh.*) Mucurué. (*L.G.*) Mucurúi. (*A.*) Mbocuruí. (*K.*) Mbo-curu-i.

**Mofino**, (*Nh.*) Petúa. (*L.G.*) Pitúa. (*A.*) Pituar. (*K.*) Pituar.

**Molhado**, (*Nh.*) Yaquima. (*L.G.*) Iruru. (*A.*) Yaquim. (*K.*) Aquim, aruru.

**Molhar**, (*Nh.*) Ticuar. (*L.G.*) Mururu, mororô, (*A.*) Mbororô. (*K.*) Ticuá, mbororô.

**Molle**, (*Nh.*) Membei. (*L.G.*) Memeca, Membeca. (*A.*) Membec. (*K.*) Membeg.

**Monte**, (*Nh.*) Iatêre, eatêre. (*L.G.*) Iatêre, Iuêtêre. (*A.*) Iuyteyr. (*K.*) Ibĭbĭ, ĭbĭtĭr.

**Monturo**, (*Nh.*) Atera. (*L.G.*) Atêre. (*A.*) Atyr. (*K.*) Atĭr.

**Moqueado**, (*Nh.*) Mocaem. (*L.G.*) Mucaê. (*A.*) Mocaĕ. (*K.*) Mocaê.

**Moquear**, (*L.G.*) Mocaen. (*A.*) Mocaĕ. (*K.*) Mocaê.

**Morador,** (*Nh.*) Ocapora. (*L.G.*) Tendaua. (*A.*) Oc-pora, Hendau. (*K.*) **Og-**pora, hendab.
**Morar,** (*L.G.*) Pora. (*A.*) Pora.
**Morcego,** (*Nh.*) Andirá. (*L.G.*) Andirá. (*A.*) Andirá. (*K.*) Andĭrá.
**Morder,** (*Nh.*) Çohu. (*L.G.*) Çuú. (*A.*) Çuhú. (*K.*) Çuú.
**Morrer,** (*Nh.*) Manu. (*L.G.*) Manô. (*A.*) Manô. (*K.*) Manŏ.
**Morte,** (*Nh.*) Monuçaua. (*L.G.*) Monuçaua. (*K.*) Manŏ hab.
**Morto-a,** (*Nh.*) Amira. (*L.G.*) Ambire. (*A.*) Ambyre. (*K.*) Amĭrî.
**Mosca,** (*Nh.*) Meru. (*L.G.*) Meru. (*A.*) Mberu. (*K.*) Mberu.
**Mosqueado,** (*Nh.*) Pinima. (*L.G.*) Pinima. (*A.*) Pinĭ. (*K.*) Pinĭ.
**Mosquito,** (*Nh.*) Merui. (*L.G.*) Merui. (*A.*) Mberuí. (*K.*) Mberui.
**Mosquiteiro,** (*L.G.*) Merucari.
**Mostrar,** (*Nh.*) Camehê. (*L.G.*) Camehê. (*A.*) Camehĕ. (*K.*) Beê, cabeê.
**Mover,** (*Nh.*) Muterei. (*L.G.*) Muterca. (*A.*) Motyric. (*K.*) Motĭrĭ.
**Mudo,** (*L.G.*) Nheeng-yma. (*A.*) Nheeng-yma.
**Mulher,** (*Nh.*) Cunhan. (*L.G.*) Cunhan. (*A.*) Cunhă. (*K.*) Cuñâ.
**Mulher casada,** (*Nh.*) Remirico. (*L. G.*) Remiricó. (*A.*) Rembirecó. (*K.*) Rembirecó.
**Muitos dias,** (*Nh.*) Ara receia. (*L.G.*) Ara etá. (*A.*) Ara etá. (*K.*) Ara etá.
**Muito cedo,** (*L.G.*) Cuema eté. (*A.*) Coem eté. (*K.*) Coem eté.
**Muito-os,** (*Nh.*) Etá. (*L.G.*) Etá, cetá, ceêia. (*A.*) Etá. (*K.*) Etá.
**Multidão,** (*Nh.*) Celia. (*L.G.*) Rêêia, cêêia. (*A.*) Teyi. (*K.*) Teyi Teyi.
**Mundo,** (*Nh.*) Arauêra, arauira. (*L.G.*) Arauera. (*A.*) Ara cuer. (*K.*) Ara cuer.
**Murrinha,** (*L.G.*) Piché. (*A.*) Piché. (*K.*) Pichè.
**Mutum,** (*Nh.*) Mitei. (*L.G.*) Mytu. (*A.*). Mytu. (*K.*) Mĭtû.

## N

**Na (dentro),** (*Nh.*) Eê. (*L.G.*) Popé. (*A.*) Opé. (*K.*) Opé, pé.
**Na, no,** (*Nh.*) Opé, mê, pê. (*L.G.*) Recé, opé, mê. (*A.*) Recé, opé. (*K.*) Opé.
**Nada,** (*Nh.*) Intimaan. (*L.G.*) Timaan, nema. (*A.*) Tiĭmbaă, ne hubaă. (*K.*) Tiĭ-baê, ne-mbaê.
**Nadador,** (*Nh.*) Eytaauêra. (*L.G.*) Uyetá çara. (*A.*) Yitá. (*K.*) Itá.
**Nadar,** (*Nh.*) Eitá. (*L.G.*) Yetá. (*A.*) Y etá. (*K.*) Itá.
**Namorar,** (*Nh.*) (*L.G.*) Mo arichi. (*A.*) Mbo arechi. (*K.*) *Mo-aerehei* ou *Suaraiy* [1].

---

[1] Na costa *Çuguaráiy*, significava o namorado, segundo o Padre Figueira.

**Não,** (*Nh.*) Intio, nitio. (*L.G.*) Timaan, intio, inti, tinhen. (*K.*) Ndititŷ, tib.

**Não faça caso,** (*L.G.*) Tenhen re munhan.

**Não ha,** (*Nh.*) Timaan. (*L.G.*) Timaan. (*A.*) Tiĭ mbaă. (*K.*) Tiĭ mbaê.

**Não sei,** (*Nh.*) Taucuáo. (*L.G.*) Taucuáo, inti cha cuáu. (*A.*) Tiĭ che cuau. (*K.*) Tiĭ-cha-quab.

**Na ponta,** (*Nh.*) Ceca, puira, opé. (*L.G.*) Ceca, pêra, opé. (*A.*) Aca pyr opé. (*K.*) Aca-pĭr-opé.

**Na ponta do rio,** (*Nh.*) Çapecumá opé. (*L.G.*) Paranara capêra opé. (*A.*) Parană aca pyr opé. (*K.*) Paranâ-aca-pĭr-opé.

**Nariz,** (*Nh.*) Tin. (*L.G.*) Ti. (*A.*) Tĭ. (*K.*) Tĭ.

**Narrar,** (*L.G.*) Paá. (*A.*) Paá. (*K.*) Papar.

**Nascer (sahir),** (*Nh.*) Cêma, sema. (*L.G.*) Cêma. (*A.*) Cem. (*K.*) Cem, cê

**Nascida,** (*L.G.*) Yatihi.

**Navio,** (*L.G.*) Maracatin. (*A.*) Mbaraca-tĭ. (*K.*) Mbaraca-tĭ.

**Negro,** (*Nh.*) Pixuna. (*L.G.*) Pichuna. (*A.*) Pichun. (*K.*) Pichû.

**Negro** (subs), (*Nh.*) Tapaiuna. (*L.G.*) Tapaiuna. (*A.*) Tapayu una. (*K.*) Tapaĭŷ; tapayu, escravo, ûn, preto.

**Nervo,** (*L.G.*) Taica. (*A.*) Tayca.

**Neste lugar,** (*L.G.*) Iqué. (*A.*) Iqué.

**Neto,** (*Nh.*) Imiariron. (*L.G.*) Temiarirô. (*A.*) Tembiarirô. (*K.*) Tembiarirô.

**Ninguem,** (*Nh.*) Neiúa. (*L.G.*) Intiauá. (*A.*) Ndityaua. (*K.*) Ndi-tib-abá.

**Ninho,** (*L.G.*) Aité. (*A.*) Aity. (*K.*) Aitĭ,

**No,** (*L.G.*) Ope, pe.

**Nó,** (*Nh.*) Quitan. (*L.G.*) Quitan. (*A.*) Quită. (*K.*) Quitâ.

**No fim,** (*L.G.*) Pauçapé. (*A.*) Pau apé. (*K.*) Pab-apé ou opé.

**No fundo,** (*Nh.*) Puêpe. (*L.G.*) Puêpe. (*A.*) Pype. (*K.*) Pĭpe.

**Noiva,** (*L.G.*) Remericó petaçaua. (*A.*) Rembiricó potahar. (*K.*) Rembirico potahar.

**Nome,** (*Nh.*) Chera, cêra. (*L.G.*) Era, (*K.*) Er. (*K.*) Ter, êr.

**No meio,** (*Nh.*) Pitêrepa. (*L.G.*) Piterpe. (*A.*) Pyter-pe. (*K.*) Pĭtêr-ope.

**No principio,** (*Nh.*) Upirangaua. (*L.G.*) Euperungape. (*A.*) Ypyrongáu. (*K.*) Ipĭrungab.

**Nós,** (*Nh.*) Euané. (*L.G.*) Yandé, yané, oré. (*A.*) Yandé. (*K.*) Yandé, oré.

**Noite,** (*Nh.*) Pituna. (*L.G.*) Pituna. (*A.*) Pitŭ. (*K.*) Pitû.

**Nova,** (*Nh.*) Pêçassu. (*L.G.*) Pêçaçu. (*A.*) Pyhahué. (*K.*) Pĭhaú.

**Novello,** (*Nh.*) Mimbo apuan. (*L.G.*) Apuan. (*A.*) Nimbóapuă. (*K.*) inimbóapuâ (linha enrolada).

**Novidade,** (*Nh.*) Marandiba. (*L.G.*) Maranduba. (*A.*) Marandub. (*K.*) Marandub.

**Nuca,** (*L.G.*) Atuá. (*A.*) Atuă. (*Ká*) Atuâ.
**Numerar,** (*Nh.*) Papare. (*L.G.*) Papêre. (*A.*) Papyr. (*K.*) Papĭr.
**N'um instante,** (*L.G.*) Euruten uara.
**Nunca mais,** (*Nh.*) Intíancuri. (*K.*) Nditiÿ curi.
**Nuvem,** (*Nh.*) Araquêá. (*L.G.*) Arequêá. (*A.*) Araquyau. (*K.*) Ara-quiab.

## O

**Obedecer,** (*Nh.*) Ruiare. (*L.G.*) Ruiare. (*A.*) Roiar. (*K.*) Hapiar, apiar.
**Obrar,** (*Nh.*) Munhan. (*L.G.*) Monhang. (*A.*) Monhang (*K.*) Monang.
**Obrigado!** (Agradecendo), (*L.G.*) Cué catu reté.
**Occulto,** (*Nh.*) Iumine. (*L.G.*) Iumine. (*A.*) Mime. (*K.*) Mimê.
**Odiar,** (*Nh.*) Mutara êma. (*L.G.*) Mutara yma. (*A.*) Mbotar yma.
**Odio,** (*Nh.*) Muturaêma. (*L.G.*) Puchi. (*A.*) Pochi. (*K.*) Pochi.
**Olhar,** (*Nh.*) Mahan. (*L.G.*) Mahan. (*A.*) Mâhă. (*K.*) Maê.
**Olhos,** (*Nh.*) Ceçá. (*L.G.*) Ceçá. (*A.*) Heçá. (*K.*) Heça, teça.
**Onça,** (*Nh.*) Yauarité. (*L.G.*) Yauara eté. (*A.*) Yauar ete. (*K.*) Yaguar eté.
**Onde,** (*Nh.*) Mamé. (*L.G.*) Mamé. (*A.*) Mamé. (*K.*) Mamô, hape, ape.
**O que,** (*Nh.*) Maan, maá. (*L.G.*) Maan, maá. (*A.*) Mbaă. (*K.*) Mbaê.
**O que?** (*Nh.*) Maá taá? (*L.G.*) Maa taé? (*A.*) Mbaă taá? (*K.*) Mbaê baá?
**Orelhas,** (*Nh.*) Nami. (*L.G.*) Nami, nambi. (*A.*) Nambi. (*K.*) Namby
**Origem,** (*L.G.*) Ypirungaua.
**Oriundo,** (*L.G.*) Ara. (*A.*) Oara. (*K.*) Coar.
**Osso,** (*Nh.*) Caun-éra. (*L.G.*) Caunêra, canguera. (*A.*) Cang-cuer. (*K.*) Cang-cuer.
**Ostra,** (*Nh.*) Itan. (*L.G.*) Itan. (*A.*) Ită.
**Outro,** (*Nh.*) Amu. (*L.G.*) Amu, amó. (*A.*) Amó. (*K.*) Amó.
**Outro dia,** (*Nh.*) Uecente. (*L.G.*) Amu iunto. (*A.*) Amó. (*K.*) Amó arûme.
**Outra vez,** (*Nh.*) Yuire. (*L.G.*) Yuiure. (*A.*) Yiuyre. (*K.*) Iebyre.
**Outr'ora,** (*L.G.*) Umá. (*A.*) Ymá. (*K.*) Yma.
**Ouvido,** (*Nh.*) Apeçá. (*A.*) Çacemerô. (*A.*) Apyçá. (*K.*) Apĭçâ.
**Ouvir,** (*Nh.*) Cenum. (*L.G.*) Cenó, cendu. (*K.*) Hendô. (*K.*) Endub.
**Ovo,** (*Nh.*) Çupiá. (*L.G.*) Çupiá. (*A.*) Hupiá. (*K.*) Rupiá.

## P

**Padecer,** (*Nh.*) Purará. (*L.G.*) Porará. (*A.*) Porará. (*K.*) Porârá.
**Padre,** (*Nh.*) Pahy. (*L.G.*) Pahi. (*A.*) Páy. (*K.*) Pay.
**Pae,** (*Nh.*) Paiá. (*A.*) Tub. (*K.*) Rub, tub.
**Palha,** (*L.G.*) Pinaua, (*A.*) Pináua.

**Palma da mão,** (*Nh.*) Popitêra. (*L.G.*) Papêtêra. (*A.*) Popyter. (*K.*) Papité.
**Paixão,** (*Nh.*) Çaceárá pêá. (*L.G.*) Aci ara piá. (*A.*) Acy-ara-pyá. (*K.*) Acĭ-ara-pĭá.
**Palavra,** (*L.G.*) Nheenga. (*A.*) Nheeng. (*K.*) Neê.
**Paneiro,** (*Nh.*) Uruasaanga. (*L.G.*) Uruçacanga. (*A.*) Uru acang. (*K.*) Uru-acang.
**Panella,** (*L.G.*) Nhaen pepo. (*A.*) Nhaen pepó. (Vaso de azas).
**Pantano,** (*L.G.*) Curupêre. (*A.*) Curupyr.
**Pão,** (*Nh.*) Miapé. (*L.G.*) Meape. (*A.*) Mbyapé. (*K.*) Mbuyapé.
**Páo,** (*Nh.*) Muirá. (*L.G.*) Muirá. (*K.*) Mbyrá. (*K.*) Mbirá.
**Papa,** (*L.G.*) Auarépo.
**Papagaio,** (*Nh.*) Carauá. (*L.G.*) Parauá, Ayurú. (*A.*) Paraguá.
**Para alli,** (*L.G.*) Miquetê. (*A.*) Mimequeté.
**Para (onde),** (*Nh.*) Queté. (*L.G.*) Quetê. (*A.*) Queté. (*K.*) Ngoti.
**Para (fim),** (*Nh.*) Arama. (*L.G.*) Arama. (*A.*) Aram. (*K.*) Ha-ram.
**Para baixo,** (*Nh.*) Eura queté. (*L.G.*) Iuíquêté. (*A.*) Iuiqueté. (*K.*) Ibĭ-ngoti.
**Para elle,** (*Nh.*) Çupé. (*L.G.*) Cecé. (*A.*) Hupé. (*K.*) Hupé, upé, ichupé.
**Para lá,** (*L.G.*) Aquetê. (*K.*) Mamô ngoti.
**Para onde?** (*Nh.*) Maá queté? (*L.G.*) Maá quetê? (*A.*) Mbaă queté. (*K.*) Mbaê ngoti?
**Para onde,** (*Nh.*) Maa rupi, mahen rupi. (*A.*) Mbaă ropi. (*K.*) Mbae rupi.
**Para quem,** (*Nh.*) Auá supé. (*L.G.*) Maarama. (*A.*) Mbaă aram. (*K.*) Abá cupé; mbaê guaram.
**Para ti,** (*Nh.*) Eneum. (*L.G.*) Indé arama. (*A.*) Indé arama. (*K.*) Nde guaram.
**Parar,** (*Nh.*) Opytá, puita. (*A.*) Pytá. (*K.*) Pĭtá.
**Pardo,** (*Nh.*) Tuer, toer. (*L.G.*) Tuira. (*A.*) Tuyr. (*K.*) Tuĭ.
**Parecido,** (*Nh.*) Anguaua. (*L.G.*) Nungara. (*A.*) Nungar. (*K.*) Nungar.
**Parente,** (*Nh.*) Anama. (*L.G.*) Anama. (*A.*) Ană. (*K.*) Anâ, anam.
**Parente do marido** (mulher), (*L.G.*) Cunhan-mena.
**Parir (sahir),** (*Nh.*) Munuirare. (*L.G.*) Embirare. (*A.*) Membirar. (*K.*) Membirar.
**Partido,** (*Nh.*) Yumui. (*L.G.*) Yuboê. (*A.*) Yumboê. (*K.*) Amboi.
**Partir,** (*L.G.*) Ço. (*A.*) Ho. (*K.*) Ho.
**Passar,** (*Nh.*) Çaçau. (*L.G.*) Çaçaua. (*A.*) Hahau. (*K.*) Açá.
**Passaro,** (*Nh.*) Uirá. (*L.G.*) Uirá. (*A.*) Uirá. (*K.*) Uĭrá, guĭrá.
**Passagem,** (*Nh.*) Çaçaua. (*L.G.*) Çaçaua. (*A.*) Hahau. (*K.*) Açá-hab.
**Passeiar,** (*L.G.*) Uatá. (*A.*) Uată. (*K.*) Guatá.
**Pato,** (*Nh.*) Ipêca. (*L.G.*) Ipéca. (*A.*) Ipec. (*K.*) Ipeg.

**Patrão,** (*Nh.*) Yara. (*L.G.*) Cé cariua, yara. (*K.*) Oyara; che-carib (meu senhor.

**Pavão,** (*Nh.*) Puitá. (*A.*) Pită. (*K.*) Pĭtâ.

**Pé,** (*L.G.*) Pê. (*A.*) Py. Pi.

**Peccado,** (*Nh.*) Angaipaua. (*L.G.*) Angaipaua. (*K.*) Angaipab.

**Pedaço,** (*Nh.*) Pyçan-uéra. (*L.G.*) Pêçáúmêra, pecêquera. (*A.*) Pyçă cuer. (*K.*) Pêcê-cuer.

**Pedaço (partido),** (*Nh.*) Acica. (*L.G.*) Acêca. (*A.*) Acic. (*K.*) Acĭg.

**Pedir,** (*L.G.*) Yururé.

**Pedra,** (*Nh.*) Itá. (*L.G.*) Itá. (*A.*) Itá. (*K.*) Itá.

**Pedreira,** (*Nh.*) Itátuba. (*L.G.*) Itateua. (*A.*) Itá tyb. (*K.*) Ita tĭb.

**Pegar,** (*Nh.*) Pecêca. (*L.G.*) Pecêca. (*A*) Picyc. (*K.*) Pĭcĭg.

**Peito,** (*Nh.*) Potiá. (*L.G.*) Putiá. (*A.*) Potiá. (*K.*) Pítiá, potiá.

**Peixe,** (*Nh.*) Pirá. (*L.G.*) Pirá. (*A.*) Pirá. (*K.*) Pirá.

**Peixe-boi,** (*Nh.*) Iuaruá. (*L.G.*) Iuarauá.

**Pellar,** (*Nh.*) Piroca. (*L.G.*) Piruca, piroca. (*A.*) Piroc. (*K.*) Pirog.

**Pelle,** (*Nh.*) Pirêra. (*L.G.*) Pirêra. (*A.*) Pirer. (*K.*) Pirer.

**Pelle estalada,** (*L.G.*) Piririca. (*A.*) Pireri. (*K.*) Pirirĭ.

**Pendurar,** (*L.G.*) Muiaticu iaticu. (*A.*) Ati icó. (*K.*) Atî-icó.

**Peneira,** (*Nh.*) Urupêma. (*L.G.*) Urupema. (*A.*) Irupem. (*K.*) Irupeb, ĭrupem.

**Peneirar,** (*Nh.*) Mouau. (*L.G.*) Muaú. (*A.*) Mouau. (*K.*) Moguab.

**Penna,** (*Nh.*) Çaua. (*L.G.*) Raua. (*A.*) Au, Rau. (*K.*) Ab, rab.

**Pensar,** (*L.G.*) maité.

**Pente,** (*Nh.*) Quiaua. (*L.G.*) Quiuáua. (*A.*) Quiuau. (*K.*) Quibab.

**Pentear,** (*L.G.*) Capique.

**Pentelhos,** (*Nh.*) Sacuá. (*L.G.*) Çacuau. (*A.*) Acó-au. (*K.*) Quibab.

**Pequeno,** (*Nh.*) Mirim. (*L.G.*) Cuaira, miry. (*K.*) Quĭr, mirî.

**Pequenino,** (*L.G.*) Mirairâ, mirim, aira.

**Perdão,** (*Nh.*) Yron. (*L.G.*) Nhiron. (*A.*) Nhyrŏ. (*K.*) Nĭrô.

**Perder,** (*Nh.*) Mucain, canhemo. (*L.G.*) Caîma, (*A.*) Canhy. (*K.*) Cany.

**Perguntar,** (*Nh.*) Poranu, puranu. (*L.G.*) Porandu. (*A.*) Porandu. (*K*) Porandu.

**Perna,** (*Nh.*) Teman. (*L.G.*) Temá. (*A.*) Tymă. (*K.*) Etĭmâ.

**Perto,** (*Nh.*) Iquenti, quinhato, nhôte. (*L.G.*) Iqui, iunto, roaqui. (*K.*) Aguîme, auîme.

**Pescador,** (*Nh.*) Piracaçara. (*L.G.*) Pirácaçara. (*A.*) Pirahar. (*K.*) Pirá har.

**Pescar,** (*Nh.*) Pinaitica. (*L.G.*) Penaytica. (*A.*) Piná itic. (*K.*) Pindá itĭg.

**Pescar com anzol,** (*L.G.*) Piná ytica. (*K.*) Pindá itĭg.

**Pescar com rede,** (*Nh.*) Pêça ytêca. (*L. G.*) Peçá ytica. (*A.*) Pyçá itic. (*K.*) Piçá itĭg.
**Pescaria,** (*Nh.*) Pinaitica. (*A.*) Piná itic. (*K.*) Pindá itĭg.
**Pescoço,** (*Nh.*) Aiùra. (*L. G.*) Ayura, iáyura. (*A.*) Ayur. (*K.*) Ayur.
**Pestana,** (*Nh.*) Ceçaraua. (*A.*) Heçaran. (*K.*) Ceçarab.
**Peste,** (*Nh.*) Maacê assu. (*L. G.*) Maacê. (*A.*) Maeicy. (*K.*) Mbae icĭ.
**Pezado,** (*Nh.*) Pucê. (*L. G.*) Pocê. (*A.*) Pohy. (*K.*) Pohĭi.
**Pezar,** (*L. G.*) Pocy. (*K.*) Pohĭi.
**Phantasma,** (*L. G.*) Anhanga, taú. (*A.*) Anhang. (*K.*) Anang, taub.
**Picar,** (*L. G.*) Pim. (*K.*) Pĭ.
**Pilhar,** (*L. G.*) Pucuçu.
**Piloto,** (*Nh.*) Yacumaiba. (*L. G.*) Yacumauba. (*A.*) Yacumáyb. (*K.*) Yacumâ ĭb.
**Pimenta,** (*Nh.*) Quiinha. (*L. G.*) Quiénha. (*A.*) Quĭy. (*K.*) Quĭyi.
**Pintado, (pintas pequenas),** (*L. G.*) Pinima. (*A.*) Pinim. (*K.*) Pinî ou pinim.
**Pintado (pintas largas),** (*L. G.*) Cuatiara. (*A.*) Quatiar. (*K.*) Quatiara.
**Pintar,** (*Nh.*) Mupinima. (*L. G.*) Mocuatiara. (*K.*) Mbo ou mo-quatiar.
**Pintar de amarello,** (*Nh.*) Mutauá. (*L. G.*) Pinima tauá irumo. (*A.*) Motauá. (*K.*) mo-taguá.
**Pintar de branco,** (*Nh.*) Mumurutinga. (*L. G.*) Pinima murutinga irumo. (*K.*) Morotî; pinî morotî ĭrumo.
**Pintar de encarnado,** (*Nh.*) Mupiranga. (*L. G.*) Pinima piranga irumo. (*K.*) Mopirang; pinî pirang ĭrumo.
**Pintar de preto,** (*Nh.*) Mupixuna. (*L. G.*) Pinima pixuna irumo. (*K.*) Mo pichû; pinî pichû ĭrumo.
**Pilão,** (*Nh.*) Induá. (*L. G.*) Inuá. (*A.*) Induá. (*K.*) Ambuá.
**Piolho,** (*L. G.*) Quiiua. (*A.*) Quyu. (*K.*) Quĭb.
**Pizar,** (*Nh.*) Piru. (*L. G.*) Peru, poiru. (*A.*) Pyru. (*K.*) Pĭrû.
**Planta,** (*Nh.*) Mityma. (*L. G.*) Muitema.
**Pó,** (*L. G.*) Tubyra.
**Pobre (triste),** (*Nh.*) Poraiçua. (*L. G.*) Poriaiçua. (*A.*) Poriahu. (*K.*) Poriahub.
**Pobreza,** (*L. G.*) Poriaçu. (*K.*) Poriahu.
**Poça,** (*L. G.*) Ypuera. (*A.*) Ycuer. (*K.*) Icuer.
**Poder,** (*Nh.*) Cuáo. (*L. G.*) Curumuto. (*K.*) Quaab.
**Pode ser, talvez,** (*Nh.*) Impó. (*L. G.*) Impó. (*A.*) Hĕpó. (*K.*) Hĭpó.
**Podre,** (*Nh.*) Iuca. (*L. G.*) Iuca. (*A.*) Iuc. (*K.*) Yug.
**Podridão,** (*Nh.*) Iucaçaua. (*L. G.*) Iucaçaua. (*A.*) Iuchau. (*K.*) Yugbab.
**Poeira,** (*L. G.*) Iuipohi. (*A.*) Iuipohi. (*K.*) Ibi-pohĭ.
**Pomba,** (*Nh.*) Pecassu. (*L. G.*) Pycaçu. (*A.*) Pycaçu. (*K.*) Apĭcaçu.
**Ponta,** (*Nh.*) Aca. (*L. G.*) Aca. (*A.*) Aca. (*K.*) Haquâ.

**Ponta de flecha,** (*L.G.*) Iuaanti. (*A.*) Huybatî. (*K.*) Uĭb atĭ.
**Ponta de rio,** (*Nh.*) Sapecuma. (*L.G.*) Çapecon. (*A.*) Apecon. (*K.*) Apecon.
**Ponte fluctuante,** (*Nh.*) Ygaçapaba. (*K.*) Igaçapab.
**Pôpa,** (*Nh.*) Sapuitá. (*L.G.*) Çupuitá. (*A.*) Opytá. (*K.*) Opitá.
**Pôr** (verb.), (*L.G.*) Umbure. (*A.*) Mombor. (*K.*) Mombor.
**Pôr (o)** (verb. transitivo), (*Nh.*) Inum. (*L.G.*) Enum. (*A.*) Henŏ. (*K.*) Henôe.
**Por** (prep.), (*Nh.*) Rupi. (*L.G.*) Rupi. (*A.*) Rupi. (*K.*) Upi, rupi.
**Por ahi,** (*Nh.*) Meurupi, mehenrupi, merupi. (*L.G.*) Arupi. (*A.*) Haerupi. (*K.*) Haerupi.
**Por aqui,** (*Nh.*) Iquê rupi. (*L.G.*) Querupi. (*A.*) Ique rupi. (*K.*) Ique rupi.
**Por baixo,** (*L.G.*) Uire. (*A.*) Uyre· (*K.*) Guir, guira.
**Por causa,** (*L.G.*) Arecé.
**Porco,** (*Nh.*) Taiassu. (*L.G.*) Taiassu. (*K.*) Tâyaçu.
**Por isso,** (*Nh.*) Aarecé. (*L.G.*) Arecé. (*A.*) Arecé. (*K.*) Arecé.
**Por lá, por ahi,** (*Nh.*) Meuripi, mehenrupi, merupi. (*L.G.*) Arupi. (*A.*) Arupi. (*K.*) Haerupi.
**Por onde,** (*L.G.*) Maarupi. (*A.*) Mhăa rupi. (*K.*) Marupi.
**Porque?** (*L.G.*) Maá recé? (*A.*) Mbaă-recé? (*K.*) Mbae-recé?
**Porque razão?** (*L.G.*) Maá recé? (*K.*) Mbae recé?
**Porta** (*Nh.*) Oquêna. (*L.G.*) Oquena. (*A.*) Oquen. (*K.*) Oquen.
**Potador,** (*L.G.*) Raçuçara. (*A.*) Rahuhar. (*K.*) Rahuhar.
**Porto,** (*Nh.*) Igarapaua. (*L.G.*) Igarupaua. (*A.*) Ygarupau. (*K.*) Igarupab.
**Por tua causa,** (*L.G.*) Ne rupĭ. (*A.*) Nde rupi.
**Pote,** (*Nh.*) Camuty, camutin. (*L.G.*) Camuty, camuti. (*A.*) Camby cy. (*K.*) Cambuchi.
**Pote d'agua,** (*Nh.*) Igaçaua. (*L.G.*) Igaçaua. (*A.*) Ygahau. (*K.*) Iahab.
**Pote de ossos,** (*Nh.*) Icaçaua. (*L.G.*) Iucaçaua. (*A.*) Iucáhau. (*K.*) Iucá hab.
**Pouco,** (*Nh.*) Miraêra, xinga mirim. (*L.G.*) Cuaira, chinga, mery (miraira). (*A.*) Quair, ching. (*K.*) Quĭr, Quĭi.
**Povo,** (*Nh.*) Mira etá. (*L.G.*) Mira reia. (*A.*) Mira cyiê. (*K.*) Mbiá etá; mbiá teĭiê.
**Praia,** (*Nh.*) Iuycui, iucui. (*L.G.*) Iuycuhy, ecuy (Camará e Cucuhy) [1]. (*A.*) Iuicui. (*K.*) Ibicui.
**Prazer,** (*L.G.*) Çuriçaua. (*A.*) Horihau.
**Precizar,** (*Nh.*) Putare. (*L.G.*) Putare. (*A.*) Potar. (*K.*) Potar.
**Pregar,** (*Nh.*) Aticá. (*L.G.*) Atycá. (*A.*) Atycá. (*K.*) Atĭcá.

(1) Fronteira de Venezuela.

**Prego,** (*Nh.*) Itapuá. (*L. G.*) Itapuá. (*A.*) Itá puyá. (*K.*) Itá pĭguá.
**Preguiça,** (*Nh.*) Têima. (*A.*) Tee. (*K.*) Teê.
**Preguiçoso,** (*Nh.*) Têema. (*L. G.*) Têêma, (*A.*) Tee. (*K.*) Teê.
**Prenhe,** (*Nh.*) Epuruá. (*L. G.*) Puruan. (*A.*) Poruã. (*K.*) Puruâ.
**Pressa,** (*L. G.*) Saié, sanhen.
**Pressa (ir de),** (*L. G.*) Coruten.
**Presente,** (*Nh.*) Potáua. (*L. G.*) Iana irumo. (*A.*) Potaua. (*K.*) Potaba; ang ĭrumo.
**Preza,** (*Nh.*) Mimbiara. (*L. G.*) Embiara. (*A.*) Tembiar. (*K.*) Tembiá.
**Prima do homem,** (*L. G.*) Tendyra. (*A.*) Tendy. (*K.*) Tendĭr.
**Prima da mulher,** (*L. G.*) Quiuira. (*A.*) Queueyr. (*K.*) Quebyra.
**Principiar,** (*L. G.*) Iupyrô. (*A.*) Yupirô. (*K.*) Yupirõ.
**Principio,** (*Nh.*) Ipiruingaua. (*L. G.*) Iupurungaua. (*A.*) Ipyrõaua. (*K.*) Iyīpĭrôgab. *Ipi*, cabeça de geração, *rang*, dicção com o valor de verbo defectivo, e *aba*, *ou aua* tempo, instrumento de acção.
**Principiado,** (*Nh.*) Iapirum. (*L. G.*) Uiupyrô. (*A.*) Ipirôn ou Ipyrong. (*K.*) Iyĭpĭramo.
**Prôa,** (*Nh.*) Ganty. (*L. G.*) Ganty. (*A.*) Yanty. (*K.*) y-antĭ.
**Procurar,** (*Nh.*) Cêcare. (*L. G.*) Cecare. (*A.*) Hecar. (*K.*) Ecar.
**Procissão,** (*Nh.*) Tupana uatá. (*K.*) Tupâ uatá.
**Prohibir,** (*L. G.*) Moatuca. (*A.*) Mboatuc. (*K.*) Mbo atuc.
**Proeiro,** (*Nh.*) Ganti-eua. (*L. G.*) Ganti-iua. (*A.*) Yanty yb. (*K.*) I-antĭ-ĭb.
**Prometter,** (*Nh.*) Mokameen. (*L. G.*) Mokameen. (*A.*) Mbocambeē. (*K.*) Aikuabeê.
**Prostituta,** (*Nh.*) Pataquyra. (*L. G.*) Cunhantan iunto. (*K.*) Cunâ-antâ-auĭme.
**Proximo,** (*Nh.*) Rapichara. (*L. G.*) Iqui iunto, (*K.*) Apichar; ique auime.
**Puchar,** (*Nh.*) Sequêi. (*L. G.*) Cequy. (*A.*) Equyr. (*K.*) Equir.
**Pular,** (*L. G.*) Pure. (*A.*) Por. (*K.*) Por.
**Pulso,** (*L. G.*) Pó rupitá.
**Pulverisar,** (*L. G.*) Mucuhy. (*A.*) Mmo cuhy. (*K.*) Mbo-cui.
**Punho de rede,** (*L. G.*) Quiçaua apê. (*A.*) Quihau apy. (*K.*) Quihab-api.

## Q

**Quaes são?** (*Nh.*) Maá taá? (*L. G.*) Maá taé? (*A.*) Mbaã taá? (*K.*) Mbaê baá?
**Qual,** (*L. G.*) Aauá (*A.*) Aauá. (*K.*) Mbaê.
**Qual?** (*L. G.*) Maa? maan? (*A.*) Mbaã. (*K.*) Mbaê?
**Qualquer,** (*Nh.*) Maiauê. (*L. G.*) Mahy yaué. (*A.*) Mahy yaué. (*K.*) Mahy yabé.
**Quando,** (*Nh.*) Ramé. (*L. G.*) Ramé, aramé. (*A.*) Aramé. (*K.*) Aramè.
**Quando?** (*Nh.*) Maá ramé? (*L. G.*) Mairamé? (*A.*) Mbaã aramé. (*K.*) Ma namô?

**Quantas vezes,** (*L.G.*) Muôre. (*A.*) Mbouyr ei. (*K.*) Mbobĭr ei.
**Quanto,** (*Nh.*) Muêre. (*L.G.*) Muôre, muíre. (*A.*) Mbouyr. (*K.*) Mbobĭr.
**Quantos?** (*Nh.*) Muore? (*L.G.*) Muêre taá? (*A.*) Mbouyr taá. (*K.*) Mbobĭr baá?
**Quarto,** (*Nh.*) Ocapé, ocapi. (*L.G.*) Ocapê. (*A.*) Ocapy. (*K.*) Ogapĭ.
**Que,** (*Nh.*) Oá. (*L.G.*) Taá. (*A.*) Taà. (*K.*) Baá, bae.
**Quebrado,** (*Nh.*) Upena. (*L.G.*) Pepena. (*A.*) Pepen. (*K.*) Pepen.
**Quebrar,** (*Nh.*) Mupêna. (*L.G.*) Pena, mupuca. (*A.*) Pen. (*K.*) Pen.
**Queimar,** (*Nh.*) Ucái. (*L.G.*) Ucái, çapy. (*A.*) cai, apy. (*K.*) Cai, api.
**Queixar-se,** (*Nh.*) Behu. (*L.G.*) Umbihu. (*A.*) Ombeú. (*K.*) Mombeú.
**Queixo,** (*L.G.*) Saéoua. (*A.*) Tendiuá. (*K.*) Tendibà.
**Quem.** (*Nh.*) Auá. (*L.G.*) Auá. (*A.*) Auá. (*K.*) Abá.
**Quem?** (*Nh.*) Auá taá? (*L.G.*) Auá tahá? (*A.*) Auá taá, (*K.*) Abape? Abà baà.
**Quem é que? agora?** (*L.G.*) Auá taé? (*A.*) Auá taá. (*K.*) Abapiâ?
**Que modo (De)** (*Nh.*) Quaie. (*L.G.*) Maicuté, mahycuté, mahycoité. (*A.*) Mahy coité. (*K.*) Mahy.
**Quente,** (*Nh.*) Çané. (*L.G.*) Çacu. (*A.*) Hacu. (*K.*) Hacu, tacu, uacu.
**Que o diga,** (*L.G.*) Tenhen. (*A.*) Tenhĕ. (*K.*) Teñé.
**Querer,** (*Nh.*) Putare. (*L.G.*) Putare. (*A.*) Potar. (*K.*) Potar.
**Querer bem,** (*L.G.*) Cer. (*A.*) Cer. (*K.*) Cer.

## R

**Rabo,** (*Nh.*) Çuaia. (*L.G.*) Çuaia soaia. (*A.*) Uuai. (*K.*) Uguâi.
**Rachar,** (*L.G.*) Immuhia.
**Raio,** (*Nh.*) Tupá. (*L.G.*) Tupá, uera. (*A.*) Tupá. (*K.*) Tupá.
**Raiva,** (*L.G.*) Mutara ima. (*A.*) Motar yma. (*K.*) Motar ima.
**Raiz,** (*Nh.*) Çapô, Sapu. (*L.G.*) Çapô. (*A.*) Hapó. (*K.*) Hapó.
**Ralar,** (*Nh.*) Quetêca. (*L.G.*) Quetêca. (*A.*) Quytyg. (*K.*) Quitig.
**Ralhar,** (*Nh.*) Acau. (*L.G.*) Acau. (*A.*) Acáu. (*K.*) Acab.
**Ralo,** (*Nh.*) Euêcé, uicé. (*L.G.*) Euicé. (*A.*) yuecy. (*K.*) Ibeci.
**Rapariga,** (*Nh.*) Cunhantan (*L.G.*) Cunhantan. (*A.*) Cunhão tuy. (*K.*) Cuñâ tai.
**Rapaz,** (*Nh.*) Curumi assu. (*L.G.*) Curumi assu. (*A.*) Curumi açu. (*K.*) Curumi açu.
**Raramente,** (*L.G.*) Amó ramé iunto. (*A.*) Amó ramé iuyme (*K.*) Amó rame iuime.
**Rasgar,** (*Nh.*) Imui (*L.G.*) Çuruca. (*A.*) Çorog. (*K.*) Çorog.
**Rasgar, (fazer)** (*L.G.*) Muçuruca. (*A.*) Mboçorog. (*K.*) Mboçorog.
**Raso,** (*Nh.*) Tepê ima. (*L.G.*) Tepy ima. (*A.*) Tepy yma. (*K.*) Tepi ima.

**Raspar,** (*L.G.*) Carái. (*A.*) Carăi. (*K.*) Carâi.
**Rasto,** (*Nh.*) Puipora. (*L.G.*) Pupura. (*A.*) Pypor. (*K.*) Pipó.
**Rato,** (*Nh.*) Uairu. (*L.G.*) Uauiru. (*A.*) Uuairu. (*K.*) Guabiru.
**Receber,** (*L.G.*) Pecyca. (*A.*) Pecyg.
**Recolher,** (*L.G.*) Mongui. (*A.*) Monguy. (*K.*) Monoô.
**Recuar,** (*Nh.*) Iuêre. (*L.G.*) Iuire. (*A.*) Yuyr. (*K.*) Yebir.
**Rede,** (*Nh.*) Quiçaua. (*L.G.*) Quiçaua. (*A.*) Quihau. (*K.*) Quihab.
**Rede de dormir,** (*L.G.*) Maquêra, maquyra. (*A.*) Maquyr.
**Rede de pescar,** (*Nh.*) Pyssá, puçá. (*L.G.*) Pyçá. (*A.*) Pyçá. (*K.*) Pyçá, puçá.
**Redondo,** (*Nh.*) Iapuan. (*A.*) Apuă. (*K.*) Apuâ.
**Relação,** (*Nh.*) Erumo, erumo. (*L.G.*) Irumo. (*A.*) Yrumo. (*K.*) Irumo.
**Relampago,** (*Nh.*) Uerá. (*L.G.*) Tupa uerá. (*A.*) Tupá uerá. (*K.*) Tupâberab.
**Remanso,** (*Nh.*) Yiuêre. Eiuere. (*L.G.*) Yiuêre. (*A.*) Yyeré. (*K.*) Iyeré.
**Remar,** (*Nh.*) yapucuhy. (*L.G.*) Yapucui (*A.*) Pycui. (*K.*) Picûi.
**Remedio,** (*Nh.*) Pussanga. (*L.G.*) Pussanga. (*A.*) Pohang. (*K.*) Pohang.
**Remeiro,** (*Nh.*) Apuycuitara. (*L.G.*) Apucuitara. (*A.*) Pycuita (*K*) Picuitar.
**Remella,** (*Nh.*) Ceçá toôma. (*L.G.*) Ceçá toôma. (*A.*) Heçá toô. (*K.*) Heça toô.
**Remo,** (*Nh.*) Apucuitá. (*L.G.*) Apucuitá. (*A.*) Pycuitau. (*K.*) Picuitab.
**Repartir,** (*L.G.*) Munha-oca. (*K.*) Mboyaog.
**Resguardo,** (*L.G.*) Iocó icó. (*A.*) Yecó icó. (*K.*) Yecuacub.
**Resina,** (*Nh.*) Icica (*L.G.*) Icica (*A.*) Icyg. (*K.*) Icig.
**Resistir,** (*Nh.*) Intio putare. (*L.G.*) Inti putare. (*A.*) Inti potar. (*K.*) Tii potar.
**Respeitar,** (*Nh.*) Pouçóu. (*L.G.*) Pôoçó. (*A.*) Poôhu. (*K.*) Poihu.
**Resplandecer,** (*Nh.*) Urá. (*L.G.*) Urá, uerá. (*A.*) Uerá. (*K.*) Bera, berab.
**Responder,** (*Nh.*) Çuachare. (*L.G.*) Çuachara. (*A.*) Ouaihar. (*K.*) Obaihar.
**Resto,** (*Nh.*) Çumerera. (*L.G.*) Cêmbyrera. (*A.*) Embyr. (*K.*) Embir.
**Reunir,** (*L.G.*) Munuan.
**Reunião para trabalho,** (*Nh.*) Puirum (*L.G.*) Putirum. (*A.*) Potirun.
**Reverenciar,** (*L.G.*) Moetê. (*A.*) Mboeté.
**Revirar,** (*L.G.*) Uauaca. (*A.*) Uauaca. (*K.*) Babaca.
**Rir-se,** (*Nh.*) Pucá. (*L.G.*) Pucá. (*A.*) Póca (*K.*) Haha, pucá.
**Riso,** (*Nh.*) Pucá. (*L.G.*) Pucá. (*A.*) Pocá. (*K.*) Pucá.
**Restituir,** (*Nh.*) Mu iuêre. (*L.G.*) Mu iuêre. (*A.*) Moyueré (*K.*) Mo yerè.
**Roça,** (*Nh.*) Cupichaua. (*L.G.*) Cupichaua. (*A.*) Copihau. (*K.*) Copihab.
**Roçar,** (*Nh.*) Capyire. (*L.G.*) Copire. (*A.*) Copir. (*K.*) Copir.
**Rodeiar,** (*L.G.*) Atimana. (*A.*) Atiman. (*K.*) Atimar.
**Rodela,** (*L.G.*) Uará capá. (*A.*) Uuá acapá. (*K.*) Ubá, tapar, aca, ponta, apar, torta. Guaracapá.

**Roer,** (*Nh.*) Çoho-çoho. (*L. G.*) Çoho-çoô. (*A.*) Çoó. (*K.*) Çoó-çoó.
**Roncar,** (*L. G.*) Apu. (*A.*) Apõ. (*K.*) Apong.
**Rosnar,** (*L. G.*) Cururuca. (*A.*) Corôrôc.
**Rua,** (*Nh.*) Ocara. (*L. G.*) Ocara. (*A.*) Ocar. (*K.*) Ocar.
**Ruido,** (*L. G.*) Teapu, Teapú. (*A.*) Tyapú. (*K.*) Tlapú.
**Ruim,** (*L. G.*) Pochi catu. (*A.*) Pochi catu. (*K.*) Pochi catu.

## S

**Saber,** (*Nh.*) Cuáo. (*L. G.*) Cuáo, coáub. (*A.*) Ouau. (*K.*) Quab, quaab.
**Sacco,** (*L. G.*) Matiri. (*A.*) Matiry.
**Sacudir,** (*Nh.*) Mutumu. (*L. G.*) Môtumô. (*A.*) Mohimô. (*K.*) Motumû.
**Sahir,** (*Nh.*) Cema. (*L. G.*) Cêma Cem. (*A.*) Cem. (*K.*) Cem, cê, he.
**Sal,** (*Nh.*) Iuquira. (*L. G.*) Iuquirá. (*A.*) Yuquir. (*K.*) Yuquĭr.
**Salpicar,** (*L. G.*) Pipica. (*A.*) Pipic. (*K.*) Pipig.
**Saltar,** (*Nh.*) Epure. (*L. G.*) Pure. (*A.*) Por. (*K.*) Por.
**Sangria,** (*Nh.*) Çucôca. (*A.*) Uquioc. (*K.*) Uquiog.
**Sangue,** (*Nh.*) Tuye. (*L. G.*) Tuíu, Tuhy. (*A.*) Tuuy. (*K.*) Ugui, tugui.
**Sanguesuga,** (*L. G.*) Chibui peua. Chibui péu. (*K.*) Ceboi-peb.
**São,** (*Nh.*) Catu. (*L. G.*) Catu. (*A.*) Catú. (*K.*) Catu.
**Sapo,** (*Nh.*) Cururu. (*L. G.*) Cururu, Bacururu. [1] (*A.*) Corôrôc. (*K.*) Cororo.
**Sapecar,** (*Nh.*) Çauréca. (*L. G.*) Çauereca. (*A.*) Auereu. (*K.*) Abereb.
**Sarna,** (*Nh.*) Curua. (*L. G.*) Curub. (*A.*) Curub. (*K.*) Curub.
**Saudade,** (*Nh.*) Manduar tenhen cecé. (*L. G.*) Çaiçu paua. (*A.*) Ayhu Pau. (*K.*) Aihu pab.
**Saude,** (*Nh.*) Cecatu. (*L. G.*) Cecatu. (*A.*) Cecatu. (*K.*) Cecatu.
**Secco,** (*L. G.*) Tican, ticanga. (*A.*) Tyg cang. (*K.*) Tig e cang.
**Sede,** (*Nh.*) Ecé, eycei, ecê. (*L. G.*) Icé. (*A.*) Y, yei. (*K.*) J.-Hei.
**Segunda vez,** (*Nh.*) Mocoim çaua, mocoinhe. (*L. G.*) Amohi. (*A.*) Amo ei. (*K.*) Amó ei.
**Seguir,** (*L. G.*) Çuana. (*A.*) Çoan. (*K.*) Çó-ang.
**Seio,** (*Nh.*) Utican. (*L. G.*) Camê. (*A.*) Cam. (*K.*) Cam.
**Sem,** (*Nh.*) Ema. (*L. G.*) Ima. (*A.*) Yma (*K.*) Yma, eyma. Quando os verbos não são activos os gerundios se negam com esta dicção. Ex.: *o pure yma-ñu* saltando.
**Semente,** (*Nh.*) Eaué. (*L. G.*) Çaynha. (*A.*) Hayn. (*K.*) Haiyn.
**Sempre,** (*Nh.*) Tenhem, ara cauê. (*L. G.*) Ten, yaué tenhen. (*A.*) Tenhé. (*K.*) Teñé.
**Senão,** (*Nh.*) Ça-intio. (*L. G.*) Iunto, intí ramé. (*A.*) Nhô. (*K.*) Iui me, ñoî
**Sentar-se,** (*Nh.*) Eapuca. (*L. G.*) Uapêca. (*A.*) Apyc. (*K.*) Apig.

[1] Fronteira de Venezuela.

**Sepultura,** (*L.G.*) Iuicuara. (*A.*) Yuicuar. (*K.*) Tibiquar, tibir.
**Ser ou estar,** (*Nh.*) Icú. (*L.G.*) Icó. (*A.*) Icó. (*K.*) Icó ou ecó.
**Será,** (*K.*) Heran, futuro do verbo her.
**Ser inutil,** (*K.*) Nupane.
**Serra,** (*Nh.*) Atêra. (*L.G.*) Iuityra. (*A.*) Iuytyra. (*K.*) Ibityra.
**Serviço,** (*Nh.*) Moraquí. (*L.G.*) Morauquê. (*A.*) Morauyquy. (*K.*) Porabiquib.
**Similhante,** (*L.G.*) Nungara. (*A.*) Nungar. (*K.*) Nungar.
**Sino,** (*Nh.*) Tamaracá. (*L.G.*) Tamaracá. (*A.*) Itá maracá. (*K.*) Itá maracá.
**Sitio,** (*Nh.*) Reuáu (*L.G.*) Tendaua. (*A.*) Hendau. (*K.*) Hendàb.
**Só,** (*Nh.*) Ium. (*L.G.*) Nhum, iunto, ain. (*A.*) Nhô. (*K.*) Noi.
**Só algum,** (*Nh.*) Muore iunto. (*L.G.*) Muore iunto. (*A.*) Mbouir nho. (*K.*) Mbobir ñoî.
**Soar,** (*L.G.*) Apu. (*A.*) Apô. (*K.*) Apong.
**Sobejos,** (*L.G.*) Cembyrera. (*A.*) Hembyrrer. (*K.*) Embir.
**Sobrancelha,** (*Nh.*) Ceça pecan (*K.*) Teçá pycará.
**Sobre,** (*Nh.*) Recé aarp. (*L.G.*) Iarpe ararupi. (*A.*) Áripe. (*K.*) Ari, áripe.
**Sobrinho,** (*Nh.*) Cuian muera. (*L.G.*) Cunhã bira. (*A.*) Cunhan byr. (*K.*) Cuñâ-membir.
**Soccar,** (*L.G.*) Çoçuca. (*A.*) Çoçoca.
**Soffrer,** (*L.G.*) Purará. (*A.*) Porará. (*K.*) Porará.
**Sogra,** (*Nh.*) Râiou (*L.G.*) Râixo, aichu. (*A.*) Aichô. (*K.*) Aicho.
**Sogro,** (*Nh.*) Râtêau. (*L.G.*) Ratêau. (*A.*) Tatyau. (*K.*) Tatiub.
**Sol,** (*Nh.*) Curassé. (*L.G.*) Coracé, coaracy. (*A.*) Coaracy. (*K.*) Quaraci.
**Soltar,** (*Nh.*) Iurào. (*L.G.*) Iuráo. (*A.*) Yorau. (*K.*) Yorab.
**Solteiro,** (*Nh.*) Menaçairama. (*L.G.*) Menaçara ima. (*A.*) Menaçara yma. (*K.*) Mendarer ima.
**Solteira,** (*L.G.*) Cunhañmenaçara yma, Cunhancoara yma.
**Sombra,** (*Nh.*) Anga. (*L.G.*) Anga, (*A* ) Ang. (*K.*) Ang.
**Sómente,** (*Nh.*) Nhôte. (*L.G.*) Iunto. (*A.*) Nhõ. (*K.*) Noî.
**Somno,** (*Nh.*) Tipuucêi, têpucê. (*L.G.*) Tupucêi. (*A.*) Topohy. (*K.*) Topeuhui.
**Sonante,** (*L.G.*) Apu. (*A.*) Apõ. (*K.*) Apõ, apong.
**Sonhar,** (*L.G.*) Poçauçub. (*A.*) Topohy. (*K.*) Topehui.
**Soprar,** (*Nh.*) Epeiú. (*L.G.*) Epeyù. (*A.*) Peyu. (*K.*) Peyu.
**Suar,** (*L.G.*) Cêaim (*A.*) Yain. (*K.*) Iái.
**Subida,** (*Nh.*) Iaiupire. (*L.G.*) Iupireçaua. (*A.*) Upireçau. (*K.*) Upihab.
**Subir,** (*Nh.*) Iupire. (*L.G.*) Iupire. (*A.*) Upir. (*K.*) Upir.
**Sujar,** (*Nh.*) Moqueha. (*L.G.*) Moqueha. (*A.*) Quyau. (*K.*) Quiab.
**Sujo,** (*Nh.*) Queá. (*L.G.*) Toôma, itoôma. (*A.*) Toô. (*K.*) Quyab, toô.
**Sumir-se,** (*L.G.*) Canhema. (*A.*) Canhy. (*K.*) Cañy.
**Suor,** (*Nh.*) Cêaim. (*L.G.*) Ceaim, çaua, ceaia. (*K.*) Iái.
**Surdo,** (*L.G.*) Yapyça yma. (*A.*) Apyçà yma. (*K.*) Apicã cyma.

# T

**Tabaco,** (*Nh.*) Petyma. (*L.G.*) Petyma (*A.*) Petyn. (*K.*) Petỹ.
**Tabaco, (rapé)** (*L.G.*) Petyma cuhi.
**Taboa,** (*Nh.*) Muirapá. (*A.*) Muyra par. (*K.*) Mbirá peb.
**Tal qual,** (*L.G.*) Nungara. (*A.*) Nungar.
**Talo** (*L.G.*) Çuan. (*A.*) Huă. (*K.*) Huâ.
**Tal vez,** (*Nh.*) Impó. (*L.G.*) Ipó (*A.*) Hypó. (*K.*) Hypo.
**Tamanho,** (*L.G.*) Turuçucaua. (*A.*) Turuçuçau (*K.*) Turuçu hab.
**Tambem,** (*Nh.*) Iuire (*L.G.*) Iuêre. (*A.*) Yuyre. (*K.*) Ybyre.
**Tanto como,** (*L.G.*) Mahy yaué. (*A.*) Mahy yaué. (*K.*) Mahy yabé.
**Tapado,** (*L.G.*) Iuquendaua (*A.*) Oquendau. (*K.*) Oquênda hab.
**Tapar,** (*Nh.*) Siquindaua. (*L.G.*) Cequindaua. (*A.*) Oquendá. (*K.*) Oquênda.
**Tardio.** (*Nh.*) Icupucu. (*A.*) Icó pocu. (*K.*) Icó pucu.
**Tatu,** (*L.G.*) Tatu.
**Tarde,** (*Nh*) Caruca. (*L.G.*) Cáruca, caáruca. (*A.*) Caáru. (*K.*) Caaru.
**Tartaruga,** (*Nh.*) Yurará, (*L.G.*) Yurará (*A.*) yurará. (*K.*) Yurará.
**Tartaruga macho,** (*L.G.*) Capitary. (*A.*) Capytari.
**Te, ti, tigo,** (*Nh.*) Indé. (*L.G.*) Indé. (*A.*) Nde. (*K.*) Ne, nde, de.
**Tecer,** (*Nh.*) Supé. (*L.G.*) yupé, anhupé. (*A.*) Anhopé. (*K.*) Añopé.
**Telhado,** (*Nh.*) Ocaraua. (*L.G.*) Ocaraua. (*A.*) Ocarau. (*K.*) Og-hab.
**Temer,** (*L.G.*) Queiè. (*A.*) Guyhyyé. (*K.*) Quihiyé.
**Tempo,** (*Nh.*) Ara. (*L.G.*) Ara. (*A.*) Ar. (*K.*) Ara.
**Tendão,** (*L.G.*) Taiyca. (*A.*) Taiyc. (*K.*) Taiy.
**Ter,** (*L.G.*) Ricu. (*A.*) Recó. (*K.*) Recò.
**Ter ciume,** (*L.G*) Çuuiru. (*A.*) Cuuiru. (*K.*) Çan-uiru.
**Ter com,** (*Nh.*) Purêre. (*L.G.*) Pêre. (*A.*) Pyre. (*K.*) Pĩre.
**Ter fome,** (*L.G.*) Ucer. (*A.*) Uher. (*K.*) Uhêi.
**Terra,** (*Nh.*) Euhé, iui· (*L.G.*) Êuê, iui, ieuu, (*A.*) Yuy. (*K.*) Ibi.
**Terra firme,** (*L.G.*) Yuyreté. (*A.*) yuyreté.
**Terremoto,** (*L.G.*) Arauiry.
**Terreno,** (*Nh.*) Iăma. (*L.G.*) Ocara. (*A.*) Ocar. (*K.*) Ocar.
**Ter raiva,** (*L.G.*) Mutara ima. (*A.*) Motar yma.
**Ter sede,** (*L.G.*) Iucei. (*A.*) Yuhei. (*K.*) Icé, yuhei, iuhei.
**Tesouras,** (*Nh.*) Piranha. (*L.G.*) Piranha. (*A.*) Piráin. (*K.*) Pirãi
**Testiculos,** (*Nh.*) Sapiá. (*L.G.*) Sapiá. (*A.*) Apiá. (*K.*) Apià.
**Teu,** (*L.G.*) Nê.
**Tetas,** (*L.G.*) Camen.
**Tia paterna;** (*Nh.*) Aixeé. (*L.G.*) Aichu. (*A.*) Aichô. (*K.*) Aichè.
**Timido,** (*Nh.*) Cequiceua. (*L.G.*) Tequeiéiua. (*K.*) Quihỹyé.
**Tinta,** (*L.G.*) Tinta. (*K.*) Tĩú, tĩrú.

**Tio,** (*Nh.*) Tutera. (*L. G.*) Tutêra. (*A.*) Tutyr. (*K.*) Tutĩr.
**Tirar,** (*Nh.*) Ioca, iuôca. (*L. G.*) Ioca, yuúca. (*A.*) Yoôca. (*K.*) Yóca.
**Tocar,** (*L. G.*) Moapu.
**Todo,** (*Nh.*) Upaon. (*L. G.*) Upáin. (*A.*) Opain. (*K.*) Opà.
**Todos,** (*Nh.*) Upáo catu. (*L. G.*) Upáin catu. (*K.*) Opà catu.
**Toda vida,** (*Nh.*) Opain eaué. (*L. G.*) Opáin yaué. (*K.*) Opá yabé.
**Todos os annos,** (*Nh.*) Acayu caué. (*L. G.*) Upain acaiu. (*A.*) Opain acayu. (*K.*) Opá acayu.
**Todas as vezes,** (*Nh.*) Opáin ara. (*K.*) Opâ ara.
**Tolda,** (*Nh.*) Panacarica. (*L. G.*) Panacarica. (*K.*) Ubana.
**Tolda** (de montaria), (*G. L.*) Panacarica apara. (*K.*) Ubana-caa-icâ-apara.
**Tolo,** (*Nh.*) Iacaima. (*L. G.*) Acuáima. (*A.*) Acang yma. (*K.*) Acâ-ÿma.
**Tomar,** (*L. G.*) Áhan. (*K.*) Oyar, ayar.
**Tonto,** (*Nh.*) Acangaíua. (*L. G.*) Acangaíua. (*A.*) Acang-aiu. (*K.*) Acâ-aib
**Topar,** (*Nh.*) Ioanti. (*L. G.*) Ioanti. (*A.*) Ouaiti. (*K.*) Obaiti.
**Torcer,** (*Nh.*) Puê, miiê muî. (*L. G.*) Pomoêca. (*A.*) Pomouy. (*K.*) Pomombî.
**Tormento,** (*L. G.*) Tecó aiba. (*A.*) Tecó aíu. (*K.*) Tecó aib.
**Torto,** (*Nh.*) Apara. (*L. G.*) A para. (*A.*) Apar. (*K.*) Apar.
**Trabalhadores,** (*L. G.*) Morauquê çara. (*K.*) Mborauquÿ-hab.
**Trabalhar,** (*Nh.*) Porauquê. (*L. G.*) Morauquê. (*A.*) Mborauguy. (*K.*) Mborauquĩ.
**Trabalho,** (*Nh.*) Moraquê. (*L. G.*) Morauquê. (*K.*) Mborauquĩ.
**Trapo,** (*Nh.*) Panaiaua. (*L. G.*) Panaaiua. (*K.*) Panno-aib.
**Trançar,** (*L. G*) Pié. (*A.*) Pehen. (*K.*) Pêhê pen.
**Transportar,** (*L. G.*) Eceiê.
**Travesso,** (*L. G.*) Iapeçaima. (*A.*) Apiçá yma. (*K.*) Apîça-ÿma.
**Trazer,** (*Nh*) Erure. (*L. G.*) Erure. (*A.*) Herur. (*K.*) Rur, Herur.
**Trepar,** (*L. G.*) yupire. (*A.*) Yupir.
**Tripa,** (*Nh.*) Chipoti-reru. (*L. G.*) Chipoti reru. (*A.*) Tepoti-reru. (*K.*) Tepoti rĕru.
**Triste,** (*Nh.*) Araci. (*L. G.*) Aracê. (*K.*) Haci.
**Tristeza,** (*Nh.*) Çaceara. (*L. G.*) Çacêara. (*A.*) Hacyar. (*K.*) Haciab.
**Troca,** (*L. G.*) Puiara. (*A.*) Poari. (*K.*) Po-ari.
**Tronco,** (*Nh.*) Upetá. (*L. G.*) Upitá. (*A.*) Upitá. (*K.*) Upitaha.
**Trovão,** (*Nh.*) Tupá. (*L. G.*) Tupâuera. (*A.*) Tupâuera. (*K.*) Tupá.
**Trovoada,** (*Nh.*) Uitu aiu. (*L. G.*) Uiti aiua. (*A.*) Uitu aíua. (*K.*) Ibitu-aib.
**Tu,** (*Nh.*) Ené, indé, re. (*L. G.*) Indé. (*A.*) Ndé. (*K.*) Épe nde.
**Tua,** (*L. G.*) Nê.
**Tudo,** (*Nh.*) Upáo. (*L. G.*) Upáin. (*A.*) Opain. (*K.*) Opá.
**Turvo,** (*L. G.*) Uahu, tipytinga,

## U

**Ulcera,** (*Nh.*) Pereua. (*L.G.*) Pereua. (*A.*) Peréu. (*K.*) Pereb.
**Umbigo,** (*Nh.*) Puruhan, peruran. (*L.G.*) Puruhan. (*A.*) Pyruhã. (*K.*) Pĩruã.
**Unha,** (*Nh.*) Poampé. (*L.G.*) Poampé. (*A.*) Poampé. (*K.*) Poâpe.
**Unhada,** (*Nh.*) Cacé nepoampé. (*K.*) Acĩ-nde-poâpe.
**Unir,** (*Nh.*) Iaiçaim. (*L.G.*) Muiare, moiare. (*A.*) Mboyar. (*K.*) Mboyar.
**Urina,** (*Nh.*) Carucaua. (*L.G.*) Carucaua. (*A.*) Carucáu. (*K.*) Pĩquarúg.
**Urinar,** (*L.G.*) Caruca. (*A.*) Carug. (*K.*) Quarúg.
**Urro,** (*Nh.*) Uaçacema. (*L.G.*) Çacêma. (*A.*) Çacem. (*K.*) Çácema.
**Urtiga,** (*L.G.*) Penupenu.
**Urubu,** (*L.G.*) Uachu.
**Uso,** (*L.G.*) Tecó yma. (*K.*) Tecó-ỹma.

## V

**Vae,** (*Nh.*) Ecoin. (*L.G.*) Ṙe cu. (*A.*) Vecó. (*K.*) Recó.
**Valente,** (*L.G.*) Imbaua, mara. (*A.*) Huimbae, mbar. (*K.*) Cuimbae, mbara.
**Vara,** (*Nh.*) Mará. (*L.G.*) Muirá. (*A.*) Mará. (*K.*) Marà.
**Varejão,** (*L.G.*) Mará.
**Variegado,** (*L.G.*) Parauá.
**Varrer,** (*Nh.*) Piíre. (*L.G.*) Peire. (*A.*) Peir. (*K.*) Peir.
**Varredor,** (*L.G.*) Peire-uera.
**Vasante,** (*L.G.*) Paranã typaua.
**Vasio,** (*L.G.*) Pura-ima. (*A.*) Pur ima. (*K.*) Pur-ỹma.
**Vaso, Vasilha,** (*L.G.*) Reru, (*A.*) Hiru. (*K.*) Hiru.
**Vassoura,** (*Nh.*) Tapichaba. (*L.G.*) Tapichaua. (*A.*) Tapiháu. (*K.*) Peihaba.
**Veado,** (*Nh.*) Çua çu. (*L.G.*) Çua çu. (*A.*) Çuaçu. (*K.*) Çuaçu, ceça, olho açu, grande.
**Velha,** (*Nh.*) Uaiami. (*L.G.*) Uaimi. (*A.*) Uaymy, (*K.*) Guĩnũ, quaibĩ.
**Veia,** (*L.G.*) Çaica.
**Velho,** (*Nh.*) Tuiaê, Tuiohê. (*L.G.*) Tuiué, tuyuáé, tuyuáe. (*A.*) Tuyuaé. (*K.*) Tuyábae.
**Velho** (adj.), (*Nh.*) Coera. (*L.G.*) Uma, cuera. (*A.*) Yma, cuer. (*K.*) Yma.
**Veneno,** (*Nh.*) Urari. (*L.G.*) Urari, uirery. (*A.*) Uiráry. (*K.*) Uirary.
**Vento,** (*Nh.*) Uitu. (*L.G.*) Uitu. (*A.*) Uitu. (*K.*) Ibĩtu.
**Ver,** (*Nh.*) Mupiaca; muchipiaca. (*L.G.*) Máan cepiaca. (*A.*) Máan cepiac. (*K.*) Maã cepiaca, vêr crendo ou observando.
**Verão,** (*Nh.*) Curassé-ara. (*L.G.*) Coracé-ara. (*A.*) Coaraeyar. (*K.*) Quaracĩ-ara.
**Verdade,** (*Nh.*) Çupi. (*L.G.*) Çupi. (*A.*) Hupi. (*K.*) Hupi.

**Verde,** adj. (*L. G.*) Yaquira. (*A.*) Aquyr. (*K.*) Aquĩr.
**Vergonha,** (*Nh.*) Oty. (*L. G.*) Otin. (*A.*) Tyn. (*K.*) Tĩm.
**Vermelho,** (*Nh.*) Piranga. (*L. G.*) Piranga. (*A.*) Pirang. (*K.*) Pirang.
**Vesgo,** (*L. G.*) Çeçá-para. (*A.*) Teçá upar.
**Vespa,** (*Nh.*) Caua. (*L. G*). Caua, caba. (*A.*) Caua. (*K.*) Caba.
**Ver,** (*L. G.*) He, yi, yebi. (*K.*) Ei.
**Vestir,** (*Nh.*) Emunéo. (*L. G.*) Mundeua. (*A.*) Amondéu. (*K.*) Amondé.
**Vigiar,** (*Nh.*) Maan. (*L. G.*) Manhana. (*A.*) Manhana. (*K.*) Mañâna.
**Vingar-se,** (*Nh.*) Coiôpuere. (*L. G.*) Iupêca. (*A.*) Epyca. (*K.*) Epyca.
**Vir,** (*Nh.*) Iore. (*L. G.*) Iure. (*A.*) Yure. (*K.*) Yure.
**Virar,** (*Nh.*) Ireua. (*L. G.*) Mu iereua. (*A.*) Yereu. (*K.*) Yereua.
**Virtude,** (*L. G.*) Angaturama. (*K.*) Angaturam.
**Visinho,** (*Nh.*) Râpichara. (*L. G.*) Rapichara. (*A.*) Hapichar. (*K.*) Hapichar.
**Viuva,** (*Nh.*) Remerico cuêra. (*L. G.*) Imena ima. (*A.*) Mena yma. (*K.*) Remericó ŷma, ymbabiyara.
**Viver,** (*Nh.*) Cecõe. (*L. G.*) Cecoen. (*K.*) Scobé.
**Voar,** (*Nh.*) Oêé. (*L. G.*) Eueu, uêuê. (*A.*) Uêuê. (*K.*) Uêuê.
**Você,** (*Nh.*) Pé, penhen. (*L. G.*) Ene, indé. (*A.*) Tenhen penhen. (*K*) Pēnê.
**Voluntariamente,** (*L. G.*) Cemotare rupi.
**Voltar,** (*Nh.*) Iore. (*L. G.*) Iuêre. (*A.*) Yêré, yur. (*K.*) Yêre, yur.
**Voltear,** (*L. G.*) Ieré-yeréu. (*A.*) Yêré-yêré. (*K.*) Yereb.
**Vomitar,** (*Nh.*) Eenna. (*L. G.*) Eêma. (*K.*) Aguĕê.
**Vomitorio,** (*L. G.*) Uéêna.
**Vontade,** (*L. G.*) Mutara. (*A.*) Mbotar. (*K*). Mbotara.
**Vós,** (*Nh.*) Pé, penhen. (*L. G.*) Tenhen, penhen. (*A.*) Penhen. (*K.*) Pēnê.
**Voz,** (*Nh.*) Iinga (*L. G.*) Nheenga neeng. (*K.*) Neeng.
**Vulva,** (*Nh.*) Tamatiá, tamatian. (*L. G.*) Tamatiá. (*A.*) Tambatiá. (*K.*) Tambatiá.

## Z

**Zangar-se,** (*Nh.*) Páiua. (*L. G.*) Zaiua. (*A.*) Pyáaín. (*K.*) Pĩá-aib.